

TRILOGIA O TERAPEUTA | LIVRO II

6 milhões de leituras online

O TERAPEUTA

OUÇA OS MEUS SEGREDOS

VALENTINA K. MICHAEL



Copyright © 2017 Valentina K. Michael

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Lura Editorial

Capa: Valentina K. Michael

Diagramação Digital: VKM

O TERAPEUTA 2 – Romance/Ficção

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte

dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o

consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98

e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

APRESENTAÇÃO

Anteriormente em:

O TERAPEUTA – Conte-me seus segredos

Após aceitar um tratamento terapêutico, nada convencional, com Sawyer Graham, Marianne acaba se apaixonando perdidamente. Ela sabe que isso não podia ter acontecido e se vê entre o desejo e a honra, afinal já tem um namorado. Sem falar na sua melhor amiga, que monta barricadas de proteção entre ela e o charmoso terapeuta.

Sawyer esconde seu passado de todos, principalmente agora que conheceu Marianne. Além disso, também escondeu dela o que descobriu sobre Ryan e, quando tudo veio à tona, ela culpou ele e Candice e desapareceu em um cruzeiro pelas Bahamas.

Sawyer não se cansava de ouvir “More Than a Feeling” e se perguntar por que havia deixado Marianne fugir. Ele não podia cruzar os braços e esperar. Afinal nunca tinha se apaixonado

NACIONAIS - ACHERON

e na primeira vez em que esse sentimento bateu em seu peito... ele queria alimentá-lo e saber o que iria acontecer.

PERIGOSAS

O Terapeuta 2

Ouçã os meus segredos

LIVRO 02

VALENTINA K.
MICHAEL

NACIONAIS - ACHERON

Sumário

APRESENTAÇÃO

PRÓLOGO

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

ONZE

DOZE

TREZE

QUATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

DEZESSETE

DEZOITO

DEZENOVE

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

TRINTA E CINCO

TRINTA E SEIS

TRINTA E SETE

TRINTA E OITO

PRÓLOGO LIVRO 03

PRÓLOGO

Ando depressa, mancando muito pela lateral do grande prédio. Minha perna sangra e dói muito, sinto o osso rasgando a carne, e o sangue morno ensopar a calça; mas tento ignorar tudo isso.

Ouçõ gritos de homens e latidos de cães ferozes. Paro, ofegante, e me recosto na parede úmida de uma construção abandonada. Isso nem me incomoda, afinal meu corpo também está úmido de suor, apesar do frio que faz. Estou tão perto da liberdade, não posso ser pego novamente. Ou morto, como acabou de acontecer com meu amigo Denis, que levou um tiro e ficou para trás, caído no chão. Eu vi quando um dos policiais mirou a arma na cabeça dele e disparou.

Como os policiais vão explicar a morte de um adolescente criminoso? Fácil. Eles dirão que atiraram como legítima defesa. Mesmo que o coitado não tivesse arma nenhuma. Ele apenas não seguiu a ordem de ficar parado. Ninguém duvidará da palavra de um agente da lei.

Prendo a respiração e continuo encostado

na parede da construção abandonada onde me refugio. Está tudo escuro, não consigo ver um palmo na frente do nariz. Engulo lágrimas, dor e frustração. Kayla está morta e não posso fazer nada, não pude fazer nada para ajudá-la. Se eu estivesse em casa... Se minha mãe tivesse acreditado em mim...

Fecho os olhos tentando reprimir a indignação em forma de choro. As vozes dos policiais vão aos poucos se afastando junto com os latidos. Meus olhos doem com a vontade de chorar controlada. Meus dedos também estão doloridos. Está muito frio e sinto meus membros enrijecidos de tanto frio. Meu corpo coberto apenas com a roupa da prisão.

Involuntariamente, meu queixo bate e eu envolvo meu corpo magro com braços trêmulos. Começo a deslizar pela parede até sentar no chão e então todo meu controle cai por terra. Aos prantos, eu percebo que é melhor morrer a ter que suportar tudo. Minha mente de jovem de 16 anos não consegue formular nenhum plano para sobreviver sem família, sem casa, sem nada e ainda sendo procurado. Nem sei por que fugi. Acho que o presídio era muito mais agradável do que a vida

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

que me espera aqui fora.

As palavras da minha mãe testemunhando contra mim no tribunal doem profundamente em meu peito. Levei quase um ano remoendo aquelas palavras. Levanto os olhos e vejo a lua. Sem nada para me agarrar, balanço meu corpo magricelo em um choro convulsivo.

UM

MARIANNE

Estou inconsciente. Em coma profundo. Parada sem conseguir me mover.

Mas não se preocupem. Estou bem, pelo menos fisicamente. O coma é dentro de mim. No meu espírito e na minha razão. Todas minhas Mariannes estão desacordadas com o golpe que levei. Foi demais até mesmo para a Marianne sensata e racional que, antes de cair desacordada, me disse enfaticamente: "*Eu avisei.*"

Faz sete dias completos que deixei Nova York, e três dias que estou dentro dessa droga de navio tendo que suportar as cantadas sem-vergonha de um homem. Ele não nota como estou só a poeira?

Depois do segundo dia, sou obrigada a fugir de Jerry a todo instante e rezo para que essa maldita e tediosa viagem chegue logo ao fim. Faz

NACIONAIS - ACHERON

oito dias que descobri tudo sobre Ryan, oito dias que vi Sawyer pela última vez. Oito dias que passo as noites lamentando algo que nunca tive. A dor da traição não é tão grande como a dor da separação.

Agora sei o que meus pais sentiram quando minha mãe teve que voltar para o Brasil, deixando o namorado americano para trás. Ela viera para fazer intercâmbio e acabou se apaixonando pelo filho único das pessoas que lhe abriram as portas. Quando meus avós descobriram o romance, eles vieram buscá-la. Os pais dela foram irredutíveis, porém não tanto como meu pai, que seguiu seu grande amor e se casou com ela.

Era uma história que eu não cansava de ouvir. Só tenho que dar graças a Deus por não ter vivido uma experiência familiar ruim. Meus pais se amam e, por causa desse amor, eu me iludi também, querendo o mesmo para minha vida. Azar o meu que espelhei meus sonhos no homem errado.

Desanimada por esses pensamentos, eu termino de dobrar minhas roupas e ajeitá-las decentemente em uma mala. Hoje terei a oportunidade de sentir a liberdade. Vou andar sozinha pela orla da praia, comprar bugigangas,

comer comidas típicas e talvez não voltar para o navio. Vou embora para casa daqui mesmo. Vamos aportar às nove da manhã e eu estou acordada desde as seis.

Há oito dias, eu não consigo dormir ou me alimentar direito. Quando a mente da gente está decidida a ficar alimentando a alma com lembranças ruins, é muito difícil manter o corpo sadio.

Sem muita pressa, arrumo toda minha bagagem. Depois de algum tempo pensando, a ideia de abandonar o cruzeiro e ficar em Nassau por alguns dias é tentadora.

Eu poderia simplesmente ir para a casa dos meus pais. Mas não quero ainda discutir sobre a apunhalada que Alice me deu. Eles vão fazer um inferno e depois vão nos manipular emocionalmente para que ela e eu nos abracemos como quando éramos crianças. Meus pais — acho que todos os pais — têm o poder de persuasão necessário e para conseguirem tudo que querem com chantagem emocional. Só que dessa vez será diferente. Alice não roubou minha boneca, ela me traiu descaradamente.

Também poderia ter ido visitar meus tios e avó no Brasil. Mas ir lá requer ânimo, não posso ir visitar meus parentes e ficar moribunda, trancada num quarto.

Em contraparte, Nassau me atrai. Posso fugir de Jerry e de mim mesma. Talvez... possa fugir de mim mesma. A psicótica aqui sou eu e me flagelo sem piedade a todo minuto de cada hora do dia. Remoendo, amaldiçoando e sofrendo. Me achando uma trouxa por ter me apaixonado pelo um homem proibido e mais trouxa ainda por sempre ter dado ouvidos a Candice. Não sei qual dos dois é pior: Sawyer ou ela.

Termino de arrumar tudo e já são oito e meia. Daqui a pouco vamos descer. Olho meu celular, o sinal voltou, afinal estamos aproximando da cidade; vejo mais uma mensagem de Sawyer. Nem leio. Assim como fiz com as outras, apago sem nem abrir. Posso estar sendo cruel, mas é o que preciso fazer para me curar. Não posso mais voltar a vê-lo, não vou voltar a vê-lo, estou convicta disso. E se quero manter essa convicção, não vou progredir se ler mensagens dele, atender ligações ou receber sinal de fumaça.

— Marianne, já acordou?

Esse é Jerry batendo na porta da minha cabine. Reviro os olhos.

Olha meu cabelo, minhas olheiras e meu corpo mais magro! Por que só ele não percebe que estou na pior? Ou será que ele acha que estou fazendo teste para o elenco da Família Addams? Droga, o que vou fazer? Não quero ser má com ele, apesar de tudo, tem sido minha única companhia aqui dentro. Mas acho que ele confundiu minha carência por um ombro amigo, por carência de outra coisa. Recompondo minhas emoções, abro a porta. É, eu estou carente de outras coisas, mas ele não pode resolver meu problema. Se eu não estivesse tão infectada pelo vírus *Sawyer*, eu poderia até me divertir com alguém por aqui.

— Oi, Jerry. — Recebo-o com um sorriso estrategicamente falso. Ele está parado com um sorriso nos lábios. Usa uma camisa florida e bermuda. Os cabelos avermelhados despenteados. Torno a pensar que se fosse outra ocasião, eu me arriscaria em trocar uns amassos com ele.

— Já vamos aportar, não vai descer?

— Sim. Eu estou arrumando tudo. Não

quero deixar nada desarrumado.

Ele olha para dentro da cabine. Minha mala de rodinhas e duas valises estão na cama.

Para ele não perguntar nada, ou não desconfiar de que eu vou desembarcar por aqui mesmo, mudo o foco dele para outro assunto.

— Está descendo agora? Posso acompanhar você?

— Claro, vim aqui para isso — diz, contente e sorridente.

Em um gesto com o dedo indicador, eu peço um minutinho e corro para dentro, pego minha bolsa, óculos escuros e celular. Puxo a porta da cabine e saio andando com ele pelo corredor do navio. Estou na primeira classe, trabalho muito, tenho direito a um luxo desses. Bem que esse luxo poderia ser dividido com outra pessoa. Sozinha se torna chato. Claro que só existe uma única pessoa no mundo que eu desejaria levar a um cruzeiro. E no momento ele está a quilômetros de distância...

Ah! Lembrei! Esse não é o principal obstáculo. Estamos brigados. Quero dizer, eu estou brigada com ele. Estou com muita raiva daquele ser injustamente gostoso. Pelo menos eu quero estar

com ódio, mantê-lo na zona de raiva da minha mente.

— Está mais radiante hoje. Algum motivo específico? — pergunta Jerry.

Hoje posso me afastar de você. Respondo em pensamento.

— Apenas acordei melhor. Coisa de menina.

— Entendo. — Ele dá um sorriso com segundas intenções. Fico enojada. Como eu disse, Jerry é um cara bonito, mas quando se está apaixonada por uma pessoa, todas as outras ficam insignificantes. Depois de Graham, os outros... são apenas os outros.

Pegamos o elevador e juntos chegamos ao salão onde é servido o café. Não quero tomar café. Comi restos de um biscoito que tinha em minha cabine. Sem falar que não existe fome para ser saciada. Os biscoitos estavam duros, mas nem percebi quando acabei com o pacote.

Quero apenas terra firme, e, de preferência, longe do ruído. Fico pensando no que posso fazer para afastá-lo de mim quando desembarcarmos daqui a pouco. Talvez diga que vou ao banheiro e

desapareça sem dar notícias. Sei que seria inescrupuloso fazer isso com ele, mas depois digo que o procurei feito uma condenada. Vai funcionar? Tenho que tentar para saber.

— Não vai tomar café? — pergunta.

Olho para o lado tentando ver um ponto positivo na companhia desse homem. Nada.

— Vou deixar para comer alguma coisa quando estiver em terra firme. Mas, se estiver com fome, pode ir, nos encontraremos depois.

— Não. Acho uma ótima ideia comermos alguma coisa em terra firme.

Quem te convidou para ir comigo?

Estou quase saindo correndo e deixando-o para trás. Será que ele corre mais que eu? Estou sem saltos — faço cálculos —, talvez ele seja cavalheiro e me deixe passar na frente.

Eu e meu excesso de gentileza.

Foi por ter gentileza demais que eu me envolvi com um desgraçado pervertido. Se eu tivesse tido voz ativa, teria dito *não* a Sawyer. Ponto final, acabou. Como agora eu poderia ter feito com Jerry.

Teria dito não a Sawyer e continuado sendo besta e chifruda. Meu inconsciente sopra.

Após todos serem avisados das normas, e de quanto tempo ficaríamos aportados, saímos do navio. Estou aliviada, mesmo com Jerry ao meu lado, achando que é meu namorado. Dou de ombros mentalmente e deixo o momento me levar. Já que não posso me livrar dele, não vou deixar de aproveitar por causa disso.

— Já veio aqui antes? — pergunta Jerry. A mão dele pousa leve na minha cintura quando passamos por um grupo de pessoas. O toque dele me queima, mas de um jeito que incomoda.

— Não — respondo, olhando encantada com tudo à minha volta.

— Eu já vim. Tem um café delicioso aqui perto. Quer ir até lá?

Tenho outra escolha? Eu olho para os lados. As pessoas já se espalharam como formigas, o que de mal pode acontecer se eu for com ele?

— Tudo bem. Depois quero ir a algum lugar comprar uns souvenirs.

Nem sei por quê. Não há ninguém para quem levar presentes. Estou brigada com minha
NACIONAIS - ACHERON

amiga, meu ex-noivo, minha irmã e meu... meu nada.

Que chatice! Esqueça-o de uma vez por todas. Marianno está com enxaqueca e ralha comigo. Ele foi o único que não desmaiou e se recusa a comandar tudo na minha mente cheia de fantasias femininas. Fico cabisbaixa como uma menininha repreendida e vou andando ao lado de Jerry, que conta alguma coisa sobre suas aventuras. Esse cara é um mulherengo inveterado e está perdendo muita mulher bonita apostando as fichas em mim. Assim que chegarmos ao tal café, eu vou abrir o jogo com ele.

Estou totalmente absorta. Jerry conta algo sobre sua vida corrida, parece que ele é dono de uma empresa de não sei o quê. Não prestei atenção. Agora ele conta sobre ter ficado preso em uma ilha com uma garota.

— Chovia muito nesse dia em que Dayse e eu saímos da cabana. Nunca esperei que fossemos encontrar... — Jerry para de falar e olha. Não estou mais caminhando do lado dele. Estou parada. Pregada ao chão. Aterrorizada. Ele volta e olha para mim.

— Marianne? Tudo bem?

Não consigo responder a ele, não consigo desviar os olhos para olhar Jerry. A única coisa que consigo ver é o homem caminhando em minha direção.

— Marianne, fale comigo.

Jerry torna a falar. Ele me dá uma leve balançada pelos ombros, tampa com seu corpo minha visão e, como se acordasse de um pesadelo, eu olho para meu amigo ruivo.

— Vamos sair daqui. Por favor.

— Aconteceu alguma coisa? — Ele olha aflito para o ponto que eu olhava anteriormente.

— Vamos sair daqui, Jerry. Se não vier, eu vou sozinha.

Olho por cima dos ombros dele e me desespero. Fodeu, porra! Corra!

— Tudo bem. Vamos — diz ele.

Eu viro e começo a andar rápido. Jerry, ao meu lado. Minha mente ardendo de tantas emoções contraditórias. Meu corpo ardendo de algo que eu achei que fosse raiva. Mas não é.

Nós dois estamos quase correndo pelo

meio do povo, ele não sabe por quê, mas continua ao meu lado, me guardando.

De soslaio, posso ver a confusão nos belos olhos azuis dele quando olha para todos os lados, possivelmente tentando encontrar o motivo do meu desespero, tentando ver um leão que escapou, Jason de Sexta-feira 13 ou um tsunami.

É um tsunami, Jerry! Corre pelo amor de Deus!

Nem sei para onde estou indo. Aqui é uma cidade estranha para mim. É o mesmo que me perder na Amazônia. Apenas corro sem pensar para onde, vou entrando em ruas, costurando entre o povo, atravessando entre os carros, me recusando a olhar para trás, Jerry apenas me segue.

E apesar do meu esforço em fugir, eu não consigo. Uma mão segura forte no meu braço e eu sou obrigada a parar. Perdi. Sou um fracasso até mesmo para correr.

Fico sabendo, no entanto, que eu poderia ter ganhado de Jerry caso resolvesse fugir dele, afinal ele ficou bem para trás.

Viro-me e dou de cara com Sawyer. Ele parece muito furioso. Parece não, está muito

furioso. E eu não acredito ainda que ele correu atrás de mim atropelando as pessoas.

— Ei, Cara! Solte-a — Jerry grita. O olhar que Sawyer lança para ele é aniquilador. Dá medo. *Fique fora, pobre Jerry. Aqui é briga de cachorro grande.*

— Me solta! — grito e tento puxar o meu braço. Os dedos dele são como algemas e eu desisto de puxar.

— Solte-a! Agora! — Jerry avança para cima do homem que me segura. Os punhos cerrados demonstrando que a coisa vai ficar feia, o caldo vai entornar e eu vou aproveitar para cair fora.

— Se der mais um passo, eu não respondo por mim. — Sawyer sentencia para ele, mas olha para mim. Olho para o pescoço dele e vejo as veias saltadas. Um pulso bate forte. Os olhos vidrados e os lábios meio esbranquiçados de raiva. Parece a encarnação da fúria.

— Quem é esse cara, Marianne?

— Não interessa! — Grito. — Me larga.

— É isso que quer? Um vexame? Uma cena? — Ele sibila. Os olhos mirando os meus.

— Por que está aqui? — pergunto. Tento ser dura, mas acabo choramingando. Não quero que tudo volte com força total, já está voltando só de vê-lo.

— Não é nítido? — pergunta Sawyer ferozmente.

— Não, não é.

— Você o conhece? — Jerry me pergunta horrorizado. Olho desolada para ele. Queria muito me livrar dele, mas não gostaria nunca que Sawyer fosse o responsável por isso. Nunca, jamais imaginaria que ele pudesse vir atrás de mim. Como eu pude ser tão tola? O Brasil seria o lugar mais seguro, ou não.

— Sim, ela conhece. Sou o namorado dela.

Mas que grande patife! Como ele ousa? Puxo meu braço com força. Ele me deixa escapar. Com a outra mão, eu acaricio as marcas e meu gesto chama a atenção dos olhos de Sawyer, quando ele vê o que fez, uma sombra de arrependimento passa pelos seus olhos.

— Por que não me disse que tem um namorado? — Jerry me interroga. Interrogatório do cara ruivo? Mais essa, não.

— Porque...

Olho para Sawyer que está muito hostil, a agressividade em pessoa. Ele não tem motivos para ficar zangado, eu que tenho esse direito. Eu deveria bater nele e sair, mas algo aconteceu em mim quando eu o vi; minhas Mariannes acordaram. E agora tenho milhões de vozes dentro de mim, cada uma me dizendo coisas diferentes.

— Porque ele não é meu namorado — digo para Jerry, mas fito Sawyer. Na verdade, desde que nos encontramos não conseguimos desgrudar os olhos um do outro.

— Não sou? — pergunta ele, bastante nervoso.

— Não é. — Retruco. — Agora vou me virar, voltar para o navio e continuar minha viagem.

Sawyer me ignora e olha para Jerry.

— Nós dois brigamos e agora eu preciso bater um papo com ela, será que dá para vazar daqui?

Olho perplexa para meu suposto namorado que devido às circunstâncias deve ser meu ex. Ele pode legalmente fazer isso? Colocar meus amigos
NACIONAIS - ACHERON

ruivos para correr? Eu assinei um contrato que me obriga a me manter longe dele quando as consultas terminarem. Isso não vale para ambas partes? Preciso consultar meu advogado.

— Não cabe a você decidir — responde Jerry. Ele não parece intimidado com Sawyer e o enfrenta insolentemente. Em outra ocasião, eu veria esse gesto como heroico, pensaria que Jerry era meu cavaleiro branco com armadura dourada prestes a me salvar do mal. Sawyer é o mal; pelo menos para minha mente que não raciocina direito quando o vejo. E quem raciocinaria? Já vi muitas mulheres perderem o foco e tropeçarem quando ele passa.

Jerry vira para mim esperando resposta. Estou ao seu lado e de frente para Sawyer que está uma delícia com cabelos revoltos. Usa bermuda cáqui e camiseta branca delineando seus músculos. E o pior de tudo: está com barba por fazer. Acho que deixou crescer por vários dias e depois apenas a aparou. Se ele acha que vai me coagir apenas com um belo rosto com pelos semicortados está redondamente enganado.

— O que vai decidir, Marianne? Vem

comigo ou fica com esse intrometido? — Jerry decide me colocar contra a parede. — Se está brigada com ele, não é obrigada a conversar.

Quase consigo ver o momento em que Sawyer dará um soco na cara de Jerry. Ele não está muito bem e não aconselho cutucar leão bravo com vara curta. Mas a reação dele é inesperada.

— É uma boa pergunta, Marianne. Vem comigo ou fica com ele?

Sawyer reforça.

Não cruze os braços, não cruze os braços. Eu e minhas meninas pedimos com dedos cruzados. Sawyer fica um escândalo quando cruza os braços e me olha sério. E ele faz isso, cruza os braços me encarando. Está tão devastadoramente bonito que fico desarmada.

— O que está fazendo aqui, Graham? — Torno a perguntar. Ele não pode chegar já colocando ordem, me oprimindo. Ele não pode comandar nada aqui.

— Responda à pergunta antes de fazer outra, Marianne. — Ele me repreende e eu acho isso um desaforo.

Merda, estou em uma encruzilhada. Agora

há pouco, estava louca para me livrar de Jerry e a oportunidade chegou. Porém, estou em um impasse. Se eu agarrar no meu orgulho e preferir dar meia-volta e ir para o navio, sei que Sawyer vai ficar muito irado e vou ter que suportar as investidas do ruivo até o fim do cruzeiro, é bem capaz de ele interpretar minha escolha como um sinal para avançar. E se eu engolir o orgulho e for com Sawyer vou ter que ouvir as explicações dele e possivelmente o desgraçado vai acabar com a língua enfiada na minha boca.

Olho desanimada para Jerry.

— Jerry, desculpa. Somos amigos, mas eu prefiro não armar um escândalo.

— Pronto. Ela se decidiu. — Sawyer segura no meu braço preparando-se para sair me arrastando. Imagino que na idade das pedras, os homens primitivos agiam assim, arrastando suas fêmeas por aí.

Olé, olé, olá, Marianne é incompetente e não sabe lutar. Minhas Mariannes cantam na minha cabeça.

— Você não precisa ir só porque está com medo, Marianne. — Jerry interrompe a atitude de

Graham. Entra na frente do meu ex-terapeuta falso. Deus, o cara ruivo perdeu a noção do perigo. Estou pasma.

— Olha aqui, cara, é melhor sair da minha frente. Não vou pedir duas vezes. — Sawyer vocifera.

— Você está sendo grosso! — Eu exclamo repreendendo Graham. Viro para Jerry e tento amenizar o clima pesado. — Tudo bem, Jerry. A gente se encontra mais tarde no cruzeiro. Vou apenas resolver esse problema.

— Está bem. Nos vemos depois. — Jerry olha carinhoso para mim e levanta a mão para acariciar meu queixo, mas recebe um safanão no braço.

— Pirou, cara? Tira a mão daí! — Sawyer está ira pura. Jerry lança um olhar de desprezo para ele que nem se importa. Ele segura minha mão e tenho que sair dali praticamente arrastada, como previ, seguindo Graham.

— Meu carro está logo ali — diz ele.

— Sawyer, eu não vou a lugar algum com você. — Paro de caminhar, ele é obrigado a parar também. — Vamos a algum lugar sentar e

conversar.

— Claro, vamos ao hotel onde estou hospedado.

— Você está hospedado aqui? Em Nassau? Por quê?

— Porque eu vim encontrar você — diz naturalmente como se fosse lógica a vinda dele.

— A gente já conversou sobre tudo que tinha para conversar, Sawyer.

— Você disse tudo que queria. Eu não. Vamos logo. — Ele torna a andar me puxando pela mão. De longe posso ver um carro preto. Ele deve ter alugado. Sawyer aponta a chave e desativa o alarme. Abre uma porta para mim. Eu fico parada. Olho para o carro e olho para ele.

Está muito impaciente e nervoso. É melhor eu não discutir agora. Entro no carro e ele dá a volta sentando-se no banco do motorista. Estou dentro de um carro muito luxuoso e confortável. Esse é o Sawyer que eu conheço. Sem medo de gastar.

Durante todo o caminho, não trocamos nenhuma palavra. Ele ainda parece irritado com alguma coisa, eu não estou mais irritada. Sinto algo

diferente. Estou mais uma vez com ele; durante oito dias, tive vontade de jogar toda a razão para as costas e ir vê-lo novamente. Olho de esguelha fitando a expressão sisuda. Sou eu que devo ficar assim, não ele.

— O que está olhando? — pergunta.

— O motivo pelo qual olho tanto para você é sempre o mesmo. Tento decifrá-lo.

— Isso não é possível, meu bem. Sabe disso.

— Sim, eu sei. Pois se eu conseguisse decifrá-lo já teria descoberto que é um mentiroso charlatão que me enganou juntamente com centenas de outras mulheres. — Acuso furiosamente e ele não dá sinal de represálias. Me fita por segundos antes de voltar o olhar para a direção.

— Você não sabe nada do que diz.

— Então pode me contar a verdade? Porque eu não a conheço.

— É por isso que estou aqui. Para você me ouvir.

Dou uma gargalhada esganada e falsa.

— Você é bem prepotente, não é? — Olho para ele. Está se achando o rei do pedaço dirigindo um carro caro, por saber que causa reboleio com essa beleza toda e por facilmente ter conseguido arrastar a tola para onde quer que ele esteja me levando.

— Tenho certeza disso — responde, dando de ombros; a arrogância em pessoa. Por que eu não consigo odiá-lo de uma vez por todas? Seria tão mais fácil lidar com ódio...

DOIS

MARIANNE

Pouco tempo depois, paramos em frente a um resort que suspeito ser o mais luxuoso da cidade. Um funcionário que deve ser manobrista veio rapidamente na direção do carro.

— Senhor. — Ele cumprimenta. Sawyer apenas faz um aceno com a cabeça e entrega as chaves ao homem. Eu não espero ninguém abrir a porta para mim. Não estou aleijada, posso muito bem fazer isso. Dispensio tratamentos solenes, pelo menos da parte dele. Sawyer me conduz com uma das mãos em minhas costas. Inevitavelmente sinto um arrepio, abaixo os olhos e fixo a atenção em meu relógio de pulso.

— Temos que ser rápidos. Em poucas horas, o navio parte. — Aviso.

— Não me apresse, Marianne. Sabe o que faço com pessoas apressadinhas.

Gelo ao me lembrar o que ele faz com pessoas apressadinhas. Não quero passar por aquilo de novo. Pelo menos é o que eu acho, pois, meu corpo traidor se acende todo ao ouvir essa promessa velada.

Entramos em um elevador. O clima pesa. Sou mesmo uma otária. Chorei, xinguei, prometi a Deus e ao mundo que jamais voltaria a olhar para Sawyer. E então, ele aparece e todas minhas convicções caem por terra.

Eu sempre li nos romances como os homens tinham poder sobre as fracas mulheres. Eu as odiava. Gritava sozinha: "Acorde para a vida, mulher, seja dona do seu nariz, diga não uma vez na vida!" Agora eu sinto na pele o que é isso. Se chama amor. Eu amo tanto Sawyer que mesmo ele sendo um crápula eu não consigo lutar contra ele; basta um simples toque de suas mãos e eu estou entregue. Só peço a Deus que me dê forças para não demonstrar esse meu lado patético na frente dele e dar a ele mais munição para usar contra mim.

Subimos calados, lado a lado, sem nos tocarmos. Ele já tirou os óculos e os pendurou na camiseta. Finjo indiferença, não sei se me saio bem

na minha encenação, mesmo assim continuo.

As portas grossas de metal se abrem e saímos. Ele me guia até uma porta, abre e me dá espaço para eu entrar. Entro e me deparo com a mais alta visão do glamour. É uma suíte daquelas que parecem uma casa. Fico revoltada me perguntando por que um homem sozinho precisa se hospedar em um lugar tão grande.

Ele precede o caminho e, meio tímida, eu dou dois passos para me deparar com uma sala perfeita. Daqui dá para ver um quarto luxuoso, como imaginei. Engulo em seco ao visualizar a cama alta e bem arrumada. Sawyer está parado esperando eu analisar o lugar, tão perfeito como do hotel dele em Nova York. Tento não me influenciar com a tal suíte nem pelas coisas boas que Graham fez. Ouço a porta se fechar e me viro. Ele gira a chave, tira ela da fechadura e a coloca no bolso. Eu fico apavorada.

Como eu vou conseguir pegar essa chave? Pulando em cima dele e apalpando a bermuda?

Você está sentenciada, querida. Ouço a voz na minha cabeça.

Aham. Senta lá. Eu digo para minha

Marianne pervertida, ignorando-a abertamente.

— Sente-se, Marianne. Vamos conversar.

Ele indica o conjunto de sofá.

— Não, obrigada. Vou ouvir você e sair em seguida. Tenho horário marcado.

— Com aquele bunda mole? — Ironiza.

— Isso não te interessa.

Como se eu tivesse atingido o estômago dele, Sawyer se retesa e todos os sinais de raiva se manifestam na face dele.

— Não me interessa? — Sawyer dá um passo em minha direção. — O que me interessa então, Marianne? Nada sobre sua vida suponho.

— Sim. Nada sobre minha vida. Eu nem consigo entender o que você está fazendo aqui. Se me lembro muito bem, assinei um contrato em que eu não podia te procurar quando a terapia acabasse. E creio que isso vale para você também. — Esbravejo, apontando um dedo ameaçador.

— Eu não estou aqui como seu ex-terapeuta. Sabe o que quero.

— O que quer que seja, é impossível.

— Não cabe a você julgar se é ou não

possível. Pode se sentar e me ouvir?

Eu tentei manter minha pose durona, mas não deu certo. Tive que ceder. Se já estou aqui dentro de um quarto de hotel, por que não o ouvir? Sento-me na ponta do sofá, não é tão lindo como o conjunto de sofá inglês vitoriano estilo Luís XV, que tem na suíte de Sawyer em Nova York. Mas também é bem bonito. Sawyer senta em uma poltrona e fica por um tempo me olhando antes de começar a falar. Acho que ele está procurando as melhores palavras. Ou inventando uma nova mentira.

Claramente tensionado, ele se inclina para a frente e descansa os cotovelos nas pernas abertas. Os dedos das duas mãos entrelaçados.

— Bem, eu acho que devo começar sobre a parte do meu consultório, afinal foi lá que nos encontramos — diz depois de uma respirada tão longa como aqueles últimos suspiros antes de morrer.

— Sinceramente, Sawyer, sua vida particular não me diz respeito. Você mesmo me disse isso. Várias vezes.

Um olhar repreensivo cai sobre mim.

— Se você não importasse não teria agido como uma tola dramática. Teria ficado e enfrentado a situação.

Oi? Então eu sou a tola agora? É inacreditável a capacidade que ele tem em me fazer de culpada. Dou uma gargalhada arranhada, cheia de sarcasmo.

— Então queria que eu ficasse ouvindo as lorotas que você e Candice estavam contando? Depois de tudo, ainda queria que eu confiasse em uma palavra que você dissesse?

— Antes não esperava isso. Agora espero que você me ouça e acredite.

— Não é assim tão fácil, Graham. — Olho com um pouco de desdém para ele. Sawyer percebe meu olhar e se enfurece.

— Marianne, pelo amor de Deus! Cale-se e me escute.

Eu me calo. Nossos olhos grampeados um no outro. Compenetrados. Depois de algum tempo calados, ele pigarreja e começa. A voz grossa, mas um pouco trêmula.

— Uma mulher muito famosa estava interessada em mim: Beatrice Morgan.

Quando ele diz o nome, eu o olho com mais interesse. Pode ser que ele esteja mesmo revelando a verdade. Ou parte dela. Sawyer percebe que eu fiquei mais atenta depois de ter ouvido o nome da socialite.

— Ela era casada com um bilionário na época e não podia ser vista com um pé rapado como eu. Então ela propôs que eu fingisse ser terapeuta dela, afinal, as famosas têm terapeutas e não seria problema se alguém me visse com ela. Começamos um caso, e ela me deu tudo de que precisei para entrar no papel de falso terapeuta. Ela me deu roupas e outra amiga me arrumou um lugar em Manhattan onde eu pudesse fingir que atendia minhas pacientes. Mais tarde, consegui comprar o lugar para mim, o dinheiro veio aos montes. — Sawyer para de falar, olha para mim por um instante, passa a língua nos lábios e recomeça: — O que era para ser apenas uma fachada encobrindo um caso extraconjugal acabou se tornando algo incontrollável. Primeiro vieram, as amigas de Beatrice, depois, outras famosas, e, quando eu me dei conta, estava sendo entrevistado em programas de TV, saindo em revistas e sendo seguido por paparazzi. Comecei assim.

— Mas elas não descobriam que tudo não passava de uma farsa?

— Como eu não sabia nada de terapia, apenas trepar, minha mentora entrou em cena. Ela me dava muitos conselhos, me explicou sobre como age a mente feminina e me fez aprofundar em pesquisas sobre esse assunto. Uma coisa era eu conhecer o corpo de uma mulher, saber foder muito bem, outra é ter capacidade de desvendá-la. E eu consegui fazer as duas coisas. Jill também me ajudou muito.

Estou chocada com tudo isso. É uma história absurda que daria cadeia ou talvez um livro. Consigo assimilar o que ele diz, mas não consigo aceitar que eu fui uma dessas mulheres que caiu na lábia de um malandro.

— Mentora? Quem é essa mulher em sua vida? Como a conheceu? Por onde andou todo esse tempo antes de se tornar um falso terapeuta? Sawyer, se está disposto a explicar, precisa esclarecer todas minhas dúvidas.

— Claro. — Ele assente, todo prestativo.
— Bem, quando eu cheguei em Nova York, trabalhava normalmente. Foi então que, no bar que

eu trabalhava, conheci Amanda.

— A tal mentora? — Interrompo-o. Preciso entender tudo.

— Sim. Então ela me ofereceu um trabalho em um pub. Eu me transformei em um barman e foi lá que Beatrice Morgan me viu.

— Faz sentido. — Concordo, pensativa. — E quanto ao relacionamento com elas? Eu vi Beatrice no baile com você.

— Ela não estava comigo. — Ele corrige — Ela estava presente porque era um evento social e veio falar comigo. Não temos mais nada.

— Nem com a tal Amanda?

— Muito menos com ela. Amanda e eu brigamos quando Beatrice me "roubou" dela. Ao passo que fui ficando mais rico e famoso, ela, Amanda, foi se distanciando.

— Mas você disse que ela o ajudou com as mulheres.

— Sim. Beatrice e Amanda me tornaram que eu sou hoje. Trabalharam juntas no início para fazer parecer real. Eu nunca entrei na faculdade, nunca me formei em nada. Essa é a verdade, Marianne.

— Meu Deus! — Coloco a mão no peito horrorizada.

— Eu não a enganei... na verdade a ajudei, como deveria. Você sabia desde o início sobre o sexo envolvido. Se passei ou não por uma faculdade, não faz diferença agora.

— Como Candice descobriu?

E como eu ainda tenho voz para perguntar? Estou chocada!

— Culpa dos meus advogados descuidados. Pouco depois que você começou a reforma no consultório, eu recebi uma intimação. Alguém me denunciou e fui obrigado a fechar o consultório. Fiz um acordo com a justiça e paguei uma boa indenização. Beatrice me ajudou. Ela e outras ex-pacientes testemunharam ao meu favor. Eu não sou culpado, não forcei ninguém e tenho todos os contratos assinados. Porém, ainda estou respondendo processos como, por exemplo, exercício falso de profissão.

Eu me levanto e fico de costas. Ele não é culpado? Como não? Enganou todas nós. É o mesmo que eu chegar do nada em um hospital, vestindo um jaleco e dizendo que sou médica. A

vida tem regras e o que ele fez foi extremamente grave. Acho que se tivesse vazado para a imprensa, ele não se safaria tão fácil.

— Você enganou todas, Graham. Assinamos um contrato com um terapeuta quando na verdade você... você é o que afinal?

— Um homem normal. — Ele se antecipa.

— Depravado. — Eu me viro revoltada. — Homens normais não fazem isso. Ganhar dinheiro as custas... de mulheres desinformadas. Mulheres com problemas. Sei que muitas iam lá por safadeza, mas outras como Candice e eu tínhamos problemas. Você se aproveitou disso. — Bato as mãos no meu quadril, jogo os cabelos para trás em um tique nervoso. — Você me coagiu a entrar nessa farsa, quando sabia que meu problema era sério. Não passa de um prostituto. — Eu explodo gesticulando e apontando para ele, meus olhos saltados e meus punhos cerrados.

Ele recosta na poltrona e me analisa pensativo. Eu fico de pé, bufando de raiva, parada esperando ele negar, tentar explicar. Mas não. Sawyer simplesmente me olha e nada mais.

— Não vai dizer nada? — pergunto,

ofegante.

— Dizer o quê? Você está certa.

— Então é isso? Veio tentar me explicar e vai ficar aí parado me olhando?

Ele dá de ombros.

A irritação toma meu corpo. Sei que ele está agindo assim porque está com raiva das minhas palavras. Sawyer é engraçado, faz a fama e não quer assumir. Ando poucos passos, torno a voltar. Ele está de olho em mim. Jogo mais uma vez meus cabelos para trás e decido fazer isso do meu jeito. Sento-me novamente.

— Por isso me disse que tinha saído de férias? — pergunto de olhar alto e voz baixa.

— Sim. Quando você entrou no meu consultório para ser minha paciente, na nossa primeira consulta, eu já estava com uma ordem judicial que me impedia de fazer tal coisa. Foi arriscado, mas eu não consegui me controlar. Convenci a mim mesmo que você seria a última. Como foi.

Estou perplexa elevado ao quadrado. Eu fui duplamente enganada. Uma tola que caiu na sedução de um descarado que estava impedido de

continuar fazendo o que sempre fez. Eu correndo perigo de ir presa também como cúmplice, sei lá. Imagino meus pais em minha casa, acomodados assistindo as notícias, quando me veem saindo algemada aos gritos do consultório de Sawyer.

Levanto-me mais uma vez. Minha raiva voltou com força total. Eu simplesmente não consigo ficar sentada.

— Por que fez isso comigo? — Volto a ficar de frente para ele. Aqui parece um tribunal. Eu a promotora acusando e Graham o réu, culpado e calado. Estou trêmula e com uma tonelada de adrenalina correndo em minhas veias. Ele se levanta também.

— Por favor, não fique brava. Desculpa por ter colocado você nisso, mas você tem que reconhecer que foi bom, te curou e ainda temos bons momentos juntos. Eu não me arrependo de ter feito.

— Graham. Eu... Isso é contra tudo que eu conheço. Como quer que eu fique impassível diante disso tudo? Estou pasma, irritada e muito frustrada. Não podia ter feito isso comigo! — Torno a dizer a mesma coisa, porém em um timbre mais alto.

Quase um grito.

— Mas fiz. Nós fizemos. — Ele se aproxima e coloca uma mão em cada ombro meu. — Não olhe para o passado. Você já sabe da verdade, sabe que eu não posso mais sair por aí comendo mulheres em um consultório falso. Pode confiar em mim.

Ele levanta a mão e ajeita meus cabelos, passa o nó dos dedos em meu rosto e eu fico querendo abraçá-lo. Preciso usar toda minha força para manter-me longe e segura. Dou um tapa na mão ousada dele.

— Me responda uma coisa: se hipoteticamente eu tivesse aceitado ter um caso com você, iria me contar?

— Sim. Eu pretendia.

— Da mesma forma que me contou sobre Ryan? Deixou que eu descobrisse da maneira mais cruel. Desde que o conheci, você apenas mente em benefício próprio. — Acuso-o batendo um dedo no peito dele com o indicador.

Minha raiva volta misturada com sarcasmo. Consegui atingi-lo. Vejo isso por causa dos olhos anuviados e o semblante carregado.

— Eu pretendia contar sobre Ryan. Eu coloquei o detetive na cola dele. Me entenda, por favor. O que eu era na sua vida? Apenas o terapeuta. Alguém bem próximo teria que te alertar, você teria que acreditar sinceramente nessa coisa, então fui atrás de Candice e entreguei a ela todas as fotos. Mas acabou acontecendo... daquela maneira. Candice tinha que te contar. Não eu. Apesar do meu anseio para te libertar por completo daquele imbecil. — Sawyer se afasta e passa a mão ferozmente no rosto. — Que porra, Marianne! Só Deus e eu sabemos como estava me sentindo, furioso, revoltado, sabendo de tudo que ele fazia sem poder contar para você. Não tem ideia de como quis acabar de vez com seu relacionamento. E acabar com a cara daquele saco de merda.

— Quando descobriu?

Ele não responde. Abaixa a cabeça. Não vai escapar, queridão. Você está em um interrogatório, não percebeu?

— Quando descobriu, Sawyer?

— Depois da seção da massagem.

Voltamos a ter contato visual.

— Tanto tempo assim? — Minha voz é um

murmúrio fraco.

Afasto dele e desolada sento pela terceira vez no sofá. Meu Deus! Estou inquieta. Aflita para ser mais exata. Minhas Mariannes apenas olham uma para outra. Elas são os jurados desse nosso julgamento.

— No dia em que ele me pediu em noivado... Então ele já...

Começo a falar o que martelou minha cabeça. Mas eu mesma sei a resposta e nem termino de fazer a pergunta.

— Sim, ele já tinha um caso com sua irmã.

Sawyer senta-se ao meu lado.

— Entendo que foi tudo um grande golpe para você. Desde a traição do seu noivo até minha omissão. Mas estamos livres agora. Você é uma mulher desimpedida, eu também estou livre. Tanto do consultório como de Jill. — Ele fala macio, me seduzindo, me tentando como uma serpente.

Levanto os olhos e pergunto no mesmo tom de voz que ele fala comigo:

— O que quer insinuar com isso?

— Não estou insinuando. Marianne, você

não pode ligar para um homem e dizer que está apaixonada e depois ir embora.

Cacete! Lembro-me agora de ter dito isso a ele. Eu não achei mesmo que o encontraria tão cedo, ou então nem teria dito nada.

— Eu disse sem pensar...

— Mas disse. E agora? O que pretende? Como ficam as coisas?

— Quero que você vá embora. — Murmuro. Onde está meu grito de guerra? Por que não consigo uma voz ríspida? Acho que tenho que formatar minha garganta.

— Não quer. E eu não vou.

Ele é curto e grosso. Soa tão decidido que me dá calafrios. Estamos sentados lado a lado, bem perto, nos olhando.

— Um novo relacionamento, por mais que seja apenas um caso, está fora de cogitação. Acabei de ser apunhalada por um homem e estou novamente na fossa, com medo. Aterrorizada.

— Sorte a sua. Eu sei exatamente o que fazer para curar seus anseios. — Ele segura no meu rosto e faz uma breve carícia nas minhas bochechas. Eu sei muito bem o que ele vai fazer a
NACIONAIS - ACHERON

seguir e, se fizer, eu vou cair como uma patinha. Levanto em um salto e corro para a porta. Sawyer é bem mais rápido e se coloca entre mim e a porta. Até parece que ele já esperava por essa minha reação.

— Não vai sair enquanto não estivermos entendidos.

— Entendidos? Faça-me rir. Por que não muda a frase e diga que eu só saio daqui quando estiver sob suas vontades? Você não pensa em mim e não vamos nos entender se você não me dá o espaço que preciso.

— Se eu estou teimando é porque estou pensando em nós dois. Se eu deixar que apenas você tome decisões, não chegaremos a lugar algum. Se eu tivesse te dado poder de escolha desde o início não teríamos transado uma vez sequer. E sobre nosso sexo você não pode reclamar. Não é mesmo, baby?

Sem resposta, fico boquiaberta diante da cara de pau dele.

— Sawyer, eu não comi nada. Estou faminta. Sem falar que daqui a pouco o navio vai partir.

— Não seja por isso. — Ele se afasta da porta. Eu aproveito e puxo a maçaneta, então me lembro que ele está com a chave.

— Sawyer, a chave.

Ele me ignora. Pega um telefone.

— Por favor, um café completo para dois aqui na suíte máster. Isso 1302... Sawyer Graham... Sim... Certo... — Ele coloca o telefone na base e olha para mim. Estou perplexa. Fui pega como refém, e sei muito bem qual preço ele vai me fazer pagar.

— Não vou tomar café com você. — Deixo claro.

— Claro que vai. Eu já pedi. Não podemos desperdiçar tanta comida. Agora, enquanto esperamos, vamos resolver nossas pendências. — Ele vem para perto de mim. Eu corro porque sei que se ele me pegar, minhas forças acabam. Olho aflita para os lados à procura de um esconderijo. Deixo o sofá entre a gente, mas não consigo desviar da mesinha de centro e acabo entrando no quarto, vejo uma porta que deve ser do banheiro, mas, antes de eu conseguir me fechar lá dentro, ele empurra e consegue me arrastar para fora.

Rapidamente me toma em seus braços. Fico toda tensa. Os olhos arregalados.

Não posso. Não posso. Não posso sentir isso de novo.

Quero me curar dele, mas ser abraçada, estar de novo tão perto e poder sentir seu cheiro... Como posso me libertar dessa forma?

— Vamos fazer dar certo, Mary. Não tente me afastar. Não quero deixar uma mulher sofrer por minha causa.

— E quem disse que estou sofrendo? — Pareço estridente e aflita demais.

— Formulei uma conclusão. Se está apaixonada por mim e não me tem por perto... Naturalmente vai sofrer.

— Graham...

Sawyer abaixa a cabeça e me dá um beijo rápido. É apenas um beijinho, mas quando eu sinto novamente os lábios macios, meu corpo todo reage, acorda e eu começo a perder minhas forças, como as mocinhas fracas dos romances. Eu fico inerte, olhando fixamente os lábios dele. Sedenta para provar mais.

— Vou beijá-la, não lute. — Ele informa e
NACIONAIS - ACHERON

desce novamente o rosto em minha direção. Já estou perdida há muito tempo. Nem sei se o perdoei, só sei que o quero o mais rápido possível.

TRÊS

MARIANNE

Sawyer encosta seus lábios nos meus e uma reação explosiva acontece. Não consigo suportá-lo acariciando minha boca superficialmente com a língua e os lábios e continuar impassível. Ofegante, entreabro os lábios para permitir a invasão da língua dele. Quero urgentemente um beijo ardente e possessivo. Algo que me fará esquecer tudo, que me fará levantar do chão. Preciso restabelecer meu suspiro ausente há oito dias.

E com esse beijo ele me proporciona tudo que eu quis. Ele sabe muito bem o que tem que fazer para que não resista muito tempo ao seu charme. Seu abraço agora é ainda mais firme, porém carinhoso. Estar nos braços dele é o melhor dos confortos que já experimentei. A temperatura da pele e o cheiro são mais que aceitos pelo meu

organismo; são exigidos.

Ele pousa uma das mãos grande e poderosa no meu bumbum me fazendo querer mais que apenas a mão. As carícias ousadas têm formato de círculos abrangendo toda parte da polpa, ele não quer que nenhuma parte da minha bunda fique sem ser tocada. Derreto-me toda naqueles braços fortes e ele me puxa um pouco mais para perto. Estamos colados, sem um milímetro de espaço entre os corpos.

Sinto seu corpo viril e o meu o reconhece de imediato. Nós dois estamos acesos pelo desejo, posso sentir meu corpo, que é todo arrepio, e o dele, que já começa a dar os primeiros sinais de que me quer. Saber que esse homem maravilhoso, apesar de canalha, veio de tão longe para me ver me deixa fraca e sem raciocínio lógico. Lá se vão mais uma vez as faculdades mentais da minha Marianne sensata e racional.

Elevo meus braços e circundo o pescoço largo de Sawyer, aprofundando o beijo que se torna quase uma plenitude completa. Ele morde meus lábios, sorri quando faz isso, em seguida, chupa com muita calma para dentro da sua boca, contorna

com a língua e torna a engolir minha boca em uma necessidade ardente. O tempo é um detalhe insignificante para nós dois. Acho que ficamos bons longos minutos abraçados matando a saudade um do outro.

Lentamente, o beijo vai perdendo a intensidade até conseguir nos afastarmos, porém, sem sair dos braços um do outro. Ele ainda dá mais um selinho, morde meu queixo, enche os cantinhos da minha boca com mais beijinhos e para.

— Eu senti tanto sua falta. — Ele suspira, segurando meu rosto em suas mãos e analisando com calma cada ponto da minha face.

Eu levanto a mão e acaricio o rosto dele. Os lábios estão meio avermelhados pelo beijo explosivo que trocamos. Meus dedos sobem pelo maxilar até chegar aos cabelos fartos e macios. Este é o homem que eu quero. E ele está aqui para mais uma vez abalar todas minhas estruturas. Malditas estruturas feitas de areia. Por que fui me interessar por alguém tão complicado? Graham tem uma bagagem nas costas e depois do que eu descobri, creio que haja muito mais escondido por trás desse belo homem que me hipnotiza. Tenho que me

lembrar de pesquisar mais sobre ele quando estiver de frente para um computador.

Puxo-o para um abraço apertado.

— Não queria que você tivesse me seguido. Estou tentando me reabilitar. — Sussurro com os lábios espremidos contra o pescoço dele.

— Mas eu estou aqui e não gosto da ideia de você se reabilitar.

Continuo afagando os cabelos dele. Sawyer faz um carinho nas minhas costas, subindo e descendo com os dedos leves.

— O fato de termos nos beijado não significa que perdoei você. — Esclareço e os olhos verdes brilham. Eu não consegui distinguir qual sentimento criou aquele brilho.

— Ainda está zangada?

Ele dá um sorriso charmoso. Decido que o brilho é de expectativa. Acho que ele quer que eu diga que sim só para tentar me fazer mudar de ideia. Conheço muito bem as maquinações de Sawyer. Respiro fundo. A presença dele aqui ainda é muito confusa e o que ele escondeu de mim me machucou muito. Não. Acho que ainda não o perdoei.

— Não. Só estou confusa com tudo.

— Quando vai me perdoar?

— Não sei, Sawyer... Eu vou pensar enquanto termino minha viagem no cruzeiro.

— Não vai sair daqui enquanto não resolvermos isso. — Ele avisa — Eu não quero esperar tanto tempo.

— Não há outra escolha. — Dou de ombros.

— É claro que há. Você sabe melhor que qualquer um que eu posso encontrar soluções. Você precisa apenas relaxar e deixar que eu cuide de tudo.

Odeio isso. Sou adulta o suficiente para tomar minhas decisões. Odeio que tente mandar na minha vida, que não ouça o que eu quero. Me afasto dele.

— Sawyer, eu não vou...

Antes que eu termine minha pequena demonstração de rebeldia, ele coloca um dedo nos meus lábios, segura meu ombro com a outra mão e me dá um olhar pachorrento, como se fosse dono do mundo.

— Não arrume confusão à toa, baby. Você vai ficar bem, nós vamos ficar bem. Não vai voltar a lugar algum.

O quê? Agora é uma questão de honra. Vou voltar, sim, para o cruzeiro e está para nascer o homem que vai me impedir.

Dou um tapa na mão dele, a que tinha tentado me silenciar. Meus dedos se fecham como se eu fosse dar um soco em alguém.

— Ora seu...

Antes que eu comece a insultá-lo duas batidas na porta nos interrompem. Eu até agradeço a intromissão. Brigar com Sawyer em um quarto é meio desvantajoso. Ele tem umas manias estranhas de me fazer entender o ponto de vista dele. E sempre acabo persuadida e pelada. Não quero discutir isso agora. Minha volta para o cruzeiro daqui a pouco vai me ajudar a colocar as ideias no lugar.

— Nosso café — diz, sorridente. Totalmente indiferente ao circo que eu tentei armar. Me dá um beijo rápido e vai abrir a porta. Um funcionário entra empurrando um carrinho. Atrás dele, vem outro homem e, em poucos segundos, os

dois enchem uma mesa para dois, na varanda, com uma grande seleção de comida. Eles fazem um rápido cumprimento e saem em seguida. Olho abobalhada a vista para a imensidão azul do mar. O vento sopra leve meus cabelos, o cheiro de ar puro e frescor toma conta dos nervos e eu me entrego a esse paraíso.

— Perfeito, não é? — pergunta, olhando para o mesmo lugar que eu.

— Muito. É deslumbrante.

— Um dia terei uma rede de hotéis e resorts como esse, espalhados pelo mundo. Mediterrâneo, países tropicais... É a ambição que me move nos últimos tempos.

— Essa é uma ambição do bem. — Volto-me para ele e percebo que Sawyer compete seriamente com a visão paradisíaca do mar.

Era minha chance de ter saído correndo, fugido dali, mas me sento. A presença do homem e a beleza do lugar me dominaram, além disso, estou faminta. Pelo menos Sawyer não tem poder de inibir minha fome. Talvez tenha, mas não nesse momento. Ele senta à minha frente e eu o ignoro. É meio difícil ignorar um homem como Sawyer.

Toda essa virilidade à minha frente não passa despercebida por nada, são necessárias muita concentração e fome para eu deixá-lo em segundo plano.

Corto uma baguete pequena e olho para a mesa me decidindo entre queijo cheddar ou fresco. Estou revoltada, dou de ombros e decido pelos dois. Em seguida, coloco peito de peru defumado. Adoro sanduíche no café da manhã. Não vou encenar só porque estou na frente de Sawyer.

— Suco, café ou leite? — pergunta, indicando as coisas na mesa. Vejo que já se serviu de café.

— Suco, por favor — digo e ele me serve com um suco amarelo. Dou uma generosa mordida na baguete e fecho os olhos mastigando com desejo enquanto solto um "*Hummm, que delícia.*" Ele me olha parecendo que está diante de um espetáculo de teatro. Os olhos gulosos, não para meu sanduíche, mas para meus lábios.

— Estou ficando sem graça. — Reclamo.

— Eu gosto de ver você comer.

— Deus! Será que é porque me pareço com um javali quando como? Não tenho vergonha do

meu apetite.

Declaro e continuo a comer.

— Isso que me fascina. Prefiro uma mulher que aceite comer comigo um super cheeseburger e ainda brigar pelas fritas do que aquela que prefere apenas uma salada.

— Não me dou bem com saladas — digo, limpando os lábios. — E só para lembrar, eu não sou mulher de ninguém.

— Mas logo será.

Reviro os olhos e balanço a cabeça em negativa. Volto a atenção para minha comida e ouço apenas a risada divertida dele. O maldito se acha a última coca do deserto.

— Mas notei que você emagreceu desde a última vez que nos vimos.

— Acontece quando as pessoas passam por grandes frustrações.

Nós nos calamos. Ele bebe o café e belisca um pedaço de bolo. Eu termino meu sanduíche improvisado. Ainda não estou satisfeita. Ansiedade me deixa faminta. Será que posso pegar esse croissant que está me tirando do sério?

— Você chorou?

— Lógico.

Peguei o croissant, sem ligar para o que ele vai pensar. Continuo comendo com muita educação. Uma coisa é ter um bom apetite e um bom metabolismo. Outra coisa é comer feito uma condenada, em desespero, sem nem mastigar.

— Qual de nós quatro a fez perder o apetite e chorar?

Merda! Por que ele não come e cala essa boca? Se não quer comer, fica calado. Olho para ele e entendo que ele se refere a Alice, Ryan, Candice e ele mesmo. Bebo um gole do suco, e limpo os lábios em seguida.

— Você.

— Por quê?

Porque era por você que eu estava apaixonada.

— Ah, Sawyer... me deixa em paz. Não quero falar sobre isso.

Desvio o olhar dele e encaro a bela paisagem, mastigando com cuidado, saboreando o croissant e sentindo o doce cheiro das águas trazido

por um vento fresco.

— Adoro esse lugar — digo tranquilamente.

— Por que eu, Marianne?

Volto meu olhar perplexo para ele. Ignorou descaradamente o meu pedido de paz. Sawyer quase nunca escuta o que eu digo. Decido que tenho que falar, ou então ele vai me atormentar o dia todo.

— Porque você foi o que mais me enganou. Brincou com minha cara.

— Omitir uma coisa é diferente de brincar com os sentimentos, como Ryan fez.

Ele praticamente cospe as palavras, como se lhe doessem na garganta.

— Mas você...

— Marianne, você não ficou revoltada com o próprio namorado que comia a safada da sua irmã, por que não pode me perdoar?

Claro, eu não amava o Ryan.

Não respondo. Até porque eu não sei o que falar. E porque ele foi grosseiro dizendo isso da minha irmã. Como mamãe sempre diz: "A melhor

resposta é aquela que não se dá." Escolho o direito de me calar e saborear em paz meu croissant.

— Já perdoou os outros? — Ele insiste. Eu o ignoro para ele ver como é bom não ser ouvido. Dou de ombros e continuo a comer. Sawyer se inquieta. Espera eu engolir e sorver com calma um gole do suco.

— Ouviu minha pergunta?

Fito-o me divertindo ao ver como ele tenta parecer autoritário. Quer as respostas na hora exata. Comigo não. Despreocupadamente, termino meu suco. Ele se recosta e cruza os braços.

— Não quero falar sobre isso. É uma coisa que não te diz respeito.

Atiço-o sem medo. Dou um sorrisinho idiota e pego uma uva.

— O café estava fantástico.

Se eu estivesse no lugar dele, estaria com raiva desse meu sorriso. E ele também sorri. Mas é algo meio psicopata, um sorriso frio, sem mostrar os dentes, apenas um curvar de lábios, talvez como do depravado Alex do Laranja Mecânica.

— Eu te dou duas alternativas. — Ele levanta dois dedos — Ou responde o que eu quero
NACIONAIS - ACHERON

saber, ou eu vou tirar à força cada palavra de sua garganta. Sabe que eu consigo. — Ameaça; semicerro os olhos, mas ele nem se importa. — Então vou perguntar mais uma vez cogitando que talvez você não tenha entendido: já perdoou os outros?

Agora fico enfurecida por ter sido colocada contra a parede. Sei do que ele é capaz, e o que será de mim se resolver confrontá-lo? Estou trancada em um quarto com um homem de um metro e noventa e que mantém sobre mim uma forte dominação sexual. Rir da cara dele foi bom enquanto durou, meninas. Voltem para seus aposentos.

— Ryan e Alice não — respondo, desgostosa. — Não preciso perdoar Ryan. — Reconsidero em seguida.

— E Candice? Já falou com ela?

— Sim, um dia antes de eu viajar, ela me ligou. Mas também não a perdoei ainda.

Sawyer está no modo terapeuta, recostado na cadeira, cenho baixo, expressão carregada e dedos cruzados, me analisando. Sei que estou enfrentando um interrogatório que não vai terminar

até Graham conseguir conduzir a conversa para onde ele quer. E eu sei para onde ele quer conduzi-la; para um patamar onde é vítima e não vilão.

— O que a deixou mais frustrada? O fato de eu não ter um diploma de psicólogo ou por que não te contei sobre Ryan?

— Sawyer... por favor...

— Apenas responda, pode ser? — Ele pede com as sobrancelhas abaixadas, como um terapeuta sério. Parece estar desesperado para saber o que pode fazer para reverter sua culpa. E eu não queria dar pistas a ele de como poderia se redimir.

— Eu não sei ainda. Não pesei as duas apunhaladas. Sei que machucou pra caramba. E isso que me preocupa mais. Eu não devia ter me sentido ferida pelas coisas que escondeu de mim. Nem somos nada um do outro.

— Então eu não sou nada para você?

— Não distorça minhas palavras. Não foi isso que eu disse.

— O ferrugem que estava com você mais cedo... é alguma coisa para você?

Ele se curva sobre a mesa. Os olhos inquisidores. Como não estremecer diante de um
NACIONAIS - ACHERON

deslumbramento desses? Sinto vontade de rir por ele ter nomeado Jerry de ferrugem, mas me contenho. Sawyer está me acusando.

Tomara que você seja culpada e tenha que cumprir pena na cama com ele. Ô, sorte! Minha Marianne safada ri batendo palmas e fazendo topless.

— Jerry é um amigo, que me ajudou a superar quando eu fui traída por todos que me rodeavam — digo com pose de diva sofredora.

— Posso saber como ele a ajudou? Fora ou em cima da sua cama? — A voz dele é cheia de ironia, os olhos verdes estão escuros e há ali também um bom carregamento de sarcasmo. Fico horrorizada com o que ele está insinuando. Com raiva estampada nos olhos, eu me levanto num impulso. Ele olha assustado e, quando levanta, eu já estou atravessando o quarto, chegando à antessala.

— Marianne.

Ele me segura pelo braço.

— O que pensa que eu sou? — Viro bruscamente já gritando — Só porque eu facilmente caí em sua lábia naquele consultório, acha que eu ando por aí abrindo as pernas para

qualquer um? Me respeita! — Tento arrancar meu braço das mãos dele.

— Eu não soube o que pensar quando te vi com aquele imbecil. — Ele berra — Será que não percebe o quanto estou exasperado com isso?

— E me insultar vai resolver seu problema?! — grito histericamente.

— Então me explique o que devo pensar, pois isso não sai da minha mente.

— Não devo explicação alguma para você.

Consigo puxar meu braço e corro para a porta. É incrível como ele é rápido. Praticamente se materializou como um fantasma em minha frente. Dessa vez, não segurou meu braço, ele me segurou inteira entre os braços dele.

— Desculpa. — Pede, abafando a voz perto dos meus cabelos.

— Graham, me larga.

— Desculpa, eu sei que não ficou com outro cara. — Sussurrando, ele emenda confessando: — Só estou morto de ciúmes.

Fico meio flutuante com a confissão dele sobre o ciúme, mas tento não demonstrar.

— De qualquer forma, tenho que ir.

Seguro nos ombros dele e tento empurrá-lo. Ele me aperta mais e rosna:

— Eu não vou deixar você ir. Aceite isso, Marianne.

— Eu estou em um cruzeiro, preciso voltar para o navio. Que parte você ainda não entendeu?

Céus! O cheiro dele e a pegada forte já estão quase me convencendo.

Lute, Marianne. Lute!

Se entrega logo e fique livre.

Isso apertado na calça dele é o pau? Se for, é melhor você não sair por essa porta.

Só tenho pena de você, amiga. E inveja.

Cara doido da porra.

Essas são as falas das minhas "eu" interior, gritando todas juntas na minha cabeça e me deixando em contradição total.

— Mas eu não posso ir com você. Portanto, a única saída é você ficar aqui comigo. — Sawyer intensifica o abraço e ruge na minha orelha.

— Minhas coisas estão lá. — Contesto.

— Depois eles as mandam de volta; são

apenas roupas.

— Eu não vou ficar aqui com você — grito, desesperada.

— Vai sim — diz, convicto, e me beija. Tentei virar a cabeça e lutei até o último momento. Deus sabe que tentei.

Com um rápido movimento, ele me gira e me prende contra a parede. Agora estou encurralada. O corpo dele me espreme contra a superfície lisa e uma mão segura meus seios enquanto a outra imobiliza meu rosto para ele poder me beijar. O beijo é possessivo, vigoroso, delicioso, me possuindo aos poucos. E lá estou já de boca aberta e língua dentro da boca dele, aceitando e querendo mais.

Olá, meninas, hoje vamos aprender a como nos controlarmos perto de uma boca gostosa de um homem gostoso, sendo mais convictas. Minha Marianne Youtuber fala, mas nenhuma das outras dão atenção. Todas estão assistindo Sawyer me espremer contra a parede, enquanto coloco a mão dentro da bermuda dele.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

QUATRO

SAWYER

Pronto. Marianne está onde eu quero. E o que quero, além de não deixar mais ela fugir, é comê-la agora, de pé. Quero que ela saiba que eu sou capaz de dar prazer a ela e que não importa o que tenha acontecido, eu mereço, sim, o perdão. Coitada. Será que ela achava mesmo que eu tinha viajado isso tudo para voltar sem nada?

Estou há dez dias sozinho, sentindo a falta dela e sem me aliviar. Foram oito dias sofrendo como cachorro sem dono. Não dormi direito e estava irritado com tudo à minha volta. E o sofrimento aumentou quando ela confessou que estava apaixonada. Não titubeei em descobrir onde ela estava. Fui até Candice, brigamos e eu a chantageei para me contar onde Marianne estava.

NACIONAIS - ACHERON

Depois corri até a agência de viagem. Não havia mais passagens, então consegui a informação sobre o itinerário no navio. Foi fácil viajar e esperá-la. O mais difícil e revoltante foi vê-la na companhia de outro homem. Na hora em que os vi, fiquei parado, estático, e uma palavra brilhou na minha frente: "*Minha*".

Juro que quis arrebentar a cara dele. O pensamento de que outro homem pudesse usufruir da suavidade desse corpo, beijar esses lábios e ser acariciado com esses dedos me fez sentir náuseas e raiva acima de tudo. Foi essa raiva que sentia até a pouco que me fez dizer aquilo para ela. Não consigo raciocinar muito bem quando estou perto de Marianne. Ainda mais agora que ficamos bons dez dias sem nos ver.

Achei que ela se derreteria no primeiro momento quando eu comecei a dar explicações, havia muita mentira na história que contei para ela. Lógico que eu não posso ainda contar toda a verdade. Mesmo assim, ela já ganhou o que eu não dei a nenhuma outra. Sempre me preservei, sempre escapuli das armadilhas femininas e resisti a investidas das modelos, atrizes e pacientes em geral.

E então, me vi, do nada, percorrendo o mundo atrás de uma designer de interiores, que, ao contrário das outras, estava o tempo todo tentando fugir de mim. Se Amanda ou Jill me vissem tão fraco e humano, tentando formular explicações plausíveis para ludibriar Marianne e fazê-la voltar para mim, elas iriam me condenar e tentar colocar juízo na minha cabeça.

Entretanto, nesse momento, com ela presa pelo meu corpo e nossas línguas batalhando, úmidas e quentes, eu vejo que nós dois compramos passagens só de ida. Não há mais como voltar atrás.

— Eu não tomei pílula — diz, soluçando entre meus beijos e dou uma risada.

— Se quer me impedir, tente outra coisa.
— Arranco do meu bolso uma tira com vários pacotinhos de camisinha e balanço na frente dela.
— Marianne, entenda. Eu vim encontrá-la. Você acha que eu viria despreparado?

— Eu não quero fazer sexo com você. — Ela choraminga sem nenhuma convicção, as mãos espalmadas no meu peito na tentativa inútil de me empurrar. Eu poderia até acreditar nela se não a conhecesse; sem falar do corpo dela que é uma

prova concreta contra ela mesma. Esses mamilos duros de desejo, a boca entreaberta meio arfante e as pupilas dilatadas me deixam ciente de que estou certo.

— Quem acha que quer enganar? A mim, você não engana.

Mesmo com a mão dela tentando deter a minha, enfio a mão por baixo do vestido dela e a apalpo.

Ah! Agora é minha vez de dizer: "Hummm, que delícia!"

— Que delícia. Está tão molhadinha! — Exclamo, extasiado. Marianne arfa e segura-se com muita força, apertando os dedos nos meus braços. Ela parece estar em uma indecisão terrível. Não sabe se me abraça ou se me empurra. Eu não posso mais esperar. Desço o vestido dela até revelar os seios cobertos por um delicado sutiã de renda rosa claro.

Porra! Que delícia de peitos. Que saudade eu estava!

Eu sempre tive sexo na minha vida, como água, à minha disposição quando eu quisesse. E nunca precisei mendigar por isso, nunca precisei

sentir explosões reprimidas por querer fazer sexo, mas não com qualquer uma. Nunca precisei tanto de alguém como eu preciso de Marianne. Os seios redondos e suaves dela me fascinam, me deixam aturdido. Como eles fossem dois diamantes (e são), eu os seguro em minhas mãos. Apenas uma carícia antes de levar minhas mãos até as costas dela.

Um cara experiente vale por dez. Já tirei tanto sutiã na minha vida que já faço mecanicamente, bem rápido. Conheço qualquer fecho de peça íntima.

Assim, libertos, os dois seios pularam vigorosos para fora. Também já vi milhões de peitos, mas os dela são os únicos que perturbam meus sonhos à noite.

Sedento, abocanho o bico rosado de um e seguro o outro em minha mão. Não consigo conter um gemido. Ela cheira muito bom, e não é perfume. É algo como maçã, doce e fresco. Sei que não é perfume ou colônia, pode ser o hidratante. É algo doce, diferente das outras mulheres, um cheiro dela mesma. Chupo calmamente um de cada vez enquanto Marianne joga a cabeça para trás e emite um gemido.

E olhem só: ela não está me empurrando!

Houve noites que passei em claro, houve dias que mal consegui comer algo, tudo por causa disso. Agora eu percebo que não sofri em vão. Minha boca sacia minha vontade reprimida, estava com tanta saudade de sentir essa doçura nos meus lábios...

Mas não é apenas minha boca que precisa ser saciada.

Cacete! Quero devorá-la toda, lamber a pele, sentir o suor se misturar ao meu, beijar seu corpo todo, chupar a boceta dela até que ela implore para ser comida. Mas isso tudo é para depois, agora eu preciso ir direto ao ponto.

Eu me sinto um cretino covarde por querer pular as preliminares, que todas as mulheres merecem. Mas fazer o quê? Posso compensar depois.

Rapidamente desço minha bermuda junto com a cueca, rasgo o pacotinho de camisinha, visto-me e acomodo meu pau entre as pernas dela. Só sendo homem para entender como o pau lateja e as bolas doem. Não necessariamente só as bolas. A dor sobe e se aninha malvada perto da virilha.

— Sawyer...! — Marianne geme meu nome quando começo a friccionar o pau entre as pernas dela, sem meter. Preciso deixá-la louquinha, mais do que já está. Os olhos dela já estão tão brilhantes de desejo que chega a hipnotizar.

— Eu sei, baby. Você quer tanto quanto eu.

Ela me agarra febrilmente e revira os olhos quando eu começo a introduzir.

Muito quente.

Muito macio.

Apertado.

Devastador.

Meu corpo começa a vibrar quando a cabeça entra. Ela dá um breve sorriso de satisfação e quase gozo quando vejo isso. É muito foda ver uma mulher sorrir assim, quando o pau está entrando. Dou uma batida firme socando tudo, a boceta dela pisca e estica e eu me arrasto para fora lentamente.

Quando estou quase todo para fora, torno a meter firme, empurrando até as bolas, tocando-a no fundo. Ela grita em meio a mais um sorriso. Repito esse movimento várias vezes, apenas para ver o prazer estampado na face dela.

Estamos de frente um para o outro. Marianne grita e se agarra em mim.

— Você é muito gostosa. — Fico sem ar entre o duelo de bocas.

Ela reage às minhas investidas. Percorre meu corpo com as mãos por baixo da minha camiseta e acaricia meu corpo enquanto eu a espremo contra a parede.

As mãos dela mapeiam minhas costelas e cintura e segura minha bunda me puxando. Ainda estou com a cueca e a bermuda um pouco abaixadas, Marianne tenta tirá-las, empurrando-as para baixo, para deixar minha pele exposta.

Eu arranco meu pau de dentro dela e dou uma pincelada melada, no clitóris inchado. Em seguida, introduzo tudo de uma vez em uma única socada, sentindo meu pau ser abraçado pela maciez úmida dela. Urramos juntos quando chego ao fundo. As unhas dela cravam no meu peito. Lá embaixo, na boceta, as carnes macias e aveludadas me fazem ir à loucura e me deixam frustrado por estar comendo-a de camisinha. Queria poder sentir minha pele contra todo esse inferno saboroso que é a boceta dela. Bato meu quadril duas vezes

seguidas, socando fundo e bem forte. Doido de pedra.

— Ai! — grita e bate em mim.

— Desculpa. Machuquei você, baby? Estou louco de desejo por você.

Marianne não responde. Com o olhar inflamado, puxa meu pescoço e me sufoca com um beijo possessivo.

Isso. Beije o quanto quiser, sou seu. Só seu.

Houve tempos em que eu jamais ousaria pensar isso. Nunca fui de ninguém e nunca quis ninguém para mim. Hoje sei o que é possessividade. E descobri que, em relação a Marianne, eu sou o cara mais possessivo da galáxia.

Saio de dentro dela e me abaixo para dar umas boas lambidas naquele buraquinho rosadinho esperando por mim. Está do jeito que gosto, molhadinha e rosada. Dou uma inalada generosa. Cheiro gostoso da porra!

Afasto as bandas para poder sentir todo o sabor. Chupo com força, com toda vontade, enfio minha língua dentro e dou umas dedadas junto com as lambidas; afinal tenho que tirar o atraso. É tipo
NACIONAIS - ACHERON

uma criança quando recebe mesada e vai a uma doceria. Não sabe o que provar primeiro.

Merda! Que delícia!

Ela geme e treme, segura meus cabelos e minhas insistentes lambidas continuam junto com beijos e chupadas até que não consigo mais. Fico novamente de pé e a penetro.

Não com força, bem devagar.

— Sinta, Mary, se abra para meu pau, devore-o centímetro por centímetro. — Sussurro contra os lábios dela. Marianne sorri e me abraça, jogando a cabeça para os lados.

Começo a fodê-la apenas com metade do meu pau. Não quero mais machucá-la. Nem fisicamente e muito menos emocionalmente. Eu sou uma bomba de segredos que vai feri-la se ela permanecer perto demais, mas sou uma bomba egoísta. Não me importo se Marianne descobrir ou não mais coisas sobre mim. Eu apenas a quero nesse momento. Quero vê-la assim, sentindo por mim a mesma necessidade que tenho.

Juntos olhamos para baixo vendo meu pau entrar e sair. É uma visão esplêndida, uma obra de arte que fazemos juntos, que quase me faz gozar, e

ela também. Sinto seus dedos segurarem com mais força em mim.

— Ah... Sawyer...! É tão gostoso...!

Ela abaixa a mão e segura no meu saco enquanto a entorpeço com socadas lentas. Meu corpo todo reage aos dedos finos dela segurando minhas bolas. Sinto um fogo percorrendo minhas veias e saindo pela minha boca.

— Quero tudo, Sawyer. — Ela geme, os dentes segurando os lábios e os olhos ardentes fixos nos meus, com um movimento, ela tenta empurrar o resto da minha rola para dentro dela. Estou tão duro, ela está tão apertada e lubrificada que é um suplício me segurar para não gozar.

— Está vendo o que quer deixar para trás? Se entrega de uma vez para mim, Mary, seja minha de uma vez por todas. — Não enfio tudo ainda. Continuo comendo-a apenas com a metade do pau. Desço meus lábios pelo queixo dela, pelo pescoço (tenho um tesão por esse pescoço), paro ali, dou uma lambida e chupo em vários lugares. Depois desço mais e meus lábios abocanham com desespero o seio dela.

— Sawyer...! Por favor... quero mais! — A

voz meio embriagada soa fraca, porém exigente. Suas mãos descem pelas minhas costas e apertam minha bunda puxando-me para meter mais fundo. E decido atendê-la. Com uma investida potente, eu coloco tudo para dentro, sem dó, a boceta se abre toda para eu passar.

Marianne se joga para a frente e abocanha meu pescoço, lambe e em seguida chupa meu queixo até conseguir subir até meus lábios puxando entre os dentes meu lábio inferior. E eu começo a foder até o talo.

— Ai...! Que delícia... Mais fundo... Ah! Ui!

— Não quero machucá-la.

— Quero tudo, droga! — grita, furiosa. Agarra minha camiseta e, como se tivesse possuída por algum espírito, ela vocifera. — Quero tudo que tem para me dar, quero foder com o cara safado que conheci, quero que me coma como o verdadeiro sacana que sempre foi.

Uau! Isso foi... maravilhoso.

Dou uma risada e acelero as investidas, socando fundo, metendo o pau sem dó. Ela grita com os lábios contra meu pescoço. Seguro o rosto

dela contra a parede e dou um beijo daqueles desentupidores de pia. Minha língua toda dentro da boca dela absorvendo tudo dela como um buraco negro.

— Não vá cair, seja forte e aguento firme, quis pau agora terá. — Seguro uma perna dela contra minha cintura e entro com tudo, tiro e coloco rápido, arrancando gemidos, lamentos, consumindo nosso fôlego. Quero mostrar para ela que eu sou o macho dela e preciso de perdão. Ela tem que entender de uma vez por todas que isso é necessidade massiva de ambas as partes.

Marianne não fica para trás e age como se quisesse me engolir. Suga e chupa minha língua, e engole meus lábios com os dela.

— Estava com saudades disso, Mary? — pergunto. Meus movimentos perdem a força, não quero que ela goze ainda.

— Sim... Você sabe que sim.

— Então toma. — Eu dou algumas investidas brutas. Ela grita e me dá um soco no braço. Eu dou uma risada e um beijo nos lábios dela para acalmá-la e recomeço mais suave.

— Tire essa camisa — ela ofega —, quero

você pelado. — Ela começa a levantar minha camisa e eu a ajudo. Assim que a peça é jogada longe, afobada, ela abaixa os lábios e começa a beijar e a lamber meu peito. Porém tem que parar para gemer. Não dou um segundo de trégua.

— Ah, meu Deus! — As unhas dela passam em meus braços. — Sim... Issoooo! Ah, que bom... Ah! Isso. Não para! — Os gritos de Marianne me deixam mais pirado de tesão, ligado no modo Máquina Mortífera.

— Está gostoso, não está?

— Por que você apareceu na minha vida?
— Ela me dá alguns socos. Fico explodindo de tesão quando ela fica nervosinha e me bate enquanto transamos. — Por que tem que ser tão gostoso assim? Porraa! — Entre gemidos e respiração ofegante, ela continua a falar. — Eu não consigo mais me afastar...

— Que bom. Eu só posso dizer (arfo) que (arfo) continuarei na (arfo) minha missão de viciá-la. Quero você todinha para mim — urro —, só para mim.

Selo minhas palavras com um beijo e pego-a no colo.

Marianne se agarra em mim. Levo-a para a cama e a deito na beirada. Quero comê-la de quatro. A visão dela de bunda para cima e rosto de encontro com a cama me deixa inquieto, mas, nesse momento, eu preciso apenas olhar nos olhos dela enquanto mato minha saudade e frustração.

Ajudo-a a terminar de tirar o vestido, arranco sua calcinha e me abaixo caindo de boca no sexo pulsante dela. Essa mulher me deixa sem fôlego. É toda linda e delicada até nessa parte do corpo. Dou uma chupada como se ali fosse uma boca e eu estivesse beijando-a.

— Que delícia. — Eu me levanto, dou umas pinceladas com o pau encapado na portinha toda úmida e meto. Estou de pé fora da cama, fodendo-a. Como sou alto, preciso me inclinar e ficar quase deitado sobre ela. Marianne se contorce embaixo de mim e me puxa para um beijo. Continuo a meter. Sexo nessa posição é um vício para mim. Posso ver a expressão do rosto dela, o desejo que ela tem por mim, quando morde os lábios, então, eu fico pirado.

— Merda. Vou gozar, Sawyer. Por favor... Mais... Por favor... Ai!

Ainda não, meu bem.

Quero-a toda ferosa e delirante, entregue totalmente a mim e me implorando para libertá-la. Saio de dentro dela. Marianne me puxa de volta com os olhos arregalados.

— Não, Sawyer... Por favor, continue.

— Calma. — Dou uma risada. Adoro ver o desespero dela. Eu a seguro nos braços e deito junto com ela na cama. Abraço-a e começo a beijá-la bem devagar, demoradamente, uma tortura para alguém que está desesperada para gozar como ela está.

— Quero que me peça. Quero ouvir o que você quer. — Sussurro no ouvido dela.

— Não é nítido, seu safado? — Ela tenta me bater, mas eu lhe seguro as mãos.

— Marianne, para de drama. Me diga o que posso fazer por você. Diga o que quer.

— Que você me foda, porra. Sabe disso! — grita com voz grave, possuída. Eu dou uma gargalhada. Meu Deus! O que eu estou fazendo com a formal Marianne Cooper? Ela falou dois palavrões na mesma frase? É inacreditável. Sou mesmo um arruinador de personalidades.

Vou para trás dela e ficamos de conchinha. Gentilmente levanto uma perna dela com uma mão e com a outra a abraço, segurando seus seios. Introduzo primeiro só a cabecinha, para ela sentir, para ficar mais entregue. Quero atenção total em mim. Sou possessivo e ela me deve dias de celibato. Sem que eu esperasse, ela leva a mão para trás e segura forte no meu pau para acelerar a penetração. Tiro a mão dela.

— Não seja apressadinha ou vou demorar mais.

— Sawyer... por favor. — Ela choraminga.

Seguro o rosto dela e faço-a virar para trás. Assim que ela vira, eu capturo seus lábios em um beijo.

— Está pronta?

— Sim — responde de imediato.

Eu a aconchego mais ao meu corpo e meu pau entra todo. Ela segura no meu braço sabendo que vou começar a foder para valer. E assim eu faço.

Tenho muito ainda para liberar. Dou a primeira investida tocando-a até o fundo. Forte e prazeroso. Ela grita. Não um grito de dor, mas de

NACIONAIS - ACHERON

alívio. Instintivamente empurra o bumbum contra mim. É maravilhoso vê-la ávida por algo que diz não querer mais.

Mulheres e suas mentiras deslavadas.

Ela continua empurrando o bumbum e eu parado, fascinado com ela gemendo no meu pau. Desejando meu corpo, querendo o que eu posso lhe dar. Começou meus movimentos pélvicos em um bom ritmo.

Enquanto soco lá embaixo, alargando o caminho para minha passagem, faço uma massagem tentadora com meus dedos em seus seios. Nossos corpos começando a suar.

— Aaah! — Ela arfa. — Ah, que gostoso! — Ela se retesa toda e eu sei que vai gozar.

— Isso. Goza pra mim. — Peço em um sussurro ofegante no ouvido dela. Aproveito que minha boca está tão perto e mordo a pontinha da sua orelha.

E ela goza. Muito. Eu sinto que também vou gozar e saio rápido de dentro dela. Hoje quero que ela veja como estou cheio de porra por causa dela. Mal consigo tirar a camisinha e meu pau lateja, incha todo e ejacula jorradadas potentes no

ventre dela.

Marianne olha surpresa para a cena. Vejo em seus olhos que ela gostou do espetáculo de me ver me esvaindo em porra. Fico de joelhos, a cabeça jogada para trás e a respiração ofegante. Passo a mão no peito. Está todo suado. Olho para ela e dou um sorriso.

— Desculpa, queria mostrar a você o quanto estou louco por sua culpa. — Aponto para o ventre dela todo lambuzado de esperma branco e viscoso.

Ela fica olhando e eu percebo que é a primeira vez que ela vê isso de perto. Marianne está extasiada. Levanto da cama e vou ao banheiro, volto com uma toalha e gentilmente a limpo toda. Depois me acomodo na cama, e ela se apressa em se aninhar ao meu corpo.

Nós nos abraçamos. E meu corpo vibra aliviado por reconhecer o corpo esguio de Marianne.

— Topa em provar meu esperma algum dia desses? — pergunto a ela.

Geralmente homem nenhum pergunta isso, como quem diz: "E aí, gata, quer provar um iogurte

que preparei?" Mas Marianne está iniciando nessa vida, tem que saber todos os pormenores.

— Eu... não sei. Não vou engravidar se fizer isso? — diz com uma voz falsamente inocente, levemente irônica.

Olhem só! Ela está até zombando.

Dou uma gargalhada estridente e ela me acompanha rindo também.

— Calma, Sawyer, eu sou meio tonta, mas não burra. E não sei se quero provar seu esperma. Entretanto não entendo por que pensar nisso me faz ficar excitada.

— Dizem que o esperma de um homem tem um grande valor nutricional. Além de ser bom para a pele.

— Tentando me convencer?

— Sim. Quero avançar mais um patamar com você. Depois que estiver pronta, também pretendo fazer sexo anal com você.

— Anal?

Ela se levanta e senta-se aterrorizada.

— É, Mary. É muito gostoso, você vai adorar.

Ela me fita confusa.

— Já fez isso com suas pacientes? — pergunta, relutante.

— Claro. Elas nunca tiveram vontade própria no meu consultório. Faziam tudo que eu ordenava. Algumas ficavam meio relutantes, mas quando meu pau começava a trabalhar, elas se derretiam.

Digo sabendo que isso jamais pode se repetir com Marianne. Um homem nunca deve obrigar uma mulher a fazer nada que ela não queira, e uma mulher não deve fazer alguma coisa na cama apenas para agradar seu parceiro. Ambos têm que entender o limite do outro. Com minhas pacientes, eu não estava nem ligando para isso, mas sou bem capaz de sentar, rolar e fingir de morto se Marianne mandar.

Que bundão estou me tornando. Ainda bem que só Deus e eu temos acesso aos meus pensamentos, ou seria zoadado pelo resto da vida se meus amigos soubessem como estou me sentindo ultimamente.

— É tão chato você ficar aí se gabando sobre outras mulheres assim na minha cara.

— Você perguntou, ué. — Dou de ombros sutilmente.

Eu estou deitado nu. Ela, sentada. Olha discretamente para meu pênis meio duro, meio mole.

— Como isso é possível? Olha seu tamanho.

Eu a puxo para deitar-se novamente abraçada comigo.

— Vou te dar uma breve aula. Primeiro, o anus é quase tão elástico como a vagina. Segundo, antes de comê-la tenho que te preparar. Vamos começar com plugs anais e vibradores finos. Em algumas trepadas, vou inserir o dedo e assim você vai ficar preparada. — Paro de falar e olho para ela, em busca de reação. — Mas, claro, se você disser não, nem tentarei. Fico satisfeito com o que temos. Outro tipo de sexo é apenas um bônus, se não alcançar, nada muda. — Ela fica calada e acaricia meu peito. Está pensativa, penso que dormiu.

— Isso tudo é muito intenso para mim — diz depois de algum tempo.

— O quê? O sexo?

— Sim, nunca imaginei que seria jogada na

parede e transaria de pé. Como nunca passou na minha cabeça que eu fosse chupar um homem... essas coisas... eu sempre esperei um sexo normal. Na cama, antes de dormir e pronto.

— Não gosta do que fazemos?

— Isso também me assusta. Acho que eu não deveria gostar tanto. — Ela se prepara e fala em um sussurro quase medroso: — Estou obcecada, Sawyer.

Meus lábios se curvam, é um sorriso de orgulho. Estou de peito inflado.

— É ótimo ouvir isso.

— Para você, né? Isso é uma droga, pois eu não consigo raciocinar direito...

— E isso é o melhor de tudo. Não gosto quando você pensa sobre nós dois. Pois o resultado sempre é o mesmo: afastamento. Eu não quero ser um contratempo para você e sim algo que vai lhe fazer se sentir bem.

— Agora, deitada aqui, eu me sinto muito bem. Maravilhosamente bem. Mas tenho coisas para planejar e colocar no lugar. Tenho que ir... tenho que sair por aquela porta e você não deixa.

— Você está mentindo para si mesma.

Diga a verdade, Marianne. Não quer estar naquele navio.

Ela levanta a cabeça e olha para mim. Ficamos nos encarando e então ela ri.

— O que foi? — Acaricio os cabelos dela.

— Eu fico impressionada com como você consegue me analisar. Sou tão transparente assim?

— Para mim, é.

— Você tem razão. Eu não quero estar naquele navio. Não tem ideia de como estava um tédio.

— Você fez novas amizades...

— Pare de insinuar coisas. — Ela ralha. Eu fico meio tenso com medo de ela se levantar com raiva. Assim que vê meu olhar arrependido, ela volta a deitar a cabeça no meu peito e recomeço o cafuné nos cabelos dela.

— Aquele cara é a pior parte do navio. Jerry é uma boa pessoa, mas já tinha deixado claro que queria algo comigo. — Sinto meus nervos inflamarem ao ouvir ela dizer isso — Fugir dele por todos esses dias não tem sido fácil. — Marianne confessa. Então sinto duas coisas: alívio e ódio. Nunca quis tanto matar alguém como quero destruir

NACIONAIS - ACHERON

aquele cenoura. Claro que depois de Ryan, o bunda-mole mor.

— Você foge de mim também...

— É diferente, Sawyer. Eu fujo de você porque eu... te quero. E também fugia dele por causa disso. É difícil ficar com um homem quando se tem outro na mente dia e noite.

Putá merda. Ela se declarou para mim? Uma emoção sem explicação toma meu peito. Eu a aproximo de mim, Marianne olha me surpresa e, me sentindo agradecido, eu a beijo. Será que posso ficar aliviado agora sabendo que ela me quer e não vai tornar a fugir? Marianne retribui o beijo com o mesmo ardor de sempre. Fiquei em cima dela e, dessa vez, o sexo foi bem mais lento, cheio de paixão. Fui com calma, comi ela em um papai e mamãe nada tedioso. Depois rolamos e ela terminou me dando aquela cavalgada fenomenal.

Terminar de transar e ficar com esse corpo quente e delicado esparramado em cima de mim é a melhor coisa. Eu curto, em proporções incalculáveis, ela esparramada em cima de mim.

Estamos calados, sentindo o cheiro um do outro, minha mão subindo e descendo pelas costas

dela, Marianne faz o contorno da minha tatuagem com um dedo.

— Fique comigo aqui. — Peço, sofrido — Nós podemos passar o resto da semana juntos. Hoje podemos ir almoçar em algum lugar e depois comprar algumas roupas para você. O que me diz? — Meu sussurro sai entrecortado, pois, beijo os cabelos dela enquanto falo.

Ela levanta o rosto e me olha.

— Parece tentador. Mas se eu abandonar o cruzeiro, acho que devo voltar logo para casa.

— Marianne, não seja estraga-prazeres. O que vai fazer sozinha em casa?

— Eu preciso trabalhar. Colocar minha vida de volta nos trilhos. Refazer todos os meus planos futuros e colocar ordem no escritório.

— E como a gente fica?

— Não sei ainda, Sawyer. Não sei como vai ser quando voltarmos a Nova York, para nossa vida.

— O que acha de fechar sua casa por algum tempo e vir morar comigo?

Ela afasta-se de mim e senta na cama. Joga

os cabelos para trás e, em um movimento rápido, amarra os fios em um coque. Olha para os lados à procura das peças de roupa.

— Marianne, me responda.

— Não acha que está indo rápido demais? Droga! Tenho medo de não dar certo... está tão recente o que Ryan e Alice me fizeram. Sem falar que nós dois acabamos de nos reencontrar, antes vivíamos um conturbado romance, a gente precisa sentar, conversar, se conhecer.

Ela sai da cama, veste a calcinha e começa a colocar o sutiã.

Eu me levanto e visto a cueca. Nem fodendo deixo ela escapar tão fácil. Vou até a outra sala e volto com duas cervejas.

— Bebe cerveja? — Estendo a garrafa na direção dela. Ela me olha confusa, assente; eu abro a garrafa e entrego para ela. — Sente-se ali. — Aponto para o outro lado do quarto, perto da varanda. Ela fica parada olhando a cerveja na mão. Eu abro a minha e vou em direção a ela. Seguro em sua mão e a levo para a varanda. Ignoro a cadeira e me sento no chão, recostado na parede, ela se acomoda do mesmo jeito à minha frente.

Viro a cerveja na boca, bebendo no gargalo.

— Experimente. — Insisto.

Ela olha mais uma vez para a garrafa em sua mão como se fosse um bicho. Com delicadeza de quem nunca provou um bom gole, ela leva o gargalo à boca e dá uma bicadinha. Sinto meu corpo implorar. Essa boca nessa garrafa, já estou com pensamentos pervertidos.

— Pelo amor de Deus, Mary. Não se bebe cerveja como se prova vinho. Tome um bom gole para molhar a garganta.

— Eu não... Costumo beber cerveja. — Ela se desculpa.

— Se não gostar, não beba. Me dá a sua que eu bebo.

— Não. — Ela nega com um aceno — Tudo bem. Eu só não estou acostumada a beber, mas gosto do sabor.

Ficamos calados bebendo. Eu já terminei a minha e ela ainda nem bebeu a metade. Me levanto, pego outra e torno a me sentar. Sei que Marianne está pensando no que eu disse, pensando no que estamos fazendo aqui. Ela pensa demais e isso

atrapalha muito.

Estico minha perna e toco os pés dela com o meu. Ela levanta o olhar e sorri para mim.

— Não pense no depois. Vamos viver o agora. Hoje vamos ficar aqui no hotel, depois voltaremos para casa. Então, chegando lá, decidimos, tudo bem?

Tento passar confiança para ela. É disso que ela mais precisa. Confiança e lealdade.

— Como vai ser? — Vejo um leve ânimo lhe tomar o rosto — Sairemos juntos? Ficaremos na casa um do outro? — Ela questiona. Algo em seu olhar denuncia que ela tem medo de saber a resposta.

— Sim. Eu posso ficar alguns dias na sua casa e você, na minha, o que acha?

— Quer sair da sua casa?

— Não. Lá eu tenho uma boa segurança, além de ser um lugar mais espaçoso. Mas se não quiser ir...

Ela me interrompe balançando a cabeça.

— Não precisa fazer sacrifícios. Como você mesmo disse, podemos decidir isso quando

estivermos lá.

— Posso considerar isso um sim? Me dá sua palavra de que vai tentar um relacionamento comigo?

Seus olhos brilham. Um sorriso simpático e tímido nos lábios. Eu sei que ela quer mais do que eu. Apenas está se fazendo de difícil. Isso é muito feio, Marianne.

— Sim, vou tentar. — Ela confirma. Agora, um sorriso toma seus lábios. Eu me arrasto para junto dela e a tomo em meus braços.

— Eu já vou te avisando que sou um cara bem diferente do homem perfeito que passa pelas suas fantasias.

— É? Conhece o homem perfeito das minhas fantasias?

— Sim, conheço. Eu sou o cara perfeito das suas fantasias. — Ela ri e cobre meu maxilar e queixo com vários beijinhos.

— O que te faz tão diferente?

— Por exemplo, gosto de ficar assim, de cueca, bebendo cerveja e foder quando eu tiver vontade.

— Acho que posso aguentar topar com você andando pelado pela casa. Mas transar quando quiser? Eu trabalho, esqueceu?

— Isso não é empecilho.

— Sawyer! — Ela segura forte meu braço.

— Mary, eu estarei perto de você de agora em diante. Estamos juntos a partir de agora e você não pode mais voltar atrás com a sua palavra. Já me disse sim.

— Sim, disso eu sei. Mas o que quis insinuar como meu trabalho não ser empecilho?

— Que não existirão regras na nossa relação. Você verá mais tarde.

— Não, Sawyer! — Ela tenta se afastar de mim. — Eu quero saber agora. Por que eu pressinto que, nesse nosso acordo, há entrelinhas que eu não consigo ler?

— Porque não são para ler. — Toco no nariz dela. — É bom entrar em um acordo sem saber ao certo o que virá. Se a gente planejar tudo, vai ficar tão sem graça.

— Tipo vendendo a alma para o capeta, né?

Agora eu dou uma risada.

Ela se cala após revirar os olhos. Acho que aceitou. Ficamos calados um ao lado do outro. Eu a envolvendo com um dos braços, enquanto termino de beber minha segunda cerveja. Coloco a garrafa do lado e olho para a cerveja dela. Marianne me olha e desvia os olhos para a garrafa em sua mão.

— Se quiser, é toda sua.

— Você ou a cerveja? — Dou uma piscadinha junto com minha pergunta. Ela ri e me entrega a garrafa.

— Como consegue beber tanta cerveja e continuar sóbrio?

— É preciso mais que 900 ml de cerveja para derrubar um homem de 1,90m e 93 quilos. — Olho para o rótulo da garrafa. — Ainda mais considerando que essa tem apenas quatro por cento de álcool.

Ela assente e olha para meu abdômen. Sei o que está pensando. Geralmente os "boca de litro" têm a famosa barriga de cerveja.

— Eu faço exercício regularmente, além de praticar esportes. Consigo manter minha forma física em ótimo estado. Um bônus para poder beber

quanta cerveja eu quiser.

— Que bom. Não quero um relacionamento com um desleixado.

— Preconceituosa. — Eu zombo e levo a cerveja dela aos meus lábios.

Ela se aconchega mais ao meu corpo e torna a se calar. É sempre assim. Ela faz algumas perguntas e depois se cala para pensar no assunto. Ou novos assuntos a serem questionados.

— Posso considerar um namoro? — Ela pede, de mansinho, fazendo círculos na minha coxa. — Só para mim... Não conto a ninguém. É porque isso soa meio... sei lá... clandestino e eu não gosto muito.

— Claro, chame como quiser. — A mão dela sobe pelo meu peito e eu vejo algo brilhar em seu dedo. Seguro a mão e olho. Ainda está usando a aliança de compromisso de Ryan.

— Por que ainda está usando isso?

Ela tira a sua mão da minha e olha. Fica confusa e depois ajeita uns fios de cabelo atrás da orelha, que tinham acabado de se desfazer do coque. Ou melhor, eu os desfiz.

— Eu entreguei o anel de noivado para ele.

Mas... Mas nem lembrei desse. Não vi problema em continuar com...

— Eu vejo problema. Ainda mais agora que está com outro homem.

— Sawyer... Não representa nada para mim. Já acabou. Um anel não vai me definir.

— Eu não quero, Marianne.

Seguro a mão dela e gentilmente tiro o anel. Abro a palma da mão dela e coloco a aliança no centro. Quero jogar no mar, na verdade, mas é dela; apesar de tudo o que representa.

Ela aperta os dedos fechando o anel na palma, depois, sem pensar muito, o joga por cima da proteção da varanda para o mar.

— Você tem toda a razão, isso representa atraso na minha vida. Mas fique sabendo desde já que eu não aceito ordens de homem. Comece a querer me controlar e tudo acaba.

Ela é curta e grossa me intimidando. Acho que vou ter trabalho com essa mulher. Começou a ficar intempestiva. Afasta de mim e começa a se levantar. Eu não permito, a puxo de volta.

— É preciso obedecer a algumas coisas.

— Obedecer, não. — Levanta um indicador — Conversar. Nessa relação, não haverá donos.

— Que assim seja. — Eu a beijo para selar nossas palavras. Marianne se entrega ao beijo com a rapidez que eu esperava. Seus dedos nos meus cabelos me puxam para mais perto. Ela não sabe, mas, no momento, a única coisa que pretendo fazer é obrigá-la a ficar perto de mim. Me desespera a hipótese de ela se afastar novamente.

É lógico que vou querer controle, muito controle. Isso é da natureza masculina, zelar do que é seu. E Marianne é minha há muito tempo.

Compartilhamos o beijo por mais algum tempo até ela afastar um pouco. Percebo que está bem mais calma. Como ela pretende me abandonar algum dia se, com um simples beijo, eu consigo acalmá-la? É tão bobinha minha Marianne.

— Agora vá vestir uma bermuda.

Ela tenta se afastar mais, sair do meu abraço.

— Estou incomodando você?

— Sim, está. — Olha para o volume enorme na minha cueca.

— Incômodo bom ou ruim?

— Sawyer! — Ela alerta.

— Não vou vestir nada. Tenho a esperança de voltarmos para a cama.

— Pois mate suas esperanças, não vamos voltar a deitar.

— Só deitar, prometo. Gosto de conversar na cama.

Aninho-a mais ainda junto ao meu corpo e tento beijá-la. Marianne esfrega a boca na minha e desvia do beijo.

— Graham, eu sei que você não vai só conversar.

Eu a pego no colo, Marianne fica dura sem querer ir, mas consigo levá-la de volta para dentro do quarto e deito-a na cama. Imediatamente cubro-a com meu corpo. Marianne olha para o lado e vê minha bermuda.

— Vista. É uma prova de que vamos apenas passar o tempo.

Eu dou um sorriso sacana.

— Não acha que uma bermuda vai me impedir, não é? — Ignoro totalmente para o lugar

que ela apontou e me acomodo ao lado dela. Puxo-a para mais perto e encosto meu rosto no dela. Os lábios quase se tocando.

— Não me beije. — Ela coloca os dedos nos meus lábios. — Se não eu vou ser obrigada a arrancar sua cueca.

Uma gargalhada sai da minha garganta antes de eu colar os lábios nos dela.

CINCO

SAWYER

Anos antes...

Aos treze anos, Kayla voltou a fazer xixi na cama e a se comportar de maneira estranha. Aquilo era um absurdo. E absurdo maior era ver minha mãe batendo nela a cada vez que via a cama molhada. Eu já vinha percebendo várias coisas, que aconteciam nas entrelinhas daquela casa. Tinha acabado de completar quinze e não era nenhum inocente.

Cheguei da escola mais cedo naquele dia, estava cansado, faminto e muito indignado por mais uma vez ter tirado uma nota ruim em uma prova. Matemática nunca tinha sido meu forte, mas achei a nota injusta e tinha uma leve suspeita de que tinha sido baseada no meu comportamento em sala de aula. Tyler Carter era um nome na lista negra dos professores.

Joguei a mochila no sofá, fui até a cozinha, peguei uma caixinha de suco, fui para a sala,
NACIONAIS - ACHERON

peguei o controle e me joguei no sofá. Uma hora sozinho, mais ou menos, até minha mãe chegar e começar a gritar que eu era um imprestável e que já estava na hora de trabalhar. Kayla chegaria duas horas depois, pois tem aulas extracurriculares no laboratório de ciências.

Dei uma golada, zapeei os canais e ouvi um barulho. Olhei para trás e não vi ninguém. Olhei em volta, voltei para a TV, escolhi um canal e, antes da próxima golada na caixinha de suco, outro barulho. Gemidos ou choro. Coloquei a TV no mudo e tentei escutar.

— Mãe? — chamei. Nenhuma resposta. — Kayla? — Nada.

Eu me levantei e andei para a outra sala, olhando para a porta do corredor, de onde vinha o barulho.

— Kayla? Está em casa? — Em passos lentos, fui seguindo na direção do barulho, que aumentava conforme eu caminhava. Passei pelo meu quarto, pela biblioteca e pelo banheiro. No fim do corredor, havia uma porta e de lá vinha o barulho, que era algo como um resmungo grotesco com uma batida de algo na parede. O quarto da

minha irmã. Toquei na madeira da porta, desci a mão para a maçaneta e girei devagar.

O meu mundo meio fodido, acabou por completo na hora que vi a cena à minha frente.



Dias atuais...

Estamos nas Bahamas. Um paraíso na terra. Um lugar que se a gente puder ficar umas duas semanas, ainda é pouco para aproveitar. Aqui cheira à natureza, mar e dia quente, ensolarado. Uma explosão de elegância criada pela própria natureza.

Quando cheguei aqui, cogitei que talvez não conseguisse encontrar Marianne ou que talvez ela se recusasse a falar comigo. Tudo passou pela minha cabeça quando peguei um voo e viajei mais de dois mil quilômetros numa escala de Nova York à Miami e depois outro voo até Nassau nas Bahamas.

Foi loucura? Foi.

Desespero? Certamente.

Um gesto um pouco exagerado para um cara que sempre foi frio e superficial? Cacete! Todos sabem que sim.

No dia em que consegui falar com ela pelo telefone, fui imediatamente até a casa de Candice. Brigamos e quase caímos na porrada, na verdade, ela que gritou a maior parte do tempo.

Eu já estou saturado das imbecilidades de Candice, não suporto mais. Ainda preciso entender toda essa história com ela. É intrigante o fato de ela guerrear comigo sem causa aparente. Ao menos é sem causa aparente, tenho sérias suspeitas de que Candice não se curou da nossa terapia.

Ameacei-a ir até o escritório do marido dela e contar tudo que fiz com ela dois anos antes no meu consultório. Acho que, para se ver livre de mim, ela me disse que Marianne embarcou para Bahamas. Ela também disse que estava muito feliz, porque provavelmente a amiga ficaria alguns dias em Miami quando o cruzeiro terminasse e ela pediria muito a Deus que Marianne encontrasse alguém bacana para ela. Eu não quis ouvir mais nada. Saí rápido, fui na agência e consegui a rota do navio.

É meio doentio? Com certeza.

Obsessivo? Evidente.

Dá para eu controlar? Jamais.

Não pensei em nada, fiz tudo mecanicamente. Peguei algumas roupas meti em uma mochila e comprei uma passagem para Flórida e de lá vim para Nassau. Às vezes tudo de que as pessoas precisam é espontaneidade.

Meu pai nunca teve nada na vida, pois tinha medo de arriscar. Morreu cedo sem ter ao menos um carro.

Jill quer continuar na vidinha de putaria porque tem medo de tentar algo novo. Se eu tivesse medo, hoje eu não seria dono do Kayla, não teria um apartamento de luxo nem seria tão rico a ponto de poder estampar a Forbes.

Estamos andando de mãos dadas pelas ruas de Nassau. De um lado há vários barcos de todos os tamanhos ancorados, do outro, um conjunto de prédios coloridos. É o Harborside Resort. Daqui pegamos um táxi e vamos para o centro da cidade. Agora, no centro, estamos andando mais um pouco, até chegar ao navio.

NACIONAIS - ACHERON

Marianne está maravilhada com tudo. Não a vi feliz dessa forma quando estava junto com o tal Jerry. Não sei se é pretensão minha achar que o motivo do sorriso dela sou eu. Tudo bem, sou pretensioso mesmo e sei que sou eu que a deixo feliz. Mulheres são todas iguais, elas batem o pé, fazem birra, mas, no fundo, querem ser paparicadas. Se os mimos vêm de um homem então... elas ficam assim: sorridentes. Mansinhas como gatinhas domésticas.

Nesse instante, percebo que não joguei dinheiro e tempo fora quando saí às pressas de Nova York e vim para cá encontrá-la.

— Sawyer, quanto tempo pretende ficar?
— Marianne levanta os olhos para mim e eu faço uma cara de: “Estou estudando hipóteses.”

— Eu pensei em passar mais uns dois dias aqui. O que acha?

— Não sei, você está hospedado em um lugar muito caro... Eu não tenho tanto dinheiro.

— Ah, porra, você está comigo!

Ela para de andar e fica na minha frente me encarando.

— Eu vou ficar com você? Lá naquele
NACIONAIS - ACHERON

lugar superluxuoso? — pergunta meio maravilhada, meio surpresa.

Franzo o cenho pensando se talvez ela esteja dando uma de muito inocente. Marianne acha mesmo que eu vou ficar em um hotel e ela em outro?

— É óbvio, né, Marianne? Por que chegou a cogitar o contrário?

— Só queria ser convidada. Adorei o hotel que você está, não vou mentir.

Eu dou um sorriso e beijo os dedos dela. Voltamos a andar.

— Aonde vamos agora?

— Sei lá, podemos tomar uma cerveja fabricada aqui, ir ao Pirates Of Nassau ou...

Ela para de andar de novo e me fita fascinada.

— Sério? Você já esteve aqui?

— Não, só fiz o dever de casa baixando o roteiro de vagem e li no avião.

Marianne fecha a cara. Volta a andar apertando minha mão com a sua delicada mãozinha feminina.

— Estava nos meus planos também ler alguma coisa. Mas certa pessoa resolveu me apunhalar pelas costas, então fiquei meio atordoada.

— Pare de jogar indiretas, Marianne. Você já me perdoou.

— Quem disse?

— Nós firmamos um acordo. Esqueceu?

— Você está sob teste.

— Infelizmente, eu sei disso, mas como sou gostoso, bom partido e carinhoso com você, já passei setenta por cento no teste. Vamos naquele bar ali. — Eu aponto. Sem dar tempo para ela contestar; eu a puxo e seguimos para o tal bar. Preferimos sentar do lado de fora para ver o movimento das pessoas. Peço uma cerveja e Marianne pede um suco natural.

— Antes de vir, eu tinha lido sobre aquários. Onde será que fica? — Ela começa a brincar com meus dedos em cima da mesa.

— No resort, tem aquários, passarela, essas coisas. Quer ir?

— Sim. — Marianne dá um sorriso muito largo. Ela não é como muitas que só se contentam

NACIONAIS - ACHERON

com um diamante bem grande. Lembro-me do anel de Ryan que fiz ela tirar. Decido comprar outro mais tarde. Um que tenha relação comigo, não com outro cara. Essa história de dar anel para ela me deixou meio confuso, pois eu não sou esse tipo de homem. Lembro-me que o dela era apenas um anel de compromisso e ela disse que Ryan tinha dado para ela, pois ele é do tipo romântico antigo que ainda usa anel para namoro. Entretanto, essa hipótese do anel não fez com que eu me escondesse de medo. Sim, eu quero dar um anel para ela. Ainda não pensei o que direi. Apenas darei a ela.

Tem gente, aqueles caras dominadores, que dá coleiras de diamante para a amada submissa. Não chegarei a tanto, a não ser que eu queira ver a Senhorita Fumegante Pelo Nariz fazer picadinho de mim. Já imagino Marianne gritando comigo: “*Tá me chamando de cachorra?*”

Mas o anel também será uma demarcação de propriedade. Eu sei, posso estar sendo um pouco machista. Mas é a verdade. Quero que olhem para ela e vejam algo que diga: Mantenha a distância! Ela tem dono!

— ...e depois poderíamos ir a alguma praia.

— Ela termina de falar sugerindo. Não tinha prestado atenção ao que ela dizia, mas, como ouvi sobre a praia, vou me concentrar nisso.

— Depois do passeio pela cidade, vamos almoçar. Onde estamos hospedados tem praia particular e podemos...

— Nossa, esse lugar que você está é o céu. Estou simplesmente querendo morar lá. E acho que irei ao navio pegar minhas coisas, preciso de um biquíni.

— Deixe isso pra lá, Marianne.

— Eu preciso de roupas, Sawyer, será rápido.

Noto que aquilo não foi um pedido. Ela já tomou a decisão e larga a minha mão. Acham mesmo que essa mulher aceitaria uma coleira?

— Se não quiser ir, pode sentar aqui e me esperar. Volto logo. — Já pega a pequena bolsa na mesa.

Seguro a mão dela.

— Sente-se e acalme-se, mulher. Vou com você.

— Mas...

— Sem “mas”. Relaxe e aproveite. — Pego meu celular, digito um endereço eletrônico e entrego para ela quando um site abre.

— Divirta-se um pouco conhecendo a grandeza do Atlantis Paradise.

Ela recebe o celular.

— Fazendo propaganda, Sawyer?

— Não. Apenas quero convencê-la a ficar comigo lá pelo tempo que eu quiser ficar.

Ela me ignora e começa a olhar.

Eu a observo navegar pelo site do hotel encantada.

— A Marine Habitat é onde poderemos estar em contato com o mundo marinho. Vou levar você lá para ver os aquários.

— Meu Deus! Esse resort é quase uma cidade! — Ela exclama de olho na tela.

— Pois é, tem cinco alas. A que eu estou é a The Cove.

Ela levanta a cabeça e me olha.

— Você é muito exagerado. Poderia ter ficado em um lugar mais barato, é apenas você. Não precisa de um quarto daquele tamanho.

— Eu tenho dinheiro para comprar o bem-estar. Então não vejo problema em gastar. Além disso, preciso considerar todas as opções, conhecer os lugares, ter contato com todo tipo de hotel e resorts. Lembra qual é minha missão?

— É verdade. Você vai trabalhar com hotéis agora. Quero que me conte seus planos depois.

— Sim, senhora.

Ela me entrega o celular e bebe o suco. Ficamos mais um pouco no bar e Marianne não discute mais comigo, pelo menos por enquanto.



O navio ainda está atracado no porto. Conversamos com um funcionário e entramos para pegar as coisas dela, mas antes ela teve que dar baixa em sua estadia no cruzeiro. Marianne me guiou por todo o luxuoso navio. É mesmo muito bonito, talvez um dia eu marque um cruzeiro e, claro, a trarei junto comigo nem que seja amarrada. Com ou sem coleira. Durante anos seguidos fui o

centro das atenções nos cruzeiros anuais de Amanda. Meu bom Jesus! Era pura perversão.

Chegamos à cabine dela, fico meio surpreso de ver que é uma cabine de primeira classe. Mais uma vez, a imagem daquele cara junto com ela me vem à mente e isso me deixa pirado de tanta raiva. Será que ele entrou aqui? Essa hipótese me faz querer arrancar meus cabelos. Estou num ciúme desgraçado.

— Pode me ajudar? — Ela indica a mala em cima da cama. Tudo está muito arrumado e preparado.

— Já está tudo pronto? — Abro o armário. Está vazio, nenhuma peça de roupa.

Ela dá de ombros.

— Eu pretendia mesmo sair desse navio. Independentemente de você ter aparecido ou não.

— E por que ficou se fazendo de difícil dizendo que tinha que voltar?

— Porque com você não posso ser 100% conivente. Você sabe que é um atrevido na maior parte do tempo?

Cruzo meus braços e a encaro de olho torto.

— E quem é a culpada pelo meu atrevimento?

— Sua mãe que não lhe ensinou bons modos. Quando uma mulher diz não, é não e pronto.

— Está dizendo *não* para mim agora?

— Eu disse *não* para você desde que nos conhecemos. E mesmo assim não respeitou minha vontade.

Ela também cruza os braços e levanta o queixo.

— Porque eu lido com as mulheres e sei quando uma está mentindo. A quem quer enganar Marianne? Sua vontade na maior parte do tempo é trepar comigo. — Provoco. — Se não fosse, já teria me mandado embora.

— O quê? Eu te mandei embora um trilhão de vezes. — Ela não esconde o tom de injustiça na voz. As mãos dela pousam na cintura, com pose de quem quer briga. Fica tão gata, minha atração por ela triplica.

— Mas não enfaticamente. Só disse por dizer, para se fazer de difícil...

— Está vendo? É disso que estou falando.

Você sempre tira conclusões próprias sobre as minhas vontades e sentimentos. Quer dizer que se uma mulher não quer sexo ela está se fazendo de difícil? Como pode ser machista assim?

— Eu não sou machista.

— É. Acabou de ser.

— Tá. Eu estava apenas te provocando. Claro que sei respeitar a vontade de uma mulher, sei muito bem quando alguma não quer nada comigo e sou adulto o suficiente para não forçá-la. Assim como sei quando uma quer algo comigo.

— Você praticamente me obrigou a começar um tratamento pervertido em seu falso consultório. Me sinto uma depravada por sua culpa.

Agora ela não me provocou, mas jogou inverdades na minha cara. Ela que disse que estava apaixonada por mim, não obriguei a dizer isso, ela que expôs o que sentia.

— Então a culpa pelo seu fogo na cama é minha?

— Claro que sim, Graham! Eu era a droga de uma puritana medrosa até você aparecer com... com isso tudo e me tirar do sério.

Ela fala e aponta para meu corpo. Sei que
NACIONAIS - ACHERON

tenho uma forte força de persuasão contra ela e não preciso fazer nada, apenas ficar aqui parado me exibindo.

— A culpa do meu descontrole é sua. — Ela completa a acusação.

— Eu achei que isso fosse uma coisa boa. Fiz você florescer para a vida, a tirei daquela casca de medrosa. O que quer fazer sobre isso? Vamos, me diga agora.

— Agora você pergunta? Agora que já não consigo ficar sem... isso. — Ela torna a mostrar meu corpo.

— Então para você eu sou apenas um corpo gostoso?

Eu sei que não. Para ela, há muito mais que prazer envolvido, sei disso. Mas quero apimentar um pouco mais essa conversa ridícula, nenhum de nós tem culpa de sentir isso pelo outro. E se tiver, é uma culpa que aceito muito bem. Fiz sim, seduzi sim, mudei a mente dela com um bom sexo e viciiei-a a dar para mim. Não estou arrependido. Balanço a cabeça lentamente, fingindo decepção. Ela fica surpresa com minha pergunta.

— Hã... Eu não...

— Você disse, Marianne. Disse duas vezes.

— Que droga! — grita, afastando-se. Joga os cabelos para trás e respira pesadamente.

— Uma mulher não se apaixona só por um belo corpo. Por mais atrevido que você seja, tem algo muito tolo dentro de mim que ainda não o odeia. E era o que eu devia sentir.

— Por que deveria me odiar?

— Porque você não é bom para minha saúde. É como algo radioativo que está sempre me bombardeando com partículas radioativas. Absorve toda minha capacidade de raciocínio e eu odeio não ter controle na minha vida.

Porra, agora meu ego inflou muito. Fiquei feliz em saber que exerço tanto poder sobre ela. Eu me afasto dela, vou até a porta da cabine e a fecho.

— O que está fazendo?

— Vou comer você agora para mostrar que também não é boa para minha saúde mental.

Abraço-a. Marianne me olha aterrorizada.

— Converse como uma pessoa normal, Graham. Pare de tentar resolver tudo com sexo.

— Não me culpe querida. É meu modo de

comunicar. Sei que vai entender perfeitamente. Agora venha que essa cama está me chamando para pular em cima dela. Ou melhor, fazer você pular muito.

Puxo Marianne pelos braços, ela tenta impedir com os pés fincados no chão. Eu a abraço e dou um impulso para trás jogando nós dois sobre a cama. Marianne caiu em cima do meu corpo e, antes que pudesse se mexer, eu já tinha tomado seus lábios em um beijo ardente, um braço circundando a cintura dela e a outra mão em sua nuca.

Ela não teve chance alguma de lutar, mesmo que ainda tentasse se agarrar ao orgulho e não se entregar, eu já a tenho toda fraca em cima de mim.

Continuo o beijo, acabando de vez com a força dela. Marianne se rende e me beija de volta, se apressa em percorrer todo o meu corpo com as mãos ansiosas. Seus dedos afagam o volume que se formou em minha bermuda.

Afasto os lábios dela e dou um sorriso preguiçoso. Tiro-lhe os cabelos do rosto.

— Está vendo como isso é bom para nós

dois? Gosta de como eu fico por sua causa? — Enquanto falo e acaricio com o polegar os lábios dela, Marianne olha fixamente para minha boca, como uma criança olha um doce.

— Você sabe meu ponto fraco e usa isso contra mim — Ela responde e me beija, como se não pudesse mais suportar. Eu rio em meio ao beijo.

— Está rindo de mim?

— Claro. Adoro seu desespero querendo me devorar. — Continuo com o rosto dela em minhas mãos.

— Você é tão arrogante...

— Isso não é um problema quando estou nu.

Ela nem espera eu terminar de falar e agarra minha camisa com força enquanto toma meus lábios em mais um beijo. É muito bom vê-la ativa, cheia de vontade, sedenta pelo prazer que eu posso lhe proporcionar. Sedenta por mim.

Marianne não é a primeira a demonstrar isso. Praticamente todas as mulheres se jogavam aos meus braços e agiam assim, sedentas. Mas com Marianne, o sexo fica muito mais fascinante, fica

estratosféricamente maravilhoso. Divinamente delicioso.

Minhas mãos percorrem o corpo feminino em cima de mim, acaricio a bunda dela por cima do vestido e dou um tapa. Bunda boa e grande. Essa mulher ainda acaba com meus dias de sossego.

Ela para de me beijar e sorri. Está surpresa pelo meu tapa, mas gostou.

— Se me bater de novo, a coisa vai ferver para seu lado. — Ela ameaça. Seguro os braços dela nas costas e dou outro tapa.

— Talvez eu queira que a coisa ferva. — Marianne se contorce contra meu corpo, contra minha boca e arfa quando mordo seu lábio.

— Seu sacana sem-vergonha.

— Sem-vergonha é a trepada que vamos ter agora. — Liberto as mãos dela e subo a mão para a nuca, a puxo novamente para meus lábios e continuo apalpando a bunda dela, com muita ousadia. Meus dedos passeiam despreocupados pelo meio entre suas nádegas e, com isso, consigo arrancar um e depois mais outros gemidos dela. Marianne já está adiantada com a mão dentro da minha bermuda massageando meu pau.

Mas, infelizmente, não podemos prosseguir porque dois toques na porta paralisam qualquer movimento meu e dela. Em seguida aos toques, ouvimos a voz cautelosa de um homem. Enrijeço e fico sério quando ele diz:

— Mary? Está aí?

Marianne está deitada em cima de mim com os olhos arregalados. Ela faz menção de se levantar, mas eu a seguro.

— Graham... — Ela protesta em um sussurro.

Eu tampo sua boca com minha mão e, com o dedo indicador nos lábios, faço um gesto para ela ficar em silêncio.

Não sei por que esse cara está aqui na cabine dela, só o fato de saber que tem um homem rondando o que é meu, fico revoltado. Tenho vontade de abrir a porta e bater na cara dele. Mas não posso fazer isso, pois esse e os dias que se seguirão serão necessários para ganhar a confiança de Marianne. Se eu armar uma cena aqui em público, corro perigo de ela ficar zangada.

As batidas na porta se tornam mais fortes.

Porra! Esse cara está torrando minha

paciência. Pedação de merda do caralho!

— Mary. Sou eu, Jerry.

Marianne tira a minha mão da boca, com os olhos arregalados.

— Não se levante. — Aviso. — Logo ele vai embora. — Emendo em um cochicho.

Minha voz soou como uma ordem e não é isso que quero passar para ela. Mas não tem jeito, em um momento assim, é difícil esconder a raiva.

— Eu vi você entrando... Achei que pudesse... Você está com raiva de mim?

A voz do tal Jerry é muito calma e demonstra alguma tristeza. Marianne vai levantar que eu sei. Continuo prendendo-a em cima de mim. Nossos olhos fixos um no outro. É como se nós dois estivéssemos esperando qualquer sinal para agir, eu apenas espero que ela concorde comigo e deixe o idiota ir embora. Até que ela decide mentalmente o que fazer. Consegue sair de dentro do círculo dos meus braços e ajeita o vestido.

— Marianne. — Eu a chamo. Sento-me na cama.

— Não, Sawyer. Não consigo ser tão mal-educada. — Ela diz e corre para a porta. Abre
NACIONAIS - ACHERON

apenas um pouco. Jerry não pode me ver.

— Oi.

Eu escuto a voz melosa dele e me deito de costas na cama. Fecho meus olhos para me concentrar e ouvir o que eles vão falar.

— Eu vi você entrando... Achei que fosse ficar fora...

— Não, resolvi voltar para pegar minha bagagem. — Marianne responde e eu não gosto do tom de voz dela. Devia parecer fria, mas está amigável com um cara que quer enfiar a merda do pau nela.

— Vai abandonar o cruzeiro? — Ele pergunta abalado.

Sim, ela vai. — Eu respondo mentalmente.

— Eu decidi ficar por aqui. Gostei do lugar e estou hospedada em um hotel.

— Com aquele cara? — pergunta todo temeroso. Não sou um terapeuta, mas posso analisar vozes e olhares muito bem. Foram anos e mais anos trabalhando tentando resolver os problemas das pessoas.

Noto pelo timbre dele como está frustrado

por Marianne não ter brigado comigo. Eu até admiro a força dela ao tentar brigar comigo. Mas eu não deixei. Não viajei milhões de quilômetros para brigar com minha garota.

— O navio não estava me fazendo bem, Jerry. Estava me sentindo claustrofóbica.

Ela ainda tenta explicar. Que ódio!

— Vocês dois... estão juntos? Tem algum relacionamento com ele? — O banana pergunta.

Minha respiração fica suspensa esperando a resposta dela. Marianne praticamente concordou em tentar um relacionamento comigo, quero ver se será em público, abertamente, para que todos saibam ou se ela vai preferir me manter afastado.

— A gente está se entendendo, Jerry — responde, sem titubear, com a voz firme.

Fico meio revoltado, tiro a camisa e desabotoo o botão da bermuda. Marianne vai aprender que não pode mentir tão descaradamente.

— Entendo — responde. — Já que vai abandonar o barco... Não quer almoçar comigo?

O quê? O idiota a está convidando para um encontro? É hora de o Capitão Graham entrar em cena.

Eu me levanto e me espreguiço. Estou apenas de cueca. Vou em direção à porta e abraço Marianne por trás. Jerry arregala os olhos quando me vê. Eu quero socar a cara dele e depois quebrar uma ou duas costelas desse desgraçado. Entretanto, estou mais revoltado por ela não o ter enxotado no primeiro instante. Minha atitude, todavia, é mais que um soco no estômago dele.

— Oi, me deixou sozinho na cama. — Eu beijo a curva do pescoço dela de modo relaxado. Marianne está toda rígida dentro do meu abraço. Olho para Jerry.

— Olá, nós nos vimos mais cedo — digo, tentando parecer mais amigável.

— Sim, nos vimos. — Ele se afasta um pouco e me ignora. Olha para ela como se eu não estivesse ali. — Eu posso voltar outra hora...

Isso. Suma daqui!

— Não, Jerry. Está tudo bem... Eu...

Sei que Marianne está zangada por eu ter interferido, ainda mais dessa maneira, quase pelado abraçando-a na frente da visita. Mas não existe um modo de ela se vingar de mim, nada que ela faça pode me abalar, pois depois viro o jogo com um

bom sexo.

— Eu vou almoçar com você, Jerry. Eu prometi que iria, não é?

Eu a encaro, aterrorizado. O homem ruivo curva os lábios em um sorriso.

Maldita! Ela soube de uma forma muito baixa de se vingar. Como posso virar esse jogo?

— Não tínhamos um compromisso? — De modo indiferente e falsamente frio, eu indago.

— Eu não verei Jerry novamente, Sawyer. Então vou almoçar com ele em uma espécie de despedida. Se você quiser vir, tudo bem. Se não quiser...

Um homem aguenta muitas coisas. Somos capazes de superar ou tolerar desde teimosias a insultos, menos perder para outro cara. E quando o assunto é mulher, aí o caso fica sério. Muito sério. Aviso desde já: nunca toque no carro ou na mulher de um cara, as consequências podem ser terríveis, ninguém quer ser o perdedor e, no momento, sou o perdedor.

O ruivo está cada vez mais feliz. Agora ele me olha todo inflado com a mesma expressão que Armstrong chegou aqui na Terra depois de ter

NACIONAIS - ACHERON

pisado na lua. Eu me afasto de Marianne, saio do quarto e vou até dele.

— O que está querendo? — questiono. Ele não se deixa abalar pelo meu tamanho. Se bem que ele é quase do meu tamanho, só um pouco mais magro.

— Nada com você.

O enferrujado é muito petulante. Ele me encara como se eu não pudesse tocá-lo. E não posso mesmo, não com uma mulher por perto, que pode acabar comigo com uma única palavra.

— Sawyer. — Marianne me chama como se chama um cachorrinho que sai na rua aprontando.

Não olho para ela, continuo encarando o homem.

Será que ela não pode entender que estamos nos encarando como machos brigando pela fêmea? Eu estou ameaçando ele com o olhar e ele tenta se proteger com um mais duro.

— Saia daqui. Ela não vai a lugar algum com ninguém. Fora! — Estico o braço e aponto o corredor. — Antes que eu resolva usar sua cara para limpar o chão.

— Sawyer! Chega! — Marianne interrompe minha performance de macho alfa.

— Jerry, eu volto para o almoço no navio — diz ela, o homem dá um tchauzinho para mim e sai. Marianne segura meu braço para eu não correr atrás dele.

Eu entro na cabine com muita raiva. Perdi uma batalha. Sou definitivamente o perdedor. Não me sentiria tão mal se ele tivesse quebrado os retrovisores do meu menino, o alfa Romeo.

Estou tão furioso que mal consigo ver qualquer coisa à minha frente. Acho que um animal com raiva age assim.

— O que pensa que está fazendo? — indaga enquanto eu me visto na velocidade da luz. Não respondo, pois, se eu responder, posso me arrepender depois. Palavras profanas sairão da minha boca.

— Sawyer, olhe para mim.

Não olho.

— Jerry é um amigo. Eu jamais interromperia uma conversa sua com uma amiga. Por que tem que fazer essas coisas? Sabe como eu odeio ser controlada e...

Eu já terminei de vestir e meu olhar de desgosto a atinge fazendo-a se calar.

— Quer controle? Pois está tendo. — Eu pego a carteira e o celular e vou para a porta, saindo da cabine. Não quero ir, mas tenho orgulho o suficiente (do tamanho da Rússia) para não ficar aqui feito um bobo fracassado.

— Sawyer... — Ela corre atrás de mim. Eu paro no meio do corredor e me viro.

— Você não precisa fazer disso...

Marianne está pálida. Acho que agora ela é a perdedora, perdeu o Ex-Terapeuta fodão e ganhou um Água de Salsicha.

— Você marca um encontro com outro cara na minha frente e ainda tem coragem de tentar impor alguma coisa?

Eu levanto as mãos para o alto em um gesto de rendição.

— Venceu, Marianne. Pode comemorar. Conseguiu me enxotar. Acho que um cara que viaja de tão longe só para te ver não merece mesmo consideração. — Jogo na cara dela para se sentir bem culpada e vir atrás de mim. Sei que ela vai vir.

Viro-me de novo e saio. Eu gostaria de ter
NACIONAIS - ACHERON

acrescentado: “E se quiser me ver, sabe onde me encontrar.” Mas não completei para não parecer ansioso pela visita dela.

Já corri muito atrás de Marianne. É hora de ela mostrar o que quer.

Percebo que não quero continuar nesse navio. Também não quero voltar ao hotel onde, há pouco tempo, eu estava na cama com ela. Percebo que não quero ficar aqui em Nassau.

SEIS

SAWYER

Estou parado no píer olhando para o mar. Quero voltar para o aconchego do meu apartamento em Nova York, onde posso levar Marianne comigo e governar como quero, sem outras influências por perto.

Garanto que se eu vir o ruivo agora, eu vou ser obrigado a dar uns solavancos nele e possivelmente serei preso por afogar um homem e matá-lo.

Respiro fundo, sentindo o cheiro da brisa do mar. Caminho devagar sem destino até que percebo que estou sendo um grande maricas com esses sentimentos tolos no peito. Marianne é apenas sexo, um sexo bom na verdade, mas não passa disso. Meu inconsciente tenta me convencer disso. Eu sou homem, o garanhão que pode conseguir

qualquer mulher ao redor, não preciso ficar em fossa por causa de uma teimosa como ela.

Resolvo cumprir o que havia planejado sozinho. Vou então para o tal aquário que ela queria conhecer. Acho que ver peixe vai me acalmar. Eles são tão pacíficos e chatos que vão me deixar também pacífico, assim eu penso.

A imagem dela sentada a uma mesa com outro homem não sai da minha cabeça. Ainda mais um homem que já deixou claro que quer comê-la. Tento não pensar nisso, não vou me torturar com essas imagens.

Não sei quanto tempo se passou desde que estou ali feito estátua olhando o aquário gigante ao meu redor. É algo que diz respeito às ruínas da lendária cidade Atlanta, mas nem estou ligando para isso.

Sinto-me como se eu estivesse em um aquário e os peixes estivessem olhando para os humanos tolos. Em minhas mãos, um pacote de pipoca caramelizada que comprei nem sei por quê.

Os óculos escuros impedem as pessoas verem meus olhos frustrados. Olho para o lado e uma loira muito bonita está de olho em mim. Sorri

quando olho para ela e passa a língua nos lábios.

Fosse em outra época, eu já estava metendo pau nela em algum banheiro ou quarto de hotel. Suspiro e olho de volta para a parede de vidro. Algo achatado passa nadando. Acho que é uma arraia.

Marianne me estragou. Como eu pude me tornar essa coisa sem graça e fiel?

Algo rompe em minha cabeça (não é uma veia e não estou tendo um aneurisma). Eu arregalo os olhos. Não posso perder minha essência sendo uma coisa fútil. Eu, fiel? Jamais.

Olho novamente para a loira e ela sorri de novo para mim. Dou alguns passos diminuindo a distância entre a gente. Vou mostrar para mim mesmo que sou Sawyer Graham, o lendário Big Tyler e não me submeto a sentimentos de homens comuns.

— Oi. — Eu a cumprimento e jogo uma pipoca na boca. — Vida agitada a deles, não é? — Aponto com o queixo para os peixes.

— Pois é, só servem mesmo para a gente comer.

Penso que, se fosse Marianne, ela teria me

NACIONAIS - ACHERON

explicado a diferença de um peixe ósseo para um cartilaginoso e ainda enumerado as diversas coisas que fazem a vida de um peixe ser mesmo agitada.

— Sou Britney. — Ela estende a mão para mim e eu olho para a mão dela. Acho que aqui ninguém conhece minha fama.

— Sawyer. — Aperto a mão pequena, percorro o corpo dela com o olhar. Ela é pequena, não tão gostosa como Marianne. Usa um short curto e uma blusa folgada que eu não sei o nome, mas que mulheres grávidas costumam usar. Sei que ela não está grávida, é apenas moda.

Ela tem um belo corpo confeccionado em uma academia. Pernas torneadas e seios fartos, os cabelos são loiros de uma cor estranha. Parece meio acinzentado. Não entendo dessas tintas que elas passam nos cabelos. Os de Jill são mais para o amarelo, o de Amanda era um loiro mais escuro quase da cor de mel antes dela pintar de vermelho e o dessa é meio cinza talvez, a única coisa que sei é que ela não veio com essa cor de fábrica.

— Um belo nome. Inglês? — pergunta, fingindo se importar. Será que ela já ouviu falar em Tom Sawyer, ou pensa que o único Sawyer é o cara

de Lost, como eu pensava? E por que ela acha que sou britânico? Tenho sotaque?

— Americano.

— Sou australiana.

— Adoro as praias australianas.

— Só as praias? — pergunta, fazendo um gracejo dispensável. Dá um passo e se aproxima mais de mim. Propositalmente passa a língua nos lábios novamente, insinuando o que quer.

Olho para as unhas dela, muito grandes e bem-feitas, pintadas de algo incolor com as pontas brancas.

Jill costuma fazer isso sempre que precisa ir trabalhar.

— Já esteve por lá?

Eu volto minha atenção para o rosto dela.

— Em um congresso, sou terapeuta.

Mentira, fui lá farrear. Pode não parecer, mas os rapazes e eu surfamos pra caramba. Sempre tiramos umas semanas de férias em cada ano para ir surfar em algum lugar.

— Um terapeuta? — Ela me mede de cima a baixo. — Uau! Sabe, eu preciso mesmo

desabafar. Não quer ir para um lugar mais calmo... e menos chato? — Ela aponta para o vidro dos peixes.

Uma mulher como as outras que cruzaram meu caminho e que sempre vão cruzar. Nunca conseguirei encontrar alguém como Marianne.

Eu não respondo, apenas dou um meio sorriso que as mulheres consideram safado. Eu não percebo a insinuação sexual nos meus sorrisos. Elas afirmam que têm e que eu faço isso deliberadamente como técnica de sedução.

— Então você tem problemas e precisa de um terapeuta?

— Sim. Onde você pode me consultar? Está aqui em um cruzeiro?

— Não. Estou hospedado no Atlantis.

— Sério? — Ela quase grita. Uma voz aguda. Está chocada por eu estar hospedado em um dos melhores hotéis.

— Pois é... — Dou de ombros, mostrando indiferença quanto a esse fato.

— Eu adoraria poder ao menos entrar. — Ela pisca em um gesto sugestivo. — Penso como devem ser os quartos, a cama...

Ela sugere mais ainda. Deve fazer isso com frequência. Não consigo deixar de pensar em outra mulher. Eu poderia sim levá-la {a minha suíte. Daria o que ela quer, aliviaria meu estresse e mandaria a bandida da Marianne ir se danar. Por que não pode ser tão simples?

Britney dá um passo e toca no meu peito. Seu dedo desce mais um pouco pelo meu abdômen, no rosto, um sorriso malicioso. Morde os lábios para me provocar. Agora sou uma conquista bem maior para ela. Suponho que antes ela me quisesse pela minha aparência, agora, pela minha conta bancária.

Por que não posso simplesmente aproveitar a chance de um sexo casual com uma estranha e seguir minha vida? Há algo, ou melhor, alguém, que me coloca contra a parede e não permite que eu a tome e a leve para um lugar isolado onde possa me divertir um pouco.

Levanto os olhos, como se atraído por algo, olho por cima do ombro roliço da loira e um gelo cobre toda minha pele e meu interior. O "algo" que impede que eu prossiga comendo mulheres estranhas está materializada e petrificada a alguns

metros olhando para mim.

Marianne fica inerte. Os olhos como sempre, arregalados. Os sentimentos que tomam meu peito quando a vejo são tão bons que não sei como pude ser capaz de deixá-la para trás.

Ela fica por alguns instantes desconcertada sem saber o que fazer, me pegou no flagra e agora sinto que minha situação está um pouco ruim. Britney olha para o lugar que estou encarando. Mesmo virando-se, ela continua com a mão em mim. Agora em meu ombro, em um gesto íntimo. Marianne vira-se rápido e sai quase correndo do alcance dos meus olhos.

Reajo imediatamente.

— Tenho que ir.

Britney arregala os olhos e segura meu pulso.

— Mas a gente...

— Sei o que você quer e não posso te dar.

— Dou um tapinha no rosto dela. — Sou comprometido. — Não espero a resposta e saio correndo. Nunca achei que fosse ficar tão feliz de dizer que sou comprometido.

Marianne veio atrás de mim ou estou
NACIONAIS - ACHERON

imaginando coisas? Ela se humilhou, deixou o almoço com Jerry, veio me ver e encontrou um cafajeste flertando abertamente com outra.

Será que estou muito ferrado?



MARIANNE

Maldito cafajeste! Resmungo interiormente enquanto ando apressada. O que deu em mim para deixar o navio e vir me desculpar com Sawyer? Eu decidi me humilhar por não querer ser abandonada e olha como ele está sofrendo!

Cachorro! Patife!

Quero morrer, ou melhor, quero matá-lo.

A imagem da vadia acariciando o peito dele sem que fosse impedida me deixa tão furiosa que mal consigo me controlar. Tenho vontade de gritar, voltar lá e bater nos dois. O ciúme é tanto que fico com medo de um ataque.

Para mim, um ciúme nessa proporção é novo, eu não sentia isso com Ryan. O dia em que o vi dançando na festa de Candice, tive apenas raiva por ele ter me deixado sozinha e por ter mentido para mim. Quando me traiu com Alice, a raiva foi pela mesma causa, a mentira e por ser minha irmã. Mas com Sawyer, eu me sinto possessiva em relação a ele. Aquele corpo não é para ser tocado por outras, apenas eu. Se ele me propôs um relacionamento íntimo, então que faça as coisas de maneira certa.

— Mary! — Ouço ele me chamar, mas não paro de andar.

Fiz o que pude Sawyer, fiz minha parte vindo até aqui me desculpar. Eu penso andando mais rápido. Sei que não vai adiantar nada eu andar rápido fugindo dele, porque Sawyer não está nem aí e corre atropelando o povo. Como eu esperava, ele me alcança e me segura. O movimento foi tão brusco que eu me viro e vou de encontro ao peito dele.

— Não fuja de mim. — Ele pede com um olhar ardente.

— Eu não estou fugindo, apenas quero sair

logo daqui.

— Mary...

Tiro o braço da mão dele. Quero tanto dar uma de indiferente, mas não consigo. Minha mão coça para dar vários tapas nele.

— Está tudo bem, não precisa me explicar nada. — Minha voz tinha que sair macia e esnobe, mas é apenas um chiado de ódio. — Nós não temos nada. Você pode sair com quem quiser e eu também.

— Não, não está tudo bem. Não quero sair com todo mundo e não quero que você saia com mais ninguém que não seja eu.

Esse miserável está tentando enganar você. A Marianne racional sopra no meu ouvido.

Tá, não me amola.

Só estou avisando.

Eu fico olhando para o rosto dele, seus olhos verdes brilham. Tento distinguir um sinal de manipulação, mas vejo apenas pura verdade. Decido que não vou perguntar sobre a mulher. Não vou descer a esse nível de demonstrar ciúmes.

— Eu fiquei tão arrasado quando marcou

de almoçar com aquele... merda — disse ele, com os dentes trincados de raiva. — Poxa, a gente já tinha planejado tanta coisa, nós almoçaríamos juntos, ficaríamos boa parte descansando no quarto e depois iríamos nadar na praia. Você simplesmente preferiu um almoço tedioso com ele a sair comigo. Fico torcendo para que você tenha feito isso apenas para me provocar.

Sinto muito, meninas. Eu disse que não falaria da vaquinha loira, mas ele me deu munição.

— Então se sentiu tão arrasado que veio à caça? — Lanço um olhar debochado.

Sawyer segura meu pulso novamente.

— Sei que viu o que aconteceu, Marianne. Eu não estava dando em cima de ninguém. Estava parado, com os braços abaixados e ela tentava ridiculamente me seduzir.

— Suas pernas travaram? Ficou mudo? Não poderia dar um passo para trás ou dizer para ela se afastar?

— Marianne! Eu não estava...

— Mas é o que pareceu.

— Pareceu, mas não era.

Olho para meu pulso preso na mão dele. Sawyer usa o polegar para acariciar minha pele naquele lugar. O simples contato é capaz de distribuir eletricidade por todo meu corpo, minha xoxota responde assanhadinha.

Minha Marianne depravada tenta me controlar, mas a Marianne boa de briga dá um empurrão nela.

Puxo minha mão.

— Me larga. — Minha voz sai como um rugido, fazendo o povo olhar para a gente.

— Mary... Poxa...!

— Poxa é o cacete! Fala sério! Eu venho aqui procurar você e o encontro com uma...

— Eu já te expliquei, não aconteceu nada.
— Ele dá um passo na minha direção e eu dou dois para trás.

— E se eu não tivesse chegado? Teria acontecido?

Que Droga! Eu não queria estar fazendo essa cena de mulher ciumenta. Mas eu acabei de ser traída pelo meu namorado e agora o cara com quem estou ficando é flagrado de papinho suspeito com outra. Não dá para suportar.

NACIONAIS - ACHERON

— Não teria. Juro. E você não pode falar nada, marcou de almoçar com aquele cara...

— Não é a mesma coisa, Sawyer! — Berro, interrompendo-o. — Que droga! Eu não quero nada com Jerry.

— E eu não queria nada com ela. — Retruca, exasperado.

— Peça desculpas. — Cruzo os braços, encarando-o com raiva.

— O quê?

— Quer que eu continue no hotel com você?

— Você vai continuar no hotel comigo — afirma com seu jeito prepotente.

— Você acha mesmo, não é? Não vai me pedir desculpas?

— Pelo quê? — Irritado, pressionado, ele bate as mãos nos quadris.

— Por não ter me respeitado e por ter deixado a fulana tocar em você.

Sawyer faz uma careta de incredulidade

— Você disse que a gente não devia explicação um ao outro...

— Eu disse, mas voltei atrás. Não vai mesmo me pedir desculpas?

Ele fica mudo com cara de contrariado, eu me viro e saio. Rapidinho, ele me acompanha.

— Desculpa. — Ele fala alto — Me perdoa. Eu estava mesmo furioso com você e até tentei flertar, mas não consegui, quero só você, se eu quisesse foder adoidado nem tinha saído de Nova York. Desculpa.

Ao menos o olhar dele é sincero. Está meio tenso. Continuo de cara dura e braços cruzados. Sawyer dá um passo e acaricia meu braço.

— Fiquei tão feliz quando vi você — diz num tom macio. — Estava tentando engolir meu orgulho e ir atrás de você e não deixar que almoçasse com Jerry.

Dá mais um passo e estamos bem próximos. Sinto a respiração dele e o cheiro que me deixa louca de desejo. Já começo me acalmar. É como sentir cheiro de comida e querer prová-la. Vejo que é inútil brigar com ele, se eu jogá-lo às traças, milhares de mulheres brigarão para resgatá-lo da sarjeta.

— Nós nem temos nada mesmo... — Faço

bico, me fazendo de vítima.

— Como assim não temos? Você concordou em ser minha em um relacionamento sério e fechado. Não gosto de dividir minhas coisas, não quero pensar na possibilidade de você almoçando com um cara, ainda mais um que não esconde que quer você. Eu ainda não sei lidar com essas coisas de relacionamento, mas sei dos meus direitos como uma das partes do casal.

— Direitos e deveres, né?

— Sim, claro.

Tento não sorrir e pergunto só para ouvir novamente:

— Nós somos um casal?

— Um homem e uma mulher juntos, mesmo que não sejam casados ou namorados, formam um casal. Mas se não quiser ver assim, posso chamar nós dois de time ou dupla.

Eu tento bravamente esconder o sorriso. Não quero ser fraca e desistir fácil. É difícil permanecer irreverente com ele me acariciando dessa maneira, tão próximo que sinto o calor dele. Preciso ficar de rosto levantado para encarar seus olhos verdes.

Feche a cara e negocie, Marianne. Aproveite que está no comando por cinco minutos. Minha Marianne Racional me aconselha.

— Então você quer ter alguns direitos sobre mim? — pergunto me fazendo de chocada.

— Não pense dessa forma. Quero os direitos que todos os homens têm. Como não permitir que você saia em um encontro com outro cara, zelar pelo seu bem-estar, mesmo que para isso precise trancá-la em um quarto e fazer você perceber o que é certo, poder beijar e ser beijado a qualquer hora e lugar.

— E quanto aos meus direitos?

— Diga.

— Você tem trinta e dois anos. Sabe dialogar. Quero e preciso que me escute. Não quero que por qualquer coisa me jogue em algum lugar e tente fazer sexo comigo para eu esquecer.

Ele arqueia as sobrancelhas. Pensa, pensa... e dá de ombros.

— Ok.

— Apenas ok? Deixa eu ver suas mãos para saber se os dedos não estão cruzados. — Ele estende as mãos. Já está rindo.

— Só isso?

— Não quero que fique abrindo os dentes para qualquer mulherzinha que apareça ou juro que nem toda desculpa do mundo fará você se safar.

— Olha só isso, Candice. Marianne está com ciúmes de Sawyer Graham. Não é fantástico?
— Ele graceja falando como se Candice estivesse presente. Em seguida, me puxa definitivamente para seus braços, prendendo-me em um abraço apertado, tão gostoso e confortável que sinto meu corpo amolecer dominado pelo calor dele.

Sawyer acaba com todos os meus sentidos. Só ele consegue aniquilar minha Marianne racional.

— Estou falando sério, Sawyer.

— E eu também.

Eu reviro os olhos.

— Que feio, senhorita Cooper. Revirando os olhos com desdém para mim?

— Ultimamente você está merecendo mais que desdém.

— Estou é? — O sorriso charmoso de Sawyer é tão lindo que dá vontade de olhar a vida toda.

Pronto, acabaram meus cinco minutos de comando. Já estou me derretendo por ele.

Ele rouba um beijo e acaba virando um furacão de línguas. Não foi só um selinho, foi um aprofundar de lábios, pude sentir seu gosto e sua língua se movendo rapidamente, seus lábios macios contra os meus, me dando alívio e muito tesão.

— Então, nada de almoço com Jerry? — Ele afasta o mínimo para perguntar.

— Não. Fiquei com a consciência pesada por você ter ido embora. — Assim que eu digo, ele abre um sorriso vitorioso. Algo bem presunçoso. Homens e suas loucuras.

— Vai almoçar comigo?

— Tenho escolha?

— Não tem. Mas veja pelo lado bom: depois do almoço com Jerry, você iria apenas ter que ouvir alguma coisa tediosa e ficar tentando se levantar para ir embora. Já em um almoço comigo você não vai saborear apenas a comida. Haverá muito mais.

— O quê, por exemplo?

Ele dá um sorriso safado, lambe os lábios, pega minha mão e coloca sobre a bermuda dele.

NACIONAIS - ACHERON

— Que tal isso para começar?

— Está me dando opções, Graham? —
Olho para os lados e continuo apalpando-o com a mão. Mexendo meus dedos de um lado para o outro, sentindo a grandeza do pau dele começar a se manifestar, encho minha mão com o volume que se forma. Tecnicamente esse corpo maravilhoso me pertence enquanto eu estiver em um rolo com ele, portanto posso apalpá-lo onde e quando eu quiser.

— Claro. Sou um homem honesto. Não vou obrigá-la a nada. Só posso garantir que essa sobremesa que vai ter depois do almoço comigo será mais saborosa que qualquer coisa que sua boquinha deliciosa já provou.

— Preciso pensar seriamente sobre almoçar com Jerry ou com você. As duas opções são atraentes...

— São? — Ele encosta sua boca na minha e puxa meu lábio em uma chupada sem-vergonha e dá uma mordida.

O safado me deixa zozza só fazendo isso. Essa boca apetitosa dos infernos.

— São mesmo de iguais proporções Marianne?

— Por que não conversamos sobre isso depois? Vamos dar uma olhada nesses peixes e comer essa pipoca que você está segurando e me dando água na boca.

— É apenas minha pipoca que te dá água na boca?

— Talvez nunca descubra já que está de roupa, senão poderia ver a resposta em meu olhar guloso.

Sawyer dá uma gargalhada. Eu envolvo o braço dele e começamos a andar.

— Vamos fazer uma troca — diz ele.

— Diga.

— Eu divido minha pipoca com você, se dividir outra coisa comigo.

— E o que seria?

— Falaremos sobre isso depois. Por que não vamos ver esses peixes e comer essa pipoca?

— Ele repete mais ou menos o que eu disse anteriormente.

Levo minha mão ao saquinho que ele segura e pego três pipocas.

— Por que sinto que pagarei caro por essas

pipocas?

— Porque é a verdade. Pagará muito caro. Mas vai adorar pagar por cada pipoca que está pegando.

— Então é melhor eu começar a contar.

Nós dois paramos de andar e rimos. Até agora ignoramos abertamente os peixes. Sawyer dá um beijo rápido nos meus lábios e se afasta para me olhar.

Volta a me beijar, algo mais profundo e sensual. Nossas línguas fazem uma breve dança erótica. Ele se afasta e lambe os lábios.

— Essa pipoca fica bem melhor quando experimentada em seus lábios. — Essas palavras me excitam tanto que contraio as pernas.

Tenha vergonha, Marianne! Sendo pervertida em público? Olha só minha Marianne sensata dando opinião de novo.

Vergonha é roubar e não poder carregar.
Retruco como uma criança.

E apalpar o pênis de um homem em um lugar cheio de criança. Que feio.

— Vou ver se posso dizer o mesmo de

você. — Pego quatro pipocas, coloco duas na minha boca e duas na boca dele. Começamos a mastigar, nossos olhos brilhando de desejo, fixos um no outro. Até o modo como ele mastiga é sexy. Depois de ter engolido, nos beijamos. Sinto o gosto do caramelo e da pipoca na boca dele. É muito bom, maravilhoso, viciante. Decido que, mais tarde, vou experimentar outros alimentos na boca de Sawyer. Sorvete talvez.

P.S.: Provar sorvete e chocolate na boca de Sawyer. Alguma "eu interior" anota para eu não esquecer.

— E então? — pergunta.

— É uma mistura explosiva. Muito perigosa. — Analiso, olhando extasiada para os lábios dele. Sawyer rir e me dá um beijo rápido. Passa um braço pelos meus ombros e eu o abraço pela cintura. Começamos a andar paralelamente à parede de vidro que exhibe o fundo do mar.

Eu devia mesmo ter tomado vergonha e parado de beijar em público. Mas como eu já disse, Sawyer aniquila minha Marianne racional.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

SETE

MARIANNE

Eu fico com um pouco de pena de Jerry. Ele é um cara legal, é um cara com quem ficaria se não tivesse ninguém. É muito bonito e inteligente, mas há um grande (bem grande por sinal) empecilho que não me deixa chegar perto de Jerry: Sawyer.

Fico admirando Graham a minha frente, tão charmoso e deslumbrante, fica bem mais jovem quando está relaxado ou sorrindo. Meses atrás eu andava preocupada em como um dia poderia ir para cama com um homem. Se alguém me contasse que eu conseguiria ir para a cama com um herdeiro direto do deus Apolo, eu iria tripudiar. Como uma mulher sem experiência e desacreditada da vida poderia pescar um peixão assim?

Candice bem que tentou de tudo para não deixar eu me aproximar, isso porque ela sabia como

ele é facilmente apaixonante. Simplesmente não há como ficar imune a toda essa sensualidade que ele emana por cada poro do corpo.

Sawyer é aquele tipo de homem incomum de se ver. Não apenas lindo, mas mostra em seu rosto uma puta expressão de macho gostoso. Aquele tipo que a gente vê caminhando na rua e diz: Puta que pariu! De onde essa benção saiu? Aquele tipo de homem que a gente tem vontade de mandar ser interditado, aquele tipo que deixa uma mulher quase gozando se sussurrar obscenidades ao pé do ouvido. Entretanto, infelizmente, a maioria dessa classe de homens garanhões é canalha. Candice conhece esse tipo de homem a metros de distância e queria me prevenir disso.

O nome de Candice faz piscar um alerta em minha mente. Não sei como irei voltar a falar com ela. Mas de uma coisa eu sei: se ela quiser ter minha amizade de volta, terá que aceitar Sawyer na minha vida.

É verdadeiramente um relacionamento experimental, vamos ver ainda no que vai dar, mas nenhum de nós dois teve qualquer indício de querer terminar.

Fico me perguntando se ele é daqueles que não suportam crianças. Meu coração pesa com esse pensamento. Eu sou completamente o oposto dele e já imaginei milhões de vezes crianças de cabelos escuros e olhos verdes. Um segurando na minha mão e outra no colo do pai: Sawyer Graham.

Fazer o quê? É da natureza feminina imaginar sua prole tendo os genes de um macho esperto, forte e potente. Um alfa.

E agora está parecendo que você está falando de cruzamento de búfalos. Marianno resmunga na minha mente.

— O que foi? Ficou pálida de repente — Sawyer pergunta. Meus olhos se desanuviam e eu volto para o presente.

— Não é nada. Impressão sua. — Dou um sorriso. Sei que ele pode perceber todo tipo de olhar e sorrisos falsos. Mesmo assim continuo a farsa de parecer bem.

Não estou bem, Sawyer. Não quando o homem por quem estou apaixonada pode me deixar um dia.

Olho as pessoas em volta e torno a olhar para ele. Estamos almoçando no restaurante do

hotel. Já peguei todas as minhas coisas no navio; o cruzeiro é assunto encerrado. Depois que um funcionário levou minha mala para a suíte de Sawyer. eu me sinto devidamente hospedada nesse hotel maravilhoso.

Assim que voltamos do aquário, transamos como dois condenados. Já chegamos no quarto arrancando nossas roupas, eu grudada no corpo dele, nos devorando em um beijo guloso. Ele me colocou sentada em um aparador e ficou de pé entre minhas pernas mandando ver com força. Nossos corpos tão colados que eu nem sabia onde eu terminava e ele começava.

Depois tivemos que parar para não quebrar o móvel.

Finalizei ele no sofá grande, ele, sentado com os braços na minha cintura, eu, pulando como louca no colo dele, sentindo seu pau entrar e sair vorazmente de dentro de mim em uma loucura deliciosa, me preenchendo deliciosamente, enquanto a boca de Sawyer chupa meus seios. Depois ficamos abraçados, quietos, ele ainda dentro de mim, me beijando languidamente. Um degustando o outro. Agora estamos aqui almoçando

felizes e famintos.

Dou um gole no vinho e miro o belo rosto dele.

— Você já pensou em construir resorts como os que têm nessa ilha?

Sawyer engole, limpa os lábios e me encara interessado.

— Eu penso nisso, ainda tenho uma boa grana para conseguir montar algo tão luxuoso como o Kayla.

— Eu acho que antes você deve fincar uma bandeira nas grandes cidades, Washington, Seattle, Houston. Hotéis caros e luxuosos como o que você já possui vão lhe garantir uma boa renda para um grande resort e pequenas hospedarias em cidades menores.

Ele dá um sorriso de contentamento.

— Você pensa como eu. — Ele se entusiasma e se inclina para a frente. — Mary, imagine pequenas pousadas bem intimistas com o mesmo tema vitoriano do Kayla?

— Não consigo imaginar coisa mais apaixonante. É algo que muitos casais procuram. Uma pequena cidade para passar datas

NACIONAIS - ACHERON

comemorativas e se hospedar em algo íntimo e aconchegante, longe da pressão de um grande hotel e grandes cidades. Se você conseguir transmitir para todas suas criações a mesma assinatura grandiosa que o Kayla tem, será magnífico.

— Tem algum palpite sobre o que devo fazer?

— Claro. Antes de tudo precisa ter dinheiro para as construções de um segundo hotel. Pegue carona no sucesso que foi a abertura desse e divulgue a construção de um novo o mais rápido que puder.

— Acha que consigo arrecadar tanto dinheiro assim?

— Sawyer, não se faça de sonso, você tem dinheiro. Além do mais, assim que anunciar a construção de um novo hotel, o Kayla vai ganhar cada dia mais hóspedes interessados em conhecer o novo empreendimento de Sawyer Graham.

Ele sorri para mim. Estou eufórica. Isso sempre acontece quando o assunto é construção, fico extasiada.

— O que mais sugere?

— Primeiramente, uma propaganda
NACIONAIS - ACHERON

bombástica. Andei olhando o site do seu hotel, está perfeito, mas são necessárias mais propagandas e grandes parcerias. Peça ao seu núcleo publicitário para melhorar essa parte.

— Eu ainda não tenho um núcleo publicitário. O Kayla usa serviços de terceiros.

— Sawyer! Não me diga uma coisa dessas. O que vocês têm?

— Um contador...

— Só um? — Sinalizo com um dedo — E advogados?

— Dois.

— São só para o hotel?

— Sim.

— O que mais?

Ele passa a mão pelo rosto meio desconfortável.

— Eu acabei de começar, Marianne. Não tenho prática com essas coisas, mas a gerência do hotel está indo muito bem. Arthur é quem está tomando conta de tudo para mim. Ele contratou os advogados, monta as reuniões de publicidades para eu escolher a melhor apresentação, e é o

intermediário entre mim e o mundo dos investimentos. Precisamos mesmo de investidores e grandes parceiros e ele faz isso tudo para mim. Ele está me ajudando muito.

Balanço a cabeça assentindo. Ok, Sawyer não tem experiência alguma. Mas não pode deixar o Kayla morrer. Eu o ajudarei enquanto nossa relação durar.

— Você sabe que vai precisar de um escritório fora do hotel, não é? Um prédio com todas as questões financeiras e burocráticas do hotel, onde seu grupo trabalhará.

— Sim, Arthur já me disse isso.

— E quanto às parcerias? Já pensou em alguma bombástica?

— Sim. O hotel tem dois restaurantes e cinco lojas que estão lá desde quando ainda era Mercury e renovei o contrato com eles. Agora estou tentando conseguir uma parceria com os pubs Mafra. Joaquim Mafra, já ouviu falar?

— Claro que sim! — Eu me animo de verdade — Sawyer, se você conseguir fazer com que um pub ou boate dele tenha uma filial nos seus hotéis, será a melhor aposta.

— Estou confiante, teremos uma reunião em breve.

— Sabe que vai precisar atrair mais empresários para seu novo hotel, não é?

— Sim. Essa parceria com o Mafra vai me garantir isso. Ele é famoso e muita gente já está entrando em contato comigo para propor negócios.

— Nossa! Isso é fabuloso. Agora você tem que escolher uma boa equipe de arquitetos para o novo trabalho. Conheço engenheiros e arquitetos fodões, excelentes empresas de construções e sei que ficarão super felizes em desenhar algo grandioso para você.

— Eu quero que esteja comigo nisso. — Sawyer agarra minha mão sobre a mesa e fala de repente. Os olhos verdes brilhando de convicção.

— Como?

— Você ficará na linha de frente comigo, além de ser a responsável por toda a decoração do novo hotel.

— Eu? — Indago como uma pateta descrente. Só pode estar brincando, ganho um homem tudo de bom e ainda ganho um emprego dos sonhos como brinde?

Agora Sawyer sorri.

— Você não pediu por isso a última vez que estivemos lá?

— Sim... Mas não achei que você fosse cogitar...

— Pois cogitei. Quero-a trabalhando comigo. — Ele anuncia como se estivesse entregando o Oscar com um sorriso glamouroso nos lábios. Fico estática. Sim, eu me lembro de ter praticamente pedido para trabalhar no novo hotel dele, mas achei que ele nunca consideraria.

— Sawyer, você precisa de um nome conhecido trabalhando com você. Eu posso trabalhar, mas não como líder.

— Não aceito outra pessoa. Você vê o Kayla com os mesmos olhos que minha irmã viu. Você tem a emoção que eu preciso para imprimir em cada nova parede que eu levantar.

Meus dedos apertam os dele e eu dou um sorriso de gratidão. As palavras dele são mais que um elogio para mim, sei que fala a verdade, pois ele não precisa mentir para conseguir nada de mim e eu preciso a cada instante que ele me dê esse olhar e acaricie minha mão dessa maneira. As

palavras vieram como algo a mais. Quase sinto esperança de que nosso caso evoluirá para um namoro firme. Quase.

— Fico muito feliz de ouvir isso. E sim, senti algo a mais pelo Kayla. O lugar é lindo e eu não fui a única a ser arrebatada ao entrar lá.

— Vai aceitar minha proposta?

Fico pensando em como será se daqui a dois ou três meses resolvermos terminar e o clima pesar entre nós. Ainda mais se Sawyer encontrar uma namorada e eu for obrigada a vê-lo todos os dias com ela. Não falo isso a ele para não demonstrar medo ou algum tipo de insegurança em um relacionamento que mal começou.

Calma, Marianne. São só suposições. Viva o hoje. Minha Marianne vovó aconselha.

Eu sei que estou em um caso sem nenhuma segurança para mim. Apenas vivendo um dia de cada vez. Eu não sou veterana em ter casos amorosos, mas sei que não devemos expor sentimentos nessas circunstâncias.

Ainda mais no início, que coisa. Relaxa, garota.

— Eu verei minha agenda — digo,
NACIONAIS - ACHERON

balançando os cabelos em um gesto esnobe.

— Sei que vai arrumar um tempinho para mim. — Ele retruca, dando uma piscadinha.

Aperto a mão dele antes de soltá-la. O garçom chega com nossos pedidos. O cheiro é delicioso. O rapaz agradece e sai. Começamos a comer, estou faminta. E qual a novidade? Eu sempre estou. Das duas coisas: comida e Sawyer.

Ficamos em silêncio saboreando a comida. É gostoso ver ele comer como um urso.

— Marianne — limpa os lábios e me olha cheio de expectativa —, o que acha de viajarmos amanhã e passarmos alguns dias visitando hotéis, anotando ideias, aprendendo novas práticas e experimentando as camas, hidromassagens, varandas?

Minhas Mariannes já começam a fazer rotas de viagens e preparar tudo que vou precisar numa mala.

Que ideia tentadora. Suspiro. *Mas...* A Marianne racional está de braços cruzado, me olhando feio.

— Não posso — faço uma cara triste —, tenho que voltar. Tenho muito trabalho para fazer.

— Fiquei sabendo que você ficaria longos dias em Miami quando terminasse o cruzeiro. Já estava preparada para se afastar do escritório, não me engane, Marianne.

— Sawyer, eu preciso trabalhar para sobreviver.

— Enquanto estiver comigo não precisa preocupar com sobrevivência. Posso garantir nosso sustento. Tire apenas alguns dias a mais. Uma semana ou duas.

— Duas semanas?

— É. A gente escolhe três ou quatro cidades para podermos visitar o melhor hotel de cada uma delas.

Uma semana sem fazer nada, sem preocupações, apenas bebendo bom vinho e fazendo sexo gostoso. É tão tentador que estou muito inclinada a aceitar. Se ele pressionar mais um pouquinho...

— Além do mais, logo você vai estar com a agenda de serviços lotada, quando eu fizer as primeiras declarações sobre minha nova construção.

E pronto! Ele conseguiu. Estou totalmente
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

convencida.

— Eu aceito — digo com um sorriso incontrolável.

— Eu já sabia que ia aceitar. — Ele levanta a taça em um brinde. — Preparada para bons vinhos, luxo e muito sexo?

Eu levanto a minha taça também

— Preparadíssima.

— À nossa odisseia.

Ele propõe. Eu dou uma risada.

— À nossa odisseia. — Eu repito e toco minha taça na dele selando o brinde.



SAWYER

Assim que subimos para o quarto, vou rápido e pego meu notebook. Claro que eu o trouxe.

NACIONAIS - ACHERON

Homens nunca viajam sem seus brinquedos. Sento-me na cama e Marianne vem, me entrega uma cerveja e se senta ao meu lado com o Ipad dela.

— E então, como vai ser? — pergunta ela, se referindo à nossa viagem.

Pego o Ipad da mão dela e abro o Google Maps.

— Estive pensando em uma rota bem legal. Veja só. — Aponto com o dedo e ela fica bem pertinho para poder ver.

— Estamos mais perto de Miami, certo?

— Sim. Quer começar por lá? — Marianne me olha cheia de expectativa. — Vamos pegar o primeiro voo de amanhã para Miami.

— Perfeito. E depois? — Ela toma um gole na minha cerveja e fica me olhando. Esperando.

Droga, fico com um baita tesão de ver Marianne beber no gargalo da garrafa.

— Sem distrações, Marianne. — Alerto.

— Distrações? — pergunta sem entender.

— Você está me distraindo com essa sua boca tentadora. Se meu pau endurecer demais, teremos que fazer uma pausa.

— Sawyer, você é pirado. Eu estou parada, bebendo e conversando.

— Pois não devia. Está me deixando assanhado. Me dá um beijo. — Peço e ela vem prontamente me beijar. Mas é rápido e nem deu para aproveitar.

— Sem distrações, rapaz. — Ela também alerta com um sorriso esnobe banhando o rosto.

Dou também um sorriso e um gole na cerveja, para aliviar o fogo dentro de mim.

— Então, eu pensei em ficar um dia em Miami, afinal, não vamos curtir a cidade e sim o hotel. Certo?

— Certo.

— Daí, depois nossa rota será: México, Brasil e Argentina. — Passo o dedo pelo mapa na tela do Ipad mostrando a ela. — Ficaremos um dia em cada hotel de cada país. O que acha?

— Vamos ao Brasil? Que ótimo, Sawyer. — Ela me presenteia com um olhar maravilhado. Agradecido até.

— Pois é.

— E em seguida? Voltamos para nova

York?

— Não mesmo. De Buenos Aires, atravessaremos o oceano em um voo de 12 horas, sem escalas, para Madri. — Toco na tela aumentando o zoom e indico a Espanha. — De Madri para Paris é um pulo.

— Paris? — Ela leva a mão a boca. Está com os olhos arregalados, a surpresa veio junto com um sorriso tão amplo e verdadeiro que não consegui, tive que beijá-la.

— Nunca estive em Paris?

— Nunca. E agora indo com uma companhia como você, parece ser a viagem dos sonhos. Tenho medo de gostar muito de nossa odisseia e não querer voltar. — Ela franze as sobrancelhas, mostrando-se culpada.

Dou uma gargalhada e a beijo mais. Marianne empurra meu peito.

— Sem distrações, Sr. Graham. Continue.

— Maldosa. — Vocifero, busco mais um beijo e pego o Ipad de volta. — De, Paris vamos para Londres. Podemos ir pelo Eurostar, serão mais ou menos umas três horas de viagem.

Marianne bate palminhas e dá um gritinho.

NACIONAIS - ACHERON

Pula em cima de mim e começa a dar beijos na minha bochecha, queixo e lábios. Aqueles beijinhos rápidos, só bitoquinhas.

— Gosta de uma farra, né, espertinha? — Minha mão afaga a bunda dela e em seguida dou um tapa e a faço se sentar no lugar dela novamente. — Foco. Ainda temos que encontrar um hotel e marcar as passagens, antes de caímos na foda — digo.

Isso é muito confuso: quando eu vou para cima dela, ela me manda ter foco, quando ela vem para cima de mim, eu a coloco no lugar. Mas se não fizer isso, não resolveremos nada. Temos propensão a sempre acabarmos distorcidos, pelados e suados, um em cima do outro.

Entrego a ela o Ipad e pego o notebook.

Começamos uma busca pelos melhores hotéis. O pior de Miami é que tem muitos hotéis bons. E precisamos escolher apenas um deles. Eu mostro um e ela faz um biquinho de desaprovação. Ela mostra outro e eu discordo imediatamente. E assim vamos. Percebi que Marianne está olhando os preços das diárias e isso me deixa frustrado.

Eu quero conhecer o melhor dos hotéis

para ter uma base no meu. Preciso do melhor dos melhores.

— O que acha desse aqui? O Shelborne Wyndhan Grand South Beach. — Mostro para ela.

— Nossa. Fico cansada só em falar o nome. Deixe-me ver. — Ela pega o notebook para ver as fotos.

— Caralho! Sawyer!

— Gostou?

— Sim, é lindo!

Esse momento agora é tão bom. Apenas sentados, conversando, trocando algumas carícias e nos deliciando apenas com a presença um do outro.

Não achei mesmo que fosse me sentar com uma mulher e decidir destinos de viagem. Uma viagem (querendo ou não) não deixa de ser romântica.

Pra porra com razões e raciocínios lógicos. Quero mais é me divertir, foder horrores em um quarto de luxo e dar a Marianne razões o suficiente para não querer me deixar.

— Também tem esse aqui. — Clico em outra página. É o Fontainebleau.

— Uau! Esse, por favor, Sawyer! Esse, esse. — Ela aponta eufórica.

— Certeza?

— Absoluta. Quero passar um dia aqui com você.

— Seu desejo é uma ordem, gatona. — Dou um beijo rápido nos lábios dela e me levanto para fazer as ligações.

OITO

MARIANNE

— Sawyer

— Hum...

— Você, alguma vez, arrependeu-se de algo a ponto de querer voltar no tempo? — pergunto a ele. É noite e estamos deitados para dormir, dividindo o mesmo edredom e o mesmo travesseiro. Estou confortável com seus braços ao redor de mim e minha cabeça em seu peito.

— Está arrependida de alguma coisa?

Eu sinto o corpo dele se retesar. Será que tem medo da resposta que posso dar?

— É, eu me arrepenho de algumas coisas que fiz recentemente.

— O quê, por exemplo?

— Ryan foi meu maior arrependimento, ter perdido tanto tempo com ele...

— E quanto a mim?

Levanto a cabeça para olhar nos olhos dele.

— A você? Como?

— Você se arrepende de algo a meu respeito?

— Não sei ainda. Quer saber um segredo?

— Claro, por favor. — Ele fica todo tenso me olhando sério.

— É sobre você.

— Ai, cacete. Fala.

— Então, eu sinto lá no fundo que eu talvez vá me arrepender de alguma forma.

— Marianne...

— Escuta. — Coloco a mão na boca dele.

— Candice tem muita sensibilidade quanto às coisas ao seu redor, para homens principalmente, parece uma médium e ela não tem uma boa impressão sobre você.

— Caralho! — Sawyer se senta furioso — Cara, você ainda está se baseando na conversa da Candice? Depois de tudo?

Eu me sento também.

— Não, claro, que não. Só citei isso para endossar o que eu disse.

— Está usando algo que ela disse como base para uma conclusão sua. Me dê uma chance, cacete.

— Sawyer! Eu não sei o que vai acontecer quando voltarmos daqui a uma semana para Nova York.

— A gente pode planejar isso quando chegarmos lá.

— É... talvez...

Ele me puxa e tornamos a deitar, abraçados.

— Ah, Marianne! Você ainda me deixa doido.

Eu o abraço apertado, dou um beijo no seu peito e fico pensando nas últimas 24 horas.

Horas antes...

O almoço foi tão divertido e descontraído que eu não vi o tempo passar. Depois de decidirmos nossa viagem para amanhã, sentamos

na cama e eu expliquei para ele algumas ideias que eu tenho para o novo hotel.

Estávamos sentados no chão da antessala, recostados no sofá. A TV ligada passava um episódio de *Black Mirror*.

— Nunca frequentou uma faculdade? — perguntei a ele. Sawyer me olhou, sem parecer desconfortável com a pergunta e continuou relaxado.

— Nunca.

— Mas concluiu os estudos, não é?

Ele se inclinou e pegou um pouco do meu pudim. Ele estava comendo alguma sobremesa gelada (que eu também provei nos lábios dele, assim como o pudim. nunca me senti tão viciada).

— Sim. Eu estudava e trabalhava em dois empregos. — Provou meu pudim e me devolveu a colher. Olho para a colher me e estranhamente isso me deixou excitada. Bizarro.

— Dois empregos? — Eu o fitei perplexa.

— Quando eu chegava da escola, almoçava e ia para uma livraria, onde eu era o caixa. Depois das seis, ia para o bar de um amigo e ficava o resto do dia como garçom.

— Você se esforçou e ainda se esforça. —
Eu me corrijo a tempo.

— Obrigado. É difícil trabalhar tanto quando não tem ninguém na vida. — Apesar das palavras tristes, eu não vejo o mesmo em seu olhar, parecia que não tinha mais importância para ele.

— Entendo. Sua mãe nunca...

— Ela e eu brigamos muito cedo. Eu tinha apenas 15 anos quando comecei a me cuidar sozinho.

Essa resposta pareceu meio amargurada. Eu olhei para ele vendo a expressão descontrada se transformar.

Decidi não importuná-lo com tais perguntas sobre a mãe. Eu consigo imaginar vagamente o porquê da briga dos dois. Acho que se deve ao fato da morte precoce da irmã mais nova. Entretanto uma perguntinha a mais não faz diferença.

— A briga... teve algo a ver com a morte de Kayla?

Vi um leve brilho de mágoa passar pelos olhos dele. Com a voz seca e muito breve ele respondeu:

— Sim, tecnicamente, sim. — Sawyer abaixou a cabeça desviando os olhos de mim. Por um momento, acho que ele é igual ao Wolverine. Cheio de marcas do passado. O problema é que, diferente do herói, Sawyer se lembra de cada coisa que aconteceu e não quer revivê-las.

Pra mim, bastou por enquanto. Quero ouvir os segredos dele, mas darei o tempo de que precisa. Estou muito bem com ele e não quero colocar isso a perder fazendo perguntas que o deixam exaltado.

— Mas isso já é passado. Vamos nos concentrar no agora. — Cobri a mão dele com a minha e a acariciei. Ele olhou para mim e seus lábios curvaram em um fraco sorriso.

— Estou sonolento... quer ir para a cama?
— Ele indicou o quarto. Seu polegar passando lentamente nos nós dos meus dedos.

— Sim.

Eu aceitei de imediato. Se fosse antes, eu me envergonharia do meu impulso, mas ele sabe que eu quero tanto quanto ele e não há necessidade de hipocrisia entre nós dois. Desliguei a TV e corremos para o quarto. Sem nenhuma insinuação de sexo, Sawyer vem, tira minha sandália, tira o

mocassim e deita-se comigo.

— Estou com os olhos fechando de sono.
— Ele balbuciou e se aconchegou atrás de mim. Não demora muito para dormirmos. A primeira vez que deitamos na cama apenas para dormir.

E é fantástico. Nunca dormi tão bem.

Acordei três horas depois sentindo dedos preguiçosos acariciando meu ventre, subindo dentro da minha blusa e aninhando meu seio. Ainda de olhos fechados, eu sorri e acariciei o braço dele.

Nem consigo acreditar que eu possa ficar tão à vontade com um homem. Desde que o conheci, Sawyer tem me proporcionado descobertas surpreendentes, momentos de felicidade que não tive em nenhum momento com Ryan, meu primeiro namorado.

— Estou precisando de um banho — disse com a voz arrastada e meio grogue.

— Você precisa de um banho ou de um bom banho? — Ele decide brincar com meu mamilo, como quem não quer nada com a vida, apenas passando o polegar de lá para cá.

Pela voz dele, acho que já está desperto há algum tempo. Será que ele estava me observando

dormir? Isso é perturbador. Eu sou tão estranha quando estou dormindo. Às vezes, babo. Não é a melhor coisa de se ficar olhando.

Um rubor cobre meu rosto. Sei disso porque sinto um breve ardor de vergonha. Será que eu ronquei e babei? Meu Deus!

Ele me puxa e viramos na cama. Deito em cima do corpo forte que está vestindo apenas uma bermuda. Sem camisa eu não aguento. É golpe baixo.

— Tem alguma diferença nos banhos? —
Finjo inocência.

— Claro. Se escolher só o banho, ficará frustrada e sozinha nesse banheiro, mas, num bom banho, alguém irá ajudá-la.

— Alguém?

— Você escolheria aleatoriamente. — Ele dá um sorriso preguiçoso, cheio de insinuação e cobre meus lábios momentaneamente.

— Entendo... — Mordo os lábios dele. Gememos juntos.

— Quer dar uma olhada no banheiro e ver do que ele é capaz?

— Estou com tanta preguiça de levantar...
— Deito minha cabeça no peito dele.

— Vamos ter que dar um jeito nessa sua preguiça. Ainda bem que sei exatamente o que vai acordar você.

Antes que eu pense em responder, ele me tira de cima dele e me joga na cama. Estou de short e blusa. Ele apressa-se em tirar tudo e, quando estou apenas de lingerie, Sawyer tira também a bermuda ficando apenas de cueca.

Eu me perco admirando-o. Cueca boxer nunca tinha me parecido tão excitante. Será que ele deixaria eu tirar uma foto e postar no meu Twitter? Para mim, seria pura ostentação. Olha esse quadril e essas coxas, estou abobalhada.

Sawyer, indiferente à minha obsessão pela cueca dele, me puxou pelo tornozelo e dei uma risada. De pé fora da cama alta, ele me levantou nos braços com facilidade, envolvi o pescoço dele.

— E se eu disser que não quero fazer sexo com você? — indaguei. Ele parou de andar e olhou dentro dos meus olhos. Estava muito pasmo, surpreso.

— Não quer mais fazer amor comigo?

Fico abalada no bom sentido, por ele ter usado essa expressão pela primeira vez. Eu me agarro mais forte nele sentindo uma vontade imensa de beijá-lo. Me controlo para manter minha ideia fixa.

— Quero. Mas acho que até agora nossa relação se baseou apenas em sexo. Se estamos tentando algo duradouro, pelo menos pelos próximos três meses, precisamos ter uma base mais específica que apenas sexo.

— E me propõe isso logo agora? Olha como estou. — Ele rala seu pacotão em mim. Engulo um gemido.

— Sawyer, já fizemos sexo duas vezes hoje. Devia estar saciado.

— Mas não estou. Quero mais, quero que compartilhe comigo toda a sua energia, pois é o que preciso. Eu não tenho receio de confessar isso, mas só você me deixa assim, muito necessitado. — Ele roça seu nariz na minha bochecha, desce pelo maxilar, chega ao pescoço e volta para minha boca dando dois beijinhos de lábios fechados. — Preciso de você, Mary. — Sussurra.

Mais um abalo cobre meu peito. Ele

precisa da minha energia? Como assim? Eu me derreto ao ouvir essas palavras. Dou um beijo nos lábios dele e desço para o chão escorregando pelo corpo dele.

— Eu sempre fui tão fácil assim? — Serpenteio meus dedos pelo peito dele. Já estou me derretendo de paixão.

— Não é ser fácil, é não precisar de regras entre a gente. Quem liga para estarmos fodendo tanto que teremos que andar de pernas abertas?

— Nossa! — Dou uma risada. — Que ridículo. Quero dar banho em você.

— Isso vindo de uma pessoa que há pouco não queria sexo...

Dou de ombros e faço um gesto de rendição.

— É a vida da pessoa viciada. Venha. — Puxo a mão dele e corremos para o banheiro.

Safadona. Uma voz murmura no meu inconsciente, me criticando e eu a ignoro. Não há como ser impassível vendo esse monumento à minha frente, tatuado, cabelos assanhados, barba por fazer e todo quentinho por estar na cama; sem falar do pau enorme e duro na cueca, ajeitado para

o lado.

Chegamos ao banheiro espaçoso. Sério, esse banheiro é quase do tamanho da minha sala lá no meu charmosinho apartamento! Todo de mármore, com uma banheira imensa e chuveiro de alto luxo. Eu dou uma virada brusca e bato as mãos no peitoral de Sawyer para empurrá-lo contra a parede e usar e abusar. Mas ele nem se mexe, fica me olhando com cara de interrogação. São as leis da física. Um corpo de 1,60m jamais vai conseguir mover com rapidez um de 1,90m.

— Tentou me derrubar?

— Não. — Rio, frustrada. — Pode fazer o favor de fingir que eu consigo jogar você na parede?

Sawyer gargalha e faz que sim com a cabeça. Sempre quero beijá-lo quando ri, mas hoje vou me concentrar. Eu o empurro, ele finge que sofre algum abalo e bate as costas contra a parede; dá um leve sorriso erótico me fazendo suspirar. Eu poderia ficar horas aqui admirando ele, depois passar meu nariz pelo seu peito, lambe cada pedacinho de seu apetitoso corpo, mas tenho pressa, urgência de sentir tudo. Parece com quando

como um sanduíche e coloco ketchup e mostarda nele, batatas na boca e bebe um gole de Coca por cima. Todos os sabores de uma única vez.

Cravo minhas unhas em seu peito e vou descendo os dedos, arrastando devagar pelo abdômen dele até parar no elástico da cueca. Sawyer fecha os olhos e entreabre os lábios. Desço um pouco meus dedos e acaricio o pau dele por cima da cueca. Seguro firme o pacote e o massageio.

— Mary...

— Shh. — Coloco um dedo nos lábios dele. — Quero que avalie meu aprendizado, senhor falso terapeuta.

— Falso terapeuta? — Debocha.

— É Sawyer, cala a boca.

— Quero tanto comer você. — Ele dá uma mordidinha no meu dedo.

Ignoro-o vou me abaixando, beijando seu abdômen, dando chupadinhas de leve até ficar quase de joelhos, mas como sei que vou ficar desconfortável, olho em volta, vejo o vaso sanitário, corro até ele, abaixo a tampa e me sento.

— Venha aqui, doutor. — Chamo e ele se
NACIONAIS - ACHERON

aproxima. Meio sério, com cara de tesão acumulado. Sawyer concentrado para se segurar e deixar eu tomar a dianteira, e é delicioso demais. Ele está compenetrado, mordendo o lábio... deixo de olhá-lo e abaixo sua cueca à minha frente. Ah! Que paulada. Literalmente.

Quer saber? Eu era daquelas que achava um pênis a coisa mais horrível e nojenta do mundo. Eu olhava as calças de um cara e já imaginava aquela coisa repugnante, malcheirosa, cheia de cabelo. Certa vez, eu estava vendo um jogo com as meninas e elas estavam comentando sobre os membros masculinos por baixo dos shorts dos jogadores e eu fiquei com muito nojo, deviam estar suados e mais fedorentos do que já eram. Mas agora, depois de conhecer o de Sawyer, mudei completamente de opinião. Não sei se é porque eu amo esse homem, mas o pau dele foi amor à primeira vista. Grande e bem esculpido naturalmente; quase não tem pelos, até o saco é bonito e combina perfeitamente com o tamanho do resto. É muito excitante só em olhá-lo.

Termino de abaixar a cueca dele até os joelhos e não demoro para dar a devida assistência a seu imponente membro bem duro de frente para

NACIONAIS - ACHERON

minha cara. Seguro embaixo, sem suas bolas, faço uma leve massagem, Sawyer estremece e engole a respiração olhando fixamente para minha mão. Subo meus dedos, os fecho em torno do pau vigoroso e grosso e dou duas friccionadas para cima e para baixo. Um pingo de um líquido transparente sai do buraquinho na cabeça. Sorrio satisfeita e levanto o rosto. Sawyer está de lábios entreabertos.

— Vai ficar aí mexendo ou vai tomar alguma providência, Marianne?

Para instigá-lo, demoro mais um pouco na massagem, devagar, indo e vindo com meu punho, massageando suas bolas com a outra mão, olhando para ele.

— Ai... porra. Estava ali na cama de pau duro esperando você acordar, tive a ideia do banho, eu queria primeiro e... Uhhhh! — Ele para de falar e dá um gemido quando enfia a cabeça do pau na minha boca. Foi uma chupada breve, única, uma sucção deliciosa apenas na cabeça. Afasto minha boca e Sawyer reclama:

— Ah, não! — Enfia a mão nos meus cabelos e os prende no punho, atrás na nuca. Com a

outra mão, segura seu pau pertinho da minha boca. Fecho os lábios e faço um olhar pirracento. — Mary! Por que está judiando de mim? — Ele passa o pau contra meus lábios fechados. — Mais uma chupadinha.

Mas isso é muito bom. Ver um homem como Sawyer experiente e tudo mais perdendo o controle comigo.

— Gosto de te ver assim doidinho... — Ele aproveita que estou falando e pincela meus lábios com seu pênis. Rio e passo a língua em torno da cabeçona. Ele suspira e minha língua percorre toda extensão até as bolas. Volto com a língua, e abro os lábios bem devagar, chupando lentamente, sentindo o sabor dele e a deliciosa maciez rígida.

Sawyer geme sorrindo, me dá um tesão só de olhar. Continuo com a boca ocupada, indo e vindo, engolindo até metade e voltando. Ele é grande e ainda não me arrisco em deixá-lo ir até o fundo da garganta. Graham acaricia minha bochecha enquanto chupo seu pau lambuzando todo com saliva.

— Mary... ah, Mary. Você é demais.

Tiro da boca, rolo a língua em volta e torno

a enfiar devagar fazendo uma sucção com os lábios só na ponta. Ele solta um gemido rouco, olho para seu antebraço bem perto e está todo arrepiado.

Isso é um ótimo sinal. Vê-lo se arrepiar e gemer com minha boca. Para me divertir mais e deixá-lo mais selvagem, eu me afasto e bruscamente fico de pé.

— O quê?

— Sem mais. Isso foi um pré-banho. Venha. — Dou as costas para ele.

— Marianne! Não faça isso... — ele protesta. Nem ligo, vou para o box, ligo o chuveiro e começo a tirar a roupa. Entro debaixo do chuveiro, passando as mãos nos meus cabelos e sentindo a água morna banhar meu corpo, abro os olhos e sorrio para Sawyer passando os olhos pelo corpo e fixando no pau bem duro, todo melado. Ele me olha, com uma mistura de indignação e tesão.

— Ou vem nos meus termos, ou terá que se aliviar sozinho. — Eu o desafio. Ele deixa a cueca no caminho e vem em minha direção. Entra no chuveiro comigo e como ímãs, nos atracamos. Um abraço molhado, quase nos afogando debaixo da água em um beijo ardente. Beijar a boca de Sawyer

jamais será algo cansativo. Afasto um tiquinho para tomar fôlego e indago:

— Estou conseguindo... seduzir você?

— Está de brincadeira, né? Você está me enlouquecendo.

Nem eu mesma acredito em mim, nessa minha capacidade, nessa minha ousadia de tomar a dianteira e deixar o terapeuta mais cobiçado de todos os tempos arrepiado com uma chupada.

— Você me dá coragem. Apenas você. —
Declaro.

— Você é minha Mary Ousada. — Ele sorri antes de abaixar novamente e grudar os lábios nos meus.

Claro que eu não o deixei contornar a situação e tomar o poder. Há muito tempo eu estava com a fantasia de dar banho nele. Desde o dia em que o vi pela primeira vez naquela roupa social, bem alinhado, de cabelos penteados e olhos verdes sedutores. Preciso urgentemente esfregar sabonete nesse corpão, em cada pedacinho dele.

— Fica quieto. — Ordenei. Derramei sabonete líquido na esponja macia e me preparei para me saciar. Fiz como aquela massagem que fiz
NACIONAIS - ACHERON

nele. Começo pelo pescoço, e vou descendo aos poucos para os ombros. A espuma se formando na pele molhada brilhando e minhas Mariannes atônitas; inclusive a racional, que parou de dar ordens e está sentada olhando o banho. Sawyer toca no meu seio, mas eu bato na mão dele, para impedi-lo de gracinhas e continuo a ensaboá-lo.

Percorro minha mão em cada um dos braços, nem uso a esponja, pois preciso sentir sua pele molhada.

— Levante os braços. — Peço, ele sorri, faz pose flexionando os bíceps me deixando besta de tão apaixonada. Acaricio um de cada vez, jogando sabonete e passando a mão, indo até o pulso e voltando sentindo seu forte antebraço, sentindo a dureza dos músculos sob meus dedos, até chegar no ombro. Esse homem é uma loucura.

E é todinho seu. Uma das minhas Mariannes fala na minha cabeça e eu assinto sorrindo.

— Está gostando, né? Também quero dar banho em você.

Olho nos olhos de Sawyer. Ele me flagrou sorrindo sozinha. Faço que não com a cabeça e vou

para o peito dele depois de lavar os dois braços.

— Uau! — Murmuro percorrendo minhas mãos pelos peitos salientes, bem fortes, e descendo pelo estômago trincado. Sawyer volta a tocar nos meus seios e, dessa vez, não o afasto. Ele acaricia os mamilos enquanto eu faço a festa, descendo as mãos até a virilha, dou uma olhadinha, ele está com respiração suspensa achando que vou ensaboar o amigão. Rio e volto para o peito. Sawyer belisca meus mamilos me fazendo suspirar.

— Dá banho nele, Mary.

Nem precisa pedir de novo. Eu desço as mãos e começo a massagear sem pressa o pênis que está quase explodindo de tão duro. Passo a esponja na cabeça, girando devagar, ele geme sorrindo.

O banho não demorou como eu gostaria. Sawyer não teve paciência. Nem tive tempo de lavar suas coxas e suas costas.

— Agora você me paga. — Ele me pega bruscamente depois de eu ficar algum tempo mexendo no pau dele. Sawyer me joga contra a parede, do jeito que eu queria tê-lo jogado. Nem deu tempo de protestar, seu corpão me cobriu e sua boca atacou a minha. Eu o abracei

instantaneamente e saímos tropeçando do box.

Só deu tempo de ele desligar o chuveiro. Ainda tinha sabonete nele, estávamos molhados, trombando nas coisas. Ele bateu as costas em um móvel quando chegamos ao quarto, gemeu, fazendo careta, mas nem ligou, continuou bagunçando minhas emoções com um beijo voraz. Caímos na cama pelados, molhados, quase morrendo de tanto tesão. Eu ainda estava pirada, com o coração batendo no ouvido e o corpo todo pegando fogo, querendo mais depressa possível sentir Sawyer todo dentro de mim.

Nem vi em que momento ele pegou o preservativo, só sei que ele vestiu bem rápido e eu o recebi avidamente, com uma fogueira entre as pernas. Com uma socada firme, lenta e contínua, ele adentrou, segurou com as duas mãos a cabeceira da cama, ficando meio inclinado em cima de mim, pairando como uma visão deliciosa, seus músculos fortes enrijecidos, seus cabelos pingando água, seu rosto contorcido de prazer. O pau dele me penetrou fundo, e eu gemi e quase vi estrelas. Cansado, ele sorriu, segurou meu rosto com uma das mãos e se abaixou para me beijar enquanto fazia umas giradas devastadoras com o quadril, me deixando pálida de

NACIONAIS - ACHERON

tão excitada.

— Ah, Mary! Essa boceta é minha perdição. Você toda é minha perdição. — Confessou, sussurrando entrecortado. Eu apenas me maravilhei, não respondi, pois estava sem fala. Cravei minhas unhas em seus braços grandes e arranhei sem piedade, indo para as costas molhadas e descendo para sua bunda grande. Ele não é peludo, mas tem pelos nos lugares certos, como nas coxas e um pouco na bunda, como todo homem deve ter.

Sawyer sorriu soltando um urro e deu três socadas fortes quase me aniquilando. O pau dele é grande e grosso. Ele tirou quase tudo, deixando só a cabeça e depois veio com tudo me preenchendo até o fim. Três iguais a essa, seguidas e bem fortes, imagina?!

Ele não parou. Saiu de dentro de mim vagarosamente, fazendo com que eu sentisse meu interior se contrair ao redor dele, deixando só a cabeça, mexeu um pouco e sorriu para mim lambendo os lábios.

— Sawyer...

— Shhh. — Ele me deu um selinho nos

lábios, voltou a segurar forte na cabeceira, flexionou um pouco os joelhos para dar impulso ficando numa posição de leopardo em cima de mim e eu sabia que lá vinha uma das melhores bombas que a humanidade pode conhecer. A bomba Sawyer Graham no modo tarado, pois Deus do Sexo ele sempre foi.

E começou.

Eu acho bom esse quarto ser à prova de som, pois os gritos de prazer que dei não foram desse mundo. Na hora em que ele começou a socar, impulsionando seu corpo em cima de mim, eu já era pura gelatina, ainda mais vendo-o todo gostosão molhado e urrando de prazer. Isso me levou a um patamar que ultrapassou o limbo.

O barulho da socada era uma sintonia excitante. Fazia algo como *Plaft! Plaft!* E ele não parava, parecia que crescia dentro de mim, ia e voltava forte, fodendo com classe, me deixando louca a cada arremetida feroz. Eu queria muito mais, sentia minha vagina pegar fogo, sentia meu ventre se contorcer querendo mais do que ele estava me dando, todo meu corpo implorando para continuar a sentir toda a potência dele, toda sua

dureza me abrindo e batendo firme lá no fundo. Para piorar, ele tirou as mãos da cabeceira da cama, segurou meus braços e começou a chupar meus seios combinando as socadas com as chupadas vorazes.

— Cacete! Que delícia! — Ele gemeu e voltou a abocanhar meus seios, sem parar de socar.

— Sawyeeeeer! — gritei, alucinada, meus braços envolta do corpo dele que já não estava mais molhado apenas pelo banho e sim pelo suor. — Que delícia! Merdaaaaaaaaa! — gritava e parecia que havia anos que não fazia sexo, praticamente deslocou o quadril, pois a forma como ele mexia era delirante. Ondulava em cima de mim, abaixando a bunda e subindo, colocando toda sua força masculina nas socadas.

Até eu sentir que ele saía do meu corpo, dando lugar apenas ao orgasmo. Parecia que tudo em mim era feito de orgasmo e ele percebeu. Parou, girou na cama e deitou-se contra os travesseiros. Era a minha deixa. O pau nem saiu de dentro de mim enquanto ele se virava, e eu já estava cavalgando como uma louca, as minhas mãos cravadas no peito dele, minha vagina esfomeada

escorrendo e pegando fogo e eu só queria que fosse mais fundo. Sentava sentindo-o todo e depois levantava bem rápido, várias vezes, saboreando com precisão a gostosa sensação de estar preenchida e em cima dele. Tão grande, suado, úmido, me olhando com brasas nos olhos verdes.

Caí em cima dele e começamos a nos beijar, Sawyer impulsionou para cima me ajudando nas socadas, meus seios friccionando contra o peito dele. Até que comecei a jogar os cabelos dos lados, a cabeça girando quase com vontade própria, meu corpo todo tremendo, controlado pelo prazer indescritível. Graham não parou de me comer até que eu estivesse caindo e cansada em cima dele e ele mole, de braços abertos, cansado, ofegante.

Depois do sexo, vestimos um roupão, pedimos umas bebidas e fomos descansar. Demorou uns dez minutos para recobrarmos o sentido depois do sexo explosivo. E eu já estava de olho nele, meio enlouquecida, olhando para Sawyer desfilando pelado com o roupão meio aberto. Estou virando uma ninfomaníaca.



Depois discutimos um pouco por causa de
NACIONAIS - ACHERON

moradia. Eu ainda quero pensar sobre morar com ele ou não e Sawyer quer que eu vá direto para a casa dele, assim que chegamos em Nova York.

— Às vezes — ele para de sorrir antes de continuar —, sabe, meu erro é querer ter uma vida normal não sendo normal.

— Para de falar isso. Você é um homem maravilhoso, tem muitas qualidades e o fato de ter montado um consultório falso para resolver os problemas das mulheres não te faz ser um monstro. Um safado sem escrúpulos, não um demônio.

— Você é tão inocente — ele segura minha mão entre as duas dele — e eu me culpo por tê-la arrastado para a perversão.

— Não era tão inocente, Sawyer, e agradeço por ter me tirado da escuridão que eu me via. Você trouxe uma grande felicidade à minha vida. Me deu o sopro que eu precisava. — Alguns homens diriam que era pau que me faltava. A famosa malcomida. Ele mesmo pensou nisso quando me viu pela primeira vez. Entretanto, apesar de sua atração por mim, acreditou mesmo que eu tinha um trauma e que eu precisava de calma e muita paciência antes de começar.

Vejo os olhos dele brilharem e um sorriso brotar nos lábios. E esse sorriso me diz que, hipoteticamente, estamos pensando na mesma coisa, que eu era a malcomida na qual ele deu um jeito. Acho que, para disfarçar, ele pega minha mão e a leva aos lábios.

— Eu sempre te olho e penso: como encontrei Candice por dois anos inteiros sem ter sequer esbarrado em você? Onde você estava, Marianne?

— Por aí. — Dou de ombros. Ele dá uma risada e continua segurando minha mão.

— Você me faz de bobo, Marianne.

— E você infla meu ego, Sawyer.

— Eu costumo causar isso nas mulheres.
— Deslumbrada, eu assisto a pose vaidosa dele.

— Afff. — Bufo de mentirinha.

Ele se inclina para frente, eu automaticamente me inclino também para saborearmos os lábios um do outro. Nunca gostei tanto de uísque na minha vida como agora sentindo o gosto nos lábios dele.

Não foi uma transa desesperada e muito menos muito romântica. Foi o melhor sexo
NACIONAIS - ACHERON

descontraído de todos. Rimos o tempo todo, era como se Murphy, aquele cara da lei que faz tudo dar errado, estivesse transando com a gente.

Nossos dentes se topavam, e, depois de uma mordida, nossos lábios acabaram sangrando. Depois, ele fez uma manobra radical e acabei batendo a cabeça na cabeceira. Rimos horrores, voltamos ao sexo e xingamos palavrões aos gritos.

Depois, Sawyer tentou sentar comigo sentada em cima dele, mas estávamos na ponta da cama. Acabamos caindo no chão puxando conosco os lençóis e travesseiros. Ele amorteceu minha queda e eu ri sem parar quando vi o hematoma em suas costas. Ele me culpou e quis me punir com tapas na bunda. Eu corri, ele me pegou, me jogou no chão, me deu uns dois tapas, eu bati nele com o travesseiro e acabamos ali e por ali ficamos em meio à imagem de guerra que se tornou o tão lindo quarto.

Só mais tarde, nos levantamos, escovamos os dentes, bebemos água e caímos exaustos na cama, sem arrumá-la, do jeito que estava.

Amanhã, o mundo será nosso.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

NOVE

SAWYER

Poucas coisas na vida encham meus olhos de prazer. Até pouco tempo atrás, ver meu saldo bancário e minha lista de espera no consultório fazia meu ego crescer. Hoje, ver Marianne esparramada, dormindo na cama, dominando todo espaço, é, sem dúvida, a sétima maravilha do mundo e me encanta mais que meu extrato bancário.

Ela é daquelas pessoas que dormem inquietas. Durante o sono, ela conseguiu mudar de lugar comigo várias vezes estando inconsciente. Eu nem tentei fazer nada, afinal ela mexia, chutava e no final eu sempre acabava no lugar do travesseiro dela. Nunca foi tão gostoso ter um corpo agarrado ao meu na cama, como uma sanguessuga.

Já estou acordado há um bom tempo,

NACIONAIS - ACHERON

pensando na minha vida e pretendo acordá-la agora. Dentro de duas horas temos um voo para Miami.

Tiro ela dos meus braços e ela rola para o lado como se estivesse em coma. Sei de algo que vai deixá-la acesa. Bem acordada.

Pego um preservativo e já deixo por perto. Saio da cama, vou para a parte dos pés e me enfió debaixo do lençol que a cobre. Vamos ver se ela consegue continuar dormindo depois de umas lambidas na boceta.

Embaixo do lençol, puxo com cuidado a calcinha dela e afasto as pernas, deixando-a exposta.

A pele dela está deliciosamente morna e a boceta com um cheiro esplêndido. É a melhor coisa que um homem vai querer tocar quando o dia começa.

Depois de sentir o cheiro e meu apetite sexual triplicar, começo os trabalhos. Primeiro dou uma lambida na parte interna da coxa dela, perto da dita cuja. Depois dou uma mordidinha e faço um caminho com a língua da perna até a boceta.

Conforme começo a lambar e dar pequenas

chupadas, ela vai se contorcendo e gemendo ainda dormindo.

Rodo meu polegar gentilmente pelos lábios vaginais mornos e macios e tranquilamente manipulo o clitóris vendo-o inchar instantaneamente. Marianne mexe e seguro a perna dela, mantendo-a aberta e encosto minha boca dando uma rápida chupada. Fecho meus lábios em volta do clitóris, chupo e puxo. Sorrio satisfeito ao ouvir um gemido vindo dela. Deve já estar quase desperta. Enfio o indicador na minha boca, chupo e o empurro até o fim dentro da boceta dela. Marianne se contrai, eu suspiro com o pau latejando. Tiro o dedo e enfio bem devagarzinho. Faço isso várias vezes enquanto minha língua sobe e desce pela superfície.

Marianne balbucia as primeiras palavras, é algo incompreensível, mas sei que está acordando. E o melhor: já está excitada. Essa é ou não é a melhor maneira de acordar?

— Sawyer...

— Humm... — Resmungo com a boca grudada na vagina molhada. Marianne geme e tenta tirar o lençol. Coloco a cabeça para fora do lençol

para dar olá a ela.

— Oi, Mary.

— O que está fazendo? — pergunta ainda sonolenta.

— Relaxe, estou te dando bom dia. — Volto para baixo e quase sem piedade dou umas chupadas tão bombásticas que são capazes de fazer Marianne erguer o corpo do colchão.

— Sawyer... Meu Deus! — Ela grunhe e ouço as unhas dela passarem no tecido da cama. Eu preciso segurar o ventre dela, mantendo-a no lugar enquanto enfio meus dedos e chupo com ganância o clitóris inchadinho. E não paro um segundo até sentir ela enlouquecer, gemer e gozar.

Continuo com a boca ali que eu não sou tolo. Não iria perder a melhor parte.

Agora eu preciso de uma ajudinha, meu pau está dolorido espremido contra o colchão, bem duro, pois nós, homens, temos essa virtude: sempre acordamos de pau duro e agora, misturado com o tesão que foi chupar a boceta dela, triplicou a rigidez.

Fico de joelhos, visto a camisinha e caio em cima dela.

Marianne está bem desperta, ela me agarra, seus dedos descem avidamente e seguram meu pau. Ela faz uma rápida massagem nos meus ovos e sorri.

— Humm — geme, mordendo os lábios —, ovos pela manhã. Quem diria que eu fosse apreciar tanto?

Dou uma gargalhada. Nem dá pra acreditar, não é? Essa é a mesma Marianne que conheci no meu consultório.

— Porra, Mary. — Gemo quando meu pau entra aos pouquinhos. Ele vai deslizando e nos aproximando, afundando até tocar no fundo. Ela continua com a mão nas minhas bolas me ajudando a empurrar.

— Língua e ovos aprovados? — indago.

Ela ri e me abraça.

— No ponto.

Dou uma circulada de quadril, atolado até o fim, me ajeitando dentro dela, Marianne fecha os olhos, continuo fitando-a e empurrando mais meu pau. O rosto dela vai se contraindo a cada centímetro e me deixa louco ver essa cara de tesão dela. Tem até um leve curvar nos lábios de pura

satisfação; Marianne passa as unhas nas minhas costas e geme alto. Estou todo dentro, apenas as bolas espremidas do lado de fora. Ela abre os olhos, suspira com um biquinho e eu não aguento, abaixo o rosto e dou um beijo nela. Dou uma circulada de quadril mais uma vez, sinto meu pau todo esticado, tocando o fundo dela. Seu interior começa a contrair em torno dele e eu levanto a cabeça para cima gemendo, sem me mover um centímetro, deixando Marianne doida, com a boceta piscando, a mão segurando firme minha bunda e a outra agarrando minha cintura, isso é... Merda! Muito gostoso.

— Gosta disso? — pergunto, me referindo às reboladas.

— Adoro. Você tem noção de como é gostoso?

— Sim, eu tenho. Quem é a garota de sorte aqui?

Ela ri, revira os olhos e me puxa para beijá-la.

Com as bocas grudadas e os corpos colados, começo a bater o quadril contra ela. Flexiono um pouco os joelhos para dar impulso e

sustentar meu corpo com os braços. Consigo nos levar a um patamar tão alto de batidas e gritos, que posso ver estrelas, como se tivesse atordoado. A boceta dela puxa todo meu pau para dentro, cabendo certinho e isso me causa um puta tesão, que deixa minha virilha dolorida.

Ela nunca foi uma garota passiva, nem mesmo na primeira vez em que não sabia de nada. Marianne me agarra, bate na minhas costas, me puxa mais para dentro, enrola as pernas ao meu redor. Depois pede para ficar em cima e eu giro na cama levando-a comigo. Deixo-a sentar com carinho, depois se levanta, senta mais uma vez, meu pau deslizando e brilhando de tão meladinho. Ele entra e sai e essa é a melhor visão, assim como os peitos dela, que balançam conforme nós dois aumentamos as estocadas.

Marianne goza, eu gozo e ela cai exausta em cima de mim.

Agora estamos prontos para o avião.



MARIANNE

Todos sabem que o destino não gosta muito de me ver sorrindo. Além de Sawyer me pressionar com suas loucuras, assim que entramos no quarto, ouço o som do meu celular e corro para atendê-lo. Não o levei comigo quando fomos explorar o hotel.

É o papai. Minhas sobrancelhas arqueiam e eu atendo.

— Pai?

— Marianne. Estou tentando falar com você há horas. — Meu pai e seu drama.

— Estava ocupada. Aconteceu alguma coisa? Mamãe está bem? — Olho para Sawyer. Ele se senta em uma poltrona, de olho em mim.

— Não, Marianne. Nós não estamos bem. Sua mãe não está bem. — A voz dele soa ríspida. Eu franzo o cenho e olho para Sawyer que está concentrado. Meu coração bate descontrolado.

— Pai... aconteceu alguma coisa?

— Sim, aconteceu. O fato de você ter se envolvido com um pilantra e ainda por cima ter

NACIONAIS - ACHERON

fugido para Deus sabe onde com ele. — Assim que ouço, caio sentada no sofá. — Sabe o quanto estou preocupado depois de ter essa informação? Já até pensei em contatar a polícia.

Polícia? Levanto de imediato. Arregalo os olhos.

— O quê? Como assim? Eu não fugi com ninguém. Estou viajando no cruzeiro como vocês mesmo sabem.

— E por que eu entrei em contato com a equipe do cruzeiro e fui informado de que abandonou o navio? Marianne, eu nunca esperei uma coisa assim de você. Venha para casa. Estarei em Nova York te esperando.

Eu fecho os olhos e massajeio as pálpebras. Sawyer se levanta, percebendo que a coisa não está boa. Ele fica atento aos meus movimentos.

— Pai, eu não vou para casa hoje. Quem está fazendo fofoca sobre mim?

— Isso não vem ao caso. Ele está aí com você? O bandido que se fingiu de terapeuta para seduzir você?

Olho aterrorizada para Sawyer. Ele fica
NACIONAIS - ACHERON

meio pálido por causa do meu olhar e sabe que a coisa não é boa.

— Pai... Podemos conversar quando...

— Não podemos. Se você não vier embora, eu vou até a polícia e o acuso de raptar minha filha. Diga isso a ele e quero ver se o desgraçado não vai tremer feito uma menininha.

— Céus! Pai, para pelo amor de Deus! Eu não sou mais uma criancinha. Ninguém me raptou, não estou aqui contra minha vontade e não vou embora agora.

— Faça como quiser. Vou esperar sentado diante da TV para ver esse cafajeste sendo algemado.

A ligação terminou. Meu pai desligou na minha cara.

Fico paralisada com o telefone na mão. Tento assimilar tudo que aconteceu. Está vendo só, Candice, o que uma fofoca pode fazer? Meu pai saiu pirado do fim do mundo e viajou para Nova York só por causa de uma vingancinha de Candice. Que ódio! Nunca ouvi meu pai tão furioso e nunca fiquei tão assustada.

— Mary... — Sawyer me chama e eu olho

para ele. Exalo profundamente e deixo o celular cair no sofá e, em seguida, meu corpo meio adormecido também cai.

— Alguém contou sobre você ao meu pai. Temos que ir embora — digo sem olhar para ele, com a cabeça baixa, o rosto entre as mãos.

— Contou o quê? — Ele se senta ao meu lado.

— Creio que foi Candice. Ela deve ter falado sobre seu falso consultório e sobre a maneira que me envolvi emocionalmente.

Olho para ele do meu lado.

— Sawyer... Você sabe que eu estou... Que eu sinto por você...

Ele abre os braços para mim e eu apresso em me aninhar neles. Minha cabeça ficou apoiada em seu peito e o queixo dele em minha cabeça.

— Eu sei, querida.

Ficamos calados, noto o coração dele acelerar um pouco e depois ele começa:

— Eu... Mary... Eu... — Ele gagueja. Eu afasto do abraço e olho. Sawyer está pálido e me fita com olhos aflitos. Vejo um grande temor neles.

— Eu não quero desistir de você, Marianne... eu também... — Ele respira fundo. As palavras parecem presas em sua boca. Fico estática e possivelmente também pálida. Não tanto quanto ele. Eu quero que ele diga, já posso pressentir que ele quer me dizer algo, porém, duvido que seu orgulho masculino permita.

— Isso é muito estranho pra mim... Eu nunca... Jamais senti por outra mulher... — Ele faz rodeios. Por que para nós mulheres é tão fácil dizer eu te amo, ou estou apaixonada? Mas eles ficam assim. Como mortos-vivos só por causa da simples hipótese de se declarar.

— Sawyer... — Eu acaricio o rosto dele, a barba é macia e muito erótica.

— Eu só... Apenas... Não me deixe agora. Não sei ainda discernir isso que sinto, mas se for o início de uma paixão... — Ele contrai os lábios e dá de ombros. — Está tudo bem para mim. Só não deixe que interfiram novamente no que há entre a gente.

Eu fico alguns segundos, paralisada, olhando para ele como se fosse um extraterrestre. E como se estivesse acordado para a vida, avanço

para cima dele e volto a abraçá-lo forte. Sawyer também me abraça. Ficamos assim, presos nos braços um do outro, por muito tempo. Apenas sentindo o calor do corpo do outro. Ele afaga meus cabelos e beija minha testa. Nós nos afastamos poucos centímetros para podermos olhar nos olhos um do outro. Meu Deus! Estou me sentindo em um filme de romance.

— Não quero mais um caso, um rolo... — Ele diz de supetão.

— Não? — Estremeço com a hipótese de ele recuar.

— Quero garantia. Agora que algo pode se intrometer entre a gente, eu quero que você possa dizer a todos que tem um homem em sua vida. Não quero dar motivos para seu pai, Candice ou quem quer que seja falar sobre a gente.

— O que está me propondo?

— Eu nunca fiz isso, mas proponho que comecemos um relacionamento sério e em público. Eu não sei como isso funciona, mas quero ser seu namorado.

Nem preciso dizer que metade de minhas Mariannes desmaiou e a outra metade começou a

soltar rojões. Eu fiquei em pane por dois segundos até ele estender os braços para mim, e eu pular para cima num abraço apertado. Será que fica feio se eu comemorar muito?

— Pai, não precisa fazer nada precipitado. Estou indo para casa. — Telefonei o mais rápido possível.

— Estarei esperando.

— Claro. Alguém irá comigo. — Olho para minha mão presa na de Sawyer. Ele faz um gesto com a cabeça para eu continuar, me dando confiança.

— Ele?

— Sim, pai. Você poderá conhecer meu namorado.

Tive o prazer de ligar para meu pai e dizer que vou levar meu namorado. Prazeroso além do limite. Enchi a boca de orgulho para dar a notícia.

Nessa noite, fomos rápido ao bar apenas dar uma olhada, afinal foi aqui que foi gravada uma das cenas de um dos filmes do 007. Um funcionário sorridente nos lembrou desse detalhe.

O bar foi uma distração conveniente, mas nada que nos fizesse esquecer o que tinha acontecido. Nossa rota pelo mundo está suspensa. Sem México, Brasil ou Paris.

Depois de jantarmos no quarto, Sawyer e eu ficamos sentados no tapete de frente para a TV fazendo planos para mostrar a todos que estamos juntos.

Assim que o filme termina, Sawyer me puxa para seu colo. Nós nos beijamos e ele se deita de costas no tapete me ajeitando em cima dele. Sinto o roçar do contorno do pau duro meio de lado dentro da calça de flanela que ele usa. Ele nota que gostei do que vi e passa o volume entre minhas pernas.

— Acho que você sofre de priapismo. Está sempre duro.

— Meu pau era minha ferramenta de trabalho, acho que ele se acostumou a cumprir seu dever.

Dou uma risada. Sawyer mantém a mão possessiva na minha bunda e fica admirando eu rir.

— Por que não pega nele um pouquinho

NACIONAIS - ACHERON

assim? — Ele faz um gesto com os dedos mostrando o tantinho.

É lógico que peguei. É lógico que ele apalpou minha vagina, é lógico que nos beijamos até perdermos o fôlego, é lógico que Sawyer quase gozou na calça por causa da minha massagem.

Tudo acontece com muita calma. Não estamos trepando, pelos beijos de Sawyer, as mãos dele acariciando lentamente cada parte do meu corpo, nós estamos fazendo amor, como eu sempre quis.

Ele se senta comigo em seu colo. Minhas pernas abraçando sua cintura. Como se venerasse meu corpo, ele tira a camiseta dele que eu tinha vestido e, ao passo que minha pele vai aparecendo, seus olhos brilham mais.

Para qualquer mulher, essa é a coisa mais lisonjeira. Saber que pode deixar um homem assim, com esse olhar. Para mim, é lisonja ao quadrado, afinal esse não é qualquer homem.

Não precisamos dizer nada. Um olhar diz tudo quando eles se encontram. Os verdes dos olhos másculos com os meus cor de mel.

Os lábios molhados e ávidos dele pousam

como mariposas em meus seios. Seguro com força nos braços dele, sentindo seus tendões vibrarem quando ele puxa um dos meus seios para fora do sutiã meia taça. Ele olha com os lábios entreabertos como se gemesse, mas não há som.

Logo seus dedos dão uma puxadinha fraca no mamilo intumescido e, em seguida, seus lábios. Eu seguro os cabelos de Sawyer enquanto ele suga e puxa meu mamilo com os dentes. Repete o mesmo procedimento com o outro seio e depois tira todo o sutiã.

— Adoro seu cheiro. — Ele aspira e beija meu seio. — É algo perfumado, cremoso e tem cheiro de você mesma. — Ele confessa e busca meus lábios. — Às vezes acho que é maçã, às vezes acho que é amêndoa. — Ele suspira junto com cada beijo.

Nossas línguas parecem que foram desenhadas por algum designer profissional para se acomodarem juntas, acho que nenhum beijo é tão cômodo e perfeito como o nosso. E isso não tem a ver com eu estar contando vantagem. Outros casais devem pensar a mesma coisa.

É melhor que fumar um baseado. E sim, eu

já fumei um baseado.

Eu empurro a língua dele e saboreio com ânsia toda a boca quente e sensual, em seguida, ele faz o mesmo comigo me deixando cambaleando de excitação. Beijar um homem com barba é outra história. Você sente a virilidade, não digo uma barbona malfeita, mas uma macia e bem cortada como a de Graham. Suspeito que se ele se empenhar pode me fazer gozar apenas com beijos.

Minhas mãos percorrem o corpo dele e, mais que depressa, eu abaixo os lábios para seu peito. Beijo seu peito, ombro e pescoço. Paro nessa parte e aspiro o cheiro dele.

— Seu cheiro também não é nada mal. — Eu falo em meio aos beijos na pele morena. — É algo como sobremesa doce e álcool. — Sawyer ri e me abraça. — Você é quente, gostoso e adoro esses seus pelos. — Passo a mão no peito dele.

— Apenas estes?

— Todos os pelos do seu corpo.

Em pouco tempo, estamos sem nenhuma roupa. Ele se levanta, pega um preservativo e o deixa de lado. Também pega algumas almofadas e me ajeita sobre elas.

Meus cabelos caem em cascatas amarronzadas sobre as almofadas brancas e ele dá um sorriso de contentamento. Sawyer se ajoelha entre minhas pernas, eu mordo os lábios e parece que esse foi um sinal para ele avançar. Se abaixa e puxa meus lábios com a boca.

— Eu quero mordê-los.

Fico fascinada olhando para os lábios vermelhos e molhados dele. Puxo seu pescoço para beijá-lo. Sawyer se deita em cima de mim. É delicioso senti-lo nu. Sentir o peso do corpo dele me cobrindo, seu calor e seu cheiro. Eu estou onde quero, é ele quem quero e vou lutar por ele custe o que custar. Nem Candice nem Ryan ou meu pai podem tirar a felicidade que acabei de encontrar.

— Não quero que volte a propor ficarmos sem sexo. — Ele afasta da minha boca e diz ofegante.

— Não vou mais propor isso.

Sawyer me brinda com um sorriso estonteante. Depois se senta e veste o preservativo.

Não deita em cima de mim, ele segura minha mão, me faz sentar e toma meu lugar nas almofadas e com um gesto com o dedo indicador

me chama. Eu sei exatamente o que ele quer. E eu adoro desse jeito. Afinal poderei olhar nos olhos dele e senti-lo em toda sua intensidade.

Eu monto em cima dele e lentamente vou deslizando por toda a extensão do pau, Sawyer geme mordendo os lábios e segurando firme na minha bunda, eu me sento por completo sentindo tudo dentro de mim. Estamos indo suave, com calma, não o sexo selvagem que tivemos ontem.

A princípio, fico apoiada em seus joelhos flexionados atrás da minha bunda e juntos começamos uma lenta e sensual dança erótica. Eu subo e desço gemendo a cada descida. Mas ainda é pouco para a gente, estamos fazendo amor e precisamos de mais intimidade. Ele me puxa e eu caio sobre o peito dele.

Sawyer estica as pernas e as abre um pouco, eu aperto as minhas em torno do quadril dele e colo meus seios no peito forte e arfante.

Nós nos beijamos enquanto continuamos os movimentos sincronizados. É maravilhoso olhar nos olhos dele, ver o rosto contraído de prazer, sentir os beijos afogueados e abraçar o corpo forte que, mesmo por baixo, me mantém presa em uma

aura de sensualidade, me controlando por completo, me deixando pirada por mais, me abrindo ao meio em uma carícia perturbadora.

Agora sei como usar meus músculos lá de baixo. Eu os contraio e noto que isso gera algo em Sawyer. Dou um sorriso e ele também sorri. Encosto minha testa na dele, aspirando o mesmo ar entre a gente. Quente e arrepiante.

— Você é terrível. — Ele sussurra e eu mordo, safadamente, a orelha dele.

— Você me fez assim, agora aguenta, doutor.

— Criei uma cobra para me picar.

Dou uma gargalhada e aproveitando meu total controle faço alguns movimentos giratórios com o quadril massageando o pênis dele enterrado dentro de mim. Sawyer geme e sorri.

— Adoro quando você geme, meu gatão manhoso. — Sussurro no ouvido dele. Ele enfia os dedos nos meus cabelos e os penteia para trás.

— Fale de novo.

— Adoro ver você louco na cama, meu gatão manhoso.

Os olhos dele ficam anuviados e ele volta a me abraçar. Um braço enlaça minha cintura e a outra mão desce minha espinha até meu bumbum. Recebo um tapa de leve e muito sensual, logo em seguida, a mão grande dele espalmada no meu bumbum faz uma massagem deliciosa, eu empurro minha bunda de encontro da mão dele.

Gozo horrores nessa posição. É muito estímulo ao mesmo tempo, senti-lo se movimentando dentro de mim, nossas pernas entrelaçadas, a mão dele fazendo carícias ousadas no meio das minhas nádegas e o beijo... Oh meu Deus! O beijo é arrebatador. Ele tem os melhores lábios, a melhor tática de sedução e o mais fascinante sorriso.

Fico caída sobre o torso dele. Sawyer ainda não gozou e quero fazê-lo chegar ao clímax também.

— Vamos para cama. — Eu sussurro.

Ele tira o cabelo do meu rosto e dá um beijo nos meus lábios.

Nos levantamos e vamos para a cama. Sawyer me pede para deitar de lado e se posiciona atrás de mim, ficamos de conchinha e ele me

penetra tão docemente que sinto uma lágrima deixar meu olho.

É tão maravilhoso esse momento, algo que eu nunca achei que compartilharia com ninguém.

E o mais gostoso é que estou fazendo amor com o homem que me apaixonei.

Agora não quero pensar se ele tem passado sombrio como o Wolverine ou se ele é um pervertido que enganava as mulheres. Não quero pensar que meu pai o odeia e que isso possa piorar sua angina. Eu apenas quero aproveitar todo meu tempo perdido que Charles tirou de mim, mas, por alguma razão, não posso culpá-lo, afinal, por causa daquele trauma, hoje tenho Sawyer para mim.

Ele me abraça com paixão, mordendo e beijando meu pescoço enquanto se move atrás de mim.

Mais uma vez chego ao orgasmo e dessa vez junto com ele. Sawyer levanta, descarta o preservativo, pega uma cueca para vestir, pensa um pouco e a joga para o lado. Deita-se nu comigo.

Santa mãe do céu! Quem nunca se deitou pelada com um homem também pelado para dormir não sabe o que está perdendo.

Agora é noite e eu estou deitada abraçada com ele pronta para dormir. Não preciso de travesseiro quando tenho um peito amplo para me aconchegar, os braços que me apertam por baixo do mesmo cobertor são mais quentes que qualquer coisa que preciso. Sinto seu pau pressionando perto do meu quadril e isso me faz sentir tão bem, tão íntima.

Essa já é a segunda noite que deitamos para dormir juntos sem nos preocuparmos com nada. Sem compromissos com outras pessoas ou regras. Apenas ele e eu. Um casal dormindo juntos, dividindo o mesmo cobertor. Espero que essa seja a primeira de muitas noites que virão.

DEZ

SAWYER

Um tolo coagido. É como me sinto quando acordo. Todos os meus planos de viajar e conhecer novos hotéis com Marianne vão por água abaixo. Isso por causa de algum recalcado. Espero que a pessoa tenha deixado o status como anônimo ao fazer a denúncia ao pai de Marianne, ou arcará com as consequências. Eu irei atrás com toda maldade que tenho. Se for quem eu estou pensando, a vingança será épica.

Apesar de tudo, acordo totalmente relaxado. Ontem compramos nossa passagem para um voo hoje à tarde para Nova York.

Ficou decidido que Marianne vai sozinha para a casa dela onde a família deve estar esperando-a e, mais tarde, ela vai me apresentar a eles. De certo modo isso me deixa desconfortável,

NACIONAIS - ACHERON

nunca visitei a família de ninguém, exceto o pai egocêntrico e bêbado de Jill. Acho que vai ser uma visita meio incômoda, pois se eles vierem me falar alguma coisa, eu juro que não ficarei de bico calado.

Olho para o lado. Marianne não está abraçada comigo, está um pouco distante, deitada toda confortável de barriga para baixo. Respiro fundo olhando o rosto bonito tão tranquilo, os cílios longos e negros baixados em paz. Sento na cama e me espreguiço.

Marianne não se move. Eu a deixo descansar, nós fizemos muito esforço durante toda a noite quando ela acordou para ir ao banheiro de madrugada e acabei acordando também. Eu até quis deixar para transar agora de manhã, mas ela disse que não era justo me deixar dormir tão desconfortavelmente duro como eu estava.

Com um sorriso besta, eu olho para a encarnação de Afrodite deitada nua e aninhada ao meu travesseiro como se fosse uma gata dengosa. Olho para as pernas dela parcialmente cobertas pelo lençol branco.

São longas e belas, o bumbum arrebitado e

suculento por natureza, os cabelos cor do mais puro chocolate fazendo um contraste delirante com as roupas de cama brancas.

Ela é minha. Eu penso. *Só minha.*

Apenas meu passado pode tirá-la de mim e isso não vai acontecer, mantereí Marianne longe de tudo que possa remeter a existência de Tyler Carter. Como vou fazer isso? Não sei. Mas a muralha entre o agora e meu passado será sim construída. Serei escroto mentindo para ela? Sim.

Eu me importo? Nem um pouco. O que eu quero é ela e se mentir for a saída, já embarco sem nem pensar.

Olho para o preservativo usado no chão. Tenho que lembrá-la de voltar a usar a pílula, acho que homem nenhum gosta de ter essa coisa no pau. Às vezes a gente quer apenas ter o direito de foder em paz sem precisar vestir nada. Levo a borracha usada para o banheiro.

Entro no chuveiro e tomo uma ducha rápida. É bom acordar e tomar uma ducha, ainda mais quando se está apertado para urinar. Tem coisa melhor para um homem, de pau duro, que urinar no banho? Afinal não é uma tarefa fácil

urinar na privada nessas condições de rigidez matinal, após ter feito uso excessivo do pau durante a noite.

Saio do banho e ligo para o serviço de quarto. Assim como ontem, peço um café completo para dois. Minha linda e pequena comilona vai acordar faminta. Não me lembro de Marianne ser tão esfomeada assim. Será que é a viagem?

Pego a calça de flanela e a visto sem cueca. Quando Marianne acordar e estiver disponível, talvez a gente possa brincar um pouco na varanda. Abro as portas francesas e um ar fresco da manhã junto com sol entram, banhando o exuberante quarto.

Saio e me sento em uma espreguiçadeira olhando para o céu.

Começo a divagar sobre meu novo negócio. Será que um dia o *Grupo Graham* alcançará o estrelato como um dia eu alcancei como terapeuta?

Ontem, antes de dormir, Marianne e eu conversamos e ela me disse que eu não posso perder meu título de terapeuta. Eu não posso mais realizar consultas, mas posso usar o título de outra

forma. Como escrevendo outro livro ou escrevendo colunas para revistas. Ela disse que tentará arrumar algo para mim na revista em que trabalha.

Olha só isso, Candice vaca! Marianne sabe que sou um charlatão e mesmo assim quer me ajudar. Fico todo contente com os pensamentos que inflam meu ego.

Peguei o celular ontem mesmo e liguei para Arthur. Pedi a ele que arrume uma pessoa para ser meu empresário na carreira de terapeuta, um marqueteiro. Preciso de um profissional para tentar manter em alta minha credibilidade e fama.

Fecho os olhos e fico bons minutos assim até ouvir uma voz rouca e sensual. Abro os olhos e Marianne está de pé perto da porta enrolada em um lençol.

Pensem em uma beleza natural, com cabelos desalinhados voando no rosto dela pelo vento, o corpo delicado escondido pelo lençol, o olhar de sono e os lábios desenhados que me deixam com a boca seca. Marianne está mil vezes melhor desde o dia que a vi pela primeira vez.

Ela diz algo como ter sentido frio na cama. Eu sorrio para ela e estendo minha mão. Ela segura

e eu a trago para se sentar em meu colo na espreguiçadeira. Marianne deita a cabeça no meu ombro e aspira.

— Você tomou banho...

Foi uma afirmação.

— Sim tomei. Estava suado e fedorento. —
Dou um beijo no alto da cabeça dela.

— Também estou, devo me afastar de você. — Ela sussurra, parece sem forças até para falar.

— Você não fica fedorenta, minha gata. Mas se quiser tomar um banho enquanto nosso café não chega...

— Pediu café? Estou mesmo faminta.

— Eu pressenti.

— Está me chamando de gulosa, Sawyer?
— A voz dela veio junto com um tom brincalhão.

— Pelo menos na cama você se mostra gulosa.

— Safado. — Ela brinca, me dá um tapa e se levanta. Eu a puxo pelo pulso fazendo-a cair novamente no meu colo.

— Acho que está me devendo um beijo.

— Por quê?

— Porque eu acordei solitário do outro lado da cama. Você me abandonou durante a noite.

— Nossa — o tom dela fica intrigado —, esse é um problema que temos que resolver. Eu me mexo demais quando estou dormindo. Já caí da cama algumas vezes. Se quiser, posso ocupar aquela cama que fica no seu closet quando eu estiver na sua casa.

— Aquilo não é uma cama, Marianne. Não vou deixá-la desconfortável em um sofá. É ridícula a ideia de dormir em outra cama com você na mesma casa.

— Eu me mexo demais, Sawyer, você já deve ter percebido, posso acertar um chute sem querer em você.

— Não me importo. — Aperto meus braços em volta dela — Vou ensiná-la a dormir quietinha.

— Você quem sabe.

Ela dá de ombros e, antes que eu pudesse pensar, levanta-se correndo e foge para o banheiro. Eu me preparava para correr atrás dela quando bateram na porta. Era o serviço de quarto.

Marianne sai do banho minutos depois. Um cheiro doce, de amêndoas, se intensifica, toma todo o quarto vindo junto com Marianne do banheiro. Os cabelos estão dentro de uma toalha enrolada, e o corpo envolvido num roupão. Ela senta à minha frente, eu dobro o jornal que estava lendo e dou um sorriso contagiante.

— Melhor?

— Muito — responde sem olhar para mim. Está mais interessada nos alimentos à sua frente.

— Já comeu? — pergunta, enfim levantando os olhos para me encarar.

— Estava esperando você. — Sirvo-me de café. Ela também se serve.

— Suspeita de alguém que possa ter delatado a gente para seu pai? — pergunto porque isso está mesmo me incomodando e preciso de respostas.

Eu não estou nem um pouco contente de estar sendo obrigado a apressar minha viagem de volta para casa. Estou muito frustrado e querendo foder com a vida da pessoa que está por trás disso.

Se for Candice, ela terá troco. Já dei muita colher de chá para ela, a tratei com pão de ló,

apesar de ela merecer comer o pão que o diabo amassou. No caso, o diabo sou eu.

Nunca uma ex-paciente me deu tanto arrependimento como Candice. Ela sente uma possessividade estranha em relação à vida da amiga. Isso não pode continuar. Vamos ter uma conversa séria. Decido.

Porém, também penso que pode ter sido Ryan ou Alice para se vingar. Mas espere! Se vingar de quê? Não seria Marianne a detentora do direito de vingança? Que porra! A mulher pegou o noivo traçando a irmã mais nova. Eles não têm direito algum de foder com a vida de Marianne.

— Acho que pode ter sido Alice — Marianne fala, me tirando do meu devaneio psicótico —, mas não sei se ela quer piorar a situação dela comigo. Sem falar que ela não sabe do nosso relacionamento.

— Então supõe que seja Candice?

— Sim. Candice pode ter dito sem querer, deixado escapar.

— Não tente defendê-la, Marianne. Candice me odeia. Ela acha que eu vou levar a amiga dela para o inferno.

Sinto o rancor maciço na minha voz. Passo geleia na torrada com gestos frios com tendências assassinas.

— Sawyer, Candice tem medo do que possa acontecer. Ela sabe como eu me envolvo facilmente, sabe dos meus medos e sabe da sua... Do seu histórico.

— Ela não sabe nada de mim, já falei sobre isso.

— Sabe o suficiente para ter certeza de que...

— Que não sou homem para você. — Eu completo, magoado. Não acredito que Marianne ainda tem esse pensamento retrógrado sobre mim. Sei que não sou o melhor exemplar de namorado para alguém como ela apresentar aos pais e amigos, mas estou dando motivos para ela acreditar em mim. Não quero outra mulher, não quero voltar para minha vida de prevaricação. Sim, podem me chamar de boiola por querer desistir de todas as mulheres que querem trepar comigo por causa de uma apenas.

Só eu sei que as minhas escolhas foram um erro. Eu não precisava ter aceitado a proposta de

Amanda duas semanas, ou melhor, não deveria ter aceitado a proposta dela anos atrás quando eu tinha apenas 17 anos.

— Sawyer...

— Ainda tem tempo de voltar atrás, Marianne. — Nem olho para ela, estou fazendo drama, então tenho que manter a pose.

— Deixe de drama. — Ela percebe e vocifera. Levanto os olhos para ela — Eu estou aqui com você. Já expus meus sentimentos e já enfrentei meu pai. Acho que isso basta para te colocar em uma zona de conforto.

Ela dá um sorriso, acaricia minha mão e desvia a atenção para a mesa. E eu solto o ar preso no pulmão me sentindo confortado.

Não quero deixar essa nova vida para trás, sei que há muito ainda para conquistar, sei que devo guardar muito bem meus segredos, pois o dia em que ela souber me abandonará e isso vai acabar comigo. Mas, no momento, vendo-a sorrindo para mim, sei que estou seguro. Não será qualquer amiguinha ressentida que vai acabar com minha felicidade.



A tarde logo chega. Marianne envolve meu braço com sua mão, enquanto caminhamos lado a lado pelo aeroporto. Olho-a de esguelha e meu peito infla de orgulho. Ao meu redor, noto os olhares cobiçosos dos homens direcionados a ela.

Quem em sã consciência, com um pau entre as pernas, não olharia para um espetáculo de mulher desse?

Tirem os olhos. Ela já tem dono.

A mulher ao meu lado, de cabelos soltos e óculos escuros praticamente desfila cheia de si. Usa uma calça perfeita recheada com pernas esguias e uma bunda de respeito. A camisa de seda por baixo do blazer azul me deixa todo duro dentro da calça. Isso porque eu fico a todo momento imaginando ela me cavalgando usando apenas essa camisa desabotoada.

— Tem noção do alvoroço que você está causando? — pergunto, sussurrando no ouvido dela. Noto que Marianne está longe, pensando em alguma outra coisa bem distante.

Ela levanta os olhos, me encara e depois

olha ao redor.

— Claro que não. As pessoas devem estar te reconhecendo. Você é uma celebridade.

Por um instante, fico apreensivo. Marianne pode ter razão, e se esses homens estiverem olhando por que me reconheceram? Eu sei muito bem que isso é possível. Meus dedos apertam o carrinho de bagagem com mais força. Um desejo urgente de tirar Marianne daqui se apossa do meu peito. Caminho rápido querendo chegar logo à sala de espera da primeira classe.

E foi justamente lá que aconteceu o que eu mais temia.

Estávamos sentados conversando distraidamente quando notei que dois homens olhavam para nossa direção e cochichavam entre si. Desvio o olhar e tento me distrair com as palavras de Marianne. Nem sei mais o que ela está falando. Fico de olho nos dois homens que me encaram indiscretamente.

Talvez eles estejam apenas achando minha companheira bonita. Tento pensar nisso. Porém, meu sangue gela quando um cria coragem e se levanta. O outro se levanta também.

— Tyler? — Ele pergunta com um meio sorriso. Marianne para de conversar e olha para os dois homens e depois para mim.

O nome na boca do homem soa como uma marretada nos meus tímpanos. Por muito tempo eu não fiz questão de tentar negar, mas agora, com ela aqui ao meu lado... o pânico me cega.

— Não, desculpa, há um engano — respondo polidamente com um sorriso. Por dentro, estou morrendo de desespero. Olho para os lados rezando por algo que me tire desse embaraço; haverá uma possível guerra nuclear se Marianne descobrir algo.

O cara não sai da minha frente. Ele semicerra os olhos, me olha de cima a baixo e encara Marianne como se tentasse reconhecê-la. Como se tivesse que reconhecê-la. Como eles, com certeza, reconheceriam Jill.

— Não. Não é engano. É você. Apesar de estar com cabelos pretos e barba, tenho quase certeza de que é você. — O homem teima. — Vi uma entrevista sua alguns anos atrás e te acho super demais.

— É o exemplo para os caras. — O outro

homem entra pelo meio endossando o caso — Aquelas coisas que você faz...

— Não sei mesmo do que está falando, meu amigo. — Interrompo-o antes que coloque tudo a perder — Meu nome é Sawyer.

Marianne olha de mim para os homens. Com toda certeza, usando sua perspicácia feminina, ela estava notando meu rosto pálido e o desespero se acentuando em meus olhos.

— Então devem ser gêmeos, porra. — Um dos caras gargalha. — Nunca vi alguém tão parecido. Ainda mais com uma gostosa dessas do lado. Acho que na certa ela seria uma daquelas...

Antes de ele terminar de falar o que eu já pressentia que ele falaria, me levanto crescendo para cima dele.

— Cale. A. Boca! — Reajo transtornado de raiva apontando um dedo. Falar de mim eu até suporto. Mas jogar Marianne no bolo já é demais. — Não ouse falar nada da minha garota ou vai cagar todos os dentes amanhã.

— Calma aí, patrão. — O outro homem coloca a mão entre mim e o colega. — Tudo bem. A gente deve ter se enganado.

Eles se afastam e me lançam um olhar confuso e com um pouco de desprezo.

— Afinal ela é bela e delicada demais para o bruto Tyler que a gente achou que você fosse — disse com ironia o mesmo homem que quase perdeu os dentes ao se afastar.

Fico parado, tremendo de raiva até sentir mãos delicadas segurando meu braço. Volto a sentar.

Aquele Tyler do passado não conseguiria alguém como Marianne. Mas eu não sou ele, é isso mesmo; sou Sawyer Graham, ex-terapeuta e futuro magnata dos hotéis.

— Meu Deus! Sawyer, o que foi isso? Por que tratou os homens assim? Eles não estavam me insultando.

— Mas iam insultá-la, Marianne. Eu vi o sorriso de deboche nos olhos dele.

Ela aperta a minha mão tentando massagear meus dedos fechados com força.

— Mas o que ele poderia falar de tão sério? Apenas confundiu você com alguém. Não há motivos para o chique.

Você não faz ideia do quão sério poderia
NACIONAIS - ACHERON

ser. Penso amedrontado. Sinto gotas de suor na minha sobrancelha. Limpo imediatamente. Preciso dar uma resposta convincente a ela.

— Olha ao redor, você fez um vexame. — Ela sussurra meio constrangida, olhando ao redor.

— Não me importo. Eu bateria na cara dele se ousasse falar alguma coisa de você.

Devo estar claramente muito enfurecido, ela está calma, mas os olhos estão meios saltados.

Fico com o coração pesado. Não é justo eu enganá-la dessa forma, mas ela não pode saber do meu passado, Marianne é do tipo de mulher que não aceitaria ter sido enganada e muito menos estar com um homem de passado tão depravado. Sem falar que o que Candice acha que sabe de mim iria se confirmar. Já posso ver ela dizendo a Marianne: "Eu te avisei que ele não prestava."

— Desculpa. — Respiro pesadamente. — Estou nervoso com nossa volta a Nova York. — Minto. Ainda bem que sou bom nisso. Os olhos dela relaxam quando minha voz sai em um sussurro mais calmo.

— Está tudo bem. Não teremos problema. Já combinamos tudo não foi? — Marianne acaricia

meu rosto e depois me beija de leve. — Eu também estou nervosa.

Ela mal termina de falar e eu a abraço imediatamente.

Meu Deus! Eu não a mereço. O idiota tinha razão. Ela é muito mais para alguém como Tyler.

Horas mais tarde, estamos acomodados na primeira classe do avião. Marianne, sentada sobre as pernas dobradas, termina de digitar algo no laptop, guarda e tira os óculos. Ela fica muito sexy de óculos de leitura. Aquele tipo de imagem que faz um homem ficar de pau duro imaginando cenas, uma imagem que poderia ser capa de revista e deixaria todos altinhos de tesão.

Ela, indiferente à minha loucura por óculos, passa os dedos pelos cabelos macios provocando meu olfato com o cheiro que exala dos fios. Olha para mim e morde o lábio, seus olhos estão miúdos, acho que está com sono.

Fecho o livro que estou lendo, puxo-a para se acomodar contra meu ombro. Marianne se encolhe e puxa a manta que lhe foi dada cobrindo as pernas. Beijo seus cabelos e, antes de ela adormecer, me pergunta com a voz baixinha:

— Quem será esse Tyler que se parece com você? Fiquei curiosa.

Fico todo rígido, mas ela não percebe, pois já dormiu sem esperar minha resposta. Agora é questão de tempo para ela digitar no Google e a ficha completa de Tyler aparecer.

ONZE

MARIANNE

O voo foi cansativo, mas eu nem vi o tempo passar. Dormi, acordei, conversei com Sawyer e em seguida corremos escondidos para o minúsculo banheiro.

Digo uma coisa: tem que ser artista para transar em um banheiro de avião. Mas quando se tem perseverança, dá para transar até dentro de um baú.

Nós rimos e nos debatemos mais que trepamos. Ele abaixou as calças, eu abaixei a minha e pronto. Apenas isso, não dava para tirar toda a roupa, ficar confortável.

Com a cara amassada contra a porta, de costas para ele, começamos a nos mover em um ritmo bom. Foi gostoso, delicioso. Eu tinha que ficar quietinha para não chamar a atenção e isso é

NACIONAIS - ACHERON

muito difícil quando se está trepando com Sawyer.

Ele me virou, me pegou no colo, com muito trabalho, eu tirei minha calça para poder engancha as pernas na cintura dele, mas as costas dele bateram na quina de alguma coisa; Sawyer me virou e bati a cabeça na parede. Rimos com as testas juntas. Mesmo assim, foi divino. Muito divertido. Batemos a cabeça várias vezes, meu cotovelo bateu na clavícula dele e, por fim, conseguimos a posição desejada. De pé comigo no colo, Sawyer mandou ver.

E nós nos libertamos em um gozo terrivelmente abalador. Para ficarmos calados e não gritar na hora H, mantivemos a boca ocupada, grudada uma na outra para absorver qualquer ruído. Eu até tentei gritar, mas o beijo forte e muito erótico dele conseguiu me calar. Terminamos suados e rindo.

Quando saímos, estava na cara o que tínhamos feito no banheiro. Os cabelos de Sawyer estavam nas alturas, muito assanhados. Eu passei a mão rápido em uma tentativa de arrumá-los com meus dedos.

Quem me viu jamais poderia imaginar uma

cena como essa. Meu Deus, no passado eu ficaria horrorizada se alguém apenas me dissesse que transou no banheiro de um avião. E eu aqui fazendo isso.



Meu pai já tinha me ligado duas vezes, parece que ele e minha mãe já estão em Nova York para resolver os problemas da filhinha dele, de oito aninhos. Estou com uma raiva disso tudo.

Sawyer me conforta dizendo que podemos fazer nossa rota de conhecer hotéis em outra ocasião. Também propõe me levar em uma propriedade que ele tem em Massachusetts. Isso de certa forma me deixa meio eufórica. Mas a lembrança de meu pai me esperando me joga novamente no poço de larva.

Assim que chegamos, decido levar minhas coisas comigo para não dar o que falar. Sawyer tenta me convencer a deixar ele levar minhas roupas para a casa dele, mas, quanto menos meu pai tiver para reclamar, melhor.

Sem falar que essa foi uma boa desculpa para eu não permitir que ele me arraste para seu apartamento. Ainda não estou preparada para morar com um homem. E ele acha que eu praticamente aceitei.

Nós nos despedimos no aeroporto, eu prometi encontrá-lo amanhã para tomarmos café juntos. Ele fica cético quanto a essa promessa, afinal tantas vezes eu já o abandonei depois de Candice ter feito minha cabeça.

— Sawyer, eu nem sei se vou perdoar Candice e, se isso acontecer e ela quiser continuar sendo minha amiga, tem que aceitar você também.

O semblante dele relaxou um pouco e até deu um sorriso orgulhoso.

— Está me escolhendo ao invés de sua amiga mais antiga?

— Minha amiga mais antiga, que foi uma safada e mentiu pra mim.

— E eu acobertei tudo.

Com ar culpado, Sawyer passa as mãos nos cabelos, exasperado.

— Pare de se culpar. Fiquei mesmo com muito ódio de você ter escondido isso de mim,
NACIONAIS - ACHERON

afinal, se tivesse me contado, poderíamos estar juntos há mais tempo.

Sawyer me olha duvidoso, um sorriso esperançoso começando a nascer.

— Está falando sério?

— Claro que sim. Eu quero estar com você. Não percebeu ainda? — Envolvero o corpo dele com os braços e levanto os lábios para receber um beijinho, que acaba evoluindo para um beijão. Ficamos no portão de desembarque abraçados por algum tempo até ele se afastar.

— Quero te dar uma coisa. Comprei ontem enquanto você dormia lá nas lojas do hotel.

— Sawyer... — Já coloco a mão na garganta, olhando para ele.

Ele tira uma caixinha de veludo do bolso do casaco e meu coração começa a bater em câmera lenta.

— Isso aqui é uma prova de que vai voltar para mim amanhã. Use quando for enfrentar sua família, por favor. — Ele não abre a caixinha. Olha para ela e depois para mim. — Nunca fui romântico, nem sei como se faz isso. Eu o comprei para substituir o que fiz você tirar. E queria que

tivesse o mesmo significado que o de Ryan tinha.

Minha voz já era. Estou paralisada encarando-o como uma estátua. Ele abre a caixinha à minha frente e dois anéis prateados repousados brilham. Um é feminino, prateado e cravejado com três diamantes o outro é um círculo grosso liso, também prateado.

— Não existe a opção "não aceito" — declara, meio sem jeito. Sei como isso para ele é diferente, inusitado. Até pouco tempo atrás, Sawyer não queria rótulos.

Tiro meus olhos dos anéis e levanto em direção aos olhos dele. Parecem mais verdes e, até arrisco a dizer, há paixão neles. Estou me derretendo toda.

— Está formalizando o... pedido de namoro? Tipo... humm... Oficial?

— Sim, claro, eu queria um caso — ele coloca a mão fechada na boca, tosse falsamente —, mas só de pensar no quanto isso te deixa desconfortável, eu mudei de ideia. Quero ter uma ligação completa com você — pigarreja e os olhos brilham —, quero que se sinta à vontade com nossa relação. E se você quer chamar isso de namoro

então eu sou seu namorado, como já tinha dito ontem. Isso é só uma formalidade.

Olho à minha volta, imaginando que talvez eu esteja mesmo em um final de um filme de romance, como eu tinha cogitado ontem.

Tudo que eu sempre quis desde que eu o conheci está acontecendo e o sentimento que bate aqui dentro é um milhão de vezes diferente do que aconteceu quando Ryan fez essa mesma proposta. Eu amo Sawyer de uma forma visceral, de uma forma crua e verdadeira e ter essa segurança de que ele quer uma ligação completa comigo agora me deixa quase querendo soltar rojões.

— Estou ficando tão nervoso com seu silêncio. Se receber um toco agora, eu não sei o que fazer. Isso tudo é estranho e...

— Eu aceito — digo rápido demais. Abraço a cintura dele, o mais apertado que posso. Sinto-o respirar aliviado e ouço o riso baixo dele.

"É lógico que você aceita."

"Força, Mary. Daqui para o altar é um pulo."

"Isso que eu chamo de boceta poderosa."

"Ele não é a coisa mais fofa e deliciosa?"

"Esse cara vai tirar suas noites de sono. Tola."

Minhas Mariannes estão sentadas em suas poltronas reclináveis com olheiras (desde que reencontrei Sawyer elas estão na vigília), dando palpite na minha vida, apenas Marianno dorme sossegado. Minha mente está a mil por hora.

— Eu prometo não ser muito problemática e ser tolerante com... com seu consultório, na verdade, eu não quero que continue e nem acho que você possa continuar...

— Eu não vou mais ter pacientes, Marianne. Acabou. Você foi a última e fechei minha história de psicanálise com chave de ouro.

Cacete! Agora acabou. Virei açúcar na chuva. Eu sorrio afoita e beijo os lábios falantes dele.

Quero só ver a cara de Candice quando eu esfregar nas fuças dela meu anel de compromisso com o solteirão gostoso mais cobiçado de Nova York.

Sawyer pega o anel mais delicado. Isso é tão retrógado, eu tripudiei de Ryan quando ele fez o mesmo, mas, com Sawyer, parece o gesto mais

lindo e romântico do mundo. Ergo minha mão direita que está trêmula e gelada e ele o coloca no meu dedo anelar.

Depois eu pego o outro anel, tremo tanto que ele quase cai. Enfio no dedo dele e, em seguida, beijo sua mão, com um anel que me representa. Chupa, mundo! Olha quem conseguiu o terapeuta gostosão. Eu mesma. Agora ele é meu, só meu, todo meu. Estou pirada de tanta euforia.

— Vou preparar um jantar em minha casa com meus amigos mais íntimos para apresentar você a eles — diz Sawyer todo empolgado, segurando minha mão na dele.

— Eu vou adorar.

Minha vontade é de correr pelo aeroporto gritando: estou namorando Sawyer Graham e vou conhecer os amigos dele.

Sambar geral na cara das recalcadas. Onde estão as modelos e socialites agora?

Suponho que os amigos dele sejam gente como Bon Jovi, Michael Jordan, Eminem, Nicolas Cage e por aí vai. Vou conhecer as celebridades.

Consigo me controlar com esses pensamentos, parar com esses sentimentos diversos

NACIONAIS - ACHERON

que tenho dentro de mim.

Algumas Mariannes estão afoitas. As Team Sawyer. Outras estão futricando, tentando me deixar com um pé atrás. E outras duas torcem para que Sawyer me pegue de jeito na cama ou no sofá só para elas poderem ver. Já Marianno, que acordou com o barulho, coloca o soco inglês e promete arrebentar a cara de Sawyer se ele fizer algo errado. E olha que ele acha Sawyer foda.



Agora estou sozinha no táxi com meus demônios e um anel no dedo. Eu queria ter ido com Sawyer para a casa dele e dormido lá, a primeira noite como namorados oficiais. Não quero ter que passar a noite sozinha no meu quarto me lembrando de tudo o que aconteceu. Ainda me machuca muito lembrar da traição de minha irmã. Sei que em algum momento terei que perdoá-la, afinal não irei perder minha única irmã por causa de homem. Já disse que brigar por homem é a pior humilhação.

Chego a minha casa e fico vendo o táxi se

afastar. A meus pés, uma mala. Olho para ela e para a porta. Respiro fundo, abro a bolsa e procuro minhas chaves. Não sei mesmo quais os verdadeiros sentimentos do meu pai e o que espera por mim. Abro a porta e entro arrastando a mala e a bolsa de mão.

— Oi. Alguém em casa? — grito e em dois segundos minha mãe desponta da cozinha. Ela sorri e vem correndo me abraçar.

Etapa um vencida. Mãe sem vestígios de raiva. Eu me enfio nos braços dela. Minha mãe cheira a tempero, deve estar fazendo o jantar. Eu me sinto em casa, de olhos fechados, sentindo o calor dela, o cheiro familiar. Respiro fundo, controlando meu pânico.

— Mãe, que saudade! — Falei isso em português. Amo falar em português com ela. Eu me sinto como se fosse um código apenas de nós três: ela, Alice e eu. O papai também fala um pouco, mas não gosta.

— Minha querida, estava tão preocupada. — Ela me olha com olhos lacrimejantes segurando meu rosto em suas mãos. Fala também na língua natal.

Eu me afasto um pouco dela e olho admirada para os cabelos cor de lama como os meus, porém mais curtos e com os primeiros prateados aparecendo. Mamãe é uma gatona para a idade dela.

— Preocupada com o quê? Vocês sabiam que eu estaria no cruzeiro. — Eu me faço de sonsa, como se o papai não tivesse ligado ameaçando.

— Mas não sabíamos que estava fugindo na companhia de um psicótico.

Ferrou, lá vem ele.

A voz de meu pai soa atrás da minha mãe, me afasto dela e o encaro. Meu pai nunca esteve tão ameaçador. Graças a Deus, Sawyer não veio comigo.

Sempre zoamos mamãe dizendo que ela se casou com o papai só porque ele se parece com o eterno gladiador *Russel Crowe*. Claro que, na época, ela nem conhecia o ator. Com cinquenta e três anos, papai também está um garotão e o prateado da idade não atingiu ainda os belos cabelos lisos e pretos. O pai de Leo cisma que papai pinta os cabelos.

Agora, me analisando com olhos

ameaçadores e perspicazes, ele se parece mais ainda com o ator.

— Pai... — Eu me afasto da minha mãe e o encaro, sem demonstrar fraqueza.

Logo meu pai? Posso receber hostilidade de todos menos dele. Fico com o coração em pedaços.

Sempre fui mais apegada a ele, como nunca teve um filho homem, ele me ensinou coisas fantásticas que ensinaria a um filho. Como ir pescar aos domingos, escolhendo iscas e anzóis certos, me ensinou a gostar de gibis de heróis e a me interessar por construções. Mesmo que, mais tarde, eu tenha feito design e não arquitetura.

Agora, voltando ao assunto, meu pai é o maior ciumento que existe em relação às filhas. Se ele pudesse, homem nenhum nunca encostaria na gente e se ele fez bico para Ryan quando eu fui apresentá-lo o que eu poderia esperar que ele diria sobre Sawyer? Ainda mais sabendo todas essas coisas. Papai sempre vai me ver como a garotinha magricela de bermuda e camiseta sentada ao lado dele pescando.

— Deseja nos contar alguma coisa,

Marianne? — pergunta, cruzando os braços.

— Sim. — Soo convicta. — Sentem-se, por favor.

Eles dois me olham, minha mãe, confusa, e meu pai aparentemente mais furioso. O que ele pensa? Eu já tenho vinte e cinco anos, não dependo dele para sobreviver e vou ficar com quem quiser.

Os dois se sentam, e eu fico de pé. Não sei como começar. Para tentar começar, não posso olhar para os olhos brilhando de raiva do Sr. Cooper.

— Acho que vocês já sabem o que Alice e Ryan aprontaram. — Eu falo. É mais uma afirmação que uma pergunta. Minha mãe mexe a cabeça afirmando. Meu pai apenas me olha.

— Então, resumindo, foi isso: eu segui em frente. Sei que talvez tenha sido rápido demais, mas segui. Estou namorando outro cara que logo vocês vão conhecer. Pretendo trazê-lo amanhã aqui.

Eu acho que fui inteligente. Joguei primeiro o caso de Alice e Ryan e agora confesso sobre meu novo namorado. Meus pais se entreolham e ficamos calados até ele resolver retrucar:

— Você não tem vergonha de se expor nessa baixaria? — Ele vocifera — Não sabe o que esse homem é?

— Sim, pai, eu sei. E sei que talvez Candice possa ter contado algumas coisas por acidente para você...

Meu pai se levanta e me interrompe.

— Ele é um charlatão sacana que merece ser preso, é mal falado na cidade...

— Mal falado não. É famoso. — Corrijo meu pai na maior cara dura. Acho que ele tem vontade de tirar o cinto e me bater nas canelas. — Não me importa o histórico que ele tem. O que importa é o agora.

Deixo os olhos cintilantes dele e viro-me para minha mãe.

— Mãe...

Esse "mãe" foi como se eu tivesse falado: "Por favor, me ajuda, interceda por mim."

— Filha, eu conheço você — diz ela. — Você se apega fácil às pessoas, temos medo do que esse cara pode fazer. Ele já teve tantas, é um mundano depravado e sem um pinga de amor alheio.

Candice falando na boca da minha mãe. Parece o filme *Ghost* quando o Patrick Swayze incorpora na Whoopi Goldberg.

— Me digam exatamente o que alguém falou de Sawyer para vocês? – Sento-me na frente dos dois. Eles se entreolham e depois meu pai começa a falar.

— Nós descobrimos sozinhos.

Tudo bem. Candice conseguiu dois escudos. Eles não vão denunciá-la nem sobre pena de morte.

Olho para minha mãe e mexo no meu anel, o mais novo amigo para minhas horas solitárias e aflitas.

— Então conte o que descobriram sozinhos.

É lógico que meu pai se candidata a narrar a vida de Sawyer. Ele começa a falar andando na sala sem olhar para mim, como se tivesse o discurso ensaiado.

— Sawyer Graham. Nome conhecido nas rodas de fofocas dessa cidade. Conhecido como o Divo do Divã, o Terapeuta das Estrelas, o Ceifador em algumas revistas...

— Ceifador? — pergunto, abismada.

Ele pega uma revista já preparada e joga para mim. Nela aparece Sawyer e uma morena saindo do seu consultório. É a atriz Nina Gold. O título diz: O Ceifador de Vaginas colhe mais uma para sua coleção.

Dai-me paciência. Meu pai andou lendo esse tipo de coisa? Fico morta de vergonha, pois ele sabe que o tal ceifador está agora dormindo com sua filhinha.

— Eu não o aconselho a ler esse tipo de revista. — Jogo-a na mesinha.

Meu pai ignora e continua falando:

— Para resumir, descobrimos que nosso querido amigo e possível genro nunca foi a uma faculdade, nem sequer fez um curso por correspondência. Ele ganhava milhões enganando pessoas e agora responde por processos como uso indevido de profissão e estelionato. Você sabia disso, Marianne?

— Não no começo. Mas Sawyer me contou tudo recentemente.

— E você foi paciente dele?

Ele mantém a pose e me interroga de
NACIONAIS - ACHERON

braços cruzados e eu quero enfiar a cara no chão. Meu pai sabe todas as coisas que Sawyer praticava no consultório, me ver como a ovelhinha doce em perigo no consultório do ceifador vai deixá-lo enlouquecido.

— Onde o senhor quer chegar, pai?

— Em uma explicação para essa pouca vergonha! — grita.

Abaixo a cabeça. Estou com vontade de chorar, gritar e me rebelar totalmente.

Que merda! A vida toda fui uma filha exemplar, Alice passou a vida fazendo bobagem e agora estou sendo quase mandada para o corredor da morte porque estou namorando um homem com apelido de Divo do Divã?

O apelido pior é ceifador de vaginas. Minha Marianne rabugenta lembra.

— Ele me deu isso. — Levanto, a mão exibindo o anel. — É compromisso. Eu não iria contar isso ainda, mas vocês são meus pais e não quero que sabiam mais tarde por terceiros. — Levanto a cabeça para encontrar os olhos acinzentados desesperados da minha mãe e a carranca do meu pai. — Eu não preciso explicar

para vocês dois o que estou sentindo por ele. Afinal, vocês são a prova viva de que o amor existe e prevalece. Ele não me conquistou com uma música, pai. Nem com flores, promessas românticas e joias caríssimas. Sawyer me conquistou pela intensidade com que olha para mim, pelo modo como entende todos meus anseios, pelo carinho enorme e a vontade de sempre estar comigo. Eu conheci antes de tudo os defeitos dele e me apaixonei por ele assim mesmo sendo tudo isso que falou.

— E quando não for mais a novidade dele?

— A pergunta do meu pai me corta ao meio. Isso é o que mais temo na vida.

— Farei o que fiz quando deixei de ser novidade para Ryan e ele resolveu procurar a irmã mais nova e bonita. Ou seja, não farei absolutamente nada — respondo furiosa e me levanto.

Eu acho isso tudo muito injusto. Eles fizeram alguma coisa com Alice? Viro-me indignada.

— A propósito, o que fez com sua filha quando ela se enfiou na cama do meu ex-noivo?

Eles se entreolharam.

— Não tente desviar o assunto, Marianne.

— Meu pai rosna.

— Eu não desviei. O assunto Sawyer Graham acabou. Eu estou namorando ele e ponto. E se alguém precisa de um bom sermão aqui, escolheram a filha errada.

Pego minha bolsa e ando em direção à escada.

— Marianne! – Meu pai chama, mas eu me recuso a virar. Estou sendo desobediente, mas passei minha vida abaixando a cabeça para todo mundo. Não vou permitir que ele ou qualquer outro venha interferir em minha vida quando Alice parece ter saído impune disso tudo.

— Filha, não vai jantar? — pergunta minha mãe. Então eu me viro.

Meu pai está bem perto da escada parado. Ao invés de responder minha mãe, eu falo com ele.

— Desculpe pai. Eu não estou querendo brigar. Prometo conversarmos civilizadamente amanhã. E eu não vou jantar, mãe. Estou cansada do voo.

Corro para meu quarto.

Tenho a impressão de ter voltado à minha vidinha mediana. Porém sei que não preciso mais ficar aqui. Possuo agora outra opção de moradia. Reflito.

Pelo menos por um tempo.

Tiro minha roupa e tomo um banho relaxante. Não quero mesmo comer nada, estou enjoada, acho que é a viagem.

Meu celular apita e eu pego a bolsa. Retiro o aparelho de dentro e ligo-o no carregador, em uma tomada perto da cama. Vejo uma mensagem de Sawyer.

Me ligue quando puder.

Deito-me na cama, me acomodo e ligo para ele. Parece que estava esperando. Atende no primeiro toque.

— Oi. Tudo limpo por aí? — Sawyer já questiona logo de cara.

— Não. Não está. — Sopro o ar e massageio minha testa — Eu gritei com meu pai e estou superchateada e arrependida.

— Mary... eu sinto muito.

— Tudo bem. Não é sua culpa. Candice

encheu a cabeça deles.

— Ela esteve por aí?

— Não. Só estão eles dois. Meu pai tem uma visão muito perturbadora sobre você. Não vai ser fácil eu contornar isso. A propósito, você sabia que chamam você de Ceifador de Vaginas e Divo do Divã?

Sawyer dá uma gargalhada estrondosa e eu acabo me contagiando e rindo também

— Eu já tinha ouvido falar. Seu pai que te disse isso?

— Sim. Ele se recusou a falar "vagina" na minha frente.

Sawyer ri mais.

— O caso é sério, Sawyer, para de rir.

— Imagina se ele escutasse metade das coisas que eu te falo?

— Não quero nem imaginar.

— Ainda quer me apresentar a eles?

— Só se isso não te deixar desconfortável. O que acha?

— Eu gostaria de ir. Talvez ele veja que eu não sou mais nenhum Ceifador de Bocetas.

— Não é "bocetas". — Eu o corrijo.

— Vagina é muito sem graça.

— Seja o que Deus quiser então. Eu prefiro que o jantar seja aqui em casa. Eu mesma vou preparar.

— Vai preparar um jantar para mim?

— Temos um jantar marcado, lembra? Antes de eu descobrir tudo sobre Ryan e fugir desvairada com ódio de você.

— Nem me lembre desse dia. Fiquei com tanta raiva de você por ser tão fraca e fugir de tudo.

— Sawyer sopra uma voz de desgosto.

— O quê? Por que só me fala essas coisas pelo telefone?

— Porquê dessa forma você não pode me dar umas pancadas.

— Mas posso me vingar não dando as caras amanhã na sua casa.

— Não brinque com coisa séria, Marianne. Eu vou ter que tomar sonífero de elefante para conseguir dormir essa noite. Estou tão apreensivo. Queria que estivesse aqui.

— Mesmo com minha ameaça de te dar

umas pancadas?

— Eu adoraria que você montasse em cima de mim para me dar umas porradas. — A voz dele sai mais rouca, bem mais sexy. Tremo interiormente e fecho os olhos saboreando o som grave e morrendo de saudade. Querendo muito dormir abraçada com ele.

— Depois, com certeza eu ganharia o troco. — Sussurro.

— Que você iria gostar muito.

Humm, delícia. Olha só meu corpo respondendo as provocações dele.

— É melhor eu desligar antes que essa conversa siga por um caminho tortuoso.

— Está em seu quarto?

— Sim. Não vou jantar. Vou dormir, estou muito cansada.

— Vestindo o quê?

— Eu tomei um banho e vesti uma camisola.

— Que camisola?

Olho para o meu corpo. Foi a primeira que vi na gaveta.

— Você não a conhece.

— Eu quero conhecer suas camisolas. —
Sawyer continua com sua voz sensual. Imagino-o deitado só de cueca em sua cama. Merda, que vontade de me teletransportar.

— Não essa. Ela é de algodão e tem várias Hello Kitty estampadas.

— Agora você fez meu pau subir. Não seja cruel, Marianne.

— Você que me perguntou.

— Então aqui vai mais uma pergunta: está usando o que por baixo?

— Decidi não usar nada. Gosto de dormir à vontade. Um beijo, Sawyer. Durma bem.

— Mary...

— Talvez eu apareça aí amanhã.

— Não aceito talvez.

— Boa noite, Sawyer.

Desligo com um riso bobo nos olhos. Eu acabo de ter minha primeira conversa ao telefone com um namorado. Nunca me deitei para conversar com Ryan e me sinto tão bem agora que durmo rápido, como uma pedra. Não tenho certeza que

Sawyer vai dormir tão bem; talvez depois de uma boa ducha fria.



No dia seguinte estou de pé desde às sete. Fui dormir muito cedo e estou energizada, cheia de força de vontade. Saio do quarto devidamente vestida e penteada. Algo básico: saia lápis, blusinha de renda e um salto doze.

Desço as escadas sentindo um cheiro de café. Corro para a cozinha. De longe, ouço as vozes dos meus pais. Eles conversam animadamente. Já até esqueceram que vieram para cá brigar comigo e Sawyer.

Estão numa boa, confraternizando no café da manhã. É impressionante como eles dois se amam. Papai é um romântico inveterado e por isso tem tanto medo que eu sofra uma desilusão amorosa (mais uma desilusão amorosa). Ele não teria esse medo se o cara fosse normal, mas Sawyer tem um status de mulherengo e agora "charlatão" também está no seu currículo, até dou razão a meu

pai de ter medo que algo aconteça comigo. Só não concordo de ele confiar mais nos fofoqueiros do que na própria filha. Entro na cozinha, minha mãe me vê e dá um sorriso. Meu pai se vira e olha para mim, ficando sério no mesmo instante.

— Bom dia. — Dou um sorriso. Quero ser amigável, odeio ficar brigada com eles.

— Bom dia, querida — responde minha mãe. — Sente-se. Vou lhe servir uma caneca de café.

Eu ainda fico encarando meu pai. Até que não consigo mais e vou até ele. Envolvero-o com meus braços.

— Desculpa, pai. — Ele vira-se no banquinho para poder me abraçar. Ficamos um tempão abraçados.

— Só quero seu bem, meu amor. — Ele sussurra com o rosto nos meus cabelos.

— Eu sei — respondo.

— Alice não saiu impune disso tudo. Te garanto.

— Está tudo bem, pai. — Eu me afasto dele.

— Quer me contar tudo desde o começo?!
— Isso não foi uma pergunta, foi uma ordem mesmo e não vou contestar.

Eu assinto e sento ao lado da minha mãe. Ela serve café para a gente e eu começo a contar tudo, desde o meu medo de me envolver com homens, meu distanciamento com Ryan, o quanto eu o negligenciei como namorada, narro meu encontro com Sawyer quando fui redecorar o consultório dele e como ele começou a me ajudar. Claro que eu omito as sacanagens. Os dois ficam perplexos quando conto que Sawyer descobriu tudo sobre Alice e Ryan e como eu me senti traída por ele e por Candice por não terem me alertado.

Por fim, acabo a narração contando sobre ele ter me resgatado do cruzeiro e me pedido em namoro.

— Pai, eu só vou desistir dele se ele desistir de mim. — Meu tom soa como um pedido de desculpas por algo que eu não posso controlar. Ele não diz nada. Minha mãe não parece tão incomodada e diz:

— A gente não sabia disso tudo. — Ela olha para meu pai. Depois segura minha mão e diz:

— É lindo seu anel.

— Obrigada. — Agradeço e fico olhando para meu pai esperando o decreto dele.

— Eu sinto muito, Marianne. Entendo que essas coisas a gente não escolhe. Mas eu devo antes de tudo zelar pelo seu bem-estar. Quero conversar com ele.

— Sim, claro. Hoje vou preparar um jantar aqui e Sawyer virá.

— Ótimo. Isso é um grande passo. — Minha mãe concorda. Nem tive tempo de ficar gelada pela tensão. Apenas aceitei, na verdade, Sawyer e eu já tínhamos combinado isso, eu pediria a meus pais para darem uma chance, mas assim, com a ordem do meu pai, as coisas parecem mais hostis.

Torço para que Sawyer consiga conquistá-lo do mesmo modo que fez comigo e consegue fazer com qualquer uma.

DOZE

MARIANNE

Termino o café e saio dizendo que preciso ir ao escritório. No caminho passo na Starbucks e faço comprinhas básicas para um homem adulto: umas quinhentas variedades de alimentos para café da manhã. Carregada de sacolas, desço do carro e pego meu celular. Ligo para Sawyer. Ele atende logo.

— Estou aqui embaixo, me deixe entrar.

Ele me passa o código do elevador. Parece sonolento. Eu entro, dou um olá para o porteiro e ele diz que o doutor Graham me espera. Ao menos foi gentil o suficiente para me ajudar com as sacolas.

Digito o código e subo. Assim que chego à cobertura, Sawyer já me espera na porta. Como sempre está uma perdição. Usa apenas uma calça

NACIONAIS - ACHERON

de flanela. Os pés descalços e os cabelos assanhados mostram que ele acabou de sair da cama. Adoro o Sawyer bagunçado. Mas também eu o adoro quando está bem vestido, ou quando está de roupão... são tantas opções.

Sawyer apressa em pegar minhas sacolas. Depois me dá um beijo nos lábios.

— O que é isso tudo?

— Nosso café. Não tenho tempo para fazer, preciso estar no escritório daqui a meia hora.

— E você acha que vai sair daqui antes do almoço? — pergunta por sobre o ombro enquanto caminha para a cozinha.

— Acho e vou. Não vou ao trabalho há mais de uma semana.

Ele coloca as sacolas sobre o balcão e olha para mim. Obviamente pedindo por respostas mais claras.

— À noite, a gente se vê. Você vai jantar lá em casa. — Aproveito e já dou a notícia.

— Gosto quando você está toda confiante em uma ilusão. Então terei prazer redobrado ao fazer você mudar de ideia.

Ele me segura entre seus braços, uma mão aperta minha cintura e a outra segura firme minha nuca. Está com a temperatura corporal deliciosamente quente por ter acabado de sair dos lençóis.

— O que é a ilusão? O jantar?

— Não. O fato de você vir aqui me assanhar e querer sair em menos de uma hora. — Sawyer me puxa e passa os lábios no meu pescoço, ronronando — Não vai acontecer. — Ele me desafia com uma voz sexy.

— Mas... — Droga, que vontade de transar loucamente com ele. — Eu posso passar aqui depois do almoço. Você não tem o...o... o que fazer lá no hotel? — Estou trêmula com as carícias de Sawyer e as pequenas mordidas que ele dá no meu pescoço.

— Não agora.

— Mas eu tenho o que fazer no escritório. — Minha Marianne racional dá uma chicotada nas Mariannes safadas e retoma o poder. Consigo empurrar Sawyer.

Eu me afasto dos braços dele, mesmo sem querer e começo a tirar as coisas de dentro da

sacola. Ele não desiste, vem e me abraça por trás, esfregando de leve o volume em sua calça contra minha bunda.

— Quero comer você, Mary...

Caramba! Precisa ser forte para ter esse homem me abraçando assim, por trás, sentir o calor dos músculos dele, toda essa gostosura em sua calça e ainda assim tentar ser forte.

— Sente-se, Sawyer, vou servir você.

— Me servir? — Ele ri no meu pescoço, e me arrepio toda. Senhor, me dê forças. Consigo torcer meu corpo e fugir a tempo. Fico encarando-o de longe, Sawyer ri de mim, apalpa o volume na calça despreocupadamente e vai se sentar.

— Conte para mim como foi com seus pais. — A expressão dele muda rapidamente e fica me olhando com cara investigativa.

— Papai está envenenado. Candice contou a ele sobre você ser um charlatão e...

Percebo o que eu disse sobre ele ser charlatão e coloco a mão na boca.

— Sinto muito, eu não quis...

— Tudo bem. Eu sou mesmo. Continue.

— Ele acha que vou sofrer mais do que quando Ryan me traiu; eu não sei o que pensar, minha mãe parece aceitar, mas ele continua inflexível e eu disse a ele que só desisto de você se você desistir de mim.

— Então estamos em comum acordo. — Ele lança um sorriso preguiçoso para mim. — Penso o mesmo.

Devolvo um sorriso cúmplice antes de continuar:

— Papai quer conversar com você. — Começo a procurar utensílios na cozinha dele para colocar o que comprei: pães de coco, bolos, biscoitos. Sawyer me diz onde posso encontrar cada coisa.

— Por isso decidi fazer o jantar. Achei que em minha casa seria mais confortável que em um restaurante.

— Uau! Eu nunca passei por isso, conversar com o pai de uma garota. Não sabe o quanto estou apreensivo. Meu estômago está embrulhado.

— Nada como um bom café da manhã para levantar seu astral e te dar ânimo.

— Tem outra coisa muito mais saborosa que vai levantar meu astral e levantar muito meu humor.

Vislumbro o sorrisinho torto para o lado e a piscadinha. Rotina é uma coisa que não terei nesse namoro.

— E essa tal coisa não está em jogo no momento. Estou atrasadíssima. — Olho para o relógio de pulso.

— Marianne, pare de dizer isso. Você me deixa afobado, relaxe.

Ignoro o que ele disse e começo a servir tudo que comprei. Sento ao seu lado para comer.

— Pretende ver Candice agora? — Sawyer finge não se importar com o assunto.

— Sim, se ela estiver lá.

— E aí? Como será? — Sawyer até para de mastigar para prestar atenção.

— Não sei. Acho que serei adulta e a colocarei no devido lugar. Não vou desfazer minha parceria com ela, temos uma empresa para dirigir juntas. — Dou de ombros. — Então, nada de brigar com ela.

— Até parece que Candice vai cumprir isso.

— Vai ter que cumprir. Candice é casada, deve cuidar do marido dela, da vida dela. Vou deixar bem claro todas as regras para ela.

— É assim que gosto. — Ele avança e me dá um beijinho com gosto de geleia de morango. — Estou com mais tesão por você.

— Estou lisonjeada. — Pisco para ele.

Graham parece faminto, aliás, me conte uma novidade, ele sempre come feito um búfalo. Em instantes acabamos com minhas compras. A cada dia que passo, fico mais faminta também e isso é bem estranho. Ele ri da minha gula e diz que na próxima semana, vou acompanhá-lo até a academia do amigo dele.

Achei maravilhosa essa ideia. Ir malhar com o namorado famoso? É o sonho de qualquer uma.

Olho no relógio e já são nove e meia. Preciso ir logo, não posso negligenciar tanto meu "ganha-pão".

— Vamos marcar um horário para o almoço? — Eu proponho, me levantando e levando

NACIONAIS - ACHERON

as sobras para o compactador de lixo.

— Fique mais um pouco. Eu quase não dormi à noite preocupado e você mudar de ideia.

— Mas não mudei e agora pode ir deitar na sua caminha e repor o sono perdido.

— Venha para cama comigo. — Sawyer segura a minha mão acariciando meus dedos. Ele olha para meu corpo e fixa os olhos nos meus saltos.

— Não usava saltos para ir às consultas. Estou decepcionado.

— Eu não queria dar motivos para você achar que eu estava me arrumando para ir te ver.

— Tão má. — Ele encosta o rosto no meu ventre e aspira profundamente — Querer você pelada e de salto, é pedir muito? — Levanta os olhos verdes para mim.

— E eu adoraria te ver sem essa calça — digo, enfiando os dedos nos cabelos dele —, mas preciso mesmo trabalhar, vim aqui apenas tranquilizá-lo.

— E não conseguiu.

— Então é melhor eu sair fora antes que as

chantagens comecem.

Saio rápido de perto dele, pego minha bolsa e começo a caminhar para fora da cozinha.

Ele me acompanha.

— Eu não vou chantagear minha namorada. De agora em diante terei que apelar apenas para seu bom senso.

Eu paro de andar e viro para ele. Está tão irresistível que eu estou quase pulando nele. Por que eu tenho que me controlar diante do meu namorado oficial? Só mesmo para mostrar minha força de vontade? Droga!

— Você chegou e mal olhou para mim, nem me deu um beijo. — Sawyer dramático e carente. Nunca tinha visto esse lado dele. E estou adorando.

— Quando meus pais forem embora, eu prometo passarmos mais tempo juntos. Você vai até enjoar. — Aproximo, dou um selinho nos lábios dele e viro caminhando para porta.

Se eu ficar mais um tiquinho perto dele, acabarei perdendo a hora, pois não vou mesmo me controlar.

Já dentro do carro, paro e reflito: fico surpresa com a mudança de Sawyer. Quando ele me ameaçava, me seduzia e me coagia era bem mais excitante. Fico pensando por que ele não tentou nem uma vez me segurar, me levar a força para o sofá e acabar me convencendo. Talvez esteja com sono e cansado.

Tento não pensar no que ele está pensando e ligo o carro. O dia está lindo, ensolarado e eu tenho um namorado que mora em uma cobertura na Madison e que vai jantar com minha família. Olho para algumas mulheres passando e dou um sorriso para mim mesma. Eu sou privilegiada. É o que acho no momento.

Chego radiante no escritório, levando minha luz própria para os olhos sensíveis dos meus subalternos, ofuscando-os como um bom sol do meio-dia.

Alan se levanta da mesa dele e vem ao meu encontro.

— Meu Deus! Então a lenda da Fênix é verdadeira.

— Sim, meu querido. Renasci linda, confiante e comprometida. — Faço questão de

levantar minha mão e mostrar o anel.

— Já? — Ele arregala os olhos. Alan e sua obsessão de ter um caso no escritório. Ele sempre descartou Candice, pois, além de ser sua prima, ela se casou depressa, então acho que tinha esperanças comigo. Ele acha que a vida é um eterno livro clichê de chefes e secretárias. No caso dele, é o oposto.

— Claro que sim. A fila anda, meu amigo. Candice está aí?

— Está. Já liguei para o padre Germano. Parece que o demônio andou fazendo festa no corpo dela, está possuída.

— Vou dar um olá para ela.

— Tem água benta na minha mesa! — grita em tom de deboche e eu rio.

Saio de perto dele e caminho confiante até a porta da minha parceira de negócios, afinal, não posso chamá-la de amiga, pois ela nunca foi, vai ter que suar muito para mostrar que estou enganada. Abro a porta e ela levanta os olhos.

— Na minha sala em cinco minutos — digo apenas isso e fecho a porta. Sou curta e grossa. Não me importo se ela está endiabrada ou não.

Acho que sou mesmo a Fênix.

Volto para a mesa de Alan. Alice não está aqui e ele está trabalhando dobrado, como assistente de nós duas. Gaby ainda não dá conta sozinha e os outros já têm seus serviços fixos.

— Só para deixar claro, acho que eu era o próximo da fila. — Ele me aborda — Você não pode pegar qualquer um e passar na frente dos amigos.

Reviro os olhos. Ele não se cansa de tentar flertar comigo.

— Você nunca esteve na fila, Alan, sinto comunicar.

— Eu percebi.

— O que temos para hoje? — pergunto olhando o pessoal ao redor com uma expressão neurótica; todos estão ocupados sem tempo de, ao menos, levantar os olhos.

— Projetos, projetos e mais projetos acumulados que certa pessoa resolveu abandonar. Os clientes estão enfurecidos e estou prestes a mudar o número de telefone da empresa. Em uma palavra: caos.

— Nossa, você é direto. Hoje mesmo
NACIONAIS - ACHERON

começo a ligar para todos e marcar reuniões e visitas. Você me ajuda com minha agenda?

— Claro. Afinal é o que faço aqui. Ajudar, sem nunca receber nada em troca. Emily Rose^[1] te expulsou?

Dou uma risada.

— Não. Dei apenas um ultimato a ela. Vai me encontrar em cinco minutos em minha sala.

— Ah, meu Deus! Briga de mulheres? Posso colocar uma câmera bem discreta? Prometo não publicar no YouTube.

— Estou cercada de pervertidos. Comece agora a operação "ajudando Mary a se reerguer". — Dou dois tapas na mesa dele. — Rápido!

Ele me olha com cara de "como maçã com garfo e faca". Ignoro o olhar esnobe e vou para minha sala.

Tudo está exatamente como eu deixei dias atrás quando sai fugida da cidade. Olho ao redor e percebo que alguém, Alan ou Candice, deixou tudo limpo, sem poeira. As persianas estão abertas e a vista é, como sempre, a mais bela. Consigo relaxar só de olhar a cidade agitada lá embaixo.

Ouçó um clique na porta e me viro.
NACIONAIS - ACHERON

Candice está parada com metade do corpo para dentro e metade para fora. Acho que se certificando de que não tem uma arma apontada para a cabeça dela.

— Entre — digo e me sento. Ela entra, fecha a porta e vem para perto da minha mesa. Ambas ficamos caladas esperando para ver quem das duas vai efetuar o primeiro disparo. Eu não quero falar nada até ter certeza de que Candice está arrependida do que fez comigo.

— Como foi de viagem, Mary? — A pergunta sai em um fio de voz, os cílios baixos não deixam eu ver o que se passa nos olhos dela.

— Pergunta errada, Candice — respondo, pouco me importando em esconder a frieza.

Ela mexe nos cabelos e joga as mãos para o alto, em gesto de rendição.

— Tá, eu errei, eu omiti uma coisa séria para você! — Ela começa a gritar desesperada. — Eu não pensei no seu bem-estar, em como Ryan estava sendo cafajeste, eu só quis saber de me vingar de Sawyer. Ele me ameaçou, droga!

Espera! Informação demais.

— E por que diabos foi novamente falar
NACIONAIS - ACHERON

mal dele? LOGO para meu pai? Meus pais estão em minha casa tocando o terror, sabia?

Ela me lança um olhar ressentido.

— Não contei nada para eles, Mary. Eu juro, mas Leopold é um filho da puta fofoqueiro. Contou para o pai dele e isso acabou virando uma bola de neve. — Ela suspira e completa em um tom baixo, quase inaudível. — Sei que errei por ter contado toda a história para meu marido.

Menos a parte que Sawyer pegou você, não é, safada?

Isso ela não conta, grita uma das minhas Mariannes.

Ela está quase chorando. Mas tenho que saber quais são as atuais intenções de Candice em relação ao meu novo namorado.

— Vai levar um bom tempo para eu digerir isso. Você não errou em ter contado para Leo. Errou por ter colocado sua rivalidade com Sawyer em primeiro lugar e esquecer de mim. Você apoiaria meu casamento com Ryan, mesmo sabendo que ele transava com minha irmã às escondidas?

Meu olhar horrorizado bateu nela como
NACIONAIS - ACHERON

uma bola de demolição. Candice se sentou e uma lágrima escorreu do seu olho. Ela mantém a cabeça baixa. Ao menos a vergonha dela parece ser sincera.

Um pé atrás com Candice sempre.

— Me perdoa, amiga. Eu não... Sawyer não merece uma pessoa tão adorável como você. Ele é feito de puro pecado e...

— Ah! Faça-me o favor, Candice. Não venha com essa ladainha não. Sou mulher, caramba, sei muito bem dos seus desejos...

— O que está insinuando...

— Você entendeu. Não me venha com essa de me proteger de um pervertido. Gosto do pervertido, sim, e se seu marido não é, então deixe quem gosta em paz.

— Nossa, você voltou...

— Possessa, agressiva, pense o que quiser, quero te dar outra chance por causa de nossa empresa e nossa família, mas você tem que saber que eu sou adulta, e não vai se intrometer em minha vida. Dessa vez, se tiver outra vez, juro por Deus que Leopold ficará a par de tudo.

— Você teria coragem de arruinar meu...

— Não, não é isso que quero. Mas você precisa entender apenas uma coisa: muita amizade, pouca liberdade.

— Marianne, o Sawyer é...

— Chega, Candice. — Interrompo-a sem brutalidade. — Eu perdoo você. Claro que perdoo. Entretanto, a confiança nunca será a mesma. Você errou feio comigo e muitas no meu lugar não te dariam uma segunda chance.

— Sêrio? — Ela levanta o rosto molhado de lágrimas.

— Você quer continuar sendo minha parceira de negócios, Candice?

— Claro, Mary.

Escolho bem as palavras para poder dar a notícia. Ajeito uma mecha de cabelo de cada lado, colocando-as atrás das orelhas.

— Seu crime é equivalente ao de Sawyer. Não é justo eu perdoá-lo e continuar com raiva de você.

— Você o perdoou? Ele encontrou você nas Bahamas?

— Candice, o que você pensava de Sawyer

antes e o que pensa agora?

Ela se inquieta e olha para mim claramente surpresa. Sei que Candice não nutre nenhum sentimento positivo em relação a ele, mas pode vir a aceitá-lo se o conhecer melhor.

— Bom, eu nunca tive nada contra Graham até ele tentar... er... corromper você.

— Sawyer me ajudou.

— Marianne, eu a conheço bem o bastante para saber como sofreria se ele fosse frio e cruel como foi comigo e com as outras. E eu comecei a nutrir raiva dele quando Sawyer começou a me enfrentar. Sabe que eu não gosto de ser provocada.

Ainda acho, cá com os meus botões, que devido ao fora que levou de Sawyer, Candice não queria que ele se desse bem. Queria que ele saísse como o vilão da história. Ao menos é esse resumo que consigo tirar de tudo que aconteceu.

— E quanto ao agora? — Mantenho minha postura dura.

— Nada. Não tenho nada contra ele. Desde que viva a vida dele bem longe da minha.

— Candice, isso agora é meio impossível.
— Eu sustento o olhar perplexo dela. — Vocês dois
NACIONAIS - ACHERON

vão ter que levantar uma bandeira branca.

Proponho. Na verdade, ordeno.

— Eu...

Ela tenta falar, mas parece que perdeu a voz completamente. Aproveito a deixa e para jogar tudo de uma vez só. Jogar toda a merda no ventilador.

— Ele e eu estamos juntos. E quando eu digo juntos, quero dizer namorando. Estou pensando em mudar para casa dele. — Ignoro o rosto pálido dela, a boca aberta em um "Oh" imaginário e os olhos quase caindo no chão. — Eu estou apaixonada por Sawyer e ele vai fazer parte da nossa vida agora e como eu não vou abrir mão da sua parceria aqui na empresa, quero que seja paciente com ele. — Continuo a ignorar a expressão de quase desmaio de Candice e prossigo: — Eu o conheço e sei como é petulante, mas vou fazê-lo me prometer que não vai provocar você. Pode tentar isso por mim?

Depois de algum tempo, muda e com cara de zumbi, ela gagueja e xinga em voz baixa. Depois começa a falar:

— Espera um pouco. Volta a fita. Ouvi

direito ou você disse que...

— Estou namorando Sawyer Graham.

Candice se levanta aterrorizada com a mão na boca.

— Isso é sério?

— Seríssimo. Eu gosto dele, ele gosta de mim e a gente está começando a tentar. Ele está se esforçando horrores para fazer dar certo e eu tenho que fazer minha parte. Por isso, não quero, em hipótese alguma, intrometimento da parte de ninguém.

— E sua parte é coagir sua amiga a ficar muda diante do seu namorado atrevido?

Olha só, já começou a mostrar as asinhas. Candice não mudou nada.

— Não é ficar muda. É aceitar a presença dele sem precisar apunhalar um ao outro.

— Bem...

Candice olha para mim, enxuga os vestígios das lágrimas e respira fundo. Depois seus lábios tentam se curvar em um sorriso, mas não consegue. Logicamente ela ainda está abalada.

Eu me levanto e vou até ela.

— Não quero que se afaste de mim, Candice, temos esse negócio juntas, estamos em ascensão e nossas famílias são amigas. Você precisa fazer sua parte.

— Está certo. Farei o possível.

— Que bom. Quero ficar em paz com todos, inclusive com Alice.

Ela me encara meio intrigada.

— Vai falar com Alice?

— No momento certo. Ela precisa de uns bons ensinamentos.

— Mary... Eu sinto muito por tudo. Ryan foi um tremendo idiota. Eu devia ter feito tudo diferente. Eu deveria ter apontado uma arma para a cabeça dele e não para a de Sawyer.

Arregalo meus olhos.

— Metaforicamente, Marianne, pelo amor de Deus! — Ela esclarece com um revirar de olhos.

Respiro aliviada e dou um sorriso reconfortante.

— Se Graham é o que você quer, então fique com ele. — Candice se rende e eu tento procurar sinal de sinceridade — Se é ele que vai te

fazer feliz como Leopold me faz, eu te apoio.

— Sim, é isso que eu quero, e é isso que estou fazendo.

— Lógico.

— Obrigada, é ótimo ouvir isso. Somos adultas, cada uma cuida de seu relacionamento.

— Apoio você, Marianne. Se aquele desgraçado fizer uma coisinha errada, eu não o pouparei da minha raiva.

— Obrigada, mas não precisa. Saberei me cuidar. Tenho vinte e cinco anos. Você sabe disso.

Ela dá uma risadinha e nos abraçamos, meio rígidas, ainda tensas, pois, tecnicamente, estávamos brigadas.

— Quero saber todos os bastidores dessa história, tudo completo. Não se esqueça que eu já o vi pelado, então não há necessidade de constrangimentos.

Eu reviro os olhos. Candice me alfinetou propositalmente que eu sei. Eu a conheço. É estranho seu namorado já ter feito sexo com sua amiga. Ou não, no mundo tem de tudo.

— Vamos marcar uma hora? — Eu

proponho tentando parecer descontraída, fingindo que isso não me importa.

— Sexta-feira, Leo vai viajar. Vá dormir lá em casa para fazermos uma festa do pijama.

— Combinado. Eu levo a bebida.

Combinamos e Candice sai após ser chamada por Alan. Eu volto sorridente para minha mesa e só então me lembro que não passei meu anel na cara dela. Mas ele nem está no meu dedo. Está em uma gaveta.

Eu o tirei para dar uma notícia de cada vez para Candice. Tentar manter nossa sincera união de agora em diante, pelo bem da empresa.

TREZE

MARIANNE

Me sento e pego a caneta para começar a listar o que tenho que fazer. Se passam bons minutos, dou dois telefonemas para clientes remarcando horários. Fico feliz que apenas um dos oito tenha me abandonado. A conta mais importante está comigo, o condomínio que Candice e eu estamos construindo. O telefone em minha mesa toca, e eu aperto um botão para falar com Alan.

— Há uma celebridade aqui fora dizendo que é seu namorado. Chamo os seguranças ou os paparazzi?

Fico estatelada sem reação. O que Graham está fazendo aqui?

— Mande-o entrar, Alan.

— O terapeuta das estrelas é mesmo seu
NACIONAIS - ACHERON

namorado? — A voz grave e incrédula de Alan sussurra no meu ouvido. Ele está falando baixinho porque Sawyer deve estar por perto.

— Sim, Alan. É meu namorado. Mande-o entrar e não nos incomode.

Desligo antes de ouvir mais gracinhas do primo de Candice. Pude sentir a amargura na voz do rapaz. Alan parece fadado a ficar sem flertar no trabalho.

Sawyer entra com um sorriso travesso nos lábios. Fecha a porta, olha tudo em volta e vem em minha direção

— Oi. — Ele se inclina por cima da mesa e me dá um beijo casto. — Surpresa!

Empurro o ombro dele e me levanto.

— O que é isso, Sawyer? Por que está aqui?

— Achou mesmo que eu ia deixar você sair lá de casa daquele jeito? Não percebeu que eu estava jogando?

— Jogando?

— Sim, meu bem. Agora que nada mais está no nosso caminho e que todos podem saber do

nosso relacionamento, acabou-se a era de trepadas escondidas em camas e só. Quero aproveitar cada canto com você e devo confessar que seu escritório — ele abre os braços exibindo o ambiente ao redor — é sem dúvidas o lugar que mais me excita, minha linda garota executiva.

Driblo ele depressa e corro para a porta.

— Não mesmo. — Ele exhibe a chave na mão. — Imagina o que estou planejando.

— Sawyer, há pessoas ali fora, Alan e Candice podem ouvir, meus outros empregados podem ouvir.

Ele caminha todo relaxado em minha direção, arranca o cinto, começa a desabotoar a calça e me captura com seus braços viris.

— É só você não fazer muito barulho. Vamos foder quietinhos como adolescentes com medo de serem pegos. — Ele dá um sorriso fascinante e eu mordo o lábio, começando a sentir meu corpo responder. Olho para os lados. — Não quer transar?

— Quero, mas... Isso não pode acontecer. Estou em meu local de trabalho.

— E daí? Depois a gente pode transar lá no
NACIONAIS - ACHERON

meu local de trabalho.

Ele acaricia meus cabelos e, com uma habilidade impressionante, desfaz meu penteado.

— Gosto deles assim. Fique assim para mim, sempre.

Eu olho à minha volta mais uma vez, meus olhos se fixam na porta. Ele toca na minha bochecha e traz meu rosto de volta em sua direção.

— Olhe para mim, Marianne. Relaxe. Vai ser gostoso.

Estou tão quente que a fervura sobe e torna minha visão turva, eu não me preocupo com mais nada, só quero me deitar na mesa e deixar que Sawyer tome as providências necessárias para apagar meu incêndio interior. Que a farra comece.

Puxo a gola da camisa polo dele e tomo-lhe os lábios em um assalto. Ele ri e eu consigo infiltrar minha língua na boca dele para saborear essa boca que me tira do sério. A barba por fazer acaricia deliciosamente o meu rosto.

— Você me deixa mal-acostumada.

— Gosto de deixar você mal-acostumada. Agora quero você naquela mesa, pois minha boca está seca de desejo. Quero chupar sua boceta até

NACIONAIS - ACHERON

você implorar. E então eu vou foder você gostoso.

Eu dou um sorriso safado e pulo no colo dele, com minhas pernas em seu quadril, meio sem jeito por causa da minha saia. Sawyer me beija enquanto caminha comigo até a mesa. Ainda me beijando, ele afasta as coisas com um braço e me senta na ponta. Abro minhas pernas o máximo que consigo e ele fica de pé no meio delas. Seguro forte sua blusa.

— Também quero chupar seu pau, meu gostoso safado. — Mal posso acreditar na minha coragem de falar isso. Até dias atrás, eu apenas pensava.

Maldito efeito Sawyer Graham.

— Continue falando isso e eu vou acabar cometendo uma loucura — diz, todo empolgado. Eu jogo minha cabeça para trás expondo o pescoço. Sei que ele o acha bonito e gosta de lambê-lo. Sawyer faz isso, percorrendo o caminho da minha clavícula até meu queixo com a língua. Morde e beija meu queixo e depois se apossa dos meus lábios. O beijo é delicioso, assim como a forma como nossas bocas úmidas e quentes se moldam perfeitamente, a língua dele faz gostosas manobras

dentro da minha boca me fazendo gemer.

Agora entendo quando ele disse que não haveria regras na nossa relação. Eu já tinha ouvido casos de sexo em escritório e dizia a mim mesma que nunca faria uma baixaria dessa. Eu pensava dessa maneira porque não tinha Sawyer; se alguns chefes forem como ele, sou capaz de imaginar o que levaram mulheres a transarem em um escritório.

Nossas mãos lutam contra as roupas. Ele consegue se despir primeiro, mas não totalmente. Arranca a camisa e a joga longe. Abre o cinto descendo a calça junto com a cueca deixando as duas até metade da bunda. Eu olho para o pau grande dele, melado na ponta e o seguro com desejo.

Quero-o logo dentro de mim, mas também quero chupá-lo e também quero que ele me chupe. Não sei o que escolho primeiro. Parece que estou em um daqueles buffet self-service.

Deslizo minha mão da base até a ponta do pau e noto o líquido incolor saindo do buraquinho. Eu passo o polegar sobre o líquido transparente, esparramando pela glândula e deixando-a

escorregadia. Sawyer geme e tira minha mão de lá.

— Vai acabar comigo desse jeito.

Com minha ajuda, ele ergue minha saia preta até a cintura e puxa uma cadeira, sentando-se de frente para minhas pernas. Ele me puxa um pouco mais para perto do seu rosto e começa a acariciar minha calcinha com o polegar, bem no ponto certo, atingindo meu clitóris por baixo do tecido. Graças a Deus, escolhi uma calcinha de renda e não minhas calças de costume. A pressão que ele faz é tão eletrizante que eu mordo o nó do meu dedo indicador para abafar o grito. O polegar dele, em cima da minha calcinha, fazendo círculos fortes e lentos me faz estremecer, levantando meu quadril da mesa.

— Não faça barulho. — Ele adverte. — Incline-se para trás e abra bem as pernas para mim. — Pede, sussurrando, e prontamente fico na posição. Sawyer puxa a calcinha com dois dedos até tirá-la totalmente pelas minhas pernas.

— Quero ficar com essa para mim. — Ele cheira e diz, enquanto olha maravilhado para minha calcinha preta de renda.

— O quê? Ficar com o quê? — Levanto,

horrorizada.

— Sua calcinha. Todo homem pega uma calcinha da namorada.

— Sawyer, eu tenho que trabalhar hoje, não posso ficar sem calcinha. — Já sentada na mesa, tento tomar a calcinha.

— Ai, cacete. Isso me deixou com a porra em ebulição. Pensar em você andando sem calcinha e de salto. Quando vai me deixar pegar uma?

— Depois.

— Depois quando?

— Sawyer, por favor. Isso é loucura. Eu não fico tentando pegar suas cuecas. — Tento mais uma vez pegar a calcinha da mão dele.

— O que vai me dar em troca se eu devolver?

— O que você quiser.

— Quero foder seus peitos.

— Foder meus seios?

— Sim, Marianne. — Ele segura nos meus seios por cima da minha blusa de renda. — Olha só. Seus seios são grandes e perfeitos para uma boa fodida. Eu vou colocar meu pau aqui entre os dois,

apertá-los espremendo meu pau e começar a fazer movimentos de entra e sai. Entende?

Uau! Meu namorado sabe das coisas e está me levando para o mal caminho. Um mal caminho muito delicioso.

— Nossa... — murmuro, abismada.

— O que me diz?

Meus olhos ainda devem estar arregalados e meu cenho franzido, pois ele leva o dedo ao meu rosto, faz uma pequena massagem no alto das minhas sobrancelhas tentando dissipar meu estresse.

Só de pensar nessas safadezas de Sawyer, eu fico trêmula de tesão, é como se eu tivesse tido uma iluminação nesse momento, algo como uma luz acendendo, descobri que quero experimentar as coisas que ele tem para me oferecer. Com um arfante "eu quero que você faça isso", aceito a proposta dele.

Ele sorri e puxa meu pescoço para me beijar. Enquanto nos beijamos, as mãos grandes e ágeis dele desabotoam minha camisa e imediatamente ele desce o rosto, cheirando meus seios.

— Nunca me canso desse cheiro. —
Murmura contra meu sutiã. Fico pensando se ele vai querer surrupiá-lo sutiã também. — Ah! Marianne, quero passar minha vida chupando você. Mas antes temos algo não terminado. — Ele sorri e me empurra fazendo-me inclinar na mesa. Senta-se de novo na cadeira e abre minhas pernas, me deixando exposta. Cada mão segura uma perna.

E ele começa. Parece que está degustando uma fruta succulenta. Beija, lambe, suga e, se não bastasse a boca, ainda coloca o dedo no meu clitóris em movimentos circulares.

Sawyer é calmo, está matando o desejo, acho que, se deixasse, ele ficaria o dia todo com a cara entre minhas pernas saboreando minha vagina. Eu gemo tremendo, muito bem segura nas mãos fortes dele e o insaciável não para nem por um segundo. É uma tortura tão delirante que me sinto convulsionando sem controle do meu próprio corpo. Ele coloca uma das mãos na minha boca para eu não gritar e fala de mansinho:

— Goze, Mary.

Ele gosta de fazer isso, falar enquanto está com a boca lá embaixo e me ver começar a

desintegrar em pedacinhos.

Arqueio as costas, levantando o quadril. Rapidamente ele leva uma das mãos até meu ventre, me empurrando gentilmente para baixo novamente.

— Sawyer... Por favor...

— Eu sei. Só mais um pouco.

Ele continua lambendo, chupando e beijando e eu gozo quando sua língua faz os mesmo movimentos no meu clitóris que os dedos dele faziam antes. Eu coloco as duas mãos na boca enquanto meu corpo se sacode todo do prazer alcançado. Tudo está conectado: seios, vagina, ventre, estômago e tudo junto queima deliciosamente no meu orgasmo desvairado.

Ele se levanta e não me deixa esfriar. Começa a massagear a entrada melada da minha vagina com seu pau. Um lamento sufocante sai da minha boca.

— Caramba! Sawyer...

— Quer ele dentro de você? Quer que eu te coma rápido e forte?

— Quero agora...

— Mas você prometeu que ia me chupar.
Como fica a promessa?

— Depois? — pergunto.

Ele ri e diz todo pomposo:

— Faça de mim seu sorvete e lamba
minhas bolas.

Eu me sento, dando uma gargalhada
estridente.

— Que tosco! — Não consigo parar de rir.
— Não acredito que disse isso. Que ridículo!

— Pois eu disse. Agora cumpra sua
promessa.

— Venha aqui. — Peço ofegante e puxo o
quadril dele. Ele se aproxima e segura o pau para
mim. Eu o tomo de sua mão e com a fome ardendo
dentro do meu ventre, aproximo a boca e sinto o
cheiro excitante de homem. Chupo como se
estivesse com sede e ele me tivesse dado um balde
de água.

Putá merda elevado ao cubo. O cara sabe
ser gostoso.

Sawyer se inclina levemente para trás e,
assim como eu, morde o nó dos dedos para não

gemer alto.

O pau dele é grande e muito bom de chupar. Mesmo sendo grosso, cabe perfeitamente na minha boca.

Ele tem um cheiro e sabor que me aguça, cheiro de pele, claro que diferente das outras partes, pois fica a maior parte do tempo guardado e apertado nas calças, mesmo assim meus sentidos reconhecem o cheiro dele e isso me deixa muito excitada.

Percebo que os pelos ao redor, na virilha e nos testículos, estão mais encorpados, estão nascendo novamente. Quando eu o conheci, era lisinho.

— Seus pelos estão nascendo. — Eu digo beijando a virilha e em seguida a tatuagem de código de barras.

Minha mercadoria.

— Isso te incomoda? Se quiser, eu depilo.

— Só não quero uma mata aqui embaixo.

Ele ri e afaga meus cabelos.

— De agora em diante, vou apenas aparar.

— Bem melhor. — Eu rio e volto a minha

tarefa de antes, enfiando a cabeça grandona e pulsante do pau na minha boca, circundando-a com a língua. Sawyer geme apertando as mãos nos meus cabelos, mas sem controlar as metidas. Com movimentos contínuos, fodo o pau dele várias vezes, sentindo-o cutucar minha garganta.

— Mary, vamos ter que deixar o boquete para depois. Estou quase gozando.

— Então — ofego —, goze.

Desço meus lábios e chupo uma bola dele. Sawyer arfa. Tiro-a com cuidado dos lábios e pego a outra. Ele vibra e fecha os olhos dizendo um palavrão, dou mais algumas lambidas e volto para o pau todo melado, metendo-o goela adentro.

— Não... Você ainda não...

— Goze. — Eu insisto e ele morde os lábios tentando se acalmar. — Você disse que ia me dar seu esperma para provar. Chegou a oportunidade.

— Não é cedo demais?

— Não. A propósito, não gosto de sorvete sem calda.

Agora foi a vez de ele rir. Mas interrompe a risada quando eu volto a enfiar quase tudo na

NACIONAIS - ACHERON

boca e segurando firme nas bolas dele. Eu o chupo meio sem jeito, com força, sugando como uma ventosa. Seguro firme, uma mão no quadril dele e a outra na bunda puxando-o para me entalar com o pau.

Ele grunhe, eu sinto sua mão apertar meu ombro e seu pau crescer dentro da minha boca. O corpo dele treme levemente e guinchadas de um líquido quente e viscoso escorrem pela minha garganta, não titubeio antes de engolir tudo com satisfação. Continuo sugando até ele dar mais uns dois espasmos.

Tira com cuidado o pênis da minha boca e dá umas batidinhas em meus lábios. Eu os lambo de imediato. Sawyer sorri e me beija em seguida.

— Gostou?

— Não sei explicar... Mas por que diabos fiquei tão excitada que quase gozei?

— É como eu me sinto quando te chupo. Agora vamos a segunda parte? Quer que eu te faça chegar ao orgasmo mais uma vez? — Atrevido, ele encosta os lábios nos meus.

— Lógico. Não ouse sair daqui antes de me dar o que veio trazer.

Sawyer dá uma gargalhada.

— Eu adoro como você fica vidrada quando está fazendo sexo comigo. Mal posso esperar para dormirmos junto hoje à noite.

— Eu também. — Puxo-o e beijo com avidez.

Sawyer desabotoa meu sutiã e meus seios saltam livres em direção a ele como se reconhecessem aquele homem que os fará latejar de prazer. Nas mãos dele, meus seios parecem pequenos, eu me contorço enquanto ele aperta e chupa cada um de cada vez. E Deus sabe como gosto de vê-lo dominar meus peitos.

— Você prometeu me deixar foder seus seios, mas eu não vou fazer isso aqui, nós precisamos de uma cama. Quero que fique confortável.

Ele analisa meu escritório procurando possibilidades.

Eu mostro a decepção nos olhos. Ele acaricia minhas bochechas. Estou sentada na mesa e ele está de pé entre as minhas pernas.

— Hoje à noite, faremos sacanagens mais elaboradas.

— Então vamos ao que interessa. — Eu seguro no quadril dele puxando-o para mais perto.

Enquanto Sawyer parece a visão do paraíso, eu pareço uma doida. Minha saia está embolada acima da minha cintura e abaixo dos meus seios, meus cabelos estão denunciando o que estou fazendo e ainda uso minhas meias opacas e meus sapatos de saltos.

Ele segura uma perna minha e acaricia toda a extensão da panturrilha até o fim da coxa com os olhos embasbacados nos saltos.

Depois: Bam! Explosão. Ele fixa os olhos nos meus. Não consigo desviar, parece que estamos dialogando apenas com os olhares e o que o olhar dele diz é exatamente o mesmo que eu. Nós dois queremos a mesma coisa. Sawyer levanta a calça e procura algo nos bolsos, encontra um pacotinho de preservativo e o veste.

— Volte a usar a pílula, por favor. — Ele pede todo carinhoso.

— Hoje já comecei a tomar. — Eu informo apalpando com a mão cheia o peito dele. Noto como Sawyer parece mais másculo e atraente desde que o que conheci. O peito dele parece ter um

pouco mais de cabelo. Espero que fiquem nesse estado, nem muito nem pouco. — Precisamos de mais alguns dias de certeza para tirarmos de vez o preservativo da nossa vida.

— Enquanto isso não podemos deixar de sermos felizes, não é, meu bem?

— Claro que não. Agora pare de falar, vamos logo com isso.

— Está apressadinha, Marianne?

Sawyer percorre o dedo nos meus lábios e encosta os dele substituindo o dedo pelo lábio.

— Não é pressa de terminar logo, é pressa de começar logo. Você está me matando de ansiedade, Sawyer. — Meu tom é quase colérico.

Ele sorri com cara de sacana e começa a me penetrar bem devagar. Eu fecho os olhos e mordo os lábios sentindo o pau dele abrindo passagem dentro de mim, ao mesmo tempo, Sawyer acaricia meu clitóris de modo ousado. Murmuro algo ilegível.

Ele responde suspirando e tentando se manter parado.

Então, mais que depressa, como uma necessidade de respirar, ele começa a se mover.

NACIONAIS - ACHERON

Seus movimentos são lentos, porém firmes, ele me toca profundamente.

Já percebi que ele gosta, quase sempre, de transar desse jeito: devagar, como se estivesse aproveitando cada centímetro do meu corpo. Como se eu fosse a mesa de buffet e ele estivesse sem pressa provando as opções.

Sawyer é do tipo que quando fode de mansinho é ótimo e quando é selvagem me comendo como um doido... porra! É melhor ainda.

Ele se curva para a frente, me dando a chance de segurar seus braços apoiados na mesa e começa a bater o quadril contra mim.

— Não grite, Mary. — Ele sussurra com os olhos verdes brilhantes de tesão e tampa meus lábios com os seus. Tudo sem parar de me foder. Como é gostoso, uma agonia deliciosa em meu ventre, o pau dele distribuindo uma eletricidade devastadora em todo meu corpo, em minhas veias e células. Minha pele queima, meu estômago está leve e o prazer que sinto é dilacerante de tão bom. Sawyer entra com tudo, me fazendo sentir suas bolas. Depois ele vem se arrastando, o pau enorme tirando meu raciocínio lógico a cada centímetro que

vai saindo. E quando soca de novo, tudo, de uma única vez. Eu grito e ele impede o som de sair com um beijo ardente.

— Mais! — Eu imploro. E ele me envia um daqueles olhares aniquiladores.

Ele não é tão bruto como era antes de eu ir embora, agora a gente trepa magnificamente disfarçando de "fazer amor". E isso é delicioso, o jeito que ele me ama de forma safada.

As arremetidas ganham força e a mesa balança. Eu me agarro forte nele, Sawyer fica inclinado em cima de mim, me dando oportunidade de abafar um grito em seu ombro.

— Goza no meu pau, goza. — Ele pede contra meus lábios. Sinto seu hálito quente descendo pelo meu queixo e seus dentes se mantêm ali por um tempo antes de descer pelo pescoço e voltar novamente para minha boca.

Eu seguro forte nos braços dele, maravilhada com os músculos retesados, os nervos saltados e veias aparecendo. A tatuagem dele brilha pelo suor e essa imagem me faz gozar rios em torno dele.

Ainda me debatendo, sinto que ele também

estremece junto comigo e mais uma vez conseguimos chegar juntos ao clímax do prazer.

Sawyer sai de dentro de mim e cai para frente me beijando com delicadeza; saboreamos os lábios do outro e depois nossas testas se encontram descansando uma contra a outra.

Sinto o peito dele saltar, o coração está palpitando em sincronia com o meu e minha mão está ali, na pele quente do peito dele. Tudo nesse homem ainda me fascina. O cheiro dele depois do sexo, os fios de cabelos levemente úmidos na testa, a tatuagem brilhando do suor, o pau grande que me faz ver estrelas.

Abraço-o mais apertado, adorando esse contato. Beijo seu ombro tatuado e, com a voz um pouco refeita, comento:

— Tenho uma forte atração por homens tatuados.

Ele levanta o rosto e olha nos meus olhos. Sawyer mexe nos meus cabelos, afundando a mão grande dentro deles.

— Homens? No plural?

Dou um sorriso, acompanhando o dele.

— Sim, sempre tive, mas depois que
NACIONAIS - ACHERON

conheci um certo cara, eu tenho atração apenas por um corpo tatuado. Os outros são apenas os outros. — Dou de ombros.

Ele fica me olhando e fica sério e pensativo. Acaricio sua barba, tentando olhar nos olhos dele e ver o que se passa.

— Será que esse cara merece mesmo sua atenção?

— Eu espero que ele se esforce.

— Sabia que eu tenho dó desse cara tatuado que você está gostando? Eu fiquei sabendo que ele não pensa em mais nada senão na sua nova e bela namorada. Ele vai ficar pirado se não a tiver 24 horas por dia ao seu lado.

— Ele está namorando? — Dos meus lábios, sinto brotar um leve sorriso.

— Sim, está. Ela tem cabelos incríveis cor de chocolate. — Sawyer penteia meus cabelos com seus dedos, os olhos parados em mim. — Ele adora quando raios de sol refletem sobre seus fios, dando-lhes uma aparência avermelhada. Ele também gosta quando ela dá pequenos sorrisinhos sorrateiros com os lábios mais doces do mundo. Também me confidenciou que adora como ela fica vidrada nele,

fazendo com que se sinta importante para alguém e como ela o faz se sentir humano quando o abraça.

Uma lágrima quase deixa meus olhos. Afundo meu rosto no ombro dele.

Ah, meu Deus! Eu não mereço tanto, penso, sensibilizada.

Sawyer acaricia minhas costas.

— Sabe, Mary, esse cara nunca achou que poderia ter uma vida normal. Então ele conheceu uma garota que gosta de tatuagens e agora ele está fazendo de tudo para agradá-la, pois ela é a ponte que o liga a uma vida normal. Ele está perdidamente atraído. Você acha isso tudo um pouco demais?

Eu tiro meu rosto do ombro dele. Meus olhos estão cheios de lágrimas. Acaricio o rosto másculo, passo a mão em seus cabelos e dou um beijinho nos seus lábios.

— Diga a ele que a garota que gosta de tatuagens foi salva por ele, que tinha uma vida vazia e sem sentido, agora tudo que ela quer é continuar descobrindo o mundo com esse cara que é mais humano do que muitos outros. Ela quer que ele apenas viva intensamente e a deixe viver ao

lado dele.

O sorriso que ele estampa nos lábios me deixa como uma gatinha manhosa. Nós nos beijamos para que eu mostre a ele todo meu sentimento. Acho que com beijos conseguimos nos expressar melhor do que com palavras.

— Adoro você. — Ele sussurra e eu me arrepio toda. Minha Marianne romântica incorrigível traduz essa fala dele para "amo você". E eu fico toda inflada.



Depois de já estarmos de pé e vestidos, refeitos do sexo e das declarações, eu dou um abraço apertado nele. É muito bom sentir o coração dele palpitar alvoroçado quando eu o abraço. Eu me afasto e dou um sorriso comportado.

— Adorei sua visita.

— Quer que eu venha mais vezes?

— A próxima é no seu escritório, esqueceu?

Ajeito o colarinho da camisa polo dele e, em seguida, ajeito seus cabelos.

— Sim, claro. Também devo confessar que tenho a maior tara em transar com você naquele sofá vermelho do seu apartamento. Será que vou poder fazer isso um dia?

Dou um pulinho alvoroçado.

Menos, Marianne. Você está me matando de vergonha. Minha Marianne sensata, que está com enxaqueca desde que aceitei o namoro com Sawyer, diz, meio ranzinza, com uma bolsa de gelo na cabeça.

— Assim que meus pais forem embora, fique à vontade para aparecer por lá.

— Nunca pensei que poderia aparecer na sua casa a qualquer hora que quisesse e ainda fazer sexo naquele sofá.

— Pois agora pode. Sonho realizado?

— Ainda não, lembra-se de que me prometeu que ia passar uma temporada morando comigo?

Volta e meia, lá vem ele de novo com isso.

— Morar separados não é mais excitante?

— Sugiro.

— Não. Nada de reviravoltas. Quero você e suas coisas na minha casa. Logo.

— Eu não prometi, disse que pensaria a respeito.

— Marianne... — o tom dele é de alerta e lembra o do meu pai.

— Vamos conversar sobre isso, Sawyer. — Eu me afasto dele e sinto que minha expressão muda drasticamente quando me lembro de um assunto meio delicado.

— O que foi?

Encosto meu quadril na mesa e cruzo os braços.

— Conversei com Candice hoje.

— E...

— A gente se abraçou e eu a perdoei. Até porque não faz sentido eu ter perdoado você e continuar brigada com ela.

Ele assente, concordando comigo. Sawyer já sabia que eu ia conversar com Candice.

— Falou da gente para ela?

— Falei.

— E...

— Como era de se esperar, Candice ficou estarecida, entretanto, disse que, se você é o que quero, então ela vai me apoiar. Disse que tudo que fez foi movida pela raiva que estava sentindo de você e não pensou no que verdadeiramente importava.

— Ela disse isso? — Ele franze a testa e repuxa os lábios.

— E disse também que vai ficar de olho em você e que, se fizer algo errado comigo, ela não te poupará da fúria.

Sawyer parece mais aliviado, enquanto caminha para perto de mim.

— Então, agora você tem uma guerreira na linha de frente contra as vilanias do temido Sawyer Graham e seu pauzão arrasador.

— Meu Deus! Por isso, Candice sente raiva, você passa dos limites. — Gargalho e dou um soco no ombro dele.

Sawyer me abraça mais uma vez, mas, antes de nos beijarmos, ouvimos alguém bater à porta. Eu me solto rapidamente.

— A chave, Sawyer. — Peço e ele me
NACIONAIS - ACHERON

entrega. Ajeito os cabelos e abro a porta. Candice entra, mas para abruptamente ao ver Sawyer.

Ela olha para mim com aqueles olhos arregalados e depois olha para Sawyer novamente. Abaixa o rosto e, após ter aparentemente colocado uma máscara, torna a levantá-lo. Parece mortalmente constrangida.

— Oi... desculpa... Não sabia que você tinha visitas. — Ela mantém o olhar fixo em mim.

— Está tudo bem, Candice. Sawyer está de saída.

— Oi, Candice. — Ele cumprimenta polidamente.

Ela levanta os olhos e o encara.

— Oi, Sawyer.

Ela troca o peso do corpo de um pé para outro, mas continua constrangida.

— Bem, eu estarei na minha sala. Passe lá depois. — Ela dá um sorriso para mim e volta a olhar rapidamente para Sawyer e murmura um singelo até logo.

— Uau! Esta é a mesma Candice “sangue nos olhos” que eu conheci? Qual foi a ameaça que

fez a ela?

— Dá um desconto, Sawyer. Ela está tentando.

— Você é testemunha de que eu não me movi do lugar para não correr o risco de ter um movimento interpretado como ofensivo.

Sorrio, ele é tão bobo.

— Agora é hora de você ir. — Empurro-o pelas costas.

— Almoçamos juntos?

— Que horas e onde?

— Que tal bife, fritas e salada? Podemos comer no meu apartamento e usar a tarde para dormir. O que acha? Preciso repor o sono da noite passada.

— Então é melhor eu começar a adiantar algumas coisas aqui. Vá logo embora.

— Vejo você meio-dia?

Olho meu relógio e vejo que já são dez e meia.

— Sim.

— Tudo bem. — Ele se inclina e me toma em seus braços. Nos beijamos por mais algum

tempo. Eu me afasto e vou com ele até a porta. Alan olha curioso para nós dois.

— Sawyer, esse é Alan, primo de Candice e nosso assistente. Alan, esse é Sawyer, meu namorado.

— Oi. — Os dois se cumprimentam com uma certa distância. Sawyer volta-se para mim, me dá mais um beijo nos lábios e sai para o corredor dos elevadores.

Fico parada, olhando para o homem de costas largas e traseiro perfeito se afastar. Suspiro, sem sentir.

— Então a recatada Marianne Cooper conseguiu laçar o cara mais safado de Nova York? — Ao meu lado, Alan também fica olhando enquanto Sawyer se afasta. — Como foi isso? Que feitiço você fez? Teve sangue de uma virgem envolvido? Ou algum contrato de venda de alma?

— Ele não é uma graça? — Inclino minha cabeça para o lado e viajo com um olhar sonhador.

— Fala sério, Marianne! Esse cara já transou com metade do país, acho que até com minha avó. Acho que nem homens ele perdoa. Como tem coragem?

— Eu tenho provas suficientes de que Sawyer Graham é muito macho. Agora deixe de veneno, invejoso, e pare de falar mal dele. — Caminho de volta para a minha sala e ele vem atrás de mim.

— Você merece um homem normal, Marianne. Não um pervertido, ex-estrela pornô. Um dia vai se dar conta de que esse cara não merece você.

Não dou mais ouvidos a Alan nem a sua vontade de pegar uma das chefas.

Comedor de velhinhas, ator pornô...!
Resmungo em pensamento, remoendo tudo com descaso. Daqui a pouco, ele vai insinuar que Sawyer é prostituto. Sigo para a sala de Candice e entro, fechando a porta.

Sawyer é um cara normal. Se não for, vai se transformar e eu pretendo aproveitar cada instante sendo a namorada dele, não vou pensar no amanhã quando ele poderá enjoar da minha presença e terminar tudo.

QUATORZE

SAWYER

Anos antes...

Eu estava com Amanda na bela casa dela havia uma semana, se é que poderia chamar aquilo de casa. No dia em que entrei no carro dela, me arrependi enquanto ele ainda estava em movimento. Eu não tinha porra nenhuma na vida quando ela veio falar comigo. Estava vendendo o almoço para comer a janta, trabalhava igual a um burro de carga por míseros trocados e ainda tinha que estudar para concluir o colegial, pois o dono do bar estava pegando no meu pé. Se alguém denunciasse que um menor estava trabalhando lá sem estudar, ele seria enquadrado.

O caso é: eu não tinha nada na vida, mas tinha uma vida. Então, fiquei sentado naquele carro com medo de ser uma armadilha, tráfico

humano, venda de órgãos, essas coisas. Mas não foi isso que vi ao descer do carro e ver a grande mansão branca a minha frente. Melton Inside era o que estava escrito na fachada da casa.

Em uma semana ali, eu ainda não tinha visto nada demais. Era como se eu fosse um convidado de Amanda. Ela mal falava comigo, pois mal ficava em casa e eu apenas ficava lá numa boa, comendo do melhor, dormindo em uma cama legal, sem preocupação alguma.

Mas então, depois de todos esses dias, ela veio falar comigo e já tinha tudo pronto. Eu continuaria estudando porque, segundo ela, seus funcionários não podiam ser analfabetos. Ela também deu entrada nos documentos de emancipação. Depois me levou a um shopping, comprou tudo de que um cara de dezesseis anos precisa. E eu continuava sem saber o que ela queria comigo até vir conversar comigo e me apresentar a uma pessoa. Era um cara mais ou menos da minha idade. Depois soube que ele já tinha vinte e um. Era um pouco mais alto que eu, encorpado e com cara de mau. Eu me perguntei se aprenderia a matar pessoas com aquele cara de camiseta regata que exibia seus bíceps, correntes

NACIONAIS - ACHERON

no pescoço e boné na cabeça.

— Tyler, quero que conheça Rick. — Ela me apresentou ao cara e prosseguiu: — Depois da sua iniciação hoje à noite, ele será seu mentor. Fará tudo que Rick disser e vai acompanhar tudo que ele faz para que você possa aprender.

Eu achei que aprenderia a dirigir para ser motorista dela, ou aprenderia a cozinhar, para ser seu cozinheiro, qualquer coisa do tipo. Jamais imaginaria ser aquilo que, à noite, Amanda revelaria estar preparando para mim.

Uma dica: minha iniciação foi ela e eu dentro de um quarto durante a noite toda. Eu tinha dezesseis, e ela, trinta. Foi meu primeiro contato íntimo com uma mulher.



Dias atuais...

Assim que saí do escritório de Marianne, fui para meu hotel. Também deixei muita coisa para trás quando viajei para Bahamas e preciso resolver as pendências. Se quiser ser bem-sucedido,

NACIONAIS - ACHERON

preciso dar mais atenção ao Kayla Plaza assim como o consultório tinha minha total atenção. Já liguei para Arthur e ele arrumou um assessor para mim. Vou conhecê-lo hoje e ver se aprovo suas ideias.

Agora é oficial: sou obrigado a mudar de vida, propus namoro a Marianne e Deus sabe o quanto tive medo de ela dizer não. Ainda não resolvemos como tudo vai acontecer, ela ainda se mantém afastada, meio relutante em morar comigo, não quer uma cópia das minhas chaves e não quer que eu vá para a casa dela. Isso me deixa meio revoltado. Não sei como namorados agem hoje em dia, tenho que pesquisar.

Entro no hotel e Arthur vem ao meu encontro. Sempre vestindo um terno bem alinhado com o escudo do hotel no peito e gravata vermelha, Arthur é a imagem da modernidade e elegância que preciso. Como sempre, ele está cheio de problemas para eu resolver.

— Sr. Graham, a coletiva que pediu já está marcada. A imprensa quer saber o assunto.

— O assunto é a construção de um novo hotel e o fim da minha carreira de terapeuta. Mas

não quero que revele a eles nenhum desses assuntos. Será surpresa.

— Sim, senhor. Representantes da empresa que cuida da publicidade do hotel estão aqui para mostrar seu novo material. O senhor Mafra ligou marcando um horário amanhã, tenho que retornar para confirmar.

— Claro, almoçarei com ele amanhã.

— Além disso, o senhor tem uma reunião com dois investidores e uma degustação para escolher o novo chef do segundo restaurante do hotel. Por último, Andrew, seu contador, o espera como o senhor pediu.

Quando ouço falar de Andrew, eu paro de andar.

— Está pronto?

— Sim, senhor. Basta entrar, ouvir e assinar.

Ele dá um sorriso, mostrando eficiência. Graças a Deus encontrei alguém bom o bastante e que entenda de gerência para me ajudar, ou o Kayla seria um fracasso. Acho que preciso fazer a faculdade de administração. É impressionante como Arthur e sua eficiente equipe cuidam de tudo,

NACIONAIS - ACHERON

desde marketing a simples reservas de quartos.

Ultimamente, o hotel se tornou um ponto de encontros de executivos que vêm de outros estados e países tratar de negócios na cidade, já houve duas recepções de casamentos e várias celebridades que me conhecem vieram aqui nem que fosse por uma noite.

Andrew é um dos melhores. Arthur o encontrou e eu precisei apenas fazer a entrevista. Já está na casa dos cinquenta anos, e é mais confiável que eu mesmo nos números dos faturamentos do hotel. E agora ele é exclusivamente meu, abandonou seu antigo escritório para ser funcionário do Kayla.

— Andrew. — Entrei e fui em direção a ele, que se levantou no exato momento que entramos.

— Sr. Graham.



Depois que Andrew saiu, Arthur e eu fomos à sala de conferência assistir uma hora de
NACIONAIS - ACHERON

apresentação da equipe de marketing para eu escolher os melhores comerciais de TV, fotos para revistas e site. Ainda bem que estou de cabeça fresca e, com a ajuda de Arthur, consigo fazer meu trabalho. Depois de degustar alguns pratos dos três chefs que se candidataram, saio com Arthur e, longe dos três profissionais, peço para que contrate o que mais gostei.

Também tem o cara, o tal assessor, que se porta como um membro da realeza. Por um segundo, eu achei que fosse. Alto, loiro, aristocrático e britânico. Ele se apresentou com um terno impecável e um nome pomposo: Logan Bradford.

— Sr. Graham, Arthur já me deixou mais ou menos a par da situação. O senhor acabou com a carreira de terapeuta, mas não quer perder a fama e o título.

— É mais ou menos isso. — Confirmo.

Assim que digo, ele abre uma pasta e me entrega.

— Faremos o seguinte: vamos manter seu título de terapeuta por enquanto e alavancaremos o de executivo. Hoje mesmo tentarei providenciar

entrevistas para TV e revistas.

— Por mim, tudo bem. — Folheio o que ele tem preparado para mim.

— No Divã com Sawyer Graham? O que é isso? — digo, ao me deparar com rascunhos de um projeto.

— Eu pensei que o senhor pudesse escrever o piloto de um programa de TV.

— Programa de TV? — Minha testa se franze automaticamente.

— Sim, algo como uma terapia na TV. O público adora essas coisas. Poderia ser um reality também.

E assim ele começa a soltar um milhão de ideias. Em uma delas, eu ficaria numa casa com doze mulheres e, no final, escolheria a felizarda que teria uma chance comigo. Apenas sorri pensando em contar essa ideia para Marianne. Ele diz que o fato de eu já ter aparecido muito na TV e em revistas famosas vai me ajudar muito no sucesso do hotel e isso me deixou bem aliviado. Ao menos para isso serviram minhas trepadas no consultório.

Enfim, fico sozinho. Os investidores remarcaram a reunião e dei graças a Deus. Não
NACIONAIS - ACHERON

consegui ver o mesmo perigo que Arthur viu com o adiamento da reunião. Ele ficou preocupado com isso, mas eu só queria descansar.

E quando estou sozinho começo a maquirar e traçar planos para abrir um caminho no meu pervertido mundo para que Marianne passe sem perceber o que há por trás de mim.

Estive pensando desde o hotel em Nassau, que eu devo informar sobre meu relacionamento a todos que conhecem meu passado. Claro que farei de tudo para manter isso em segredo para três pessoas específicas: Jill, Amanda e Beatrice. Elas sempre tendem a colocar um dedo podre nos meus negócios. Porém eu preciso me preservar e jogar mais uma camada de proteção entre meu passado e Marianne. Para isso, nada mais vantajoso que apresentar parte dele para ela. Olho no meu relógio e vejo que são quinze para meio-dia.

Pego meu celular e digito um número. Em cinco toques, uma voz masculina atende.

— Rick, preciso encontrar você agora. Está na academia?

— Oi pra você também. Foi sequestrado? Esteve em coma?

— Eu conto tudo assim que chegar aí.

— Tá certo.

Desligo o celular e me levanto rápido.

Dentre meus três amigos, Rick é o mais íntimo e a peça essencial que preciso para "ludibriar" Marianne. Não é nenhuma maldade contra ela, eu gosto muito daquela mulher, na verdade é muito mais que gostar. Sinto por ela algo nunca antes sentido e por isso que irei colocar esse plano em prática e espero que Henrique e os palermas Nelson e Larry me ajudem.

Dirijo para a academia que fica a mais ou menos dez minutos daqui.

Assim que entro, noto os olhares e os ignoro pela primeira vez. A academia de Rick era o melhor lugar para eu pescar novas pacientes, sempre que percebia que uma gostosa estava de olho em mim, ia até ela e descaradamente entregava um cartão. Algumas aceitavam de imediato, outras me ligavam segundos depois.

Henrique deixa um de seus clientes de lado e vem me receber assim que me vê entrando. Sabe que não vim malhar e me guia para o segundo andar onde fica seu escritório.

— Fique à vontade, Graham. — Ele caminha até um pequeno freezer, pega uma cerveja e me entrega. Olho para a garrafa de 300 ml.

— Só tem isso aqui?

— Não são para mim, são para os clientes ilustres. — Ele se senta à minha frente com outra cerveja.

— E o que dá para os que não são ilustres?

— Água. — Levanta os ombros, como se dissesse: óbvio.

Eu rio e me inclino batendo minha garrafa na dele. Depois tomo um gole.

— E então, Sawyer, qual a nova?

— Preciso da sua ajuda. — Jogo logo na lata, tentando não parecer categórico.

— E qual a novidade? Sempre precisa.

— Deixe de ser cuzão, o caso é sério.

Levanto, começando a me sentir aflito. Nem consigo saborear a cerveja. Uma coisa é assumir para mim mesmo, outra é dar uma de fresco na frente do melhor amigo. Logo Rick, que me conhece desde os meus dezesseis anos. Ele me olha claramente confuso. Então olho pela janela e

me viro recostando-me na parede. Bebo mais um gole da cerveja.

— Tá. Qual cliente da academia você quer comer e precisa que eu interceda?

Dou um suspiro pesado. Parece que tem chumbo nos meus pulmões.

— Tenho uma namorada. — Não olho para Henrique. Tomo mais um gole de cerveja e continuo fixando a visão no quadro à minha frente. É uma foto grande de uma atriz famosa com ele na academia.

— Sei. Então Jill subiu um patamar... Olha, cara, sobre eu ter transado com ela...

— Não tem nada a ver com Jill, porra. — Interrompo-o imediatamente. — Estou namorando outra garota e hoje vou jantar com o pai dela.

Agora eu me volto para encará-lo. Preciso ver sua expressão. Rick está paralisado segurando a cerveja a meio caminho da boca. Os lábios entreabertos e os olhos arregalados estão fixos em mim. É como se eu tivesse acabado de revelar a ele que o Juízo Final é daqui a duas horas.

Pelo menos, entendeu meu problema.

Eu não espero que ele diga nada, já posso
NACIONAIS - ACHERON

até saber o que vai perguntar: “Merda! Cacete! Ficou louco, cara?”

— Ela não é gente como a gente...

— Para, cacete! Para! — grita com uma das mãos na minha frente me impedindo. — Devo ter ouvido mal. Você não pode ter dito que está trepando com uma garota normal e que vai conhecer o pai dela. Ou pode?

Respiro e exalo, como se sentisse dor ao fazer isso. A expectativa de Rick é comovente.

Sem esperar mais, eu confesso à meia voz:

— Sim, é isso mesmo. Ela é uma garota normal e não sabe nada do que fiz no passado. É a designer de interiores que foi redecorar meu consultório.

— E o problema é que...

Rick fala para eu continuar.

— Eu não quero deixá-la e não vou contar a ela em hipótese alguma.

— Tyler, qual foi a primeira coisa que ensinei para você? Não misture boceta com coração! Porra, cara! Não podia ter segurado esse pau dentro das calças? E agora?

— Agora que... Eu gosto pra caramba dela... e ela me... Ela disse...

Eu não consigo terminar. Não consigo dizer que Marianne está apaixonada por mim. Não sei se é medo de que zombem de mim ou se é o temor de exprimir para outra pessoa meus sentimentos por Marianne.

— Ela gosta de mim também e o sexo é muito delicioso, eu não posso deixá-la.

— Cara... eu não sei o que dizer. Eu como de vez em quando uma cliente, mas nada de intimidades maiores. Você, mais do que ninguém, devia saber disso. Você nem beija suas pacientes.

— Você não come mais clientes por aí, agora tem a Dakota. Eu achei que poderia me dar algumas dicas.

Curvo as sobrancelhas para baixo em um olhar de clemência.

— Meu relacionamento com Dakota não tem nada a ver com o seu problema. Ela sabe do que eu fiz e até fez também. Lembra que ela era uma das garotas de Amanda?

— Claro. — Eu bebo mais um gole da cerveja. — Rick, eu quero marcar um jantar lá em NACIONAIS - ACHERON

casa, ou na sua casa, eu levo ela e você leva Dakota. Quero que Marianne, esse é o nome dela, se sinta um pouco mais confortável, quero que ela veja que tenho uma vida saudável e tranquila, com amigos. Me entende?

— Sim, entendo. E quando vai contar para ela que o príncipe encantado é na verdade um...

— Não ainda. Eu vim para pedir para não comentar nada com ela, para meio que, sei lá, encenar na frente dela. E fique atento a tudo que for dizer, mantenha essa boca grande fechada, por favor. Peça isso a sua garota também.

— Por mim, tudo bem. Marque o jantar e eu apareço.

— Também quero apresentá-la a Nelson e Larry. Quanto mais aliados eu tiver, melhor.

— Já sabe que eles vão tentar comê-la, não é?

— Se quiserem acordar sem pau. — Dou de ombros como se não me importasse com a ideia. Ao contrário, imaginar alguém colocando as mãos em Marianne me deixa louco, primitivo. — Mas eles já a viram uma vez, claro que ela ainda não estava oficialmente comigo.

— Aqueles dois pilantras conhecem sua namorada?

Eu me sento novamente.

— Abra mais uma cerveja. Vou te contar toda a história, desde que eu a conheci.

QUINZE

SAWYER

Depois que contei tudo, Henrique fixa o olhar meio zangado em mim. Ele mostra tudo: raiva, confusão, tensão, chacota.

Ele se reclina na cadeira à minha frente.

— Diga alguma coisa, porra! — Eu peço me sentindo desconfortável com esses olhos de agente do FBI em frente a um suspeito.

— Eu fico pensando que você não passa de um adolescente apaixonado, ou que andou assistindo um daqueles filmes escrotos de romance. Que cagada foi essa de ir atrás dela do outro lado do mundo?

— Eu menti para ela e não podia deixar que... não ouvisse minhas explicações.

— Sei, isso é comum com você. Todo dia tenta se explicar para as garotas. — Ele zomba.

NACIONAIS - ACHERON

— Não zombe de mim, Henrique. A história é essa, já fiz todas aquelas merdas e agora tenho uma garota para proteger de mim mesmo. Você automaticamente está nessa também.

— E Jill?

— Ela não sabe. Tenho que encontrar um modo de contar.

— Pois faça isso logo. Antes que ela fique sabendo pela mídia.

— Da Jill e das outras eu sei cuidar.

Eu me levanto e olho no relógio de pulso.

— Marquei de encontrá-la agora. Tenho que ir.

Nós dois nos levantamos.

— Não abandone a academia. Só porque não vai mais trepar desordenadamente por aí não quer dizer que possa se descuidar do seu corpo. — Instruiu como se ainda fosse meu mentor de anos atrás.

— Claro que não vou parar de me exercitar e ainda vou aparecer lá na academia de luta nos sábados, como de costume, para dar alguns pulos no tatame. Aliás, marque com os rapazes uma

partida de basquete.

— Também vai deixar o rúgbi de lado?

Rick me acompanha até a porta.

— Não, apenas não quero levar Marianne a um jogo onde mil homens vão se jogar em cima de mim. É violento demais.

— Algumas mulheres gostam desse tipo de jogo.

— É, talvez. Marque um dos dois e, por favor, me deixe ganhar, tenho que impressionar alguém.

— Quem diria que você um dia ia querer impressionar uma mulher, geralmente elas que precisavam impressionar.

— Águas passadas.

— Traga ela na próxima vez que vier treinar aqui ou leve-a no sábado na academia para assistir você levar uma sova no Jiu-jítsu.

— Só em sonho que vou apanhar, mas é uma boa ideia.

Eu me despeço de Henrique, saio da academia e vou direto para meu apartamento onde irei almoçar com Marianne.

Compro o almoço no caminho de casa, lógico. Não quero perder tempo com isso, mesmo que a fantasia de ver Marianne na minha cozinha preparando alguma coisa. Isso ficaria para depois, quando eu conseguir convencê-la a passar uma temporada comigo.

— Oi. — Marianne me cumprimenta meio sem graça quando eu abro a porta às 13h45. — Eu me atrasei um pouco. — Ela explica com um sorriso de culpada.

Estou revoltado, nunca esperei tanto. E o pior foi ligar e não obter resposta. Definitivamente, eu não sei lidar com um namoro.

— Onde esteve todo esse tempo? — Recebo o beijo dela e a sigo para dentro da casa.

— Tive uma visita de última hora com Candice. Era algo que não podíamos adiar. Pediu algo para a gente comer? Tenho que voltar logo.

Ela deixa a bolsa no sofá e se vira para me olhar.

— Como assim tem que voltar?

— Sawyer, hoje preciso escrever um artigo para a revista de designer, era para ontem. — Percebo uma fadiga encenada na voz dela.

— Pode escrever aqui. Só para te informar, eu tenho computador e internet. — Eu caminho até ela, mas não a abraço. Se ela quiser que me abrace. Cansei de ser o único a correr atrás, a abraçar e beijar.

— Se eu ficar aqui, não vou escrever nada. Não vou conseguir nem sair da cama.

— Enquanto eu durmo, você escreve. Então, quando terminar, você pode me acordar e vamos transar ali na sacada, ao ar livre e depois vamos para a cozinha, fazemos algum lanche e podemos ir assistir alguma coisa na sala ou voltar para transar mais uma vez em qualquer lugar que você escolher.

— Parece um itinerário tentador.

Fico aliviado por ela vir até mim e envolver meu pescoço com os braços. É muito ruim ser orgulhoso perto dela. Fico me coçando para tocá-la a todo instante.

— E antes disso tudo? O que vou comer?

— Venha, comprei umas comidinhas deliciosas.

Durante o almoço, eu comunico a Marianne sobre o jantar com meu amigo de longa
NACIONAIS - ACHERON

data.

— Ele é dono de uma academia muito conceituada.

— Que ótimo. Quero sim conhecê-los. — Ela toma um gole de vinho e me olha. — A propósito, falando em amigos de longa data, Candice e eu marcamos um encontro, vou dormir na casa dela na sexta-feira.

Fico calado, pensando se namoro é mesmo tão bom como todo mundo diz. Eu gosto de ter Marianne por perto, mas ela parece querer se distanciar a todo instante.

Como funcionam essas coisas de relacionamento sério? O que namorados normais fazem? Eles ficam por quanto tempo em casas separadas e quanto tempo sem sexo? Um dia? Dois? Uma semana?

Só de olhar para ela eu já me sinto louco para jogá-la em cima desse balcão e amá-la como quero. Respiro fundo e apenas assinto quanto ao que ela tinha dito sobre ir dormir na casa de Candice. Fico com um pé quanto a isso, pois Candice é traiçoeira e não engulo essa de amiga paz e amor. Ela pode nos surpreender a qualquer

momento e estar com Marianne Facilmente Influenciável Cooper à noite toda é uma carta perfeita escondida na manga.

— Sawyer, não fica assim.

O quê? Jesus misericordioso!

— Assim como?

— Eu notei como seu rosto ficou todo contraído e como fez um muxoxo com os lábios. Fica tranquilo, Candice não vai fazer nada, não vai me influenciar, ela já aceitou nosso relacionamento.

Além de gostosa, ainda lê meus pensamentos.

— Será? — Dou de ombros como se pouco me importasse. Maldita hora que fiquei de pau duro por causa de Candice. Dois anos atrás eu pegava qualquer coisa que se movia e ver uma loira linda atravessando a rua aos prantos chamou minha atenção.

Ela ainda é muito bonita, porém não chama mais minha atenção. Por um instante, eu me pergunto se Candice sente raiva da amiga por ter sido bem-sucedida no que ela fracassou.

Eu fui o desejo de consumo de muitas mulheres, inclusive dela, e isso não é ser arrogante,
NACIONAIS - ACHERON

é a realidade. Entretanto, nenhuma delas fez com que eu ouvisse “More than a feeling” repetidas vezes, nem conseguiu me fazer viajar centenas de quilômetros, muito menos oferecer um anel de compromisso. Olho imediatamente para a mão dela e não vejo o anel.

— Onde está seu anel?

Ela olha para a mão e parece se lembrar.

— Tirei hoje quando fui lavar o rosto e...

— Tirava o de Ryan quando ia lavar o rosto? — pergunto antes de ela terminar totalmente de se explicar. Meu olhar é inexpressivo. Não quero ninguém perguntando “Que cara é essa?”.

— Para, Sawyer. Nada de intrigas no nosso primeiro dia de “tentativa de namoro.” Fica calmo. Meu anel está aqui na bolsa. E você vai vê-lo logo mais tarde.

— Então coloque-o agora. — Eu me viro no banquinho, encarando-a.

Ela revira os olhos, resmunga e abre a bolsa. Tira um saquinho de pano, pega o anel, coloca e levanta a mão para mim.

— Satisfeito?

— Venha aqui, Marianne.

Eu me ajeito no banquinho, abrindo as pernas e estendendo meu braço.

— O quê?

— Venha aqui.

Meu semblante é sério e não quero saber de desculpas. Tenho que fortalecer nossos laços porque não tenho muito tempo e sei que, a qualquer hora, a verdade virá à tona e ela me abandonará. Por isso sinto pressa em tudo: em experimentar ela morando aqui comigo, em dormir abraçados como casais normais e em fazermos as refeições juntos.

Por que diabos ela simplesmente não aceita?

Ela se levanta e vem para perto de mim. Levo uma das mãos até as costas dela e a puxo para que fique entre minhas pernas. Minha mão sobe da cintura dela até a lateral do seio. Marianne descansa as mãos nos meus ombros.

— Fica aqui comigo hoje. Sei que não vai querer dormir aqui, já que seus pais estão lá. Na sexta, vai dormir na casa de Candice... Quando vai decidir se virá ou não morar comigo?

— Eu estou pensando no assunto, vou me

NACIONAIS - ACHERON

decidir, prometo... é só que... é difícil... eu tenho minha casa, Sawyer. Ryan e eu nunca precisamos...

— Não sou Ryan.

— Sei que não é, mas é assim que namoros funcionam. A gente mora longe e se encontra eventualmente.

— Namoro é tão chato. — Faço uma careta e ela dá uma risada.

— Não é, você é que não está acostumado. Mas vai se acostumar.

— Fique aqui até eu me acostumar. — Desço minha mão e acaricio o bumbum roliço dela. Ela passeia os dedos nos meus ombros, como se os massageasse.

— Não, vou ficar afastada até você se acostumar a ter uma namorada independente. Hoje, por exemplo, não vamos fazer mais sexo.

— O quê?

Quase caio do banquinho. Que mulher má!

— Nós já fizemos hoje — ela me repreende —, e não podemos nos acostumar a tanto sexo.

Marianne só pode ser extraterrestre.

Quando, nesse planeta, sexo tem limite?

— Endoidou, Marianne? Sexo fortalece a relação. Não venha me pedir isso.

— Não estou pedindo, estou afirmando.
Eu me levanto.

— Venha, vamos para o quarto. —
Assumo um ar implicante.

Antes de qualquer reação dela, ouvimos o celular dela tocar. Marianne me envia aquele olhar de "não posso fazer nada" e sai correndo para atender.

Eu ando sem pressa e fico parado, encostado na parede da sala de jantar, olhando ela na outra sala perto do sofá. Ela parece pálida como papel. Olha para mim e se vira, afastando-se mais um pouco.

Percebo na hora o desconforto dela e desço os dois degraus que separam as duas salas.

Marianne vê que estou me aproximando e faz um gesto para que eu pare. Detenho-me a poucos metros dela. Tudo que consigo ouvir são baixos monossílabos.

Depois, ela parece um pouco irritada e

começa a falar mais alto.

— Só pare de me ligar, por favor... — olha para mim mais uma vez — eu também sei... Claro... Eu não, sinto muito... Não, Ryan. Não podemos.

Ela tenta pronunciar o nome um pouco mais baixo, mas eu ouço mesmo assim. Não posso mais esperar e me aproximo. Marianne vira-se e não parece surpresa com isso.

— Eu preciso desligar... Não... Tudo bem. Claro, claro... Eu penso. Tchau.

Ela desliga e olha para mim.

— O que foi isso? — pergunto, me referindo à cordialidade com que ela atendeu a ligação.

— Era Ryan. — Gesticula como se não importasse — Ele queria me ver agora. Marcar um encontro...

— Por que não mandou ele se foder? Por que não o xingou?

Preciso saber domar a raiva que me toma para não despejar nada nela. Ah, se eu pego aquele projeto de bosta.

— Não é assim que a banda toca, Sawyer.
— Marianne desvia de mim e caminha para perto da bolsa.

— Não? Então como toca? Porque eu imaginava que você nem atenderia mais as ligações dele. O cara estava traindo você, comendo sua irmã e você os flagrou...

— Quer parar de falar sobre isso? — Ela vira-se bruscamente e me encara. — Não preciso que me lembrem a todo instante sobre o chifre que levei.

— Você quer falar com ele?

— Não, Sawyer. — Bagunça os cabelos, passa a mão neles em seguida e se senta no sofá de cabeça baixa. — Ryan está muito mal. Ele disse que se apaixonou por minha irmã e eu sei como isso mexe com a gente quando acontece.

Cacete! O babaca ainda está impregnado nela. Será possível que ela ainda sinta algo por ele?

— Eu não estou acreditando que você o está defendendo. — Retruco, rude.

— Eu só preciso... — Ela se levanta e vem até mim. — Eu ainda não tive uma conversa com ele, não falei tudo que quero, algo que possa
NACIONAIS - ACHERON

fechar...

— Não venha com essa ladainha de fechar a porra do ciclo. Tentou usar isso comigo uma vez e não deu certo. Eu não vou aceitar que se encontre com aquele idiota.

— Você não entende essas coisas. Droga! Não sei em que pensar. Ryan vai namorar minha irmã e conviver com eles me deixa louca.

O ódio me consome e quero sacudir os ombros dela para ver se acorda. Eu jurava que Marianne voltaria mudada, madura, colocando fogo no mundo. Mas já perdoou Candice e agora quer até ouvir o bosta do Ryan? É isso mesmo, Deus? É isso que namorados têm que aguentar?

— Não, não precisa conversar com ele. Acabou e pronto. Ele que aceite isso.

— Ele já aceitou.

— Não é o que parece. — Resmungo.

— Ei. Chega de brigar. — Ela abraça minha cintura. — Definitivamente não começamos com o pé direito.

— Pensar em você ao menos discutindo com ele me tira do sério. Eu sinto necessidade de matá-lo. Será que é capaz de me

NACIONAIS - ACHERON

entender?

Ela acaricia a minha barba.

— Eu entendo, mas não vamos falar disso agora. Garanto que, se um dia eu vier a me encontrar com ele, você será o primeiro a saber. — Ela tenta me beijar, mas eu viro o rosto.

— Está mesmo cogitando isso? — Empurro-a, seguro seus ombros e olho para cara dela como se fosse uma estranha.

— Sawyer...

— Escute o que está dizendo. — Minha raiva volta e o tom da minha voz se eleva. — E se fosse comigo? Gostaria que eu me encontrasse com Jill?

— São coisas totalmente diferentes.

— Não, não são. Se vamos tentar isso, então, por favor, ambas as partes devem manter os relacionamentos antigos distantes. — Esfrego minhas mãos no rosto. — Marianne, não me faça ter que bater naquele traste. Vai ser pior para ele, para mim, para todo mundo.

Ela fica me olhando e, aos poucos, percebo um sorriso se formar. Primeiro nos olhos e depois nos lábios.

NACIONAIS - ACHERON

Não ria, eu estou com raiva. Penso, revoltado.

Marianne se aproxima de mim.

— Você fica tão sexy quando está zangado. Eu gosto do seu maxilar enrijecido. — Ela acaricia meu rosto. Eu seguro a mão dela, detendo-a.

— Estou falando sério, Marianne.

— O que acha de ir para o quarto? — Ela beija minha mão. — Você deve estar com sono, por isso está agindo assim.

— Não estou com sono. Quero que converse comigo, que discuta comigo feito gente grande.

— Ah! Então agora sente na pele o que é a gente querer conversar e a outra parte só pensar em sexo. — Ela tripudia e se afasta, enquanto a observo. Ela voltou meio diferente da viagem, não está tacando fogo no mundo, só em mim mesmo; está muito soltinha.

Ela tira a jaqueta, desabotoa os primeiros botões do vestido e joga longe as sandálias. Solta os cabelos e enfia as duas mãos afagando os fios sedosos. Eu fico paralisado olhando a cascata marrom caindo em suas costas.

— Não vai mesmo conversar comigo? —
Torno a questionar.

Marianne vira-se para mim.

— Posso tirar um cochilo na sua cama?

O olhar tão inocente parece de uma menininha. Ela inclina a cabeça para trás levemente, exibindo a curva perfeita do seu pescoço. Minha boca saliva. Ela desce os dedos pelo pescoço, enfiando-os na abertura do vestido, indo até o sutiã. Seus movimentos leves e lentos me deixam paralisado.

Eu respiro fundo. Ela não vai conseguir tirar a minha atenção da conversa que estamos tendo.

Concentre-se, Sawyer. Ignore seu pau alegrinho.

— Sabe onde fica, pode ir. — Eu dou de ombros, mostrando indiferença. Ela não se abala, parece que esperava por isso.

Querida, eu sou Graham, o mestre da sedução, não pode me seduzir tão facilmente.

Pode, sim. Uma voz sarcástica sussurra no meu ouvido.

Mordo a língua para evitar um palavrão. Agora a safada está massageando o pescoço, ela o deixou bem exposto porque sabe que gosto de lambê-lo. Mas não irá conseguir. Estou puto de raiva por ela ter falado com aquele idiota. Será que não percebe que agora ela tem outro homem?

— Meu pescoço está meio dolorido. Vou deitar um pouco. — Ela revela com a voz rouca e sensual. Abaixa, pega a bolsa e vai em direção à escada, começa a subir, mas para e olha para mim.

— Talvez eu aproveite sua cama e, relaxada, ligue para Ryan e ajeite tudo de vez entre a gente. — Ela me provoca descaradamente, só para me ver zangado.

Ela lambe os lábios e dá um aceno de tchau para mim. Conseguiu tocar na minha ferida, essa cruel.

Eu a observo subir. Meu pau está mais duro que ferro. Não há mesmo como lutar contra isso. Em um impulso, começo a me despir e, quando estou apenas de cueca, subo as escadas correndo. É meio desconfortável correr de pau duro, mas nada que possa me impedir.

Chego ao quarto e Marianne está deitada

de braços apenas de calcinha e sutiã, os pés dançando no ar e um celular no ouvido. Ela olha para mim como se já me esperasse e, com um sorriso, diz, apenas com movimentos dos lábios: "Só um momentinho."

Eu me aproximo e tiro o celular muito gentilmente das mãos dela.

— O que está tentando fazer, Marianne?

Ela passeia os olhos pelo meu corpo e para na minha cueca.

— Eu que pergunto. O que está fazendo de cueca? Não deixei você vestido agora a pouco lá embaixo?

Fico sem reação. Ela quer que eu fale, que eu confesse. Jamais.

Sento-me na cama.

— Eu avisei que gosto de ficar à vontade em casa.

Ela se mexe, manhosa, e senta atrás de mim. Marianne me envolve com as pernas e sinto os seios dela pressionados contra minhas costas. Fecho os olhos.

Não caia nessa, pau burro.

Os lábios macios passam pela minha pele, do ombro até a orelha. Eu continuo firme, apesar de estar todo arrepiado.

Força, soldado.

Marianne desce uma das mãos pelo meu ombro e segura meu peito com força. Então, engulo um gemido.

— Não quer reagir? — Ela sussurra toda safada no meu ouvido.

— Reagir a quê? Estou entediado.

Isso! Minha voz saiu gelada. Nada de tremores. Até dou um bocejo falso.

— Hum.... Entendo. — Ela puxa levemente minha orelha com os dentes e suas mãos são mais ousadas. Uma continua acariciando meu peito e a outra desce mais além. Eu penso que, se eu levantar, ela vai saber que fiz isso para não revelar minha fraqueza e, se eu continuar sentado, não vou conseguir manter meu orgulho por muito tempo.

— Eu fico tão confusa. Você diz uma coisa, mas seu corpo diz outra. Em quem devo acreditar? — Outro sussurro no meu ouvido, junto com um sopro de leve. Os seios passando em minhas costas. Mantenho os olhos fechados e me

concentro. Marianne desce a mão, engulo em seco. Sei o que está por vir e...

Ela pegou. Cacete!

Agarra meu pau por cima da cueca. Droga.

— Você está com um sério probleminha aqui. Quer minha ajuda?

— Não, Marianne. Estou com raiva de você.

— Hum... Entendo.

Os dedos dela passam vagarosamente pelo volume na minha cueca.

Não vou gemer.

A outra mão sobe pelo meu peito, por meu pescoço, passa os dedos pelos meus lábios e gentilmente segura meu queixo, virando meu rosto de lado para olhar para ela.

Eu a olho e vejo, para meu desespero, o sorriso lascivo nos lábios rosados, o belo rosto emoldurando pelos cabelos lisos amarronzados. Quero esses lábios me chupando agora. Mas não vou dizer, ela vai ter que continuar com a sedução amadora. Nem sabe o que está fazendo, não sabe de nada essa sem-vergonha.

Ela parece saber o que está fazendo, olha esse pau quase furando a cueca.

Sério. Porra, que ódio. Será que só eu tenho um inconsciente que fica discordando de tudo que eu penso?

Marianne se aproxima, passa a língua nos lábios e dá um beijinho em seguida.

— Isso foi bom, mas agora tenho que ir. — Ela se afasta e vai para o outro lado da cama. — Se cuida, Saw.

O quê? Safada maldita. Ela conseguiu. Ela sabe que não vou deixá-la ir. Olho de lado e ela mexe nos cabelos em frente ao espelho.

Eu vou deixar que ela vá, não me importo.

Marianne enfia os dedos no sutiã e ajeita um dos seios.

Vou pegá-la agora.

Ela sorri descaradamente sabendo que venceu. Meu orgulho fala mais alto.

Deixarei ela ir. Sou mais forte que isso. Vou bater uma punheta depois, sozinho.

Bem devagar, ela leva dois dedos ao elástico da calcinha e o puxa com um estalo.

Acaricia o bumbum e me olha do espelho, mordendo os lábios.

Que se dane o orgulho.

Eu levanto.

— Pode me passar minha bolsa? — Ela pede quando eu chego perto. Volto, a pego e, antes de entregá-la, jogo-a no chão. Marianne olha para a bolsa no chão e em seguida volta a olhar nos meus olhos. Vejo surpresa. Mantenho minhas sobrancelhas esnobes levantadas.

— Está vendo isso? — Mostro a bolsa caída. — É o que farei com você. Nada de camas.

Ela passa a língua nos dentes com um sorriso matreiro e fixa o olhar atrás de mim. Fico confuso e viro o pescoço.

— Tolo! — Marianne grita e corre para fora do quarto.

Então isso é namorar? Parece divertido.

Consigo alcançá-la no meio da escada. Quando a pego, o gesto é tão brusco que quase caímos lá embaixo. Jogo-a contra o corrimão de metal.

— Você não ia dormir? — pergunta ela, se

fazendo de inocente.

— Não vou mais.

— Mas estava com raiva de mim.

— Ainda estou.

— Hum... Entendo. — Ela passa o dedo no meu queixo e desce, acariciando meu peito.

— Eu vou punir você, Marianne.

Ela boceja.

— Estou tão entediada com essa sua ladainha. Só fala e não faz nada.

Levo a mão ao pescoço dela. Solto uma gargalhada e, com um gesto selvagem, rasgo o lindo sutiã dela.

Ela olha perplexa e uma sombra de irritação passa pelos olhos cor de mel.

— Eu gostava desse sutiã.

Olha quem está bravinha agora.

— Não gosta mais. — Dou de ombros e abaixo minhas mãos e faço o mesmo com a calcinha. Marianne me olha com um ar faminto e vingativo e segura no meu pau com força, por cima da cueca. Sinto dor e tesão.

— Sawyer, não me provoque. Agora não

sou mais sua paciente.

— Então mostre para mim o que aprendeu com o papai aqui.

Sorrindo, com um brilho erótico nos olhos cor de mel, ela aceita o desafio e recebo um tapa no rosto. Não algo hostil, ela não usa força, apenas um estalo que faz uma corrente de pura excitação tomar todo meu corpo e, antes de eu agir, ela aperta meu pescoço, mantém a outra mão segurando minha rola e abocanha meus lábios vorazmente.

Sexo selvagem? Olha só o que namorados podem fazer.

Dou um gemido alto e continuo quando ela massageia meu pau e minhas bolas.

— Vamos fazer isso... aqui? — pergunto entre o beijo desesperado.

— Está com medo de cair da escada, benzinho?

Eu rio e abaixo a cabeça para abocanhar o seio dela. Marianne aperta meus cabelos nos dedos e geme com vontade. Não são lambidas curtas e degustativas. São chupadas mesmo, daquelas luxuriosas, bem sem-vergonha. Engulo o peito dela e vou soltando-o aos poucos da minha boca. Com

os dentes, puxo o mamilo e ela solta um palavrão. Estou trincado de tesão.

Ela intensifica os puxões no meu cabelo e geme, quase gritando.

— Gosta disso, não é, safada?

— Você que está dizendo. — Ela retruca ofegante sem querer dar o braço a torcer.

— Hum... entendo. — Foi minha vez de dizer as palavras dela. Noto, para minha alegria, que quase a sufoquei quando voltei a chupar sua boca rosada de tanto beijar, enchendo minha boca com tudo, os lábios e a língua dela. Quero mais, muito mais, beijar Marianne quase me faz gozar de tão gostoso que é.

— Agora vamos ver o que você acha disso — digo entre nossos lábios e espalmo a mão entre as pernas dela. Ela segura firme no meu ombro e joga a cabeça para trás quando começo a esfregar os dedos externamente, afagando as bordas da boceta dela. Está latejante e ensopada, pingando de excitação.

Marianne se contorce com minhas dedadas suaves, com o clitóris implorando por atenção, enquanto eu passava o dedo apenas em volta dele.

Seguro firmemente a perna dela levantada, mantendo-a exposta para mim.

— Gosta disso?

Sem querer se entregar ainda, ela balança a cabeça em um gesto negativo. Uma expressão de desafio cobre seu belo rosto. Lábios inchados, olhos flamejantes, seios subindo e descendo arfantes. Eu sorrio. Ela sabe que qualquer homem adora um desafio. Mary tentou me seduzir, mas vai acabar queimada com o próprio fogo.

— E por que está escorrendo de tão molhada?

Acho que ela está entalada, então continuo massageando sua boceta e Marianne apenas engole em seco.

— Diga, Mary.

Com as narinas infladas mostrando revolta, ela passa as unhas no peito e crava forte laterais do meu corpo, nas minhas costelas.

— Vá de uma vez, droga! Acabe com isso, Sawyer.

— Quer meu pau aqui dentro? — Toco, enfim no clitóris dela e aperto com meu polegar. Marianne estremece toda, joga a cabeça para trás e

NACIONAIS - ACHERON

sinto as unhas cravarem mais firme. Rio, adorando isso e sentindo meu pau doer de tanto latejar. Já sinto minha cueca melada.

— Q-quero. — A voz dela sai gutural em meio ao gemido, eu continuo esfregando meus dedos impiedosamente e segurando-a com o corpo e a mão no pescoço delicado que me faz pirar. — Quero logo. — Ela tenta agarrar meu pau, mas não deixo, seguro sua mão.

— Ainda não. O dedo primeiro. E ainda tem a língua.

Eu nem espero ela formular uma resposta. Meto o dedo dentro e começo a foder tão lento e sensual que eu sinto ela quase se esvaindo em um orgasmo e, inesperadamente, como um malvado profissional, tiro o dedo e seguro firme, cobrindo a vagina com minha mão. É um gesto tão inesperado que os olhos dela ficam arregalados.

— Delicioso, não é? — Dou dois tapinhas contra a boceta dela. — Vê como cabe perfeitamente em minha mão?

— Sawyer...

— Sim, pode dizer, estou escutando.

Sou tão arrogante. Porém, muito mais

gostoso que esnobe. Em um rápido movimento, eu tiro o pau duro para fora da cueca e o coloco entre as pernas dela. Aperto-a mais contra o corrimão e começo a fazer movimentos de vai e vem com o pau passando superficialmente contra a boceta escaldante. Seguro na base, perto das bolas e bato ele no meio das pernas dela, atingindo em cheio o clitóris.

— Ohhhhhh! Ca... caceteee! — Rio quando ela deixa o ar sair todo do pulmão em lamento delicioso. É demais, não me canso de fazer sexo com ela, não me canso dessa mulher. Ela agarra meu corpo com força e enterra seu rosto no meu pescoço. Aspira meu cheiro e me dá uma chupada forte. Apenas sorrio. Não sei como conseguimos nos equilibrar nos degraus da escada, acho que no terceiro degrau. Marianne continua lambendo meu ombro e dando ocasionais chupadas enquanto geme.

— Quais suas últimas palavras? — pergunto todo convencido. Ela sabe que depois que começar só vou parar quando ela estiver caída de exaustão e é justamente isso que a esperta quer.

—Vá se foder, Graham.

— Resposta errada. Apenas você vai ser fodida.

Seguro o pau e posiciono contra ela, estamos de frente, é a coisa mais deliciosa foder de pé e de frente para ela. Após estar todo dentro, eu seguro uma das pernas dela, a mantenho levantada perto da minha cintura, enquanto o outro braço passa por trás do corpo esguio e seguro firme na bunda. Antes de começar os movimentos de praxe, dou uma palmada no bumbum roliço.

E foi dada a largada. Começo a comê-la em um movimento tão gostoso, fazendo-a me sentir todo dentro dela. As estocadas que proporciono são capazes de cutucar lá bem fundo. Quero isso sempre, todos os dias e horas. Sem nenhuma reserva, me afasto bastante quase saindo todo e voltando com metidas ferozes, Marianne geme se remexendo toda, apertando firme minha bunda que vai e volta num ritmo enlouquecedor. Ela olha vidrada para mim.

— Eu me sinto um mosquitinho no alfinete sendo analisado por você.

Eu paro, fico todo socado dentro dela. Ainda continuo segurando sua bunda e sua perna.

Ela está agarrada ao meu pescoço.

— Gosto de olhar para você, adoro isso.

Sorrio e beijo-a, recomeçando os movimentos. Ela e eu começamos a gemer juntos. Nossos rostos amassados encostados um ao outro enquanto dizemos palavras desconexas e gememos.

Em meus trinta e três anos, já fiz sexo em lugares que até o diabo duvida. Passei minha vida experimentando novas sensações, novos mundos e sabores. Porém, hoje, estar em uma escada com Marianne agarrada com unhas e dentes a mim, se torna a maior novidade. E a mais saborosa sensação de todas que já vivi. Até mesmo das reuniões de Amanda que sempre acabavam em sexo grupal. Uma orgia onde ninguém era de ninguém.

Saio de dentro dela e me sento no quarto degrau. Puxo Marianne e a coloco sentada de costas para mim. Assim eu posso abraçá-la por trás e ter livre acesso ao clitóris e seios dela.

Mais que depressa, como se já tivéssemos ensaiado, nos preparamos ao mesmo tempo para mandar ver. Ela se segura no corrimão e eu finco os pés no degrau de baixo para poder alavancar meu corpo e fazê-la pular como pipoca no fogo.

Sei que meu pau é grande, mas não me detenho em socá-lo todo dentro dela, fazendo com que ela o receba avidamente. A cada socada, eu quase vejo estrelas. Faço isso bem forte e rápido, usando a força das minhas pernas para impulsionar com vontade e dar a Marianne todo poder do meu pau, da cabeça até o talo, indo e voltando macio, quente e úmido, sendo apertado e todo banhado de tão molhada que ela está.

— Meu Deus! Sawyer! — Ela grita, aperta forte minhas coxas e eu não paro. —Que pau delicioso! Você é demais, cara.

Alucinado, seguro o rosto dela, puxo para trás, alivio as socadas brutas e beijo sua boca. Estamos suados, ofegantes, e os olhos dela estão turvos com a força excessiva das minhas investidas selvagens.

Marianne não quer nada pela metade, ela gosta assim, demonstra nos lamentos e gritos que me fazem ter mais energia e prazer.

Eu já tive todo tipo de parceira e sabia quando uma mulher encenava comigo. Sim, mesmo sendo gostoso e sabendo foder, havia muitas que não chegavam nem perto do orgasmo, achavam que

podiam me enganar fingindo gritos e gemidos. Afinal orgasmo tem a ver com a mente. Com essa aqui, minha namorada, é diferente. Marianne não consegue fingir porque o que sente é verdadeiro, as coisas que me diz, o jeito como fecha os olhos e dá um sorriso safado saboreando meu pau dentro dela. E todos os orgasmos que faço ela ter são únicos para mim, são mais que os prêmios que um dia ganhei.

Tiro Marianne do meu colo, dou uma virada rápida e a posiciono com as mãos no quinto degrau e os joelhos no quarto. Como se ela estivesse subindo a escada de quatro.

— Segure-se, Mary — digo, abaixo, dou uma chupada na boceta dela, posiciono meu pau e começo a meter. Fico de pé atrás dela, abro minhas pernas e seguro sua cintura, bombando rápido, deslizando macio e tendo essa bunda grande como visão. Uma visão deliciosa. Enrolo minha mão nos cabelos dela, seguro firme e meto um pouco mais calmamente, sem deixar de dar a ela todo meu poder de fogo. Marianne urra e começa a escorregar. Está meio desconfortável e preciso usar outra tática antes que ela goze.

Sabendo que nós dois estamos quase perto, eu saio de dentro dela de repente.

— Céus! Não faça isso comigo. Continua, droga! — Ela protesta, levantando e agarrando minha cintura.

— Xiu. Calma. Venha comigo. — Desço correndo com ela, noto que as pernas dela estão bambas.

Pego uma almofada, jogo-a no chão e me deito.

— Venha cá. Vamos fazer um sessenta e nove.

— Sério? — Ela me olha com um grande sorriso estampando a face. — Eu nunca fiz isso, Sawyer.

— E estou super feliz porque vai fazer isso comigo, venha.

— Uau. Você está muito gostoso, deitado aí de pernas abertas com esse pau enorme levantado.

— E você está uma deusa de pé à minha frente com os peitos mais lindos do mundo. Venha, Mary.

— Como se faz isso?

— Deite-se sobre meu corpo com a cabeça em direção ao meu pau. Ele será todo seu, chupe-o à vontade, enquanto eu faço o mesmo com você.

Ela faz o que eu instruí e, em instante, está deitada, com as pernas abertas na minha cara. Mantenho-as abertas com meus braços e começo a lamber e chupar a vagina que escorre e está vermelhinha. Ela faz o mesmo comigo. Chupa com vontade e eu suspeito que posso gozar a qualquer momento. Há instantes que eu tenho que parar de chupá-la para gemer, ela está no mesmo barco, todo instante tem que tirar meu pau da boca para gemer por causa das minhas lambidas.

Eu intensifico as chupadas, bem profundas e bem sacanas, Marianne tenta desviar e eu sou obrigado a abraçar as duas pernas dela para mantê-la firme e presa na minha boca.

— Goze para mim, Marianne e não tire meu pau da boca. Goze, chupando ele.

Ela acha que estou falando sério, mas estou blefando, ainda não é hora de ninguém gozar aqui. Quando Marianne começa a gritar e se contorcer no meu rosto, o corpo estremecer em espasmos, eu

paro de chupá-la e dou apenas um tapa na bunda dela e a tiro de cima de mim.

— Sawyeeeeer! Porraaa! — Revoltada, ela choraminga sentada me olhando. Desfere um tapa em meu abdômen.

— Quer seu orgasmo? Venha buscá-lo. — Chamo, fazendo um gesto provocante com minha mão.

Dou uma piscadinha e chamo-a para cima de mim. Cruzo meus braços atrás da cabeça e espero. Marianne olha horrorizada e muito indignada.

— Eu disse que me vingaria do que fez mais cedo.

— Não gosta de ser seduzido?

— Adoro. Ainda mais porque posso dar o troco depois. Agora venha, faça o que quiser com seu homem.

Os cantos dos lábios dela se curvam e ela vem para cima de mim, eu dobro os joelhos e ela se senta. Após se acomodar devidamente, inclina-se para a frente, segurando nos meus braços e começando me foder. Primeiro, ela desce até o fim, e eu suspiro junto com ela. Nossos olhares ficam

cravados. Depois ela aumenta as investidas, desce, rebola e sobe gemendo.

Marianne pula como uma coelhinha. Os olhos fechados, a boca aberta em um constante gemido, os seios subindo e descendo com os movimentos e uma gota de suor descendo do pescoço até o vão entre os seios. Eu piro. Não consigo ficar só olhando. Envolver sua cintura e dou um daqueles beijos que sugam até a alma. Agora eu estou no comando, flexionando minhas pernas e batendo meu quadril contra ela.

— Sawyer, é isso! — grita, sorrindo! — Não pare.

— Gosta disso, não é, safada?

— Sim! Eu adoro. Não ouse parar ou vou te arrebentar! — Ela grita e eu dou uma gargalhada estrondosa.

Só desisto de me controlar quando me sento minutos depois, com ela no meu colo, as pernas abraçando minha cintura. Dou um beijo de língua, jogo meu corpo para trás ainda sentado e apoiado nos braços e deixo Marianne tomar conta do ritmo. Sentada nas minhas pernas, ela segura meu pescoço com as duas mãos como se fosse me

estrangular e pula feito louca sobre meu pau, fazendo minhas bolas baterem com força por fora, até que nós dois vemos estrelas.

Eu gozo, ela também, e, mesmo assim, ela continua por mais alguns instantes se deliciando com minha rigidez dentro dela, rebolando suavemente. Caio de costas, suado e ofegante e ela cai sobre mim. Depois rola e fica deitada ao meu lado com a cabeça em meu braço. Ambos olhando para o teto.

— Perdi minha racionalidade por alguns segundos — comenta.

Viro meu rosto para olhá-la. Ela me olha também.

— É essa foda que pedi a Deus. — Ainda ofegante, eu digo. — Você está linda. — Claro que não deixo de perceber os cabelos dela desgrenhados, os lábios inchados, o corpo meio suado, os seios empinados, novinhos, naturais.

— Obrigada. Você também até que não está de se jogar fora.

— Sou um pobre mortal perto de você. — Aproximo meu rosto e dou um beijinho nos lábios dela.

— Está mais calmo? — pergunta, acariciando minha perna com a dela.

— Estou calmo, mas ainda com raiva de você.

— Que pena. Estava pensando em vir passar uma temporada aqui na sua casa. Mas acho que não sou bem-vinda na casa de uma pessoa que sente raiva de mim.

Marianne e suas maquinações.

Ela rola no tapete e se enrosca deitada sobre mim, fica debruçada no meu peito, me olhando com cara de cínica. Os olhos âmbar brilhando, atenta à minha reação.

— Você não está falando sério. — Duvido.

Ela dá de ombros como se quisesse dizer: "Acredite se quiser." Em seguida, senta-se e prende os cabelos num coque. Com a mão, ela abana a nuca, que está suada.

— Vou tomar uma ducha. Preciso ir para casa preparar nosso jantar.

Nem dou tempo de ela levantar. Agarro-a pela cintura puxando-a para cair em cima de mim e passo minhas pernas nas dela, prendendo-a.

— Falou sério sobre vir para cá?

— Sim, mas já decidi não fazer isso. Você fica com raiva de mim por coisas bobas, não acho que será uma boa convivência já que estamos tentando...

— Coisas bobas? — Eu me sinto injustiçado — Você sempre me provoca. Você se lembra de ter escolhido Jerry para almoçar ao invés de mim? E agora quer que eu aceite um encontro seu com o imbecil do Ryan? Marianne, eu sou um cara meio doido, não gosto de pensar em outro homem nem olhando para você.

Ela se esforça e consegue se sentar com a mão apoiada em meu peito.

— Estou muito arrependida de ter agido daquela forma em Nassau. Não sou assim, eu jamais pensaria em ter qualquer coisa com Jerry, você sabe disso.

— Mas fez questão de me alfinetar.

— Desculpa de novo. — Ela fala com as sobrancelhas meio levantadas e abaixa-se para me dar um beijo nos lábios.

— Esse pedido de desculpa inclui o mal-entendido que foi a ligação de Ryan?

— Não foi um mal-entendido Sawyer.

— Mas vai desistir e não vai mais atendê-lo, não é?

Ela respira fundo e fica olhando para mim. Estou fingindo que estou relaxado, deitado com as mãos atrás da cabeça. Eu a fito com expectativa.

— Você precisa confiar em mim, Graham.

— Mas não confio nele.

— Ok. Afinal eu não quero ver o Ryan nem pintado de ouro e você seria a primeira pessoa que saberia caso algo assim acontecesse. Agora, vamos deixar isso de lado e ir para o banheiro. Estou louca por uma ducha.

Marianne acaricia meu peito, tentando tirar esse assunto dos meus pensamentos. Não vou esquecer tão fácil, mas finjo. Ficarei de olho nela de agora em diante. Puxo a mão dela e trago até meus lábios para um beijo.

— E quanto ao assunto de vir passar uma temporada aqui?

Ela meneia a cabeça.

— Estou pensando seriamente nisso. Venha. Estou tendo umas ideias que envolvem

PERIGOSAS

chuveiro, corpos molhados e lábios afoitos.

NACIONAIS - ACHERON

DEZESSEIS

MARIANNE

Olho sorrateiramente pela janela da cozinha. Lá fora, o dia termina. Desvio o olhar e volto para o forno. Pego a luva e dou uma olhada na carne de cordeiro que está assando. Não deixei minha mãe tocar a mão em nada, apesar de estar aqui ao meu lado, me observando e me dizendo o que tenho de fazer. Papai sumiu, não sei onde está e o relógio não espera. Já são sete da noite e ainda nem me arrumei. Estou de roupão com uma toalha enrolada na cabeça.

— Se ele chegar antes, pode ficar na sala com seu pai — diz minha mãe, toda inocente. É isso que eu temo que aconteça. Eu tenho que abrir a porta para Sawyer e ficar com ele até o fim da noite. Não vou deixar meu pai falar poucas e boas para meu mais novo namorado. Sinceramente, seria

cruel perder dois namorados em um mês.

— Termine para mim, por favor, mãe. Vou vestir uma roupa e pentear os cabelos.

Fecho o forno e abaixo a temperatura. Olho mais uma vez me certificando de que abaixei e não aumentei.

— Vá e fique tranquila. Até que enfim vou poder salvar seu jantar. — Ela corre para a vasilha de tomates que ainda têm que ser recheados e levados ao forno.

Até parece.

Reviro os olhos e saio correndo. Antes de subir as escadas, vejo meu pai falando baixinho ao celular. Ele está no meu escritório. Volto e ele me vê. Ele se despede com um beijo e percebo que ele está falando com Alice. Eu nem perguntei onde ela está. Será que está em Nova York na casa de Ryan?

Ele caminha até mim, as mãos dentro dos bolsos da calça, os cabelos cheios bem penteados, como sempre estiveram. Meu pai é metódico e foi dele que herdei isso.

— Ele deve ser muito especial. Está correndo feito louca à tarde toda.

Ele não parece zangado, mas não deixa de
NACIONAIS - ACHERON

observar alfinetando-o. Ele fica parado à minha frente e seus olhos inexpressivos encontram os meus que devem estar em tom de presunção.

— Eu só quero que tudo dê certo, pai.

— Porque ele é uma celebridade?

— Não, porque é meu namorado.

Ele se afasta de mim e segue lentamente até uma estante moderníssima onde há alguns porta-retratos. Ele pega uma foto minha e da minha irmã.

— Certa vez, quando você tinha doze anos e decidiu que iria namorar um coleguinha, eu resolvi tudo conversando com o diretor e mudando você de sala. Conversei com o pai dele também. Mas agora, tudo está fora do controle. Não posso controlar você e Alice, escolher o futuro que quero para minhas filhas.

— Pai...

Ele guarda a foto e me olha.

— Hoje eu sou apenas um coadjuvante na sua vida, querida, e, por isso, posso apenas torcer para que suas escolhas sejam corretas ou não hesitarei em pegar meu rifle e ir atrás daquele sujeito, sendo famoso ou não.

Que droga! Será que ele fez o mesmo com Ryan? E como um bom pai que é, ele parece ter ouvido meus pensamentos. Me dá um sorrisinho e fala:

— Acredite, filha, Ryan e Alice não saíram impunes dessa. Eu fiz ele se arrepender de ter machucado você.

Uau! O que meu pai fez com Ryan?

— Fique tranquila, não o matei. Mesmo tendo vontade.

Eu caminho rápido acabando com nossa distância e o abraço.

— Você nunca será coadjuvante em minha vida, pai. E fico feliz por ter me defendido.

Ele apenas me abraça, acaricia minhas costas e se afasta. Eu sei que meu pai ainda não está totalmente convencido sobre Sawyer, mal posso esperar para ver o que vai acontecer hoje à noite. Espero que minha comida não termine com paredes e pratos quebrados na sala de jantar. Subo a escada, deixando-o de pé na sala.

Sem querer pensar no assunto, eu corro para a gaveta de lingerie e visto uma nova. Parece um déjà-vu do dia em que Ryan veio jantar aqui e

nós transamos. Visto a roupa íntima e espero poder mostrá-la a Sawyer essa noite. Não sei como, já que não vou poder sair com ele depois do jantar.

Hoje o vestido não é nada comportado. Eu não costumo vestir essas roupas que aderem ao meu corpo, mas esse ficou tão perfeito. Ele é preto com renda no busto e nas mangas. Nas costas, um enorme decote. Solto meus cabelos que estão bem modelados e com cachos definidos. Meu cabelo é comprido e cobre parte do decote das costas, corro até o closet, pego sapatos de salto baixo e os calço, afinal ficarei em casa.

Já devidamente arrumada, saio quase correndo do quarto. Da cozinha vem um cheiro delicioso. Passo pela sala e entro na cozinha, e vejo que meu pai está tentando roubar um tiquinho de comida enquanto minha mãe bate na mão dele.

— Oi. Já está tudo pronto? — pergunto, quebrando o encanto deles. Ambos me olham meio abobalhados. Sei que estão apenas babando a cria. Sou uma moça bonita que dá orgulho aos pais. Bom, a cara do meu pai não é uma cara de orgulho. Acho que ele está prestes a mandar eu vestir uma burca.

— Você está linda, Mary. — Minha mãe sai de perto do balcão e vem até mim: — Agora saia da cozinha para não ficar com cheiro de alho.

— Mãe.

— Não quero que uma celebridade pense mal da minha menina.

Ai, meu Deus! Sawyer é tão vida louca e desleixado para essas frescuras de celebridades. Ele nem tem um milhão de empregados para servi-lo apesar da vasta fortuna. Penso na reação da minha mãe se soubesse que mais cedo fiz sexo no meu escritório e em seguida na escada e no tapete da casa de Sawyer.

Não dá tempo de contestar, porque a campainha toca e todos nós nos entreolhamos.

— Tudo bem, vai dar certo — digo aos dois. — Vou abrir a porta. — Anuncio e saio depressa, atravessando a sala de jantar e correndo até a porta. Respiro fundo e giro a maçaneta.

Droga, a correntinha. Sawyer olha para mim da fresta.

— Desculpa — digo e encosto a porta para tirar a maldita corrente. Assim que reabro, ele sorri.

— Oi. Você está linda.

É ele quem está um arraso. Agora que meus pais vão pirar mesmo achando que estão lidando com pessoas tipo *George Clooney*.

Graças a Deus, nada de ternos e gravatas. Sawyer está ele mesmo, nada de formular aparências. Noto o pulôver embaixo do terno esportivo de corte perfeito e a calça de sarja meio avermelhada. Não é todo homem que fica gostoso como ele em uma calça vermelha.

— O que foi? Não aprova minha roupa?

Eu o puxo pelo braço. Antes de entrar em casa, nós nos beijamos rapidamente e nos afastamos.

— Eu só estou me perguntando quem compra suas roupas.

— As atendentes de lojas gostam de me dar ideias — responde, sem dar importância.

— Nada de atendentes de agora em diante. Irei com você na próxima vez.

— Será um prazer.

Ele sorri, me abraça mais uma vez e me beija.

— Sawyer... — Eu exclamo e ele me solta

rápido. De pé, parados perto da porta que liga a sala de jantar à sala de estar, estão meus pais nos olhando.

Sawyer se afasta, se ajeita e dá um sorriso meio sem graça.

Droga, pai, desfaça essa cara. Eu olho desesperada para o rosto rígido do Sr. Oscar Cooper.

Mais que depressa corro para fazer as apresentações.

— Sawyer, esse é meu pai, Oscar, e minha mãe, Rose.

Sawyer se aproxima para cumprimentar meu pai primeiro.

— Papai e mamãe, esse é Sawyer Graham.

— Sr. Cooper.

Fico olhando para ele sendo todo formal. Meu pai o cumprimenta com a mesma formalidade. Minha mãe é um pouco mais alegre e dá um sorriso.

— Eu trouxe um vinho. — Sawyer mostra a garrafa em sua mão.

— Quanta gentileza. — Minha mãe olha

para o vinho que meu pai recebe. — Não precisava se preocupar.

Ele tem um monte em casa, mãe. Relaxa.

— Papai, sirva uma bebida a Sawyer, vou preparar a mesa.

Meu pai vai para a sala sem se importar se a visita está seguindo-o ou não.

— Logo tudo estará terminado. —
Sussurro para Sawyer.

— Seu pai está tentando me meter medo, não é? — pergunta, debochado, enquanto tira o terno. Eu o seguro para pendurá-lo.

— Ande logo. Não é bom deixá-lo esperando — digo e vou depressa até a cozinha. Ele é um homem adulto, saberá como se defender.

Vários minutos agonizantes se passam sem que eu saiba o que está acontecendo na sala. Faço tudo em tempo recorde para poder ir logo até Sawyer. Ao chegar, vejo que ambos estão carrancudos.

Ai, Deus! Aposto que meu pai deve ter falado poucas e boas e Sawyer não ficou para trás. Ele teve coragem de revidar?

— O jantar está servido. — Eu anuncio sorridente. Meu pai se levanta depressa. Sawyer está parecendo aquelas pessoas com estômago embrulhado. Eu não devia tê-los deixado sozinhos. Prometi a mim mesma que não faria isso.

— Tudo bem? — Seguro no braço dele, guiando-o até a sala de jantar.

— A inquisição espanhola seria mais agradável.

Merda. Meu pai e sua língua afiada.

— Ele insultou você?

— Não, claro que não. Seu pai é um santo.
— Eu paro no meio do caminho de frente para ele.

— Nada de sarcasmo, garotão. Engula as ofensas e sairá ileso dessa.

— Me dê logo essa comida, Marianne. Talvez alguma coisa me acalme.

Eu reviro os olhos e o puxo. Meu pai está sentado em uma cabeceira da mesa e minha mãe ao lado. Indico um lugar para Sawyer e sento-me ao lado dele de frente para mamãe.

— Espero que goste.

Eu aponto para a entrada. São tomates

recheados.

— Parece apetitoso. — Ele sorri para todos na mesa. Papai nos observa enquanto abre o vinho para servi-lo. As taças cheias, os pratos servidos e o tilintar dos talheres começa. A entrada é aprovada unanimemente e eu fico muito orgulhosa de mim mesma.

Depois, minha mãe levanta para ir buscar o cordeiro como o prato principal, eu digo que vou ajudá-la, mas ela prevê que os dois não podem ficar sozinhos mais uma vez e me deixa na mesa. Sorrio para Sawyer e acaricio sua mão sobre a mesa. Meu pai assiste de olhos semicerrados.

— Então, Graham, minha filha contou que você não é mais terapeuta. — Meu pai começa depois que já estamos comendo o prato principal, o cordeiro. Eu diria que a entrada foi divertida, pois só mamãe e eu falamos. Sawyer adorou os três molhos que fiz: iogurte, laranja e outro, vermelho. Meu corpo gela todo quando ouço isso, devia ter inventado mais histórias sobre Candice e nossos clientes. O jantar estava transcorrendo bem demais para ser verdade.

— Ou melhor, nunca foi um doutor. —

Meu pai nem dá tempo de Sawyer elaborar alguma resposta e já emenda. — O que pretende fazer agora para se manter?

— Eu estou no ramo hoteleiro, Sr. Cooper.
— Sawyer engole a provocação e tenta ser amigável. — Marianne já teve o prazer de conhecer meu hotel e vamos trabalhar juntos na construção dos próximos.

Boa resposta, Sawyer.

— Creio que não deve ser nada ilegal... como o antigo consultório. Não quero que minha filha acabe atrás das grades.

— Pai!

— Tenha certeza de que não é, Sr. Cooper.

Ele assente olhando fixamente para Sawyer que mantém um olhar firme. Os dois se enfrentam descaradamente.

— Conte sobre sua família, doutor Graham. — Mais uma alfinetada quanto ao doutor em ênfase profundo. Meu pai está parecendo um adolescente rebelde ou um gladiador tentando derrubar um oponente.

Encolho toda diante do que ele falou. Será que ele sabe algo da família de Sawyer? Como
NACIONAIS - ACHERON

saberia se apenas eu sei?

— Eles não moram aqui, papai. A família de Sawyer é de Ohio.

— Do lado de casa? — pergunta papai, sorrindo.

Falso que dói.

— Sim. Bem ao lado.

Sawyer assente, mostrando que sabe que meu pai reside na Pensilvânia.

Eu levo minha mão para baixo da mesa e agarro a mão dele para lhe dar coragem e força.

— E seus pais? Mary já os conheceu?

— Creio que isso acontecerá no tempo certo.

Papai assente.

O resto do jantar continua no mesmo ritmo. Sawyer conta a respeito dos seus projetos de hotelaria, eu vou pelo meio emendando e ajudando e meu pai faz as críticas aqui e ali. Minha mãe também costura pelo meio acobertando as hostilidades de papai.

Agora posso esquecer de uma noite tranquila para exhibir minha lingerie nova a meu

novo namorado. Eu já imaginava mesmo que isso seria quase impossível.

Mas nem tudo está perdido. Fico imaginando se Candice estivesse aqui. Acabaria em homicídio.

Sirvo a sobremesa e, assim que terminamos, proponho um café na sala. Mamãe serve as xícaras e se senta ao lado do meu pai.

Esse dia não vai terminar nunca.

— Então estou diante de um torcedor do Jets?

Essa foi uma das coisas que deixou meu pai mais incomodado quando Sawyer sem querer revelou. Meu pai é um adversário fervoroso do time. Sabia que isso não daria certo.

Sawyer apenas dá de ombros. Acho que ele já está saturado das frescuras do meu pai.

— Não vamos falar de esportes. — Minha mãe toma uma posição ativa e olha de cara feia para o Sr. Cooper. Ela, assim como eu, sabe que se meu pai começar a brigar por futebol, não vai parar tão cedo. Eu dou um sorriso de cumplicidade para ela. Minha mãe costuma ficar calada, mas quando toma uma posição, até mesmo meu pai sabe o lugar

dele.

— Então Sawyer, quais são seus planos agora que está namorando Mary?

Olho com um sorriso nos lábios para a autora dessa pergunta. Minha mãe sabe quando entrar em campo. Essa pergunta devia ser do papai, mas ele está mais preocupado em provocar as visitas.

— Bem, Sra. Cooper...

— Apenas Rose. — Ela o corrige imediatamente. — Você será meu genro, um filho postico.

Sawyer dá um sorriso charmoso, acho que tem efeito sobre minha mãe.

— Rose — ele pronuncia como se estivesse testando o nome —, eu propus que Mary viesse morar comigo por um tempo e então a gente...

Droga, Sawyer. Não podia ter dito isso. Estava indo bem demais.

Olho imediatamente para meu pai que está de olhos semicerrados.

— Morar juntos? — pergunta, fingindo-se

interessado. — Vocês já se casaram e eu não estou sabendo?

— Não, senhor — responde Sawyer em um murmúrio.

— Pai, eu não aceitei nada. Eu vou continuar aqui e Sawyer na casa dele. Pode ficar tranquilo. Não sairei da minha casa.

Já estou perdendo a paciência com as implicâncias do meu pai. Ele já arrancou tudo que conseguiu, já sabe até o número que Sawyer calça e ainda fica inventando intrigas.

— Amanhã eu tenho que estar cedo no hotel, preciso dormir cedo — diz Sawyer depois de algum tempo em que todos nós estamos em um silêncio fúnebre.

Ele se levanta e eu sigo o movimento dele. Meus pais também ficam de pé.

— Foi um prazer conhecê-lo, Sawyer — diz minha mãe com um sorriso apaziguador.

— Igualmente, Sra. Cooper. Ou melhor, Rose.

Tem como não se apaixonar por esse sorriso? Fico toda bobona olhando para os lábios dele.

Corro e busco o terno de Sawyer enquanto ele aperta a mão do meu pai. Ambos se encaram, muito sisudos.

Ao terminar as despedidas, eu o guio até a porta, saímos e eu a fecho atrás de mim.

— Foi uma noite e tanto — diz, me abraçando. — Eu nunca fiz isso antes. Conversar com a família de uma mulher.

— Você se saiu muito bem. Não são muitos os que aguentam calados as provocações de Oscar Cooper.

— Ele tem que melhorar as provocações se quiser me tirar do sério. — Sawyer sussurra no meu ouvido e morde o lóbulo da minha orelha. Eu levo minha mão para a nuca dele e afago seus cabelos.

— Passei a noite toda querendo beijar você. — Ele prende meu rosto em suas mãos. A voz está nitidamente rouca de tensão. — Na verdade, não é só beijar. Esse seu vestido está me deixando louco. Quero esse corpo sobre o meu imediatamente.

Ele começa a me beijar, sugando meu lábio e passando a língua ao redor deles.

— Acho que não vai dar. — Sussurro,
NACIONAIS - ACHERON

segurando firme na lapela do terno dele. — Eu também estou frustrada por não poder mostrar minha lingerie nova para você. Comprei para esse momento.

Ele afasta o rosto do meu e me olha, surpreso. Um brilho intenso de luxúria passa por seus olhos verdes. Ele passa os olhos pelo meu corpo e morde os lábios.

— Não faça isso comigo. — O coitado lamuriou. Não é apenas a boca que fala. Todo seu corpo alto e forte grita, implorando por prazer, me contorço toda apenas com esse olhar e a intensidade aumenta quando ele abaixa as mãos e acaricia meus seios.

— Tão lindos esperando por mim.

Apesar de estar adorando, dou um tapa na mão dele.

— Sawyer, eu sinto muito, tenho que entrar.

— Mary...

— A gente se fala amanhã. Prometo ir cedo no seu apartamento.

Ele assente meio revoltado.

Eu lamento também, mas não posso fazer nada. Como eu vou sair e dormir fora se meus pais estão à espreita?

— Quanto ao que falou sobre vir morar comigo... é verdade ou estava apenas ludibriando o velho?

— Sawyer... — Meu cenho franze e minha voz sai já em tom de desculpas. Os efeitos das minhas palavras são imediatos nele, o maxilar enrijece e os lábios espremem em uma linha fina. Ele já sabe da minha decisão. Estamos em Nova York há apenas dois dias e ainda não consegui cair na real sobre essa situação de terminar um namoro e já começar outro. Temos que dar tempo ao tempo, tentar fazer dar certo de longe, morando separados.

— Tudo bem, eu já esperava por isso.

Ele está definitivamente revoltado. Que homem difícil. Os outros ficam tentando manter as mulheres longe de suas casas e ele faz tudo ao contrário. Recebo um beijinho frio nos lábios e ele se afasta. Vou correndo atrás dele.

— Sawyer... entenda...

— Eu aceito sua decisão, mas não me peça para entender.

Ele olha ao redor, passa a mão nos cabelos e respira fundo. Tira a chave do bolso, abre a porta do carro e, antes de entrar, olha para mim com cara de Sawyer Graham Terapeuta.

— Ligo para você depois.

Entra no carro e vai embora. Eu fico como uma tola plantada na porta de casa. Acho que fiquei ali parada muito tempo, pois ouço um clique e me viro, vendo minha mãe na porta. Eu solto o ar do pulmão. Todo esse tempo, eu tinha prendido o ar? Simplesmente deixei de respirar? Que loucura.

— Venha, preparei um chá para nós duas. Converse comigo.

Ela estende os braços, eu me aninho neles e entro em casa com ela. Nada melhor que um abraço de mãe, um ouvido de mãe e um chá feito por mãe para tirar qualquer tristeza do peito.

DEZESSETE

MARIANNE

Sawyer não ligou antes de eu dormir ontem, nem deu sinal de vida até agora. Já são quase meio-dia. Eu não fui à casa dele porque não queria mais um motivo para brigar, tenho muito serviço aqui no escritório e, se eu fosse lá, não poderia ficar mais de meia hora. É melhor nem assanhá-lo.

A conversa com minha mãe tinha sido produtiva. Mamãe sabe dos meus anseios e sabe do que um casal precisa para dar certo. Ela sabe da vida de Sawyer porque eu contei e o conselho dela foi que não o magoasse mais.

Mamãe está certa. Eu trabalho o dia todo, logo as horas dele também serão escassas e como fica o tempo para nós dois?

Ontem, no momento em que ele saiu, me

NACIONAIS - ACHERON

dei conta de que quero ir morar com ele, eu preciso ir. Sawyer nunca teve um relacionamento sério e ter uma namorada por perto pode ser bom para ajudá-lo a ver isso de outra forma, afinal ele já tinha esse relacionamento distante com Jill. Tenho que dar a ele algo diferente de tudo que já experimentou. Ontem à noite, depois que ele saiu e eu ouvi os conselhos de minha mãe, comecei a preparar minhas coisas. Farei uma surpresa para ele.

Meus planos para o futuro são interrompidos pela cabeça de Alan espiando da porta.

— Posso entrar?

Eu me ajeito na cadeira, coloco a caneta, que mordida, na mesa e dou um breve sorriso.

— Algum problema, Alan?

— Não. Preciso apenas que veja se o que o desenhista fez a partir dos esboços que você e Candice fizeram ficou bom para levarmos ao cliente.

Ele abre as plantas na mesa. Fico de pé para analisá-las.

— Então... Ouvi boatos de que acabou com a carreira de terapeuta de uma certa pessoa.

Alan insinua com pose de investigador.

— Não ouviu boatos, Alan. Deve ter ficado escutando atrás da porta de Candice. — Eu levanto os olhos para ele — O que a safada estava falando de mim?

— Não faço fofoca, sou um homem íntegro. Termine de olhar e leve de volta para mim se houver alteração.

Eu me sento na cadeira, revirando os olhos e aproximo as plantas de mim. Termino de vê-las e levo-as para Alan. Não detectei erros aparentes. Volto a tempo de ver meu celular piscar. É uma mensagem de Sawyer.

Jantar na casa do meu amigo (Henrique) amanhã.

Eu te busco às sete.

Como assim? Apenas isso? Nem um "olá" ou "beijos"? Como se estivesse convocando a presença de um funcionário. Pego o celular e digito uma mensagem.

Voltamos a ser paciente e terapeuta?

Digite 1 se a resposta for sim

E 2 se for não.

Envio e fico esperando. E a resposta vem em uma ligação. Demoro um pouco para atender. Merda. Por que ele não conversa por mensagens?

— Por que pensa isso, Marianne? — Nem me cumprimenta, pergunta direto quando eu atendo.

— Apenas pelo modo seco como me convocou. Achei que algo tivesse mudado desde ontem.

— Não da minha parte. Entretanto é uma pergunta pertinente. Você muda de ideia a todo instante.

— Se estiver falando sobre eu ir morar...

— Esse assunto já está acabado, Marianne.

— Ele me interrompe antes de eu concluir, chegando a ser grosseiro. Sawyer não pode agir assim toda vez que não tiver um desejo atendido. Não poderei ceder sempre.

— Tem razão, isso não é assunto para

falarmos ao telefone.

Ficamos quase duas vidas calados.

— Meus pais foram embora hoje.

Eu revelo e ele responde apenas com um "hum".

Ficamos calados de novo.

— Então até amanhã — diz ele.

— Até.

Eu desligo antes de ele desligar na minha cara.

Vou resolver isso agora, vou pegar minhas tralhas e chegar de surpresa na casa dele. Que homem inconveniente! Mesmo assim sonho em dormir e acordar com ele.

Papai e mamãe foram embora, vão ficar uns dias na fazenda dos pais de Leo e depois voltarão para casa. Passo por Alan, digo que vou me encontrar com um cliente e que já ficarei para o almoço.

Dentro do elevador, relembro a inúmera lista de precauções que meu pai me deu. Todas as alternativas envolviam Graham. Ele não fez isso tudo com Ryan. Mal perguntou sobre a profissão

dele e pronto. Minha mãe foi mais moderna e disse que eu deveria morar com ela. Ela o adorou. Também comentou sobre Alice querer voltar e eu fico com as costas pesadas de responsabilidade por minha irmã também estar sofrendo. Claro que ela mereceu e eu disse que avise Alice para voltar. Assim que eu me mudar para casa de Sawyer, ela poderá ficar lá em casa. Claro que antes a gente tem que acertar as arestas.

Meus pensamentos me embalam até chegar a minha rua. De longe, vejo o Alfa Romeo de Sawyer.

Dou um pequeno soco no volante radiante de felicidade. Sabia que ele não conseguiria ficar até amanhã, esse cara é obcecado, ele não tem controle. Paro atrás do carro dele. Desço sem pressa, fecho a porta e começo a andar. Vejo as pernas grandes dele saírem do carro, o corpo todo à minha frente. Paro a alguns passos de distância. Ele olha para mim meio indiferente e pega algo na porta traseira do carro. São duas bolsas. Uma de couro, dessas a tiracolo e outra de mão.

— Você disse que não viria morar comigo. Mas não disse nada sobre eu vir morar com você.

Ele está todo sério, de terno, sem gravata. Um verdadeiro executivo. Deve estar voltando do hotel ou de alguma reunião. Tira os óculos escuros sem qualquer amabilidade nos olhos.

É muita emoção para eu continuar impassível. Meus lábios começam a se curvar até eu não ter mais controle sobre eles e um sorriso abrasivo estampa meu rosto. Corro em direção a ele e enlaço meus braços em sua cintura.

— Eu estava morta de saudades. Acho que não conseguiria ficar sem ver você até amanhã.

Ele me afasta e me encara.

— Marianne, você ouviu o que disse?

— Venha, vamos conversar lá dentro. — Eu o puxo e ele me segue. Entramos, tiro minha bolsa e a jogo em um sofá.

— Fique à vontade — digo, abrindo as persianas — Mamãe deve tê-las fechado.

—Marianne... — Ele me chama e eu sei que quer uma resposta.

— Sim, Sawyer. Eu ouvi. Você disse que veio passar uns dias comigo.

— Não uns dias. Vim morar. — Fico

calada e ele se exaspera — Que droga! Será que é um crime querer passar todas as horas do meu dia com minha namorada, ou ao menos a maior parte do dia? Por que tem que ser cruel comigo? Qual o problema de podermos dividir o mesmo teto e a mesma cama?

Caralho! Quero abraçá-lo, beijar e ficar agarrada a ele eternamente. Estou cada dia mais apaixonada.

Eu o encaro com os braços cruzados no peito. Finjo um olhar agressivo e ele também se prepara para uma suposta discussão.

— Na verdade, não pode ficar mais que alguns dias. Em breve vou sair de casa.

Ele fica perplexo, os olhos verdes saltam. Eu me controlo para não sorrir.

— Sair de casa? Vai pra onde? Foi Candice, não é?

— Pare, daqui a uns três ou quatro dias, pretendo... — faço uma pausa já sorrindo, ele já está nitidamente impaciente — morar... — mais uma pausa — com... — pausa — meu namorado. Não posso ir ainda porque tenho muita coisa para arrumar.

O susto demora para passar nos olhos dele e, aos poucos, o semblante másculo, rígido, vai ficando mais leve até um sorriso brotar nos lábios.

— Ele já sabe que vai morar com ele?

— Era para ser surpresa.

Pronto. Ele está sorrindo de orelha a orelha. Sawyer sempre exige muito, porém a coisa mais fácil é agradá-lo. Ele diminui a distância e me toma nos braços. Nos beijamos como se tivéssemos dois anos sem nos ver. Com um gesto rápido, ele joga a bolsa no chão e volta a me abraçar, vou andando de costas até bater na parede, também estou desesperada e começo a desabotoar a camisa dele sem tirar o terno.

— Essa noite eu não dormi nada. — Ele sussurra, mordendo meu pescoço, maxilar e queixo. — Você é tão má comigo. Eu não podia mais continuar afastado. — Enfia uma das mãos em meus cabelos, enquanto tenta arrancar minha blusa super bonitinha com a outra. Eu a amo e não quero vê-la resumida a trapos no chão. Solto o peito dele e tiro-a rapidamente.

Claro que transamos muito; suados e fodendo pra valer no meu sofá vermelho. Nunca

mais o verei da mesma forma. Fico pensando na minha reação quando eu vir Candice sentada aqui qualquer dia desses.

Ah, lembrei! Não estarei morando aqui.

Foi delicioso sentir meus cabelos sendo puxados gentilmente para trás, um braço dele me envolvendo, e eu segurando na bunda dele e as socadas fortes e fundas, o quadril dele batendo rápido contra minha bunda; até nos libertar desse desassossego, desse fogo que está alojado aqui dentro. Sawyer continuou me embalando devagar mesmo depois de ter gozado. Ele todo melado dentro de mim. É disso que o safado gosta. Sinto o esperma escorrer de dentro de mim quando ele sai.

Eu rio e caio deitada no sofá. Ele também se deita comigo. É impressionante como esse sofá comporta nós dois. Eu pensava que Sawyer mal caberia. Aconchego minha cabeça no braço dele. Nós dois estamos embolados nesse espaço minúsculo, mas não tenho nada para reclamar.

— Eu acho que vou gostar de passar alguns dias aqui até você arrumar suas coisas.

— Claro que aqui não é uma cobertura, mas é legal.

— Sua casa é perfeita. — Ele acaricia gentilmente meus cabelos, até fecho os olhos sentindo a carícia — E espero que tenha coisas para comer. Estou faminto.

— Você se ofereceu para se hospedar na casa de uma mulher que só tem congelados estocados.

— Fico me perguntado como você não está uma balofa comendo essa comida calórica.

Levanto-me rápido.

— Tenho meus atributos. — Olho ao redor procurando minhas roupas. Sawyer se senta e veste a cueca. Me entrega a calcinha e caminha para a cozinha. Fico olhando abobalhada para ele ir andando despreocupadamente com a mão dentro da cueca ajeitando o pênis.

Chego na cozinha e ele está olhando o armário.

— Tem torta de frango pré-pronta, pizza e carne de hambúrguer. — Eu abro a geladeira para mostrar meus suprimentos.

— Nada de legumes ou carnes? — Ele fecha o armário e vem para perto da geladeira.

— Tem bacon, salame, as carnes de
NACIONAIS - ACHERON

hambúrgueres, batatas e...

Olho mais um pouco.

— Aquilo é aspargo? — pergunta, apontando para uma vasilha.

— Sim. Olhe, também tem queijo e alguns condimentos. — Mostro as minivasilhas de plástico separadas com rótulos que Alice arruma.

— Pegue tudo. Vou preparar um risoto e você prepara os hambúrgueres na chapa.

Entrego um avental para Sawyer e juntos começamos a cortar, fatiar, rir e conversar. Há também as provocações como eu tocar na bunda dele sempre que passo perto, ou ele dá tapinhas no meu bumbum. Paramos em alguns momentos para alguns beijinhos e só. Nosso foco aqui é a comida.

Em pouco tempo, me deparo com um prato de risoto de aspargo e bacon com o queijo por cima e hambúrguer assado na chapa.

Entrego uma lata de coca para ele.

— Nada de cerveja? — Ele olha para a latinha.

— Vai sonhando.

Começo a comer e está tudo muito

delicioso. Fico pensando que talvez Sawyer pudesse abrir um restaurante ao invés de hotel.

— Deixe eu fazer um balanço do meu nível de sorte. — Paro e limpo os lábios. — O cara é rico, bonito, sabe cozinhar, é muito bom no sexo. — Penso mais um pouquinho. Ele mostra um sorriso idiota nos lábios. — Qual seu defeito, Sawyer Graham?

— Pau pequeno não é — responde, todo vaidoso.

— Com certeza, não.

— Talvez meus defeitos não importem muito diante desse tanto de qualidades.

— Hum... Entendo. — Abano a cabeça e volto a comer. Ele termina e repete. Vai a geladeira e pega outra lata de refrigerante.

— Mas sugiro que me segure com unhas e dentes. Não é todo dia que se encontra um milionário famoso disposto a esquentar a barriga em um fogão.

— Se me disser que lava e passa, eu te arrasto para o altar nesse instante.

Eu rio, mas acabo rindo sozinha. Sawyer está parado olhando meio surpreso para mim.

Droga! Não podia ter tocado no assunto proibido. Sei que ele não gosta de compromissos e isso que estamos vivendo pode ser passageiro.

— Desculpe. — Eu murmuro.

— Você se casaria comigo?

A pergunta dele me surpreende. Levanto os olhos e ficamos nos fitando por algum tempo.

— Eu estava brincando, Sawyer.

— Sim, eu sei. Mas acho que não sou um homem que se leva ao altar.

— Eu percebi. — Meu coração se parte, mas tento ser indiferente — E te garanto que me casar com quem quer que seja é a última coisa que espero.

Ele dá um sorriso convincente. Não sei se é falso, mas me convence. Acho que chegamos a um consenso.

É lógico que eu quero me casar e se for com ele seria meio inesperado, mas no fundo seria um sonho. Não quero que ele saiba disso, já basta ele saber que sou fraca diante das seduições descaradas que ele pratica comigo.

Depois de almoçar, nós subimos para meu

quarto. Peço mil e uma desculpas pela bagunça e ele nem se importa. Parece um garoto que chegou a um parque de diversão.

— É muito sua cara. — Ele olha tudo ao redor e vai para o banheiro.

Vou atrás.

— Banheiro com banheira. Confere. Cama grande que aguenta uma boa trepada. Confere.

— Você só pensa nessas coisas. — Viro as costas para ele e vou para o closet pegar um robe para vestir. Sei que ele está atrás de mim.

— Quer dormir um pouco? — pergunto. Amarro com força as faixas do robe.

— Vem dormir comigo? — indaga, olhando meus vestidos arrumados.

— Talvez, estou meio sonolenta. Ei! O que está fazendo? — Eu fecho minha gaveta de lingerie que ele acaba de abrir.

— O que tem de errado?

— São minhas peças íntimas. Não pode mexer nas gavetas de uma garota.

— Por que não? Eu deixo você mexer nas minhas se quiser.

— Não é a mesma coisa, Sawyer. Venha.
— Eu o empurro para fora. — Vamos deitar.

— Só deitar?

— Só deitar.

Afirmo e me desvencilho dos braços dele.

*Graças a Deus minha cama está
arrumada. Bendita mamãe.*

Puxo o edredom com as almofadas e deito.
Ele se deita ao meu lado.

— Pelo que vi do tanto de roupa, acho que
devo mandar reformar meu quarto para te receber.
— Ele diz e eu noto que já está sonolento. O
coitado não tem dormido bem essas noites. Tudo
por medo de eu voltar atrás na minha decisão de
ficar com ele. Isso me deixa bem lisonjeada.

Sawyer cai no sono e eu fico olhando o
rosto bonito sereno. Ele é muito lindo. Não aquela
beleza pronta, ele tem um rosto másculo, feições
fortes, uma bela boca contornada por uma barba
perfeita e os olhos verdes... céus. É de me deixar
louca.

Ele não ficou tão arredio quando eu falei
em casamento. Na verdade Sawyer está se
comportando de uma maneira estranha para quem
NACIONAIS - ACHERON

queria apenas um caso. Acho que depois devo explicar a ele que um homem que quer uma mulher apenas como amante não se muda para casa dela e nem faz comida para ela.

Nesse momento, percebo um defeito de Sawyer. Ele não sabe como conduzir um relacionamento. Talvez por isso tenha medo de se casar ou namorar.

DEZOITO

SAWYER

Anos atrás...

— A primeira regra que você deve seguir é nunca perder o foco e nunca baixar a guarda — disse Rick, me empurrando um copo de cerveja. Olhei para aquilo a minha frente e franzi a testa lembrando da minha mãe falando que me arrebentaria se descobrisse que toquei em álcool ou drogas. Será que ele sabia que eu não tinha nem dezessete anos ainda?

— Baixar a guarda?

— Carinha, vou te ensinar uma coisa. Guarde esse ensinamento como se protegesse sua vida.

— *Diga. — Beberiquei a cerveja. Não era a primeira vez que tomava, mas era a primeira em que tinha um copo todo pra mim.*

— *Beba como homem, porra. Gole grande. — Ele me ridicularizou e eu murchei.*

— *Não sou ainda...*

— *É sim. Fodeu com a Amanda ontem, então já é um homem. Pode ser preso e fazer filho. Beba.*

Eu obedeço e dou um gole. O líquido gelado e levemente amargo desce pela minha garganta, fazendo meu corpo pedir mais. Bebo outro gole e mais outro. Cerveja é muito bom. Como eu pude não saber disso antes? Agora sei porque o imprestável do Chris, marido da minha mãe, bebia tanta cerveja.

— *Está vendo? — Rick bate nas minhas costas. — Agora vamos às técnicas. Antes de começar, vou te ensinar como se proteger do pior inimigo que o homem tem.*

— *Que inimigo?*

— *A mulher. Gosta delas, certo?*

Assinto imediatamente, não quero ninguém duvidando da minha sexualidade.

— Eu também gosto muito, sou viciado. Mais que carro, cerveja e futebol. Mas elas são os únicos seres na face da Terra que podem desgraçar a vida de um cara.

Fico pensando na minha mãe e ela, sendo uma mulher, desgraçou minha vida mesmo.

— E não estou falando de sua mãe. — Ele parece ler meus pensamentos — Sei o que ela fez, mas estou falando das mulheres que você pode comer. — Ele toca na cabeça. — Mente. — A mão desce para o peito. — Coração. — E, em seguida, afaga as calças. — E pau. Três coisas que se o cara souber usar, ele será feliz pelo resto da vida. Pense bastante, analise todas as suas jogadas. Tá captando?

— Sim.

— Boceta não é brinde que você chega e pega, precisa analisar as consequências e se vale mesmo a pena ter aquela na sua coleção. E nunca, eu digo nunca, confunda trepadas com fazer amor. Isso é uma invenção estúpida que elas criaram para tentar dominar inexperientes. Um cara não precisa gostar de uma mulher para transar com ela. Por isso, tantos homens traem suas mulheres

numa boa e não vejo problema nisso. As que pega por fora representam apenas sexo. Guarde bem isso, você vai precisar: Não precisa mesmo gostar da garota pra poder comê-la, nem mesmo precisa conhecer. E você usará muito isso na vida.

— Certo. — Assinto, prestando atenção na aula dele. Henrique levanta a mão e eu penso que ele vai pedir outra cerveja, mas pede a conta.

— Amanda me deu passe livre e liberou você para aprendizado essa semana toda.

— O quê?

— Calma, sou macho, porra. Não vou te enrabar. Vou te levar em um inferninho que conheço, você vai conhecer um pouco mais da vida adulta. — Ele joga uma nota de vinte dólares no balcão e se levanta, tomo o resto da minha cerveja e o sigo.

— Rick, o que eu vou fazer de verdade na casa de Amanda?

Ele ri e abre a porta do carro dele.

— Ela ainda não te mostrou o estúdio, né?

— Estúdio?

— É, garoto. — Ele me mede de cima a

baixo e volta para me encarar com um sorriso safado. — Ano que vem, acho que você já fará parte da equipe que eu comando. O mercado hoje está louco à procura de novinhos como você e eu. Rostinhos de bom moço, mas que têm o diabo no corpo. Amanda está arranjando mais uns cinco por aí. No próximo mês, vamos conhecer Nelson, um negro bem-dotado de quinze anos, que ela resgatou das ruas e está em reabilitação agora. Ele será o calouro e espero que você já seja veterano.

Fico mais confuso ainda com tudo isso. Até agora não descobri nada do que será minha vida daqui para frente. Henrique ri da confusão nítida nos meus olhos.

— Bem-vindo ao mundo adulto, Tyler. Agora venha, pois você vai aprender mais que apenas beber cerveja.



Dias atuais...

Eu sempre me gabei de inúmeras coisas, das mulheres que conseguia pegar, do meu dinheiro, meu corpo, minha fama. Porque foi assim

que aprendi a ser desde a minha adolescência. Fui ensinado a apenas jogar com as mulheres, e, que, se um dia eu mostrasse vestígios de estar gostando de uma, essa uma iria me foder da maneira mais cruel que existe.

Mas agora, sentado à mesa de restaurante com Marianne ao lado, eu apenas consigo me sentir agraciado, não acho que mereço tê-la para mim, afinal escondo dela uma coisa muito importante. Melhor, várias coisas importantes. Nunca precisei mentir para ninguém, até esse momento deixei a vida me levar sem medo de ser feliz, mas agora vivo pisando em ovos por causa dela e porque o que eu sinto por ela cresce a cada dia de um jeito tão forte que chega a ser descontrolado.

Eu tenho orgulho e havia decidido não ligar nem encontrar com ela até hoje. Juro por Deus que eu a mandei se danar quando estava sozinho no carro depois do jantar com os pais dela. Falhei vergonhosamente na minha missão de ignorá-la.

A sem coração não me ligou para pedir desculpas e eu já não suportava mais. Xinguei-me de todos os palavrões feios que conheço (e não são poucos) por ter me tornado tão fraco. E com

algumas peças de roupas em uma bolsa, eu fui praticamente implorar para que ela me deixasse ficar ao seu lado. Sawyer Graham não é homem de ir pedir asilo na casa de ninguém. E dei graças aos céus por ela ter me recebido, porque, pior que pedir asilo, é levar um fora e voltar com o rabinho entre as pernas.

— Está me encarando de novo — diz Marianne, de olho no celular em suas mãos. Pela visão periférica, sei que ela me vê encarando-a enquanto reflito sobre meu passado e meu presente.

Estamos no restaurante do meu hotel para almoçarmos com Joaquim Mafra^[2], o dono dos pubs, e, se Deus quiser, futuro parceiro de negócios.

Já estou morando na casa dela há um dia e, até o momento, estou gostando mais do que quando vivia sozinho na minha cobertura.

—Você está tão gatona. Obrigado por aceitar vir comigo. — Ela me olha e há um belo sorriso em seus deliciosos lábios. Marianne está tão maravilhosa que me dá vontade de não olhar para mais nada, só para ela.

— Obrigada. Você também está um tesão.

E acha que eu ia perder a chance de conhecer o rei das baladas? — Ela nem espera eu fechar a cara. Ri e se aproxima, me roubando um beijinho. — É claro que eu viria, seu bobo. Quero estar ao seu lado a cada conquista sua. Mas também quero ficar cara a cara com o Sr. Mafra. Sabia que ele é brasileiro?

— Sabia e já quero ir embora levando você e deixando Arthur resolver isso tudo sozinho.

— Xiu. Olha ele vindo lá. Mantenha um sorriso e a civilidade. Você precisa dele. — Marianne cochicha e eu me recomponho.

Eu me levanto assim que ele chega à nossa mesa acompanhado de uma mulher, sua namorada, segundo a mídia. Marianne se levanta também.

— Graham. — Joaquim estende a mão para mim. Eu aperto e ele apresenta a mulher ao seu lado. Muito linda, bem-vestida, as revistas fizeram jus à sua beleza. — Elena, minha namorada.

— Mafra, Elena. É um prazer. Essa é Marianne, minha namorada. — Espero Marianne cumprimentar os dois e nos sentamos.

Peço um vinho e, assim que o garçom se afasta, eu me volto para eles dois.

— Estou aliviado que tenha aceitado me encontrar. — Mostro o lugar ao redor. — Como vê, negócios não são minha praia. Estou engatinhando.

— Está indo muito bem para quem está engatinhando. E claro que aceitei a parceria. Expandir meus negócios nunca é demais, ainda mais com alguém do seu calibre.

— Uma mão lava a outra —digo.

— Fiquei sabendo... — Marianne começa a falar —, acho que essa informação é de domínio público. — Ela alerta antes de continuar. — Fiquei sabendo que vocês dois são brasileiros.

— Sim. — Elena e Joaquim respondem juntos.

— Eu vim primeiro, fiquei aqui uns dez anos, Elena veio depois.

— Isso é ótimo. Também sou brasileira.

— É? — Elena arregala os olhos.

— Sim. Na verdade, vim para cá aos dez anos, mas tenho família lá. Sou de Minas Gerais.

— Olha só isso, Quin! Uma conterrânea. Sou do Rio — diz Elena, mais animada que antes.

Os três começam a conversar em português

e eu fico boiando. Não entendo nada de português, mas o sotaque de Marianne é bem mais arrastado que o deles, acho que porque ela passou mais tempo aqui. Após algumas frases em outra língua, Mary olha pra mim.

— Desculpa, Sawyer. Deve estar boiando.

Elena e Joaquim riem e eu abano a mão, rindo também.

— Ei, Marianne, por que não vamos dar uma volta pelo hotel enquanto os meninos falam de negócios? É tão difícil encontrar alguém que fala minha língua.

— Claro. — Marianne arrasta a cadeira e se levanta prontamente.

— Volto já, amor. — Elena dá um beijinho em Joaquim. — Não peça nada sem mim.

Marianne também me dá um beijinho, pisca para mim e depois acena.

— Não falem mal da gente. — Joaquim alerta e a mulher dele balança os dedos por cima do ombro. Ficamos observando elas duas se afastarem. Elegantes, bem-vestidas, desfilando com saltos altíssimos, cabelos com uma cor parecida.

— Também está perdido? — Joaquim
NACIONAIS - ACHERON

volta-se para mim, faz sinal e um garçom vem.

— Sim, estou de quatro por ela. Minha expaciente.

— Entendo você, estou no mesmo barco. Elena é uma amiga de infância. Agora que a tenho, não consigo imaginar como seria se não a tivesse.

Porra, ele tirou as palavras da minha mente. Agora que tenho Marianne, não consigo de maneira alguma imaginar como posso um dia voltar para a vida vazia de antes. Me dá até náuseas.

O garçom se aproxima e Joaquim pede para deixar o vinho para depois e trazer duas cervejas. Eu digo a marca que quero, ele pede a de sua preferência e enfim começamos a falar de negócios. Depois pretendo mostrar a ele onde será construída a futura boate Mafra.



Dois dias depois

Até agora, ficar na casa de Marianne foi uma descoberta alucinante. Não sabia que pequenas coisas do cotidiano de uma mulher pudessem

NACIONAIS - ACHERON

fascinar tanto um homem. E não qualquer homem, mas um que viveu trinta e três anos levando a vida com pouca importância e vendo tudo por uma perspectiva fútil.

Ela não sabe que fiquei calado observando sem piscar quando ela estava absorta e muito concentrada, pintando as unhas do pé. Ao redor, uma tralha que eu não consegui distinguir o que era.

Também não sabe como fiquei olhando ela arrumar os cabelos em um milhão de jeito diferente para depois simplesmente deixá-los soltos. Ou no dia anterior à tarde, quando acordei e ela tinha ido trabalhar, fui fuçar as coisas de Marianne e vi a gaveta proibida. Sorri ao ver calças grandes e possivelmente confortáveis. As calcinhas de algodão, que parecem uma cueca, me chamaram a atenção, havia inclusive uma cueca boxer da Calvin Klein. Nem passou pela minha cabeça que fosse de um homem, afinal era tamanho P. Me perguntei por que Marianne usava uma cueca.

No fundo da gaveta, algo me chamou a atenção e lá estava o cartão que mandei para ela junto com a cafeteira. Meu coração saltou no peito.

Dei um sorriso muito idiota e o guardei de volta.

À noite, depois que jantamos, ela ficou no sofá vestindo uma camiseta minha de rúgbi e um short dela, sentada sobre as pernas dobradas e digitando no laptop. Os óculos caindo no nariz. Os cabelos amarrados em um coque daquele jeito que eu não sei como uma mulher consegue fazer, ela simplesmente prendeu o cabelo sem presilha ou elástico, ele estava lá, amarrado e firme em um coque meio frouxo. Mulheres e suas mágicas.

Mais tarde, eu implorei para que ela fizesse sexo comigo usando apenas os óculos. Ela tentou me convencer do contrário, mas eu fui mais convincente. Sempre sou.

Hoje acordei primeiro e fiquei olhando para ela esparramada na cama, uma das pernas em cima de mim e os braços apertando um travesseiro, como se ela abraçasse alguém e um forte sentimento de proteção me dominou. Fiquei feliz por saber que eu sou o homem que está ao lado dela para o que ela precisar. Esses pequenos detalhes fazem muita diferença e ela nem sabe que me seduz sem nem mesmo se mexer, como agora, tranquila, dormindo, mas me deixando encantado.

Agora, estamos indo para a casa de Henrique. Marianne está muito eufórica, e eu, com um pé atrás, apesar de ter alertado Henrique e Dakota para não dizer nada a minha nova namorada.

Olho para a garota ao meu lado. Ela está indiferente à minha confusão interior, procurando algo dentro da bolsa. Então encontra um espelho, verifica os lábios e os cabelos, que, por sinal, estão perfeitos. Os cabelos dela estão perfeitos, parece que ela foi ao salão, mas não foi o que ocorreu, eu vi enquanto ela passava a tarde, arrumando-os em um ritual impressionante.

— Você está linda — digo, tentando acalmar a neura dela. Ela então parece perceber que eu estou ali e dá um sorriso breve.

— É fácil pra você falar quando não precisa se arrumar para ficar bonito.

— Acho que tem apenas uma beleza aqui. E não é minha. — Dou uma piscadinha para ela.

Marianne solta o espelhinho e me olha fixamente. O cenho franze e depois o rosto assume uma expressão sofrida.

— Sawyer, estou tão nervosa...

— Não fique dessa forma por causa de Rick. Quando conhecê-lo, vai saber o que estou falando.

— Você é uma celebridade e eu me sinto indo visitar Brad Pitt e Angelina Jolie.

Eu rio, ela também sorri.

— Pra dizer a verdade, eu nem conheço os dois. Nunca tive o prazer de ser apresentado a eles.

— Sério? Como não? Você já esteve na Oprah, saiu na Forbes...

— Angelina Jolie nunca precisou dos meus trabalhos. — Dou de ombros. Marianne sorri e abana a cabeça.

— Mas você não se relaciona só com quem vai ao seu consultório.

— É verdade. Mas conheço a maioria dos famosos porque suas mulheres foram ao meu consultório.

— Meu Deus! — Marianne coloca a mão na boca. — Eu vi alguns poucos nomes na internet. Sawyer, te dou um doce se você me der nomes.

— Não direi nada. — Soo convicto. — E

lembro que seu doce já é meu.

— Tolo. Tudo bem, então eu digo os nomes e você apenas diz sim ou não, ok?

Rio para ela e balanço a cabeça que sim.

Mais que depressa, ela começa a falar nomes de mulheres famosas e eu confirmo se já passaram pelo meu consultório. Ao dizer sim para o nome de algumas, Marianne quase deu um grito ao saber que já transei com tal pessoa de Hollywood.

Henrique mora no Queens, é quase uma viagem de onde moro até na casa dele. Com sorte, chego trinta e cinco minutos depois.

Seguro a mão de Marianne. Estou pronto para mostrar minha nova companheira ao mundo e começar por meus amigos é um truque de mestre. Vou neutralizar todos os possíveis ataques ao meu relacionamento com ela. Em breve, não existirá mais ninguém que saiba da existência de Tyler que não tenha conhecido Marianne e essas pessoas do meu passado saberão que precisarão manter a boca fechada.

— Pronta? — Beijo a mão dela enquanto subimos de elevador.

— Um friozinho na barriga. Espero que a
NACIONAIS - ACHERON

namorada do seu amigo não seja uma rica esnobe.

— Você vai adorar Dakota.

Eu tenho certeza disso, penso com certa apreensão. Dakota está com Henrique há pouco mais de um ano, porém a conheço há bem mais tempo, já até transei com ela. Conversei com ela e sei que vai deixar Marianne confortável.

A porta do apartamento de Henrique se abre e fico pasmo com o homem à minha frente. Passo os olhos pela roupa dele. Eu nunca o tinha visto dessa maneira, de camisa com as mangas arregaçadas, jeans escuro e sapato. Ele queria mesmo impressionar. Dou um pigarro quando percebo o olhar explícito dele em Marianne. Conheço esse olhar porque eu mesmo sei fazê-lo, afinal foi Rick quem me ensinou.

— E aí, cara. — Cumprimento e depois me volto para Marianne. — Rick, essa é Marianne. A garota de quem lhe falei.

— Oi. — Ela dá um passo à frente e estende a mão para o homem vidrado nela. Ela perceberia? Eu já quero bater nele para tirar esses olhos gordos de cima dela.

— Mary, esse é Henrique, meu futuro ex-

amigo se continuar olhando você assim.

— Porra, Graham. Você é um puto sortudo — diz com um tom de rispidez. Parecia estar se sentindo injustiçado. Dou um pequeno chute na canela dele. Marianne apenas ri.

— Tem certeza que não está sendo chantageada a ficar com ele? — Ele me ignora e lança a pergunta a Marianne.

Reviro os olhos para o ar de chacota de Rick. Nem eu nem Marianne podemos responder a ele. Dakota vem em meu socorro. Fico radiante ao ver a bela mulher se aproximar vindo de dentro da casa.

Ela é uma negra elegante, com belos cabelos cheios e cacheados, ao natural. Assim como Marianne me fez querer deixar todas para ficar com ela, Dakota estava fazendo o mesmo com Rick. Sei que ele de vez em quando dá umas escapadelas, mas não com tanta frequência e agora, quase com quarenta anos, ele está perdendo aquelas regras que ele mesmo me dera, de nunca misturar sexo com sentimentos.

— Pare de constranger as visitas, homem.
— Ela dá um tapinha no ombro do namorado e um

sorriso iluminado para Marianne, que sorri de volta.

— Oi, sou Dakota. Ouvi falar de você, a designer.

— Sim, sou Marianne — responde ao cumprimento.

— Venha, vou abrir uma cerveja para a gente. — Henrique me chama enquanto as duas mulheres se cumprimentam.

— O que você tem para a gente beber? — questiono, seguindo Henrique para dentro de casa. Marianne corre e me segura.

— Pega leve. Você vai dirigir.

— Fique tranquila, meu bem. Eu só bebo socialmente.

— Esse cara é um alcoólatra, Marianne. Eis o segredo de Sawyer! — Rick grita da cozinha. Ela ri e vai para a cozinha também junto com Dakota. Não me resta outra opção senão segui-los.

— *Erdinger Weiss e Guinners.*

Henrique mostra o freezer. Eu vou para perto e olho o estoque dele. Há também *Heineken* e *Budweiser*.

Do outro lado, Dakota explica a Marianne

algo sobre o prato que ela preparou.

— Cerveja preta? — Olho de cenho franzido para Rick. — Você odeia.

Ele dá de ombros.

— Mas sei que meu convidado é cheio de frescuras. Pegue uma e venha para a sala.

Ele pega duas long neck e eu faço o mesmo. Dou uma piscadinha para Marianne antes de sair da cozinha, ela continua entretida na conversa de Dakota. Eu fico tranquilo, pois a conversa das duas não representa perigo. Mulheres são mais táteis e sei que Dakota vai saber conduzir uma boa conversa.

Henrique me conduz até seu estúdio para me mostrar a maquete da nova academia dele e ficou um trabalho esplendoroso. Observo a maquete, depois me sento para conversar um pouco. Ele está pensando se a *Cooper & Monroe* aceitaria o trabalho. Eu digo que Marianne e Candice logo estarão completamente envolvidas em algo maior, meu hotel.

Essa sala de Henrique é um lugar em que não gosto muito de entrar, pois me leva a tempos conturbados. Ele tem vários prêmios de várias

coisas que já fez e que eu fiz também. Olho um deles e vejo que tenho um igual em casa. O meu está escondido, claro. Eu ganhei um ano em uma modalidade específica e ele ganhou dois anos depois na mesma modalidade. Decididamente Marianne não pode entrar aqui.

E pensar que ela quase viu na estante da minha casa quando foi me visitar e ficou bisbilhotando... Até me arrepio ao lembrar disso, foi na trave.

— Lembra? — Ele me mostra uma foto onde está Larry, Nelson, ele e eu. Pego a foto com carinho. Os quatro vestindo quimonos de jiu-jítsu. Momentos bons aqueles. Sempre depois dos torneios ou treinamentos, nós íamos para um bar perto da academia de luta de *Zack*.

— Ela não sabe de nada mesmo? Nem o nome?

Rick pergunta depois de uns segundos de silêncio. Ele, bebendo, e eu, olhando a foto.

Eu coloco a foto no lugar e abano a cabeça.

Henrique me encara sério, recostado em uma estante.

— Como você considera o seu
NACIONAIS - ACHERON

relacionamento com ela, Sawyer?

— Estamos namorando. — Levanto minha mão, mostrando a aliança que ainda não tinha exibido.

Henrique fica branco. Eu simplesmente tomo mais um gole de cerveja. Não consigo sentir o sabor, geralmente esse assunto me deixa fora do ar. Tomo outro gole e quase acabo com todo o líquido.

— Cara, a menos que isso seja namoro passageiro...

— Não é. — Adianto imediatamente.

— Então pretende contar a ela em algum momento?

— Não sei, Rick — respondo, exasperado.
— Não decidi o que fazer.

Começo a ficar tenso. Não quero ainda pensar sobre isso, antes preciso encontrar uma maneira de fazer Marianne me aceitar. Ou melhor, aceitar Tyler, mas, para isso, ela precisa conhecê-lo.

— Eu ainda não consigo entender como ela não descobriu. Você é uma figura pública. Já era por causa do seu antigo trabalho e continua sendo por causa da terapia. Mas se colocarmos os dois
NACIONAIS - ACHERON

lado a lado, ninguém diria que Tyler e Sawyer são as mesmas pessoas.

— Marianne não fica fuçando essas coisas. Além disso, precisa saber o outro nome, Tyler Carter, para procurar e encontrar tudo.

— E acha que coagir seus amigos a mentir é uma coisa bonita a se fazer? Não vê que está criando uma bola de neve?

Eu me levanto carrancudo e ameaço voltar para a sala, nem sei por que vim aqui até esse maldito estúdio.

— Ei. — Henrique segura meu braço.

Eu olho para ele com cara feia.

— Mentir para uma mulher não é uma coisa boa. Se ela descobrir por conta própria, não quero estar na sua pele.

— Esse é mais um dos seus ensinamentos?

— Não, serve para qualquer pessoa no mundo. Enganar é feio e fica mais feio ainda quando se engana quem você ama.

Eu solto meu braço da mão dele e caminho para a porta. Viro-me antes de sair e o olho por cima do ombro.

— Feche essa droga de porta. Não quero Marianne entrando aqui.

Henrique balança a cabeça, visivelmente revoltado. Eu também estou revoltado comigo mesmo. Não gosto de omitir essas coisas para Marianne e como não pretendo nada passageiro com ela, preciso criar coragem e mostrar a ela uma janela do meu passado. E esperar para ver como ela reage a uma vida em que vender o próprio corpo é a coisa mais natural.

Andando pelo corredor, vejo Marianne rir sem parar de algo que Dakota está contando. Fico parado, observando o sorriso dela. Bebo um gole de cerveja e recosto no batente da porta que leva para a sala de jantar. Rick caminha na frente em direção à cozinha, deve ir pegar mais cerveja. Algo me vem à mente. Tão distante... Achei que essas lembranças não existiam mais.

— *Fique tranquila, Amanda. Eu posso fazer isso.*

— *Tyler, querido... você é tão...*

— *Inexperiente?*

Olhei para ela com uma carranca.

— *Não, claro que não. Você é um*

garanhão... Mas há riscos sobre fazer isso... riscos para o coração.

— Coisa que eu não tenho, Amanda.

Naquele momento, eu pressentia que Amanda estava cada vez mais me segurando. Ela me colocou naquele mundo, mas não queria abrir mão de mim e começava a não querer permitir que eu ficasse com outras. Principalmente Jill, que eu tinha acabado de conhecer.

Dei um tapinha no rosto dela e peguei a máscara que ela segurava. Nunca antes tinha vestido um smoking, ainda mais com máscara. Segui para o salão de festas e dei uma última olhada para trás. Amanda parecia muito pálida. Dei um sorriso malicioso e me virei para a frente, amarrando a máscara na minha cabeça. Comecei a andar em direção à mesa em que três mulheres estavam me olhando com aqueles olhos gulosos. Fiz um gesto e uma se levantou. Há outros como eu no salão, inclusive Henrique.

Começava ali mais um capítulo da minha história. Não como Big Tyler e nem como o terapeuta. O nome que seria futuramente comentado na alta sociedade era apenas "T", o

PERIGOSAS

mais novo integrante do grupo Black Bull.

NACIONAIS - ACHERON

DEZENOVE

MARIANNE

— Ei! Pensando longe?

Sawyer desvia os olhos do nada e olha para mim como se estivesse acabado de acordar de um torpor, recostado no batente da porta com a garrafinha de cerveja na mão. Os olhos paralisados no nada.

— Já vamos jantar. — Acaricio o braço dele.

— Hum... Estava pensando...

— Espero estar incluída nesses seus devaneios. — Agora é minha vez de dar uma piscadinha e voltar para a cozinha. Sawyer fica na sala com Henrique e eu vou ajudar Dakota nos últimos preparativos. Nunca poderia imaginar que encontraria alguém tão bem-humorada e descontraída como ela. Sabe aquelas pessoas que a

NACIONAIS - ACHERON

gente tem vontade de cultivar uma amizade? Ela é uma dessas. Acho que Candice iria adorá-la. Eu já estou com o maxilar doendo de tanto que ri. Se juntasse as duas, eu urinaria na roupa de tanto rir.

— Eles ainda estão se comportando como gente? — pergunta Dakota quando volto para a cozinha. Ela está espalhando molho por cima do peixe.

— Quer ajuda?

— Não, já terminei. Você é visita, menina.

Ela lambe os dedos e joga a molheira vazia na pia. Achei que eu fosse a única pessoa a sujar todas as vasilhas da cozinha para fazer um jantar.

— Você mora aqui com Henrique? — Eu me recosto no balcão e cruzo os braços.

Ela para e me olha.

— Não especificamente. A gente... Se entende.

— Hum... — Eu fico calada mordendo os lábios e ela volta a me encarar.

— Tentando arrancar de mim algo para espelhar em seu relacionamento?

— Sou tão óbvia assim? — rio — A única

amiga que confio o bastante não gosta de Sawyer e como você o conhece achei que pudesse...

—Marianne, Sawyer é um homem comum... — ela pigarreia e não olha pra mim, vai mexer em outras coisas — É normal ele querer manter alguma distância...

— Ele não quer, isso que me deixa desesperada. Sawyer não quer se desgrudar um segundo de mim. Henrique é assim?

Ela me olha como se tivesse visto o capeta.

— Claro que Henrique não é assim. Bem que eu gostaria.

— Às vezes eu penso que é coisa de início de namoro, depois ele relaxa. Eu não tive um relacionamento muito bom com meu namorado anterior a Sawyer e Candice, a amiga que te contei, se recusa a me dar conselhos que não sejam para destruir a ligação que tenho com Graham.

Dakota limpa as mãos em um guardanapo e vem para perto de mim.

— Eu ainda não compreendo por que essa sua amiga não gosta de Sawyer. Mas isso não vem ao caso agora. Essa coisa de relacionamento também é nova para mim. Não consigo ver seu gato

como alguém pegajoso, pelo menos o tempo que eu o conheço. Mas sempre percebi que ele tinha uma certa carência. Marianne, você transmite a ideia de amizade, confiança, sensatez. Eu creio que ele está apenas tentando absorver um pouco disso. Sawyer não costumava se relacionar com pessoas... Assim.

Ela aponta para mim.

— Como? Normalzinha?

— Você não é normalzinha. Eu estava falando sobre você ser uma mulher de vida normal. Ele sempre saiu com celebridades ou mulheres mais extravagantes. Chegou a conhecer a Jill?

— Sim. Infelizmente.

— Pois é, infelizmente mesmo. Aquela vaca deu de cima do meu homem.

— Sêrio?

— Sim, no mês passado. Quase levou meu relacionamento à ruína. Parece que ela tem algo que acha que os rapazes têm que ser só dela. Fez isso com Nelson também. Conhece Nelson?

— Ainda não.

— Vai conhecer depois, uma figura.

— Sei que vou. As coisas entre mim e

Sawyer estão indo rápido demais. Acha que ir morar com ele é cedo demais?

— Ela acha que você deve cumprir sua palavra.

A voz pachorrenta de Sawyer soa atrás de mim. Dakota abana a cabeça e vai para perto do forno retirar o peixe. Ele me abraça por trás e afunda o rosto nos meus cabelos.

— Estava fazendo complô contra mim, Marianne?

— Sawyer! Não é gentil escutar conversas dos outros.

— E não é gentil armar uma rebelião contra o namorado que tão inocentemente bebe na sala com o amigo idiota.

— Espero que esteja se referindo a outra pessoa, ou então vai sair da minha casa sem o delicioso peixe de Dakota. — Henrique entra e vai para a geladeira. Dessa vez, traz um vinho. Eu saio dos braços de Sawyer.

— Dakota, eu ajudo você. — Pego a travessa de salada. — Sawyer, traga a travessa de peixe. — Dakota não se opõe quando ele, com muito cuidado, pega a travessa.

Vamos todos para a sala e nos servimos.

O jantar estava delicioso de dois modos: por causa da companhia descontraída de Henrique e Dakota e por causa da saborosa refeição. Nunca achei que amigos de uma celebridade fossem tão agradáveis, pessoas normais sem frescuras. Terminamos, comemos a sobremesa e fomos para a sala. O assunto sexo foi uma coisa inevitável. Parecia até que eu estava no meio de três profissionais da área. Em instantes, estávamos falando sobre posições sexuais. Na verdade, os três falavam enquanto eu ria e ruborizava.

— A de quatro é a melhor — diz Dakota.
— Céus! Eu gozo horrores. Ainda mais quando sou dominada... Tremo toda de tesão.

— Indiscutivelmente delicioso. — Sawyer completa.

— Eu já estou tendo ideias — diz Henrique, piscando para a namorada.

— Nem me diga. — Eu me abano. Os três olham para mim e riem.

— E você, Mary, de qual gosta? — pergunta Dakota.

— Bem... — Eu olho para os três e vejo
NACIONAIS - ACHERON

que não devo ficar retraída. Somos dois casais trocando experiências sexuais. Não há nada demais nisso.

— Montar em cima e cavalgar... Uau! Não tem preço.

Sawyer olha extasiado para mim. Os olhos brilhantes de desejo. Hoje vai ter muita diversão, minha Marianne vidente consegue prever.

— Aposto que já devem ter transado no carro — pergunta Dakota, toda eufórica. Eu olho para Sawyer.

— Ainda não tive o prazer.

Todos riem. Ele apenas me olha com uma intensidade crescente nos olhos. Eu sustento o olhar dele e mordo o lábio.

— Sério que você ainda não mostrou isso a ela? O que está esperando, cara? — Henrique zomba de Sawyer.

— A gente está começando. — Eu começo a explicar. — Mas já fizemos na escada.

— Adoro uma escada! — Dakota exclama. — Principalmente a de incêndio.

— Graham tem um bom vidro fumê no

carro dele. Vai servir perfeitamente.

Eu olho para Henrique sem entender.

— O melhor é quando tem um ar de perigo. Tipo em via pública, parado. — Ele explica, ou seja, fazer sexo com o carro em movimento ou parado na rua, nossa que perigo, já estou aflita.

— Mary, sua boba. Você não vai querer outra coisa quando começar a cavalgar feito louca no banco traseiro. — Dakota endossa.

— Podemos tentar isso se você quiser. Como Rick diz, meu carro tem um bom vidro fumê. Além de ser grande — diz Sawyer sensualmente, enquanto leva uma garrafa de cerveja à boca e me olha sem piscar quando seus lábios pousam no gargalo. Quero beijá-lo agora.

— Certa vez, Dakota e eu estávamos no parque. Não tinha ninguém por perto e aquilo elevou nossa adrenalina. — Dakota começou a rir assim que Henrique começou a narrar a história.

Olho para Sawyer e ele bebe a cerveja tranquilamente, como se já soubesse de tudo.

— E então eu abaixei minhas calças e ela fez um serviço completo. Só não contávamos com um guarda intrometido.

Eu fiquei horrorizada, mesmo assim ri com eles.

— Quando chegamos em casa... Meu... Deus! Nunca transei tanto em minha vida. — Ela completou toda nostálgica.

Nós rimos e Dakota me perguntou:

— E você, Marianne? Qual a coisa que mais te marcou com o doutor?

Eu penso um pouco. A gente fez sexo apenas dentro de casa, ou no consultório. Todas as vezes me marcaram muito, mas teve uma...

— Uma vez, amarrei Sawyer e fiz uma massagem nele. Ele pirou de raiva quando eu toquei no pênis dele com ele ainda amarrado na cama. Ele pulava como um touro prestes a ser castrado. — Terminei achando que todos explodiriam em gargalhadas, mas Henrique fica sério e olha para Sawyer. Eu me lembro de que isso foi na época da terapia ainda. Será que eu não podia contar? Mas Henrique não saberia se foi ou não no consultório. Por que aquela cara?

— O que...

— Está tudo bem. — Sawyer abana a mão para mim.

— Cara, você não contou a ela? — pergunta Henrique.

— Contou o quê? — Fico alarmada. Dakota se retesa na poltrona. Sawyer também parece rígido. O que está acontecendo? Por que todos estão com essa cara?

— Eu não preciso contar ao mundo que quase fui mutilado, Marianne — diz Sawyer, bravo, enquanto dirige de volta para casa.

— Eu não sou o mundo. Se tivesse me contado naquele dia, eu jamais o manteria amarrado.

— Já passou. Tudo bem?

— Não, Sawyer, não está tudo bem. Estamos em um relacionamento sério e não suporto mentiras.

— Eu não menti. Eu omiti. — Ele esbraveja.

— É a mesma coisa.

Passo a mão aflita no cabelo. Não acredito que ele não me contou isso. Depois da minha pergunta fatídica, Henrique me contou que Sawyer

foi amarrado durante o sexo e uma amante psicótica teria cortado o pau dele fora se Henrique não tivesse chegado no último segundo... Ou seja, ele estava aflito, naquele dia, por causa desse trauma.

Fico pensando no que aconteceria se isso tivesse acontecido. Seria o fim de um homem, o cancelamento do meu futuro. Uma raiva estranha toma conta do meu corpo e penso que se eu visse essa vadia na minha frente, eu daria uma surra nela que a deixaria moída, afinal ela quase havia extirpado minha fonte de prazer.

— Eu não posso simplesmente ir morar com um homem que esconde as coisas de mim. O que mais eu não sei sobre você? — Eu me viro para ele e tenho a impressão que o rosto dele ficou tenso. Está escuro dentro do carro, não dá para eu ter certeza.

— Pelo amor de Deus, Marianne! Isso não é nada que vá interferir no nosso relacionamento. É um trauma que eu não gosto de contar. Será que não tem noção de como é humilhante para um homem dizer que quase perdeu o pau?

— Você sabe de tudo sobre mim, Sawyer.

Eu me sinto impotente diante disso.

Ele parece muito irritado, mas não tanto quanto eu. Estamos quase chegando. Ainda bem. Não quero discutir com ele ao volante.

— O que quer saber? Pergunte! — Ele grita.

— Eu só quero ter certeza de que o homem com quem vou dormir todas as noites não vá mentir nem esconder nada de mim. Olha o que aconteceu comigo e Ryan. Não quero ter que descobrir sordidez alheia por conta própria.

— E o que te faz pensar que eu tenho sordidez escondida na minha vida? — Agora ele está irado e me arrependo do que disse. Apesar de tudo, Sawyer é muito mais maduro que Ryan. Ele jamais me trairia daquela forma. Levo as duas mãos à cabeça e respiro fundo. Não quero mesmo, de jeito nenhum, discutir com ele dirigindo. Na verdade, eu não quero discutir com ele em momento algum.

Ficamos minutos em silêncio, até eu me render.

— Desculpa. Sei que não me apunhalaria da mesma forma que Ryan fez — digo com uma

voz baixa, sem olhar para ele.

Terminamos o percurso sem dizer mais nada. Ele coloca o carro na garagem e seguimos juntos para meu duplex. Procuro a chave na bolsa e, quando a encontro, ele pega da minha mão e abre a porta. Eu mal fecho a porta e ele me agarra e me aperta em seus braços contra a parede.

— Eu sinto muito. Esse fato era para mim algo... só meu. Algo esquecido, compreenda, por favor. Minha vida está aberta para você saber o que quiser.

Eu apenas fico abraçada nele. A cabeça em seu peito. Respiro fundo, sentindo o cheiro da colônia dele. O cheiro de Sawyer agora não faz parte apenas de mim, mas do meu quarto também, da minha cama, do meu banheiro. E eu não quero perder isso.

— Acho que isso fez nossa noite ir pelo ralo, não é? — Eu levanto os olhos e fixo nos dele.

— Claro que não. — Os lábios dele repuxam para cima. Sawyer arruma meu cabelo. — Estou louco para experimentar umas posições com você.

— Nada de amarrar. — Alerto logo. —

Nunca.

— Eu confio em você para tentarmos o que quiser, Mary.

Concordo com um sorriso e dou um beijinho nos lábios dele.

— Quanto ao sexo, você é que me diz o que fazer. Ainda é meu terapeuta.

— Sou? — indaga com uma incredulidade forçada.

— Claro.

Sawyer abaixa a cabeça para morder meu queixo e depois apenas passa a língua nos meus lábios. Tem gosto da cerveja Guinness.

— Só que vai ter que dar consultoria de graça.

— Sério? Que decepção. — Ele ri e continua apenas saboreando superficialmente meus lábios.

— Não vou pagar para você me comer. — Seguro forte no queixo dele e empurro um pouco sua boca.

— Mas eu pagaria para comer você.

Dou um tapinha no braço dele.

— Ridículo.

Rimos juntos e começamos a nos beijar. Sem desespero. O beijo é suave, saboroso e noto que não quero foder. Quero fazer amor com ele, porque esse beijo desperta isso: transar lento, nos beijando abraçados. Mas também estou com o pensamento de ter Sawyer molhado e pelado na banheira.

— Eu quero cavalgar você. — Sussurro no ouvido dele. — Dentro da banheira. — Completo, ficando arrepiada com minhas próprias palavras.

— E eu quero comer você de quatro. — Ele me vira de costas, me abraça, aperta o volume de sua calça na minha bunda e fala no meu ouvido, com a voz igualmente sensual: — Dentro da banheira.

— Mas eu quero devagar... provando aos poucos.

— Será do jeito que você quiser, minha gatona. — Ele joga meus cabelos para o lado, empurra levemente o meu pescoço e, como um vampiro, dá uma mordidinha e depois chupa bem de leve minha pele, que fica quente e jorra excitação por cada poro.

Começamos a nos despir na sala deixando um rastro de roupas por todo lugar. Cinto, camisa, vestido. Subimos correndo e entramos no meu banheiro.

— Encha a banheira. — Eu dou a ordem. Corro para o armário e procuro sais de banho.

Sawyer liga as torneiras da banheira, fria e quente, para deixar o banho morno. Eu pego os produtos e derramo na água.

— Venha aqui. — Ele me puxa, mas eu consigo sair rápido.

— Não, fique sentadinho onde está.

Sawyer continua sentado na borda da banheira e, como quem não quer nada com a vida, termino de me despir. Não olho para ele, estou de frente para o espelho. Mas posso ver que ele está vidrado em meus movimentos. Eu massajeio meus cabelos soltos, acariciando com cuidado as mechas. É uma imagem que nunca esperei ver de mim mesma: eu, na frente de um espelho, apenas de calcinha, me exibindo para um homem.

— O que acha de eu ficar loira? — pergunto, sem olhar para ele.

— Eu odiaria. — Ele sussurra.

— Sério? — Viro-me para Sawyer.

— Marianne, não viemos falar da cor do seu cabelo. O que está fazendo?

— Estou apenas esperando a banheira encher.

— E por que não vem esperar aqui comigo? No meu colo.

Eu dou um sorriso que considero malicioso. Não sei se ele considera o mesmo. Caminho para perto dele e, com um dedo, faço um caminho do umbigo ao peito. Ele olha fixamente para minha mão. Meu dedo sobe e para no queixo quadrado, rígido, másculo, coberto por uma camada de pelos bem aparados. Levanto o rosto dele e, quando ele me olha, eu me aproximo e puxo o lábio dele com meus dentes. Sawyer avança para me beijar, porém eu sou mais rápida. Afasto. Estou adorando provocá-lo todos os dias.

Ele dá um sorriso de cumplicidade, eu dou de ombros e, como quem não quer nada, abaixo minhas mãos, segurando cada uma em uma das pernas musculosas. Um comentário avulso: ele tem as pernas mais bonitas da via láctea.

Sawyer olha para mim e depois para

minhas mãos.

Gentilmente, abro as pernas dele e percorro o trecho das mãos aos joelhos e vou até a parte de dentro da coxa, chegando bem pertinho do volume enorme, pronto para se libertar. Ele sempre está pronto. É incrível.

Seus olhos verdes, com um tom malicioso, cravam em minha mão que sobe e desce na coxa dele, chegando bem pertinho da cueca. Nem toco no lugar que ele deseja. Tenho que conhecê-lo, saber os pontos em que sente prazer.

A cueca dele está delineando perfeitamente o membro duro, a forma dos testículos também é nítida. Eu subo minha mão e, por cima do tecido, acaricio as bolas dele. Sawyer geme, mas eu paro por aí. Levanto-me.

— Aonde vai?

— A banheira precisa de atenção — digo, me fazendo de inocente.

Desligo as torneiras, mas ela não está totalmente cheia. Coloco a mão na água, verificando a temperatura. O cheiro de flores enche o ambiente.

— Venha aqui agora. Chega de
NACIONAIS - ACHERON

provocações. — Sawyer me puxa e eu caio no colo dele. — Você está tentando me deixar pirado? — Sussurra, afogando o rosto nos meus seios.

— Você já é pirado, Sawyer.

Tira o rosto dos meus seios e me olha.

— Por sua causa. — Acusa, com a expressão de puro tesão me deixando louca. Esse homem com tesão é uma promessa certa de avalanche na cama, ou na escada, no chuveiro ou na banheira.

— Por minha causa?

— Claro. Eu era uma pessoa saudável e vivia em paz. Agora não consigo ter tranquilidade, só pensando em ter você.

Abraço o pescoço dele e me ajeito melhor, sentando me mexendo em seu colo, em cima de seu pau duro.

— Isso pareceu... uma declaração. — Inclino a cabeça para o lado e o encaro com suspeita.

— Pense o que quiser. Agora venha terminar o que começou. — Ele tenta me beijar, mas eu coloco a mão na boca dele.

— Sawyer, eu vou tomar banho agora. — Levanto-me do colo dele, como eu disse, amo provocá-lo, deixá-lo bem quente, bem selvagem: já vi que hoje não faremos amor, será uma trepada mesmo, da mais feroz que existe. — Com licença.

Viro-me de costas para ele e, bem lentamente, começo a deslizar o tecido rendado da calcinha pela minha bunda. Empino-a propositalmente e desço a peça pelas coxas. Quando ela cai aos meus pés, levanto uma das pernas e a deixo no chão enquanto desfilo para a banheira. Antes de entrar, amarro os cabelos em um coque frouxo e dou uma piscadinha para Sawyer que está com uma cara muito estranha. Os olhos estão vidrados, os lábios apertados e o maxilar rígido. Sei que ele vai atacar a qualquer momento e não saber o momento certo me faz sentir uma coisa muito gostosa dentro de mim. Uma excitação maravilhosa. Fico de bunda virada para ele e mexo na água calmamente, sem entrar na banheira.

Ainda comedido, ele levanta da borda da banheira, tira a cueca sem deixar de me encarar e se prepara para colocar um pé dentro dela.

— Não — digo, levantando minha mão e

tocando gentilmente o peito dele. — Fica aí fora, Saw. Como aquela vez, no nosso primeiro encontro no consultório, em que você apenas me olhou tomar banho e me tocar.

— Para de brincar comigo. Se eu entrar no jogo, sei que não aguenta ir até o fim. — Ele ameaça.

— Não?

— Não, Mary. Pois se eu entrar no jogo minhas cartas serão bem mais pesadas.

Eu olho quando ele apalpa o pau. Por um segundo, eu vacilo e meus olhos brilham de desejo. Quero-o mais que tudo, porém acho delicioso ter o poder de seduzi-lo.

Eu penso demais e perco tempo enquanto penso. Ele aproveita minhas reflexões e me empurra contra a parede. Suas mãos seguram meus braços acima da minha cabeça e o corpo começa a se esfregar no meu, bem lentamente. O desgraçado apenas me olha, nossos rostos a centímetros de distância.

— O que está fazendo, Sawyer?

— Não sei. Me diga você o que estamos fazendo.

Eu faço um movimento com os braços sem que ele esperasse e retomo o controle das minhas mãos. Levo uma para a bunda dele e outra para as costelas. Meus lábios se encostam no pescoço dele e eu sussurro.

— Eu quero apenas um banho. Acabo de decidir.

— Só um banho? — Ele sussurra de volta.

— SO-ZI-NHA.

Sussurro cada sílaba no ouvido dele. Preciso ficar na ponta dos pés para atingir tal intento. Em seguida, dou uma mordidinha na orelha e aperto as bolas dele.

Sawyer geme e dá uma risada abafada. Fico na expectativa, quando ele ri é por que está me achando uma tola em tentar competir com toda a experiência dele.

Com os olhos flamejantes, os lábios sérios e a pegada forte, ele não me deixa sair da parede.

— Sozinha? Isso você decide.

Eu achava que ele ia me comer aqui, de pé. Mas não. Ele afasta e caminha em direção à banheira.

Não mesmo.

Corro e ele olha de lado. Nós dois, pelados, nos apressamos ao mesmo tempo para entrar na banheira. É como duas crianças brincando de "quem chega primeiro".

Já dentro da água, a ideia de um banho romântico evapora. Nós dois estamos dando gargalhadas, pelados e lutando dentro da água. Cada um tentando expulsar o outro de dentro da banheira.

— Renda-se, Mary. Sou mais forte.

Sawyer grita. Eu pulo em cima dele, fazendo-o cair dentro da água. Imediatamente subo por cima.

— Isso é jogo sujo! — Sawyer exclama deixando eu me iludir que estou conseguindo segurá-lo. Na verdade o safado não luta por que está adorando essa posição.

— Você estragou meu banho, Graham. — Eu continuo sentada sobre ele e segurando os dois braços abertos dele na borda da banheira.

— Mas não estragamos nossa trepada. — Ele se solta com facilidade e me puxa para nos beijarmos. Estamos molhados e o beijo fica tão

delicioso por causa da fricção dos corpos que é inevitável não revelar o quanto estou adorando tudo isso. Gemo e arfo mesmo.

— Eu poderia puni-la, fazê-la esperar agora e não fazer amor mais tarde na cama. Sorte sua que estou explodindo.

— Sorte minha? — Dou uma risada exagerada. — Não seja idiota, Sawyer. Se eu quiser sair agora e ir para o quarto, eu faço isso.

— Tudo bem, então. — Ele afasta os braços do meu corpo e torna a deixá-los abertos em torno da banheira. Eu fico sentada sobre ele. Agora é jogo entre o desejo e o orgulho. Percebo como ele está prontinho debaixo de mim, mas não vou ceder. Sei também que se eu levantar, ele corre atrás de mim e me pega. Dou de ombros e saio da banheira. Olho para trás e Sawyer não mudou nem de expressão.

Ela está tentando competir com quem já transou com mais de quinhentas mulheres. Minha Marianne palhaça zomba.

Fico parada como uma tola no meio do banheiro e ele todo relaxado na minha banheira. Isso é tão injusto. Eu que tive a ideia da banheira e

ele se apossou.

— O que foi? Não vai sair? —Sawyer fricciona lentamente o pau em sua mão, como se nem ligasse para mim.

— Eu achei que...

Ele continua me olhando com aquela cara de todo poderoso e eu não aguento mais. Merda de autocontrole. Onde está a Marianne racional quando preciso?

Estou aqui, no comando.

Oi? Até minha racionalidade quer que eu me jogue em Sawyer?

— Você venceu, droga. — Eu grito e volto para a banheira. Sawyer ri e estende os braços para mim.

— Vem, sua boba. Vamos nos divertir.

Cavalguei nele fazendo a água espalhar pelo chão. Depois saímos e ele me comeu no chuveiro. Foi mais saboroso ainda, pois ele veio por trás me penetrando e sua mão na frente fazendo milagres no meu clitóris. A outra mão segurou meu cabelo e ele me mostrou durante vários minutos o que pode fazer quando está atrás de mim, com as pernas abertas, impulsionando o quadril contra

NACIONAIS - ACHERON

minha bunda.

Depois que gozamos juntos, nos enxugamos e fomos para a cama, fazemos amor. Com muita calma, paixão e toda paz que alcançávamos sempre que estávamos juntos. O resto de tudo simplesmente não existia. Mudamos de posição sem pressa alguma, ele sentado em posição de flor de lótus comigo em cima, depois deitados de conchinha e, por fim eu sentindo o peso do corpo dele em cima de mim, minhas mãos percorrendo cada centímetro do corpão poderoso, forte, todo duro e cheiroso. Apertei seus músculos, sentindo tendões tensionados, o suor saindo dos poros e os gemidos másculos abafados no meu pescoço.

Terminamos gritando o nome um do outro enquanto chegávamos ao clímax alto. Senti as jorradadas dele mais uma vez umidificando meu interior.

Depois que estávamos abraçados e calados, eu pretendi perguntar a ele sobre o que aconteceu no passado quando a louca quis mutilá-lo. Mas o nosso momento tinha sido tão bom, estávamos tão relaxados, prontos para dormir e eu não colocaria

tudo a perder, criando tensão mais uma vez entre a gente. Resolvi perguntar outra coisa, que tinha a ver com isso indiretamente.

— Qual seu maior medo, Sawyer?

Meus lábios inchados conseguiram se mover e fazer a pergunta, mesmo com meus olhos fechados de sono. Sawyer se mexeu e abriu os olhos me encarando.

— Antes eu tinha medo de ficar careca ou de ser enterrado vivo.

Eu dei uma gargalhada sonolenta.

— Também tive medo de perder meu pau depois do que aconteceu.

— São medos aceitáveis.

Sawyer beija minha testa, cada uma das minhas pálpebras e depois meus lábios. Eu levanto uma das mãos e faço uma carícia no rosto dele.

— Porém, agora, meu maior medo é que você coloque sua cabeça fraca para funcionar e se convença de que eu não sou bom para você. Tenho medo de perder você, Mary.

Eu fico olhando-o por algum tempo. Tento digerir as palavras dele.

— Eu não vou a lugar nenhum.

— Até porque aqui é sua casa. — Ele não perdeu a oportunidade. Nós dois sorrimos e nos beijamos.

— Se for para dar certo, vai dar certo. Eu não vou abandonar você —respondo, encarando-o.

— Estou aliviado em ouvir isso.

Ele beija meus lábios mais uma vez e fechamos os olhos para dormir.

— Pelo menos, não sem motivo. — Completo depois de algum tempo que fiquei refletindo. Sinto que o corpo dele ficou tensionado e por isso sei que ele ouviu.

Sawyer ficou comigo mais dois dias. Eu fiquei admirada com como nós dois nos saímos tão bem dentro da mesma casa. Mesmo na sexta à tarde, quando Candice veio me buscar e entrou toda sorridente, dando de cara com Sawyer jogado no sofá apenas de bermuda, assistindo alguma coisa.

Ela ficou paralisada e ele se ajeitou no sofá.

Candice olhou para mim em busca de

respostas e, mais tarde, na casa dela, eu contei que ele estava morando comigo até eu arrumar minhas coisas e me mudar para a cobertura dele. Ela não conseguiu esconder a apreensão. Candice pensa muito e ela ainda tem certeza de que ele não vai me fazer bem. Mesmo assim, ela e eu tivemos uma conversa produtiva.

Na verdade, ela se mostrou abalada, mas não tentou infernizar meu namoro. Passamos quase a noite toda acordadas falando sobre tudo, inclusive nossos homens. Contar sobre Sawyer não é novidade para ela, mesmo assim não fiquei para trás dessa vez quando ela começou a falar do marido.

Sawyer também ficou revoltado por ter que dormir sozinho e foi passar a noite no hotel. Disse que tinha algumas coisas para resolver, mas que, no sábado, voltaria para me ajudar com as minhas bagagens. Quando ele está chateado, eu apenas o observo. Ele fica todo sério, parecendo um militar. Penteia os cabelos e veste roupas sérias. Esse homem é uma descoberta, minha descoberta. No fundo, eu sabia por que ele não queria que eu fosse passar a noite na casa de Candice. Sawyer sabe que todas as vezes que estávamos nos entendendo,

NACIONAIS - ACHERON

Candice conseguia me manipular. Mas não dessa vez. Estou tentando me reaproximar dela apenas por causa do nosso empreendimento.

O domingo chegou e enfim estou na minha nova residência até o dia... não sei mesmo até quando. Sawyer diz que estamos namorando de verdade, até me deu um anel de compromisso e insiste que não quer me perder. Mas eu sei que ele não lida muito bem com namoros e, no fundo, não quero imaginar que tudo isso seja um caso disfarçado. Só espero que o dia em que ele não quiser mais, venha falar comigo cara a cara. Isso vai me matar, eu sei, só de pensar nele indo embora, já me destrói por dentro. Isso porque eu descobri algo novo: os dias que ele passou comigo apenas reforçaram o que eu já sabia, ou seja, que não posso viver sem ele. Não posso viver sem o homem que eu amo loucamente.

VINTE

SAWYER

Anos antes...

—Você não vai sair da minha casa, Tyler. Está me ouvindo? — Amanda grita a plenos pulmões e eu me viro já com um olhar duro, preparado.

— Por que não? Estou com vinte e um anos. Preciso do meu espaço. A cada dia chega mais gente aqui. Não dá mais, Amanda.

Ela corre até mim, uma expressão sofrida que a faz parecer mais velha do que aparenta. Amanda está com quarenta anos e já odeia o fato de estar envelhecendo. Seus dedos longos e finos, cheios de anéis, me seguram com força.

— Você é meu Big Tyler, meu produto mais precioso, te dei tudo que tem hoje...

NACIONAIS - ACHERON

— Amanda, eu não sou de ninguém e também não vou te abandonar. Só não vou mais morar aqui. — Vou até a mesinha de centro, pego as chaves da minha moto e ela segura meu braço.

— Foi Henrique, não foi? Aquele filho da puta. Foi ele que colocou isso na sua cabeça.

— Não foi ninguém, porra. Larry e Nelson ainda vão continuar aqui.

— Não quero! — grita ela, ainda mais estridente. — Você vai ficar, Tyler. Eu falei que não queria ver você envolvido com os Black Bulls. Eu falei. Vou matar Henrique.

Ela está completamente descontrolada. Eu sei, na verdade, todo mundo sabe, que sou o favorito dela. Durmo sempre no quarto dela, ajudo-a a tomar decisões e a planejar trabalhos para os outros integrantes. Dificilmente posso transar com outra garota aqui na casa porque Amanda não deixa. Ela coloca Larry e Nelson para comer todo mundo, mas não me deixa fazer o mesmo.

Henrique mora sozinho e me ofereceu um quarto em troca de ajuda com as despesas e eu aceitei. Será uma libertação, vou poder me

encontrar com quem quiser e ver Amanda só quando tiver trabalhos para fazer.

Nunca achei que fosse gostar tanto de uma coisa como estou curtindo pra cacete fazer parte do grupo Black Bull. O terror dos maridos e namorados. Eles sabem que existe, mas não sabem quem é e onde os caras de preto vão aparecer. Eu me sinto poderoso, superior, idolatrado por todas as mulheres da alta elite, das festas que participamos.

— Eu dou o que você quiser. — Amanda implora. — Eu dou metade do que ganho, te coloco no lugar do Henrique para administrar...

— Não quero tomar o lugar dele. Rick é meu amigo. Para de fazer drama, não estou mudando de cidade, não vou abandonar nada. Só quero meu espaço.

— Quer é trepar direto com todas essas vadias, não é? — Começa a me dar vários tapas no peito, no rosto, nos braços e eu apenas me defendo. Não sou mais o garoto de dezesseis anos, magricelo. Para impressionar, cultivei um belo corpo, que, somando com minha estatura, me deixou um produto de primeira. — Fala! Seu filho

da puta. É isso que quer, não é?

— Amanda! — Seguro firmemente os braços dela. — Para! Isso é vergonhoso. Não me obrigue a deixar tudo isso aqui de lado. Não me obrigue!

Dou um leve empurrão nela, ela cai no sofá e eu me viro para sair. Mas ela me alcança e entra na minha frente.

— Eu tirei você da sarjeta. Lembre-se disso. Você é minha mercadoria mais valiosa. Eu posso te destruir em um estalar de dedos. Não me obrigue a isso. — Vocifera com os dentes trincados, se vira e sai correndo para as escadas. Eu saio da casa, batendo a porta.

Naquela noite, eu marquei meu corpo com uma tatuagem pela primeira vez. Eu estava muito furioso por Amanda ter me ameaçado e depois ter passado o resto do dia me ligando. Eu segui as instruções de Rick ao pé da letra, sobre manter mulheres a uma distância segura, mas nunca imaginaria que justo a que estava debaixo do meu teto ia explodir dessa forma.

Passei o dia no apartamento de Henrique, contei tudo para ele e a noite saímos para beber.

Liguei para Larry e ele disse que estava tatuando o cu. Então fomos para lá. Em parte, era verdade. Ele estava fazendo uma tatuagem, mas era na bunda e não no cu propriamente dito. Fiquei lá de pé, com uma cerveja na mão, vendo meu amigo loiro de bunda pra cima enquanto o cara tatuava uma pequena plaquinha de "entrada não permitida" em uma das nádegas.

De todos nós, Larry é o único que corta dos dois lados. Ele pega homem e mulher, mas nunca dá o rabo. Ele sempre é o ativo da relação, dando uma surra de pau nos caras e isso faz dele um dos mais requisitados.

Então, quando ele terminou e ficou olhando no espelho, eu tomei uma decisão e pedi que o tatuador fizesse uma em mim. Eu nunca passei de um produto para Amanda ou qualquer uma que tivesse passado pela minha vida. Então, ao escolher o código de barras, eu tive certeza de que seria a escolha mais certa.

Gostei do resultado. Ficou legal, na virilha, só quem pagasse poderia ter acesso à tatuagem. Saí feliz com os caras para terminar de curtir a noite, me esquecendo de Amanda e da

minha nova tatuagem.



Dias atuais...

A última vez que dividi uma casa com alguém eu tinha 21 anos e foi com um homem, Rick.

Algum tempo depois, fui morar sozinho. Jill, Amanda ou Beatrice sempre me visitavam, mas não dividiam o espaço comigo. E nada do que vi depois de Marianne ter se acomodado em minha casa me deixou descontente.

Estou de pé diante do vaso sanitário com o pau para fora da cueca, mas ainda não urinei, observo tudo ao redor. O banheiro da minha suíte não é mais meu banheiro. O armário do box onde tinha apenas alguns poucos produtos de higiene está agora entulhado de coisas. Não sabia que uma mulher precisava de tantos tipos de coisa para passar nos cabelos. A pia enorme de mármore também estava diferente, com um vaso de flor

singelo e tinha até mesmo uma escova perto da minha. Olhei para um gancho na parede perto da pia e agora tinha uma toalha de rosto amarela e florida, não mais apenas as brancas que a faxineira colocava.

— Levante a tampa. — Marianne bate na minha bunda antes de o primeiro pingo de urina cair no vaso.

Eu olho para ela e olho para baixo me lembrando de urinar. Levanto o assento do vaso e urino enquanto ela escova os dentes.

— Vai sair? — pergunto, vendo que ela está arrumada. Quando acordei, ela não estava na cama e eu estranhei, tinha esquecido completamente que era segunda-feira.

— Sim. E já estou atrasada. — Ela seca a boca e se prepara para passar batom.

— Por que está se arrumando tanto para ir trabalhar? Quando a conhecia, você parecia uma idosa.

Ela olha confusa para mim e depois para a roupa. Está com um vestido que contorna a curva de sua bunda e mostra o contorno dos seios e ainda usa sapatos com saltos enormes. Se Marianne

usasse essa roupa no nosso primeiro encontro, eu não conseguiria esperar ela decidir se ia ou não se consultar comigo. Recosto na parede e fico olhando enquanto ela termina de se maquiar.

— Eu tenho uma reunião importante. E alguns clientes para visitar.

— Entendo...

— E você? — Ela olha para mim. — Não vai trabalhar?

— Vou até o hotel ver se precisam de mim. Mas acho que está tudo sob controle. — Dou de ombros. — Arthur não me ligou.

Ela assente e volta a olhar para o espelho. Nessa cabecinha linda nem se passa a ideia de que eu estou fascinado assistindo aos movimentos ensaiados dela se maquiando.

— Quando vai anunciar a construção do próximo hotel?

— Adiei um pouco porque queria assinar contrato com Joaquim antes. Já pedi para marcar uma coletiva de imprensa. Darei três notícias.

Marianne olha para mim de novo.

— Quais?

— A construção do novo hotel, o fim da minha carreira como terapeuta e... — Faço um suspense e um sorriso brota em meus lábios. — Nosso namoro.

Ela entreabre os lábios e os olhos cor de mel parecem ficar quase dourados, olhando perplexa para mim.

— Você... Vai anunciar a todos? É isso mesmo que quer?

— Sim. Você não quer?

— Claro... Eu só achei que... Oh, Sawyer! — Marianne larga tudo, vem rápido até mim e me abraça.

Eu a envolvo em meus braços. Está tão cheirosa. Sou um baita sortudo por ter essa mulher.

— Achou que eu a manteria escondida? — Passo meus dedos nos cabelos dela.

— Sinceramente? — Dá um sorriso culpado — Pensei.

Ela se afasta de mim.

— Também vou anunciar que a *Cooper & Monroe* estará à frente da construção.

— Mal posso esperar para contar a Candice

e mostrar para ela que você não é bicho de sete cabeças, quero dizer, de duas cabeças.

Ela dá um sorriso animado.

Fico pensando se aquela naja, amiga de Marianne, vai querer associar o nome dela ao de um charlatão. Não vou dizer nada para não ganhar o nome de implicante. Deixarei que as duas resolvam isso entre elas. Se ela recusar que a empresa faça obras no meu hotel, quem sairá perdendo é ela.

— Depois a levarei ao local onde será construído o hotel. Fica em Washington.

— Já resolveu aqueles problemas com o alvará?

— Meu advogado está resolvendo.

Saímos do banheiro e ela vai pegar algumas coisas para colocar na bolsa. Visto uma calça, uma camisa polo e pego um sapato.

— Esse não.

Ela tomou da minha mão e foi ao closet pegar outro. Trouxe um vermelho escuro. Quase marrom.

— Vai combinar com a camisa.

Ela termina e, quando já estou pronto, ela me dá um beijinho.

— Tem café e algumas coisinhas que comprei, até mais tarde.

Marianne vai trabalhar e eu vou para a cozinha tomar café antes de ir para o hotel.

O dia passa rápido. Eu almoço no hotel mesmo, não vou para casa sozinho. É incrível como consigo ter esse pensamento. Eu vivi a vida toda só e agora não quero mais nem voltar para casa se *ela* não estiver por lá. Às vezes eu fico temeroso de tudo isso terminar ou algo acontecer. Está tudo bom demais para ser verdade. Lembro-me de como Marianne ficou quando descobriu sobre minha quase mutilação. E eu me fiz de santo injustiçado dizendo que não estava escondendo nada dela. O que ela vai fazer quando descobri que eu sou... Que eu fui tudo aquilo? Não quero nem pensar no que ela pode fazer.

Aproveito o momento para resolver todas as pendências e problemas sobre o novo hotel. Meus advogados ainda trabalham para tudo ficar dentro da lei o mais rápido possível e Marianne e

eu podermos começar a construir. Até os materiais de construção já foram comprados e vão ser entregues amanhã. Preciso ir até lá para receber minha compra. O problema é que o local fica em Washington e não quero viajar.

Estou imerso em pensamentos quando o celular toca. O nome de Marianne brilha na tela. Eu atendo, já são quase cinco da tarde e passamos o dia sem nos ver.

— Oi. — Eu me recosto na cadeira.

— Dr. Graham? — pergunta ela, fazendo uma voz receosa. Eu dou um sorriso.

— Sim. Com quem eu falo?

— Eu apenas gostaria de saber... se eu posso marcar uma consulta.

— Não sei... estou com a agenda lotada. — Entro na brincadeira dela. — Qual é seu nome? Posso deixar marcado.

— Acho melhor não dizer... Eu queria apenas uma consulta. — Marianne faz uma voz melosa que me deixa arrepiado. Eu me reclino na cadeira de executivo. Nos meus lábios, um sorriso devasso.

— E qual o seu problema?

— Curiosidade.

— Curiosidade?

— É. Eu fiquei sabendo... que o senhor faz coisas. — Ela sussurra no telefone. Essa mulher voltou de Nassau disposta a me deixar pirado. Vive me provocando e eu cada dia mais apaixonado. Merda, eu gosto de estar doido por ela.

— Que tipo de coisas?

— Com a boca... Além de que me contaram que o senhor é... notável.

Sinto minha calça se apertar.

— Eu acho que posso abrir uma exceção na minha agenda. A noite está bem para a senhorita? Temos que curar sua curiosidade. Esse é um grande problema.

— Perfeito, doutor Graham. Passo às sete no seu consultório.

Fico meio confuso quanto a isso. Ela sabe que meu consultório não funciona mais. E como se ela tivesse ouvido meus pensamentos, sussurra mais uma vez:

— Ninguém vai saber — diz e desliga.

Eu me levanto depressa e saio do meu

escritório. Dou um até logo a Arthur e praticamente corro para fora. Hoje, a noite promete. Meu amigo *Notável* e eu vamos nos esbaldar.

Passo em casa, pego um vinho, algumas coisinhas para comer e vou para meu antigo consultório. Nunca fiquei tão radiante em abri-lo, a não ser no primeiro dia, quando fui obrigado a improvisar um consultório por causa das inúmeras pacientes que chegavam. A primeira vez que o abri de verdade ao público, não soube como fazia um terapeuta de verdade, então improvisei. Seduzi a paciente e transei com ela no divã. Ela adorou o tratamento e voltou nas outras sessões. Não teve como manter a porta fechada depois disso.

Assim que entrei, comecei a preparar o ambiente. As luzes mantidas acesas eram só as laterais. Regulei o ar e espalhei velas aromatizadas pelos cantos. Olhei no relógio e esperei. Assim que Marianne tocou o interfone, eu liberei sua entrada, desabotoei minha camisa e tirei o sapato. Sentei-me na poltrona e fiquei esperando. Ela entrou, fechou a porta e olhou tudo ao redor.

— Srta. Misteriosa? — Eu elaborei uma voz rouca e sensual, quase um sussurro. Ao longe,

vejo-a imersa em uma penumbra.

— Tire o vestido e deite apenas de lingerie aqui no divã.

Ela deixa a bolsa sobre a minha mesa e vem andando. Noto que está de saltos. Sinto uma fisgada no meu saco, mas não me movo. Calma, rapazote. O que é seu está por vir.

Marianne anda para perto de mim e para na minha frente começando a se despir.

— Assim, doutor? — pergunta toda faceira.

Eu apenas balanço a cabeça. Como falar se tem um nó na minha garganta? Todo esse tempo e essa mulher ainda me deixa dessa forma, não consigo saber por que o fato dela estar se despindo me deixa nessa ebulição, eu já a vi nua, mas parece que é a primeira vez. Um pensamento passa em minha mente. Ryan é um grande idiota por deixar essa delícia tropical, mas não posso sentir raiva dele, afinal foi por causa da sua insensatez que ganhei Marianne.

Ela caminha para o divã e deita-se nele. Uma perna esticada e a outra dobrada. Um braço jogado acima da cabeça e o pescoço inclinado.

— Sou Marianne Cooper. — Ela sussurra.

Quero urgente provar essa pele sedosa, quero colocar meu pau entre os seios volumosos e beijá-la até que não saiba mais onde está. Noto como as axilas dela são lisas, as pernas também. Nem preciso saber que a boceta é depiladinha, apenas com poucos tufos de pelos raleados propositalmente deixados um pouco acima. Eu preciso imediatamente sentir aquele botãozinho crescer nos meus lábios.

— Como posso resolver seu problema, Srta. Cooper?

Ela olha para mim e dá um sorriso lascivo.

— Eu sinto uma inquietação aqui...

Ela passa os dedos delicadamente por cima do tecido da calcinha.

— Isso é um problema sério — respondo, olhando fixamente para os dedos dela que sobem e descem.

— Tenho certeza de que o doutor pode ter uma solução.

— Eu tenho sim alguns métodos e quero que prometa que vai aceitar qualquer remédio que eu prescrever.

Eu me levanto e vou para perto dela. Sento-me na ponta do divã e passo a mão pelo tornozelo dela subindo pela panturrilha e indo até a coxa.

— Você tem belas pernas. Acho que consegue dar conta de mim.

— Ainda tem dúvidas, doutor? — Ela segura minha mão e a conduz para dentro da calcinha de cetim dela.

Marianne ainda me mata, tenho certeza disso. E amo isso nela. Ela pode ser quem quiser lá fora, designer boazinha, filhinha do papai. Mas comigo, dentro de quatro paredes, ela se transforma na minha Marianne, na gata manhosa e safada que eu ensinei a ser.

— Vamos ver mais tarde. — Eu afasto o tecido delicado e afundo um dedo dentro dela. Marianne me olha, os lábios entreabertos sem manifestar nenhum som.

— Está melhorando sua curiosidade ou sua inquietação?

Ela não consegue falar, eu percebo. Apenas balança a cabeça. Meu dedo indicador continua fodendo-a lentamente, entra e sai lambuzado pela

lubrificação dela.

— Tão molhadinha. — Digo apenas para mim mesmo. Arfo e enfio também o dedo do meio. Ela geme enfim. Tenta fechar as pernas involuntariamente, mas eu a abro com minha mão.

— Isso é bom. Você é apertadinha, quente e úmida. Acho que vai dar conta de mim.

Ela geme e morde o nó dos dedos. Os olhos fechados e uma mão segurando firme da madeira do divã.

— Pode gemer com vontade. Aqui no consultório do doutor Graham, tudo é possível.

Dou uma risada e, para fazê-la gemer mais alto e ter um orgasmo, eu levo meu polegar ao clitóris dela que já está inchado. Meus dedos estão no estilo "revólver" dois dentro dela e o polegar revirando o clitóris. Marianne grita, contorce e, quando sinto que ela está chegando perto, eu tiro meus dedos e levo meus lábios para os lábios genitais dela.

Ela goza imediatamente. Meu rosto enterrado entre as pernas dela.

— Você não tem noção de como é gostosa!
— Exclamo, levantando os olhos para ela.

NACIONAIS - ACHERON

Marianne está alarmada pelo orgasmo recente. Os olhos iluminados, os mamilos duros debaixo do sutiã e os lábios ofegantes. Olho satisfeito para a veia que pulsa no pescoço dela. Eu me levanto, tiro a camisa, com ela de olho em mim, sem sequer piscar. Marianne gosta do meu corpo e isso faz com que eu não desanime na musculação ou nos esportes.

— Eu preciso dar atenção a eles. Não quero ninguém fora da festa. — Eu aponto para os seios dela.

Sem esperar que eu tire o sutiã dela, Marianne segura no meu pau por cima da calça.

— Deixe meus seios de lado, eu quero outra coisa.

Olho para baixo, a mão dela entre minhas pernas. Dou um sorriso malandro e desafivelo o cinto. Mal minhas calças abaixam e ela me abocanha com cueca e tudo.

Uau! Calma, garota. Parece que nunca provou mel.

Apesar de estar adorando, eu me afasto dela.

— Ainda não. Eu que dito as regras aqui.

— Saw!

— Doutor. — Eu a corrijo de um jeito carinhoso e abaixo para tomar os lábios dela em uma chupada gloriosa. Marianne tenta continuar me beijando, mas a afasto. Ela ainda tenta segurar meu pescoço. Mary e seu desespero.

Termino de me despir. Estou totalmente nu, com o pau ereto. Ela olha e morde os lábios.

Ainda não. Dou uma afagada nele só para deixá-la mais excitada. E funciona.

— Sente-se. — Peço a ela. Marianne senta e eu me sento de frente para ela. Passo as pernas no divã como se fosse um cavalo, mantenho-as cada uma de um lado.

— Venha. — Chamo com um dedo e ela fica me olhando, primeiro fixa em meu rosto, depois desce para o resto do meu corpo. Se detém por algum tempo nas partes baixas e solta um suspiro.

— Por que não pode ser logo?

— Vai ser daqui a pouco.

Eu seguro a mão dela, e a coloco no meu colo. Ajeito-a para que as pernas dela fiquem sobre as minhas e meu pau fique esfregando contra a

NACIONAIS - ACHERON

calcinha dela.

— Saw...

Ignoro o protesto dela e a abraço para nos beijarmos. Ela fica eufórica e, com uma gargalhada, eu desvio meu rosto a tempo.

— Sawyer! MERDA!

— Nada de beijo durante a terapia, lembra?

— Então, nada de seios. — Ela reclama, mas o sutiã já está em minhas mãos para o desespero dela.

— Como fez isso?

— Não revelo meus truques. Agora relaxe e me deixe trabalhar em paz.

Mordo o queixo dela, depois beijo o maxilar, meus dedos enfiados nos cabelos dela enquanto saboreio com meus lábios. Desço minha língua e passo em toda extensão do pescoço até chegar às minhas joias favoritas. Mordo um mamilo, sugo o outro, pinço os dois ao mesmo tempo enquanto mordo o pescoço dela. Se pensam que a safada ficou para trás, estão enganados, Marianne quer sua parte na festinha. Olho para baixo e a mão dela envolve meu pau. Menina esperta. Só para eu perder a concentração e comê-la

NACIONAIS - ACHERON

de uma vez por todas.

Continuo a adorar os seios dela e consigo fazê-la se contorcer até largar meu pau para segurar em meus braços. Aproveito a deixa e enfio minha mão dentro da calcinha dela. Mais uma vez, ela tenta me beijar e eu não deixo, mais uma vez a afago e ela geme e, mais uma vez, ela grita quando atinge outro orgasmo. O principal vem agora. O corpo dela já está todo tomado pela minha língua, desde a barriga, as pernas, indo até o pescoço.

Enquanto fico sentado, ela continua em meu colo, envolvendo meu pescoço com força. Ela morde meu queixo, como fiz, depois beija meu maxilar com a barba por fazer.

— Quer me beijar?

— Sim.

Eu seguro o rosto dela entre minhas mãos e ficamos nos olhando. Deslumbro-me facilmente com o brilho dos olhos dela.

— Não sabe o quanto quis beijar você quando começamos. — Confesso em um murmúrio. Arrumo os cabelos dela sem deixar de olhar maravilhado para a beleza à minha frente.

— Eu também, não posso ficar perto de
NACIONAIS - ACHERON

você, que já quero beijá-lo.

— Isso é normal, me beije, faça o que quiser.

Marianne sorri e encosta os lábios nos meus. Até o beijo dela me excita, porque ela sente prazer em tudo que faz, não é como as outras que só sentem algo quando são estimuladas em pontos íntimos. Quando ela me beija, geme e me agarra com força, passa as mãos pelo meu corpo e se deleita ao sentir minha pele.

Essa fascinação com que ela me olha deixaria qualquer homem explodindo dentro da cueca. Sinto muito, homens do mundo. Nunca, jamais outro poderá sentir o que sinto com Marianne. Ela é só minha.

Com ela no colo, eu me movo e me deito no divã com ela por cima. Marianne tira a calcinha com cuidado e, quando está nua, começa a fazer movimentos sensuais em meu pobre e latejante pau. Será que ela não sabe como isso fode com o controle de um homem? Mesmo um tão forte e experiente como eu.

Eu seguro meu amigão duro e o posiciono na entrada dela. Marianne fica parada, esperando, e

eu apenas prolongo o momento. Enfio apenas a cabeça, torno a tirar, pincelo os lábios vaginais dela, aperto a cabeça do meu pau contra o clitóris e torno enfiar um pouquinho.

— Agora, Sawyer...

— Shhh...

Não coloco ainda, estou morrendo de tesão, mas o melhor de tudo é esse jogo de prazer em que estamos.

No fim, quando não aguento mais, eu deixo que ela deslize me enfiando todo na boceta apertada. Marianne joga a cabeça para trás e geme, passando os dedos no clitóris. Ela não se faz de rogada e começa a cavalgar. Ela é a dona do momento e dita a nossa velocidade. Sempre apressada, com predileção por algo mais quente, ela fode meu pau conforme seu desejo e eu não sou louco de impedir. Adoro ela toda sensual desse jeito em cima de mim. Abro um pouco as pernas, ela joga o corpo para trás e continua os movimentos.

Eu já comi muitas nesse divã e confesso que isso sempre me fascinou. E quando eu vi Marianne, soube que ela, algum dia, também me

daria esse prazer.

Marianne grita, eu gemo, e nossos corpos se movimentam em sincronia. Meu quadril para cima, a bunda dela para baixo. Minhas bolas batem na entrada e eu estou ávido para deixá-la desejosa por mais, quero ir mais fundo, ela me quer mais fundo. Marianne implora por mais, enlouquecida, e gozamos juntos, as mãos dela segurando firmemente meu peito, meus músculos tensionados, minhas veias saltadas e minha paixão por ela crescendo a cada segundo.

Continuo metendo, agora mais sensual, sentindo minha porra dentro dela. Marianne cai em cima de mim e ficamos acabados em cima do divã. Os seios dela ficam pressionados contra meu peito, meu rosto nos cabelos cor de chocolate e o calor da respiração dela em meu pescoço. Ela me beija sofregamente e eu a abraço mantendo-a em cima de mim, isso é bom demais para terminar.

— E então? Aprovou a consulta?

— Sabe que vou precisar voltar. — Ela me olha. Eu levo minhas mãos para trás da cabeça e Marianne continua deitada sobre mim, entre minhas pernas. Com meu pé, começo a cariciar as

deleitosas pernas feitas de puro pêssego.

— Estou à sua disposição. Mas preciso saber se seu plano de saúde cobre atendimento terapêutico. Devo adiantar que elas são caras.

— Quanto vou pagar? — Ela tenta ser séria, mas acaba sorrindo.

— Não sei ainda. Vou pensar.

Ela fica parada me encarando. Olha meus braços, meu rosto e fixa em meus lábios.

— O que foi?

Marianne abaixa a cabeça contra meu peito e começa a rir.

— Está rindo de mim, Srta. Cooper?

Ela levanta os olhos mais risonhos que já vi.

— Ah, Sawyer. Eu fico pensando que eu deveria pagar para ter uma gostosura dessa à minha disposição a qualquer hora do dia.

— Então é uma troca. Eu não sei o que fiz para merecer uma namorada tão gostosa, bonita, inteligente, carismática, esperta, sensata...

Ela não me deixa terminar. Coloca um dedo nos meus lábios.

— Não precisou de nada, precisou apenas de você. Será que não vê como é um homem maravilhoso?

Eu ergo uma das mãos e acaricio o rosto dela. Tão inocente. Isso me corta por dentro. Eu preciso contar a ela...

Mas... Não posso.

— Obrigado. — Eu sussurro.

— Pelo quê? Pelo que eu disse? — pergunta Marianne, movendo-se mais para cima e ficando com a boca perto da minha.

— Por ter me aceitado em sua vida.

— Isso soa meio estranho, Sawyer. Você é o gostoso, famoso e experiente aqui. Eu que devo agradecer por você ter olhado para mim.

— Não, não diga isso. Você vale mais do que qualquer mulher rica e famosa que eu conheça. Você é verdadeira, chegou até mim inocente e me confiou seu corpo. Qualquer homem gostaria de ter você ao lado, Mary.

— Ryan não quis. — Ela desviou o olhar, mas eu a fiz voltar a me encarar.

— Eu disse homem, não mela-cueca. Não

pense naquele imbecil. Eu a quero e estou aqui.

Ela sorri, e percebo que respira aliviada. Inclina-se e me beija.

Isso é tudo o que importa agora. Quanto ao resto, posso muito bem ir empurrando com a barriga. Tudo para que ela não descubra que não sou tão maravilhoso quanto ela pensa. Não sou nada mais que um mentiroso.

Ela deita a cabeça em meu ombro e eu a abraço forte.

Mais tarde saímos do consultório e vamos direto para casa. Já eram nove da noite porque demoramos bastante lá dentro. Ficamos sentados no tapete caríssimo, bebendo vinho, comendo pão italiano e queijo que eu trouxe comigo. Fizemos um tour pelo estúdio e decidimos repetir a dose de sexo. Decidimos que não seria ali dentro, onde eu tratava as pacientes. Marianne e eu estávamos em um patamar maior, então voltamos ao meu consultório e rolamos nus e felizes no tapete felpudo. Eu a comi em várias posições, inclusive de quatro. Mais tarde, Marianne disse que Dakota tinha razão. Não havia nada melhor que ser pega de jeito de quatro. Senti ela ir às estrelas e voltar

quando estávamos nessa posição. Depois nos abraçamos e fazemos amor bem devagar e apaixonadamente.

Isso está me viciando.

Já te viciou, cara. Para de ser ridículo. Meu eu interior revira os olhos para mim.

Chegamos em casa depois de passarmos em um supermercado e Marianne preparou uma comida típica do Brasil. Nunca comi algo tão delicioso. Ela disse que se chama moqueca. Consiste em peixe cozido com várias coisas dentro. Cebola, pimentão vermelho e amarelo, tomates. O caldo ficou grosso, mas ela disse que não ficou muito bom porque não tinha um tal *azeite de dendê*. Se aquilo não estava bom, imagina se estivesse?

— Quando nós vamos ao Brasil?

Pergunto a ela mais tarde, sentado ao seu lado no sofá da sala.

Marianne desgruda os olhos da TV e me olha confusa.

— Nós vamos ao Brasil?

— Não sei... Eu supus que...

— A gente pode... combinar.

PERIGOSAS

Ela está nitidamente tensa pela minha pergunta. Fico me perguntando se isso é ser íntimo demais. Mas como? Eu já conheci os pais dela, por que não posso visitar o país dela?

— Tudo bem. — Passo meu braço pelo seu ombro. — Eu vou adorar se formos.

— Você nunca foi lá?

— Não, e agora meu desejo de ir redobrou.

Ela volta a olhar para o filme que passa na TV.

— Tudo bem, desde que não fique de olho nas bundas das brasileiras.

— A única bunda brasileira que me interessa é a sua, meu bem.

— Uhum, acredito. — Ela revira os olhos.

Olho para ela sem acreditar em seu olhar de descrença. Sem que ela espere, eu a seguro e a jogo no sofá.

— Que olhar é esse? Perdeu o medo do perigo, garota?

— Sawyer! Estou assistindo ao filme! — grita, soterrada por mim. Ela tenta inutilmente me empurrar.

NACIONAIS - ACHERON

— Estava! Agora vai aprender a não me tratar com arrogância. E vou morder sua bunda deixando uma marquinha para mostrar que é a única que me pertence e me interessa.

Ela se contorce, começamos a lutar e acabamos caindo no tapete. Marianne cai em cima de mim.

— Sawyer! Eu podia ter me machucado. — Ela começa a desferir golpes no meu braço, mas a seguro rapidamente. Os braços presos acima da cabeça e minhas pernas segurando as dela. Bendita hora que aprendi técnicas de luta corporal. Se bem que qualquer homem consegue facilmente segurar uma mulher. Elas são seres tão frágeis.

— Mas não se machucou. Agora cala essa boquinha que nós temos muita coisa para fazer.

— Ora, seu... — Ela tenta se livrar do meu abraço de jiboião.

— Quer que eu use golpes de Jiu-jítsu em você? — questiono, ameaçando, ao pé do ouvido dela. Marianne estremece toda.

Antes de ela responder, começo a beijá-la e, sem demora, Marianne se entrega, agarrando minha camiseta regata.

— Vai ter troco. — Ela promete com as
mãos cravadas em meus braços.

VINTE E UM

MARIANNE

Eu decidi não ir trabalhar essa manhã. Ontem adiantei muita coisa no escritório, passei o dia fora. Pretendo ir almoçar com Sawyer em algum lugar. Fiquei olhando para a felicidade dele ontem antes de dormir quando eu expressei minha decisão. Ele é tão bobo. Fez mil planos apenas por causa de uma manhã juntos.

Agora, às nove, acordo com meu celular que toca insistentemente. Abro os olhos e vejo a claridade do dia atravessando as janelas. Sawyer não desceu as persianas de novo.

Empurro o braço dele que está jogado na minha cintura e pego o celular na cabeceira.

— Mary, não vai vir trabalhar?

— Não agora de manhã, Candice. Estou cansada, ontem trabalhei muito... — Olho para o
NACIONAIS - ACHERON

lado e vejo Sawyer se mexendo e abrindo os olhos. O lençol que o cobre não consegue disfarçar sua ereção matinal.

— Cansada de trabalho? Faça-me rir, Marianne. Sei que o doutor está cansando você. Ou melhor... Lembrei! Ele não é doutor.

— Candice, o que conversamos sobre essa implicância? — Olho de soslaio para Sawyer e ele está bem desperto me olhando interessado. Não está com uma expressão de bom dia.

— Tudo bem, não vou mais me intrometer. Se joga com o bonitão. Só não quero mais tarde ninguém vindo chorar no meu ombro.

— Candice, pelo amor de Deus. — Enfio os dedos nos meus cabelos e os jogo para cima.

Sawyer se levanta e vai para o banheiro. Meu Deus, que bunda. Ele adora dormir pelado. Que corpo! Nunca mesmo vou desgrudar desse homem.

— Tudo bem. Chega de Sawyer Charlatão Graham. Liguei para sairmos amanhã à tarde.

Uma irritação súbita me toma e eu acabo sendo fria com ela. Não quero ouvir as pessoas sendo maldosas se referindo a ele. É meu
NACIONAIS - ACHERON

namorado, eu o amo. Por que o povo não pode respeitar isso?

— Amanhã? Fazer o que amanhã? — Ouço o barulho do chuveiro e fico louca para ir tomar banho com Sawyer.

— Nada, Marianne. Apenas um barzinho com as amigas.

— Amigas? Quem mais? A Janete e Tereza?

— Sabe que eu jamais sairia com elas. Mesmo você cismando em mantê-las no nosso círculo social.

— Então quem?

— Você e eu. Não é óbvio?

— Ah!

Droga! Sawyer já deve estar no meio do banho...

— E então? Vamos?

Para me ver livre dela e não ouvir uma longa conversa tentando me fazer mudar de ideia, aceito.

— Tudo bem. Encontro você lá?

— Sim, será no Bar do Seb.

— Tudo bem. Apareço por volta das três.

— Fechado. Até mais. E lembrando que é apenas você. Não quero passar contratempos com um idiota que não suporta ouvir umas verdades.

— Sawyer não vai. Deixa de ser mala. — Desligo imediatamente e saio correndo para o banheiro.

— Não ouse sair — digo a Sawyer, que fica surpreso com minha atitude. Eu me enfito embaixo do chuveiro com ele e, sem dar chance de ele reagir, o beijo debaixo da água.

Uau! Tem uma maneira melhor de começar um dia?

— Cansou de falar mal de mim com sua amiga? — pergunta entre o beijo, o olhar frio.

— Para de falar. Nem você e nem Candice vão estragar meu sexo matutino debaixo do chuveiro.

Ele não sorri. Me empurra para a parede e cobre minha boca com a dele. Pronto, sexo garantido. Sawyer feliz ou chateado nunca nega fogo. É tão gostoso abraçá-lo molhado que não desgrudo um segundo. Ele me penetra de frente, sem parar de me beijar, depois me vira, eu espalmo

as mãos no box, ele segura meus cabelos e me fode assim.

Eu grito, pois foi tão fundo que vi estrelas. Ele fez isso de vingança. Levo minha mão para trás e bato nele, Sawyer dá mais uma socada forte me fazendo arder em chamas de tesão.

— Não é uma boa ideia bater em um homem que está com o pau dentro de você. — Ele sussurra no meu ouvido e não deixa de meter sem parar. Eu o empurro e viro-me de frente. Agora ele está contra o box. Antes de ele meter mais uma vez, com minha perna em volta da sua cintura, eu dou um tapinha fraco porém estalado no rosto dele. Sawyer não fica bravo, ao contrário, vê aquilo como um desafio. Quando vira o rosto, está com um sorriso bem safado, que eu adoro. Ele volta a socar com força, eu agarrada ao corpo forte e sentindo a água sobre nós dois. Rapidinho, gozamos juntos.



— O que Candice queria tão cedo? —

pergunta Sawyer. Estou sentada na poltrona vestindo o sutiã e ele está de pé diante da gaveta pegando uma cueca.

— Quer perguntar se não vou trabalhar.

Eu termino e vou para o meu lado do closet escolher uma roupa.

— E aproveitou para me difamar?

— Não se importe com Candice. — Vou até ele e dou um beijo casto nos lábios. — Vá preparar um café para a gente. — Dou um tapinha na bunda grande dele. — Vou descer logo.

Ele sorri e sai do closet apenas de bermuda, ajeitando os cabelos molhados com os dedos.

Escolho a roupa, mas, antes de vesti-la, vou para o quarto. Pego meu laptop para ver os emails. Em um instante estou resolvendo problemas do escritório. Nem percebo o tempo passar. Só volto à realidade quando meu estômago ronca. Lembro-me de Sawyer sozinho preparando o café. Deixo o laptop de lado e saio do quarto vestindo uma camiseta de Sawyer que está jogada no canto, deixei para vestir a roupa que escolhi depois do café. A camiseta dele é grande e parece uma camisola para mim. Desço as escadas e, quando

atravesso a sala para ir em direção à cozinha, me detenho surpresa com a pessoa que me encara. A porta do hall está aberta e há uma loira parada no meio da sala.

Jill.

— Então a coisa é mais séria do que pensei. — Ela passa os olhos pelo meu corpo, me deixando vermelha de vergonha. O ódio e repulsa estampados em seu rosto. Noto agora como ela é mais vulgar do que eu tinha visto da outra vez. Usa uma calça branca muito apertada e de cós bem baixo, deixando ver parte da calcinha. Veste um top branco, de renda, bem apertado como se fosse um sutiã, porém um pouco maior, chegando mais ou menos perto do umbigo, que, a propósito, tem algo brilhante, um piercing. Os cabelos loiros platinados são extremamente lisos e compridos, nos lábios, um batom azulado.

— Eu vou chamar... Sawyer — digo, gaguejando.

Ei, você! Sua lesma! Minha Marianne barraqueira grita. Como ela entrou na casa do seu namorado?

— Ah, que prestativa — diz Jill com um ar

irônico. Paro de andar e enrijeço. — A gatinha simpática, a vadiazinha que rouba homens de outras, acha mesmo que se tornou a mais nova Sra. Graham?

— Eu... — Começo a gaguejar e minha garganta fecha.

Inferno! Marianne, sua burra! Reaja. Grite com ela, coloque-a para fora da sua casa. Agora até minha Marianne racional grita desorientada.

— Sabe, querida... — Jill começa a falar, mas uma raiva me toma. Vou para cima dela e, em uma virada brusca da minha mão, enrolo com força os cabelos dela no meu punho e puxo, ela pende a cabeça de lado e faz cara de dor.

— Primeiro: olha como fala comigo...

Ela se debate, me dá um tapa e então com o ódio mais ainda à flor da pele, eu rodo os cabelos dela e a empurro com muita força. Jill cai no chão, assustada, me olhando surpresa.

— A vadia aqui é você! Se não conseguiu, durante anos a fio, segurá-lo, a incompetente é você. Sawyer é meu namorado e não permito que putas cheguem perto do meu homem. — Vejo ódio puro brilhar nos olhos dela. Ela se levanta.

— Ah! Namorada. — Ela gargalha. — Eu conheço Sawyer, sua vaquinha sem sal. Olhando para você, vejo por que se tornou uma novidade para ele. Você não sabe mesmo nada dele, não é?

Ela dá dois passos em minha direção, está de botas de salto. Fecho meus punhos e me preparo para arrebentar a cara dela.

— Não sabe quem Sawyer é de verdade...
— Destila mais um pouco de veneno. — Não sabe que, na verdade, ele era um...

— Jill?

Ouçõ a voz de Sawyer do outro lado e me viro com a respiração pesada.

Olho com fúria para os dois. Estou me sentindo uma intrusa. Sei que meu rosto deve estar vermelho de ódio. Sawyer está aparentemente aflito.

Sem dizer nada, passo rápido por ele e entro na cozinha.

De lá, eu posso ouvi-lo responder com brutalidade, porém em voz baixa a alguma coisa que ela diz.

"Não! Você não pode"

"Você se tornou isso? Foi pra isso que deixou tudo? Olhe para você..."

"Saia da minha casa, Jill!"

"Eu te conheço, sei que não é isso que você quer. Essa maluca está aprontando o que pra te prender a ela? Não sabe que vai acabar saindo machucado, e que vai machucá-la também quando ela descobrir que..."

"Chega, Jill!"

Deus! Descobrir o quê?

Não consigo escutar mais nada. Coloco a cabeça para fora e olho. Não há ninguém na sala, caminho mais um pouco e escuto a voz deles, vinda do lado de fora do apartamento. Sawyer deve tê-la arrastado para lá. Volto para a cozinha. O cheiro de nozes e creme enche o ambiente, ele está fazendo panquecas.

Fico sentada no banquinho do balcão pelo que se parecem ser horas. Então, ouço um suspiro pesado atrás de mim. Não me viro e continuo olhando minhas unhas das mãos. Elas são mais importantes que o pedido de desculpas de Sawyer.

— Ela já foi. — Ele entra em meu campo de visão. Eu levanto os olhos para olhá-lo.

— Tudo bem. — Eu sussurro. Palavras ainda dançam em minha mente. O que eu ainda tenho que descobrir sobre ele? O que Sawyer me esconde?

— Não está tudo bem, Marianne. Eu te conheço e sei que não está. Fale comigo.

— O que quer que eu diga? A casa é sua, eu não tenho nada a ver com isso.

— Você está morando aqui. Não me olhe desse jeito, brigue comigo, faça perguntas, grite.

— Eu não... — fecho os olhos e tento me recompor — eu não sei como lidar com o fato de andar pela casa e tropeçar em suas namoradas...

— Você é minha namorada, Marianne. — Ele me interrompe bruscamente.

— Como ela entrou? — Minha voz começa a aumentar de volume. — Eu sou sua namorada e não tenho a chave. E ela tem! — grito, colocando para fora o que penso.

— Mandarei trocar a senha e a fechadura se é isso que quer. — Sawyer gesticula meio apreensivo, meio culpado.

— Eu não quero nada, droga! — Deixo a raiva que senti de Jill sair na minha voz e ela fica
NACIONAIS - ACHERON

mais alta e hostil do que eu queria. — Eu quero apenas sinceridade, você deveria ter me alertado que isso poderia acontecer. Você deveria pensar em trocar a fechadura antes de me trazer para cá e me fazer passar por isso.

— Eu não fiz você passar por nada disso. Eu não sabia que ela poderia aparecer. — Ele começa a falar alto também.

— Como não? — Fico de pé. — São muitas as mulheres que têm a chave da sua cobertura?

Sawyer vira-se de costas exasperado e bate as mãos no quadril. Depois olha para mim com raiva.

— Não seja ridícula, Marianne. Eu não distribuo minha chave e senha. Jill tem porque eu estive com ela por sete anos.

— Então quer que eu também conviva com ela aparecendo assim e dizendo coisas para mim?

— Não! Eu disse que vou trocar a porra da fechadura. Não planejei trazê-la aqui.

— Essa é uma questão que nunca saberei, Sawyer. Eu sempre trabalho pela manhã. E se eu não estivesse aqui?

— O que está insinuando? — Vejo raiva misturada nos olhos abalados dele. Fico sem fala. Acho que Sawyer não esperaria eu sair para convidar a ex-amante para vim até aqui. Será que fui longe demais?

Ele exala como se estivesse cansado.

— Sinceramente eu não acredito que ainda me tem em tão baixa conta. Eu jamais faria o que Ryan fez. Eu sou um homem decidido, se eu quisesse Jill, você não estaria aqui.

Ele sai da cozinha e me deixa olhando para o nada.

Sim, fui longe demais.

Eu fico de cabeça baixa por algum tempo. Acho que minutos. Então escuto passadas rápidas e saio correndo. Sawyer está vestido e saindo. Corro e o seguro.

— Aonde vai?

— Nossa manhã já era, Marianne.

— Não seja infantil, Sawyer.

— Não estou sendo infantil, apenas não quero ficar aqui ouvindo você me insultar.

Solto o braço dele. Dou um passo para trás

por causa dos olhos me fuzilando.

— Eu me senti insultada hoje ao ser confrontada pela presença dela na sua casa!

— Você se sentiu assim porque quis. Jill não representa nada para mim...

— E por que ela veio aqui? — pergunto antes de ele terminar.

— Você está duvidando de mim mais uma vez? — Sawyer está mais uma vez horrorizado, nitidamente afrontado. Vejo o conhecido nervo no maxilar dele se enrijecer. As mãos se fecham em um punho apertado e ele vai até a mesinha de centro e pega a carteira, celular e as chaves do carro. Olha para mim com todo o rancor que consegue e vira-se para sair.

— O que eu ainda não descobri sobre você, Graham?

Pergunto, mais calma, e ele para antes de chegar à porta. Vira-se e olha para mim.

— O que ela quis dizer com "*Você não sabe mesmo nada dele*" e também "*Vai machucá-la quando ela descobrir...*" ? — Reforço a pergunta.

Sawyer apenas balança a cabeça, como quem quisesse dizer que não esperava isso de mim,
NACIONAIS - ACHERON

mostrando-se mortificado.

Então se cuida, querido. De agora em diante, não o deixarei em paz.

— Se tiver algo para me dizer, fale agora, por favor. — Continuo falando.

— Pense o que quiser, Marianne. Você não acreditará mesmo em mim. — Depois de dizer isso, ele sai, batendo a porta.

Sento-me no sofá e fico pensativa. Nesse mato tem coelho. Meus olhos caem sobre a estante e noto que a quantidade de filmes e de objetos diminuiu drasticamente. Deixo esse detalhe bobo de lado e volto a pensar em Sawyer e nos seus problemas. Penso em remexer nas coisas dele para ver se descubro algo, ele tem um escritório em que nunca entrei, ele mesmo quase nunca entra. Mas penso que invadir a intimidade dele enquanto ele está fora por estar magoado seria mais uma sacanagem e, mesmo que não seja, ele vai dizer veementemente que eu não confio nele.

Resolvo que não vou ficar em casa feito uma babaca. Visto-me e vou para o escritório. Há muitas coisas para fazer.

Candice está conversando com alguns dos

nossos funcionários quando me vê. Ela os dispensa e vem rapidamente para perto de mim.

— Marianne? O que está fazendo aqui?

— Eu trabalho aqui, Candice. — Entro na minha sala e ela me segue. Alan não vem porque está atendendo um cliente ao telefone.

Jogo minha bolsa longe, tiro meu casaco e sento-me pesadamente na minha cadeira. Candice fica de pé, olhando perplexa para mim.

— Você disse há pouco que...

— Eu decidi que vou trabalhar, algum problema?

Ela respira fundo e senta à minha frente.

— Conta. Foi ele, não foi?

— Ele? De que está falando? — Ligo o computador e finjo não saber de nada.

— Só para lembrá-la, caso tenha tido uma amnésia, você está morando com Sawyer e, até pouco tempo, estava com ele, a menos que tenha encontrado mais alguém hoje depois que acordou, não sobra outra pessoa culpada por ter te deixado assim.

— Eu não estou "assim", Candice.

Abaixo a cabeça e afundo meus dedos nos cabelos. Sei que não posso esconder nada dessa mulher. De ninguém na verdade. Sou muito expressiva.

Candice vai sair e soltar fogos de artifício se eu contar, mas com quem vou compartilhar meus problemas?

Levantando os olhos, eu a encaro.

— Nós brigamos.

Ela fica parada me analisando.

— Briga feia, estilo penitenciária, ou apenas discussão de casalzinho apaixonado?

Ignoro a ironia dela.

— A *Projeto de Pâmela Anderson*, aquela forma de capeta siliconada, apareceu lá do nada, surgida do submundo, especificamente para me perturbar.

— Ela foi lá? — Gostando do rumo da história, Candice se curva para a frente, os olhos ávidos.

— Sim. E o pior, entrou sem precisar que ninguém abrisse a porta. Ela tem a senha e a chave da cobertura dele.

Candice abre a boca para falar alguma coisa e depois a fecha novamente. Ficamos nos olhando, mas ela não gritou: "Eu te disse." Apenas me olhou com solidariedade e isso me fez chorar. Não queria ter brigado com Sawyer. Hoje eu acordei me sentindo tão amada, tinha planos para passar a manhã toda com ele, mas por causa desse pequeno contratempo... Por que eu não engoli meu veneno e confiei nele?

Candice dá a volta à mesa e me abraça. Eu precisava mesmo disso. Olha só o que me tornei por causa dele. Nunca eu choraria por algo tão bobo. Sei que nós não terminamos, mas foi a primeira briga que resultou em um de nós saindo de casa. Eu o amo e não quero vê-lo sofrendo por minha causa, nem sofrer por causa dele.

— Eu podia ter ficado calada, Candice. Mas aquela tingida foi cínica comigo e eu acabei descontando em Sawyer. Eu o acusei.

Nós nos afastamos e ela me entrega um lenço. Senta-se na ponta da mesa, e espera que eu diga algo.

— El... ele fez alguma coisa?

— Não, claro que não. Sawyer... apenas

saiu batendo a porta.

— Olha, Mary. Você sabe que eu não gosto muito dele, mas tenho que dizer isso: todo relacionamento, no início, tem essas coisas, vocês estão se conhecendo, se moldando para saber se vão encaixar. As trocas de farpas e bater de frente são coisas normais. Isso faz o relacionamento andar e não regredir, isso faz vocês se conhecerem.

Ela se ergue e me puxa para um abraço.

— Eu estou sendo amigável e deixando a intransigência de lado por sua causa, apenas por você. Ainda penso o mesmo sobre ele. — Ela deixa claro o posicionamento dela.

— Obrigada, Candy.

— Agora vá atrás do crápula e peça desculpa por tê-lo acusado. Mas não ceda tão facilmente. Exija uma explicação bem convincente e pergunte ao canalha quais as intenções dele com você.

— Não acredito que esteja dizendo isso.

Dou um sorriso, surpreendida com a reação dela.

— Convenhamos que a projeto de Pâmela Anderson teve culpa, não é, amiga? Se você
NACIONAIS - ACHERON

simplesmente se afastar, vai dar a ela uma vitória ridiculamente fácil.

Dou um beijo no rosto de Candice e pego minha bolsa.

— Mary. — Ela me chama e eu viro.

— Não comente sobre nossa conversa com ele.

— Ele nunca saberá.

Trocamos um sorriso de cumplicidade e eu saio rapidamente, sem dar atenção a Alan que chama por mim. Preciso ir ao hotel, eu sei que Sawyer está lá.

Chego em tempo recorde ao Kayla Plaza. Dou minhas chaves ao manobrista e corro para o balcão.

— Sawyer está? — pergunto a uma jovem no enorme balcão da recepção.

— Sim. Quem devo anunciar? — Ela me olha de cima a baixo com ar esnobe.

— Ele está na suíte?

— Não, está no escritório, mas... Quem deseja falar com ele?

— A namorada dele.

Dou um sorriso vitorioso para a sonsa e saio correndo.

— Ei, moça, não pode entrar.

Ouçó ela gritar, mas nem olho para trás. Avanço para o corredor onde fica o escritório de Sawyer e abro a porta sem bater. O ambiente está imerso em penumbra. Fecho a porta atrás de mim e passo a chave. Não quero ninguém me incomodando. Olho em volta e vejo uma silhueta. Sawyer está deitado no sofá grande com uma mão nos olhos. Eu coloco a bolsa em uma poltrona e caminho para perto dele.

— Me deixa em paz, Marianne. — Ele resmunga sem nem tirar o antebraço dos olhos. Eu fico parada e, por fim, me sento em outra poltrona. Daqui posso vê-lo de corpo inteiro. Tenho a impressão de que trocamos de lugar no consultório de terapia. Ele, deitado, e eu, sentada olhando.

— Quais são suas verdadeiras intenções comigo?

— Se ainda tem dúvidas, eu não tenho nada a ver com isso.

Não era bem a resposta que queria. Mas também não posso esperar que ele se levante,

ajoelhe aos meus pés, diga que me ama loucamente e explique tudo o que pretende comigo no futuro. Ele ainda não disse que está apaixonado ou que me ama, então tenho que ir com calma e, por enquanto, essa resposta dele serve.

— Desculpa, tá? Eu sei que estamos começando agora... Mas aquela mulher me tirou do sério...

Ele tira a mão dos olhos e me encara.

— Desculpa? Pelo quê? — Vejo cinismo nos olhos dele. — Você não é pura e inocente? Eu que sou o monstro sem coração.

— Chega de infantilidade, Sawyer. Converse comigo.

— Então agora eu sou infantil por não conversar com você? Mais cedo você não queria conversar e era a vítima.

— Eu estou aqui pedindo desculpas, me redimindo sem pedir explicações, por mais que eu tenha direito a elas.

Ele não me responde e volta a tapar a cara. Reviro os olhos, descontente. Estou revoltada com esse homem. Ele não precisa agir assim, eu preciso de respostas, preciso de explicações. Acho que vir

NACIONAIS - ACHERON

aqui e me humilhar já é o suficiente. Que droga!

— Sawyer...

— Eu te dei uma explicação! — Ele olha indignado para mim. — Eu te disse que não tinha nada a ver com aquilo, me prontifiquei a trocar a senha e a fechadura por sua causa e o que ganhei em troca? Recriminações.

Ele se levanta e começa a andar pelo escritório. Continuo sentada.

— Céus! Fiquei com Jill durante sete anos, conversei com ela e coloquei um fim em tudo antes de ir atrás de você como um tolo. Se eu quisesse ter um caso com ela, não seria escondido e você nem estaria comigo. Será que não entende? Eu levei você para minha casa, coisa que não fiz com nenhuma outra, porque quero estar com você.

Fico calada, olhando para baixo. Ele tem razão. Sawyer é um homem disputado, ele não precisaria esconder um caso de uma mulher. Se quisesse, simplesmente terminaria tudo comigo e partiria para outra.

— Que droga! Escolhi você e, mesmo com todo esforço que estou fazendo, você ainda tem dúvidas.

Ele volta a sentar no sofá com as pernas abertas, os cotovelos apoiados nelas e a cabeça baixa. Ficamos calados por um bom tempo até eu criar força. Se for para esclarecer tudo, que seja agora.

— O que ela quis dizer com aquelas coisas? Se eu descobrir o quê?

— Ela acha que quando meu processo judicial acabar, eu retornarei de alguma forma a trepar com mulheres no consultório. Ela acredita nisso. Por isso disse com convicção. Ela queria dizer que se afastaria se um dia descobrisse que eu queria voltar a ser terapeuta.

Sawyer termina de responder com um sussurro e continua de cabeça baixa. Eu olho para ele e uma lágrima rola dos meus olhos.

— Se você tiver mesmo planejando isso... Eu juro que não vou... me...

— Eu não vou voltar à terapia, Marianne.
— Ele levanta o rosto e eu limpo a lágrima imediatamente.

Ficamos nos olhando por algum tempo e não consigo mais segurar as emoções. Eu não sei o que está acontecendo comigo. Nunca fui emotiva

assim. Devo estar horripilante, com a boca torta, enquanto lágrimas caem dos meus olhos.

— Eu não queria brigar com você — digo, entre soluços.

— Venha aqui. — Mal termina de falar e eu já estou aninhada nos braços dele com o rosto enterrado no peito.

— Fiquei desesperada só com a suposição de que pudesse voltar para ela.

— Eu não vou voltar para algo que nunca tive. Confie em mim, por favor.

Levanto meus olhos lacrimejantes e rapidamente começo a limpá-los. Sawyer me ajuda.

— Fiquei revoltado por você pensar mal de mim. E principalmente por termos perdido nossa manhã. Você nem provou minhas panquecas.

— Venha pra casa comigo. — Eu peço com uma voz baixinha e bem convincente. Ele sorri e me beija.

— Achei que nunca fosse me pedir.

Durante o resto do dia, Sawyer e eu não voltamos para casa. Comemos pretzels e caminhamos de mãos dadas pelo parque, sem nos

importarmos com que os outros iriam pensar. Eu notei que estava chamando atenção, pois estava de mãos dadas com uma celebridade. Logo nosso relacionamento seria de conhecimento público e, se isso fosse antecipado por alguns paparazzi, evitaríamos surpresas depois.

Aproveitamos, entramos em uma livraria.

As pessoas dentro da loja reconheceram o homem ao meu lado imediatamente e nós dois agimos como se nada estivesse acontecendo. Sawyer escolheu dois livros e eu também comprei alguns romances para ler nas horas vagas. Não sei que horas são essas, já que costumamos ficar agarrados nos amando sempre que temos um tempo vago.

— Escritor? — Pego um livro que Sawyer escreveu e balanço na frente dele.

Ele dá de ombros.

— Pressão da mídia e das fãs.

A foto dele na contracapa está um escândalo como sempre. Sawyer pode fazer careta durante a foto e ainda ficará lindo. O título é *Conte-me seus segredos* e há apenas um divã na capa branca. Começo a folhear.

— É sobre sacanagem?

— Sim. — Sawyer se aproxima e o toma das minhas mãos. — Mas você não precisa dele, afinal tem o autor aqui, disponível para lhe ensinar o que quiser.

A jovem do caixa nos agradece, mas, antes, Sawyer precisa autografar um livro para ela. Fico meio retesada com o olhar brilhante dela para meu namorado. Ele parece nem se importar. Dou um sorrisinho de até logo e saio segurando firmemente a mão dele.

Depois Sawyer me leva para almoçar no *Loeb Boathouse*, ali mesmo no Central Park. Esse é um lugar em que eu sempre planejei entrar, mas, nos meus planos, Ryan estava ao meu lado. É um lugar romântico em que dá para ver pássaros, borboletas e ainda alugar um barco para um passeio. Candice veio várias vezes com Leo e eu fiquei apenas na vontade. Vir agora com Sawyer só me faz pensar que todo esse tempo de espera valeu muito a pena. Estou em um lugar agradável com o homem que amo.

Olho de relance para nossas mãos dadas e meu corpo responde ao gesto romântico. Nossos

olhos se encontram e dou um sorriso. É bom tê-lo de volta.

— Boba. Você me deixa enlouquecido.

Encosto minha cabeça no ombro dele enquanto caminhamos. Sawyer abaixa os lábios e beija meus cabelos. Não há apelo sexual nesse instante, é apenas romance, carinho.

Logo estamos sentados em uma mesa nos deliciando com um maravilhoso almoço.

Deixamos para trás qualquer coisa que possa atrapalhar esse momento. Desde Candice a Jill. E esse seria um ótimo momento para ele enfim dizer que me ama e eu poder confessar também.

Aprendi em romances que nós, mulheres, jamais devemos confessar amor a um homem antes dele. Devemos agir assim porque ainda não temos certeza dos sentimentos dele, no caso de Sawyer eu nunca vou dar poder a ele, mais do que já tem. Fixo meus olhos nos dele. Adoro olhá-lo, não importa o que esteja fazendo: relaxado dormindo, concentrado lendo, excitado gozando, pensativo urinando. Sei que melhor ainda é beijá-lo, mas isso é outra história.

Ele olha para mim e dá um sorriso.

— Já veio aqui antes?

— Claro que não. Esse não é um lugar para vir sozinha.

— Você teve Ryan por nove longos meses.

— Relembra a contragosto e bebe um pouco de vinho para se distrair.

— Candice vinha sempre com Leo. Eu planejava vir aqui com Ryan, mas nós sempre estávamos ocupados.

— Então estou participando da sua primeira vez?

— Sim.

— Sorte a sua. — Ele dá uma piscadinha arrogante para mim e eu me sinto uma fã sorteada para um almoço com o ídolo.

— Você é tão ridículo.

— Uma ridícula, porém deliciosa companhia.

— Tão convencido, meu Deus!

Depois de dizer isso, antes que Sawyer possa retrucar, alguém para ao meu lado e, com uma voz que gela todo o meu corpo, diz:

— Mary? Marianne Cooper?

Eu sinto uma leve tontura e, por um segundo, acho que tenho labirintite. Só pode. Meu estômago embrulha e quase coloco toda comida para fora quando levanto meus olhos e o encaro: Charles. O homem que me deixou com medo está ao meu lado com uma linda morena a tiracolo. Ele olha para Sawyer e vejo seus olhos azuis brilharem quando o reconhece.

Charles é jornalista, sei disso porque ele escreve uma coluna semanal para a mesma revista que eu.

Charles parece esquecer que eu existo e sorri para Sawyer.

— Sawyer Graham, não é? O terapeuta. — Sawyer sorri todo simpático. Se ele sonhasse com quem é esse homem...

— Sim, o próprio.

Incrivelmente ele não se apresenta e volta a olhar para mim.

— Você está diferente, Mary. — Seus olhos de raios x passam pelo meu corpo e sua testa franze como se perguntasse: "Por que essa idiota está fantasiada?"

— Você também...

— Espero que tenha seguido em frente.

O sujeito diz todo arrogante e, para finalizar, e me dá o golpe de misericórdia, apontando para Sawyer. Este não está mais sociável, olha para mim intrigado. Sei que estou pálida e quase desmaiando e Sawyer sabe me analisar, analisar qualquer um para ser específica.

— Espero que não esteja fazendo terapia por causa do passado. Isso seria infantil, Mary.

Ele dá uma piscadinha para mim e acena, deixando o ambiente.

A cretina aqui não disse nada, apenas teve um início de AVC, nada mais. Olho para Sawyer e ele está em posição de alerta. Seus olhos gritam por respostas. E eu grito interiormente para não ser mais uma vez humilhada.

Não é ser briguenta, e sim, não ser tola. Sem dizer nada para Sawyer, eu me levanto cega de ódio. Vejo Charles chegando à porta e então seguro o braço dele fazendo com que se vire e me olhe. Os dois olham para mim surpresos e, antes de eu cair para trás covardemente, coloco tudo que estive engasgado todos esses anos para fora.

— Você está errado, Charles. Eu mudei e

segui em frente. Se achou mesmo que eu viveria destruída por causa de um verme que não sabe a diferença entre clitóris e mamilo e nunca vai saber o que é uma mulher ter um orgasmo por sua causa, pensou errado. Sou dona do meu próprio negócio, tenho uma casa que construí e aquele ali não é meu terapeuta. É meu namorado, um homem de verdade, que sabe como tratar uma mulher dentro e fora de um quarto. E você? O que tem hoje além de migalhas de uma revista de segunda?

Todos no restaurante estão calados me encarando, Charles faz o mesmo com olhos arregalados e lábios entreabertos. Eu sempre fui a quietinha que assentia a tudo, era humilhada, calada e pronto. Sempre tive Candice para brigar por mim, mas agora estou viva, Sawyer me dá essa força.

— Mary? Algum problema? — Sinto a mão de Sawyer no meu ombro. Nem me viro para olhá-lo. Continuo fixa no estúpido à minha frente, devo estar parecendo uma leoa doida protegendo um filhotinho que nem existe.

— Não, Saw, eu me enganei. Não é ninguém.

Lanço uma última olhada para ele e viro

para Sawyer.

Não desabe agora, Marianne. Repito insistentemente dentro de mim.

Ele olha para mim, tumultuado de emoções. Ele só não acertou Charles com um soco porque tudo foi rápido demais para ele agir. Com a respiração pesada e os olhos possessos, ele segura minha mão. Charles já foi, as pessoas voltam a prestar atenção em sua própria vida e eu volto para a mesa com as pernas trêmulas. Eu me sento e abaixo meu rosto entre as minhas mãos. Meus cabelos são uma cortina tampando tudo.

Preciso recuperar minha consciência e minha respiração. Preciso me controlar para não abrir a boca em prantos. Por que estou agindo dessa forma, cheia de emoções? Nunca estive assim antes. Jamais. Charles me humilhou bem mais no passado e na frente de muita gente. Eu encarei tudo com frieza.

Sinto um toque no meu pulso e sei que preciso levantar os olhos.

Não chore! Não chore!

— Me leva pra casa. — Eu peço, meus olhos lacrimejam e eu os pisco rápido para não

derramar lágrimas.

Sawyer faz um gesto e pede a conta. Em tempo recorde, deixamos o restaurante e entramos no carro dele. O meu acabou ficando no hotel. Acho que amanhã precisarei pegar um táxi para ir trabalhar.

Não sei porque estou pensando em como irei trabalhar amanhã. Há coisas mais dramáticas acontecendo.

Durante todo o percurso, nós não conversamos. Eu fico calada com a cabeça recostada no encosto do banco olhando para o outro lado.

— Senta ali. Vou pegar algo para você beber — diz Sawyer quando chegamos em casa.

Em casa.

Em tão pouco tempo morando na cobertura de Sawyer, eu já me sinto em casa. Isso porque ele está aqui. Voltar para a solidão do meu apartamento é algo que não consigo mais cogitar.

Tiro minha sandália e recosto nas almofadas no sofá. Ele volta rápido e me entrega um pouco de conhaque. Acho que é do mesmo que bebi certa vez no consultório dele.

Recebo o copo e tomo um gole.

— Obrigada.

Ele não diz nada. Me encara mas não fala nada. Isso é uma surpresa. Esse homem é louco por respostas, quer saber das coisas, desvendar meus pensamentos. Mas agora ele apenas me dá o tempo que preciso. Como não o amar? Termino meu conhaque. O ardor que preciso queimando em minha garganta. Respiro fundo e inclino meu corpo para perto de Sawyer, ele me abraça e aconchego meu rosto em seu peito.

— Gostei da sua atitude. — Ele sussurra.

— Ele ainda tem a capacidade de me humilhar. — Sussurro de volta. — Aquele é Charles.

Eu anuncio, apenas para o caso de Sawyer não ter notado.

— Eu percebi.

— Eu acho que ele tem razão. Acabei indo procurar um terapeuta para curar meu trauma deixado por ele. No fim, não passei de uma infantil sem saber lidar com meus problemas.

— Para com isso. Não vou aturar você se rebaixando por causa daquele pedaço de merda. Nada do que fez foi infantil, foi corajoso e sensato,
NACIONAIS - ACHERON

além de ter nos juntado no final.

Levanto meus olhos para olhá-lo. Sawyer está visivelmente irritado. Gentilmente ele ergue meu queixo.

— Agora, depois de tudo que tivemos, você pode ter certeza de que o medo era uma coisa fútil e não foi propriamente por ele ter feito errado na sua primeira vez, mas por ele ter colocado isso em sua cabeça. Eu sou experiente e sei muito bem que você não é nem um pouco gélida, nenhuma mulher conseguiu me dar tanto prazer como você. E não estou falando apenas de sexo.

Sinto meus olhos explodirem de brilho. Fico mais apaixonada por ele. Sem titubear, avanço e abraço Sawyer fortemente. Amo abraçá-lo, seus braços me aninham adequadamente, nossos corpos se moldam perfeitamente.

— Obrigada. — Murmuro. — Eu consigo entender isso agora porque você me mostrou. E mesmo depois de conhecer o verdadeiro sexo, ter um verdadeiro relacionamento, eu não me arrependo de ter ido procurar você para curar meu medo.

— Gosto de ouvir isso. — Ele levanta meu

rosto, sorri e, enfim, me beija.

— Acho que está encerrado.

— Não para mim. É bom eu conhecer as fuças daquele desgraçado. Se eu o vir mais uma vez perto de você, ele conhecerá a fúria do meu punho.

Consigo dar um sorriso. Ele afaga minha cabeça em um movimento preguiçoso com os dedos enterrados em meus cabelos.

— Ele não merece nem mesmo nossa raiva. Apenas desprezo.

Agora, além de me sentir amada, me sinto protegida. Tenho por Sawyer sentimentos que jamais sonhei em ter no relacionamento com Ryan.

VINTE E DOIS

SAWYER

Anos antes...

O lugar marcado para o encontro é um luxuoso hotel em Manhattan. Já perdi as contas de quantos encontros Rick promoveu no site dos Black Bulls. Não fazemos sempre para não banalizar. Há apenas uma noite dos Black Bulls a cada trimestre. Ou seja, se aquela ricaça que quer uma diversão de uma noite perder essa oportunidade, só três meses depois. A mulher ou homem interessados em ter um Black Bull como acompanhante deve antes de tudo fazer o cadastro, efetuar o pagamento antecipado para que seja calculado o número de acompanhantes da festa.

Henrique guia um grupo de trinta homens para o lugar onde acontecerá o evento e lá ficamos em um local reservado até chegar o momento da valsa.

NACIONAIS - ACHERON

Os convidados ou clientes chegam, são recebidos com um jantar e, logo depois, entramos com smoking preto, capa preta, luva preta e uma máscara. Só quem leva cada Black Bull para o quarto pode ver seu rosto e o resto.

Uma pequena fortuna é dividida no dia seguinte entre os trinta integrantes e a casa é de Amanda.

Olho para a enorme sala cheia de homens vestidos de preto, conversando, bebendo, rindo, todos os trinta esperando o momento para atacar.

— Fiquei cinco dias sem trepar e nem aliviar. — Do outro lado, Larry se vangloria. — Estou até as tampas de porra, vou liberar tudo hoje.

— Cara. Você sabe que isso é pura burrice. — Nelson discorda. — Você vai gozar quando derem a primeira lambida no seu pau.

— Hoje vou comer um casal. E o cara é fascinado com porra. Ele que pediu, quer muito leite.

— Tá explicado. Tá levando um combo por preço de um?

— Não, claro que não. Os dois são
NACIONAIS - ACHERON

acostumados a trepar com outros caras e sempre pagam o preço que for. Ainda mais quando tem toda essa classe que os Blacks têm.

— Está preocupado? — Rick bate na minha perna e se senta ao meu lado.

— Cara, minha mãe apareceu.

— Eita, caralho. E aí?

— Foi péssimo. — Acaricio minha testa, de cabeça baixa olhando para o uísque na minha mão. — Na verdade, eu fui atrás dela e ouvi coisas que não queria. Nem sei porque tento ainda.

— Tudo por causa do traste?

— Sim. Ainda por causa do traste. — Ela provou que amava mais o macho vagabundo do que os próprios filhos.

— Mulher descarada.

— Ela é uma cadela vagabunda. Deus me perdoe de estar falando assim da mulher que me deu a vida.

— Vai precisar tomar um comprimido para foder essa noite?

— Não, cacete. — Nós dois rimos. — Mesmo com problemas, quando eu sair

desse quarto, vou incorporar o Big Tyler e aí já era.

Fico calado, de cabeça baixa, mas sei que Rick está olhando para mim. Então ele fala:

— É só isso? Sobre sua mãe?

— Rick, eu já tenho uma pequena fortuna no banco. Já passei do meu primeiro milhão e nem tenho trinta anos ainda. Isso me faz querer pensar na vida. Pensar nisso tudo, em Amanda, nos Black Bulls, acabei de conhecer a Jill...

— Jill? Tá caído por ela?

— Não, que nada. Ela é a única que me ouve e me entende, mas nada mais que isso.

— E aí?

— Sei lá. Amanda está a cada dia mais incontrolável, e, depois que saí de seu apartamento, ela não me deixa mais em paz. Tenho que comê-la quase todo dia.

— A mulher tá obcecada por você.

— Já percebi.

— Eu disse anos atrás. Mantenha a distância. Mulher é bicho traiçoeiro.

— Sempre vou me lembrar disso.

Um homem vem nos avisar que as pessoas nos esperam, colocamos nossas capas e máscaras e saímos em direção ao salão. Trinta homens de preto, como se estivessem fantasiados de zorro, entram deixando os clientes loucos. Eu caminho ocasionalmente para uma mesa, foi a primeira que vi à frente. Três mulheres estavam lá e estendi a mão para uma que reconheci na mesma hora. Beatrice Morgan, atriz famosa. Ela aceitou prontamente minha mão e eu a levei para o salão.

Mais tarde naquela noite, quando tirei minha máscara, ela soltou um palavrão.

— Puta que pariu. Você é o Big Tyler. Cara, eu sou sortuda demais. — Pulou em cima de mim e, muito eufórica, com os olhos brilhando, ela pediu: — Me coma como se não houvesse amanhã. Ah, merda! Quero que me deixe mole de tanto trepar.

E como o cliente sempre tem razão, eu fiz como ela pediu. Nunca suei tanto, nunca fodi tanto. A safada aguentou meu pau com uma fome impressionante, foram quatro camisinhas na noite. Cheiramos um pouco de cocaína, comemos um banquete às quatro da manhã, bebemos várias

garrafas de champanhe e fomos dormir às seis depois de transar mais uma vez, com ela no chão do quarto, de bunda pra cima e eu montado nela socando com toda a força do meu quadril.



Dias atuais...

O dia mal clareou e já estou desperto. Marianne não se mexeu desgobernada esta noite como sempre faz, não está jogada de qualquer jeito na cama. Está encolhida, agarrada em mim. Com cuidado para não acordá-la, eu a aconchego melhor, e continuo deitado olhando para o teto fazendo do meu peito seu travesseiro.

Ontem, ela enfrentou uma barra pesada. Logo pela manhã, teve que encarar Jill e uma briga comigo. Na hora do almoço, para completar, desgraçado do Charles apareceu.

Marianne disse que estava bem, mas passou o dia distante de mim. Resolveu ir trabalhar e, quando chegou, não me tocou. Mal me deu um beijo. Se trancou no banheiro enquanto tomava

banho. Não a pressionei, dar um tempo para ela é a melhor saída. Trocamos duas palavras antes de deitar, ela afastada de mim. E agora me sinto aliviado por ela ter procurado conforto em mim, mesmo dormindo.

Instintivamente, inclino o rosto e dou um beijo no alto da cabeça dela. Olhando para o feixe de claridade que entra aos poucos no quarto, eu nem percebo o tempo passar. Apenas quando ela se mexe, noto que está passando da hora de ir ao banheiro. Marianne abre os olhos lentamente, os esfrega e, após bocejar, olha para mim.

— Oi.

— Oi. Dormiu bem?

Ela se afasta de mim e senta-se na cama. A visão de Marianne se espreguiçando é o melhor colírio para meus olhos, seus cabelos são lindos e ela os penteia rápido com os dedos. Vira-se e me encara, estou relaxado com os braços atrás da cabeça assistindo ao show que é Marianne acordando.

— Não tem como não dormir bem quando se tem um travesseiro tão gostoso. — Ela faz um gesto em direção ao meu corpo.

Eu sorrio feliz demais. Ela disse algo tão simples, mas que teve um forte efeito no meu orgulho. Convenhamos, um homem gosta de agradar. É incrível como nos sentimos heróis apenas por dar a nossas garotas uma boa noite, um bom orgasmo ou matar aquela barata ameaçadora.

— Por que não se deita e passa um tempo enroscada no seu novo travesseiro? — Estendo a mão para ela.

— Saw... Eu tenho que trabalhar.

— E quando vamos fazer um delicioso sexo matinal? Olha como eu estou. — Mostro meu pau duro armando uma barraca debaixo do lençol.

— Isso aí é vontade de ir ao banheiro.

Sem que eu esperasse, ela se levanta e vai ao closet. Também me levanto para ir ao banheiro. Assim que me aliviar, Marianne vai ver só.

Estou terminando de urinar quando ela entra e fica parada me olhando.

— Que lindo. Lembrou-se de levantar a tampa. — Ela dá um beijo no meu pescoço, espera eu sair de perto da privada e abaixa o assento para se sentar.

— Meu Deus! Você é sexy até sentada na
NACIONAIS - ACHERON

privada urinando. — Eu recosto na parede assistindo-a.

— Sawyer! Para de me olhar. É desconcertante.

Dou uma risada e vou para a pia escovar os dentes. Pouco depois, vou atrás de Marianne e ela está olhando minha parte no armário.

— Você tem várias roupas, muitas, eu diria.

Ela se vira e fica perplexa ao me ver totalmente nu.

— Por que não me ajuda com um probleminha, linda Mary? — Aponto para meu pau super duro. Ela olha com aqueles magníficos olhos meio arregalados. Sem esperar resposta eu me aproximo, o seguro e, bem perto dela, começo a passá-lo entre as pernas dela, por cima da calcinha. Com os gemidos presos nos lábios, Marianne e eu observamos o que estou fazendo. Ela levanta os olhos para meu rosto e eu gosto do que vejo. Fogo. Puro fogo. Ainda bem que eu tenho o extintor perfeito aqui na minha mão, pronto para apagar esse fogo dos olhos dela.

Marianne puxa meu pescoço e me tasca um

beijo tão arrebatador que quase solto um gemido. O que essa mulher tem para me deixar assim, meu Deus? Seguro-a nos meus braços e ela simplesmente me transforma em um doce. Lambe, morde, chupa e beija. Tudo que consegue fazer com os lábios faz com meu corpo. No pescoço, peito, lábios e braços.

— Uau! Você está mesmo desesperada.

— Cale a boca e deite naquele divã.

Ela empurra meu corpo com as duas mãos espalmadas no meu abdômen. Eu caminho de costas até cair sentado no divã que fica no closet e Marianne se acomoda por cima.

— Está tentando me seduzir de novo, Srta. Cooper?

— Tentando, não. Conseguindo. Você é tão fraquinho, meu bem. — Ela me faz deitar e abocanha meus lábios sem dar tempo para eu respirar. E adoro isso. Envolver-a pela cintura e, mais que depressa, começo a deslizar duro e forte para dentro dela. Marianne levanta o rosto e quase geme, mas eu a puxo para mim e chupo seus lábios. Quero que fiquem inchados e denunciem o que que ela estava fazendo. Quero poder olhar para ela

quando terminarmos. Os cabelos assanhados, lábios inchados, pequenas manchas avermelhadas perto dos seios.

— Merda! — Ela grita. — Por que você é tão viciante? Seu safado gostoso.

Eu dou uma gargalhada.

— Não te alertaram que eu sou a pior das toxinas?

Seguro na cintura dela e vou com vontade, faço-a pular em cima de mim, como naqueles touros malucos. E ela pula, grita, eu gemo e começo a sentir um delicioso poder subindo dentro de mim. Toma todo meu corpo, desde o pé até a nuca. E ela continua, subindo e descendo. Nada de moleza e suavidade para Marianne. Ela gosta de foder gostoso, sem restrição, assim como eu. Nós dois juntos somos excelentes. E isso é algo que percebi desde o primeiro momento.

Eu me sento, deixo-a ereta no meu colo enquanto ela sobe e desce no meu pau, enquanto a ajudo a manter o bom ritmo. Essa posição me fascina, por poder brincar a vontade com os seios suculentos dela. Eu os mordo, beijo e sugo, deixando-os bem durinhos, latejantes de tesão e a

dona desses lindos e deleitáveis seios geme e puxa meus cabelos. Eu fodo sem parar, meu pau entrando e saindo rápido, afundando deliciosamente dentro dela até tocar no limite. Sem parar um segundo para descansar.

— Goze para mim, Mary.

Eu sussurro e ela joga o rosto para cima, seus cabelos caem nas costas e um grito sai dos lábios, o corpo estremecendo enquanto sinto ela gozar. Eu vou junto, a cabeça do meu pau cresce e a cada metida uma jorrada de porra é expelida dentro dela. É uma satisfação tremenda atingir o ápice junto com ela, isso me deixa cada vez mais entregue a essa mulher.

Ainda atolado dentro dela, eu a abraço e ficamos um bom tempo nos beijando sem pressa alguma.

— Estava com tanta saudade. — Sussurro contra os lábios dela. — Ontem a gente não se tocou.

— Desculpa. Não podia...

— Sim, claro. Eu entendo.

Ela dá um sorriso muito honesto, meus olhos brilham quando ela sorri dessa maneira para

NACIONAIS - ACHERON

mim, um sorriso de confiança. Marianne confia em mim, mesmo depois da briga de ontem, tenho certeza que confia. Ela me ama e nada disso me dá vontade de fugir. Eu quero que ela me ame, quero que ela sinta necessidade da minha companhia. É a primeira vez na vida que consigo visualizar algo bom em meu futuro.

Marianne olha para baixo e me vê ainda enfiado nela. Todinho dentro.

— Acho melhor eu sair, estou com fome e você já está dando sinais de que vai repetir a dose.

Ela se levanta e meu pau já está quase duro novamente. Marianne faz uma carícia ousada nos meus testículos e depois abaixa-se e me dá um beijo nos lábios.

— Por que faz isso comigo? Agora eu quero você novamente aqui, cavalgando em mim. Por favor, Mary.

Ela segura nos meus braços e me empurra. Eu caio deitado no divã com as pernas abertas, ela dá um sorriso malicioso e me deixa saborear os lábios rosados mais um pouquinho, depois vai escorregando a boca pelo meu corpo. Fecho os olhos e deixo-a brincar comigo. Só não esperava

que ela estivesse mesmo apenas brincando. Brincando com a droga da minha libido.

Marianne beija meu peito, ela gosta muito do meu peito, beija e morde meus braços depois o abdômen e isso me deixa a ponto de explodir. Como um canhão prestes a soltar o tiro. Quando enfim chega onde eu quero, dá apenas um beijinho na cabeça latejante do meu pau, mais uma carícia com os dedos ágeis no meu saco e pronto. Eu abro os olhos para ver e ela está de pé. Nos lábios, o sorriso mais sacana que já vi. Ela acaba de foder com meu dia. Se eu não a comer de novo, serei obrigado a bater uma para me aliviar.

— Levanta, gostosão. Hora de trabalhar. — Marianne sai do closet e eu saio mais rápido do que o Flash atrás dela. Porém a danada foi mais rápida e entrou no banheiro. E fechou a porta.

Dou uma gargalhada seca de puro nervosismo. Ela está aprendendo alguns truques. Entretanto, não gostei desse truque específico nem um pouquinho. Eu tenho uma chave-reserva que abre o banheiro ou posso esperar ela sair, pegá-la... há várias coisas que posso fazer. Mas meu celular toca e eu pego uma cueca no chão. Visto-a e atendo

o celular.

— Graham, onde se meteu cara? Aquela rodada de cerveja é para esse século. — É Larry. Sei que ele está super curioso para conhecer minha nova namorada porque com certeza Henrique contou. Foi bom ele me ligar, eu preciso mesmo conversar com ele e Nelson para alertá-los sobre o que vão dizer a Marianne.

— Está disponível hoje?

— Claro.

— Fale com Nelson. Encontro vocês às três no bar de sempre.

— Vai levar sua garota?

— Ainda não. Até mais, Larry.

Desligo e saio do quarto sem esperar Marianne. Acabo de perceber que estou com fome e duro. Ela deve correr mesmo, pois se eu a pegar, vou deixá-la de pernas bambas.

Na cozinha, preparo rapidamente um suco pré-pronto, deixo-o na geladeira, tiro várias coisas de dentro para preparar um sanduíche. Queijo muçarela, peito de peru, tomate seco, pickles e um molho que Marianne tinha preparado porque eu pedi muito.

NACIONAIS - ACHERON

Como não guardo rancor, eu faço um para ela e dois para mim. Encho os copos de suco com gelo e, nesse instante, ela aparece toda linda e desejável vestindo uma calça preta e uma blusa de pano fino que deixa os seios dela bem aparentes. Ela fica me olhando. Acho que teve certeza de que eu a estaria esperando na porta do banheiro como um animal preso há dias sem trepar.

— Preparei um sanduíche. — Empurro o prato para ela e evito olhá-la.

Porra! A mulher sabe ser linda, ela sabe como me deixar caidinho. Não precisa fazer nada, às vezes, apenas sorri e meu pau já levanta todo aceso. Eu devo ser um maníaco. Já trepei tanto na vida e agora pareço um virjão com a primeira namorada.

— Que bonitinho. Fez um para mim? — Ela dá a volta no balcão e puxa meu pescoço para um beijo.

Safada!

O cheiro dela me deixa louco. Acho que sim, eu sou o animal preso há dias sem trepar. A insolente dá uma risada atrevida, passa a mão no meu corpo e simplesmente sai de perto para se

sentar no balcão.

Sorte a minha que eu tenho orgulho suficiente.

Então, me sento ao lado dela.

— Hoje não virei almoçar. À tarde vou dar uma volta com Candice. Ela precisa de mim.

Eu assinto e ela me olha incrédula.

— Tudo bem então?

— Claro.

Começo a comer e Marianne fica me olhando intrigada. As sobrancelhas arqueadas.

Lógico que estou morto de vontade de perguntar o que a cascavel da amiga dela está aprontando, mas não pergunto. Engulo tudo junto com o sanduíche.

Marianne dá de ombros e começa a comer também.

Mais tarde, ela sai e eu vou me arrumar. Tenho coisas para fazer no hotel.

Há problemas em alguns quartos e preciso resolvê-los hoje, sem falar no grupo de Irlandeses que vem para uma reunião e vão ficar no hotel. Eu preciso estar lá para recebê-los. Creio que também

não vou poder almoçar em casa, ficarei lá no hotel o dia todo, ou melhor até as três quando irei encontrar meus dois velhos amigos.

Arthur parece gostar quando chego no hotel, porque isso o desafoga um pouco dos milhões de serviços que precisa resolver sozinho.

— O alvará do novo hotel saiu, Sr. Graham. Eu já providenciei tudo, hoje mesmo Diane e eu viajaremos para vistoriar os materiais que vão chegar.

— Já conversou com a empresa encarregada da construção?

— Sim, senhor. Faltam apenas o arquiteto e o engenheiro.

— Consiga um engenheiro. O arquiteto é por minha conta.

— Tenho três nomes e assim que o senhor quiser, posso chamá-los para uma apresentação.

— Faça isso, Arthur. Muito obrigado por tudo.

Ele dá um sorriso, faz um gesto e vai para a porta do escritório.

— Arthur.

Eu o chamo e ele volta obedientemente.

— Sei que não tem nada a ver com o hotel, mas poderia fazer um favor para mim?

— Se estiver ao meu alcance.

— Eu estou com um imóvel para vender, será que pode arrumar um corretor?

— Claro. Vou fazer uma seleção. Que imóvel está interessado em vender?

— Meu consultório, na Broadway.

Arthur dá um assovio.

— É um ótimo imóvel, Sr. Graham.

— Eu ainda não decidi se vou ou não vender. Dependendo do que o corretor disser...

— Talvez o senhor deva mantê-lo. É um investimento futuro.

Eu fico olhando para Arthur enquanto penso nisso, é, talvez seja.

— Pensei sobre isso. De qualquer forma, arrume um bom corretor.

— Já tenho alguns nomes em mente.

Eu assinto e ele sai.

Investimento futuro. O que me espera no meu futuro? Marianne estaria nele? E meu novo
NACIONAIS - ACHERON

hotel seria um sucesso como esse?

Não quero me preocupar antecipadamente. Preciso distrair a mente.

O almoço foi proveitoso e me dei bem com os irlandeses. Preciso espalhar o nome Graham pelo mundo. Penso que, com minha nova vida como dono de hotel, terei mais sossego, dinheiro e talvez, quem sabe, Marianne queira estar comigo. Às duas da tarde, saio e vou para o bar onde marquei o encontro com os caras.

Todas essas coisas tomam meu pensamento até que Nelson e Larry cruzam juntos a porta e vêm ao meu encontro. Já estou tomando uma cerveja.

— Meu Deus! Acho que é mais fácil marcar uma hora com o presidente — diz Larry e senta-se com Nelson ao lado.

— É bom ver vocês também.

— Sei — diz um deles, levantando a mão para chamar o garçom.

— Quer nos contar as novidades? Henrique estava nos atualizando. — Nelson recosta na cadeira e me encara. O garçom chega, anota os pedidos e sai.

— Cara, estou morto de curiosidade. Quais
NACIONAIS - ACHERON

são as regras? Também podemos comer a garota que você pegou?

— Também quero. — Nelson concorda. — Pode ser um ménage ou um de cada vez na gostosa.

Uso toda minha força para conter a fúria dentro de mim ao ouvir eles falarem isso. Calma, Graham, você sabe como eles são. Até pouco tempo atrás, você era assim.

— Se quiserem continuar falando pelos próximos meses, nunca mais repitam isso na minha frente — digo, sério e categórico. Eles veem que não estou de brincadeira.

Em seguida, apenas levanto minha mão exibindo a aliança prateada.

— O que é isso? Por favor, nos diga que está fazendo parte de alguma seita! — Nelson exclama quase aterrorizado. Vejo uma ponta de esperança nos olhos dele. Idiota.

— É de compromisso, Nelson. Estou namorando e, se ao menos sonhar em tocar na minha garota, vai ter morte.

— Tá e ela é igual a você? Uma...

— Não. Ela não sabe nada de mim e vai continuar sem saber, estão ouvindo?

— Espera! — Larry nos interrompe. — Você está falando rápido demais. Volta tudo. Ela quem? Não sabe o que?

Respiro fundo e vejo que Henrique não contou quase nada.

— Lembra-se da garota que vocês viram no baile um mês atrás? Aquela que foi até nossa mesa e eu disse que não conhecia?

— Sim. Até hoje eu pagaria caro para levar aquela potranca para a cama. — Fecho a cara para Larry e me seguro para não quebrar essa garrafa de cerveja na cara dele.

— Ela é minha namorada. Caso sério. — Confesso brutalmente, de mau humor. Ele fica perplexo e dá um sorriso sem graça.

— Foi mal, cara.

— É. Se você se referir a ela assim mais uma vez eu terei que bater em você. E juro que não será agradável. — Engulo mais um pouco de cerveja.

— Cacete! Você é um puto sortudo, Tyler. Por uma daquelas, eu seria mesmo capaz de lavar, passar e cozinhar. Brincaria de casinha bonitinho. — Larry ignora o que o amigo disse e, após tomar

NACIONAIS - ACHERON

um gole da cerveja que acabou de chegar, inclina-se para frente.

Eu não bato no Nelson, pois entendo que não posso agredir alguém com deficiência mental.

— Vocês... Estão morando juntos?

— Sim, ela está comigo na minha cobertura.

— Cacete! E Jill?

— Jill é passado. Ela sabe que estou comprometido.

— E aceitou numa boa?

— Não. Sabe como Jill é. Ela fodia com o diabo e o mundo, mas ficou possessa por eu ter pendurado as chuteiras.

— Você o quê? Não vai mais trepar com mulheres ricas?

Nelson quase cospe a cerveja.

— Isso não é novidade, Nelson. Meu consultório está praticamente fechado. Logo o colocarei à venda.

— Se quiser passar o consultório para mim, posso pintar meus cabelos, vestir roupas caríssimas e falar que sou seu primo Remy François, que veio

de Paris. As vadias vão enlouquecer. — Larry planeja me fazendo rir.

— Podíamos atuar em dupla, Larry. Você e eu, a dupla de terapeutas. Faríamos mais sucesso que Graham. Faríamos um ménage de deixar as nova-iorquinas piradas.

Eu dou uma gargalhada e participo do brinde com os dois iludidos.

Nelson pigarreia e olha sério para mim.

— Voltando o foco à sua nova namoradinha, cara, fala sério. Isso não vai dar nada que preste. O que ela sabe sobre você?

— Apenas sobre a terapia e sobre eu nunca ter ido a uma faculdade.

— Nível leve. — Larry comenta olhando para o amigo. Nelson se volta para mim e sei que vai começar a sessão de perguntas.

— E quanto a Amanda?

— Ela não conhece Amanda.

— E Amanda também não a conhece, certo? — Larry complementa.

— Certo. E nem vai conhecer. Quero aquela cobra longe de Marianne. Esse é o nome

dela, Marianne Cooper.

— Sabe que Amanda vai pirar, não é? Pirar tipo um monstro que destrói cidades.

— Que se foda a Amanda.

— O que ela faz? Sua namorada. — Nelson volta as perguntas.

— Ela é designer de interiores. Eu a conheci quando foi reformar meu consultório.

— Pensei que tivesse sido sua paciente. — Larry olha para mim interessado. Nelson faz um gesto para pedir mais cerveja.

— Ela foi minha paciente. Eu a persuadi a se tratar comigo.

— Deus! A cara de pau desse homem não tem limites. É filho da puta comedor mesmo! — Larry exclama falsamente horrorizado.

Os dois dão uma gargalhada e eu rio também. Eles são a dupla mais ridícula que existe. Sorte deles que prezo muito os dois.

Rapidamente eu conto tudo. Conto sobre Ryan e como eu consegui desmascará-lo com ajuda de Nigel, até o momento em que consegui arrastar Marianne para morar comigo. Até de Candice eu

falei, e foi nessa parte que eles ficaram mais indignados.

— Porra, a amiga dela precisa é de um homem que saiba foder direito. Mulher mais imbecil.

Larry bufa, revoltado, tomando minhas dores.

— Claro que ela ia ficar revoltada. — Nelson comenta. — Estava trepando com o melhor do sexo e teve que se contentar com o maridinho pau fino.

Eles dois dão uma gargalhada e batem uma garrafa de cerveja na outra. Eu também rio.

— Ela apenas estava protegendo a amiga. — Eu dou de ombros. — Nem me importo mais com Candice. Ela é carta fora do baralho.

— Cuidar da amiga é o cacete. Ela está querendo algo que o marido não pode dar. Me dê o endereço dela que Larry e eu vamos fazer uma visitinha surpresa. Faremos o melhor ménage da vida dela.

— Se é que ela já fez um. — Eu balbucio.
Eles riem mais uma vez.

— Deixem ela para lá. Não vale a pena chutar cachorro morto.

— Eu não entendi muito essa metáfora. Mas vamos ao que interessa. Qual a missão que tem para a gente?

Eu olho para os dois. Bebo mais um gole de cerveja e dou uma respirada generosa.

— Vão conhecer Marianne.

— Nós? — Eles se entreolham com os olhos brilhando. — Por quê?

— Ela já conhece Henrique e Dakota. Vou marcar um dia para nós nos encontrarmos. Podem ir lá em casa amanhã?

— Claro. — Nelson confirma.

— Mas por que ela tem que nos conhecer?

— Marianne não sabe nada sobre meu passado e não estou pronto para contar ainda. Preciso fortalecer nossa relação. Então, como a melhor defesa é o ataque... — Dou de ombros. — Estou apresentando a ela meu passado sem que ela saiba. Primeiro, meus amigos pervertidos, depois vou começar a contar tudo da minha vida, desde lá atrás. Aos poucos, na maciota, sem pegá-la de surpresa.

— Ela não sabe nem mesmo que seu nome é Tyler?

— Meu nome não é Tyler. Sabe muito bem que eu já mudei de nome há anos.

Os dois balançam a cabeça assentindo. Ficamos calados bebendo enquanto espero mais perguntas.

— Qual nosso verdadeiro papel nisso, Carter?

— Vocês têm que ficar de bico fechado e precisam parar de me chamar de Carter ou Tyler. Não esqueçam isso. Vão representar os amigos normais e perfeitos de um homem solteiro. Não quero que falem demais na presença dela. Marianne é muito carismática e vai querer conversar muito com vocês, como fez com Dakota e Rick. Não vão no papo dela, sei que ela vai tentar arrancar algumas coisas sobre mim de vocês, isso todas as mulheres fazem.

— Então aconteça o que acontecer...

— Apenas fechem o bico. Vou criar uma história sobre como conheci vocês para que repitam para ela. — Eu completo, colocando rispidez na minha voz.

Eles dão de ombros e levantam os copos de cerveja em um brinde.

— Vão brindar? A quê?

— A sua nova gata e a nossa missão quase impossível amanhã — diz Larry todo sorridente.

— Você já deve saber, Sawyer, que o que nós dois mais gostamos é conversar. Vai ser difícil ficar de boca fechada e de pau mole perto dela.

— E o que eu mais gosto é descer a mão na cara de amigo traiçoeiro. Vai vendo. — Levanto a mão e chamo um garçom para mais cerveja.

VINTE E TRÊS

MARIANNE

Sem medo e sem culpa, vou ao encontro de Candice. Estou tão leve ultimamente, mesmo ontem tendo acontecido dois contratempos com pessoas que me tiram do sério, eu me saí bem. Além disso, Sawyer me ajudou a recuperar meu equilíbrio com uma massagem fenomenal e depois um sexo delicioso.

Ninguém tem noção de como eu amo fazer amor com ele. E ontem fiquei desnorteada por ele ter se afastado. Acho que ele pensou que me dando espaço seria melhor. Não foi. Graças a Deus, hoje, quando acordei, vi que ele estava todo carinhoso me abraçando. Tudo voltou ao normal.

É muito estranho pensar que desde que voltamos nós tivemos desencontros, mas também fizemos o relacionamento crescer. Agora eu

NACIONAIS - ACHERON

conheço Rick e Dakota, os melhores amigos dele e ele conhece meus pais. Ele dormiu na minha casa e estou dormindo na dele. Namoro firme. Essa é a palavra que me vem à mente. Deus podia fazer um milagre e fazer durar até o próximo ano no dia dos namorados.

De uma coisa eu tenho certeza: no meu aniversário no fim do mês ele estará comigo.

Chego ao bar e vejo Candice sentada. Ela acena para mim e eu vou até a mesa.

— Oi. Não te vi hoje no escritório. — Cumprimento-a e coloco minha bolsa na cadeira ao lado antes de sentar.

— Hoje meu dia foi corrido. Trabalhei igual a um burro de carga.

— Nem me fale.

Não vou falar com Candice agora, mas depois tenho que alertá-la de que o serviço vai redobrar quando a *Cooper & Monroe* pegar as obras do hotel de Sawyer.

— Estou sedenta. — Eu exclamo e chamo um garçom.

— E então? Me conta como está sua vida de comprometida com o homem mais galinha que
NACIONAIS - ACHERON

já conheci.

Lanço um olhar de desdém para a cara de ironia dela.

— Para com essa paranoia. contei o que pude na última sexta em que dormi na sua casa.

— Bem, pelo menos de uma coisa eu tenho certeza, estando com ele, você nunca vai ficar sem sexo.

— É muito mais do que isso, Candice.

— Com Graham? Duvido. Eu sei quem ele é e ainda não consigo entender como um cara tão pecaminoso conseguiu ficar tanto tempo com uma única mulher, ainda mais alguém como você.

— Achei que o assunto "*Namoro com Sawyer Graham*" já estava acabado. Alguém como eu como?

— Sei lá, normal demais. Bem, eu me calo, se essa é sua vontade, mas fique sabendo que quando a barra pesar e você precisar de apoio...

— Encontrei Charles ontem. — Revelo antes de ela terminar de falar. Candice me olha aterrorizada.

— Charles? O Charles?

— Sim. O grande imbecil.

— E então?

— Sawyer estava comigo e isso me deu forças para falar o que sempre quis para aquele pedaço de lixo. Candice, ontem Sawyer me deu toda força que precisava, ele me levou embora e ficou ao meu lado até a noite quando fomos dormir. Nem precisou falar nada, apenas sabia que tinha que ficar comigo. Pode ter certeza, amiga, ele não é somente isso que você acha.

Ficamos caladas enquanto o garçom servia as bebidas. Nós duas olhamos nos olhos da outra. Assim que o homem se afasta, ela respira fundo e dá um sorriso fraco.

— Está mesmo apaixonada por ele, não é?

— Amiga... É muito mais complexo do que "apaixonada". Eu amo Sawyer, não consigo imaginar minha vida sem ele. Não há mais volta.

— Ah, meu Deus! Mary. — Candice segura na minha mão. — Não contou isso a ele, contou?

— Não. Claro que não. Eu sei que uma mulher não deve se declarar antes do homem, ainda mais sem ter certeza de que ele nutre o mesmo

NACIONAIS - ACHERON

sentimento.

— Graças a Deus!

— Porém briguei com ele quando aconteceu aquilo tudo e acabei soltando que estava apaixonada.

— Não diga mais nada. Espere para ver no que vai dar. Analise-o de perto, sem deixar passar nenhum detalhe.

— Eu sei.

Dou uma bicada no meu coquetel. Frutas com leite e alguma bebida alcoólica. Candice fica me olhando séria. Eu não sei por que ela simplesmente não deseja minha felicidade e para de ser tão pessimista em relação a Sawyer. Já conversamos sobre isso quando fui dormir na casa dela e cada vez que ela traz o assunto À tona novamente, minha Marianne intrigante coloca coisas no meu subconsciente como: "Ela ainda gosta dele"; "Candice não superou Sawyer e sente inveja de você". Ainda bem que minha Marianne racional consegue capturar a Srta. Intrigante a tempo. Não quero mesmo ficar com a mente cheia dessas cogitações.

Eu moro com ele e até agora não me deu

nenhum motivo que comprove a cafajestagem que ela tanto alerta. Sei que ele foi mulherengo, que teve uma vida conturbada e sei também que uma pessoa não muda da noite para o dia. Mas ainda me considero no direito de viver meu conto de fadas.

O barulho do celular de Candice me desperta do devaneio. Ela tira rápido o celular da bolsa e dá um sorrisinho fraco.

— Só um momentinho, Mary.

Ela se levanta e sai. Eu respiro fundo. Assim que ela voltar, vou falar dos projetos de Sawyer para o novo hotel. Ele me ligou há pouco dizendo que tinha saído o alvará. Tomo mais um pouco da minha bebida e uma sombra cobre a mesa, levanto os olhos e vejo Ryan parado.

— Ryan?

— Oi, Marianne, não esperava encontrá-la...

Fico sem fala olhando para ele. Devo estar parecendo um tufo de algodão de tão branca. Engulo um bolo de saliva e nem ousa piscar. Cadê Candice que não chega?

— Eu estou com Candice...

— Ouvi dizer que você tinha voltado. —

Ele puxa uma cadeira e se senta.

— O que está fazendo? Levante-se! —
Minha voz sai esganada e desesperada, a irritação percorre minhas veias.

— Mary, por favor, eu preciso de apenas dois minutos de sua atenção.

Meu desconforto se torna em fúria quando me lembro dos pecados dele.

— O que quer? Quer se explicar por ter transado com minha irmã? Ah! Faça-me o favor. Suma da minha frente.

— Droga, eu estava há tempos sem sexo e ela vivia me azucrinando, se insinuando.

— Não quero saber!

Ele abaixa os olhos desanimados, dando uma de arrependido. O safado ainda ousa culpar Alice.

— E você não foi forte o suficiente para aguentar?

— Acredite em mim, por favor, Mary.

Eu o encaro com um olhar gelado, quase igual ao que usei com Charles. Quero bater nesse filho da puta, mas me controlo. Na verdade, o

nervosismo me trava.

— Quanto tempo durou, Ryan? — Até engasgo. Eu poderia ter me levantado e dado uma bolsada nele e ido embora. Mas a necessidade de responder a essa pergunta me corrói por dentro.

— Mary...

— Quanto tempo durou o caso de vocês?
— Falo mais alto.

Ele me encara. Respira fundo e balança a cabeça. Passa as mãos pelos cabelos loiros e me olha.

— Começamos no casamento de Candice...
Você foi embora sozinha.

Desgraçado, murmuro entredentes.

— E quando ela voltou, uma noite que você foi jantar na casa de Candice. — Ele revela sussurrando.

Eu me lembro desse dia. O dia em emprestei meu carro a ela para que fosse ao tal encontro. E eu, tola, dando a maior força. Algo vem à minha mente. Os telefonemas secretos de Alice no quarto.

Como eles puderam ser tão cruéis? Por que

não me deu logo um pé na bunda? Eu também havia traído Ryan, mas percebo que estava com mais raiva da minha irmã do que dele.

— Eu não tenho mais nada a ver com isso, Ryan. Eu segui em frente e ficarei feliz por vocês dois. Mentira, não ficarei. Suma da minha frente. Falso!

Ryan mal abre a boca para falar quando uma voz cheia do ódio ecoa atrás de mim.

— Marianne? — Meu corpo parece que saiu daquelas gavetas de necrotério. Está gelado e pálido. Eu me viro em câmera lenta e vejo Sawyer parado a poucos passos de distância.

Cacete, Marianne! Por que contou a seu touro de estimação onde viria com Candice? Minha Marianne feminista grita.

Diferente de mim, Sawyer está possuído. Nem olha direito para mim, seus olhos têm outro foco, o cara loiro sentado à minha frente. Fico pensando se os policiais podem chegar a tempo quando eu ligar, pois vai rolar um homicídio aqui.

Ryan está alarmado, lógico. Um homem desse tamanho bufando com as narinas infladas para ele. Sem falar que ele sabe muito bem que

Sawyer e eu estamos juntos. Eu joguei isso na cara dele quando o flagrei com Alice.

— Sawyer... Eu achei que... — Fico toda confusa com as palavras e a cada vez que tento dar sentido aos sons que tentam sair dos meus lábios, vejo que ele fica mais furioso.

— O que esse merda está fazendo aqui? — Ele range os dentes. Parece um daqueles cachorros bem bravos, prestes a morder. Ou um touro de estimação mesmo.

— Ei, espera aí amigo. Quem pensa que é para vir aqui e falar comigo dessa maneira? — Ryan revida.

Ryan, corra enquanto tem pernas, pelo amor de Deus.

Estou afitíssima, com o coração pulando mais que pipoca no óleo quente. Não pelo Ryan, mas pelo Sawyer. Ele pode se complicar se fizer uma loucura.

— Sou o namorado dela. — Sawyer infla o peito para falar isso. Ele coloca a mão no meu ombro e eu vejo o melhor olhar de Ryan de todos os tempos. É uma mistura de incredulidade e raiva. Sustento o olhar dele e torço para Sawyer ficar

parado. Percebo que ele está tremendo.

— O Dr. Manhattan? — Ryan balbucia para mim apontando para Sawyer.

— Sim, Ryan. Sawyer e eu estamos juntos e acho que você está de saída.

— Ah é? Sua safada. Desde quando, Marianne?

Eu ia dizer que desde que eu sou dona da minha vida, mas Sawyer vai na frente:

— Desde que ela descobriu que você é um merda. Suma daqui. — Sawyer rosna.

Ele se levanta e fica de frente para Sawyer, indiferente ao perigo que corre. Os punhos cerrados e o ódio tomando conta do rosto.

Ai, meu Deus! Agora a coisa vai feder. Eu me levanto também.

Candice, chega logo.

Faço uma prece para o santo de Candice mandá-la logo para cá.

— Ryan, vá embora, por favor. — Eu peço.

— Por acaso, você estava com esse cara quando...

Ryan pergunta e, mais uma vez, Sawyer

responde antes de mim:

— Sim, eu tive que satisfazê-la porque ela não queria você. E sabe, eu até tenho que parabenizá-lo por sua estupidez, pois foi assim que eu consegui essa mulher para mim.

— Vai pagar por isso, seu maldito desgraçado. — Ryan resmunga e vem para cima de Sawyer com os punhos fechados. De longe, eu vejo Candice.

— Candice, me ajuda! — Eu grito e ela corre e se coloca entre os dois junto comigo.

— Seu bastardo! — Ryan grita furioso tentando agarrar Sawyer que estava parado comigo à sua frente. Quando Ryan percebe que não vai atingir o rival, ele se volta para mim.

— Você é uma vadia, Marianne. Como pode ter me enganado dessa forma? Ter feito eu me sentir culpado quando você é uma vagabunda cadela que dá para o primeiro que...

Ele não terminou de falar. Em um segundo, estava caído no chão com a mão na boca sangrando por causa do soco que Sawyer acertou nele. E deu sorte porque quando Sawyer iria montar em cima dele para acabar com seu rostinho bonito, dois

garçons apareceram e o seguraram. Candice ajudou Ryan a se levantar. Foi uma coisa de filme. Vi a hora em que o braço de Sawyer passou rente a meu rosto e acertou com muita força as fuças de Ryan, tão forte que o derrubou.

— Saia daqui, Ryan! — grita Candice, desesperada. E só então Sawyer pareceu vê-la ali.

Ryan foi levado para fora e eu continuei ao lado do meu namorado lutador. A cena do soco ainda passa violentamente pelos meus olhos. Sawyer foi rápido demais para que eu impedisse e Ryan provocou muito.

— Espero mesmo que não tenha nada a ver com isso, Candice. — Sawyer murmura furioso na direção dela.

— Qual é o seu problema, cara? Acha mesmo que eu ia promover um encontro dos dois?

— Artilosa do jeito que é... Nada mais me assusta. Eu conheço você, garota. Pode tapear Marianne, mas a mim, não engana.

— Vá se danar, Graham.

Candice me ajudou a sentar enquanto eu bebia um pouco de água. O estômago revirando junto com a cabeça. Ultimamente estou sentindo

enjoo por tudo.

— Coincidência não vai explicar esse encontro ouviu, Marianne? — Ouço a voz grave e raivosa atrás de mim.

— Cala a boca, Sawyer! — Candice grita.

Eu continuo de cabeça baixa, recobrando o fôlego. Quero impedi-la de falar assim com ele, mas não interfiro.

— Não vê que ela está mal pela sua selvageria?

— Não vou discutir com você, Candice. Não vale a pena.

— Também acho. Agora saia. Vá embora.

— Não vou sair daqui. — Ele toca em mim. — Marianne! — Me chama. Eu não quero falar com ele agora porque sei que vamos brigar. Ainda mais com Candice aqui perto, ela vai colocar fogo. Ele vai ficar mais indignado comigo, mas eu preciso fazer isso.

— Vá embora, Sawyer. — Resmungo com a cabeça baixa.

Não vejo a expressão dele e não vejo o que ele faz. Apenas ouço passos fortes se afastando.

Pouco depois, sinto a mão de Candice em meu ombro.

— Ele já foi, Mary. — Acaricia meus cabelos.

— Meu Deus! O que deu em Ryan? — Eu levanto meus olhos e a encaro. — Droga. Acho que hoje terei um furacão para enfrentar em casa.

— Não abaixe a cabeça para esse troglodita.

— Candice, o culpado de tudo aqui é Ryan, não estou com raiva de Sawyer. Dou toda a razão para ele sentir raiva.

— Pois deveria ficar. Você é uma mulher independente, não precisa de um marmanjo vindo te defender e batendo nos outros.

— Está defendendo Ryan? — Levanto a cabeça, encarando-a.

— Não, estou culpando Sawyer. Marianne, esse homem...

— Ah, pelo amor de Deus, Candice — digo, quase gritando. — Para de tentar me colocar contra meu namorado. — Pego minha bolsa. — Eu o amo, não vai rolar.

— Ok, não vou falar mais nada, apenas acalme-se. — Ela me segura e impede que eu me levante. Ouço ela pedir uma água e fico de cabeça baixa, tentando aplacar o enjoo.

Fiquei um pouco mais no bar com Candice e me recusei a ir para a casa dela mesmo diante de sua insistência. Eu não pretendo alimentar ainda mais a raiva de Sawyer, tenho certeza de que uma briga já me espera, então é melhor encará-la o mais rápido possível. Enquanto dirijo, eu penso no que vou falar, em como vou explicar. Candice disse que, se eu quisesse, ela diria a Sawyer que não tive culpa. Mas a palavra de Candice para ele não deve valer nada, suponho.

No entanto isso serviu para uma coisa. Hoje saberei em que nível está meu relacionamento com ele. Se eu explicar e mesmo assim ele não acreditar ou me mandar embora, então eu sairei de cabeça erguida, sabendo que ele não queria nada além de sexo.

Essa suposição dói, mas é a realidade. Eu o amo, entretanto, Sawyer nunca disse nada diretamente, apesar de ter dito coisas similares várias vezes me dando algum tipo de segurança,

como aquela declaração que me fez no meu escritório depois de transarmos, o anel que me deu. Saio do carro e entro no elevador.

Minhas Mariannes são pura expectativa. Até o Marianno está atento.

Entro na casa e não ouço nenhum barulho. Fecho a porta e penso que talvez ele tenha ido para o hotel para dormir por lá. Entro na sala e essa suposição desaparece. Sawyer está parecendo aqueles bichos raivosos presos em jaula. Ele caminha na sala, com o cabelo alvoroçado por ter mexido muito nele, e eu fico parada engolindo em seco até que ele vira e me vê. Para de caminhar e é nítido como todo seu corpo enrijeceu. A tensão é palpável no ar.

Caminho sob o olhar de brasa dele, coloco minha bolsa no sofá e me sento.

— Se tiver que me mandar embora, diga logo. Vamos poupar tempo. — Eu tento parecer ativa e fria, mas minha voz sai meio fraca, como se eu tivesse acabado de chorar.

— Então é isso que quer? Ir embora? Se ver livre de mim de alguma forma?

— Não suponha coisas, Sawyer.

— Não supor? — Ele grita e eu sei que as acusações vão começar. Abaixo e começo a desabotoar a correia da minha sandália. É apenas uma distração para eu não olhá-lo nos olhos.

— Então não devo supor nada a partir do que vi hoje?

Levanto meus olhos para ele. Não estou nem um pouco a fim de ficar de pé. Que ele fique sozinho afundando o chão da sala.

— Eu quero e preciso saber o que você pensa que viu.

— Ainda quer que eu diga? Você sabe o que vi, Marianne, eu te pedi para não falar com aquele pedaço de bosta nunca mais, nem por telefone e você vai se encontrar com ele? Candice armou tudo, não foi?

— Claro que não! — Berro imediatamente.
— Eu não planejei encontrar Ryan, Candice não armou nada, ela já aceitou meu namoro com você. Acha mesmo que eu ia querer alguma coisa com aquele cara?

— Ontem eu tentei dizer o mesmo sobre Jill e o que você fez? Me acusou, insinuou que eu esperava você sair para enfiar outra aqui dentro e

hoje faz a mesma coisa.

— Eu não fiz a mesma coisa. — Retruco e já estamos aos gritos — Coloque na sua cabeça que eu não fui me encontrar com Ryan.

— Mas pretendia. Você atendeu a merda do telefonema dele. Está querendo me deixar louco, Marianne? É isso?

Eu fico sem reação. A verdade está na cara dele, mas Sawyer quer acreditar apenas no que vê.

— Tente desmentir isso agora! — Ele grita.

— Para de gritar comigo. Eu sabia que um dia ia ter que encarar Ryan por causa de Alice, teria que vê-lo, mas não precisaria falar com ele. Se eu quisesse Ryan, não ficaria brincando de casinha com você. Não foi isso que disse sobre Jill?

Então me levanto. Se vamos brigar, é melhor ficarmos cara a cara.

— Não seja por isso querida, se não quer mais brincar, a porta da rua é serventia da casa.

Agora a voz dele ganhou um tom irônico e letal. Eu me sinto insultada com isso.

— Quer que eu vá embora? Não fale por códigos. E só dizer que vou dormir na minha casa

hoje mesmo.

Ele fica um pouco rígido e vejo seus olhos se moverem rápido.

— Diga se é isso que quer. — Ele retruca.

— Vamos parar com isso. Alguém aqui deve assumir o que quer de verdade. Eu não quero ir embora, tampouco sair batendo a porta, como você fez. Sou mais civilizada.

Sawyer fica me olhando com cara de quem quer se render, mas é orgulhoso demais para isso. Ele passa as mãos pelo cabelo e fica sem saber o que fazer. Eu não quero mais brigar com ele e já que o orgulho masculino é demais para dar o braço a torcer, eu tenho que dar uma força. Sento-me no sofá.

— Eu não trai você, Sawyer e nem pretendo fazer isso. Meu Deus, por que eu iria querer outra pessoa? Você sabe o que sinto por você e como eu gosto de ficar aqui. Queria que você acreditasse em mim.

— Então foi coincidência ele ter aparecido lá? — A voz dele está mais calma. Ele senta ao meu lado no sofá.

— Eu não sei se ele estava seguindo a

NACIONAIS - ACHERON

gente, ou se foi coincidência. Mas ele apareceu. Acho que ele estava na espreita, pois, quando Candice levantou-se para atender uma ligação, ele sentou-se à minha frente.

— E o que ele queria?

Suspiro agradecendo aos céus por estamos mais calmos.

— Ele colocou a culpa em Alice e em mim. Disse que estava sendo negligenciado há muito tempo e que minha irmã o seduziu.

— Ele... Ele te quer de volta? — pergunta Sawyer, desviando o olhar de mim.

— Isso não vem ao caso. Eu não o quero. Antes mesmo de descobrir a traição dele, eu já não sentia nada mais que amizade.

Sawyer fica calado ao meu lado. A cabeça baixa e a respiração voltando ao normal.

Estou esperando ele me pedir desculpas e me beijar, mas nada acontece. Melhor eu continuar ajudando-o a se render. Ainda bem que hoje estou com bom humor.

Merda! Diga a verdade, Marianne. Você não quer perdê-lo. Não quer perder o melhor e único sexo de toda sua vida e toda atenção e

NACIONAIS - ACHERON

carinho que Sawyer dá.

— Candice disse que você pode procurá-la se não acreditar em mim, ela pode confirmar que nenhuma de nós teve nada com a visita de Ryan.

— Vamos esquecer essa história, acredito em você.

— Sawyer... — Ele se vira para mim com um leve curvar dos lábios.

— Foi horrível ver você e aquele lixo juntos, porque você é minha garota e eu perco o controle vendo essas coisas. Eu fiquei louco e ainda quero dar uma surra nele.

É a minha deixa.

Eu me aproximo ainda mais dele e passo um braço em seu ombro. Os músculos estão todos tensionados. Aproveito para fazer uma massagem. Sawyer fica calado enquanto meus dedos trabalham nos braços e pescoço dele.

— Apesar de Candice chamar isso de selvageria, eu adorei ver você me defender.

Ele olha para mim, com ar compenetrado, o rosto lívido.

— Desculpa por... ter falado algo que... Eu

fiquei tão possesso...

— Da mesma forma que fiquei ontem quando Jill apareceu, porque você é meu cara e eu perco o controle ao ver algo como vi ontem.

Ele segura minhas mãos e me dá um beijo no rosto.

Como resposta, eu o abraço. Ficamos assim por vários minutos. O rosto dele enterrado em meu pescoço e minhas mãos fazendo leves carícias nos cabelos pretos dele.

Como Candice tinha dito, brigas são boas para unir um casal. Estamos na fase de descobrir as coisas, de acostumar com os defeitos do outro e saber perdoar as falhas. Essa é a hora do romance ser colocado à prova. Por enquanto, estamos tendo brigas leves e não acho que vá piorar. Eu não tenho nada para esconder de Sawyer e ele também não. Está me mostrando toda sua vida, abriu as portas de sua casa para mim e está me apresentando os amigos. Ele é uma figura pública e se tivesse algum podre escondido, eu já saberia.

Sobre o encontro com Ryan, uma coisa ainda martela na minha mente: Sawyer acusou Candice de armar o encontro. Eu creio que ela não

teria coragem. Eu quero acreditar que ela não fez isso. Mas a resposta verdadeira, eu nunca saberei.



— Vou receber alguns amigos aqui amanhã.

Sawyer me avisa. É noite e estamos deitados na cama. Acabamos de fazer o melhor sexo. É mesmo muito delicioso fazer amor depois de uma briga. Mas isso não quer dizer que quero brigar com ele mais vezes. Deitada quase em cima dele, começo a contornar o desenho preto na pele dele.

— Quem são?

— Henrique você já conhece. Os outros dois são Larry e Nelson. Não sei se você se lembra, mas eles estavam comigo no dia em que a ignorei no baile.

Minha mente me leva até aquele dia humilhante que me deu vontade de atirar em Sawyer. Lembro vagamente dos dois homens, tenho na minha mente mais claramente as duas mulheres: Beatrice e Jill. Nós, mulheres, temos

essas coisas, gravamos apenas o que importa. No caso, o rosto de uma possível ameaça.

— Lembro vagamente. O que são Modelos?

— Modelos? Por quê?

— Se me lembro bem, eles eram muito interessantes.

— Interessantes? — Sawyer ergue o rosto para olhar para mim.

— Sim, não tão bonitos como você, mas musculosos, grandes e bem chamativos.

— Agora você me deixou bem aliviado para apresentar meus amigos chamativos para você.

Dou uma risada e o beijo.

— Não seja bobo. Por mais gostoso que seus amigos possam ser, eu não tenho olhos para mais ninguém que não seja meu Saw. Tive a sorte de escolher o melhor do bando.

Ouçó um gemido quando puxo seu lábio inferior com os dentes. Sawyer sorri satisfeito por eu ter dito que só tenho olhos para ele e o sorriso acaba evoluindo para uma risada.

— Está rindo de mim? — pergunto.

— Eu me sinto o Jigsaw quando você me chama de Saw.

— O cara dos jogos mortais?

— É.

Eu rio também. Nunca havia pensado nisso.

— Vai fazer jogos comigo?

— Sim. Muitos jogos que vão deixar você mortinha de tesão.

Ele me abraça apertado, fico presa e adoravelmente confortável nos braços fortes e despídos. E então ele toma meus lábios em um beijo acariciador, lento, os lábios se movendo um contra o outro no maior erotismo, em uma degustação luxuriosa.

— O que eles fazem?

— Eles?

— É. Seus amigos.

— Deus! A gente estava falando do meu nome e voltamos para o assunto amigos? Preciso de um curso intensivo para aprender a acompanhar seu raciocínio.

— Tolo — digo entre os lábios dele. Após

esse segundo beijo, torno a perguntar sobre os amigos.

Sawyer fica calado por alguns instantes antes de responder.

— Larry tem uma rede de lojas dessas que vende tudo e Nelson trabalha no ramo de filmografia independente.

— Eu conheço algum trabalho deles?

Eu me animo com isso e deixo nítido em minha voz. É impressão minha ou Sawyer não gostou do meu interesse sobre os filmes independentes do amigo dele?

— Não creio. Mas vou providenciar algo.

— Ele dá um giro na cama e me coloca embaixo dele. — Vamos deixar meus amigos de lado e fazer coisas melhores?

— O que você sugere?

— Eu pensei em chupadas mútuas mais conhecidas por 69, ou sexo lento. O que você prefere?

Afago os cabelos revoltos dele com minhas duas mãos.

— Posso escolher os dois?

— Menina gulosa.

Dou uma gargalhada sob o olhar fascinado dele. Em instantes, uma boca afoita e excitante começou a fazer milagres nos meus lábios. A barba por fazer roçando meu rosto, me deixa pirada de tesão. Não me canso de me entregar a ele, não me canso de ver esses olhos afogueados, não me canso de amar Sawyer.

Sem titubear ele toma meus seios em uma chupada gloriosa. Fizemos sexo há pouco, mas cada vez é totalmente diferente. Eu me derreto com as carícias e os beijos cheios de promessas para um bom dia amanhã. Que Deus nos ajude. Se a cada dia uma nova briga vier, eu não sei se vou aguentar.

Quando acordo, já é de manhã, estou sozinha no quarto e na casa, além de estar atrasada. Tenho uma reunião às oito e meia com um pessoal que confiou as obras da empresa a mim e a Candice. Foi lisonjeiro a Cooper & Monroe ter ganhado a concorrência de mais três outros escritórios de arquitetura. Também não podia ser diferente, Candice é super rigorosa e criativa com os trabalhos e eu, modéstia à parte, não fico para

trás.

Tomo um banho rápido e nem posso parar para imaginar onde Sawyer possa estar. Ele não me disse que sairia tão cedo. A casa está silenciosa. Ainda enrolada na toalha, pego o telefone que toca insistentemente.

— Aguenta as pontas, Candy. Tô chegando.

— Marianne, esse homem não está fazendo bem para você. Nunca se atrasou para seus compromissos.

Coloco o telefone na função viva voz e o deixo na cama enquanto visto o sutiã e a calcinha.

— Não teve nada a ver com Sawyer. Ele nem está aqui. Saiu cedo.

— Mas com certeza foram dormir tarde ontem.

Calço a meia e me enfio no vestido.

— Não considero meia-noite tarde.

— Sabe, Mary, achei que ele não fosse perdoar você. Como foi quando chegou aí?

Achou ou esperava que isso fosse acontecer? Candice não mudou nada, meu Deus.

Liberte essa mulher da obsessão pelo meu homem.

— Nem queira saber. Sawyer tentou procurar encrenca, mas eu nem dei bola.

— Quero saber de tudo. Preciso de provas o suficiente para armar um plano bem bolado contra seu namorado.

E ela ainda tem coragem de falar assim, na maior cara dura. Às vezes acho que ela deve estar só zoando.

— Me conte sobre o tal plano depois. Ainda vou tentar tomar uma xícara de café.

— Não demore, Marianne. Alan já está quase botando um ovo.

— Mande Alan sossegar. Tchau.

Desligo o celular, jogo-o dentro da bolsa junto com quase tudo que está sobre a cômoda. Inclusive a cartela do anticoncepcional.

Eu a pego e algo me vem à mente. Fico parada no quarto olhando para a cartela em minha mão.

A imagem de Sawyer me agarrando em todos os lugares toma minha memória. Sou obrigada a me sentar e pedir ajuda as minhas

Mariannes. O que aconteceu que eu devia lembrar?

Todas as minhas meninas interiores olham uma para as outras sem entender. Continuo olhando fixamente para a cartelinha na minha mão. Não consigo mais pensar porque sou interrompida. Sawyer entra no quarto. Olho para ele e quase tenho uma síncope.

É lícito esse homem andar por aí desse jeito?

Ele está com roupa de academia. Camiseta regata preta, com uma roda de suor abaixo da gola, shorts daqueles de jogador de futebol marcando as belas coxas e um Ipod preso no braço. Ele tira o fone do ouvido e sorri para mim. Vem em minha direção e dá um beijinho nos meus lábios. Ainda estou inerte pela imagem à minha frente.

— Já tomou café? — pergunta, retirando a faixa que prende o Ipod no braço.

— Onde você estava? — Ainda não consigo desviar os olhos dele.

Pelo amor de Deus, tenha foco, Marianne, você precisa trabalhar. Agora.

— Fui correr no parque. — Ele senta para tirar o tênis. — Você estava desmaiada na cama,

por isso nem chamei.

— É... eu...

Droga, estou gaguejando como se eu nunca tivesse visto esse homem, eu conheço cada pedacinho desse corpo à minha frente, não devia ficar assim como se fosse a primeira vez que eu estivesse vendo-o. Sawyer continua me encarando porque eu não respondi. Como posso dizer algo se estou vidrada nele?!

— O que foi?

Ele pergunta, arqueando a sobrancelha. Até minhas Mariannes se esqueceram de procurar a coisa que eu deveria lembrar, estão paradas estateladas olhando para a imagem da perdição à frente.

Quando Sawyer levanta o braço e passa a mão pelos cabelos, eu desisto de resistir. Tomo café depois no escritório. Vou usar esse tempo para outra coisa.

Olho meu relógio de pulso.

— O que podemos fazer em quinze minutos?

Ele me olha sem entender. Depois acho que teve uma eureka e dá um sorriso malicioso.

— Está me achando gostoso, não é?

— Você é um desastre para minha vida, Graham. Eu estou atrasada, mas não vou conseguir trabalhar se não tiver um pouquinho disso.

Aponto, sem jeito, para o corpo dele.

— Então, venha, pegue o que quiser.

Ele relaxa na poltrona e eu me dispo na velocidade da luz. Não permito que ele mova um músculo sequer se despindo. Eu quero ter o prazer de fazer isso.

Para alguns pode parecer nojento, eu mesma nunca poderia me imaginar fazendo isso, mas não consigo conter meus lábios, tenho que beijar o pescoço dele. E fico abismada ao perceber que ele não está fedorento, apesar de suado. Ao contrário, deve ter tomado banho antes de correr porque ainda está com vestígios do cheiro de algo que usou. Sabonete líquido, talvez, beijo o pescoço dele, sentindo a pele salgada, depois seus braços e peço para ele levantá-los para eu tirar a camiseta. Não posso demorar muito degustando-o, pois tenho menos de 15 minutos.

Então nossas bocas se encontram e eu quase infarto com o beijo que ele me dá. Sawyer

está apenas de short fino me abraçando com esses braços apolíneos ainda levemente suados. O sabor dele, o cheiro dele, a pele quente e o volume crescendo dentro do short me deixam como um vulcão. Eu tiro a calcinha, puxo o short dele junto com a cueca e Sawyer me ajuda a deslizar em cima dele.

Meus braços envolvem o pescoço forte e nossos lábios continuam a engolir o outro. É cada chupada gostosa que eu quase gozo. Lá embaixo, ele começa a se mexer bem lentamente enquanto se afasta para ver a reação em meus olhos.

— Gostosa. Rebola um pouquinho, Mary.

Eu atendo imediatamente. Sento até o fim e o sinto me preencher, nossas carnes pulsando juntas, o peito quente dele sob meus dedos, seguro firme e remexo o quadril fazendo um círculo, sentindo-o todo em toda sua grossura e intensidade. Gememos juntos. Volto a subir e descer, sem parar de gemer.

Ele deixa minha boca de lado e se concentra nos meus seios.

Cacete! É muito gostoso. Não apenas o fato de ele estar me penetrando em um ritmo alucinante,

mas todo o conjunto em si. As pernas dele embaixo de mim, a visão dos braços fortes. Ele é muito malhado. Meu cheiro se misturando ao cheiro de Sawyer e os dois juntos se unindo com cheiro de sexo.

Seguro nos cabelos desalinhados dele e cavalgo com vontade. Meu quadril sobe e desce em uma precisão impressionante até que chegamos ao ápice. Dessa vez, ele goza primeiro, eu o seguro prendendo-o na poltrona, aperto os músculos vaginais contra o pau dele, e Sawyer geme alto. É a cena mais excitante que já vi e isso me faz acompanhá-lo no gozo forte.

Terminamos e ele desaba na poltrona, apoiado nos braços da poltrona e eu fico deitada sobre o peito arfante e suado. É uma visão impressionante, ele parece ter sido apanhado por um tornado. O short e a cueca estão abaixados até metade das coxas, os cabelos desgrehados e os lábios entreabertos.

— Furacão Marianne. — Ele parece ter lido minha mente e visto a analogia que fiz com o furacão. — Fui pego desprevenido.

Dou uma risada e um beijo nele antes de

levantar.

— Aonde vai?

— Trabalhar. Estou atrasada. Troquei o tempo do café por você.

Sawyer não deve ficar desse jeito tão provocante. O corpo suado, as roupas de baixo arriadas, o pênis caído de lado, meio mole, meio duro e um sorriso tolo nos lábios.

— Trocou um café por mim? Estou lisonjeado.

— Vá tomar banho, Sawyer, antes que eu faça uma loucura.

Viro-me de costas para ele e visto meu vestido. Atrás de mim, ouço a gargalhada irônica.

Ele é mesmo um pervertido. Mas é o pervertido que amo. Dou um sorriso e balanço a cabeça em negação, me sentindo feliz como nunca estive antes. Já vestida, vou para o espelho, olho meus cabelos, pego a bolsa e viro-me. Sawyer já se levantou, tirou completamente o short e a cueca e está vindo na minha direção.

— Estou atrasada, Sawyer. Tchau. — Mando um beijinho para ele e saio voando do quarto antes que ele toque em mim. Se ele me
NACIONAIS - ACHERON

tocasse, seria impossível eu resistir.

Chego em velocidade recorde no escritório. Candice e Alan já me esperam. Eu os acalmo e peço a Gaby que me traga uma xícara de café e um *donuts*.

— Demorou mais do que devia, Marianne.

— Candice vai comigo para a sala de conferências.

— Calma, está tudo sob controle.

Na minha mente algo ainda martela.

Sabe aquela sensação estranha de estar esquecendo algo? Mas o que, meu Deus? O que eu esqueci?

Estava prestes a lembrar hoje mais cedo, mas Sawyer veio e interrompeu meus pensamentos, agora não tenho tempo para recordar de mais nada, uma reunião me espera. Vou conseguir lembrar mais tarde, quando ficarei sozinha.

VINTE E QUATRO

MARIANNE

Três dias se passam e devo agradecer a Deus por nada ter acontecido comigo e Sawyer nesses dias. Não tive mais notícias de Ryan e nem quero ter, Sawyer parece ter esquecido disso e, por alguns instantes, me sinto em uma vida normal de casada. Eu acho que gostaria de ser casada com ele, porque o prelúdio que estamos vivendo é bom. Agora, no meu balanço de vida, posso incluir nas minhas posses: sou dona do próprio negócio, tenho um carro e casa própria e o namorado dos sonhos. Às vezes até acho estranho tanta perfeição.

Há dois dias, tive um momento revelador. Sawyer recebeu três homens em casa e fiquei fascinada. Não por ter tanta testosterona junto, afinal não tenho olhos para mais ninguém que não seja meu ex-terapeuta. Mas os quatro juntos

formam um grupo tão bem sincronizado que parecem irmãos. Juntos são uma explosão de pura gostosura.

Sawyer me contou que os quatro fazem tudo juntos. São donos de um clube particular com golfe e piscina para a elite passar o fim de semana com a família. Também são donos de um centro de luta e ainda praticam alguns esportes juntos. É bom saber que Sawyer, apesar de sozinho na vida, tem amigos que o consideram um irmão.

Rick e Sawyer se conheceram quando eram garçons no bar em que Sawyer diz ter trabalhado. Larry e Nelson conheceram Sawyer em um acidente de trânsito. Dá pra acreditar? Ao invés de dar briga entre eles, isso originou uma amizade duradoura.

Assim que eu cheguei do escritório, vesti uma roupa mais confortável, Sawyer não aprovou meu short de alfaiataria, disse que era muito curto e que os amigos dele eram meio cuzões. Eu tive que trocar por um vestido de verão. Nunca fui de dar ouvidos a ordens de homens, na verdade eu nem tive homens em minha vida. Apenas um que nem ligava para como eu me vestia. Entretanto eu gostei

um pouquinho da possessividade do meu namorado ciumento.

Enquanto ele saía para comprar cervejas, eu preparei uma tábua de frios e assei pastéis de palmito e carne, uma receita de mamãe. Nada para impressionar, mas o suficiente para manter quatro homens adultos bem alimentados. Ainda mais se eles comessem como um javali, igual a um homem que eu conheço.

Agora estou dentro do carro com Sawyer. Haverá uma coletiva de imprensa na qual ele pretende esclarecer algumas coisas. Candice também vai, ela nos encontrará lá. Convencê-la a entrar comigo no projeto de construção do hotel de Sawyer não foi tão difícil, afinal ele sabe jogar. Candice ficou feliz em assinar seu nome nas plantas do hotel. Como não podia ficar? Até Leopold, que também não vai com a cara de Sawyer, disse para a esposa que não se deve misturar negócios com outros sentimentos. Ela precisa saber diferenciar.

No final, todos ficamos felizes. Sei que Sawyer pode encontrar os melhores arquitetos, mas ele prefere dar uma chance a nós duas. O esperto

está tentando ganhar a confiança de todos que me rodeiam.

— Apreensiva? — Sawyer me pergunta.

É estranho viajar com ele no banco de trás de um carro. Ele me contou que usa motorista e seguranças apenas em algumas ocasiões, essa é uma delas. Me sinto uma dessas namoradas de milionários que nunca dirigem o próprio carro. Apesar de insegura, isso deslumbra qualquer mulher.

— Vou sobreviver. — Dou um sorriso para ele.

Sawyer segura minha mão. Olho para nossos dedos entrelaçados. Me aproximo mais dele e encosto a cabeça em seu ombro.

Meus lábios se curvam quando volto há três dias quando os amigos deles chegaram em casa.

Henrique, eu já conhecia, os outros dois não conseguiram esconder a luxúria quando me viram. De certa forma, uma mulher fica orgulhosa por saber que tem algum efeito sobre os homens. O de cabelos loiros e olhos acinzentados é Larry. O outro, Nelson, usa cabelos bem rentes à cabeça,

quase raspados em estilo militar e é negro.

A contragosto, Sawyer me apresentou a eles e ficou o tempo todo ao meu lado, envolvendo minha cintura com o braço. Depois me contou que se arrependeu amargamente de ter levado aqueles dois lá. Eu me fingi insultada e disse a ele para confiar em mim, mas ele fez uma cara de deboche e disse que confiava em mim, mas não nos seres que usavam calças e tinham um pau entre as pernas. Não quando ele tinha uma linda mulher ao seu lado.

Nelson e Larry eram homens grandes como Sawyer e Henrique. Não tão bonitos como meu namorado, mas tinham algo que atraía olhares. Eram fortes e tinham tatuagens como Rick e Sawyer. Lembro-me novamente de Candice, as meninas e eu assistindo aos jogos na universidade. Sabe aqueles caras que emanam virilidade e são másculos pra cacete? O *quarteto fantástico* à minha frente é assim. Fiquei olhando o conjunto e pensei que eles poderiam facilmente se passar por lutadores de MMA ou jogadores de futebol americano ou... prostitutas de luxo. Quem não pagaria para transar com um deles? Na verdade, eu paguei para transar com um deles. Não

NACIONAIS - ACHERON

tecnicamente, afinal, Sawyer nunca aceitou meu dinheiro.

— Sua casa ficou mais bonita agora, Graham — disse Nelson com os olhos pregados em meu corpo. — Por causa dela, claro.

— Tem certeza de que não está sendo forçada a ficar aqui, Srta. Cooper? Afinal, você é muita coisa para esse cara.

— Parem de passar cantada na minha garota, vão procurar uma para vocês.

Sawyer virou-se e foi para a cozinha pegar cerveja a contragosto, pois não quis me deixar sozinha na sala de jantar com os três. Eu os levei até os sofás e me acomodei em uma poltrona em frente a eles.

— Ouvi dizer que você produz filmes independentes — digo para Nelson. — É sobre o quê?

Ele encara os outros dois com os olhos levemente arregalados. Será que falei algo que não devia? Eu me pergunto, tentando não reagir. Até que ele sorri e responde.

— Cópula. Entre animais.

— Que legal. — Já imaginei

documentários como os da Discovery. — Traga alguma coisa para eu assistir qualquer dia.

— Trarei.

Sawyer voltou com as cervejas e a conversa fluiu leve e saudável. Eu nunca ri tanto como com esses quatro juntos. Os comentários safados dos rapazes são os melhores, as ameaças de Sawyer são épicas. Ele olhava com uma cara de psicopata para os amigos e, por um instante, achei que fosse se levantar e estrangular um. E eles nem se importavam, continuavam insinuando coisas e se exibindo para mim. Naquele momento, notei que a amizade deles é muito forte e duradoura, pelo nível de intimidade que eles têm entre si.

Por que isso não aconteceu quando estava no ensino médio? Eu teria ficado super envaidecida se tivesse um bando de homens bonitos se insinuando descaradamente para mim.

Sawyer os mandou embora para casa quando Larry me perguntou se eu já tinha feito sexo a três.

Eu fiquei meio constrangida e respondi que não.

— Larry! Filho da puta! — gritou Sawyer,

advertindo.

— Calma aí, Graham. Eu só ia dizer que se vocês estivessem pensando no assunto, eu gostaria de ser a prioridade. Adoraria participar de algo que a envolvesse.

— Agora chega, vocês já beberam demais por minha conta. Vão embora, seus gambás. — Ele se levantou em um sobressalto.

— Sawyer! — Eu me levantei também o repreendendo.

— Eu sei o que estou fazendo, Marianne. É melhor eles irem antes que a polícia tenha que isolar todo esse andar por causa do assassinato que haverá aqui.

— Tudo bem, Mary, nós já conhecemos o doutorzinho. — Nelson dispensa meu pedido de desculpas e os três vão para a porta. Sawyer e eu os acompanhamos.

— Vou marcar um almoço com vocês outro dia — digo, tentando encontrar uma forma de me desculpar. Onde já se viu mandar as visitas embora?

Deixo que me cumprimentem com um beijinho no rosto. Sawyer está vermelho de raiva e

praticamente dá um pé na bunda de Nelson quando ele se vira para mim e diz:

— Mary, no dia que se cansar dele, sabe onde me encontrar.

Agora, no carro, eu saio dos meus devaneios porque tenho um leve mal-estar. Torço para que seja apenas nervosismo, mesmo sabendo que não é. Isso me faz recordar também sobre o que aconteceu hoje pela manhã. Eu tive tontura e enjoo, acho que é algo com que devia me preocupar. Ainda tenho uma pulga atrás da orelha me dizendo que há algo para me preocupar. Esse enjoo matutino, somado às minhas fracas emoções, ultimamente me fazem chorar à toa... e essa noite, fiquei acordada um bom tempo, cogitando algo que me deixou trêmula. Algo que me deixa aflita. Uma possível gravidez...

Não!

Mas não é impossível. Sawyer e eu fizemos sexo desde que nos conhecemos, protegidos... na verdade...

Então me lembro.

No hotel dele, antes de eu viajar para o cruzeiro. A camisinha estourou e era disso que eu

deveria lembrar. Eu prometi a Sawyer que tomaria a pílula do dia seguinte e acabei esquecendo.

Maldição!

Meu corpo gela e eu fecho os olhos com medo. Tenho que fazer as contas para saber há quantos dias o acidente aconteceu e esperar avidamente que meu ciclo menstrual esteja em ordem.

— Ei, tudo bem? — Sawyer levanta meu queixo e olha meus olhos.

— Nervosismo, apenas.

— Senti você estremecer.

Ele diz, me beijando.

— Estou ótima. — Sorrio para deixá-lo calmo e tento ficar mais calma.

— Chegamos. — Sawyer sussurra. Tudo na vida dele é novidade para mim e estou adorando que ele queira compartilhar desde os amigos pervertidos até os holofotes.

Pelo menos por esse momento, vou esquecer uma possível e fatídica gravidez. Tudo pode ser belo ao lado dele, mas uma gestação não é bem-vinda, não quando o possível pai não sabe o

que quer da vida.

Vou ter que criar coragem e ir até uma farmácia comprar testes. E o mais importante, devo agir com muita naturalidade para que meu namorado meio psicanalista não perceba.

Entramos no hotel dele e somos levados a uma sala que está preparada para a coletiva. Olho de soslaio e vejo alguns canais famosos de TV, e representantes de revistas e jornais.

Sawyer me conta que ficou algum tempo fora da mídia e que os boatos sobre a vida dele a deixaram alvoroçada para saber o que realmente estava acontecendo.

Respiro fundo, tento parecer elegante como Michele Obama ao lado do marido e até ensaio um sorriso e respostas prontas. Que Deus me ajude a não desmaiar diante das câmeras.



SAWYER

— Seja bem-vinda, Srta. Cooper. — Arthur

cumprimenta Marianne e depois vira-se para mim.
— Já está tudo preparado, Sr. Graham.

— Obrigado, Arthur.

Eu seguro na mão de Marianne e sigo meu funcionário. Não preciso ficar alerta com Arthur como tive que ficar quando aquele bando de arruaceiros foram até minha casa. Ainda fico explodindo de raiva quando penso nas frases de duplo sentido que aqueles três lançavam. Até Henrique ficou alegrinho depois de beber. Ele me paga. Acho que estão acostumados a sempre haver muita intimidade entre a gente, mas com Marianne é diferente. Só de pensar em um deles fantasiando com ela, eu fico pirado de ódio.

Agora outro pensamento me incomoda. Estou morto de medo por dentro, mas, por sorte, não demonstro. Marianne parece nervosa, mas nada pode ser comparado ao que sinto. Antes eu não tinha medo de entrevistas, nunca precisei esconder nada, se algum dia algum repórter bisbilhoteiro descobrisse a ligação entre Sawyer Graham e Tyler Carter e fizesse uma pergunta sobre meu passado, eu simplesmente daria de ombros e responderia. Agora não é mais assim. Eu a tenho e ela não pode

saber de algumas coisas que fiz. Não até eu criar coragem e contar.

Marianne e eu fomos conduzidos ao lugar preparado. Vários jornalistas estavam acomodados em cadeiras na frente de um belo sofá onde nos sentamos.

Marianne está a visão da glória ao meu lado. Estou com o ego inflado de apresentar uma mulher tão estonteante como minha. Todos ficam cochichando e acho que se perguntando sobre o que ela está fazendo ao meu lado. Ou melhor, quem é ela. Candice chega junto com Alan e Leopold e acena para nós dois. Marianne e eu os cumprimentamos de longe, eles se acomodam nas poltronas laterais, junto com a equipe do meu hotel e Joaquim Mafra e sua namorada. Henrique também está aqui já que será um dos parceiros e haverá uma filial da sua academia no hotel. Ele está de terno, mas sem gravata. Junto a ele há outros parceiros de negócios. Minha equipe e aliados crescem a cada dia.

— Boa noite a todos. — Eu os cumprimento e respiro para começar a falar. — Eu requisitei essa coletiva para dar explicações formais

e reais, apresentar meus projetos futuros e — aponto para as pessoas ao lado — amigos e parceiros que estarão comigo nessa jornada. Há algumas semanas, surgiram vários boatos de várias espécies sobre mim e, somente por isso, fui obrigado a me explicar. Como é de conhecimento de alguns, eu vou me aposentar das atividades de terapia. — Quando eu revelo isso, a sala toda fica imersa em burburinho de perplexidade. Eu tenho uma carreira promissora como terapeuta, é o mesmo que um ator anunciar do nada que não vai mais atuar. Espero todos se aquietarem e continuo. — Isso se dá devido a duas coisas. A primeira de todas: meu hotel. Esse hotel foi uma descoberta para mim e não vai me prender e estressar tanto como várias seções de terapias por dia e por semana. Um terapeuta também sofre, às vezes precisamos de ajuda de outro terapeuta para aliviar nossa carga emocional. — Dou uma de profissional.

Todos riem, eu espero o silêncio voltar e continuo.

— O fato é que meu sonho de verdade nunca foi ser um terapeuta. E agora, depois de ter comprado esse hotel, eu percebi minha verdadeira

NACIONAIS - ACHERON

vocação. — Minto descaradamente, minha vocação desde os dezesseis anos foi apenas a sacanagem. Marianne olha para mim nitidamente tentando controlar a risada. Querendo ou não, ela sabe qual é a minha verdadeira vocação.

— Mesmo saindo agora, fechando meu consultório, acabo de fechar um contrato com uma emissora de TV. Isso mesmo, vocês me verão de agora em diante algum dia da semana em um programa inteiramente meu, dando conselhos terapêuticos, sexuais e comportamentais.

Isso é verdade. Ainda não assinei com a TV, mas já está quase tudo certo. Os jornalistas anotam tudo e tiram fotos.

— A segunda coisa que me fez mudar de profissão foi essa linda mulher ao meu lado. — Aponto para Marianne e ela sorri sem jeito. — Eu preciso de mais tempo com minha nova namorada e a terapia estava me deixando sem folga alguma. Quero apresentar a vocês Marianne Cooper. Além de ser minha namorada, ela é oficialmente a designer que cuidará da construção do meu novo hotel.

Agora o burburinho na sala foi bem mais

alto. Essa foi uma notícia que ninguém esperava. Sawyer Graham namorando. Eu jamais apresentei alguém como legítima. Não era à toa meu título de playboy ou ceifador de vaginas, como o Sr. Oscar Cooper gosta de nomear. Marianne dá um sorriso tímido em direção aos flashes incessantes.

— Ela, juntamente com sua parceira Candice — aponto para Candice —, uma arquiteta promissora, estarão à frente das obras. Candice, por favor.

Eu peço e Candice fica de pé dando um aceno para as pessoas na sala.

— Dr. Graham.

Um repórter me chama quando Candice senta. Eu dou um sorriso indicando que ele poderia continuar a pergunta.

— Ela, Marianne Cooper, é uma possível noiva?

— Estamos ainda aproveitando o namoro. Vamos ver se vai progredir.

Marianne estremece ao meu lado e eu agarro a mão dela. É um comentário precoce esse que acabei de falar, mas é necessário para dar credibilidade ao nosso relacionamento. Ela não

olha para mim, mas sei que seu rosto está levemente pálido.

— Não é meio antiético ter relacionamentos com funcionários? Pois é isso que ela será do senhor quando as construções do hotel começarem. — Um atrevido com cara de sonso retruca. Eu não me deixo abater por uma pergunta tão idiota. Dou um sorriso e respondo. — Não, pois já estávamos juntos antes das obras começarem.

— Será que a Srta. Cooper pode nos dar uma palavrinha? — Uma jovem loira pergunta. — Afinal, todos sabemos como o senhor teve muitos... relacionamentos.

Droga. Eu a reconheço. Ela é uma ex-paciente. Fico atônito diante de uma possível ameaça. Marianne nem percebe o meu desconforto e dá um sorriso cativante antes de responder.

— Pois não, pode perguntar.

— Como conheceu o Dr. Graham? É uma ex-paciente?

— Conheci Sawyer quando fui reformar o consultório dele. Decidimos firmar o namoro há pouco mais de 15 dias.

— Então ainda está conhecendo-o? Sabe

como era a terapia dele?

Marianne nem olha para mim e sei que ela já percebeu o truque da jovem. Sem titubear ou ficar desconfortável, ela responde dando de ombros.

— Ele me fez acreditar que eu tinha sérios problemas, no fim, eu fui de designer à paciente dele e agora acho que subi um patamar como namorada.

Todos riem e a loira se senta frustrada. Olho orgulhoso para ela. Nós dois trocamos olhares cúmplices.

— Onde será o novo hotel? — Outro repórter pergunta e fico aliviado por ele ter mudado de assunto.

— Washington, capital. E um outro menor, na Filadélfia, mais futuramente.

— Não são próximos demais?

— Sim. Isso foi o planejado. Tenho que espalhar a fama dele em cidades vizinhas. Depois vou expandir o nome do Kayla para outros lugares. Nebraska, Arizona, Califórnia. E por fim, outros países, como Brasil, Inglaterra, Austrália.

Marianne e eu continuamos a responder
NACIONAIS - ACHERON

juntos sobre o hotel e nosso relacionamento. Depois dou voz aos parceiros, Joaquim responde algumas perguntas, a mídia é meio obcecada por ele por ter se envolvido com uma Condessa, por causa da namorada dele e por várias outras coisas sobre a vida dele. A mídia o ama, quer dizer, ama falar dele. Fiquei aliviado quando os urubus foram sobrevoar Henrique, Joaquim e os outros que farão parceria comigo.

Devo mesmo agradecer aos céus por nenhum desses repórteres ter feito bem o dever de casa, ou então estariam aqui com uma pergunta bombástica.

Dou por encerrada a coletiva e saio com Marianne para nos encontrarmos com Candice e o marido dela, em meu escritório.

— Obrigado por estar aqui, Candice. E por ter aceitado estar com a gente de agora em diante. — Tentei ser o mais polido e educado possível. — Leopold, muito obrigado por ter vindo. — Aperto a mão dele.

— Sabe que não faço nada disso por você — diz Candice sem perder a pose.

Leopold concorda com ela:

— Sim, estamos aqui por Marianne.

— Eu sei disso. A empresa de vocês agradece pelo seu bom senso. — Respondo a Candice.

— Olha, Sawyer, eu não sei ainda o que você pretende com tudo isso. Dando coletivas, apresentando Marianne como legítima namorada, tentando parecer um magnata honesto, que sei que não é. Mas vou dar um pouco de credibilidade por causa dela. — Candice aponta com o queixo para Marianne que está indiferente à nossa conversa. Ela discute algo com Alan.

— Essa credibilidade já basta.

— Eu prefiro mesmo acreditar que você não vai fazê-la sofrer. Essa garota é a irmã que não tive. — Leopold instiga, mas, se os dois estão pensando que irei brigar, estão enganados. Hoje é meu dia de festa e nada vai me fazer perder a paciência.

— Eu conheço o valor dela. — Retruco imediatamente.

— Eu acho bom mesmo.

— Agora, mudando de assunto — Candice intervém —, quando nós poderemos conhecer o
NACIONAIS - ACHERON

terreno? Preciso começar a desenhar a planta.

— Quando quiser. Eu tenho algumas ideias que a gente pode colocar no papel.

— Claro. Quero saber cada uma delas.

Pela primeira vez, ela dá um sorriso e caminhamos para a mesa na qual Marianne e Alan discutem sobre algo na tela do computador.



Decidimos ir logo a Washington para ver o terreno, aproveitando o jatinho que fretei para levar a equipe do hotel de Nova York a Washington sempre que precisarem. Mas logo terei meu próprio avião. As duas, Mary e Candice, ficaram verdadeiramente encantadas com o lugar. Fiquei de longe apenas observando os **três** andarem de um lado para outro, conversando, gesticulando, tirando fotos.

Será que já posso me considerar um cara de sorte? Estou mudando de vida mesmo, acho que um dos significados das minhas tatuagens começa a se realizar. "*Superação.*"

Se seis meses atrás alguém tivesse me contado, eu não acreditaria. Tenho uma namorada que é o desejo de qualquer marmanjo, comprei um hotel e já estou prestes a construir outro. Tem como ficar melhor?

A pergunta não é essa. Será que algo pode dar errado? Pergunto a mim enquanto observo Marianne e os dois amigos apontarem para os lados, medindo algumas partes do terreno com uma trena.

Não creio que algo possa dar errado, pelo menos não a curto prazo. Tenho tudo sob controle. Meus três amigos já conhecem Marianne e estão devidamente avisados para manter o bico fechado.

Candice mantém uma postura agressiva e desconfia de mim até quando estou dormindo. Mas sei que ela já me aceitou como namorado da amiga. Jill desapareceu e não deu mais notícias, Amanda não sabe do meu envolvimento com Marianne pelo menos até agora, mas a qualquer momento saberá pela mídia. Tenho que esperar por Amanda, me preparar para enfrentá-la. Sei que ela vai aparecer a qualquer momento agora que revelei ao público meu namoro. Ou melhor, algo me vem à mente.

Vou contar sobre ela a Marianne. Armar uma história falsa sobre Amanda e, quando ela vier, Marianne já estará com a cabeça feita. Penso nessa solução satisfeito.

Depois que eles terminam, decidimos ir a um restaurante jantar. Nunca me imaginaria jantando com Candice. A gente brigou feio semanas atrás quando eu descobri sobre Ryan e tentei coagi-la a contar tudo a Marianne. Mas, no fundo, eu também tinha culpa, pois poderia ter contado.

Faço de tudo para deixá-la à vontade e não ter o que falar de mim. E tudo dá certo, voamos novamente para Nova York.



Minha banheira é bem maior e mais confortável que a de Marianne. Tomei mais um gole de vinho, deixei a taça de lado e recostei na borda da banheira. Sentada entre minhas pernas, recostada em meu peito, Marianne toma um dos meus braços e começa a acariciá-lo.

— Hoje nosso dia foi produtivo. — Ela sussurra.

— Fiquei assustado por Candice estar tão passiva.

— Eu conversei com ela antes, Candice precisa deixar de infantilidade, de se meter onde não deve. Ou melhor, vocês dois precisam deixar de infantilidade.

— Eu?

— Claro. Você também é implicante.

— Entre outras coisas. — Eu sussurro no ouvido dela e mordo de leve o lóbulo macio.

Ela curva o pescoço de lado para que eu possa mordê-lo. Debaixo da água meu pau começa a animar.

— Espero que essa coisa me cutucando por trás seja o chuveirinho que caiu aqui dentro.

Dou uma gargalhada, fazendo-a rir também.

— Por que você não enfia a mão para saber o que é?

É hora dos meus braços agirem. Eu levo uma das mãos ao seio molhado dela. A pele

acetinada está úmida e quase vou à loucura. Sigo rápido com a outra mão para as pernas dela e desço de encontro ao ponto que já está pulsante. Mesmo fora da água, ela já estaria úmida. Marianne arqueja para trás e descansa a cabeça no meu ombro enquanto eu me divirto e fico cada vez mais duro.

Brinco com o mamilo dela, bem devagar. Os gemidos me embalam e eu prossigo sem parar, quero mais, quero ouvir mais, ouvi-la gritar e gemer de tanto prazer. Não há coisa melhor que fazer amor com ela, desde a trepada acrobática que nos deixa suados e semimortos a um sexo lento e carinhoso com ela embaixo de mim e cada um saboreando o que o outro dá, terminando com ela caidinha enrolada no meu corpo.

Claro, que toda vez que caímos no "papai e mamãe", eu consigo turbiná-lo tornando uma experiência fascinante para ela. É algo que jamais imaginei que pudesse gostar tanto. Minha vida já não é a mesma há muito tempo e não quero mudar nada disso. Não quero pensar em dormir e acordar sozinho, em ficar a noite sem nada para fazer ou ninguém para conversar, não quero ter que pedir pizza só para um ou não ter mais esse cheiro de mulher em cada canto da casa. Quando chegar o

NACIONAIS - ACHERON

momento de eu me abrir para ela, Marianne terá que me entender, terá que me perdoar. Já perdi alguém que eu amava um dia e não quero perder mais ninguém.

Esse pensamento me atinge certo no peito. Claro que estou apaixonado por ela.

Seja sincero, Graham.

É mesmo só paixão? Como? Se a cada dia que passa não consigo mais me imaginar sem ela? Não me canso de acomodá-la em meus braços quando vamos dormir, de olhar para ela enquanto se arruma ou enquanto trabalha concentrada de óculos. Não me canso de amá-la.

É isso. *Amá-la*. Deixou de ser atração física há muito tempo. Eu amo Marianne. Mas ainda não é o momento de ela saber. Não quando não sei o que pode acontecer futuramente.

Acho que todos os homens sentem algum dia o que estou sentindo agora, o problema é que nós não conseguimos demonstrar isso tão bem como uma mulher. Alguns consideram amar um ato de fraqueza. Eu considero uma dádiva. Isso porque sei que Marianne também sente uma coisa boa por mim. Ainda não sei se é amor, mas não é

indiferença.

Continuo as carícias levando nós dois à loucura. Sei que ela gosta também, senão não estaria com a mão para trás me deixando pirado com os dedos em meu pau. Me ergo para fora da água e me sento na quina da banheira.

— Sente-se sobre mim. — Eu sussurro. Ela se vira e se acomoda em meu colo. Posiciono a cabeça do meu pênis na entrada dela e Marianne desliza. Os olhos fechados, a cabeça jogada para trás e meus lábios em seu seio.

Assim que estou todo dentro dela, ela se inclina para frente, coloca as mãos no meu peito e começa a comandar os movimentos. Firmo meus pés equilibrando nós dois e ajudo-a nas socadas lentas e fundas. Ela geme e desce, geme e sobe, eu com uma mão no seio dela, simplesmente não consigo tirá-la de lá, a outra mão na cintura delgada. Nossos corpos molhados chegam cada vez mais perto da liberação.

Que mulher gostosa, meu Deus!

Levo minha mão aos cabelos dela e a puxo para um beijo. Na verdade, com a gente nunca é apenas um beijo. Parecemos dois animais duelando

PERIGOSAS

por um pedaço de carne. Ela puxa meus lábios, chupa minha língua, nossos dentes se batem e caímos na gargalhada.

— Temos que ter calma ou vamos acabar machucados.

Ela ri e comenta:

— Nunca achei que sexo seria tão perigoso.

— Comigo é.

Nos beijamos novamente, é delicioso sugar com minha boca cada gemido que ela solta.

Marianne vai até o fundo, torna a subir e eu enrijeço os músculos. Queria que ela chegasse ao orgasmo antes de mim, mas é inevitável.

— Merda!

Eu mordo os lábios e ela os puxa dos meus dentes mordendo-os. Um sorriso safado cobre o rosto belo. Ela sabe que estou quase gozando e dá uma rebolada fenomenal e faz pressão contra meu pau. Pronto, meu controle já era.

Agarro-a enquanto gozo profundamente dentro dela, Marianne beija minha mandíbula e morde meu queixo.

NACIONAIS - ACHERON

— Ah! Como eu te adoro, Sawyer. — Ela sussurra e continua cavalgando.

— Eu digo o mesmo.

Puxo-a e coloco o seio em minha boca. Mordo e chupo até que ela goza também com meu nome em seus lábios enquanto se contorce segurando nas bordas da banheira.

Saímos da banheira, e nos enxugamos como um trabalho em equipe. Já é tarde da noite. Marianne seca os cabelos, eu passo um antitranspirante nas axilas e escovo os dentes enquanto ela continua se preparando para dormir. Visto uma cueca e vou para a cama com meu laptop.

Não há emails emergenciais. Respondo alguns e fecho o computador quando ela sai do banheiro. Usa apenas a toalha. Fico olhando-a ir para o closet. Marianne demora um pouco.

— Que tipo de cueca é essa? — Ela grita e eu me levanto para ver. Paro na entrada do closet e fico olhando ela analisar minha gaveta.

— Por que você precisa de tanta cueca? Algumas são bizarras.

— Eu ganhei muita cueca de pacientes. Eu

joguei fora algumas, mas guardei as mais legais, como a do Superman e a do Wolverine.

Marianne ergue a cueca azul e amarela do Wolverine e dá uma risadinha.

— Posso vestir alguma delas se você quiser.

Ela ignora meu comentário e ergue uma cueca com tromba de elefante.

— Que diabo é isso, Sawyer?

Dou uma gargalhada e me aproximo dela.

— Ganhei de uma paciente. Achei tão hilária que não consegui jogar fora.

Essa é a pura verdade e a mulher queria que eu usasse, pois tinha tesão nessas cuecas.

— Por que elas te davam cuecas?

— Tinham fantasia e esperança de me ver em uma dessas. Nunca usei nenhuma, pois tinha que manter a distância e o profissionalismo.

Mentira, muitas eu usei sim. Era por pouco tempo, logo em seguida já tinha que tirar para começar a foder.

— Então era só eu ter te dado uma cueca para você se manter distante de mim? Por que não

me disse isso antes?

— No seu caso, minha querida, se me desse uma cueca, iria só adiantar as coisas para mim.

Ela meneia a cabeça de lado e faz uma expressão de "*não estou acreditando no que estou ouvindo.*"

Ela volta a atenção à gaveta e ergue uma de oncinha.

— Fala sério, Sawyer.

— Deixe minhas cuecas e venha para a cama. Estou com ideias que envolvem cuecas.

— Algumas dessas? — Ela aponta para a gaveta e me olha com interesse.

— Não. Essa aqui. — Aponto para a cueca preta que estou usando. Ela olha e, quando levanta os olhos, eles já estão brilhantes de desejo.

— O que verdadeiramente sua ideia abrange?

— Algo que tenha a ver com sua boca, minha cueca e o que tem dentro dela.

— Não sei. — Marianne faz uma cara de dúvida. Ela podia ser atriz, interpreta muito bem

quando entra na brincadeira.

— Afinal, estou com ideias também.

— É? — pergunto em um sussurro enquanto minha mão acaricia o bojo do sutiã dela.
— Que ideias?

— Algo que envolve minha calcinha, sua boca e o que tem dentro da sua cueca.

Dou uma gargalhada e a abraço erguendo-a do chão e levando para a cama.

Deito-me em cima dela.

— Acho que hoje vamos dormir tarde de novo. — Eu murmuro enquanto me delicio com o sabor do pescoço dela.

— Essa nossa vida boemia precisa acabar.
— Ela chupa meu pescoço e se afasta. — Nossa! Você está cheiroso demais.

— Então quer acabar com nossa diversão noturna? E você está muito mais cheirosa.

— Algum dia a gente acaba com a vida pervertida na noite. Não hoje.

Nós dois rimos e selamos com um beijo as palavras. Agora é hora de misturar nossos cheiros, impregnar os lençóis e o quarto com o cheiro de

PERIGOSAS

sexo. Depois, dormir até que tudo comece de novo amanhã.

Há vida melhor?

NACIONAIS - ACHERON

VINTE E CINCO

SAWYER

Anos antes...

Acabo de levar um tapa no rosto, desferido por Amanda. Ela está incontrolável, inconformada com a decisão que tomei. Na verdade, fui obrigado a tomar.

Para um cara que foi avisado aos dezesseis anos e devia ter ficado longe de encrencas, leia-se mulheres, isso não devia estar acontecendo comigo.

Primeiro, tive que lidar com a obsessão desenfreada de Amanda que se julgava minha dona. Foi difícil conseguir independência, não completa, apenas morar longe dela. Foi difícil escolher o que eu queria fazer, ser dono da minha vida e seguir no grupo do Black Bull. Então, depois veio Jill e foi ainda mais difícil comê-la em paz, na hora que eu queria, sem a intromissão de Amanda.

NACIONAIS - ACHERON

Essa mulher boicota qualquer coisa que possa me trazer estabilidade. Mesmo tendo garantido que Jill não é minha namorada, que não estou procurando ninguém na minha vida, mesmo assim Amanda quer punir Jill de qualquer forma.

E agora, se já não bastasse, chega Beatrice. Gostosa, safada, boa de cama. Mas ficou viciada e acabou me metendo em um rolo sem tamanho.

Acabou tudo pra mim. Aparência antiga, modo de vida, Black Bull, Casa de Amanda. Até do meu nome estou abrindo mão. Nem sei ainda o que devo escolher no lugar de Tyler. E Amanda está transtornada por eu ter dado corda a Beatrice e agora ela está me enforcando.

— Saia da minha casa. — Eu grito para ela. Meu rosto ainda arde pela bofetada. — Você acha o quê? Que estou amando ser pressionado assim por aquela vigarista? Acha que estou adorando perder minha vida?

— Eu vou acabar com ela. — Sem nem se importar com meus gritos, Amanda anda na minha sala de um lado para outro, histérica. — Vou acabar com aquela desgraçada.

— *Você não vai acabar com ninguém. — Seguro forte o braço dela. Ela me olhou com vestígios de lágrimas nos olhos, o que me fez fraquejar por um segundo.*

— *Não pode deixar todos nós, Tyler. — Ela implorou em um fôlego sofrido.*

— *Não vou deixar, Amanda, pelo amor de Deus! É só a porra de uma encenação.*

— *Eu acabo com a sua vida. — Ela segura firme na minha camiseta. Os olhos brilham e sei que está falando a verdade. — Acabo mesmo com sua vida se deixar tudo para trás, se esquecer de quem você é. — Então me puxou, beijou minha boca e saiu rápido, quase correndo.*

Naquela hora, não me importei. Eu nem tinha uma vida para ela acabar.

Dias atuais...

Marianne chega acompanhada de Candice e senta ao lado de Dakota na arquibancada. É

domingo de manhã e estamos no estádio em que eu costumo jogar rúgbi com os rapazes. Eu vim antes, pois ela disse que passaria na casa de Candice para buscá-la. Foi uma surpresa eu saber que Candice iria me assistir jogar. Hoje, mais que tudo, tenho que fazer bonito, se bem que com aquela jararaca na plateia, com certeza, ficarei azarado. Olho e aceno para Marianne. Meu gesto chama atenção dos rapazes que olham para meu ponto de atenção.

— Não sabia que Mary vinha — diz Nelson, sorrindo e acenando para ela.

— Pois veio. Afinal eu sou o namorado dela, esqueceu?

— Como posso esquecer se você não para de falar?

Ele passa por mim e vai com Larry e Henrique para perto das garotas. Sou obrigado a segui-los.

— Oi, meninas. É um prazer ver uma plateia tão bela nos prestigiando — diz Larry com um sorriso que eu considero uma "tentativa de sedução". Henrique vai para perto da namorada, dá um beijinho em Dakota e eu faço o mesmo com Marianne.

— Oi, Candice. — Cumprimento-a e volto-me para os rapazes. — Esses são Larry e Nelson.

Ela sorri e cumprimenta os dois. Eles devem se lembrar de Candice, pois eu já comentei sobre ela. Mas não demonstram nenhum tipo de sentimento, a atenção volta novamente para Marianne.

— E então Mary? — Eles fazem questão de chamá-la assim e mostrar intimidade. — Preparada para ver a surra que seu namoradinho vai levar? — Larry e sua tentativa de presunção.

— Achei que todos jogariam no mesmo time — responde, olhando para mim como se buscasse por respostas imediatas.

— E vamos, não ouça as bobagens de Larry.

— Não significa que ele não vá sair machucado só porque não vamos jogar no mesmo time. — Larry dá de ombros. — Rúgbi é tão perigoso...

Reviro os olhos e me aproximo de Marianne para dar mais um beijo nela.

— Marque um ponto para mim, Saw! — grita e me dá mais um beijo dizendo que é de boa
NACIONAIS - ACHERON

sorte.

— E nós? Não vamos ganhar um beijo de boa sorte? — pergunta Nelson, dando uma piscadinha.

— Saiam daqui! Ou vão ganhar um soco de boa sorte.

Rick leva os dois para longe e eu peço desculpas para as três mulheres.

— Gostei deles dois. São bonitões e conseguem tirar seu namorado do sério —diz Candice para Marianne como se eu não estivesse ali.

— Por isso eu trouxe você. Sei que nós três vamos nos esbaldar assistindo esses gostosos pularem em cima dos outros, brigando por uma bola.

Marianne responde fazendo Candice e Dakota rirem. Eu olho atravessado para ela, que nem se importa. Estando com as amigas, acha que está segura. Sou obrigado a me afastar, sabendo que estou sendo ignorado na roda das mulheres.

O jogo foi, como sempre, sofrido. O time oponente era tão bom quanto o nosso, e eu não consegui manter a concentração. Sentia sobre mim

NACIONAIS - ACHERON

os olhos de Marianne e Candice. Uma torcia a favor e a outra, contra. Na verdade, Candice devia estar torcendo para eu cair e quebrar a perna. Isso não aconteceu e também não fiz o primeiro ponto. Nelson fez, beijou os dedos e fez um gesto como se os jogasse na direção de Marianne, como se dissesse que foi para ela. Dando em cima da minha garota descaradamente com um único objetivo: me provocar.

Eu me aproximei dele.

— Não brinque comigo, Nelson. Não olho se é amigo ou desafeto quando vou praticar um assassinato.

— Alguém nesse time tem que fazer um ponto para ela, já que você não fez...

Ele deu de ombros e correu para o outro lado voltando ao jogo.

Olho para a torcida e as três levantam copos vermelhos para mim, como se fosse um brinde. Marianne está adorando fazer chacota de mim só porque está salva protegida por uma arquibancada inteira. Hoje à noite ela me paga.

Volto ao jogo com mais garra e vontade. Marco duas vezes e ofereço a ela, que pula em mim

me beijando.

Assim que o jogo termina, os rapazes e eu vamos aos gritos para o vestiário.

— Roda de cerveja agora? Ou alguém aqui com namoradinha não pode ir? — pergunta Brendan, um outro colega de time, olhando sugestivamente para mim.

— Não só vou, como ela vai também.

Já tomei uma ducha e estou me vestindo quando outro colega vem e dá um tapa no meu ombro.

— Cara, quem te viu quem te vê. Quando vi sua entrevista dois dias atrás, eu fiquei me perguntando: qual a jogada dele agora?

— Não há jogada. Sawyer está com os quatro pneus arriados pela mulher — responde Rick, sentando ao meu lado para calçar os tênis.

— Quem não estaria? — Nelson vem para a rodinha de conversa. — Você viu a potência da mulher?

O nível de intimidade entre a gente dá oportunidade de ele falar assim. Afinal, era assim que sempre falávamos das garotas um dos outros.

— Nelson... — Eu apenas advirto.

— Qual é, cara? Estamos entre amigos. O que custa falar sobre isso como sempre falou? Você era o cara que ficava no meio da rodinha, relatando cada uma das performances de suas mulheres. — Nelson reclama.

— É verdade, sempre fazemos isso e você adora contar vantagem sobre suas pacientes. — Larry completa também se aproximando.

— Principalmente quando conseguia enrabá-las...

Eu me levanto vermelho de raiva.

— Deixe eu esclarecer apenas uma coisinha: eu contava porque eram apenas trepadas casuais. Mulheres que pagavam para ir ao meu consultório. — Levanto minha mão exibindo a aliança. — Estão vendo isso aqui? Com-pro-misso! Eu não vou partilhar a intimidade da minha garota com um bando de punheteiros. Vão se danar e deixem minha namorada em paz.

— Calma, cara! Também não é para tanto. A gente faz isso direto não achei que você fosse endoidar dessa maneira. — Larry recua.

Volto a me sentar. Esses caras, apesar de
NACIONAIS - ACHERON

tudo, são meus amigos e estiveram comigo nos meus piores e melhores momentos. Eu já os conheço e sei que tudo isso é apenas zoação. Nenhum de nós jamais encostaria o dedo na mulher do outro. Tenho ciúmes, é claro, e eles usam isso para me provocar.

Levanto os olhos e encaro os homens perto de mim.

— É isso aí, cambada de bunda mole. Eu estou mesmo a fim daquela mulher e vocês sabem como um homem é possessivo no quesito mulher.

Brendan toca no meu ombro.

— Nós entendemos, Graham. Se eu tivesse uma namorada daquela, eu jogaria pedras em quem tentasse se aproximar.

— Ok, mas você deixa a gente falar dela quando você não estiver por perto? — Nelson insiste. Eu sei que faz isso só para me infernizar.

— Vá falar do diabo, Nelson. — Rosno ferozmente. Ele e Larry riem por ter conseguido mais uma vez me ver puto. Logo eu que nunca liguei para nada, sempre deixei a vida me levar, contando os mínimos detalhes sobre as gatas que eu pegava. Eles também falavam das que comiam e

era uma festa. Mas agora é diferente. Agora sou capaz de bater em alguém que sonhar em falar de Marianne ou dos atributos dela.

— Deixem de falação, levantem esses traseiros e vamos para o bar. — Rick se levanta e pega sua sacola. Eu o sigo.

Vamos todos juntos para o bar, escolhemos uma mesa grande e a farra começa. Alguns dos meus colegas de time vão se sentar em outras mesas, outros ficam no balcão.

Até mesmo Candice está sentada com a gente, bebendo e rindo pra caramba, porque já está altinha. Ela, diferentemente de Marianne, é uma boca de litro. Bebe cerveja igual a homem. Marianne não é dessas cheia de frescuras, ela bebe também, só não consegue encher a pança.

Termino a farra quando percebo que até mesmo minha adorável namorada está ficando nas alturas também. Quando ela aceitou dançar com os rapazes, eu puxei Candice e grunhi como um animal.

— Pegue-a e a leve daqui.

— Não enche, Graham. Deixe a garota se divertir.

Eu semicerrei os olhos para ela. Candice apenas deu de ombros e foi com Dakota para a roda de dança.

Não foi fácil tirá-las de lá, mas consegui. Candice ainda tentou me insultar, mas eu venci quando Henrique me ajudou a colocá-la no carro. Ela e Marianne viajaram de cara amarrada. Aposto que ela vai falar com o marido que era farra das garotas.

Nunca achei que mulheres como elas iriam gostar de cair na farra com pessoas como meus amigos e eu. Foi mais uma descoberta na minha vida com Marianne.

Todos acharam que eu a tirei de lá porque ela estava começando a ficar bêbada, ou por eu estar com ciúmes. Mas ninguém sabia minha verdadeira apreensão. Larry e Nelson são línguas soltas quando estão sãos, imagina bêbados? Se eles soltassem alguma coisa sem querer? Foi melhor não arriscar.

E o melhor de tudo foi chegar em casa e dar um banho em Marianne. Ela ficou se insinuando, me tocando, apalpando, enquanto eu tentava ensaboá-la.

— Mary! Fica quietinha, preciso... merda.
— Ela segurou forte meu pau e massageou minhas bolas enquanto ria e mordida meu pescoço.

Consegui tirar a mão dela do meu pau duro e voltei a ensaboá-la. Não quero ser acusado de me aproveitar de uma mulher incapaz. Mesmo que ela seja minha namorada e que ela se aproveite de mim quase sempre.

Estava enxaguando ela, quando consegui agarrar meu pau de novo. Apertou com força e eu gemi.

— Tomei álcool, agora quero leitinho antes de dormir. — Meu saco contraiu com a declaração libertina dela. Passou a língua no meu peito, chegou ao meu ombro e mordeu forte.

Ah, safada do cacete.

Ah, meu pai do céu! Não terei forças para aguentar.

Desliguei o chuveiro, tirei a mão dela da minha rola e a enxuguei. Foi uma tarefa difícil, afinal, Marianne não parava quieta, cheia de gracinhas, dando risadinhas quando eu fazia ela parar de apalpar minha bunda ou morder meu peito. Levei-a para o closet, abri sua gaveta de calcinhas e

ela balbuciou:

— Para de mexer nas minhas calcinhas. —
Então me abraçou, pelada, por trás e meu corpo estremeceu.

Escolho qualquer uma das calcinhas e,
dentro dos braços dela, me viro de frente.

Rindo, Marianne esfrega os seios em mim.

— Vista-se, Mary.

— Não. Eu quero... transar muito com
você. — Arranhou de leve meu peito — Nada de
calcinhas. — Agarra mais uma vez meu pau, por
cima da toalha. — E nem de cuecas.

Segurei-a firme pelos ombros e, olhando
nos seus olhos risonhos, fui categórico ao afirmar:

— Você está bêbada, não vou me
aproveitar...

— Eu me aproveito de você então. — Ela é
ligeira em me interromper. — Para de ser bundão,
Graham. Quero que me coma bem gostoso. —
Termina sussurrando perto do meu ouvido. Meus
músculos vibram e meu pau implora, já obcecado.

— Marianne...

— Posso fazer o quatro para você ver,

quero dizer — ela ri manhosa —, posso ficar de quatro pra provar. Venha pra cama, Saw...

E quem sou eu para contrariar minha namorada?

Nada de calcinhas e nem cueca mesmo. Levei-a pra cama e foi um tornado lá. Marianne parecia ter tomado energético. Estava louca na cama e, quanto mais eu suava e fodia bem gostoso, mais ela gemia e pedia por mais. Os olhos brilhantes, um sorriso devasso nos lábios, parecia ter mil mãos. Apalpando todo meu corpo, arranhando minha bunda e minhas costas, sem falar nas palavras que me deixaram doido de tesão.

— Meu Deus. Eu estava louca por você quando estava jogando. — Ela confessou, sensual, a voz rouca. — Queria tanto montar em você, sentir esse seu pau delicioso me invadir, me sufocar de tão grosso e grande.

— Mary... sua... malvada! Te adoro, minha gostosa. — Pelo sorriso seguido da mordidinha dos lábios, ela adorou o que eu disse. Enfiou a mão nos cabelos atrás na minha nuca e me puxou para um beijo gostoso, de me fazer ficar triplamente duro e aumentar com gosto as estocadas.

— Me coma de quatro. Quero você por trás, Sawyer.

Jesus! A mulher estava insaciável. Estávamos já melados de suor, ela já tinha conseguido chegar a um orgasmo e eu já estava perto. Mas quem sou eu para negar um pedido da minha amada?

Ficamos de joelho na cama, um de frente para o outro, abraçados, beijando. Até que eu a empurrei para a cama, ela caiu rindo e ficou na posição que queria. Se arrastou e bem sexy, como se fosse uma profissional, foi abaixando até colar o rosto no travesseiro e a bunda ficar para cima, bem empinada.

— Vem, meu gostoso. Me faça acordar amanhã às onze de tão exausta.

Dei uma risada, abaixei, mordi de leve a bunda dela, dos dois lados, depois dei algumas lambidas fazendo ela se contorcer. Em seguida, me posicionei e deslizei para dentro. De uma única vez, não forte, mas uma única metida ininterrupta, gostosa e lenta. Até estar todo dentro. Dei uma girada breve com o quadril, me afastei sentindo tudo dentro dela se contrair e em seguida se esticar

novamente com mais uma socada, recebendo meu pau, se aderindo totalmente a grossura dele. A partir daí, foi pura festa. Com socadas profundas e rápidas dando ao quarto barulhos de foda. Gemidos, batidas de quadril na bunda e as metidas úmidas. Não fizemos amor de novo, mais uma vez foi uma deliciosa trepada com força, deixando nós dois caídos, suados e felizes, lado a lado na cama.

— Você se aproveitou de mim. — Marianne choraminga me olhando com beicinho. Incrédulo, de sobrelance levantas eu a encaro. — Estava incapacitada. — Ela continua.

— Ah, vá se danar, Marianne. Nem acredito que está dizendo isso. — Sento na cama e passo a mão no meu peito suado. Já fico com os sentidos em alerta pelo que ela acaba de falar. Imediatamente ela pula nas minhas costas.

— Brincadeira. Estava zoando você. — Começa a morder devagarzinho meu ombro. — Adoro te ver bravinho.

E isso porque estava bêbada. Reviro os olhos mentalmente.

— Cara, você é muito besta. — Resmungo. Ela ri e me sacode, me provocando.

Eu me viro e a derrubo na cama, contra os travesseiros e deito por cima, acomodando minhas pernas enroladas nas dela, nosso peitos grudados e nossas bocas bem perto. Marianne me abraça, e me encara, sorridente.

— De que está rindo?

— Estou rindo para você. Nunca fui tão feliz. — Confessa me pegando desprevenido — Adoro demais estar com você. Muito mesmo, você nem pode calcular.

— Talvez eu possa calcular. — Eu me remexo manhoso em cima dela — A cada dia que passa, também quero ficar mais com você.

— Isso foi fofo.

— Foi. Gosta do Sawyer fofo?

— Gosto. Fofo e que fode forte. Você me arrasa, Graham.

Eu me derreto. Passo o nariz no maxilar dela, chego à sua boca e puxo de leve seu lábio com meus dentes.

— Acho que tenho que entrar em alguma dessas igrejas e acender uma vela para agradecer aos céus por ter me mandado uma garota gostosa, linda demais, que me acha fofo e gosta de me ver

NACIONAIS - ACHERON

em ação.

— Te ver em ação, não. Participar com você da ação. Além disso, quem não gostaria de ver Sawyer Graham em ação?

— É. Quem não gostaria?! — Suspiro e para espantar os fantasmas do passado que vieram como um tiro em minha mente, eu começo a beijar o pescoço dela. Empurro o belo queixo dela para cima e abocanho seu pescoço.

— Você gosta do Sawyer fofo que fode com força e eu adoro a Mary bêbada, que fica toda assanhada.

— Vai me embebedar mais vezes?

— É algo a se considerar.

Rimos e voltamos a nos beijar. Meu pau estava encostado na boceta dela e com as mexidas dos corpos, logo ele começou a entrar e, em dois tempos, estávamos transando novamente. Dessa vez mais suave, tranquilos, degustando um ao outro. Fazendo amor ao meu modo.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

VINTE E SEIS

SAWYER

Uma semana se passou. Eu tenho percebido que Marianne está à beira de um surto nos últimos dias. Eu penso que deve ser muito trabalho, algo a está preocupando muito e já toquei no assunto, mas ela desconversa. Posso ver que seus olhos ficam parados em algum lugar e que seus pensamentos ficam vagando em um vale muito obscuro, algo que a deixa nitidamente em pânico.

Entretanto, hoje foi o meu dia de me sentir no fundo do poço. Hoje completa um mês exato que encontrei Marianne em Nassau. Um mês desde que tudo se resolveu na minha vida. Algo que eu achei que teria que comemorar se não fosse por um pequeno detalhe. É justamente hoje que também se completam 16 anos da morte de Kayla.

Dezesseis anos em que recebi a notícia que

matou todas as minhas esperanças.

Não quis me levantar da cama para correr e tentar esquecer. Não quis levantar e preparar um café para Marianne e para mim. Não queria me levantar hoje. Pelo menos, aqui na cama, tenho algum conforto.

Um dia eu pensei que superaria. Também pensei quando comprei o hotel, que fecharia um ciclo com Kayla, mas todo ano é a mesma coisa, no dia 14 de maio, eu me sinto um merda que não pôde nem proteger a única irmã. A pequena Kayla que sempre dependeu de mim, porque nossa mãe nem ligava para a gente.

Eu me lembro no colégio de como ela andava segura, sentindo-se respeitada pelos garotos, pois todos tinham medo de mexer com a irmã do Tyler valentão. E um dia ela precisou de mim de verdade e...

Não pude continuar deitado. A lembrança tomou todo meu corpo e minha mente e corri para dentro do banheiro. Liguei rápido o chuveiro e me curvei abafando o som do choro debaixo da água.

"— Kayla? Está em casa? — Em passos lentos, fui seguindo a direção do barulho, que

aumentava conforme eu ia andando. Passei pelo meu quarto, pela biblioteca e pelo banheiro. No fim do corredor, havia uma porta e de lá vinha o barulho que era algo como um resmungo grotesco com uma batida de algo na parede. O quarto da minha irmã. Toquei na madeira da porta, desci a mão para a maçaneta e girei devagar."

As lembranças me atingem em cheio e começo a reviver o momento fatídico.

Kayla está lá... sentindo dores, chorando e eu tinha que ajudá-la. Jamais me arrependerei de ter feito aquilo para salvá-la, naquele dia em que cheguei da escola.

Se estou chorando pela morte dela? Talvez, mas minhas lágrimas são de pura ira. Da mais pesada que um ser humano pode carregar.

Maldita hora em que fui para a escola aquele dia. Maldita minha mãe por ter ido passar um dia inteiro na casa de uma amiga na cidade vizinha. Por que ela não levou Kayla? Por que permitiu que eu descobrisse por conta própria. Por que deixou que o desgraçado do marido cuidasse de uma menina de 13 anos?

— Saw. Está tudo bem?

É a voz de Marianne. Eu me recupero, respiro fundo e engulo o choro. Termino o banho, me seco e olho no espelho. Se um homem tem que chorar, que seja no banho. Não deixa marcas nos olhos. Abro a porta, lutando para manter um sorriso.

— Oi.

— O que aconteceu? — pergunta ela e não posso encará-la ou Marianne vai acabar descobrindo que não está nada bem.

Passo por ela, secando os cabelos, e vou pegar uma roupa.

Mas que droga! É claro que devo contar a Marianne que dia é hoje, estamos juntos, há coisas que preciso compartilhar. Nunca compartilhei essa data com ninguém, nem mesmo com Jill. Já tentei uma vez, mas ela, assim como Amanda, apenas deu de ombros e me disse que a vida continuava. Sei que com Mary é diferente. É bem capaz de ela chorar junto comigo.

Sinto seus olhos curiosos cor de âmbar me analisando. Visto uma cueca e me sento de cabeça baixa no divã que fica no closet.

— Quer ir a um lugar comigo? — Levanto

os olhos e percebo pelo olhar aflito dela que eu não pareço estar muito bem.

Ela vem e senta ao meu lado. Segura minha mão e entrelaça nossos dedos bem apertados.

— O que aconteceu? Ir aonde?

— Hoje está fazendo um mês que... eu te busquei em Nassau. Lembra?

Ela dá um sorriso, ainda não convencida sobre meu estado apático.

— Sim, eu lembro.

Ela acaricia meu rosto e penteia meus cabelos com os dedos. Tenho que segurar muito para não afundar meu rosto nos cabelos dela e deixar toda a dor sair em forma de lágrimas.

Mas que porra. O que eu sou? Não sou mais um menininho. Já passei por muitas coisas e saí ileso, sem derramar uma lágrima. Mas hoje algo se aperta muito dentro do meu peito. Não sei se é mau pressentimento, ou se é apenas pela data.

Eu olho para ela, tento mais que tudo colocar um leve sorriso nos lábios, mas falho. Com a voz meio esganiçada, eu revelo:

— Hoje também, faz 16 anos que minha...

que Kayla...

Eu paro de falar porque não consigo pronunciar a palavra "*morreu*". Sempre lidei com isso sozinho, sem precisar falar, sem precisar ouvir da minha própria boca o que tinha de fato acontecido. Era como se, se eu falasse, aquilo fosse ser firmado. A morte de Kayla se concretizaria.

Por sorte, Marianne é perceptiva e entende o que quero dizer. Diferentemente de Jill e Amanda, eu recebo um abraço tão forte, tão protetor, que luto para não fraquejar agora.

É tudo o que eu quis ter quando recebi essa notícia. Quando não tinha ninguém que se importasse pela irmã de um marginal estar morta.

— Sawyer... — Ela sussurra em um lamento e puxa minha cabeça para que eu afunde o rosto em seu ombro.

Fico quieto, me permito curtir esse conforto dos braços dela. É incrível como as pessoas são diferentes. Marianne é tudo de que eu precisava para me sentir vivo novamente, não um bando de mulheres que só querem saber de sexo com o bonitão milionário.

Ergo meu rosto para olhar nos olhos dela.

— Vamos comigo ao hotel? Sei que pode ser uma tolice, mas é a única coisa que me faz ter uma ligação com minha irmã.

— Claro que eu vou. E não é nenhuma tolice. — Apesar do olhar sofrido dela, Marianne dá um sorriso. — É o gesto mais bonito que já vi.

— Obrigado. — Sussurro e ela me dá um beijo casto nos lábios.

— Vamos nos vestir. Tomaremos café lá no hotel. — Marianne se prontifica, levanta e vai depressa ao closet.

Eu pego uma calça preta e visto um pulôver preto. Calço os sapatos e vou pentear os cabelos. Nessa data, sempre uso luto.

Marianne também veste um vestido simples e preto, calça sapatos altos e amarra os cabelos em um rabo-de-cavalo.

Saímos e ela faz a pergunta que eu acho que já deveria ter feito, mas é sobre algo que não quero falar e por isso respeitou.

— Como ela morreu?

Aperto minhas mãos no volante. Não vou contar que Kayla suicidou-se, afinal, se eu contasse, teria que contar todo o resto. Os motivos

NACIONAIS - ACHERON

que a fizeram tomar essa decisão e que minha mãe me culpa por isso.

— Acidente.

E não deixa de ser.

Marianne assente e deixa de lado essa questão. Percebe como isso me deixa triste.

— Ela ficaria orgulhosa ao ver o homem que o irmão se tornou.

Eu dou um sorriso de esguelha. Marianne não sabe de nada. Tem vezes que eu agradeço por Kayla não estar aqui, ou sentiria asco do que o irmão se tornou.

Chegamos ao hotel e tomamos café no restaurante.

Não tocamos mais no assunto da morte de minha irmã, mas a aura de tristeza não foi embora. Marianne falou pouco, percebendo que eu precisava ficar sozinho comigo mesmo, ficando ao meu lado apenas para me dar forças. Ela ligou para o escritório dizendo que não trabalharia hoje e ficou comigo. A todo instante, no escritório ou enquanto andávamos pelas dependências do hotel, ela fazia uma carícia em mim. Ora segurava minha mão e acariciava meus dedos, ora fazia cafuné nos

meus cabelos. Sempre calada, porém sempre presente.

Almoçamos juntos na varanda da minha suíte. Um almoço perfeito, mas que aproveitei pouco pela falta de apetite. Depois fomos para a cama, tiramos os sapatos e deitamos abraçados de roupa. Apenas passando o tempo.

Acabei dormindo. Acordei mais tarde e Marianne estava sentada na cama de pernas cruzadas digitando no laptop.

— Oi. — Ela me cumprimenta, sorrindo. Fecha o computador e o coloca de lado.

— Acabei dormindo.

— Por três horas. — Ela dá um sorriso brincalhão.

— Sério?

— Você precisava descansar.

Ela inclina-se e dá um beijinho nos meus lábios.

Eu seguro a mão dela.

— Obrigado, Mary. Por ficar comigo hoje.

— Não precisa me agradecer. Não é nada ruim passar o dia com você.

— Mesmo quando eu durmo à tarde toda negligenciando sua atenção?

— Fazer o que se sou uma psicótica que gosta de ver o namorado dormindo?

Ela se deita e eu a abraço.

— Pela primeira vez, em 16 anos, não me senti terrível. Eu nunca tive apoio nesse dia e tinha que encarar tudo sozinho.

Ela se debruça em meu peito para me olhar.

— E Jill?

— Jill nunca foi de sentimentalismo. Ela não conseguia entender como uma pessoa pode ficar triste pela morte de outra depois de tantos anos.

— Ela é ridícula. Mas eu também não posso dizer que sei da sua dor porque nunca perdi alguém tão bruscamente, porém é óbvio que eu consigo perceber o quão dolorosa é a perda de um ente. Você não está sozinho, Sawyer. Pelo menos não hoje.

— Eu sei. Obrigado. De novo.

E agradeço a Deus por ter colocado essa

mulher na minha vida. Só depois dela percebi o tamanho da futilidade que girava em torno de mim. Começando por Jill, que ouvia meus problemas, sem fazer nada para tentar aplacá-los. Ela achava que eu me acalmaria se fizesse sexo comigo.

Ela acabou de dizer que estará comigo pelo menos hoje, mas farei o possível para não ser somente hoje. Nessa mesma data no ano que vem, quero esse mesmo conforto quando a tristeza me tomar.

Todavia, eu tinha que entender uma coisa: mentira tem perna curta. Ou acho que, como Deus não gosta de mentiras, ele não aceita que alguém tão doce como Marianne seja enganada. Mesmo que seja na melhor das intenções, já que estou escondendo tanta coisa dela apenas para proteger nosso relacionamento. Morro só de pensar em perdê-la.

Eu não sabia, mas minha vida estava prestes a mudar drasticamente. Se eu soubesse... não teria trazido Marianne até aqui.

O telefone começou a tocar na antessala do quarto.

Se pudesse prever, não teria atendido

aquele telefone.

— Deve ser Arthur, ele deve querer aproveitar para resolver algum problema já que estou aqui.

Marianne se senta rápido para me deixar levantar.

— Então vá. Tem que fazer alguma coisa, já que dormiu o dia todo.

Eu dou uma risada e me levanto correndo para atender ao telefone.

— Sr. Graham?

Não era Arthur.

— Sim. — Minha testa enruga. Pedi para não transferir ligações. Apenas Arthur poderia me ligar.

— Há uma mulher aqui embaixo desejando falar com o senhor. Disse que é amiga da Srta. Cooper.

Olho sem entender para Marianne. O que Candice estaria fazendo aqui?

— Diga para que vá ao meu escritório.

— Sim, senhor.

Desligo o telefone e volto para o quarto.

Marianne está deitada olhando para o teto. Ela vira o rosto e me olha parado na porta.

— O que foi?

— Candice está aí embaixo para falar comigo. Deve ser sobre o hotel.

— Candice? Como assim? — Marianne se senta. — Ela está no escritório, falei com ela agora há pouco.

— Bem, a recepcionista me disse que era uma amiga sua. Então só pode ser ela.

— Uma amiga minha querendo falar com você? Será que não é Alice?

Os olhos de Marianne saltam e posso ver neles o medo de que Alice queira comigo o mesmo que quis com Ryan.

— Não deve ser. — Eu a tranquilizo.

— Sim, afinal Alice nem está aqui em Nova York.

Eu passo por ela e calço os sapatos. Marianne faz o mesmo.

Ficamos sentados já calçados um olhando para o outro. Acho que penso o mesmo que ela.

Será que Candice armou mais alguma coisa

para acabar de vez com meu relacionamento? Será que enfim alguém descobriu e ligou os dois nomes, Tyler e Sawyer, à mesma pessoa? E a pessoa que descobrira tinha que ser justamente Candice?

Estremeço ao me imaginar brigando com Marianne justamente hoje.

— Com certeza não é nada — diz Marianne, sorrindo para me acalmar. Passa a mão no meu braço, massageando-o. — Candice sempre é muito dramática e deve ser algo relacionado às plantas do hotel.

— É. Deve ser isso.

Saio com ela do quarto. Entramos no elevador calados. Ambos tentando adivinhar o que Candice estaria aprontando. Marianne olha para mim.

— Há algo que eu deva saber?

Meu coração acelera. Estou quase em pânico. Quero tirar Marianne daqui e leva-la para um local seguro.

— Algo?

— Se for Candice com alguma história absurda...

Eu penso um pouco. Talvez se eu contar tudo agora, Marianne não fique com tanta raiva, talvez as chances de me perdoar sejam maiores. Mas fraquejo e apenas consigo dizer um seco "não."

Antes de sair do elevador, inclino-me e dou um beijo nos lábios dela, depois seguro sua mão entre a minha e saímos juntos em direção ao meu escritório.

Vacilo um segundo antes de levar a mão a maçaneta e girá-la. Marianne e eu entramos e não é Candice que me espera. Uma mulher alta e magra de cabelos grisalhos está de costas para a porta analisando um quadro bem grande na parede, uma foto de Kayla.

Ela vira-se para mim e eu quase tive um treco, meu coração veio parar na minha garganta. Minha vontade é de empurrar Marianne para fora, quero mesmo tirá-la daqui urgentemente agora. Afinal, não quero que ela conheça minha mãe.

— O que está fazendo aqui? — pergunto, todo ericado, pura hostilidade.

— Olá para você também, Sawyer Graham.
— Ela pronuncia meu nome com um desdém que é

quase como se o tivesse cuspido. Já estou tremendo todo.

Ela olha para Marianne que está ao meu lado sem entender o que se passa.

— Então essa é a garota que está nas páginas das revistas.

Fico em alerta, no modo sobrevivência, acho melhor eu chamar os seguranças ou convencê-la a ir embora.

— Não vai apresentar sua namoradinha a sua mãe?

Cacete! Engulo um palavrão e me recuso a olhar para Marianne, meu olhar frio e temeroso continua pousado na mulher à minha frente.

— Minha mãe? — Eu abro um sorriso de puro cinismo. A raiva expressa em cada palavra. — Então agora você é minha mãe?

— Sou Agnes. — Ela estende a mão a Marianne.

— Não toque nela! — Esbravejo, mas Marianne me ignora.

— É um prazer conhecê-la, Agnes. Sou Marianne, namorada de...

— Eu já sei quem você é, minha querida. Só não entendo o que ainda faz aqui... com ele.

— Você quer, por favor, sair antes que eu chame a segurança? — Eu ameaço. Ela olha com puro nojo para mim. Apesar de tudo isso me dói. Como uma mãe pode fazer isso com o próprio filho? Tudo por amar mais um cafajeste do que a própria família.

— Você não tem direito algum de ficar de luto por ela! — Ela tira a máscara de passividade e berra. — Não tem direito de ter isso. — Aponta a foto de Kayla.

— Saia daqui! — Eu grito de volta.

Marianne fica aflita sem saber o que fazer e, como uma graça que recebi dos céus, ela decide nos deixar sozinhos.

— Sawyer, vou esperar você lá fora.

— Não! Você fica! — Minha mãe grita e Marianne para assustada. Acho que agora a coisa vai feder. Ela vira-se para mim com todo ódio que pode mostrar. — Deus sabe que eu não queria ver você. Não hoje. Nem nunca. Eu prometi isso, mas eu vi suas mentiras nos jornais e vim alertar essa pobre garota iludida.

Sem esperar que diga algo, eu corro ao telefone e peço que os seguranças venham imediatamente. Nem me importo com Marianne perto de mim me pedindo para parar. Coloco o telefone na base e me viro para ela.

— Não ouça o que essa louca fala, ela não...

— Louca? Se você não tivesse culpa, não ligaria para os seguranças. — Ela vira-se para Marianne. — Você sabe o que ele fazia para ganhar dinheiro?

— Sim, Agnes, eu sei o que Sawyer fazia.

Mary se refere à terapia, minha mãe se refere à vida libertina do Big Tyler.

Marianne cruza os braços, encarando-a, tomando uma posição ao meu favor. Eu fico tremendo de medo e raiva. Quero tirar Marianne daqui ou tapar a boca dessa velha mexeriqueira.

— Sawyer! — Ela pronuncia meu nome como se o testasse nos lábios. Depois dá uma gargalhada. — Ele não te contou sobre seu verdadeiro nome, não é, querida?

— Cale-se! — grito e seguro a mão de Marianne para que ela venha comigo.

— Sawyer, do que ela está falando?

— Vamos conversar. Venha comigo.

— Não. Para, você está pálido, tremendo. Me explique...

Marianne se recusa a sair.

— Estou dizendo que ele não se chama Sawyer — minha mãe entra na nossa conversa — e que ele acabou com minha vida. Você não tem um homem perfeito, sua tola. Ele é um ex-presidiário, um viciado em drogas e nunca vai querer te dar uma família. Nunca.

A compleição bela de Marianne está pálida, ela leva as duas mãos à boca como se estivesse vendo um acidente terrível na frente.

— Eu acabei com sua vida? Você preferiu ficar do lado daquele miserável do que dos próprios filhos. Por sua culpa, Kayla está morta! — Eu revido aos gritos. Ela arregala os olhos e vejo mais raiva brotar.

— Não se engane, garota. — Ela volta-se a Marianne, sabendo que é meu ponto fraco. — Fuja enquanto é tempo. Não se iluda, pois ele um dia iludiu uma mulher e quando ela esperava um filho dele... ele simplesmente o matou. Ele a fez matar o

próprio filho.

— Cale a boca! — Eu grito desesperado. Todas as lembranças daquela época me vêm à mente como uma martelada que me deixa atordado. Amanda, em sua última jogada para acabar comigo de verdade, quase conseguiu. Uma lágrima desce do meu olho e eu a limpo com fúria. Marianne cambaleia e senta-se no sofá.

Os seguranças chegam.

— Tirem essa mulher daqui! — Grito com toda brutalidade que posso e sinto um pingo de alívio ao me ver livre dela.

— Não pense que foi um acidente, Marianne. — Ela se contorce nos braços dos homens e grita. — Ele é um assassino, além do filho, matou também o meu marido. Não confie nele, fuja enquanto é tempo.

—Tire-a daqui. — Meu grito é tão forte que sinto minha garganta expandir. Sinto a testa suando, a mente girando e o estômago embrulhando.

— Assassino!

Eu ainda a ouço gritar várias vezes antes de ser levada para fora.

Ainda bem que os seguranças chegaram a tempo. Ela não conseguiu contar o principal, sobre quem eu era antes de ser Sawyer Graham.

Passo a mão no rosto umas mil vezes e depois pelos cabelos. Agora vou ter que me desdobrar para convencer Marianne de que é tudo mentira, ou contar de vez a verdade para ela.

Eu me sento ao lado dela. Ela não esboça nenhuma reação.

— Ela é louca. — Eu sussurro de cabeça baixa. Quero tanto que ela me diga que não acredita em nenhuma palavra, que ela afague meus cabelos e diga para irmos para casa. Quero abraçá-la.

— É tudo mentira, não é, Sawyer? — indaga depois de alguns minutos calada. A voz é apenas um fio. Nem olha para mim quando fez a pergunta. Olho para os dedos dela e vejo que estão trêmulos.

— Mary...

Então ela me olha. Os olhos começando a ficar embaçados de lágrimas.

— Apenas diga uma palavrinha. Eu sei como ela o odeia, diga que ela inventou tudo, Sawyer...

Fico aflito ao ver uma lágrima descer no rosto dela. Acho que pegou meu silêncio como um "sim".

Em meio as lágrimas, ela balbucia.

— Pode me dizer seu verdadeiro nome?

— Mary, por favor...

Tento segurar a mão dela, mas Marianne puxa a mão bruscamente e se afasta.

Acho que a situação pesou. Se quiser ter uma chance, é melhor contar tudo a ela. Mas ainda não quero que ela saiba de algo e não posso dizer nada sobre Tyler, não nessa crise terrível. Se eu disser que me chamava Tyler, ela vai ligar as coisas, vai se lembrar dos caras no aeroporto, pode querer pesquisar na internet...

Lembro-me do único amigo que fiz na detenção, o que fugiu comigo e acabou morto. Sem saber o que pensar ou raciocinar direito, pronuncio o nome dele.

— Denis. Denis Hudson.

Com a mão no rosto, ela cai em um pranto descontrolado.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

VINTE E SETE

MARIANNE

Agora eu posso entender a aflição do galinho *Chicken Little*, quando achou que o céu estava caindo em sua cabeça.

Para mim, não foi apenas o céu que caiu. Meu mundo está no chão. Não consigo pensar em mais nada apenas gritos em meu ouvido. A mulher gritando com fúria nos olhos...

Assassino!

Não. Tudo menos isso. Sawyer não teria coragem de matar alguém, ainda mais um filho. Mandar tirar o próprio filho... Ele não mentiria para mim. Não podia ter mentido para mim todo esse tempo.

Meu Deus! E a suspeita da gravidez? Passei a semana aflita, em pânico. E se eu estiver mesmo grávida?

NACIONAIS - ACHERON

— Mary, olhe para mim. — Ele toca no meu braço e eu me sobressalto como se esse toque me queimasse. Agora a pouco estava aconchegada ao corpo de Sawyer, mas tudo que sinto agora é vontade de esmurrá-lo.

— Eu... Eu juro que ia te contar...

— Quando? Quando ia me contar tudo? Ou nosso relacionamento não é sério demais para eu saber um pouquinho de sua vida?

— Sim, é muito sério. Sabe que é muito sério! — Ele praticamente grita. Seu semblante está carregado e ele respira em descompasso. Sawyer está quase em surto.

— Então por que não me contou? Por acaso eu tenho cara de palhaça? De tola? Você achou que poderia simplesmente empurrar tudo com a barriga?

— Não foi assim.

— Então como foi, Sawyer? Você sabe o quanto eu fugi de você porque não queria me apaixonar, não queria acreditar em você. Não queria me ferir pela terceira vez. Como pôde fazer isso comigo?

— Mary, isso não tem nada a ver com a
NACIONAIS - ACHERON

gente. É o meu passado.

— Como não? Como podemos ter um relacionamento se você não me conta que... Meu Deus, eu não posso acreditar que... Um filho? Nem sei o que é pior nessa sua sórdida história. — Lanço um olhar incriminador para ele. Estou aterrorizada. Se eu estiver grávida e ele quiser que eu tire, vou odiá-lo para o resto da vida.

— Não foi verdade. Amanda armou para mim.

— Não importa o que foi. Eu deveria saber, eu te contei tudo sobre minha vida, te levei a minha casa para conhecer meus pais. Não estamos mais em uma droga de terapia, Sawyer. Não há mais regras...

— Me perdoa. — Ele tenta me tocar e eu me afasto. — Eu pretendia te contar quando nossa relação se estreitasse mais.

— Estreitasse mais? Porra! — Dou um grito. — Nós estamos namorando! Moro com você!

Totalmente aflito, ele anda de um lado para outro, os cabelos desgrehados pelas mãos.

— Eu preciso ir embora. — Pego minha bolsa, mas, antes de chegar à porta, ele segura meu

braço.

— Fala comigo, Mary. Eu quero... Eu preciso te explicar.

Viro-me furiosa e puxo meu braço com força.

— Como quer se explicar? Acha mesmo que eu posso voltar a acreditar em qualquer coisa que me fale? Lembra do jantar na casa de Rick? Você me garantiu que não tinha sordidez alguma escondida, se passou por humilhado quando eu perguntei e tinha tudo isso debaixo do tapete. Que espécie de cretino é você?

Eu grito e as narinas dele inflam e os lábios se contraem.

— Amanda armou para mim. Não havia gravidez. Escuta.

— Você deveria ter me contado. É só isso que me deixa transtornada. Nem mesmo se chama Sawyer... que droga. — Já começo a me descontrolar. — Acabou, Sawyer. Tudo. Me deixe ir embora, volte para sua vida e eu vou voltar para onde nunca devia ter saído.

— Não. Não diga isso. — Ele volta a segurar meu braço com os olhos arregalados em
NACIONAIS - ACHERON

desespero. — Não vou deixar você me abandonar, Marianne.

— Eu quero ficar sozinha.

— Mary, eu posso te contar tudo, fique e me ouça.

— Me larga! — Grito e fuzilo-o com os olhos. Ele não me larga. — Nem seu nome. Você não me contou nem mesmo seu verdadeiro nome.

Não queria, mas lágrimas descem descontroladas pela minha face. Ele fica mais apavorado. Lágrimas significam que a coisa tá feia.

— Eu tive um motivo para mudar de nome.

— E qual o motivo para não me contar nada disso?

— Tive medo, medo de que agisse como está fazendo agora. Ainda estávamos nos equilibrando, queria ter mais estabilidade para conseguir te contar tudo de modo que me entendesse.

Eu puxo meu braço. A raiva é demais para visualizar qualquer chance de perdoá-lo. É quase a mesma coisa que senti quando Ryan me traiu. A diferença é que eu não amava Ryan.

— Como deixou chegar nesse ponto, Sawyer? Ou devo te chamar de Denis?

Eu me viro e saio depressa, ouço passos rápidos e firmes atrás de mim e antes que eu chegue ao fim do corredor, ele me alcança.

— Não vire as costas para mim.

— Me larga.

Ele não me larga.

— Acabou, Sawyer. Deixe-me ir. Respeite minha vontade.

Como um primata, ele começa a me segurar nos braços, eu lutando furiosamente e então a boca dele tenta tomar a minha em um beijo e isso me deixa mais furiosa ainda. Consigo me afastar e minha mão voa e acerta em cheio o rosto dele.

— Não ouse mais me tocar. Não temos mais nada, afinal de contas você é um estranho para mim.

Ele toca a pele rosada do meu rosto, seus olhos também estão cheios de fogo, a raiva o pegou.

— Então vá, se isso é mais fácil para você. Saia, fuja como sempre fez, sua covarde. Eu que

nunca devia ter acreditado nas suas palavras, eu que fui tolo em ter ido atrás de você quando, na verdade, é igual às outras. Só querem se aproveitar do meu dinheiro e do meu corpo.

Eu fico com a boca aberta, perplexa, e ele continua agora mais irônico.

— Vá, Marianne, porque, pra dizer a verdade, eu prefiro as loiras.

Eu não estava acreditando nas acusações deslavadas. Ele me conhece muito bem, sabe que eu nem ligo para dinheiro, sabe que eu o acharia maravilhoso mesmo que fosse magricelo. Mais lágrimas caem dos meus olhos. Prefere loiras? Que grande cafajeste.

— Não ouse imputar culpa em mim. Você é o mentiroso aqui. Eu quis me proteger de você, Sawyer, por que não me deixou livre?

Ele fica calado, o peito ofegante. Os olhos adquirem uma expressão quase aflita. Nada mais que ele fizer pode amolecer meu coração, afinal ele acabou de despedaçá-lo. Ou melhor, o desintegrou.

— Depois pego minhas coisas na sua casa.

— Mary, por favor, eu não quis dizer essas coisas. — Volta a correr atrás de mim.

— Mas disse. Acho que foi o que sempre pensou de mim.

Ele tenta me segurar de novo.

— Não. Nunca pensei isso. Você é a pessoa mais honesta, você me tirou do fundo do poço, eu não penso nada disso.

— Deixe-me ir, Sawyer. Para que possamos sair com algum pingo de dignidade disso tudo.

— Isso tudo é nosso romance, droga, me perdoe. Eu te amo, eu não queria dizer ainda, mas te amo, sempre vou amar. Não me abandone.

Eu titubeio com a revelação. Uma lágrima escorre na face dele. Não é possível que ele esteja jogando tão sujo só para não perder. Sawyer nunca gostou de perder, acho que ele sempre pensou que, se um dia terminássemos, ele daria o ultimato e não eu.

Se fosse outra época, horas atrás, eu teria voado no pescoço dele e o beijado, porque, diferente das falsidades de Sawyer, o que sinto por ele é puro e verdadeiro.

— Você não conhece o amor, Sawyer — digo e saio de perto dele.

Penso que ele vai correr atrás de mim e me segurar, mas ele fica parado, observando enquanto me afasto.

Sei que ele não vai atrás de mim ainda. Vai esperar minha raiva acalmar e então começar a busca implacável, porque ele sabe jogar, ele me conhece e conhece meus pontos fracos. Mas não fugirei.

Dirigindo com lágrimas nos olhos, vou ao apartamento dele.

Em momento recorde, consigo juntar o essencial que preciso. Não me detenho para olhar nada. Não quero ter que me despedir, não quero parecer piegas quando não há motivo para isso. Nem olho para a cama.

Meu Deus! A cama. O lugar onde passei os melhores momentos, onde dormi as melhores noites. Não quero que todas as minhas lembranças pareçam uma farsa, diante da farsa que ele é.

Saio correndo do quarto e vou embora sem olhar para trás. Dirijo no modo piloto automático e chego ao meu apartamento fechado há dias. Recosto na porta e pronto, me entregando ao choro. Não qualquer choro. Gritos de dor que cobrem

minha sala com um som grotesco e a cada grito, meu peito lateja por ter deixado o homem que eu amo.

Um assassino. Um viciado. Um mentiroso. E talvez o futuro pai do filho que possivelmente estou esperando.

Não sei quando tempo fico deitada perto da porta com o rosto amassado no chão frio. Parece que se passaram horas ou os minutos tinham a aparência de horas. Sei que as lágrimas secaram, minha garganta ressecou e fiquei como um vegetal desejando voltar ao momento em que estávamos assistindo televisão no dia anterior.

Com dificuldade, eu me sento, evito olhar para o sofá. Se eu olhar, verei a imagem de Sawyer deitado ali só de cueca, relaxado, nos dias em que ficou ali. Pego minha bolsa, procuro meu celular e ligo para Candice.

Lógico que eu jamais contarei isso para ela. Estou com raiva de Sawyer, mas isso não quer dizer que vou querer alguém no meu ouvido falando: "Eu te avisei."

— Oi, Mary. Quais são as novas?

Acho que estou grávida e acabei de

descobrir que o pai do meu suposto filho tem outro nome, pode ter matado uma pessoa e não quer ter filhos. Até mandou abortar um.

É o que eu queria dizer a ela, mas não digo. Respiro fundo para parecer eufórica.

— Vamos adiar por alguns dias as construções. Continue desenhando, amiga.

— Por que vai adiar?

— Sawyer e eu vamos viajar por dois ou três dias. Não se preocupe, mantereí contato com Alan sobre os assuntos do escritório.

Jane Fonda que se prepare. Uma nova atriz acaba de nascer.

— Esse homem não está fazendo bem para você, amiga. Quando eu pensaria que Marianne Cooper abandonaria suas obrigações para ficar três dias em algum lugar paradisíaco fazendo sexo com um homem?

Esse comentário dela me deixa com vontade de morrer de chorar. Mas me mantenho firme.

— Nova Marianne. Agora tenho que ir. Ele está me chamando.

— Me poupe dos detalhes.

Ela dá uma gargalhada e isso eu não posso dar. Respiro fundo, engolindo o choro e dou tchau a ela.

Pronto. Candice não vai me procurar por três dias. É o tempo necessário para eu me enfiar em um pijama, cozinhar comida para um exército e chorar abraçada ao travesseiro no qual dormiu por alguns dias aqui. E tentar juntar coragem para fazer um teste de gravidez. Tenho uma dúzia que comprei ontem e não consegui nem olhar.



Nos três dias que se passam, eu praticamente vegeto. Vai passar, eu sei que passa. A primeira vez que Sawyer mentiu para mim, não fiquei tão derrubada porque tinha algo para me distrair. O navio, a paisagem, Jerry...

Mas agora sou só eu mesma na companhia das minhas Mariannes, que estão todas caladas, sem saber que rumo tomar. Na primeira noite, depois de ter vindo do hotel, eu tomei um calmante, uma ducha fria e me enfiei embaixo do edredom.

Eu me certifiquei de desligar o celular antes. Dormi até o meio-dia do dia seguinte.

Resistir ao celular. Se Alan estivesse com algum problema, poderia resolver com Candice. Definitivamente não quero ler ou ouvir qualquer mensagem de Sawyer. Será que ele sabe onde estou? Ainda de pijama, me arrastei escada abaixo e lá fiquei o resto do dia. Ele não me ligou, não bateu na minha porta e nem foi atrás de ninguém que conheço, afinal, Candice não entrou em contato comigo.

Cozinhei muita coisa. Diferente das outras mulheres, eu não tomo sorvete; minha ansiedade é muita e causa fome. Fiz pudim, bolo, espaguete, lasanha e cookies. Depois, rodeada de pratos sujos, bandejas e copos, eu parecia uma doente. Sentada no tapete, sem querer encarar o sofá vermelho. Não sei porque o sofá me marcou tanto, afinal Sawyer esteve por toda a parte da casa. Mas o sofá foi algo especial. Arrebatador. Sem falar que era o lugar preferido dele.

À tarde fiz pizza, fiz café na cafeteira que ele me deu e chorei. A saudade me corta ao meio, a raiva vem atrás e me cola para que eu fique firme.

Ele vacilou pela segunda vez e não posso perdoá-lo. Por mais que me doa.

Minha Marianne racional, apesar de ter se afeiçoado a Sawyer, diz para eu pensar em mim agora e não ser a fraca manipulada.

Dizem que a tristeza terrível quando um ente querido morre dura no máximo oito dias, depois a pessoa sofre, mas consegue voltar à rotina. Espero que isso aconteça com o fim do meu relacionamento.

Recebi três mensagens de Henrique, que eu me recusei a ler, apaguei sem nem abrir. Duas ligações perdidas de Dakota e pronto. Sawyer deve estar usando os amigos para tentar me fazer mudar de ideia.

Desliguei o celular e o joguei na gaveta.

Dormi a tarde depois do café com lágrimas, acordei às oito da noite, assisti dois filmes de romance e tornei a chorar.

Idiota. Eu sou uma tola. Não quero ficar assim, jogada pelos cantos morrendo de tanto chorar e comendo feito uma condenada. Mas simplesmente não dá. Volta e meia estou esmurrando as paredes, xingando Graham sem ele

estar aqui para ouvir e maldizendo minha sorte.

Eu devia saber que tudo estava bom demais, ficar com ele, morar com ele, fazer amor...

Choro mais.

O terceiro dia parece pior. Precisei novamente de calmante para dormir e vomitei pela manhã. Passei o dia zonza e chorando.

Os sintomas da gravidez estão cada vez mais frequentes. Como não percebi meus seios maiores? Aposto que ganhei alguns quilos também. Fiz café novamente na cafeteira e bebi enquanto lágrimas rolavam pelos meus olhos.

De soslaio, vejo a cozinha suja. Não tenho ânimo de limpar. Já passaram três dias e nem uma notícia daquele miserável.

Por que eu quero notícias dele? Quero mais que Sawyer Graham se foda. Na verdade, esse nem é o nome dele... safado mentiroso. Por que não tentou vir atrás de mim?

Minha Marianne conselheira me disse para trocar o pijama com mancha de ketchup, lavar os cabelos cheios de nós e sair um pouco para ver o sol. Ela e as outras estão me achando com cara de morcego.

Decido ligar o celular para ver as milhões de chamadas e mensagens do maldito Graham. Claro que teria. Mas o que me impressiona, são as milhares de mensagens de voz e chamadas de Candice. Nenhuma de Sawyer. Nada. Abro meu email e nada. Apenas Candice e minha mãe tentando falar comigo.

Por que ela ligaria tanto?

E por que o maldito não ligou nem mandou uma mensagem sequer? Ele não ia nem tentar?

É engraçado, não é? Eu não queria vê-lo nem pintado de ouro, mas agora que descubro que possivelmente Sawyer não me quer mais e que desistiu da gente tão fácil, eu fico inconformada, frustrada até.

Fico inerte, pela primeira vez sentada no sofá. Preciso me encontrar com Candice, pois a quantidade de ligações dela e da minha mãe me preocupa.

Corro para cima, achei que nunca mais voltaria a correr. Lavo meus cabelos, visto uma roupa limpa e ligo para ela. Meio toque depois, ela atende.

— Marianne! Graças a Deus! Você está

bem? — Candice grita quase em desespero.

— Sim, estou. Por que não estaria?

— Como assim? Achei que você estivesse com Sawyer no momento do acidente. Estamos procurando você há três dias, mas não atende o maldito celular.

Acidente? De quem?

— Acidente?

— Porra Marianne. Você andou se drogando? Onde você está? Não está sabendo? Não ligou a TV esses dias? Por que não sabe sobre o acidente do seu próprio namorado?

Sentindo minhas pernas fraquejarem e todo meu sangue ir embora, me sento no sofá e pego o controle, ligando a TV. Poderia procurar meu notebook em algum lugar, mas não tenho forças. Todos esses dias, a única vez que liguei a TV foi para assistir DVD. Fiquei totalmente desligada do mundo exterior.

Com um desespero começando a formar no meu peito, desligo o celular na cara de Candice, deixando-o de lado e zapeio pelos canais até encontrar um de notícias. Pouco tempo de espera depois, uma jovem começa a falar sobre o assunto.

NACIONAIS - ACHERON

Atrás uma foto de Sawyer e outra do Alfa Romeo destruído.

Levo a mão a boca e meus olhos quase caem no chão de terror.

"É estável o estado de saúde do terapeuta Sawyer Graham. Hoje ele passou por nova cirurgia e ainda permanece inconsciente. O boletim médico tranquiliza a todos dizendo que Graham é um homem forte e logo vai se recuperar, não podem dar mais detalhes por não ter autorização. Desde que sofreu um grave acidente três dias atrás, tentamos falar com algum parente ou amigo. Nenhum quis dar entrevista. A equipe médica ainda não se pronunciou oficialmente e a namorada do Dr. Graham ainda não foi localizada. Voltamos logo com mais detalhes sobre o assunto."

Fico paralisada. A imagem do carro amassado, dos repórteres tentando abordar Henrique e Dakota que entravam no hospital, me desintegra. Tudo menos isso.

Deus! Não o deixe morrer.

Essa suposição me joga no chão, caio em tremendo desespero. Ele não pode morrer antes de...

Céus! Eu disse tanta coisa... Ele não pode ir ainda. Não sem antes conversar comigo. Quero ouvir as explicações dele. Quero poder brigar com ele mais uma vez. Quero poder contar que possivelmente vai ser pai.

Pego a bolsa e saio em disparada. Meu celular toca e eu digo a Candice que ligo depois para ela. Estou indo para o hospital. Ela tenta saber onde eu estava esse tempo todo, mas eu desconverso e desligo.

À minha frente apenas a estrada. Não quero pensar em nada para não bater com o carro.

Acidente! Meu Deus! Sinto-me tão culpada. Sei que foi por minha culpa. Sei que ele estava indo atrás de mim. Sawyer devia estar louco, ele dirige tão bem, é tão concentrado, como pôde agir sob tanto estresse?

Chego ao hospital e mal paro meu carro corretamente. Há poucos jornalistas. Coloco óculos escuros e ando rápido em direção a porta. Assim que eles me veem, correm todos em minha direção.

— Srta. Cooper, nos dê uma palavrinha.

Um deles pede enfiando um microfone na minha cara, mas eu abaixo a cabeça e corro. Um

segurança, que suponho que seja do hospital, vem ao meu socorro e me tira do meio dos repórteres.

Caminho rápido até a recepção, me identifico e uma mulher me explica como chegar onde Sawyer está.

Tento parecer inalterada. Não sei em que situação ele se encontra, apenas quero vê-lo, ter certeza de que ele vai ficar bem.

Chego a uma sala grande com vários sofás azuis escuros. Tem ar-condicionado, quadros bonitos e um balcão grande de informações.

— Oi, eu sou namorada de Sawyer Graham. Preciso saber sobre o estado dele.

A jovem me olha de cima a baixo e parece ter se lembrado de mim de alguma revista. Dá um sorriso amplo e digita no computador.

Antes de ela responder, ouço uma voz me chamar. Viro-me e vejo Henrique e Larry.

Nem espero a informação da jovem. Corro até eles.

— Rick. — Abraço-o. Não quero chorar, não quero chorar. Preciso apenas ser forte.

— Marianne. Onde você estava? Tentamos

te encontrar.

— Oi, Larry. — Me aproximo e dou um rápido abraço nele. — Eu tive que viajar por esses dias, fiquei sem comunicação. Fiquei sabendo hoje. — Uma lágrima escapa dos meus olhos. Inevitável.

— Sente-se. — Henrique indica um sofá. — Larry traga água para ela.

Larry sai e eu limpo as lágrimas, sinto minha mão tremer. Quanto mais limpo, mais elas escorrem. Estou em um hospital onde Sawyer está inconsciente, desacordado, será que corre risco...? Meu Deus!

Fico calada e minha mão instintivamente pousa em meu ventre. Minha voz falha, minha garganta seca, mas tenho que perguntar:

— Como ele está?

— Sawyer é forte. Ele ficará bem. — Larry responde antes de Henrique. Me entrega o copo e eu bebo um gole.

— Acabamos de falar com o médico. — Henrique espera eu beber para falar. — Ele passou por uma cirurgia no ombro e outra no tórax.

Meu estômago revira e uma marretada de pena me atinge. Recordo do desespero de Sawyer
NACIONAIS - ACHERON

para eu não abandoná-lo.

— Ouvi na TV... que ele... está inconsciente.

— Sim. Mas está sendo induzido. Sawyer acordou uma vez, mas estava agitado e agressivo... delirando. Eles preferiram cedá-lo.

Tomo o restante de água, enxugo as lágrimas e Larry se prontifica a pegar o copo da minha mão.

— Um caminhão em alta velocidade atingiu o carro de Sawyer. — Rick começa a narrar. — Por sorte ele não se feriu muito. Apenas quebrou um pulso, umas costelas e deslocou o ombro. Pelo estado do carro era para... Não era nem para ele estar vivo.

— Graças a Deus! — Levo minha mão ao peito.

— Daqui a pouco, vamos poder vê-lo, eu deixarei você ir no meu lugar — diz Larry, todo prestativo. Será que os dois sabem que Sawyer e eu terminamos? Possivelmente não.

Apesar do crápula que Graham é, eu ainda o amo loucamente. Mesmo nunca mais voltando para ele. Será que o convento aceita matrícula de

NACIONAIS - ACHERON

alguém tão velha?

— Quando ele vai para o quarto?

— Não se sabe ainda. Possivelmente amanhã, se tudo correr bem. — Henrique responde — Assim que você visitá-lo agora, deve ir para casa, descansar e vir amanhã, pois, com certeza, ele estará desperto.

Eu assinto e recosto no sofá.

Uma hora depois um médico vem e, assim que sabe que sou a namorada de Sawyer, deposita sua atenção inteiramente em mim.

— Sawyer vai para o quarto hoje à noite. Ele ainda está sob efeito dos medicamentos e precisa que alguém fique com ele.

— Eu fico. — Eu me prontifico imediatamente. Não quero pensar em que pé anda nosso relacionamento, nem na briga que tivemos. Quero apenas sentar ao lado dele e vigiá-lo.

— Certamente. — O médico assente. — Você pode vê-lo agora. A cirurgia foi um sucesso, essa foi a terceira e a última. A mídia aumenta um pouco, a recuperação depende somente dele, seu namorado está totalmente fora de perigo, apesar de precisar de uma boa observação.

— Eu sei.

Henrique e eu seguimos o médico e ele nos guia a um quarto com paredes de vidro. Meu corpo paralisa e eu percebo que estou olhando de longe, sem me mover, quando Henrique toca nas minhas costas e faz um sinal para eu aproximar.

Sawyer está deitado, cercado por alguns aparelhos, com uma mangueirinha fina no nariz e um curativo na cabeça. Relutante eu me aproximo. Ele está coberto por um lençol até o umbigo. O ombro, tórax e pulso estão enfaixados. Ele ressona baixinho. O rosto muito pálido, com arranhões e hematomas arroxeados somente de um lado da face. Os cabelos estão como sempre, desalinhados.

Fico parada com uma mão na boca enquanto um turbilhão de lágrimas se esvai dos meus olhos. Não consigo me aproximar, apenas choro. Com medo de cair desmaiada, ou simplesmente as pernas não aguentarem, eu me aproximo e me seguro na cama. Choro mais ainda ao ver o rosto tão bonito, imóvel, respirando por um fiozinho transparente.

Imediatamente, quase involuntariamente, minha mão está acariciando os dedos dele. Passo a

mão em sua aliança prateada e mais lágrimas saem dos meus olhos.

— Srta. Cooper, tem certeza de que quer passar a noite com ele?

O médico parece preocupado.

— Sim, claro. — Limpo as lágrimas como posso — Eu... Só estou surpresa por vê-lo assim. Não sabia do acidente até hoje.

—Tudo bem. Logo ele será transferido para o quarto e pode ser melhor para a senhorita encarar a situação lá.

Henrique e eu saímos da UTI e eu me despeço dos dois para ir para casa. Tenho que avisar Candice, pegar uma roupa limpa, escova de dentes, essas coisas.

Em casa, eu ligo para Candice e conto resumidamente que eu tinha brigado com ele, por isso não sabia do acidente.

Não digo a ela o motivo da briga, mesmo que fique louca para saber. Respondo por alto as outras perguntas e me despeço.

No quarto, eu escolho uma roupa mais folgada para usar como pijama, pego escova, maquiagem, pentes e olho para a sacola da farmácia

NACIONAIS - ACHERON

que comprei há uns dias. Me senti constrangida como se estivesse comprando drogas.

Seria prudente? Acho melhor acabar logo com essa aflição, dissipar as suspeitas. Coloco minha bolsa de lado e pego a sacola.

Pai do céu! Nunca fiz isso na vida. Não posso pensar, preciso apenas agir. Rasgo uma caixinha e leio as instruções de uso. Minhas mãos tremem. Comprei vários testes de marcas diferentes para não dar erro. Levo-os para o banheiro e sigo as instruções.

Algum tempo depois, estou sentada em um choro convulsivo ao lado da pia. Ao redor, vários testes que marcavam duas linhas. Fiz vários e ainda tento me convencer de que talvez eu devesse usar a primeira urina do dia como aconselha a embalagem, mas e os sintomas? Meu ciclo menstrual sempre oscila, mas... Sete dias de atraso?

Isso que dá esquecer. Eu devia ter colocado uma nota no celular para me lembrar de tomar a pílula. E aqui está a consequência gravíssima. Como eu poderei ter um filho de um homem que teoricamente eu odeio? Tá, eu não o odeio, mas estamos brigados. E esse não é o principal ponto.

Sawyer não quer filhos e nunca saberá desse, pois eu jamais tirarei uma criança. Nunca.

Não tenho tempo de remoer e passar mais três dias presa para digerir essa notícia. Afinal eu já estava mais ou menos preparada. Enxugo as lágrimas, lavo o rosto e tento vestir uma máscara. Antes de sair, ligo no consultório da minha ginecologista e marco uma consulta.

Não sei o que deu em mim para eu ter essa coragem, mas consegui. E amanhã tenho uma consulta às três da tarde.

Dirijo para o hospital, tentando esquecer Sawyer e a gravidez. Impossível. Ainda não posso acreditar no que aconteceu, no acidente, ele na cama incapacitado, um feto na minha barriga... Ainda posso sentir Sawyer me beijando, ainda posso ouvi-lo tentando se explicar, dizendo, em seguida, que me amava. Eu tenho certeza do que sinto, mas não vou ser tola de acreditar em qualquer coisa que esse homem possa me dizer. Apenas ficarei com ele enquanto está impossibilitado, depois seguirei meu caminho.

Chego ao hospital, Henrique fica comigo até quando o dia está terminando e o médico nos

conduz ao quarto onde Sawyer vai ficar. Ele já está acomodado, ainda inconsciente. Noto que o rosto adquiriu um leve rubor.

— A qualquer momento, ele pode acordar. Quando isso acontecer, chame alguém imediatamente. — O médico alerta e eu faço que sim com a cabeça. Não estou com nenhuma capacidade vocal. Ao ver Sawyer nessa situação, só sinto vontade de chorar.

— Vocês podem ficar à vontade. Mais tarde uma enfermeira virá dar instruções para você.

Ele dá uma última olhada em Sawyer, se despede da gente e vai embora. Henrique se senta em uma poltrona. O quarto pintado cor de creme e com persianas brancas, é bem grande, tem duas camas, Sawyer está ocupando uma. Há também a poltrona reclinável em que Henrique está sentado, o banheiro, um armário com um frigobar e uma TV.

— O que aconteceu entre vocês? — pergunta Rick. Eu me sento na cama vazia.

— Encontrei a mãe dele.

— O quê?

Foi assim que Sawyer ficou quando viu a mãe dele. Com essa mesma cara de Henrique.

— Pois é. Ela disse coisas horríveis e eu descobri algumas coisas que ele escondia de mim.

Rick fica pálido no mesmo instante. Levanta-se e foi pegar água no frigobar. Só foi pegar água para disfarçar o mal-estar que tomou conta dele. Ele acha que sou tola.

— O que você descobriu? — pergunta, tentando parecer natural.

— Você sabia que ele não se chamava Sawyer Graham? Ou mudou de nome, sei lá.

Ele pigarreia, pensa um pouco e responde:

— Não. Não sabia. Sempre o conheci como Sawyer.

— Pois é. Acabei descobrindo que ele se chama Denis.

— Denis? — Ele quase cospe a água. — Como assim Denis? — Foi essa mesma reação que tive. Acho que Rick não sabia mesmo dessa parte.

— Sawyer confessou tudo quando a mãe foi levada por seguranças. Ele disse que se chamava Denis Hudson.

— Denis Hudson. — Henrique repete o nome. Fica parado refletindo com uma sobrancelha

erguida. E depois como se falasse para ele mesmo diz: — Ele não escolheu um bom nome.

— Como assim? O novo nome? Eu acho Sawyer Graham mais bonito que Denis Hudson.

Henrique fica me olhando com uma cara estranha e depois apenas assente.

— O que mais ela contou?

— Que Sawyer assassinou o marido dela e mandou abortar o próprio filho. Algo assim. Depois foi preso e também é um viciado em drogas. Não sei se necessariamente nessa ordem. Isso foi tudo que ela conseguiu dizer antes de ser arrastada pelos seguranças. Acredite, ele colocou seguranças no pé da própria mãe. Isso é loucura.

— Não quando a mãe dele é uma desequilibrada.

Eu me ajeito na cama, sentada de olho em Henrique. Olho para o lado e Sawyer ainda está imerso em inconsciência. Viro-me de volta para Henrique que voltou a se sentar na poltrona.

— O que você sabe sobre tudo isso, Henrique?

Ele dá de ombros.

— Eu sei muitas coisas da vida dele. Mas não acho que você deve saber por minha boca.

— Então é tudo verdade?

— Sim. Menos a parte do filho abortado. Sawyer tem uma grande rixa com uma mulher por causa disso. Ele ficou traumatizado.

Sabia que ele tinha algum trauma. Homens milionários e sozinhos? Traumatizados, na certa.

— Aconteceu de verdade, mas o aborto não foi por causa dele. Foi tipo essas coisas de filmes, algo armado para cima dele. Pra falar a verdade, eu nem acredito que a vaca estava mesmo grávida.

— Conhece ela?

— Sim.

— Não era Jill?

— Você conhece Jill? — ,pergunta admirado.

— Já tive o prazer de alguns encontros.

— Prazer... Tipo, prazer? — Ele fica meio constrangido em perguntar isso. Semicerrou os olhos e os abriu rapidamente quando entendo o que ele quis dizer.

— Ah, não. Eu estava sendo sarcástica. Eu

a encontrei três vezes e nas três vezes ela foi muito... venenosa, eu diria.

— Então essa é a Jill que conheço. E não, não foi ela que engravidou de Sawyer.

Ao ouvir a expressão "*Engravidou de Sawyer*" meu corpo estremece e um sentimento de possessão me invade. É ciúme puro e maciço. Não devia sentir isso afinal, tecnicamente ele é meu ex-namorado, mas não consigo evitar. Simplesmente está aqui e de uma forma bem cruel, eu faço uma breve prece agradecendo pela tal gravidez não ter vingando. Deus me perdoe por pensar isso.

Sawyer vai ser pai, mas de um filho meu. Puta merda, que egoísmo.

— Qual era a relação de Sawyer com Jill?

Aproveito agora que ele está desacordado e Henrique pode responder todas as minhas perguntas. Não vou dar trégua até saber toda a verdade, só fico um pouco desmotivada porque sei que homens se protegem e se Sawyer mente, talvez o amigo seja da mesma laia.

— Ele não te contou?

Sendo evasivo, hein, Rick?

Não comigo, garotão.

— Contou. Mas como você, amigo dele, via a relação?

Henrique me olha com a testa franzida. Ele pensa bastante antes de responder. E mesmo antes de falar dá uma sutil olhadela para Sawyer como se pedisse desculpas silenciosas ao amigo.

— Bem, eles se davam bem. Eram como amigos, porém faziam sexo. Isso você já deve saber.

Eu balanço a cabeça anuindo.

— Sawyer nunca teve um relacionamento sério. Ele odiava rótulos. Jill também. Nunca quiseram ser chamados de namorados e faziam questão de manter aberta a relação. Eles dormiam com quem quisessem.

— Ela chegou a morar com ele?

— Uma semana. Enquanto estava trocando de apartamento. Depois disso, ela mesma saiu fora. Disse que não tinha cabeça para morar com homem.

— Sabe, Rick, eu não entendo por que Jill ficou tão ressentida. Pelos meus cálculos, como você está confirmando, ela e Sawyer não tinham nada...

— Esse nada era tudo para ela. Só a certeza de que ele nunca teria ninguém e sempre estaria disponível para ela a fazia feliz. Quando você apareceu, Sawyer simplesmente mudou da água para o vinho.

Após ouvir isso, eu me levanto. Dou alguns passos pelo quarto, pensando. Sawyer mudou por mim. Mudou mesmo ou apenas estava me tapeando? Mas por que ele me enganaria só para ficar comigo? Não sou rica e nem famosa, não daria nenhum tipo de lucro a ele.

Vou até a cama de Sawyer e dou uma olhada. Fico de pé ao lado, contando mentalmente o levantar e abaixar do peito dele. Com delicadeza, levo meus dedos ao rosto dele e toco de leve no hematoma arroxado abaixo do olho. Esqueço completamente que há outra pessoa no quarto. Só me lembro de Henrique quando ouço a voz dele.

— Você vai perdoá-lo?

Viro-me para encará-lo.

— Não sei. A gente brigou, gritou um com o outro, eu até o estapeei.

— Foi uma briga feia. — Henrique afirma como se tivesse assistido.

— Depois disso não nos encontramos mais, eu não sei como ele vai me olhar quando acordar, não sei como eu vou me comportar.

— Se isso servir de alguma coisa, acredite no que eu digo: nunca vi Sawyer tão feliz, tampouco fazendo planos. Será que não consegue enxergar? Ele te apresentou ao mundo, deu uma aliança e enfrentou seus pais. Nunca imaginei esse pilantra fazendo isso. O lema de Sawyer era nunca, jamais, ter algo íntimo com nenhuma mulher, e olha o patamar que você ocupava na vida dele.

— Mas omitiu todo o seu passado, me enganou. Essa é uma questão a ser estudada, Henrique. Depois que tudo isso acabar, depois que ele sair daqui, vou pensar direito sobre...

Eu paro de falar. Eu me lembro de tudo que a mãe de Sawyer me disse e percebo que, por mais que o ame, não posso continuar com isso. Sawyer tende a me machucar, tem uma vida difícil e tenho medo de brigar com ele mais uma vez quando abrir os olhos. Meu estômago embrulha sem explicação e eu me lembro da gravidez. Isso é algo pior, um motivo bem grande para eu não voltar com ele. Como posso aceitá-lo como pai do meu filho

quando não sei nada sobre ele? Nem mesmo o nome verdadeiro eu sabia. Me afasto da cama.

— Fique aqui com ele. Preciso sair para comer alguma coisa. — Pego minha bolsa e corro para a porta. Não dá mais para continuar, preciso de ar, preciso sair correndo daqui.

— Claro, se precisar dormir em casa, eu durmo aqui.

— Tá. Obrigada. Eu volto... Se puder.

Saio correndo. O suor frio descendo na minha testa. Mil pensamentos ricocheteiam na minha mente e eu me sento em um banco no corredor, caindo em lágrimas.

Quero que Sawyer saia dessa, mas não quero voltar pra ele. Não enquanto não souber tudo sobre ele, enquanto não souber ao certo o que ele sente por mim. Dessa vez ele não me levará na bicaria, não me coagirá a aceitar um caso mascarado de namoro.

Pego o celular para ligar para Candice, mas desisto. Eu a mantereí afastada o máximo que eu puder.

No momento em que o mal-estar passa, eu caminho calmamente para a lanchonete do hospital.

No meu relógio já são oito da noite.

Não percebi que fiquei tanto tempo no hospital. Praticamente o dia todo, desde que soube do acidente.

Dizem que até as más pessoas viram santas depois que morrem. Será possível que esqueci das infrações do safado só porque quase morreu?

Pego meu celular, tenho que conversar com alguém. Candice está fora de cogitação, tem que ser alguém que ficará 100% ao meu lado. E quem fica do lado das pessoas sempre, mesmo que cometa um crime? A mãe dessas pessoas.

Ligo para minha mãe e, quando ouço a voz dela, não deixo de lembrar da mãe amargurada de Sawyer.

Por que ele teve que mudar de nome?

Quem era na verdade Denis Hudson?

VINTE E OITO

SAWYER

Anos antes...

Estou tremendo, mas não é de frio, é de raiva. Muita raiva, ódio mesmo. Depois de menos de dois anos alçando voo como terapeuta, com uma nova identidade, Amanda veio até mim para tentar me destruir, como afirmou que faria se eu a deixasse. O pior de tudo foi ela ter envolvido minha mãe nisso.

Dou um chute na poltrona do meu elegante consultório e grito com muita raiva. Maldita. Vagabunda dos infernos, como poderia estar grávida de mim? Como? A gente não transa há meses. Há quase um ano.

E o pior de tudo nem foi ter forjado todas as provas de uma falsa gravidez, foi ter me
NACIONAIS - ACHERON

acusado de obrigá-la a tirar um bebê com quatro meses de gestação.

Nem sendo o pior covarde da face da Terra, eu faria uma coisa dessas.

Ouçó a porta se abrir e nem me volto para olhar, sei que é Beatrice. Liguei para ela vir falar comigo. Jill não pode, pois ainda mantém relação com Amanda.

— Tyler. — Ela murmura. Estou curvado, com as mãos apoiadas na mesa, bufando de ódio. O ar quente e rápido deixa minhas narinas infladas.

— A vadia. — Sussurro sem me virar. — A desgraçada acabou com tudo que conquistamos todos esses meses. — De certa forma, estou gostando mais dessa vida que a do Tyler. Aqui tenho reconhecimento, sou respeitado e ainda ganho muito mais que antes.

— Não. Não acabou. — Beatrice é enfática. — Você precisa manter a calma. Amanda não tem todo esse poder, podemos dar um jeito. Sawyer Graham está no auge, você não pode sonhar em cair agora ou tudo que fiz vai pelo ralo.

Eu me viro bruscamente, de cara feia, eu a

encaro.

— *Está com medo de sobrar para você, não é?*

— *Não sou hipócrita, Tyler. É claro que estou com medo. Não é mais meu casamento em jogo, agora é meu status na sociedade. Todas essas pacientes que te dão rios de dinheiro vieram por minha causa.*

— *Eu não pedi por isso.*

— *Cara, imagine toda a merda da sua vida vindo à tona? Você será preso por falsidade ideológica, ou sei lá o quê.*

Totalmente esgotado emocionalmente, dou a volta e me sento na minha cadeira. Beatrice apressa em servir uísque em um copo e me entrega.

— *O que pretende fazer para me ajudar?*
— *Indago, cabeça baixa, olhando para o líquido no copo.*

Sei que ela sentou à minha frente, porque ouço a cadeira sendo arrastada.

— *Por enquanto, vai fazer tudo que eu digo. Enquanto vinha pra cá, fiz um plano.*

— *Você faz planos e eu me fodo.*

— *Calado, deixe-me explicar. Amanda não fará nada se tiver você por perto.*

— *Não vou voltar para aquela maluca.*

— *Mas vai voltar a conversar com ela e tentar trazê-la para seu lado. Use-a, Tyler. Amanda é orgulhosa, diga a ela que precisa dela, que precisa que ela te ajude com as pacientes, que precisa que ela te dê dicas e que vai dividir o que ganhar aqui com ela.*

— *Não vou dar meu dinheiro a ela.*

— *Não vai. Vou te ajudar a mascarar os lucros verdadeiros. Ela não vai saber que você está ganhando tanto.*

Fico calado pensando. Tomo um golinho do uísque e a raiva floresce só em pensar em ter que olhar pra cara dela de novo.

— *Até quando essa falsidade?*

— *Até quando o caso abafar.*

— *Ela não vai acreditar em mim. Brigamos feio.*

— *Vai, porque você estará debilitado, vou te internar.*

— *O quê? — Meu olhar perplexo pousa*

nela.

— Isso o que ouviu. — Ela tira um celular da bolsa e já começa a digitar. — Você não aguentou a pressão de Amanda e sua mãe, se afundou nas drogas e ficará em reabilitação. Amanda vai se sentir culpada e, quando pedir que ela fique do seu lado, ela não pestanejará. Confie em mim. Me dê um segundo. — Ela se levanta e vai falar um pouco afastada de mim. Viro o uísque na boca e fico pensando no plano absurdo de Beatrice. Tudo para não perder seu status e seu casamento milionário, sei que ela não está louca desse jeito apenas por bondade, para me ajudar.

Ela volta e está sorridente.

— Deu certo.

— O que deu certo?

— Vou te explicar tudo. A mídia não pode saber. Para eles, você está indo para um congresso em outro país. Então fique despreocupado, enganaremos Amanda sem sujar sua imagem.

— E minha mãe?

— Ah, essa aí só late. Não morde. Agora me escute com atenção.

Ela começou a falar e eu escutei com muita

atenção. Depois segui tudo o que ela me aconselhou a fazer.

Dias atuais...

No minuto em que vi um caminhão vindo em minha direção, soube que nunca mais voltaria a abrir os olhos de novo. O barulho estridente da buzina com freadas de pneu e a ensurdecadora batida, aço amassado contra meu corpo, vidro quebrado no meu rosto e a dor alucinante antes de cair na escuridão. Muitos dizem que, na hora da morte, a vida da gente passa diante dos olhos. A minha não passou. Eu não queria que coisas ruins passassem diante dos meus olhos nesse momento, e como tive pouquíssimas coisas bonitas na vida, eu vi uma delas, Marianne.

E não foi esse rosto que vi quando abri os olhos novamente. Parecia noite e eu senti algo confortável, uma cama. Fechei os olhos novamente e não havia barulho algum. Apenas bips de alguns aparelhos. Tentei me mexer, mas meu corpo todo doía e o gemido foi inevitável. Abri os olhos novamente e vi alguém se aproximar rápido. Demorou um pouco para eu conseguir ver

nitidamente.

— Ei, cara... pode me ouvir?

Rick?

Pisquei várias vezes e olhei para o rosto pairando sobre mim. Minha visão foi ficando mais limpa e o reconheci. Sim, era Henrique.

— Onde estou? — Balbuciei a pergunta. Nunca me senti tão grogue. Não conseguia nem levantar a cabeça.

— Fique calmo. Você está no hospital. Vou chamar alguém.

Ele se afasta e aperta um botão no alto da minha cama.

Puta que pariu, tudo em mim dói.

E que porra Henrique está fazendo aqui? Mas quem eu esperaria? Marianne? Minha mãe? Candice?

— Estou com sede. — Sussurro. A língua pregada no céu da boca. Parece que fiquei muito tempo de boca fechada. Um gosto horrível.

— Já estão vindo.

Eu apenas ouço a voz dele. Tento procurá-lo, mas não o vejo.

— Rick. — Eu o chamo e imediatamente ele aparece ao meu lado. Mas antes de perguntar qualquer coisa, uma mulher entra apressada no quarto.

— Ele acordou. — Henrique avisa.

— Eu já chamei o médico — diz e se volta para mim. — Sente alguma coisa, Sr. Graham?

— Sede.

— Vamos esperar só mais um pouquinho. Não se preocupe, você já está sendo hidratado pelo soro.

Ela aponta para a bolsa com líquido transparente pendurada. Mas minha boca está seca, será difícil entender? Não contesto. Ela fica ao meu lado mexendo em alguns aparelhos até que mais alguém entra no quarto. O homem vem para perto de mim.

— Bem-vindo de volta, Sr. Graham.

Bem-vindo de volta? Fiquei tantas horas desacordado?

— A cirurgia foi um sucesso, dependendo do seu desempenho, daqui a três ou quatro dias poderá sair do hospital.

E essa é a boa notícia? Eu não posso ficar longe de Marianne por três longos dias, hoje nós tivemos uma briga fatídica, mas sei que ela vai me ouvir. Preciso encontrá-la logo.

— Quero ir embora agora. — Tento levantar meu pescoço.

— Não fique tão apressado em nos abandonar. — A enfermeira fala sorrindo. Eu tentei enviar um olhar de desdém, mas nem isso consigo.

— Sawyer, você acabou de sair de uma cirurgia e já passa da meia-noite. Tente descansar, amanhã cedo eu venho ver seu progresso — diz o médico, meio sério.

— Vou ter que ficar com isso no nariz? Essas coisas no meu braço?

O médico deu um sorriso sem graça e pediu a enfermeira para tirar aquilo do meu nariz. Mas disse que o soro teria que continuar no braço. Para meu alívio, liberou a água. Com cuidado, a enfermeira colocou um copo nos meus lábios e, com a ajuda de Henrique, eu bebi. Não me deixaram beber tudo e, antes de sair, ela disse que os medicamentos me dariam sono. Eu não queria dormir, havia passado o dia dormindo.

— Então foi mais grave do que achei. —
Reflito.

Ouçõ a risada de Henrique e olho para o lado.

— Nem tanto, afinal você ainda está aí, vivo. Confesso que deu um susto na gente.

Engulo seco antes de fazer a temida pergunta. Henrique não sabe da minha briga hoje mais cedo com Marianne, preciso falar com ele, mas, antes de abrir a boca, o sujeito fala uma coisa que me faz quase ter um colapso.

— Pensei que você passaria dessa para melhor. Ficou três dias inconsciente.

— O quê? Como assim? — Tento me erguer, mas tudo dói. Solto um gemido, continuo tentando me virar e Rick entra no meu campo de visão. Ele coloca a mão em mim para impedir que eu me mova.

— Você sofreu um acidente sério, Sawyer, virou notícia em todos os jornais.

Então se eu fiquei tanto tempo... quase morto, virei notícia e ela não está aqui...

Sim, Sawyer. Aceite. Acabou.

Ela deixou claro e nem mesmo a minha quase morte a trouxe de volta.

Me sentindo devastado, triste, com vontade de ter ficado desacordado, murmuro algo para Henrique sobre cansaço e fecho os olhos. Não sei quanto tempo fiquei acordado fingindo dormir. Somente os gritos dos meus pensamentos me perturbando.

Como Marianne pode ser tão cruel e insensível? Apesar de tudo eu sou uma pessoa que quase morreu, ela deveria apenas por consideração... Apenas para tentar passar uma imagem boa para a TV.

Escutei o som de Henrique se deitando na cama ao lado e não me dei conta quando o meu fingimento se transformou em realidade e eu adormeci.

Quando acordo novamente, não abro os olhos, mas dá para perceber que há claridade no ambiente. Será possível que tenha amanhecido? Hoje completa o quarto dia que aconteceu o acidente?

Ouçoo vozes perto de mim. Uma feminina e uma masculina. Distingui a de Henrique e, logo em

seguida, a da enfermeira que esteve aqui à noite. Eles conversavam sobre minha situação e eu fingia dormir, pois não estou com saco para gente me perguntando coisas. Então senti dedos nos meus dedos. As carícias eram tímidas e contínuas, há alguém ao meu lado. Mas se as vozes estavam afastadas quem estaria...

Abro os olhos imediatamente e fico paralisado, sem respirar ao encontrar os olhos chorosos de Marianne.

Ela olha fixamente para minha mão, depois levanta os dedos e limpa uma breve lágrima.

Aperto os dedos dela nos meus e, como se levasse um susto, ela olha para mim.

— Oi. — Eu sussurro.

Ela apenas me olha sem responder ou emitir qualquer tipo de sentimento.

— Sente-se melhor? — pergunta depois de algum tempo me olhando.

— Agora sim.

— Que bom.

Ela tira os dedos dos meus e dá um passo para trás.

— Não vá, Mary.

Então vejo os lábios dela se curvarem em um quase sorriso. Mas não é Marianne que responde. É Rick.

— Vai ter uma companhia melhor agora. Tenho que ir, Mary vai ficar uns minutos com você.

Perco uma batida do coração, fico olhando para ela esperando ela se opor ao que Henrique disse, mas Marianne dá um sorriso para meu amigo e se afasta para ouvir algo que a enfermeira está dizendo. Acho que sobre meu café da manhã. Ela fica escutando atentamente e balançando o pescoço assentindo.

É uma visão linda. Está usando um jeans e uma blusa meio rosa, os cabelos parecem estar em um marrom concentrado meio vermelho, acho que por causa da claridade do quarto. Para meu desgosto, a visão é logo interrompida por Henrique que vem para perto de mim.

— Tenho que ir para casa tomar um banho e cuidar de alguns negócios. Nelson ou Larry vem mais tarde, eu já disse a Marianne que se precisar de alguma coisa é só ligar para um de nós.

Eu assinto e já emendo uma pergunta:

— Ela vai... Marianne vai ficar mesmo?

— Sim. Ela veio ontem, mas você estava desacordado. Eu a mandei embora e dormi aqui com você.

O quê? Que porra! Fico sentido de estar numa cama e não poder bater nele.

— Seu imbecil. Por que fez isso?

— Porque ela estava ficando apavorada com sua demora em acordar. É bem melhor que ela fique aqui agora, vendo que você está bem.

Minha raiva logo vai embora.

— Ela se preocupou comigo?

— Isso você vai saber depois, se ela quiser te contar.

— Você é um cuzão de merda.

— Sei disso. Não se esforce, obedeça Marianne ou então venho e a troco por Larry ou Nelson. A propósito, um deles chega daqui a pouco para ela ir trabalhar.

Lanço um olhar de desdém para ele e fecho a cara. Henrique sorri, gostando da minha expressão. Ele se despede e vai até Marianne e a enfermeira. Eles conversam sobre alguma coisa e

saem juntos do quarto.

Cacete! Como é terrível ficar preso a uma cama sem poder nem levantar a cabeça.

Meu pescoço dói por causa da posição que adotei para tentar ver a porta. E quase se quebra quando eu viro rapidamente assim que a porta se abre. Marianne entra e, como se eu tivesse absorto em pensamentos e despertasse agora, olho para a porta. Ela não sorri. Caminha pelo quarto e mexe em alguma coisa na bolsa. Acho que deve ter pegado o celular. Ouço-a digitar rápido e depois entrar no banheiro. A voz dela é calma e baixa. Ouço o nome Candice. Depois ela sai e, ainda segurando o celular, vem para perto de mim.

— Se sentir alguma coisa, me diga.

— Claro.

Ficamos nos olhando. O clima é superpesado, uma bigorna não pesaria tanto. Fico aflito pelo olhar inexpressivo dela. Queria ver alguma reação, queria saber o que ela sentiu quando soube do meu acidente, quero que Marianne se manifeste.

— Daqui a pouco seu café da manhã chega. Quer que eu levante a cabeceira da sua

cama?

— Por favor.

Ela assente e se aproxima mais, fica do lado bem perto e posso sentir o perfume, o cheiro de limpeza, de banho recém-tomado e do perfume próprio dela, que cada pedaço do meu corpo reconhece. Ela ergue minha cabeceira e agora posso vê-la melhor, assim como o quarto.

Ela puxa uma cadeira e senta perto da minha cama.

— Eu fiquei sabendo ontem. Estive fora durante três dias. — Ela revela como se tentasse se desculpar. Eu balanço a cabeça, não quero parar de olhá-la, nem me importo com meus ferimentos ou meu estado. Se estar assim a trouxe de volta para perto de mim, então posso sofrer quantos acidentes forem necessários.

— Eu não estava acordado.

— É, eu sei.

— Onde você esteve? Viajou?

Sim. Por favor, quero saber. Onde você esteve por três dias pelo amor de Deus?

— Eu resolvi passar uns dias... Como

daquela vez...

— Sem contato com o mundo exterior. —
Eu completo me lembrando da vez que Jill falou aquelas coisas. Ela assente concordando.

— Então Candice conseguiu falar comigo.
Ela que me deu a notícia.

Balanço novamente a cabeça. Então quer dizer que Candice noticiou Marianne do meu acidente. Devo uma a ela.

Eu tento me mexer e uma dor terrível toma meu ombro. Fecho os olhos e gemo, colocando a mão por cima do curativo.

— Sawyer! — Ela se levanta rápido. —
Está tudo bem?

— Sim. Eu... foi só um mau jeito. Estou quebrado. — Dou um sorriso e não sou correspondido. Que merda. Eu sei que ela não é tão insensível, será que minhas mentiras foram tão graves a ponto de ela não me querer mais, não sentir nada? Imagina se ela soubesse do resto? Acho que a própria Marianne atiraria um caminhão contra mim.

Com muita dificuldade, alcanço a mão dela. Ainda está com o anel que eu dei. Fico feliz,
NACIONAIS - ACHERON

mas não digo nada, vai que ela, só por orgulho, tire e jogue na minha cara.

— Obrigado por ficar aqui.

— Claro que eu ficaria. No meu lugar, você faria o mesmo.

— Sim. Eu faria.

Ela não puxa a mão e de repente o clima tenso deu lugar a um clima mais ameno. Quase consigo ver o canto dos lábios dela se curvar. Seria um sorriso? Não dá tempo de eu saber. A porra da porta abre e uma enfermeira vadia entra com uma bandeja.

— Seu desjejum. — Cantarola. Ela puxa uma bandeja com pé parecendo uma mesa alta e a coloca em cima da cama, ficando sob mim. Deposita a outra bandeja em cima. Meu primeiro café na cama. Acho que o primeiro de muitos. Tenho que me lembrar de levar café na cama para Marianne algum dia. Claro que vou ter outra chance, vou sim conseguir persuadi-la.

Marianne espera a mulher sair e tira a tampa de ferro que cobre a bandeja. Há uma tigela de algo branco que eu suponho ser iogurte ou mingau, um copo de suco e um pedaço de bolo.

Nada mais. Eu vou comer só isso? Nem ela come só isso.

E acho que Marianne faz a mesma pergunta a si mesma, pois olha intrigada para a quantidade de comida.

— Eu acho que você não pode se empanturrar.

Ela pega o guardanapo, abre no meu peito abaixo do meu pescoço.

— O que está fazendo?

— Você não quer comer?

— Sim, mas...

— Não consegue nem levantar o braço. Deixe que eu cuido disso. — Ela pega a tigela, tira o plástico filme e olha.

— Parece iogurte de frutas. Quer um pouco?

— Fazer o quê? Não tem outra coisa. — Eu tento dar de ombros, mas dói e eu paro.

Marianne pega um pouco de iogurte na colher e leva a minha boca. Eu recebo a porção na colher com muita satisfação, não por estar com fome, mas pelo fato de tê-la aqui comigo e ainda

me dando iogurte na boca. Fosse outra ocasião, essa cena acabaria em sexo.

— Eu nem quero saber o motivo de você estar sorrindo. Apenas posso supor que o iogurte esteja muito bom.

Fui pego no flagra.

— O momento é bom.

Ela abana a cabeça em negativa e eu fico com os dedos latejando com vontade de tocar nesses fios sedosos. Puxá-los e trazê-la para minha boca.

Mais uma colherada de iogurte. Sem necessidade, eu lambo os lábios e vejo uma faísca nos olhos dela.

Agora você foi pega no flagra. Ela está apenas fingindo, claro que está. Marianne nunca conseguiu ser indiferente a mim e agora é impossível ela ser. Estou impossibilitado e frágil. Pobre coraçãozinho de Mary. Deve estar apreensivo por minha causa.

— Pare de me olhar com essa cara, ou Larry virá dar comida para você.

— Então você testemunhará uma greve de fome. — Eu mal acabo de falar e mais uma
NACIONAIS - ACHERON

colherada entra na minha boca. Ela quer me manter calado.

— Estou feliz por você estar aqui.

— Não me faça detestá-lo mais, Graham.

— Você não me detesta.

Eu sou mestre em manter olhares aprisionados e não é diferente com Marianne. Ela fixa os olhos nos meus e vejo centelhas de emoção brilhando nos círculos dourados. É um começo. Não vai demorar para eu conseguir o que é meu de volta.

— Apenas coma.

Ela fala, desviando os olhos e colocando mais uma colher de iogurte na minha boca. Depois ela me ajuda com o suco e o bolo.

Assim que termino de comer tudo, ela tira a bandeja de perto e senta-se na cama ao lado da minha.

Ela abre a bolsa, tira um batom e, com a ajuda de um espelhinho, começa a retocar a cor dos lábios.

— Preciso ir ao escritório. Larry está chegando para ficar com você.

Ela fala sem olhar para mim. Está muito concentrada na maquiagem. Guarda o batom e passa um lábio no outro espalhando a cor. E eu dolorido de necessidade de provar esses lábios. Por que ela tem que maltratar uma pessoa que está em uma cama de hospital?

— À noite eu volto. Eu dormirei aqui com você.

Meu eu interior também está todo destroçado, não pelo acidente, mas pelo rompimento com Marianne. Da parte dela, pois eu não rompi nada. Mesmo todo quebrado, ele consegue dar um pulo de muletas quando Marianne revela que vai dormir aqui.

Eu devia falar: não precisa, vá para casa descansar. Mas o egoísmo é muito. Quero-a aqui comigo a cada hora.

— Obrigado, Mary.

— Não há o que agradecer. As pessoas ainda acham que eu sou sua namorada, não posso deixá-lo à míngua com a imprensa toda do lado de fora especulando.

— Você não é mais minha namorada?

— Sabe que não, Sawyer.

Mas o anel ainda está no dedo. Isso tudo que ela está representando é apenas teimosia e orgulho demasiado. Deixa só eu sair dessa cama para mostrar a ela que nada acabou, que nós dois ainda somos os melhores um para o outro.

Antes de eu revidar com palavras, ouço uma voz odiosa. Nem vi a porta abrindo.

— Então quer dizer que enfim temos um fim de namoro? — É Larry que está todo sorridente olhando fixamente para Marianne. Noto que a blusa que ela veste deixa os seios em evidência.

Vá vestir um moletom, Marianne!

— Oi, Larry. — Ela sorri cumprimentando-o de longe. Ainda bem que Mary não dá ousadia, ela sabe que ele quer me deixar puto. — Estava esperando você chegar para eu poder ir trabalhar. — Ela dá um sorriso amistoso.

— Vá tranquila, linda. Esse cara não vai a lugar algum. — Larry dá uma piscadinha para mim.

— Dispensando sua companhia, seu traidor. — Eu murmuro entredentes. Marianne me olha sem entender.

— Você não está em condições de dispensar nada. — Ele retruca, sendo o dono do NACIONALIS - ACHERON

momento e ela vem para perto de mim.

— Quer que eu traga alguma coisa? Posso passar na Subway...

— Se eu puder comer... faça isso por favor, não quero pensar em comida de hospital. Quero um sanduíche de trinta centímetros, batatas e cerveja.

— Você está em um hospital, Sawyer, não em um resort de férias. Vai comer um pão integral com salada e suco. — Ela levanta a mão e toca meu braço. — Fique bem. Não vá tentar loucuras.

— Prometo.

Enfim um sorriso nos lábios dela. Será que é apenas isso? Agradá-la e ela sorrirá para mim?

Olha a que nível cheguei: ganhando o dia se Marianne sorrir para mim. Mendigando um tiquinho da atenção dela.

— Ei, cara! — Eu grito quando Larry coloca a mão nas costas de Marianne e a segue até a porta. — Onde pensa que vai?

— Vou levá-la à porta.

— Venha aqui agora, Larry.

— Deixa de ser chato, cara.

— Marianne sabe onde fica a porta, venha

aqui.

Minha voz sai alta e bem furiosa. Marianne sorri pela segunda vez, agora para Larry. Diabos.

— Vá, Larry, antes que ele tenha um enfarto.

Em seguida, sai do quarto e Larry vem para perto de mim.

— O que foi?

— Fique. Longe. Dela. — Eu sibilo como uma cobra venenosa. — É tudo que tenho para falar.

Ele apenas ri, se divertindo com minha explosão de fúria.

VINTE E NOVE

MARIANNE

A manhã passa mais rápido do que eu poderia imaginar. Acho que tanto serviço me deixou distraída. Candice não apareceu a manhã toda, está andando para cima e para baixo concluindo os últimos trabalhos antes do hotel de Graham. Se bem que ela já começou alguns esboços e estou louca para ver. Apesar de tudo que ele e eu tivemos, nossos desentendimentos, eu quero continuar no projeto e esquecer que Sawyer ou Denis, sei lá, mentiu para mim todo esse tempo.

Candice e eu marcamos de almoçar juntas para ambas ficarem a par de tudo que está acontecendo. Eu não posso mais negligenciar meu trabalho desse jeito. Qualquer coisa que acontece, eu fujo da realidade, das minhas obrigações. Sou uma profissional e tenho que conseguir separar esse

lado com minhas emoções. Principalmente as que estão ligadas a Sawyer.

Termino minhas últimas anotações, marco algumas visitas, as últimas antes de começar o projeto do hotel e limpo minha mesa. Olho minha sala antes de pegar a bolsa e sair em direção ao restaurante aqui perto no qual Candice e eu costumamos almoçar.

Ela já me espera quando entro.

— Estou exausta e não resolvi metade das minhas pendências — digo quando me sento em frente a ela. Imediatamente, Candice joga o celular na bolsa e me encara.

— Conte-me tudo, Marianne. Estou sem entender por que você não sabia do acidente de Sawyer e por que me disse que iria viajar com ele. Está traindo-o?

— Claro que não.

Candice sempre direta.

— E como assim, o homem lá no hospital e você aqui numa boa?

Numa boa? Estou quase surtando doida pela rua, pois, por dentro, estou toda em ruínas. Grávida e sozinha. Briguei com o pai do meu bebê

NACIONAIS - ACHERON

e quase o perdi num acidente. Sawyer já está bem, mas eu não estou. Vê-lo numa cama de hospital acaba comigo.

Ainda bem que minha Marianne racional tomou uma dúzia de calmantes, está equilibrada e no controle. Ela amarrou as outras todas em camisa de força para não deixar que interfiram nesse momento crítico de minha vida.

— Vou te contar, Candice. Antes vamos pedir algo para beber e ver se isso alivia o turbilhão de emoções dentro de mim.

Ambas pedimos algo para beber e nosso almoço. Assim que o garçom sai, eu pigarreio e conto a ela resumidamente a briga que tive com Sawyer. Não falo nada sobre as coisas que descobri sobre ele, ou melhor, que a mãe dele jogou na minha cara. Apenas digo que queria me afastar dele e do mundo e que fiquei em casa longe de qualquer meio de comunicação.

— Marianne! Pelo amor de Deus! Não estamos mais no ensino fundamental quando nossa única responsabilidade era dar comida ao bichinho virtual.

— O meu se chamava Kennedy! —

Exclamo, pensativa e nostálgica.

— E o meu era Clark. Mas isso não vem ao caso. O que quero dizer é que temos uma empresa, estamos atoladas de serviço e vem muito mais por aí. Não pode ficar enclausurada por três dias porque quer punir seu namorado por uma briguinha besta.

Não foi qualquer briguinha, querida. Eu rompi com ele. Bem, mas não vou dizer isso a ela. Ainda não quero ver Candice brindando com taças de champanhe e soltando confetes.

Sabe, Candice é minha amiga, mas não tenho dúvidas de que ela sentiu algo muito forte por Sawyer. Ela torce por mim, mas sei que ficaria bem mais feliz se eu também não ficasse com o bonitão que a dispensou. É aquele tipo de amiga que o sapato não serviu nela, mas ficou feliz que também não serviu na melhor amiga. O famoso "nem eu, nem ela".

— Eu sei que errei, Candice. Mas eu tinha que ter um tempo para me adaptar. Seria pior ir trabalhar na situação que estava.

Candice se inclina para a frente com os olhos semicerrados.

— Que situação? Todos os casais brigam.

Só para você saber. — Ela me analisa seriamente.
— Marianne, está me escondendo alguma coisa?

Sim, estou.

— Claro que não — respondo de imediato.

— Está sim. Seu rosto ficou pálido. Por que não quer confiar em mim?

Ah! Por que será, né? E a punhalada que levei?

Eu tenho duas opções. Ou conto a Candice sobre a verdadeira briga com Sawyer ou dou a ela um motivo maior para eu estar preocupada.

Decido ficar com a segunda opção.

— Então tá, lá vai. — Respiro pesadamente antes de continuar, levanto os olhos, mordo os lábios e encaro Candice que prevê a bomba que vem: — Acho que estou grávida.

Candice fica alguns segundos me olhando, acho que o cérebro dela tenta organizar as palavras. As Candices interiores dela devem estar piradas nesse exato momento, correndo de um lado para outro, topando uma nas outras.

Ela se recosta na cadeira.

— Olha, Marianne, espero seriamente que

você diga que esteja grávida de sonhos.

— Não. É grávida de gente mesmo. Está aqui. — Aponto para meu ventre.

— Marianne! — Ela começa a surtar. Para, coloca a mão na testa, amassa os cabelos loiros e fixa em mim, muito tensa. — Você não conhece preservativos? Anticoncepcional, pílula do dia seguinte? Meu Deus! Você nem está casada, namora com um homem que... logo daquele cara! Daquele...

— Nada de sermões, Candice. Aconteceu, foi um vacilo e eu vou hoje em uma consulta apenas para saber de quanto tempo estou. E você vai comigo, querendo ou não.

— Tem mesmo certeza de estar grávida?

— Sim, tenho.

— Esses testes de farmácia costumam dar errado.

— Meu ciclo está muito atrasado. Sinto enjoos, tontura e todos os testes de marcas diferentes que usei deram positivo.

— Meu Deus! Você não podia ter feito isso. — Candice leva as mãos aos cabelos em um gesto desesperado. Eu fico olhando a cena dela, NACIONAIS - ACHERON

está mesmo preocupada comigo ou só porque vou ter um filho do terapeuta mais badalado que conhecemos?

— Não foi porque eu quis Candice! Acha que eu queria um filho de Sawyer? Ele não quer uma família, vai surtar quando souber.

— Não conte a ele. — Ela arregala os olhos, isso foi uma ordem explícita. — Se vai continuar com a gravidez, não diga nunca a ele. Aproveite que está brigada, não diga, Marianne. Pelo seu bem e por favor, não faça um aborto se essa for a vontade dele, porque, conhecendo aquele descarado, é isso que vai sugerir.

Candice como sempre adivinhando as coisas. Às vezes imagino que ela tem uma bola de cristal ou poderes. Pois isso passa pela minha cabeça dia e noite, afinal a mãe de Sawyer gritou que ele obrigou outra mulher a fazer aborto.

— Eu não sei se vou contar a ele, mas de uma coisa estou certa: na minha gravidez ninguém toca. Agora que está aqui dentro, vai continuar.

Candice abaixa a cabeça desolada.

— Meu Deus! Vou ser tia tão cedo? Eu achava que teria um bebê antes de você.

Dou de ombros e bebo um pouco do meu suco. Fico pensando no porre que tomei depois do jogo de rúgbi. Eu já estava grávida e não sabia. Espero que não tenha acontecido nada com o bebê.

Sorrio para o suco ao relembrar o sexo que tive naquela noite com Sawyer. Foi o melhor.

Que droga! Mais uma vez vou passar o dia dos namorados sozinha.



Depois do almoço, Candice me acompanha ao consultório. A médica pede alguns exames e faz um ultrassom intravaginal com Candice ao meu lado.

— Olha só. Temos uma gravidez de quase oito semanas. Parabéns, mamãe.

Aperto com força a mão de Candice. Ela está com os olhos arregalados olhando para o monitor onde uma confusão de imagens escuras aparecem. Uma lágrima desce dos meus olhos. Não era assim que eu planejava, eu queria algo maravilhoso, com meu marido ao meu lado e nós dois sorrindo. Eu tenho uma vida dentro de mim e é

bem mais complexa que Kennedy, meu bichinho virtual.

— Veja só. Tem quase seis milímetros. —
A médica aponta para o monitor. Sinceramente?
Não vejo nada.

Ela continua e com um sobressalto dá um sorriso e um breve "uau".

— O que foi, doutora?

— Calma, deixa eu confirmar. — Ela mexe o aparelho mais um pouco e revela toda feliz: —
Como eu suspeitava, há dois corações aqui.

Não pode ser! Que seja mutante, mutante, mutante!

Um bebê só com dois corações. Que seja isso, Deus!

Todas minhas Mariannes torcem juntas, de olhos fechados, concentradas.

— Você está esperando gêmeos.

Puta que pariu! Merda! Cacete!

Que notícia boa, não é, doutora? Só que não.

— Calma. — Candice sussurra antes que eu tenha um parto antes da hora. Estremeço com os

primeiros sinais de surto.

— Mas já dá para saber...?

— Sim. É a partir da oitava semana.

Quero descer da cama e correr pelas ruas de Nova York, sem rumo. Apenas gritando e chorando, revelando que vou ter gêmeos e estou no fundo do poço, pois me separei do pai deles.

— De agora em diante sua atenção deve redobrar. Vamos começar imediatamente um pré-natal.

A médica termina e diz para eu me vestir. Quando me vejo sozinha com Candice, me apoio aos prantos no ombro dela. Tento não gritar, afinal, tecnicamente essa é uma notícia boa.

Como eu vou dar conta de duas crianças? E sem pai. Tenho certeza de que Sawyer vai fugir quando souber ou vai querer que eu... Aborto está fora de cogitação, eu tenho condições suficientes de criar meus filhos sozinha. Choro mais ainda. Filhos? Bela pontaria, Marianne.

— Mary, agora temos que manter a calma e pensar com sabedoria. — Com voz calma, Candice diz, acariciando minhas costas. — Há duas vidas que vão depender muito da sua sanidade

mental. Esqueça o pai delas, esqueça você, esqueça tudo. Pense apenas no bem-estar deles.

Limpo as lágrimas.

— Claro. E querendo ou não, mais cedo ou mais tarde tenho que contar para ele, não é?

— Será?

— Ele é pai, Candice. Mesmo se não tiver interesse nas crianças...

— Ele terá que te ajudar nas despesas. — Ela completa.

Mais lágrimas vêm e me controlo.

— Não quero o dinheiro dele.

— Nem que eu tenha que ir atrás dele. Aquele sujeito vai dar o nome para seus filhos e vai pagar pensão sim.

Um nome falso. Eu penso comigo mesma.

— Eu não quero pensar nisso agora, Candice. Preciso digerir o fato de que estou grávida. De gêmeos.

Termino de me vestir e vou para o consultório onde a médica nos espera.

— Marianne, aqui tem uma lista de coisas que você deve evitar. Automedicação, por exemplo.

Eu coloquei alguns livros sobre gravidez que você deve ler, já que é mamãe de primeira viagem. Vá naqueles grupos de grávidas, converse com outras mães e procure esclarecer qualquer dúvida. Deve começar algum tipo de exercício também, yoga ou pilates. E aqui, um encaminhamento para uma obstetra, é minha amiga, vou comunicar a ela.

Ela vai falando e eu apenas assentindo. Candice inerte ao meu lado. Meses antes se alguém me contasse eu não acreditaria. A lógica seria que Candice estivesse com o útero cheio de crianças e eu ao lado dando apoio.

Nos despedimos, Candice e eu andamos caladas com cara de velório até o carro dela.

Do escritório, eu vou para casa. Não tenho mais condições de trabalhar. Saio após ouvir um bilhão de recomendações de minha amiga. Peço a ela que não comente ainda com Leopold, pois ele pode contar para os pais e então os meus ficarão sabendo. Eu quero contar tudo a eles.

Me jogo na cama e fico olhando para o teto. Não choro. Lembro de Sawyer, claro. Tudo me faz lembrar dele. Por mais preocupada que esteja não vou me dissolver em lágrimas como uma

chatona que só sabe chorar. Fecho os olhos, me recordo de nós dois deitados nessa cama e eu perguntando quais os medos dele. Sawyer disse que tinha medo de eu deixá-lo. Eu prometi que não iria a lugar algum.

Agora, carrego algo que nos unirá para sempre, enquanto essas crianças tiverem vida. Dois? Meu Deus. Dois filhos de uma vez.

Viro de lado e minhas Mariannes criam uma imagem ilusória de Sawyer, ao meu lado, virado para mim, sorrindo.

Volte para mim, Mary. Seja feliz comigo.

A ilusão projetada pela minha mente fala me fazendo suspirar. Fecho os olhos divagando sobre um cara chamado Denis, uma mãe louca, um assassino... por que ele matou o padrasto? Se eu quero saber? Sim, quero. Por que ele faria isso?

Acabo dormindo por meia hora. Acordo um pouco mais revigorada, com a mente ainda em combustão. Escolho uma roupa que diga: "Estou grávida e você será pai, mas não saberá tão cedo." É um vestido com mangas de renda e uma faixa como cinto, abaixo dos seios. Penteio os cabelos, faço um topete e amarro tudo em um rabo de

cavalo. Pronto, cara de grávida.

Às seis da tarde saio de casa, passo na lanchonete e vou para o hospital. Me recomponho antes de entrar no quarto.

— Oi. — Eu cumprimento as pessoas quando entro no quarto. Sawyer está feliz, rindo de algo. Além de Larry, Nelson também está aqui.

Eu me recuso a olhar para o homem deitado na cama ou vou me acabar em lágrimas. Sim, agora sou a chatona querendo chorar. Qualquer distração é bem-vinda. Inclusive os olhares mal disfarçados dos dois homens amigos de Sawyer.

— Oi, rapazes.

— Oi. — Eles respondem em uníssono.

— Pronto, agora vocês podem ir — diz Sawyer, perdendo a animação que vi quando entrei aqui.

— Agora que ela chegou, você quer que a gente saia? — Nelson diz e eu vejo a hora que Sawyer vai levantar. Ouço ele gemer e sei que tentou se mexer. Não tem jeito, tenho que encará-lo. Caminho até a cama, tentando fazer dele apenas meu amigo. Impossível com esse abdômen à

NACIONAIS - ACHERON

mostra. Mesmo estando parcialmente enfaixado.

Ele me encara com os olhos brilhando. Os hematomas em seu belo rosto me fazem sofrer.

— Como passou o dia?

— Muito mal. Não me deixe sozinho com esses dois.

Sorrio para os rapazes e volto a encarar Sawyer.

— Trouxe umas comidinhas para você.

— Estão ouvindo? Eu vou jantar agora. Tomem seus rumos. — Sawyer levanta o pescoço e fala rispidamente com os dois amigos.

— Sawyer! Eles fizeram um favor para você. Não os trate assim.

— Só porque fizeram um favor não quer dizer que podem olhar para você desse jeito.

— Não se preocupe, Mary, já estamos acostumados.

— Além do mais, ele até que tem razão, se eu tivesse uma garota como você ao meu lado iria matar quem ousasse se aproximar.

— Pronto, eles entendem. Tchau, rapazes — responde Sawyer imediatamente.

E para minha surpresa eles se despedem para ir embora. Claro, cada um se aproxima de mim para me dar um beijinho no rosto. Sei que eles entendem o código de amigos, que nunca vão dar em cima de mim de verdade, estão fazendo isso apenas para provocar Sawyer. Homem é tudo igual. Não perdem uma oportunidade. Eles vão embora e agora o homem deitado e ferido relaxa aliviado. Que tolo.

— Você demorou. — Ele fala animadinho demais. Empurro a bandeja/mesa para cima da cama e começo a tirar as coisas da sacola.

— Estou terminando todos os projetos pendentes no escritório para dar início ao do hotel.

— Então vai continuar comigo?

— Com o projeto do hotel.

Coloco o sanduíche no prato descartável e reparto em três partes. Há também suco. Coloco as frutas na pequena geladeira e volto para perto dele.

— E quanto a nós, Marianne?

— Sawyer, não é momento de conversar sobre isso. Eu já deixei claro o que pretendo. Mas não posso sair da relação antes de termos uma conversa séria e eu poder fechar o ciclo.

— Que porra de ciclo? De novo com essa merda? Não quero que feche um ciclo comigo.

— Coma e fique quieto, Sawyer.

Pego um pedaço de sanduíche e tento colocar na boca dele. Como uma criança rebelde sem querer comer brócolis, ele fecha a boca e sacode a cabeça.

— Eu não quero comer. Quero que converse comigo.

Eu coloco o sanduíche de volta no prato e fecho os olhos respirando fundo. Esse homem não aceita uma única palavra que eu falo. Planejo algo muito maléfico para ver se ele se aquieta de vez. Respiro fundo, penso se é isso mesmo que quero falar e interiormente dou de ombros com a mentira na ponta da língua.

— Eu conheci outra pessoa.

Pode rir, pessoal. Eu estou com vontade de rir. Sawyer me olha intensamente, como se quisesse compreender alguma coisa. Os olhos semicerram.

— Você não conheceu ninguém. Você me ama. — Ele rebate incrédulo.

— Vai apostar? — Provoco.

Ele não diz nada, mas o rosto enraivecido mostra tudo o que sente. Ele não desgruda os olhos de mim e eu sustento o olhar cruzando os braços. Para dar veracidade à mentira, começo a caracterizar um homem imaginário.

— Ele se chama Kennedy, é um fofo, da minha idade e gosta de arte. Eu o conheci quando fui reformar o apartamento dele e, quando você pisou na bola comigo, foi nele que encontrei um ombro amigo.

Agora Sawyer está horrorizado e eu me sentindo uma maldita pilantra por maltratar alguém no leito de um hospital.

— Mentirosa.

Eu dou de ombros.

— Por que está fazendo isso? Quer se vingar de mim da maneira mais baixa que existe? Tirando o sono de uma pessoa acidentada?

Eu me levanto irada.

— Não é vingança, Sawyer. Só quero que saiba que você não é o único homem do mundo e que não é meu dono.

— Mas sou o homem que você quer. Aceite isso, Marianne. Nenhum outro idiota vai
NACIONAIS - ACHERON

conseguir te dar o que eu te dou.

— O quê? Sexo? Todo homem pode fazer. Você é muito presunçoso. Se um dia puder conhecer Kennedy vai saber que sexo não é tudo. Ele não se importa com essas coisas, não fica me chamando de gostosona e nem de olho na minha bunda como se eu fosse um pedaço de filé.

— Ou seja, você está saindo com um veado.

— Que linguajar baixo. Você é tão ridículo, Sawyer.

— Candice por acaso está sabendo dessa sua safadeza? Ela não é a santa que prega a boa moral e os bons costumes?

— Safadeza? Agora eu sou a safada?

— É. Seu namorado está impossibilitado em um hospital e você de ladainha com um miserável.

— Você é um cretino! — Eu grito.

— E você é uma... — Ele para de falar e depois bate o punho na cama. — Porra! — Geme e eu vejo que fui longe demais.

— Sawyer, fique calmo, você está

exaltado. — Sussurro.

Droga. Se eu soubesse que ele espumaria de ódio eu nem teria mentido. Quer saber? Eu já sabia como ele reagiria. Ele é homem e possessividade com mulher é o ponto forte em um homem.

— Como posso ficar calmo se você está me plantando um par de chifres? Eu quero muito matá-lo. Vou matar.

— Quer saber? Eu não tenho nada com ele. Faz poucos dias que deixei você e não quero parecer uma vadia terminando relacionamentos e começando outros com pouco espaço de tempo. Eu ainda estou confusa e mexer com homem é a última coisa que quero no momento. Satisfeito? Agora coma.

Ele fica me olhando, sério e compenetrado. Os dedos dele ainda fechados em punho. Toco na mão dele e faço uma breve carícia.

— Desculpa por ter provocado você.

— Não quero sonhar com você se encontrando com idiota nenhum. — Ele diz num tom mais ameno e aperta meus dedos. — Eu nem posso defender o que é meu estando preso aqui.

Reviro os olhos. Ele ainda cisma com essa história de ainda estarmos juntos.

— Tudo bem, vamos fazer assim: deixamos o assunto romance entre a gente suspenso. Quando você estiver melhor, sentamos e conversamos. Temos que chegar a um consenso que seja bom para ambos.

— Não considera um namoro comigo algo bom? Nós estávamos felizes, Mary.

— Eu vivia uma mentira.

— Não era mentira. Eu omiti meu passado, nada do nosso relacionamento foi mentira. Sabe disso, Marianne.

— Eu estava com um homem que escondia o próprio nome.

— E o que isso tem a ver?

— Confiança, Sawyer. Olha o que aconteceu entre mim e Ryan por falta de confiança.

— Eu não sou Ryan, eu a amo, Marianne.

— Não fale mais isso. — Me levanto e fico de costas para ele. Luto contra as lágrimas. Em um gesto, jogo os cabelos para trás e tento me recompor.

— Marianne.

Volto-me e o encaro.

— Coma. Apenas coma. Você precisa se recuperar depressa para sairmos daqui.

— Você vai comigo? — Ele segura minha mão e um desespero acentua em sua voz. — Vai voltar para casa?

— Eu prometi a mim mesma que não vou abandoná-la nesse momento. Então, enquanto estiver impossibilitado, ficarei com você na sua cobertura.

— Isso me deixa feliz.

O verde dos olhos dele brilha evidenciando os sentimentos. Eu quase consigo acreditar que é tudo verdade. Sorte que já tive o desprazer de conhecer as tramoias dele.

— Quer que eu guarde? — Aponto para a comida.

— Não. Eu vou comer. Preciso sair logo daqui e levá-la para casa comigo.



Mais tarde fui ao banheiro, vesti uma roupa confortável para dormir, me ajeitei na cama ao lado e tentei prestar atenção na televisão. Bem difícil pensando em tudo que aconteceu hoje, a gravidez... a decisão de não contar a Sawyer.

— Queria que pudesse dormir aqui comigo — ele bate de leve na cama dele —, eu ia me sentir melhor.

— Só se for para eu te matar. Sabe como eu me mexo durante o sono.

Depois de segundos, tiro os olhos da TV e olho para o lado. Sawyer me fita atentamente.

— O que foi?

— Está diferente.

— Passei o dia correndo. — Faço pouco caso.

— Contou para Candice sobre nosso desentendimento?

— Sim. Mais ou menos.

— Contou sobre... er... o que minha mãe disse?

— Não. Candice não precisa saber dos detalhes. Sawyer, você matou um homem? Isso é

mesmo sério?

— Claro que não.

Ele é rápido e convicto na resposta.

— Ela parecia certa no que dizia.

— Ela é louca. Supõe coisas. Acha que se eu tivesse matado eu estaria aqui numa boa? Nesse país temos prisão perpétua, Marianne.

— Mesmo assim, você mudou de nome. Foi por isso que mudou de nome?

— Não foi por isso. Na verdade, isso não aconteceu. Você disse que não iríamos discutir sobre isso agora.

— Disse que não iria discutir sobre nós dois. Mas tem razão. Vá dormir, não tenho nada a ver com isso.

Ficamos calados, olhando para a televisão, cada um em uma cama e sei que nós dois estamos pensando no mesmo assunto. Deve ter acontecido algo bem sério para ele ter escondido a identidade. Tenho quase certeza que foi isso. Perdoar omissões, troca de nomes, um possível aborto forçado é até compreensivo. Mas perdoar um assassinato?

Sawyer e eu trocamos olhares. Ele sabe que

estou pensando sobre isso. Posso ver seus olhos meio tensos.

— Um dia vai acreditar em mim? — pergunta ele.

— Não, Sawyer. Não estamos mais juntos. — Eu me levanto, apago a luz e deixo apenas uma luminária acesa. — Acho melhor você dormir. — Volto a me deitar e ele fica olhando para o teto, até fechar os olhos.

Eu fico muito tempo acordada de lado, olhando para silhueta dele, na penumbra.



Acordo com alguém me chamando. Abro os olhos e ainda é noite. O quarto está escuro.

— Mary. — Ouço novamente e percebo que é Sawyer. Dou um pulo da cama, já completamente preocupada. Não tenho o sono tão leve, mas num lugar como esse, a mente não desliga totalmente.

— O que foi? Está sentindo alguma coisa. — Calço meu chinelo.

— Não, só preciso urinar.

Coço meus olhos e bato a mão no interruptor para acender a luz.

— Chame alguém para me ajudar.

Lembro agora que o médico me disse que tirou a sonda de Sawyer quando ele veio para o quarto. E como ele não consegue levantar ainda, não sei como ajudá-lo.

— Como você fez ontem à tarde?

— Ah... — Ele me olha meio sem graça.
— Tem um vasilhame próprio, no banheiro, a enfermeira veio e... me ajudou a ajeitar o pênis dentro...

Franzo o cenho e Sawyer logo explica:

— Não estou conseguindo me mexer muito bem.

Assinto e vou ao banheiro pegar o tal recipiente. Já vi desses na TV, em seriados médicos, são próprios para os homens que estão impossibilitados de ir ao banheiro.

O que eu encontro está lacrado dentro de um saco onde se lê: esterilizado. Volto para o quarto, vou para a cama de Sawyer, tiro o lençol

que o cobre e vejo que está vestindo um short folgado do hospital.

— Eu posso... — Ele tenta se sentar, força o peso do corpo no braço e acaba gemendo alto.

— Sawyer!

— Está tudo bem...

— Fica quieto. Não é um bicho de sete cabeças. Está agindo como se eu nunca tivesse abaixado suas calças.

Ele dá um sorrisinho. Ignoro e puxo o short para baixo. Não foi nada demais. Eu o ajudei e, assim que ele urinou, levei o vasilhame para o banheiro, vesti o short nele e o cobri novamente com o lençol.

Minhas Mariannes me olhavam com cara feia, todas sonolentas. Elas se perguntam por que estou ajudando ele. Porque ele é uma pessoa, faria isso por um desconhecido, ainda mais pelo cara que amo.

— Quer água?

— Sim, por favor.

Voltamos a dormir e pela manhã, muito cedo, dois enfermeiros vêm ajudar Sawyer a se

levantar e ir tomar banho. Eu fiquei apreensiva, com as mãos juntas, olhando ele gemer enquanto se sentava na cama e, em seguida, na cadeira de rodas própria para banho. Meu coração se despedaçou ao vê-lo sofrendo dessa forma.

Cinco dias depois saímos do hospital. Uma multidão de fotógrafos tampou nossa passagem. Sawyer ainda mancava apoiado em Henrique, que usava boné e óculos escuros. Eu caminhava ao lado deles, carregando algumas bagagens com a ajuda de Nelson. Um motorista já nos esperava e conseguimos abrir caminho com a ajuda de seguranças.

Foram cinco dias de muita tensão no quarto de hospital junto com Sawyer. Volta e meia, ao passo que ia se sentindo melhor, ele tentava flertar ou voltar ao assunto do nosso relacionamento. Eu o ameacei algumas vezes de que se tornasse a tocar nesse assunto, eu não dormiria mais com ele no hospital.

Mesmo assim era inevitável, porque ele continuava irredutível, mesmo sem ter muita mobilidade. Agora ele já consegue fazer várias

coisas sozinho. Tomar banho não é uma dessas coisas e isso me deixou com os nervos à flor da pele. Agora que ele vai para casa, não tem mais os enfermeiros para ajudá-lo no banho. Eu pensei em chamar um dos amigos dele, mas é abusar da boa vontade alheia, todo dia um deles sair de casa para vir dar banho em Sawyer quando eu mesma posso fazer isso. No nosso quarto dia no hospital, decidi dispensar os enfermeiros e me arriscar a ajudá-lo no banho.

— Sem brincadeiras. — Eu avisei logo. Sawyer parecia ter ganhado o dia.

Eu o ensaboei com cuidado, com ajuda de uma esponja macia, tomando cuidado para não esfregar as partes machucadas. Foi mais fácil porque ele machucou apenas o lado esquerdo. Sawyer não ficou com gracinha, apenas disse que gosta muito quando dou banho nele e, que se fosse outra ocasião, eu estaria imprensada entre ele e a parede. Depois eu o enxuguei e o ajudei a vestir uma cueca limpa e bermuda. Em seguida, uma enfermeira veio para trocar os curativos. Não foi difícil e eu passei no teste.

Agora, indo para casa com ele, tenho que

esconder que o que ainda sinto é muito forte. Na verdade, não mudou nada, mesmo com a hipótese de um assassinato e uma troca de nomes.

A tola é você, querida. Minha Marianne rancorosa fala na minha mente.

Eles são fofos juntos, ela está ajudando-o. Isso é lindo. Minha Marianne romântica contradiz.

Quando essa palhaçada terminar, você vai para sua casa. Minha Marianne racional ordena, com os braços cruzados e batendo o pé. Ela sabe que há muitas coisas pendentes e que não posso correr de volta para Sawyer só porque ele se machucou.

Outra coisa que vai ser difícil esconder: os aparentes sintomas de gravidez. Eu sinto enjoos matinais e algumas roupas já ficam apertadas mesmo com a barriga ainda lisa. Sem falar no cansaço e na sonolência. Vou ter que me desdobrar para dormir ao lado dele sem que perceba meus sintomas.

— Em que está pensando tanto? — pergunta dentro do carro.

— Nada. Pensamentos bobos. — Agito as mãos num gesto sem importância.

— Será que estou em um desses pensamentos bobos?

Vejo que ele dá uma piscadinha. Chato.

— Não do jeito que você gostaria.

Ele dá uma risada. Maldição. As risadas têm o poder de me fraquejar e Sawyer sabe disso. Nos dias que passamos no hospital, ele riu e muito. Riu com os amigos, contou piada e riu mais. Vê-lo assistir desenhos animados era a coisa mais fantástica. É incrível como alguns adultos gostam disso. Eu me pergunto como seria vê-lo assistir TV com os filhos. Será que isso nunca passou pela cabeça dele? E por que ele não quis o filho da tal mulher?

E pronto. já estou de volta no poço sem fundo que é o passado de Sawyer. Novamente esse tal aborto e o possível assassinato me deixam enfraquecida.

E a cada vez que penso isso, eu me distancio mais da ideia de contar a ele que daqui a aproximadamente sete meses ele será pai. De dois bebês.

Duvido que mantenha esse sorriso nos lábios quando souber.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

TRINTA

SAWYER

Depois da briga com Marianne, pensei que estivesse tudo acabado. Mas agora sei que tenho uma oportunidade. E ela começa agora. Aqui na minha casa, ela ficará sob minha vigilância e conseguirei mostrar a ela como éramos bons juntos, como ela se divertiu nos dias que ficou aqui e que meu passado deve ficar no passado, porque não tem nada a ver com a gente.

Ainda temos um elo. Mesmo que fraco, graças ao projeto do hotel que nos aproximou novamente. Durante os cinco dias que ficou comigo no hospital, Candice e ela fizeram uma demonstração do projeto para eu assistir lá na minha cama mesmo. Até Candice estava eufórica e, pela primeira vez, conversou normalmente comigo. Mesmo tendo notado que em alguns momentos ela

me olhava como se dissesse: "Você se fodeu, otário."

— Nelson vai ajudar você subir as escadas — diz Marianne quando chegamos.

— Eu não quero subir.

— Sawyer, deixa de teimosia. Você tem que repousar.

— Posso fazer isso no sofá. Mais tarde você me ajuda a subir. — Eu olho para Henrique e Nelson. — E vocês podem ir se quiserem.

— Eles não vão agora. — Marianne interfere. — Vou preparar alguma coisa para a gente comer. — Ela vem até mim, segura o meu braço com muito cuidado. O outro está preso junto com o ombro em uma tipoia.

— Venha, sente-se aqui. — Ela me ajuda a sentar. Assim que eu me sento, Marianne se apressa em tirar meus sapatos e puxa a mesinha para eu colocar os pés.

— Esse safado está gostando disso, Marianne. Só para informar você. — Nelson alerta.

— É, eu sei. Mas a vida boa dele está acabando.

Eu sorrio para meus dois amigos e depois para ela.

— Obrigado, Mary.

— Pelo menos ele é educado e agradece — diz Marianne, indo para a cozinha.

Henrique olha para ver se ela foi mesmo e senta ao meu lado.

— Você não a merece, cara. Essa garota é boa demais para você. E ainda continua enganando-a.

— Fique fora disso, Henrique. — Eu alerta.

— Denis? Que porra é essa de Denis, cacete? Por que mentiu para ela? Será que não vê que está armando a própria emboscada?

— E o que queria que eu fizesse? Que dissesse que meu nome era Tyler e ela descobrisse meu passado com o amiguinho Google?

— Ela tirou seus sapatos, seu filho da puta! — Nelson senta do outro lado me pressionando. — Te dá comida na boca e te dá banho. Porra, cara, conta logo toda a verdade.

— Até porque nós, seus amigos, fazemos

parte dessa "verdade".

— Não agora. Não vê como ela e eu estamos balançados? Se eu contar a putaria que foi minha vida, ela não vai voltar a me olhar nem se eu estiver num caixão.

— E quando pretende contar?

— Não sei. Estou pensando em um modo de não deixar que ela me abandone se souber.

— Case-se com ela — diz Nelson, dando de ombros (dar de ombros — coisa que ainda não posso fazer).

É isso!

Casar com ela é uma boa ideia. Mas é o que eu quero? Me casar? Me tornar um marido?

Com Marianne, sim. Se me casar garantir que ela fique sempre ao meu lado, então chame um padre.

Eu sempre corri disso, ou melhor, nunca cogitei a possibilidade de me casar um dia. Mas essa ideia se mantém doce na minha mente.

Como assim? Doce? Meu eu interior me pergunta me olhando feio.

— Nelson tem razão. — Rick concorda. —

Dizem que casar é se amarrar. Então é um modo de você amarrá-la a seu calcanhar.

— Parece uma boa ideia, mas preciso de algo mais. Se ela descobrir tudo depois de casada, pode muito bem pedir o divórcio. Preciso ter certeza de que ela não vá embora.

— Então engravide-a. — Henrique dá a ideia.

Outra coisa que eu jamais poderia imaginar. Ser pai. Mesmo antes de Amanda ter armado uma cena de uma gravidez falsa, eu jamais poderia querer ser responsável por alguém. Uma criança, um ser vivo que vai me ter como espelho, principalmente se for um menino. Como poderei mostrar meu passado a um filho ou filha?

— Não sei se posso me casar... ou ter filhos.

— Como não? Todo mundo um dia quer se aquietar, ter uma casa, um aconchego, uma patroa e se você quer tanto Marianne, então vai ter que encarar os filhos que ela lhe dará.

— É um caso a ser pensado.

Mal acabo de fechar a boca e Marianne aparece na sala. Ela traz suco para a gente.

— Rick, pode ir à cozinha e pegar aquela bandeja que está em cima do balcão?

Ela pede e ele assente e sai. Marianne me entrega um copo, Nelson pega outro e ela senta ao meu lado, no lugar que Rick ocupava.

— Nada de cervejas? — pergunto.

— Nada de cervejas. Eu estou no comando agora. Fiz pães de queijo hoje, mais cedo. — Ela revela e eu não consigo manter a boca fechada, dou um sorriso amplo.

— Hoje você vai experimentar uma iguaria tipicamente brasileira. — Viro-me e digo a Nelson.

— Já experimentei pães de queijo — responde.

— Mas não os que Marianne faz. São os melhores.

Rick chega com a bandeja e nós três avançamos. Claro que Marianne precisa me dar os meus.

Depois de se empanturrarem e elogiarem os dotes culinários da minha namorada (sim, ela ainda é minha namorada), meus dois amigos vão embora e enfim fico sozinho com ela. Não sei se ela vai aceitar, mas quero começar a colocar tudo

NACIONAIS - ACHERON

em pratos limpos. Quanto mais cedo, melhor. Se bem que eu precisava de um tempo para analisar a ideia dos rapazes. Casar e ter filhos. Com certeza é a única forma de manter Marianne amarrada a mim. Ela pode se livrar de um casamento, mas um filho nos ligará para sempre.

— Quer assistir um filme? — Eu olho para o lado onde Marianne está parada. — Ou quer subir para o quarto?

Ela está muito desejável. De franja e rabo-de-cavalo. A blusa que usa tem uma faixa abaixo dos seios deixando-os maiores. Será que fiquei tempo demais desacordado e esqueci as dimensões exatas dos seios dela? Parecem maiores.

— O que você vai fazer? — pergunto a ela.

— Eu tenho alguns projetos para finalizar e tenho que enviar alguns emails. Posso usar seu escritório?

— Claro. Fique à vontade — digo, mesmos sabendo que tenho uma estante lá, repleta de indícios de meu passado.

Ela assente, vai até a estante e fica olhando os vários filmes que tenho.

— Parece que tinha mais filmes da
NACIONAIS - ACHERON

primeira vez que vim aqui.

— Emprestei alguns.

Ela não responde, continua escolhendo. No fim, traz três para que eu veja. Todos de ação policial. Marianne conhece meus gostos.

Escolho um e ela o coloca.

Assim que o filme começa, ela sai. Antes diminui a luz da sala e eu fico imerso na penumbra.

Ainda me sinto cansado e sonolento por causa dos medicamentos. Sem perceber, acabo dormindo sem me importar com o filme.

Acordo com uma voz suave ao meu lado, chamando meu nome. Eu abro os olhos e Marianne dá um sorriso.

— Hora de ir para a cama.

Ah! Que sonho! Bem que essa frase poderia ser em outro sentido.

Cara, deixa de ser lesado. Você nem consegue tomar banho sozinho. Vai pensar em safadezas? Meu inconsciente me recrimina e eu sou obrigado a concordar com ele. Mas o desejo ainda existe, sempre existirá.

Olho para a TV e já está desligada. As

luzes acesas.

Esfrego os olhos e me levanto com a ajuda dela.

Os lugares machucados do meu corpo ainda doem. Meu ombro principalmente, no qual foi realizada a cirurgia. Mas, no momento, o que sinto é o braço dela envolvendo minha cintura.

Me controlo. Mary está me ajudando. Tenho mesmo que deixar de ser pervertido.

— Antes você tem que tomar um banho. — Ela me leva até o banheiro onde a banheira já está cheia. Me sento em uma cadeira e ela me ajuda com a tipoia e a roupa. Sem dizer uma palavra ela começa a desabotoar minha camisa. Não posso usar camiseta, pois precisa de uma grande mobilidade dos braços para tirar e colocar. O cheiro de Marianne tão perto me desconcerta.

Pelos meus cálculos, já faz mais de uma semana sem nos tocarmos. Sem um único beijinho sequer. O pior é ter que suportar todos os dias ela tão perto, me apalpando sem eu poder fazer nada. Mas isso não é uma via de mão única. Marianne também sofre nitidamente. Como agora. Ela simplesmente não consegue desgrudar os olhos de

mim. Estou nu e vejo o desejo dela no ápice.

Seu corpo não consegue esconder, minha linda.

Dou um sorriso sacana quando ela olha para meu pau duro dentro da cueca. Marianne revira os olhos e segura no meu braço me levando para a banheira.

— Queria que estivesse aqui comigo — digo, imerso na água morna.

— Você mal se aguenta. — Ela resmunga e começa a ensaboar meus braços com cuidado. Está toda linda, com o cabelo amarrado e sentada em um banquinho para poder facilitar o meu banho. Ela olha a cicatriz no meu ombro e faz uma careta. — Ainda dói?

Eu olho de lado para a cicatriz e faço que não com a cabeça. Ela passa o dedo com cuidado e segue me limpando.

Marianne tenta ser indiferente, tenta ignora meu olhar, mas eu consigo ver além dela. Parece que no seu interior existem outras várias Mariannes e todas estão com a mesma ideia, que envolve meu corpo.

Ela termina, lava o sabão do meu corpo e
NACIONAIS - ACHERON

pega a toalha. Eu me levanto com cuidado e saio da banheira com a ajuda dela. Ela me seca meticulosamente.

Primeiro meus braços, depois passa a toalha com cuidado no meu ombro, seca meu peito, minhas costas e eu assisto a cena pelo espelho. Ela finge não perceber minha ereção quando me ajuda a tirar a cueca molhada e trocar por uma limpa.

— Levante os braços. — Ela pede e, com o rosto contorcido, eu consigo levantar um pouco o braço. Ela se apressa em passar desodorante nas minhas axilas e me ajuda a abotoar a tipoia e o colete ortopédico.

Depois de enxuto, limpo e cheiroso, ela me conduz para o quarto.

A cama já está preparada. É ótimo estar em casa novamente, sentir o cheiro do meu quarto, o calor do meu colchão. Ter Marianne aqui só para mim, mesmo que afastada. Eu sento na cama e ela vai ao closet pegar uma calça.

— Juro que estou torcendo para essa ereção sua ser vontade de fazer xixi. — Ela resmunga, olhando de soslaio para minha cueca.

— Não é.

— Meu Deus, que pervertido!

— Por quê? Meu corpo está apenas respondendo aos seus toques.

Ela faz eu vestir a calça do pijama e eu me deito na cama. Eu me sinto um garotinho sendo cuidado pela babá.

— Vai dormir aqui comigo?

— Você sabe o quanto eu me mexo à noite. Você está machucado, não posso dormir aí.

Vejo um pedido de desculpas no olhar dela.

— Não importa, fica aqui comigo.

— Claro que importa. Não quero nem pensar no que pode acontecer. Mas fique tranquilo. Estou aqui no quarto ao lado.

Marianne começa a ajeitar o edredom de minha cama, mordendo o lábio, pensativa.

— Você ainda está com muita raiva de mim? — Ela ajeita meus travesseiros e me cobre até a cintura.

— Não Sawyer. Não estou mais com raiva. Apenas ressentida.

— Já me perdoou?

— Não.

— Pretende me perdoar?

— Não sei. Preciso saber toda a sua história. Nem sei se quero saber na verdade.

Marianne sai de perto de mim e apaga a luz do quarto. Apenas os abajures ficam acesos.

— Vou deixar aquela luminária acesa. — Ela aponta para a luminária, que ela comprou quando veio morar aqui, do outro lado em cima de uma cômoda. — O celular vai ficar aqui ao lado, é só ligar para mim caso precise de ajuda para ir ao banheiro. Tem água aqui do lado.

— Eu quero te contar tudo. — Ignoro o que ela fala e dou a resposta sobre o outro assunto.

— Mas não agora. — Ela apaga o abajur ao lado da cama e fica me olhando algum tempo antes de se afastar. — Boa noite, Graham.

Eu não respondo. Marianne sai do quarto.

— *Maldito! O que você fez? — Minha mãe gritava com o rosto banhado de lágrimas aconchegando em seu colo o corpo flácido do homem. Eu, em um canto, ferido.*

— *Ele feriu Kayla — respondi, chorando.*

Nem consigo me levantar, pois antes de

vencê-lo, tivemos uma briga feia e levei uma surra do maldito. Por sorte, consegui pegar a arma a tempo...

Meu braço dói, meu ombro dói. Sinto minhas costelas partindo uma a uma e minha mãe se levanta e vem para cima de mim, desferindo vários golpes em minhas pernas e braços.

Kayla, em um canto, apenas chora enquanto eu apanho mais e imploro para ela parar.

— Meu ombro! — Grito de dor.

— Sawyer!

Abro os olhos e vejo Marianne ao meu lado. Os olhos arregalados e os cabelos soltos emoldurando o rosto. Fico tão aliviado por ter acordado. Percebo meu coração palpitante e minha respiração pesada. Meu rosto e peito suando em bicas.

— Você estava tendo um pesadelo. Acabou deitando de lado, por cima do ombro.

Por isso meu ombro estava doendo tanto.

— Mary!

Levanto meus braços e puxo-a para um

abraço. Ela não resiste. Ela me abraça com cuidado para não me machucar. A primeira vez que a abraço depois de termos brigado.

— Eu sou um assassino. — Resmungo de encontro ao cabelo dela.

— Calma. — Ela sussurra, me acomodando novamente contra os travesseiros e pegando água no criado-mudo. Assim que eu bebo, ela se senta ao meu lado.

— Você estava gritando.

— Eu tinha 15 anos quando...

— Sawyer...

— Escuta, eu preciso contar. — Imploro febrilmente e Marianne se cala. Os olhos pregados nos meus.

— Eu menti para você. — Engulo em seco e evito o olhar dela. — Kayla não morreu em um acidente, ela... Meu Deus... — Posso sentir meus olhos cheios de terror.

— Sawyer. Não precisa falar...

— Ela... minha irmã... se matou. — Soluço e amargamente, recordo da notícia que recebi na cadeia.

Ouço o "oh" fraco e aterrorizado de Marianne. Os olhos âmbar dela estão saltados e aterrorizados como os meus devem estar.

— Eu nunca gostei do Chris, meu padrasto, mas nunca tivemos problema. Ele era dez anos mais novo que minha mãe... ela... cacete! Ela amava aquele pedaço de merda... e um dia eu cheguei da escola e o flagrei... — Paro de falar. Fecho os olhos tentando tirar aquela imagem da minha cabeça. A imagem que vi quando abri a porta do quarto de Kayla.

— Não precisa, Sawyer... — Marianne toca minha mão e eu abro os olhos.

Ignoro-a.

— Eu saí mais cedo da escola naquele dia. Minha mãe não estava em casa. Ela deixou minha irmã com ele e o safado... o desgraçado a violentou... a forçou na própria cama dela. E minha irmã estava ferida, chorando, amedrontada.

Sinto lágrimas quentes deixarem meus olhos, mordo com força meu lábio e suprimo um gemido.

— Ah, meu Deus! — Marianne exclama horrorizada.

— Kayla tinha apenas 13 anos. E depois de lutar muito com ele, sim, eu parti pra cima, eu quis feri-lo, mas ele era muito forte e acabou comigo... Foi uma defesa, pois ele acabaria comigo e com minha irmã. No último momento, eu alcancei um rifle que era do meu pai e ficava em um vidro no escritório. — Limpo minhas lágrimas e fico sério. — Dois tiros certos e minha mãe chegou. Ela nunca acreditou que ele tinha violentado Kayla.

— Mas sua irmã não contou a verdade?

— Ela estava assombrada, traumatizada. Ela não conseguia falar uma palavra. Minha mãe nem mesmo a levou para fazer um exame de corpo de delito. Mesmo caído no chão, ferido, ainda ganhei mais alguns safanões da minha mãe. Ela me bateu muito e, quando eu estava sem conseguir levantar um dedo, a polícia chegou e me levou.

— Sawyer! Eu... Sinto muito.

— Peguei três anos em uma prisão juvenil, mas não cumpri toda a pena. Fugi quando soube que minha irmã tinha morrido. Aproveitei a chance e fui atrás de minha mãe. Ela se afundou na bebida. Perdeu toda a família. Eu não tinha mais raiva por causa da surra que me deu, meu ódio era por Kayla

ter morrido em consequência do que aconteceu.

— E como foi o encontro quando você fugiu?

— Eu a culpei pela morte de minha irmã. Ela tentou me bater, mas já não era o garoto besta que tinha apanhado calado. Empurrei-a, ela caiu e eu saí, consegui uma carona e saí do estado. Nunca mais pisei naquele lugar novamente.

— Foi por isso... que você... mudou o nome?

Não.

— Entende agora? Eu queria limpar meu passado. Queria renascer em uma nova pessoa.

Desculpe, Deus por não ter coragem de contar pra ela tudo de uma vez.

— É lógico que te entendo, Sawyer. — Marianne fala e acaricia meu pulso enfaixado. — Você escolheu um belo nome.

Balanço a cabeça anuindo.

— Só para pontuar: o Sawyer foi tirado do seriado *Lost* e o Graham do *The Graham Norton Show*. — Eu digo e ela dá uma risada.

— Eu já tinha imaginado isso. Criatividade

sempre foi seu forte — Marianne diz e eu continuo encarando-a, queria tanto contar tudo de uma vez, mas ainda não é o momento. Vou esperar ela digerir essa primeira parte da minha vida.

Ela tira a mão do meu pulso e, antes de se levantar, eu consigo segurá-la. Ela olha para minha mão e seus olhos caminham para meu rosto.

— Eu não obriguei ninguém a abortar. Até porque nunca teve uma gravidez.

— Sawyer, não precisa...

— Precisa sim, quero te explicar, Marianne — digo.

Ela fica imóvel e assente levemente. Parece que tem medo de ouvir, medo de querer me perdoar, sei que o orgulho dela grita estridente para não confiar mais em mim, porém, é inevitável, uma vez que ela me ama.

— Você vai explicar, mas não agora. Ainda está nervoso e ficou mais ainda com essa história de sua mãe. Relaxa, ficarei aqui até que volte a dormir.

Ela se levanta e dá a volta na cama, deitando-se ao meu lado.

— Obrigado por me entender.

— Sua mãe é uma tola. Agora eu percebo.

Viro meu pescoço olhando-a por longo tempo, pois não consigo virar de lado. Marianne também olha para mim. Eu levanto minha mão boa e acaricio os cabelos dela.

— Mary, você aceitaria se casar comigo?

TRINTA E UM

MARIANNE

A história que Sawyer me contou ainda martela em minha cabeça. Nada daquilo foi mentira. Em todo esse tempo, foi a primeira vez que o vi chorar. Ele tinha terror nos olhos conforme ia relembrando. Seu semblante estava pálido. Pude ver em seus olhos tudo o que aconteceu de verdade.

Mas a última coisa que ele disse não me deixou voltar a dormir, passei o resto da madrugada com olhos vidrados. Ao meu lado, ele ressona baixinho. Ele me pediu em casamento? Sawyer Graham? O terapeuta safadão que não se compromete com ninguém? Como isso é possível? Agora estou entre a piedade e o orgulho. Fiquei muito comovida com o que ele me contou, mas algumas Mariannes dentro de mim ainda lutam contra a vontade de perdoar. Sim, eu posso perdoá-

lo, tenho certeza de que ele me contou a verdade e se eu estivesse no lugar dele, faria o mesmo para proteger alguém da minha família.

Fiquei penalizada com o sofrimento vívido nos olhos dele quando acordou, o jeito que me abraçou buscando consolo, apoio. Algo que, segundo ele, nunca teve. Também acredito por causa da fúria que vi nos olhos de Agnes, mãe dele.

Mas e o pedido de casamento? Foi apenas um infeliz devaneio? Algo dito no calor do momento? Ele se lembrará quando acordar? Por que ele faz essas coisas comigo? Sabendo que eu vou ficar de olhos estatelados sem dormir, só remoendo isso.

Amanhece e eu decido levantar. Tenho que preparar algo para ele comer antes de eu ir trabalhar. Meu estômago já está revirando e eu preciso correr para o banheiro. Vou para o social de baixo para ele não ouvir meu vômito.

Aproveito, tomo banho e vou para a cozinha de roupão. Uma toalha enrolada na cabeça.

Hoje vou fazer um café da manhã decente. Bem americano, com direito a ovos mexidos, bacon e torradas.

— O cheiro está ótimo.

Ouço a voz e me viro rápido. Sawyer vem andando bem devagar, segurando nas paredes.

— Sawyer! — Eu grito, solto a frigideira e corro para segurá-lo. — Está louco? Poderia ter caído na escada.

O maldito sorri pela minha preocupação. Eu balanço a cabeça e corro até a sala, pego uma cadeira e o ajudo a se sentar. Ele não pode sentar nesses banquinhos desconfortáveis.

— Você levantou cedo. — Não sei se esse tom dele é acusação ou só uma observação.

— Eu tenho que preparar algo para você comer e correr para o trabalho. — Deixo-o e corro de volta para o fogão.

— Enfim um café decente. Mataria por uma tira de bacon lá no hospital.

Coloco uma caneca na frente dele e encho de café, em seguida sirvo ovos mexidos e bacon bem fritinho em um prato. Em outro, estão as torradas. Sento-me ao lado dele, segurando uma caneca de café.

— Não vai comer? — pergunta Sawyer quando eu não provo nada. Não consigo. O cheiro

NACIONAIS - ACHERON

está me enjoando.

— Não estou com fome.

E tenho dois filhos seus dentro do meu útero que não me deixam comer pela manhã.

— Ao contrário de mim, que estou esfomeado. — Ele ri e continua comendo como um leão.

Isso porque você não tem duas vidas crescendo aí dentro.

Eu penso e algo acontece. Uma emoção fortíssima que me deixa com vontade de chorar e vomitar ao mesmo tempo. Deixo a caneca no balcão e saio correndo.

Maldita gravidez.

Abaixada na pia, molho o rosto e respiro fundo para não vomitar e não chorar. Que sina a minha...

Quando volto, com o rosto limpo e lavado, Sawyer me encara abismado.

— O que aconteceu? Você está pálida.

— Nada. Acho que algo não me fez bem.

— Toma um antiácido.

— Vou tomar. Vai comer mais? —

pergunto, apontando para o prato dele.

— Não. Estou satisfeito.

Dou a volta no balcão e o ajudo a se levantar. Levo-o para a sala.

— Daqui a pouco algum dos rapazes vem ficar com você.

— Eles só estão fazendo isso porque você pediu. É inacreditável a cara de pau deles tentando te agradar.

Eu ajeito algumas almofadas atrás das costas dele e a mesinha abaixo dos pés.

— Está confortável?

— Sim, muito.

— Sawyer, não implique com os rapazes, eles estão nos ajudando, eu não conseguiria cuidar de você se não fossem eles me auxiliando. Dakota vem hoje à noite para a gente conversar e Candice também.

— O que? Candice na minha casa? Estamos em que ano? É futuro? Universo paralelo?

— Pare de tolice. Ela está tentando por minha causa. Não vá provocá-la.

— Jamais. Vou aproveitar a trégua dela e

te levar o mais rápido possível para o altar.

Ouviu isso, Marimarmota? — Uma das Mariannes pró-Sawyer grita na minha mente. — Ele te pediu de novo. Case com o homem, caramba. Esse homão da porra!

Sim. De novo. Ele falou de novo. Então não esqueceu. Sawyer está pensando mesmo em um casamento? Ou seria apenas uma manobra para conseguir reatar comigo? Ele iria tão longe?

— Para que me levar ao altar? Não estamos mais namorando lembra?

— Claro que estamos. Você está cuidando de mim.

Ele não está falando sério, não pode estar. Será que Graham não percebe que esse assunto é a última coisa que se pode usar para brincar com uma mulher?

— Não confunda as coisas. Estou aqui fazendo um favor.

— Um favor ao homem que você ama.

Pronto. Ele me pegou no pulo. Fico sem palavras, pois essa é a pura verdade.

— E se você me ama e eu te amo, por que

não nos casamos?

— Sawyer, eu não estou acreditando no que estou ouvindo. — Enfim, crio coragem e olho para ele, depois de passar segundos ajeitando almofadas que nem estavam desarrumadas. — Estamos brigados, você mentiu para mim, me disse que prefere loiras e eu te esbofetei. Isso foi o que você perdeu nos capítulos anteriores de *As aventuras do terapeuta*.

— Não faz sentido continuarmos brigados. Você ouviu minha explicação, eu não queria mesmo contar para você a história da minha vida porque eu não quero lembrar meu passado. Me entenda por favor. Aquilo não tem nada a ver com a gente, não interferiu em nada entre nós.

— O que mais odeio é alguém que mente. Não é pelo seu passado, é por ter mentido... droga! — Eu paro de falar, bato as mãos na cintura e me viro para sair e deixar ele sozinho.

— Marianne, eu não menti, apenas omiti.

Dou meia-volta.

— Como quer se casar com uma pessoa que você não confia?

— Como não? Quem disse que eu não

confio em você?

— Não me contou sobre sua vida.

— Eu já dei uma explicação, caramba! Porque eu não queria contar, se você me ama como diz...

— Eu nunca disse que te amo, Sawyer. Você tirou as próprias conclusões. — Foi cruel, eu sei. Mas necessário. Sawyer não vai me coagir a voltar ao namoro. Muito menos a um casamento.

Subo as escadas para me arrumar.

Mas como posso pensar nisso se a ideia de casar com ele me deixa tão eufórica por dentro? Por que eu sinto esse arrepio só de pensar em me vestir de branco e encontrar Sawyer de smoking me esperando no fim de uma passarela?

E se um dia outra não se importar com o passado dele e se transformar na senhora Graham ou senhora Hudson, sei lá? Eu ficarei aqui, a Marimarmota, remoendo minhas inseguranças.

E só para pontuar, você o ama loucamente. Uma delas zomba na minha mente e eu mostro o dedo do meio para meu reflexo no espelho.

Visto-me na velocidade da luz. Pego minha
NACIONAIS - ACHERON

bolsa, saio correndo, dando um breve "até logo" para Sawyer. Que me grita umas três vezes. Nem olho para trás. Ele não pode correr atrás de mim mesmo.

Eu devia ter pensado mais um pouco antes de magoar Sawyer. Passei o dia enjoada e com emoções fervendo. Não consegui comer nada e chorei uma vez no banheiro da empresa. Coloquei culpa na gravidez, claro. E quando a noite chegou e voltei para casa, ele estava emburrado sem querer conversar comigo.

Não sabia que algum homem poderia ficar com a cara amarrada por uma mulher negar o pedido de casamento. De todos, Sawyer era o último que eu imaginava fazendo isso.

— Venha, vou te ajudar no banho, daqui a pouco as meninas chegam.

— Não precisa. — Ele resmunga e se levanta. Com certa dificuldade, mas levanta.

— Deixa de ser teimoso. Não vai fazer birra agora só porque eu...

— Por que ainda está aqui, Marianne? — Ele se vira para me encarar — O que vamos ganhar com isso no final? — Está no modo terapeuta

ríspido e acusador. Fico inerte.

— Se não quer nada comigo, nem vai me perdoar, o que pretende com essa atitude de enfermeira boazinha? Eu posso pagar uma, se é só isso que está fazendo aqui.

— Cara, você está sendo mal-agradecido.

— Não, não estou. Estou apenas cansado do seu orgulho idiota. Se nunca me amou, então eu tenho que engolir mesmo meu sentimento e deixar que você vá.

— Você está sendo um porco arrogante! — Eu berro.

— Estou sendo realista. Você me acusa de mentir, mas fica se escondendo, não revela os verdadeiros sentimentos. Mente para mim e para si mesma. — Ele para na minha frente. A feição rígida, os olhos cintilantes. — Diga a verdade, já que gosta tanto dela. Fale o que sente por mim.

Todos meus músculos se enrijecem. É minha chance de afastá-lo definitivamente, é minha chance de ir viver a minha vida com meus filhos e nunca mais saber de Sawyer. Candice me implorou para eu não contar a ele da gravidez e talvez esse seja o momento de eu nunca precisar contar. Mas é

essa chance que quero? Sei que ele mentiu e tal, mas como eu vou ficar depois se não tiver Sawyer nem como amigo?

— Eu...

— Você me ama?

A voz dele é típica daquelas pessoas chamando outra para briga. Não desmorono. Encaro-o, engulo seco e minto:

— Não.

Não sei se ele acreditou. Eu não acreditei, pois sinto meu rosto lívido e meus lábios trêmulos.

Ele me olha mais um pouco e se afasta. Instintivamente levo minha mão ao braço dele, mas Sawyer se afasta de mim.

— Foi o que pensei.

Não sei quando ele começou a andar tão bem, acho que a raiva cobre a dor e ele não vê que tem que ir mais devagar.

Eu não fui embora e nem fui incomodá-lo lá no quarto. Praticamente perdi o resto do meu dia, já que eu tinha mesmo perdido a manhã pensando no pedido dele e na minha gravidez. Agora fiquei magoada, apunhalada por mim mesma, sofrendo

por ter falado aquilo, com o *"eu te amo muito, caramba!"* entalado na minha garganta. Se chorei? Claro, é de lei.

À noite, Candice chega, seguida por Dakota. Sawyer desce sem precisar que eu chame, ele se mostra educado, mas reservado, Candice fica sem graça achando que é por causa dela.

Mais tarde, depois que ele fica na sala com Henrique, as meninas e eu vamos para a cozinha e eu conto a elas sobre tudo e sobre o porquê de ele estar com essa cara de bunda.

— Casar? Sawyer Graham quer casar? — Candice grita horrorizada.

— Minha reação não é diferente da sua — diz Dakota, olhando para Candice, que vai até a porta, dá uma espiadela e volta correndo.

— Contou a ela? — pergunta, apontando discretamente para Dakota.

— Contou o quê?

Dakota olha para nós duas. Na hora me toco que Candice está se referindo à minha gravidez.

— Por favor, não comente nada com Rick. — Suplico a ela.

NACIONAIS - ACHERON

— Prometo. — Ela faz uma cruz com os dedos indicadores e beija.

Olho para a porta inclino para frente e sussurro.

— Estou grávida. — Ela coloca a mão na boca e seus olhos saltam. — De gêmeos. — Completo.

— Ah, meu Deus! Isso é... lindo. Parabéns, Mary.

— Não era para dar parabéns. Não é uma notícia boa — diz Candice, compenetrada.

— Como não?

— Primeiro que ela tem medo de ele mandar que ela tire os bebês.

— Sério? — Dakota dá uma risada irônica, já com um pinga de raiva. — Sawyer? O Sawyer que eu conheço? Vocês estão loucas?

— Isso é o de menos. Ninguém vai me obrigar a isso. Mas também eu estou brigada com ele e hoje mais cedo a gente acabou tudo definitivamente.

Revoltada, Dakota olha de mim para Candice.

— Então conte a ele sobre os bebês e ele volta atrás.

— Não quero que um homem fique comigo apenas por obrigação.

— Aí, você já está sendo hipócrita, Marianne. Até eu que tenho Graham em baixa conta... — Candice para de falar e olha para Dakota. — Fui paciente dele dois anos atrás. — Ela anuncia como se fosse um fato importante para entender o enredo de uma história. Dakota anui e ela continua: — Mesmo eu não gostando muito dele, posso afirmar que ele não ficará com você apenas por obrigação, afinal nem sabe que você está grávida e te fez uma proposta.

— Ela tem razão, Marianne. Tem tempo que falo com Rick que jamais vi o Sawyer agindo assim por uma mulher. Eu o conheço há uns bons anos e não tem outra explicação, ele a ama. Tem que dar uma chance a ele. Pense pelo menos em seus filhos, pense em como será difícil duas crianças crescerem sem pai.

— Eu tenho tanto medo. — Sussurro, olhando para o pano que dobro várias vezes sobre o balcão.

— De quê? Não há mais volta. Você já está grávida, está de alguma forma ligada a Sawyer para sempre. — Revirando os olhos, como se não quisesse falar isso, Candice argumenta.

Candice tentando fazer minha cabeça para ficar com Sawyer? Como assim? Acho que perdi alguma coisa nessa história.

— O que vier agora é lucro, Mary. — Dakota completa.

Fico olhando para elas duas e pensando sobre isso. Ambas esperam uma palavra minha, uma decisão. Eu coloco minhas Mariannes para trabalhar e após uma rápida pesquisa em meus sentimentos, fazendo uma análise nos últimos acontecimentos e uma possível previsão do futuro, elas me dão um belo relatório.

O passado de Sawyer não é uma pedra no meu caminho. Eu o compreendi, eu vi a verdade em seus olhos. Tudo que ele viveu não interferiu em nada entre a gente. Nem mesmo o consultório, que é mais recente, interferiu em nosso relacionamento.

Se eu não contar a ele sobre a gravidez, pode ser que um dia seja tarde demais. Imagine Sawyer casado e tendo que enfrentar a realidade

que é pai de gêmeos. E aí vou ver meus filhos indo passar dias e feriados com o pai e a esposa dele.

— Vou conversar com ele amanhã — digo para as duas e elas assentem. Por dentro, eu planejo dizer a ele que menti quando disse que não o amo e que gostaria de tentar, novamente, do início.

Terminamos de preparar os lanches e levamos para a sala.

Sawyer me ignora abertamente, mal olha para mim e quando eu pergunto uma coisa, ele apenas responde um seco sim ou não. A coisa está feia. Será que a notícia de duas crianças que vão chegar vai amolecê-lo?

Não sei se devo confiar. Com certeza amanhã ele vai me mandar ir embora, só não mandou hoje porque eu ia receber as meninas aqui. Decido que, antes de ir embora, devo mostrar a ele o ultrassom que fiz. Está comigo, na bolsa. Então deixarei por conta dele a decisão que tomará, mas antes vou avisar: meus bebês vão nascer. Isso é indiscutível.

A noite termina sem grandes problemas, as visitas vão embora e eu vou arrumar a cozinha.

Sawyer paga uma equipe de limpeza para arrumar a cobertura dele três vezes por semana, mas não vou deixar a pia entulhada de vasilhas sujas para depois de amanhã.

Enquanto lavo, ouço todas as minhas Mariannes que estão naquela mesa redonda tipo a do Rei Arthur, decidindo o que devo fazer.

A sensata e racional diz que eu tenho que contar a ele e aceitar a proposta de casamento. Ela acha que criar dois filhos longe de um pai, ainda mais se eles forem homens, será o maior problema que irei arrumar.

A pervertida está apenas preocupada se vou conseguir fazer sexo quando a barriga estiver enorme.

O Marianno diz que eu preciso voltar a dar as cervejas de Sawyer e Marianne esquizofrênica diz que eu devo perdoar Alice para que ela seja madrinha do meu casamento.

Que coisa.

Deixo elas debaterem e apago as luzes subindo para o quarto. Vou ao quarto de Sawyer e ele já está dormindo. Ou finge que dorme, não sei. Também não sei como ele tirou a camisa sozinho,

mas sei que não conseguiu vestir a calça. Deve estar apenas de cueca sob o edredom.

Tomo um banho rápido, visto uma camisola e vou para o outro quarto. Não vou ser hipócrita de dormir com ele. Afinal ele passou a noite toda me estranhando como cachorro bravo.

Amanhã, quando eu acordar, vou tomar coragem e conversar com ele seriamente. Ou vai ou racha.

TRINTA E DOIS

SAWYER

Hoje eu não sinto dor no corpo. A dor que sinto é bem maior que qualquer outra que a carne possa ter. Não tenho fome, nem sede, nem nada. Apenas espero. A raiva me dilacera por dentro, a culpa e a vontade de sumir, até de chorar...

Tudo me deixa inerte apenas.

É bem mais intenso do que eu senti anos atrás quando Amanda me enganou. E bem mais visceral.

Já são sete e meia quando ouço a voz sonolenta atrás de mim.

— Sawyer? Passei no seu quarto e você... Por que está aqui? Está sentindo alguma coisa?

Marianne entra no meu campo de visão. Tão linda. Não sei como uma mulher pode ser tão encantadora pela manhã. Com esses cabelos soltos

NACIONAIS - ACHERON

e desarrumados, a camisola delineando o corpo. E os seios... Maiores do que o normal.

Como eu fui tão tolo? Como não percebi os sutis sinais?

— Quando Amanda me abordou e disse que eu teria um filho, no início eu fiquei perplexo, surpreso, até fugi. Mas depois eu percebi que era a redenção que eu precisava, era a chance de mudar de vida, de ser um homem como outro qualquer.

— Amanda, sua mentora? Foi ela que... engravidou? — Marianne me indaga, lanço um olhar gélido para ela como se dissesse com o olhar: "Cala a boca e me ouve."

— Mas eu devia saber que ela não queria me dar um presente, queria se vingar de mim. Eu estava abandonando-a e ela armou tudo. Me fez acreditar que eu tinha matado nosso filho, eu fui tolo e me culpei inicialmente. Só quando Rick arrumou provas de que ela mentiu o tempo todo eu me permiti me livrar dela. Mas o inferno já estava feito, ela contou a minha mãe e no final saí novamente como assassino aos olhos de Agnes.

Marianne senta-se ao meu lado. Não quero nem olhar para ela.

— Eu sinto muito, Sawyer. — A voz dela sai em um sussurro suave, como um capeta disfarçado de anjo.

— Sente mesmo? — Dou uma risada amarga vinda do âmago, cheia de sarcasmo.

— Claro.

— Aquilo que me falou sobre... — Engulo um palavrão. — Ontem me falou que odiava pessoas mentirosas e que omitiam coisas — digo. Ela fica calada e eu a olho bem dentro dos olhos, precisando de respostas.

— Eu... Eu... — Começa a gaguejar e para.

Eu pego algo ao meu lado e ergo, mostrando a ela. Uma lágrima desce do meu olho.

— Quando ia me contar sobre isso?

Jogo um exame de ultrassom que encontrei por acaso na bolsa dela.

Ela fica sem fala. O rosto pálido de defunto. E a resposta que me dá mostra que ela nunca ia me contar.

— Mexeu nas minhas coisas?

Eu sei que não devia explicar, mas quero destruir cada questão que ela levantar.

— Seu celular tocava sem parar na bolsa dentro do quarto que eu estava dormindo... eu só quis desligá-lo. E esse não é o caso.

Ela se levanta, claramente apavorada.

— Sawyer...

— Como ousa vir me acusar, me culpar quando é uma mentirosa também?

— Não é a mesma coisa! — Ela esbraveja.

— É pior, Marianne — digo, acima da voz dela. — Não estamos falando de um monte de merda do passado, que não interfere em nada no nosso relacionamento. Estamos falando do agora, de vidas que dependem de bom senso de adultos.

— Era seu passado, não fazia parte do nosso relacionamento, mas era uma forma de criar confiança.

— Confiança? Deixe de ser mentirosa deslavada. Como pode falar em confiança se fez uma atrocidade dessas? Gêmeos? Meu Deus! Você está esperando gêmeos e não me contou?

— Você é um imbecil. Você mentiu primeiro. O fato de eu esconder a gravidez foi consequência das descobertas de suas mentiras! — Ela grita apontando para mim. Me levanto também.

Fico de costas, tentando manter a calma.

— Então o que fiz foi tão grave a ponto de você vingar dessa forma?

— Não foi vingança.

— Então o que é? — Eu viro e berro. Ela se assusta.

— Não grite comigo.

— Como não? Você. Está. Grávida. De. Gêmeos. Ia abortar? Ia tirar meus filhos sem antes me falar? Me detesta tanto assim, Marianne?

— Você está louco, eu não vou tirar meus bebês. Eu só não estava preparada para te contar...

— Ninguém se prepara com antecedência para dar essa notícia a um pai. Não tente arrumar desculpas descabidas porque nem você acredita nelas.

— Como você é detestável. Eu nunca menti para você, olhe bem para seu teto de vidro antes de querer me apedrejar.

— Eu, detestável? E você? Mesmo grávida rejeitou meu pedido de casamento. Pretende o quê? Criar duas crianças do meu sangue longe de mim, ou dar a eles o nome de qualquer desgraçado que

você encontrar por aí?

— Não me ofenda.! — Ela grita e limpa com fúria uma lágrima. — Você me conhece muito bem e sabe que eu jamais...

— Sem essa ladainha. Eu não conheço mais você, não sei do que é capaz.

Ela chora abertamente agora.

— Eu não sabia que isso significava algo para você. Sempre correu de compromissos e depois descubro que você mandou abortar o próprio filho. O que queria que eu fizesse?

— Agisse como adulta e viesse conversar comigo. — Falo um pouco mais baixo, porque, apesar de tudo, vê-la chorar me deixa mal. — Tentar saber da história antes de acreditar em uma velha desequilibrada. Você simplesmente tirou as próprias conclusões.

Ficamos calados por alguns instantes. Tive que voltar a sentar. Agora de cabeça baixa, limpo a única lágrima e resisto às próximas. Ouço Marianne fungando.

Gêmeos. Eu vou ser pai de gêmeos. E isso me deixa tão pirado de felicidade que é bem capaz de eu correr soltando rojões. Gêmeos? Cacete. Eu

NACIONAIS - ACHERON

sou bom na mira.

Ela se senta no mesmo sofá que eu, porém, afastada na outra ponta. E com uma voz rouca e mais controlada fala:

— Eu ia te contar.

— Quando descobriu? — pergunto sem levantar o rosto.

— No dia que descobri seu acidente.

Olho para ela. Os olhos vermelhos, os lábios trêmulos. Ainda continua graciosa. Acho que vou gostar de vê-la grávida. Na verdade eu sempre vou amá-la em qualquer momento.

— Conte-me seus planos — digo e desvio o olhar. — O que planejou para eles e você?

— Eu não sei ainda. Conte para as meninas ontem e elas acham que eu não tenho condições de criar e educar sozinha dois filhos ou filhas.

— Era o que pretendia? Criá-los sozinhos longe de mim?

— Honestamente, Sawyer? Sim. Era isso que eu iria fazer.

— E eu? Nunca saberia deles?

— Eu não sabia que você ia querer, eu estava com medo de você me mandar tirar, são apenas fetos, mas eu já os amo.

Cada vez que ouço isso, me dói por dentro. Aquela vadia da Amanda me prejudica até estando longe.

— E agora? Que eu já estou a par de tudo e quero meus filhos?

— Você não tem que decidir nada, Sawyer. Não é simplesmente "*eu os quero*".

— Como não? — Horrorizado, olho para ela. — Creio que tenho direitos em qualquer tribunal do mundo.

— Então já quer me levar a um tribunal?

— Antes preciso saber seus planos. — Lanço um olhar duro, agora sem solidariedade pelas lágrimas dela. Se eu for mole, Marianne me passa a perna.

— Eu achava que, hoje pela manhã, você me mandaria embora. E não sabia mesmo o que fazer quando eu saísse por aquela porta.

— Você não vai a lugar algum.

— Vamos viver aqui como dois inimigos?

— Só se você quiser. Eu viverei aqui com você como minha esposa e meus filhos. — Revelo meus planos já que ela não fala o que quer.

— Sawyer, eu não decidi nada sobre isso.

— O casamento deixou de ser uma história de amor, Marianne. Tornou-se necessidade. Você não me ama, mas tem que fazer isso pelos nossos filhos.

Ela se levanta.

— Não me obrigue a um casamento como se fosse um acordo. Não vou negar seu acesso aos bebês.

Eu dou uma gargalhada e a reação dela é fechar os punhos com raiva.

— Acesso? Está falando daquelas visitas de finais de semana? E aí então você se casa com um sujeito e meus filhos o amarão mais do que eu? É isso que quer? Quer dar um padrasto aos meus filhos? Falando isso com uma pessoa que mais sofreu com padrasto?

— Eu jamais faria isso.

— Então não me prive deles.

— Você poderá vê-los quando quiser.

Eu me levanto e vou para perto dela. Como se faz uma ameaça a um inimigo eu solto minha ríspida voz.

— Eles vão morar comigo, Marianne. Nem que eu tenha que mover céus e terra. Se você quiser morar com eles, seremos felizes juntos, se não quiser... Não me importo.



Ela não deu mais nenhuma palavra. Se arrumou e saiu para trabalhar. Acho que a trégua com Candice acaba agora, pois assim que Marianne contar a amiga o modo como eu falei com ela, Candice virá com tudo para cima de mim.

Também não vou ficar aqui sozinho. Ligo para o hotel e eles mandam um motorista me buscar.

Quando eu chego, sou recebido como um herói por ter sobrevivido ao acidente. Sou ovacionado assim que as portas se abrem. Jane, a recepcionista, me entrega um buquê de flores e todos os funcionários vêm me parabenizar por estar melhor. Converso com eles, mantenho o sorriso nos

lábios e depois viro para Arthur.

— Arthur, pode me acompanhar ao meu escritório?

— Claro.

No escritório eu fico a par de tudo, dos problemas que ocorreram, das contas e compras de manutenção que preciso autorizar. Ele me entrega um monte de papéis para eu analisar e assinar. Graças a Deus vou ter muito o que fazer hoje e talvez ocupar minha mente.

Quando resolvemos tudo, ele se levanta para sair.

Arthur é um bom homem, um achado. Um em um milhão em honestidade e consegue juntar punho de ferro e carisma para conduzir meu hotel. Deve ter na faixa de quarenta anos. Alto, não tanto quanto eu, e está sempre vestindo um terno bem cortado que o deixa esguio e elegante.

— Arthur.

Ele se vira.

— Senhor.

— Você é casado?

— Sim, senhor.

— Tem filhos?

— Dois — responde com um sorriso.

— Sente-se aqui, por favor. — Eu peço e ele volta a se sentar.

— Eu sei que sua função não é dar conselhos, mas eu precisava de uma palavra de alguém como você.

Ele assente e fica esperando.

— Marianne está grávida.

Ele sorri.

— Isso é ótimo, Sr. Graham.

Sorrio também.

— Sim, é ótimo. Mas acho que ferrei com tudo. Eu descobri hoje e a confrontei, gritei com ela por não ter me contado antes e até deixei subtendido que tomarei os filhos dela. Sim, Marianne está grávida de gêmeos. Estou me sentindo um tolo por ter falado aquilo com ela.

Arthur deu um sorriso e vi no rosto dele o olhar de um homem experiente.

— Sou casado há quinze anos. Todos os dias eu preciso conquistar minha esposa. Não porque eu precise convencê-la a continuar comigo,

mas porque mulheres são assim. Elas gostam de saber que você se importa, que está lá para quando elas precisarem. Nem que seja para abrir um pote de conservas. O homem é sinal de proteção para a mulher e você tem que fazê-la acreditar nisso. Elas gostam, mesmo que não admitam, quando você brinca com os filhos, quando dá muita atenção a família e quando dá bronca neles. — Ele faz uma pausa e seu olhar mostra que ele está revivendo cada momento com sua esposa.

— Então, eu...

— Elas — ele me interrompe — ficam mais fascinadas quando você chega em casa com uma única rosa na mão do que um diamante. E, acima de tudo, eu mostro total confiança nela e ela em mim. Mulheres gostam que os homens confiem nas decisões dela, que compartilhem com elas seus problemas e deixem que ela também tome a frente para resolvê-los. Tudo que eu e minha esposa fazemos é planejado com antecedência, nada é feito pelas costas do outro. Somos mais que um casal, somos uma equipe que enfrenta os problemas juntos.

— Você está certo. — Balanço a cabeça,

assentindo. — Apesar de ter cuidado esse tempo todo de problemas das mulheres, eu não estou tendo capacidade de cuidar do meu próprio relacionamento.

— Sr. Graham, não oprima sua garota ou ela vai se afastar mais. Mostre a ela que você estará lá para o que der e vier, para cuidar dela e dos filhos. — Arthur termina de dizer e eu fico calado, guardando bem essas palavras. A família que Arthur tem é a que jamais eu tive e que, por sorte,, posso ter agora.

— Obrigado Arthur. Espero um dia poder ter a mesma harmonia que você tem em seu lar.

— Isso está ao alcance de qualquer um, Sr. Graham. — Ele levanta, eu também. Estendo a mão para ele.

— Sim, eu sei. Obrigado.

— Por nada. — Arthur aperta minha mão.

— Um dia, quero conhecer sua esposa e seus filhos — digo a ele.

— Será um prazer.

— Talvez você os leve no meu casamento.
— Finalizo com uma certeza palpável em minha voz.

Não vou para casa enquanto não termino de analisar todos os papéis. Assim que eu os assino, peço ao motorista que me leve para a casa novamente e sinto a solidão quando abro a porta.

Toda minha vida, com exceção de alguns momentos, eu morei sozinho. Nunca me importei com isso. Mas agora não dá mais. Eu sei como é dividir a casa com uma pessoa, com uma mulher que amo e quero continuar a fazer isso. Decido não a pressionar mais sobre o casamento, até porque, antes de sair do hotel, Arthur me deu uma ótima ideia.

Parado no meio da sala, percebo que não estou sozinho. Ouço um barulho vindo de cima. Subo o mais rápido que consigo e me deparo com Marianne arrumando as coisas dela.

Ela para assustada quando me vê.

— Oi. Não sabia que estava em casa — digo. Meus olhos pousam na mala em cima da cama.

— Eu vim mais cedo.

Entro no quarto e o desconforto dela é palpável. Nem parecemos mais o casal fogoso que há poucos dias estava enrolado, pelado, na cama.

— Por favor, não precisa ir embora.

— Eu tenho minha casa, Sawyer.

— Eu sei. Mas gostaria muito, muito mesmo, que você pudesse continuar aqui comigo. Talvez... sei lá, me ajudando enquanto não melhora.

Ela fica parada me olhando sem entender.

— O que está fazendo? Zombando de mim? Como pode ser tão confuso assim?

Eu sento na cama, mas não sem dar um gemido pelas minhas costelas que ainda doem.

— Desculpa por hoje mais cedo. Todos os meus sentimentos triplicaram e a simples hipótese de que você pudesse afastar os bebês de mim me deixou louco. — Falo olhando para ela. Hoje não há aquele jogo de olhares. Continuamos compenetrados um no outro. — Você tem razão, Marianne. Eu também não quero um casamento de aparências só pelo bem dos nossos filhos, seria até pior para eles, ter os pais juntos por obrigação. Eu ainda quero casar com você, mas a decisão agora é sua. Prometo que vou me desdobrar para ser um pai presente mesmo você estando longe de mim.

Ela balança a cabeça anuindo. Parece

relutante. Acho que quer me contradizer. Fico com esperança de que ela diga: "Eu também quero me casar." Mas ela não fala. Senta ao meu lado. Nós dois olhando para a parede.

— Eu fiquei com tanto medo quando descobri. Eu mal consigo cuidar de mim.

— Você será uma mãe maravilhosa. — Dou um sorriso de canto de boca e ela me acompanha sorrindo também.

— Ainda nem acredito que tenho duas vidas se formando aqui. — Ela toca no ventre. — Desde que descobri eu fico imaginando como serão. Duas menininhas com cabelos cor de lama e olhos verdes. Dois menininhos de cabelos pretos como o seu.

— Ou um menino e uma menina. O que vier nós dois vamos amá-los muito, disso eu tenho certeza. Eu nunca estive mais feliz do que estou com essa notícia.

Ficamos mais uma vez calados. No quarto um clima estranho cobre todo o ambiente. É como se fossemos dois adolescentes no primeiro encontro. Ela vira toda sem graça e olha para meu pulso.

— Está se sentindo melhor? Espero que não tenha teimado em dirigir.

— Ainda estou dolorido e travado. — Indico meu pulso e meu ombro. — Bart será meu motorista por enquanto.

— Logo ficará duro como um coco — diz, eu dou uma risadinha e ela fica desconcertada.

— Duro como um coco, eu já estou há um bom tempo.

— Seu tolo.

Ficamos calados de novo olhando para a parede. Pigarreio e viro o pescoço para encará-la.

— Amigos, então?

Marianne reluta, respira fundo e depois de segundos, com um sorriso apreensivo ela assente.

— Claro.

— Você me perdoou pelo que eu escondi...

— Sim. Era assunto seu e entendo que ainda não estava preparado para contar. — Ela dá um toquinho no meu ombro bom e se levanta.

— Quando é sua próxima consulta? — pergunto.

— Daqui a dois dias. Vou completar nove

semanas.

— Já pode ver o sexo dos bebês?

— Ainda não. Estive lendo alguns livros e pesquisando sobre o assunto antes da próxima consulta. A partir do quarto mês é o momento ideal para saber o sexo da criança.

— Acho que também tenho que ler alguma coisa. Não sei nem segurar uma criança. Imagine duas.

Ela apenas assente e me encara sem desviar os olhos. Eu acho que essa é a oportunidade de revelar que eu estou aqui para ela e os bebês.

— Também quero ir com você na sua consulta.

— Sawyer...

— Isso não é negociável, Marianne. Preciso estar a par de tudo de agora em diante. Não vai me deixar fora disso tudo.

Ela abre a boca para tentar revidar, porém, eu sou mais rápido. Me levanto da cama. Se eu deixar ela puxar conversa, o assunto pode acarretar numa nova discussão.

— Que tal deixarmos esse assunto de lado

por enquanto e irmos comer alguma coisa? —
Proponho e isso a deixa mais relaxada. Marianne
olha para a mala na cama, como se dissesse, em um
gesto, que está se arrumando para partir.

— Fique por mais alguns dias. Vamos ver
o que vai acontecer.

Ela reluta antes de dizer um tímido sim.

TRINTA E TRÊS

MARIANNE

Claro que eu disse sim. Sawyer está mesmo tentando e ele se mostrou desde hoje cedo, um homem que eu nunca conhecia. Jamais esperaria dele tamanha intensidade em relação à minha gravidez. Há pouco mais de dois meses, quando nos conhecemos, ele nem mesmo queria me beijar para não termos uma ligação maior e agora está todo ansioso porque eu engravidei dele.

Declaração de amor.

Pedido de casamento.

Surto por eu ter escondido uma gravidez.

Estamos falando do mesmo cara arrogante de meses atrás? O mulherengo e solteiro cobiçado pintado pelos tabloides?

O terapeuta das estrelas que quer deixar tudo de lado para ser meu marido?

"E você não o quer?"

A Marianne sensata pergunta interrompendo meu balanço mental, com as mãos na cintura e os olhos semicerrados.

É claro que eu o quero. Eu sempre fui louca por ele. Olho de esguelha e Sawyer está absorto mastigando. Sentado ao meu lado. Tudo nele me fascina, Sawyer não é apenas sexo gostoso. Gosto de ouvi-lo contar algum caso, gosto de ouvi-lo expor sua opinião quando estamos vendo alguma notícia na TV, gosto do cheiro natural dele e das suas escolhas de perfume.

Amo como ele planeja tudo em sua vida, amo a forma como ele me ouve interessado e me acompanha quando eu exponho minha opinião. E o amo mais por saber que ele não é perfeito, tem seus podres escondidos, é meio quebrado por causa do passado, mas mantém sua vida toda distante do que aconteceu. Não usa aquilo para uma desculpa por um possível trauma ou comportamentos errados.

É claro que eu o quero, eu o amo por completo e me tornar a Sra. Graham é meu sonho.

Mas há algo que se chama orgulho tomando a maior parte da minha mente. Ele já lavou as mãos, disse que não vai mais insistir, que a decisão é minha. Vamos ficar assim para sempre, pois eu jamais terei coragem de dizer:

"Quero me casar com você."

Ou será que posso?

— Recebi um convite para o Tony Awards esse ano. Quer vir comigo? — pergunta me tirando de meu devaneio.

— Oi? — Fico sem fala. Paralisada, com o garfo na mão, olhando como se ele tivesse acabado de revelar que há vida em Marte. — Tipo... Oi?

— Eu recebi o convite. Só mesmo para assistir ao espetáculo. Não iria, mas já que seu aniversário passou em branco achei que seria legal se você fosse.

— Não sei, Sawyer. Nós não estamos tecnicamente juntos e irmos juntos a um lugar assim não sei se é uma boa ideia.

— Não precisamos ir como namorados. Eu posso dizer oficialmente que não estamos juntos se você quiser.

— Eu nem tenho roupa... adequada.

— Basta um vestido longo. Marianne, por favor, eu quase sempre recuso esses convites por não ter ninguém bom o bastante para me acompanhar, agora que estou falado na mídia, quase morri no acidente, estou mudando de vida, seria bom aparecer em uma festa assim.

Ainda olhando para ele, meus lábios começam a se curvar sem que eu conseguisse controlá-los.

Feche a cara, Marianne. Ordeno a mim mesma. Não consigo. Ainda mais que ele também começa a sorrir.

— E então?

Eu olho para meu prato e mexo na sopa de legumes que fiz. Sawyer me dá tempo para pensar, pois continua comendo.

Na minha mente há uma confusão. Quase todas as Mariannes interiores estão eufóricas. Quem não estaria? Já estão até me mostrando vários modelos de vestidos. Festa de gala com famosos? Será que tenho a chance de dar de cara com *Hugh Jackman*? Ou o *Neil Patrick*?

Sei que se eu não aceitar, Candice vai me caçar no fim do mundo e me matar brutalmente, e

eu me mataria se recusasse.

— Eu aceito — digo. Ele olha para mim. Não está surpreso, sabia que eu ia aceitar. Safado presunçoso. Deve pensar: "Que outro homem lhe faria esse convite, querida?"

— Quando será?

— Na semana que vem. Daqui a quatro dias.

— O quê? Tenho quatro dias para encontrar um vestido de gala?

— Você fica linda de qualquer jeito — diz, olhando meu corpo e eu vejo um lampejar de desejo.

Calma aí, garotão. Tomei seu passe de livre acesso a esse corpo aqui.

— Me dê licença um minutinho. Preciso fazer uns contatos. — Eu me levanto rápido.

— Fique à vontade — diz, sorrindo.

Saio saltitante indo contar a novidade a Candice.

Jesus. Eu, Marianne Cooper, irei à um aglomerado de celebridades. Posso encontrar de tudo lá, desde Lady Gaga a Justin Timberlake. Será

que ficaria feio se eu fizesse uns folhetos discretos da Cooper & Monroe para entregar na entrada?



Nos dias que se passam várias coisas acontecem. Nenhuma delas envolveu beijos entre mim e Sawyer. Minha Marianne safada está de ressaca constante com falta de prazer e me mostra um calendário mostrando quanto tempo eu não toco em Sawyer romanticamente.

Isso não é novidade, pois desde a briga no hotel a gente não se beijou mais. Falta de vontade não é. Anseio por um beijo dele mais que tudo. Sawyer se mantém longe, parece que o orgulho dele impera mais que o meu. Às vezes o flagro me olhando com desejo estampado nos olhos mas assim que é pego, desvia ou desconversa. Ele está me evitando abertamente. Como quando eu o conheci e recusei ser sua paciente e ele ficava me olhando no consultório enquanto eu trabalhava.

Nem se importou mais com o fato de dormirmos em quartos separados. Ao contrário, às vezes ele vai dormir mais cedo e se tranca lá dentro. Sem falar que fazermos refeições juntos se tornou escasso. Eu estou vendo a hora em que ele

NACIONAIS - ACHERON

vai avisar que vai dar uma saída com Jill ou alguma outra.

Eu tive uma festinha surpresa de aniversário, lá no meu escritório. Mesmo já tendo passado, ele preparou tudo. Candice e Dakota fizeram o bolo, meio torto, mas delicioso. Os rapazes amigos de Sawyer vieram e eu me senti mais feliz do que se tivesse sido uma festa de arromba. Foi simples, porém com pessoas que amo.

Sawyer foi comigo na consulta e se comportou como um legítimo pai de primeira viagem. A médica ficou radiante e impressionada quando viu Sawyer Graham entrando comigo e eu disse que ele era pai dos bebês. A partir desse momento, a safada praticamente me deixou de lado. Apenas via o homem super gostoso na frente dela.

Ei, doutora! Eu que sou a grávida aqui, que coisa!

Ele fez um milhão de perguntas. Coisas que eu nem desconfiava e ele estava ávido por saber. Disse a ela que tinha pesquisado muito na internet. Perguntou desde anomalias genéticas a tudo sobre o parto, que será cesariana. A obstetra marcou para o fim do ano. Mais ou menos na

primeira semana de dezembro.

Pela vontade de Sawyer, eu deveria ficar deitada, sem dirigir, cozinhar, digitar, andar, comendo apenas frutas e verduras, até as crianças completarem três anos.

A doutora riu e disse que, ao contrário, eu precisava fazer exercícios durante a gravidez. Coisas leves, como caminhar pela manhã e a yoga que a ginecologista já tinha me recomendado.

Também teria que cuidar da alimentação, mas sem tirar nada e sim diminuir o excesso. Alimentos como ovos, leite e carnes tinham que fazer parte do meu cardápio.

Saímos do consultório e fomos à farmácia comprar um remédio para combater meus enjoos matinais. A médica disse que eu podia colocar bolachas água e sal perto da cama e comer uma todo dia antes de levantar para acalmar o estômago.

Nesses dias que passaram, Sawyer se recuperou quase 100%, falta apenas tirar uma pulseira ortopédica que veste como uma luva e vai até o antebraço e um colete que está usando para o ombro. Ele não sabe como fica sexy com esse colete. E eu só observando de longe com água na

boca. Com saudade dele, dos lábios dele, saudades de dormir no calor dos belos braços. Se ele soubesse o que eu fiz noite passada no quarto ao lado. Me tocando... Meus seios estão muito sensíveis e foi a coisa mais fácil, eu conseguir chegar ao orgasmo só pensando no meu ex-namorado e pai dos meus filhos.

E ele distante. Não é possível que ele mudaria de opinião em tão pouco tempo, o carinho e cuidado que tem comigo ainda são constantes, não mudaram, pelo contrário, aumentaram e muito.



Agora estou totalmente vestida para irmos ao tal evento.

Meu vestido é muito perfeito. Candice e Dakota me ajudaram a escolher. Na verdade nem precisei ir a lugar algum, eu recebi uma arara com alguns vestidos de um estilista super hiperfamoso, em meu escritório. Duas belas jovens estavam sorridentes me olhando.

E uma delas disse, com um sotaque britânico acentuado, que Graham tinha mandado os

vestidos para eu escolher o que iria usar. Ela não deixou de ressaltar que qualquer um dos cinco vestidos que eu escolhesse era único. Exclusivo.

Liguei imediatamente para Candice, que não estava no escritório naquela hora, e Dakota. Elas chegaram enquanto eu ainda estava com o telefone na mão. Foi quase assim. As meninas gritaram, aplaudiram e até se aventuraram provando também alguns vestidos. Candice bem que cogitou surrupiar um e esconder na sala dela.

Não teve como não me lembrar de Alice, ela sempre me ajudou a escolher uma roupa. Preciso contatá-la e resolver de vez nossas pendências.

O vestido é curvilíneo. Dei graças a Deus por minha barriga não estar aparecendo ainda. Escolhi um azul escuro discreto, que tem um maravilhoso corpete trabalhado em renda e pedras semipreciosas. A saia rodada descia em várias camadas como nuvens flutuantes aos meus pés. Fiz um penteado superluxuoso e o contraste dos cachos cor de lama com o tecido do vestido, ficou tentador. Estou uma diva. Me sinto Anne Hathaway indo receber um Oscar.

Sawyer termina de colocar as abotoaduras e eu me aproximo ajudando-o com a gravata borboleta. Depois pego o terno do smoking dele e o ajudo a vestir.

Ele se vira para mim e eu quase tenho um ataque. É como se fosse a primeira vez que eu o tivesse visto, porém, de smoking. Ele está tão perfeito, tão lindo que tenho vontade de abraçá-lo e beijar esse lábios de que jamais esquecerei o sabor.

— Você está deslumbrante. — Nem vi quando o elogio saiu da minha boca.

— Você é a única linda e perfeita aqui. Já estou com ciúmes daquele monte de olhos em cima de você.

— Não seja tolo. A atenção vai estar toda no terapeuta que sobreviveu a um grave acidente.

Ele estende a mão e acaricia meu queixo. Depois os dedos descem e fazem a mesma carícia, leve e sensual no meu pescoço. Me recordo da língua dele lambendo meu pescoço antes de subir aos lábios. Nossos corpos suados e agarrados. Será que um dia tudo voltará a ser como antes?

— Eu tenho uma coisa para você. — Ele se afasta. Fico no mesmo lugar. Petrificada, vidrada

naquele homem lindo de traje de gala. Sawyer volta com uma caixinha quadrada.

— Eu nunca te dei nada, homens ricos vivem enchendo as namoradas de presente. A gente ficou um tempo junto e a única coisa que te dei foi uma cafeteira.

— Sawyer, não quero presentes.

Ele não diz nada, não contesta, abre a caixa e vejo um colar. Não é extravagante, é uma joia singela, porém, posso ver que é cara. O colar é de ouro branco e possui apenas um pingente com uma pedra âmbar no meio de chuveiros de diamante.

— Eu o vi e é da cor dos seus olhos. — Ele tira o colar da caixinha e vai para minhas costas. Eu seguro meus cabelos enquanto ele o coloca e me vira para ficar em frente ao espelho.

— É lindo. — Passo a mão sobre a pedra que repousa sutilmente no início da curva dos meus seios.

— Aceite como presente de aniversário ou sei lá, um presente para a mãe dos meus filhos, ou até mesmo por ter me suportado pelo tempo que ficamos juntos. Você pode não me querer mais, porém não pode negar que vivemos momentos de

glória.

Meus olhos enchem de água. Há mais ou menos duas semanas, eu vi esse homem praticamente morto em uma cama e só de tê-lo aqui comigo já é um presente.

— Sawyer, o meu melhor presente de aniversário foi aquela surpresa que você fez com o bolo torto que Candice e Dakota prepararam, estar grávida de gêmeos é o maior presente da vida e o que vivemos foi, sem dúvida, o melhor momento da minha vida, porque foi o momento da minha transformação. Sou eu quem agradece por ter me mostrado o caminho, por ter me tornado uma mulher e por me ter feito mãe de seus filhos.

Ele me toma em um abraço. Eu afundo meu rosto no peito dele e sinto o cheiro da colônia masculina, o cheiro inconfundível dele. Eu quero tanto poder ser dele novamente. Sim, eu voltei atrás, droga. Mudei de ideia, quero aceitar o pedido dele.

Por que Sawyer não insiste mais um pouco? Por que não me pede em casamento novamente? Onde está aquele homem que insistiu até conseguir me conquistar? Onde está o cara que

sempre me deixava pirada com um beijo e que me fez amá-lo até nos seus erros?

Ele se afasta do abraço e isso dói muito. Acho que, a seus olhos, sou mesmo apenas uma amiga. A amiga que vai dar à luz seus filhos.

Eu me pergunto se ele já arrumou alguém. Será que foi tão rápido? Ou será que voltou com Jill? Acho que uma facada nas costas não doeria tanto como esses pensamentos.

E de quem é a culpa? Minhas Mariannes, vestidas de gala, na limusine, me olham torto.

Sim, eu sou a culpada, meu orgulho é o culpado. Eu nem estava mais com raiva dele quando me pediu em casamento e mesmo assim eu neguei por orgulho.

— Vamos?

Ele dá um sorriso tão devastador que eu sinto minhas pernas fraquejarem. Seguro no braço que ele me oferece e saímos do quarto.

Lá embaixo, na porta do prédio, uma limusine nos espera. A primeira vez que viajo de limusine e acho que a última. Brindar com ele no banco de trás é um sonho realizado, fiquei fascinada por ele ter lembrando de mim e pedido

PERIGOSAS

para colocar espumante sem álcool. É uma pena que não tenha o beijo para selar esse sonho.

NACIONAIS - ACHERON

TRINTA E QUATRO

SAWYER

Nunca gostei de ser alvo da mídia, sempre fugi. Mas hoje eu faço questão de que todos vejam. Eu esperei ardentemente por essa noite e tive que me controlar pra cacete durante os quatro dias que passaram para não colocar tudo a perder. Manter-me afastado de Marianne me deixa louco, meu pau nem se importa mais em amolecer. Está sempre preparado para a hora que ela ceder. Digamos que foi mesmo bom nós termos dado esse tempo enquanto eu me recuperava. Afinal se eu fosse para a cama com ela, todo quebrado como estava, com certeza teria que chamar a ambulância.

Odiei a mim mesmo por ter brigado com ela, estou sentindo uma raiva sem limites da minha mãe por ter feito Marianne brigar comigo e estou estourando de felicidade por causa dos gêmeos.

NACIONAIS - ACHERON

Meus filhos, nem posso acreditar.

Se tudo que planejei meticulosamente der certo, em breve terei os três significados da minha tatuagem realizados e sei que tudo vai dar certo. Venho analisando Marianne de longe, consigo ver nos olhos dela que não existem mais barreiras contra mim hoje notei como ela ficou desesperada por uma palavra que fosse para demonstrar que ainda sinto algo por ela. Não demonstrarei ainda, quero que ela sinta o que eu senti, quero que ela saiba como é padecer por alguém sem obter nenhum sentimento recíproco. Claro que eu a amo e isso não vai mudar, mas sou um ator e disso ela não sabe.

Agora, minha mão já está dolorida de tanto cumprimentar pessoas, celebridades e não celebridades. Todos me receberam muito bem por eu ter passado pelo acidente e sobrevivido. Meu maxilar dói de tanto que sorri para as câmeras desde que saí da limusine ao lado de uma deusa.

Morram de inveja, seus idiotas. Eu olhava com desdém para os "cuecas" de plantão.

Marianne também sorri muito e não faz nenhuma objeção quando alguém fala sobre nosso

relacionamento, ao contrário, ela sorriu umas duas vezes quando eu confirmei que ela era sim minha namorada.

Depois eu pedi desculpas a ela dizendo que aqueles casais com quem falei sobre isso são meus amigos e que eu não queria mentir para eles. Ela não deu bronca, apenas disse: "Claro, tudo bem."

Eu gostaria de saber se tudo continuaria bem daqui a pouco, quando ela visse o que a esperava lá dentro.



MARIANNE

Enfim entramos no grandioso salão e nos acomodamos na terceira fileira. Meu coração descompassado na garganta, minha mão segurando firme a de Sawyer. Olho para os lados e vejo várias celebridades. Isso é um sonho. Lembro-me de Candice pedindo para eu correr atrás dos galãs e conseguir fotos para ela. Estou fazendo de tudo para parecer descontraída, como se estar nessa festa fizesse parte do meu convívio. Eu cumprimentei

muitos homens bonitos e conhecidos no mundo inteiro, uns que eu via pela TV e agora eu estava apertando a mão deles.

Ri quando Sawyer cochichou dizendo que esses são civilizados e não iriam me cantar, como os amigos dele fazem.

Minha boca dói pelos sorrisos em excesso, mas pouco me importo com isso. Estou rindo sem mesmo ter motivo.

Só estar com ele, em um lugar que eu jamais entraria nessa vida, é motivo o suficiente para sorrir.

As apresentações começam. Fiquei fascinada com a premiação da melhor peça teatral. É um espetáculo cada uma das premiações.

Sentados, Sawyer entrelaça meus dedos nos dele.

— Está gostando? — pergunta.

— Não tenho palavras. Sawyer, estou fascinada.

— Que bom. Quero que essa noite fique na história.

— Já está, sempre estará. — Eu afirmo

com um nó começando a se formar na garganta.
Um nó de choro.

Claro que esse dia sempre estará na minha memória. Sempre me lembrarei de como você está lindo e de como essa noite me mostrou que você jamais ia querer algo sério comigo. Olha quanta mulher bonita louca para dar para ele.

Ele beija minha mão.

Não faça isso. Tenho vontade de chorar.
Me controlo.

Sawyer nunca quis se casar comigo de verdade, se quisesse ele teria insistido, já que desistir do que ele quer é algo que nunca fez parte do seu vocabulário.

— Droga, preciso atender. — Ele olha para o celular. — Vou ter que dar uma saidinha rápida. — Ele cochicha.

— Quem é? — Já fico alarmada de olhos saltados.

— Arthur. Deve ser algo importante no hotel. Vou apenas dar algumas ordens.

— Tudo bem. — Ele sai e eu volto minha atenção para a frente.



SAWYER

Mais ou menos oito anos atrás, eu tinha recebido uma notícia que iria ser pai. Ainda me lembro como se fosse hoje do momento em que Amanda chegou na minha casa. A gente tinha brigado porque ela não queria que eu abandonasse meu trabalho com ela, brigamos feio e fui embora. Mas eu simplesmente não podia continuar trabalhando para ela. Eu tinha algo melhor, estava começando a ser conhecido, tinha saído em revistas famosas e as mulheres me procuravam, tornando minha conta bancária cada vez mais gorda.

Caí direitinho no plano de Amanda. Ela me imputou uma gravidez e depois simplesmente armou o maior circo dizendo que eu a havia obrigada a fazer um aborto, e que eu tinha batido nela. Aquilo acabou comigo emocionalmente, pois, graças a Beatrice, consegui dar a volta por cima financeiramente.

Amanda sabe sobre Marianne. Não há como esconder e por isso estou agindo rápido. Ela está muito quieta e isso me preocupa, pois, desde que apresentei Marianne a todos, ela não se manifestou.. Preciso prender Marianne a mim o mais rapidamente possível. Porque um dia precisarei contar a outra parte da minha história e ela não vai poder fugir.

Guardo meu celular no bolso, respiro fundo e caminho para o lugar em que alguém me espera.

— Sr. Graham? Tudo bem? — Eu olho para o rapaz.

— Sim. Estou pronto.



MARIANNE

Olho para os lados e não consigo ver se Sawyer está vindo. Ele está demorando, será que aconteceu alguma coisa no hotel? Acho melhor me levantar e ir ver se tudo está bem.

Mas as luzes ficam baixas e uma banda faz

uma suave introdução a uma música.

Mais uma apresentação vai começar e ele não voltou, nem trouxe celular para mandar uma mensagem para ele. Respiro fundo e olho para a frente. O palco está escuro e a introdução da banda se torna a tão conhecida melodia de “Take My Breath Away”.

Eu me lembro imediatamente da primeira vez que vi o hotel de Sawyer, e que a gente recitou um trequinho dessa música. O dia que engravidei. Queria poder voltar àquele dia, queria poder ser mais que amiga e mãe dos filhos dele.

Não há ninguém no palco escuro, apenas os acordes acústicos da música, acompanhados de um violão, e, então, um refletor aponta para a parte detrás da plateia e uma voz começa a cantar. Todos viram o pescoço para olhar, menos eu, porque conheço essa voz e estou paralisada como uma estátua. As pessoas aplaudem e a voz masculina, meio rouca e forte, continua cantando.

O que diabos...

Como ele pôde?

Como ele tem coragem de fazer isso?

Ele tem uma voz linda, meu Deus!

NACIONAIS - ACHERON

*"...Watching in slow motion
As you turn around and say
Take my breath away..."*
*"...Observando em câmera lenta
Enquanto você se vira e diz
Tire o meu fôlego..."*

Não resisto e, como na música, eu me viro em câmera lenta e perco meu fôlego no momento em que Sawyer passa pelo corredor cantando com um violão na mão. Ele para perto da fila que estou, canta mais um pouco olhando nos meus olhos, dá uma piscadinha me fazendo derreter toda e vai para o palco que se ilumina todo para recebê-lo. E lá ele começa a segunda estrofe da música.

*"Watching I keep waiting
Still anticipating love
Never hesitating
To become the fated ones"*
*"Observando, eu continuo esperando
Ainda ansiando por amor*

Nunca hesitando
Em nos tornarmos os predestinados"

E eu?

Choro e sorrio ao mesmo tempo, com uma das mãos na boca, sem acreditar no que vejo. Por isso eu o vi pegando a guitarra que ele tem na sala algumas vezes e dedilhando. Ele canta sorrindo com uma expressão feliz e pachorrenta ao mesmo tempo. A voz é contagiante, muito sensual. Olha fixamente para mim. Todos os olhares alternam de mim para ele. E, para mim, ninguém existe nesse momento. Estou sozinha, vendo-o cantar. Agora entendo quando ele disse que essa noite entraria para a história. Não apenas para a nossa história, mas as pessoas sempre se lembrariam desse dia.

Ele repete "*Tire o meu fôlego*" algumas vezes, com a voz sexy, o sorriso letal, tudo para mim e entra na última estrofe. Mais lágrimas saem dos meus olhos e quando ele canta:

"eu me virei para ouvir você dizer..."

Sorrindo e me lembrando do nosso encontro no hotel, eu abro os lábios e canto com ele.

*"Se só por hoje
Estou sem medo..."*

E juntos, ele, a plenos pulmões, e eu, sussurrando, terminamos a música com repetidas vezes de: "Tire o meu fôlego."



SAWYER

Todos me aplaudem. Ainda não consigo acreditar que tive essa coragem. Olha no que Big Tyler se transformou. Em um sujeito capaz de tudo para ter de volta a mulher, a única que lhe faz bem.

Nem precisei tomar umas doses de tequila para me dar ânimo e fazer isso na frente de várias celebridades.

Essa ideia foi de Nelson e, no início, me pareceu estúpida, mas depois que conversei com Arthur, ele me disse que se eu conseguisse cantar para Marianne no *Tony Awards*, ela não iria resistir.

Confesso que me deu trabalho, muito trabalho mesmo, conseguir os convites e convencer
NACIONAIS - ACHERON

os produtores a me deixarem cantar. Esses eventos costumam ter milhões de regras, apelei para meu estado, para o meu alto índice de popularidade e, no fim, consegui dez minutos de apresentação. Então, agora, eu teria que ser rápido. Na minha frente, via apenas minha linda mulher. Ela limpa as lágrimas com delicadeza e continua fixa em mim.

Alguém vem rápido e toma o violão das minhas mãos. Agradeço e começo a falar.

— Peço desculpas por ter interrompido o show que vocês vieram assistir. Juro que não vim para uma sessão de terapia grupal. — Todos riem e eu não posso esperar, tenho que continuar, pois meu tempo é curto. — Mas, homens e mulheres têm que me compreender. Eu amo uma mulher que está presente aqui, essa noite. Ela é tudo para minha vida, é todos os meus sonhos realizados e a promessa do céu aqui na terra. Mas ela simplesmente não aceita meu pedido de casamento e agora estou apelando. — Termina, parecendo frustrado. Meio rangendo os dentes.

Todos riem mais.

— Então decidi que, se viesse em um lugar com tanta gente que me ajudasse a coagi-la e com

seguranças na porta que já foram subornados e vão impedir a fuga dela, eu teria uma chance maior.

As gargalhadas enchem todo o ambiente. Até Marianne ri com os olhos brilhantes de lágrimas.

— Mary, lembra quando me disse que seu pai cantou uma música para ter sua mãe de volta? Eu poderia vir e cantar “More Than A Feeling”, mas como hoje eu não vou perder minha Marianne, então busquei uma música mais apropriada. Como eu disse aquela vez, apesar da música ser um fóssil, é a que nos define. Aliás — olho em volta para as pessoas —, vocês sabiam que o nome dela veio da música “More Than A Feeling”? É um furo de reportagem.

Eu enfio a mão no bolso e tiro uma caixinha. Dakota foi comigo na joalheria e me ajudou a escolher. Respiro fundo e me preparo para falar sério.

Levanto o olhar e a multidão está fixa em mim. Marianne também.

— Marianne, eu sei que fiz coisas que não agradaram você, a gente brigou, mas eu jamais a deixarei ir. É assim que acontece quando uma

pessoa encontra a felicidade e fica viciada nela. Eu não considero o que fiz agora, nesse palco, o meu limite e se você não aceitar, pensarei em algo maior para persuadi-la. — Abro a caixinha. — Eu estou aqui porque te amo de todo meu coração. Eu a quero, mas não como minha paciente, tampouco, minha funcionária. Eu a quero como minha esposa. E eu te pergunto: quer namorar comigo? Brigar algumas vezes comigo, rir e chorar comigo? Quer educar nossos futuros filhos comigo? Quer casar comigo, Marianne Cooper?

Um refletor aponta para Marianne e ela olha para os lados. Todos nós somos pura expectativa. As mãos trêmulas dela se juntam perto da boca e então ela levanta-se depressa, atravessa o corredor quase correndo, segura o vestido longo para subir os degraus e para na minha frente.

— Se essa é a única forma de sair daqui... — ela gagueja emocionada — sem que os seguranças me segurem... então, sim. Eu aceito casar com você, Sawyer. — As pessoas riem enquanto eu coloco o anel no dedo dela. Antes de me beijar, ela diz: —Também te amo muito, Sawyer Graham.

Somos ovacionados, mas eu nem ligo. O que importa está aqui em meus braços.



MARIANNE

A noite não poderia ter sido melhor. Sawyer e eu saímos da premiação antes de terminar para não provocar tumulto. O que ele fez foi épico. Amanhã vai estar em toda mídia.

Agora estou voltando para a casa oficialmente noiva. Não consigo parar de olhar para o meu dedo. Não é um único círculo com um diamante em cima. Ele é todo trabalhado com vários aros se entrelaçando em um só no ponto, onde nasce uma poderosa junção de vários pontos de diamantes, como chuveiros, formando um solitário.

— Meu Deus! Eu nem acredito que estou noiva de um cara que foi capa da *Men's Health*. — Sawyer ri. — É o anel mais lindo que já vi, Sawyer — digo, obcecada.

— Quanto a isso, os créditos não são totalmente meus. Dakota me ajudou a escolher.

Viro-me no banco de trás da limusine para encará-lo melhor. Sawyer coloca a mão na minha perna.

— Foi procurar Dakota? Os rapazes sabem disso?

— Nelson me deu a ideia de cantar no Tony Awards.

— E você levou a sério? — Dou uma risada. — Meu amor, não se pode levar a sério o que Larry e Nelson falam.

— Fale isso de novo? — Ele pede. Os olhos vidrados e um enorme sorriso banhando os belos lábios.

— O quê?

— Você me chamou de meu amor.

Meio sem graça, coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— É uma coisa que sempre quis dizer.

— E por que não dizia antes?

— Porque ainda era incerto o que tínhamos. No início eu tinha que manter a distância

porque tinha um namorado e era sua paciente. Depois estávamos namorando, mas eu não sabia que rumo isso tudo ia dar.

— E agora? — pergunta, ansioso, uma insinuação de sorriso nos lábios.

— Depois de você cantar para mim perante centenas de celebridades e provavelmente se tornar em breve um hit do *YouTube*, então eu tenho segurança de te chamar de como quiser.

Sawyer me abraça.

— Quando soube que se apaixonou por mim? — cochicha pertinho dos meus lábios.

— O iniciozinho? Sei lá, acho que quando tentei fazer sexo com Ryan, mas só via você na minha frente. Então não teve outro jeito senão ligar e remarcar a consulta.

— Eu fico puto por saber que você dormiu com aquele infeliz.

— Para mim não significou nada.

— Eu confesso que também transei com Jill na noite que você e eu tivemos nossa primeira sessão.

Eu me ergo e olho séria para ele. Sawyer

coloca a mão na minha cabeça e torna a me empurrar para descansar contra o peito dele.

— Eu só queria provar a mim mesmo que você não era a única mulher, que eu poderia ter quem eu quisesse. Mas não adiantou. O sexo com Jill me deixou mais frustrado e, desde então, não tive mais ninguém. Só você.

— Eu também fico pirada só de pensar em você e ela na cama... Espera aí. — Torno a me levantar. — Quer dizer que eu estava dormindo na cama que você e Jill faziam sexo? — Minha cara é de nojo.

— Se isso for um problema, posso mandar trocar as camas.

Eu faço um gesto negando. Um sorriso cativante toma meus lábios.

— Não precisa estragar a decoração do seu quarto por minha causa.

— Nosso quarto.

— Eu não pensei nisso ainda.

— Pensou no quê?

— Em... em morar definitivamente. É estranho.

— Estranho morar comigo?

— Eu gosto de morar com você. Mas convenhamos que é estranho. Em poucos meses, estaremos juntos definitivamente até que a morte nos separe e, em seguida, dois pirralhos vão chegar para tirar nossas noites de sono.

— De sono e de sexo gostoso. Vamos ter que virar ninjas para cuidar dos nossos negócios, filhos e ainda trepar pra valer. — A voz dele fica um tom mais baixo e mais rouco. — Disso eu não abro mão.

— Você ainda não pode fazer esforço. É melhor tirar o sexo. — Faço minha mão correr pelo ombro dele. Sei que já está bem melhor, mas Sawyer e eu não nos controlamos na cama e ele vai acabar se machucando de novo.

— Eu nem vou comentar o que você disse. Ou melhor, vou sim. — Sawyer se afasta e vai conversar com o motorista. Fala alguma coisa e fecha o vidro que nos separa dele.

— Lembra quando Dakota disse para fazermos sexo em um carro?

— Sawyer, não vamos fazer isso aqui. Estamos na rua, as pessoas podem ver pela janela.

— Relaxa. O vidro é escuro.

— Sawyer, você não está pronto para ficar fazendo contorcionismo em um carro.

— Olha o tamanho dessa limusine, Marianne. Dá para a gente foder muito sem medo de ser feliz. — Ele começa a me beijar ansiosamente, me entrego, pois estava morta de saudade desse beijo. — Caralho, estou há muito tempo na seca total.

Coloco as duas mãos no peito dele e o empurro, Sawyer para de me beijar e me olha. Mantenho-o afastado.

— Ficamos muito tempo sem nos tocar, não foi?

— Sim. Estou morto de saudade — diz e tenta avançar novamente para me beijar. Eu o empurro de novo.

— Eu também estou ardendo de saudade, mas não quero uma rapidinha no banco do carro, vamos ter outras oportunidades para isso. Você ainda está se recuperando e eu quero aproveitar uma noite tranquila, fazendo amor com meu noivo. É pedir muito?

Ele dá um sorriso e sua mão sobe até meu

queixo.

— Fale de novo.

— Falar tudo de novo? Por quê?

— Apenas a última frase.

— Quero fazer amor com meu noivo.

Mal acabo de dizer e ele me puxa para beijar. Agora o beijo não foi desesperado, foi apenas o beijo de duas pessoas que se amam. Meu Deus! Alguém me belisca, acho que estou sonhando. Eu estou oficialmente noiva e não tenho medo de gritar aos quatro cantos o quanto eu o amo, o quanto estou feliz por ele ter me dado essas duas vidas gerando aqui dentro, o quanto estou radiante por termos feito as pazes e em grande estilo. Na frente de centenas de celebridades. Foi melhor que ter ganhado o Oscar.

Paramos de nos beijar, Sawyer disse que se continuássemos ele não poderia cumprir meu desejo e teríamos que rasgar as roupas ali mesmo. Ele me abraça e eu deito a cabeça em seu ombro bom.

— Todos esses dias que fiquei cuidando de você, eu construí uma fantasia em minha mente. Quero colocá-la em prática hoje.

NACIONAIS - ACHERON

— Fantasiou comigo? Por que não me contou?

— Estávamos brigados, Sawyer.

— O que fantasiou?

— Não posso te contar. Hoje eu terei a chance de colocar meus planos em prática. Só posso dizer que vou fazer com você tudo o que eu tive vontade nesses dias que eu fui enfermeira.

— Uma fantasia de enfermeira?

— Não seja bobo. — Eu dou uma risada e volto a me recostar nele. — Apenas espere, Sawyer.

TRINTA E CINCO

MARIANNE

Ficamos em silêncio confortavelmente um nos braços do outro no restante do trajeto. Vez ou outra, Sawyer me dava um beijinho nos cabelos onde os dedos dele acariciavam.

— Vamos subir? — Estendo a mão para ele quando chegamos em casa. Sawyer olha para minha mão e estende a dele, agarrando meus dedos.

— Bem que a gente podia deixar suas fantasias para depois e começar a rasgar as roupas aqui mesmo na sala. — Ele se aproxima, e toca meu rosto passando os dedos na minha bochecha.

— E danificar essa beleza caríssima que você me deu? Jamais! Não há sexo que me faça fazer isso. — Passo a mão no meu vestido e me afasto dele. Minha mente já está começando a

NACIONAIS - ACHERON

endoidar com a proximidade.

Praticamente arrasto Sawyer para o quarto.

— Tire as roupas.

Ordeno e também começo a tirar as minhas.

Para isso ninguém está doente. Ele arranca as roupas e fica de cueca em dois segundos. Me olha com um sorriso de orelha a orelha e na pose de herói de quadrinhos: pernas meio abertas e mãos na cintura. Se está querendo me desorientar, conseguiu.

Também estou apenas de lingerie. Ando para perto dele e acaricio os braços fortes, faço um contorno na tatuagem, essa imagem já está fixa para sempre na minha mente. Em seguida, acaricio o colete ortopédico dele.

— Vamos ter que tirar isso. Para minha tristeza.

— Por quê?

— Ah, Sawyer! Você não sabe o quanto fica gostoso usando esse treco. Acredita que eu fiz coisas no quarto ao lado pensando em você?

Ele se anima e fica tenso ao mesmo tempo.

— Que tipo de coisa?

Seu rosto assume uma expressão curiosa, preparado para uma possível mágoa.

— Coisas que envolvem meus dedos, meu corpo e você na minha mente.

— Que droga, Marianne! E eu aqui do lado passando necessidade. Por que não me chamou para resolver seu problema?

— Orgulho demais. Agora deixe de falar e vamos ao que interessa. Tire essas coisas e venha para o banheiro.

Eu corro para o banheiro e coloco a banheira para encher. Jogo alguns sais de banho dentro e acendo umas velas. Volto para o quarto para buscar Sawyer.

— Vai me dar banho?

— Eu disse que ia fazer tudo que sempre tive vontade. Venha, entre na banheira.

Antes de irmos, porém, ele me pega nos braços.

— Nós nem nos beijamos ainda.

— É verdade. Mas se começarmos a nos beijar não vamos conseguir nem subir na cama.

Cairemos embolados aqui no chão mesmo.

Ele ri e me acompanha ao banheiro.

— Agora faça de conta que está impossibilitado, deixe eu cuidar de você, direitinho.

— Fique à vontade.

Ele abre os braços se exibindo para mim.

Desligo a banheira e volto para perto de Sawyer. Deslizo minhas mãos pelo abdômen dele, bem devagar, bem demorado, arrancando um suspiro aqui ou ali. Passo os dedos no cócs da cueca e ele arfa. Bem devagar começo a descer a peça íntima. Sawyer olha para baixo sem respirar. Eu não entendo como consigo ser forte desse jeito. Estou a ponto de ter um orgasmo só olhando para ele e quando o pau super duro salta para fora, eu gemo instintivamente, a saudade me corrói. Saio de perto depressa, Sawyer expressa sua frustração, mas eu ignoro e o faço entrar na banheira.

Dessa vez nada de dar banho sentada fora da banheira passando vontade. Tiro minha calcinha e meu sutiã debaixo do olhar guloso dele. Finjo que não me importo e me ajoelho dentro da água de frente para ele.

— Fique com as mãos na borda. Não pode

me tocar.

— Como é que é? — Ele demonstra toda sua tensão. Eu nem ligo.

— Por sua culpa eu passei dias de trevas com vontade de tocar em você e não podia, agora deixe-me tirar meu atraso.

Ele joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada. Eu quase morro, ou melhor quase pulo em cima dele como uma leoa. Pego a esponja e começo a dar banho em Sawyer, como nos meus sonhos. Ele calado, de pau duro, e fixo nos meus seios.

— Bem que podíamos deixar isso para depois — diz, afobado, quando eu começo a jogar água por todo o corpo enrijecido de tesão.

— Sawyer, amor, acho que não lavei todas as partes, por que não se senta na borda da banheira?

Imediatamente ele faz o que eu peço e senta-se com as pernas meio abertas. No meio, o centro da minha atenção. Vou me arrastando de quatro dentro da água e fico com a boca bem perto do pênis dele.

— Mary...

— Shh! Calado. Não vê que estou ocupada?

Começo a pegar a água da banheira, com as mãos em concha para jogar nele, lavando-o do jeito que eu imaginava. Sawyer segura firme na banheira e fecha os olhos. O rosto meio inclinado para cima. Passo a língua nos meus lábios e seguro firme nas bolas dele. Sawyer geme alto quando eu o provo com lábios e língua. Dou uma chupadinha única apenas na cabeça inchada, latejante.

As vezes alguém pode pensar que sexo oral é algo que dá prazer apenas a quem recebe. Ledo engano. Estou tão excitada que chego a me sentir zozza só por estar fazendo isso nele. Ouvir os gemidos dele enquanto minha língua trabalha avidamente, é tão gostoso que me deixa de pernas bambas. Eu sonhei com esse momento por muito tempo, era sofrível dar banho nele, vê-lo tão apetitoso nu e não poder fazer nada.

— Quando eu posso te tocar? Pelo amor de Deus, Marianne! — Levanto o rosto de dentro das pernas dele e dou uma risada.

— Venha, vamos para a cama. Depois dou continuidade aos meus planos. — Saio da banheira

e pego duas toalhas. Jogo uma para ele.

— E em que consiste seu plano todo?

— Massagem sem beijos e depois sexo lento. Mas acho que você está ávido demais para isso estou certa?

— Certíssima. — Sawyer se enxuga rapidamente e me puxa pelo braço de encontro a seu corpo.

— Desculpa por não conseguir ainda pegar você no colo. Prometo que no dia do nosso casamento estarei bom novamente.

— Sawyer, não quero que faça loucuras, pelo amor de Deus. Vamos com calma. Lembre-se que temos a vida pela frente para fazer sexo e... — Eu não consigo terminar. Ele toma meus lábios em um beijo de língua molhado que quase me mata. Pode isso, gente? Esse homem devia ser detido por alguma lei.

Pensando bem, é melhor não. Deixe ele livre, é meu e eu gosto de toda essa luxúria que ele proporciona.

Caminhamos topando nas coisas, agarrados e sem conseguir respirar. Ele tem uma boca grande, que devora meus lábios numa facilidade, com uma

NACIONAIS - ACHERON

língua deliciosa que me faz ter uma cachoeira debaixo das pernas.

Ele me joga na cama e já vem para cima de mim.

— Sawyer, não!

— O que foi? Machuquei você? — Ele me olha preocupado.

Com cuidado, eu saio debaixo dele.

— Não é isso. Estou com medo de você se machucar.

— Até parece. Cala a boca e relaxa.

Ele se joga em cima de mim novamente. As pernas grandes seguram as minhas e com uma mão me prende facilmente. Ele já está bem recuperado, antes de ontem eu o acompanhei à sessão de fisioterapia e vi com meus próprios olhos que Sawyer está sadio novamente. Eu relaxo como ele mandou e me entrego totalmente ao sabor, ao toque, à fricção enlouquecedora do pau dele entre minhas pernas.

A pergunta é: como consegui suportar todo esse tempo sem ele? Agora tendo Sawyer em cima de mim, saboreando meus seios e lábios, eu me considero uma heroína por ter bravamente

NACIONAIS - ACHERON

suportado.

—Tudo bem. Eu quero logo. Mas você por baixo. — Sussurro no ouvido dele.

Não quero mesmo que ele torne a deslocar o ombro ou o pulso. E nós sabemos como nosso sexo é explosivo.

Ele aceita, imediatamente se deita e me puxa para cima dele. Ótimo, nada de sexo lento, nada de preliminares torturantes.

Posiciono-me em cima do pau babado dele e solto um grito junto com o gemido rouco de Sawyer assim que a cabeça redonda me invade e toda a extensão grossa começa a deslizar.

Sentada em cima dele eu tiro todo meu atraso. Ou melhor, *nosso* atraso. Cavalgo forte e rápido enquanto ele me guia para cima e para baixo com uma mão na minha cintura e a outra no meu seio.

Uma brasa ardendo entre minhas pernas com as metidas fortes que nós dois provocamos. Eu achei que eu iria comandar, mas ele levantou o quadril e começou a me jogar para cima batendo forte dentro de mim.

— Nossa! Agora vi estrelas — digo entre
NACIONAIS - ACHERON

risos. Ele ri também e continua fixo no que faz.

Meus olhos arregalam e minha boca abre em um grito imaginário, sem som. Gravo minhas unhas no peito de Sawyer e ele sorri do meu tesão desenfreado.

— Merda! Você é um gostoso safado.

Eu grito e ele ri mais ainda.

Eu adoro quando ele sorri enquanto me come. Mas também gosto quando ele fica todo concentrado, com o pescoço suado e a pele toda quente. É gostoso demais. Fico me perguntando como a idiota da Jill deixou uma preciosidade dessas escapar.

Você quase deixou ele escapar, querida.
Alguma Marianne dentro da minha mente aponta.

Mas não deixarei acontecer mais. Sawyer é meu até que... Até que nada aconteça. Ele é meu e pronto. Meu noivo, meu futuro marido e pai dos meus filhos, meu amor.

Seguro firme nos músculos tensionados dele, os braços meio brilhando de suor, as veias e nervos nítidos. Ele é muito malhado.

Dessa vez pretendo não dizer a ele que vou gozar para que ele não tire. Ele sempre faz isso para
NACIONAIS - ACHERON

me ver implorando por mais.

O cheiro, o calor, a pegada e os músculos dele são tão excitantes que eu não aguento. As socadas firmes sozinhas já são devastadoras demais. Gozo rios em torno dele. Parece que foi o primeiro orgasmo que tive. Tão maravilhoso que meus olhos viraram e me senti como em uma doce ressaca.

— Ah! Que delícia! — Eu grito com o rosto no peito dele. Ainda continuo recebendo-o avidamente dentro de mim até que ele se vira sem eu perceber, se jogando em cima de mim.

— Está tudo bem? — me pergunta meio preocupado. Tira os cabelos do meu rosto e beija minha testa.

— Sim. Ótima. — Eu o presenteio com um sorriso brilhante, tipo aqueles de propaganda de creme dental.

— Me perdoa, meu amor. Esqueci completamente que você está grávida. — Ele lamenta, ofegante. Ainda está dentro de mim, mas parado. É impressionante como eu o desejo mais uma vez ardentemente.

— Sawyer, estou grávida, não morta. Por

favor...

Ele sai de dentro de mim e se ergue ficando meio ajoelhado, abre minhas pernas e se abaixa, dando um beijo de língua na minha vagina. Quase desmaio. Ele chupa e lambe tão bem que devia ganhar um prêmio por isso.

— Ah! Que coisa gostosa! — Eu grito por ele estar me levando as alturas com a boca lá embaixo. Meus dedos apertam o lençol e eu fico com medo de arrancar um pedaço do tecido.

— Quero gozar dentro de você. — Ele para de me chupar, dá um beijo nos meus lábios na mesma intensidade com que me lambia e torna a meter. Sawyer não espera e começa a se movimentar depressa. Como ele diz: turbinando o papai e mamãe. As batidas dos testículos dele contra minha pele são outra coisa que me deixa louca, Sawyer sabe como fazer o serviço completo, sabe como fazer esse pau enorme ser o centro das minhas atenções e como atíçar cada pontinho do meu corpo com cada estocada.

Enquanto mete sem parar, ele abaixa e toma meus seios. Um na mão e outro na boca. Agarro a cintura dele com minhas pernas e cravo

meus calcanhares em sua bunda.

Ai, vida boa. Acho que esse é o significado de plenitude.

— Tão gostosa, tão... minha. — Ele murmura e eu avanço buscando os lábios dele. Nós nos beijamos, suamos, perdemos calorias e, por fim, gozamos. Eu jorrei e ele me acompanhou se dissolvendo em um gozo poderoso. Eu fico toda orgulhosa em saber que posso dar um prazer tão grande a um homem que é tão experiente e que teve muitas mulheres. Fascinada e totalmente entregue, eu deixo os braços e pernas caírem. Ele sai de dentro de mim e rola para o lado me levando para me aconchegar ao corpo dele.

Já são duas da manhã, Sawyer e eu ainda não fomos dormir. Depois de termos feito sexo no quarto, descemos e fomos para a cozinha. Pegamos tudo o que tinha para comer e levamos para a sala.

Sentamos no tapete fofo, comemos os petiscos e começamos a traçar planos de agora em diante. Queremos uma festa de noivado. Eu prefiro algo reservado, ele quer algo como festa Black and White ou esporte fino. Ainda não chegamos a um

consenso. Decidimos que o casamento deve ser logo, enquanto minha barriga não cresce.

Decido também não contar ainda para meus pais. Eu quero que eles sorriam para mim e meu noivo quando estivermos casando e não estejam com cara de bicho por eu ter engravidado antes, sim, meus pais são antiquados. Sawyer me diz que não quer mais continuar nessa cobertura. Ele está mudando de vida, vai ter uma família e quer manter as coisas do seu passado bem afastado da gente. Sem falar que uma cobertura não é o local adequado para criar duas crianças. Eu o compreendo e pegamos lápis e papel para riscar alguns esboços para uma possível casa. Eu disse que podemos comprar uma e Candice e eu reformamos. Mas ele é irredutível, diz que quer os filhos morando em algo que a mãe deles construiu, sem Candice no meio.

A minha sugestão de projeto consiste em casa grande com quatro quartos, jardim e área de lazer com piscina. Sawyer adorou a ideia e decidiu que nosso quarto deveria ser em um andar isolado, um andar só para a gente, para podermos ficar à vontade. Ou seja, transar à vontade sem crianças por perto. Imediatamente, ele coloca um lembrete

NACIONAIS - ACHERON

no celular para pedir a Arthur que procure os melhores terrenos disponíveis. Eu sugiro a Sawyer que esperemos a construção do hotel, mas ele disse que pode construir os dois simultaneamente. Apenas dou de ombros e continuo os planos com ele.

Sawyer senta no chão recostado no sofá, eu deitada em uma almofada com os pés no colo dele.

— Já pensou nos padrinhos? — Eu pergunto. Ele massageia meus pés.

— Eu tenho os três rapazes. Você escolhe as madrinhas.

— Candice é certeza, mas queria que Leo também fosse. Eu prometi isso a eles dois. Claro que o casamento que eu planejava era com Ryan, mas acho que isso é só um pequeno detalhe.

— De mim para Ryan existe apenas um pequeno detalhe? — Ele pergunta, fingindo-se magoado.

— Lógico que não. Entre vocês há dois quilômetros de diferença.

Ele sorri orgulhoso.

— Dakota também pode ser uma das madrinhas, já que Rick já está confirmado. —

NACIONAIS - ACHERON

Sawyer opina.

— E Alice, é claro. Ela é minha única irmã. Meus pais me matariam se eu deixasse minha irmã fora do meu casamento.

— É isso que você quer? O casamento não é deles, é seu.

— Eu sei. Mas planejamos a vida toda ser madrinha uma da outra.

— Não vou fazer com que fique brigada com ela. Eu mesmo, depois de tudo, ainda tentei fazer minha mãe me ouvir e me entender. Entretanto, eu digo e repito, que tenha uma conversa séria com ela.

É claro. Claro que farei isso. Ela me apunhalou da forma mais baixa e preciso antes de tudo... Me controlar, pelo bem de nossos filhotes. Sawyer abaixa o rosto e esfrega o nariz na minha barriga. Depois, levanta os olhos e me encara sério.

— E o maldito namorado dela? — Vejo a raiva nos olhos de Sawyer.

— Nem sei se ele ainda está com ela. E acho que Ryan não vai querer ir ao meu casamento. Não depois de ter levado um soco do noivo.

Outro sorriso orgulhoso à minha frente.
NACIONAIS - ACHERON

Como se bater em alguém fosse motivo de orgulho.

— Fica faltando mais uma.

— Posso convidar Gaby, minha secretária. Prefiro ela que minhas outras amigas. São tão falsas.

Fico pensativa tentando escolher entre Gaby, Tereza ou Natali. Eu até gosto de Natali e Tereza, mas Candice não gosta muito delas. É um saco ter que fazer uma lista de convidados segundo os gostos da melhor amiga.

— Amanhã começa nossa maratona de preparativos — diz Sawyer, pensativo. Os dedos correndo do meu calcanhar a panturrilha. — Nunca me imaginei indo provar bolos e bem casados, escolhendo convites ou provando trajes de noivo.

Dou um gritinho de euforia e corro para o colo dele.

— Meu Deus! Estou feliz demais. Nós vamos mesmo fazer isso.

Ele me ajeita, sentada com as pernas em volta de sua cintura.

— Você, ao contrário, sempre imaginou tudo isso, não é?

— Sim. Inclusive a parte do traje do noivo que jamais deixarei você escolher sozinho. Vou deixar mais ou menos predefinido na loja para quando você e os rapazes chegarem.

— Eu tenho autonomia de escolher meu próprio terno.

— Não quero arriscar. Vai que você aparece com algo vermelho ou dourado. Eu caio dura no chão.

— O que tem contra o vermelho ou dourado? — Ele se faz de desentendido.

— Para o noivo? Tenho tudo contra.

Sawyer beija meu pescoço, seus lábios e começa a fazer um carinho até a orelha. Eu me dou conta da extensão do problema e me afasto depressa.

— Meu Deus! Ainda temos que marcar a data, encomendar as alianças, requisitar serviços de buffet, bar, DJ e ainda escolher o local.

Sawyer dá uma gargalhada.

— Calma. Temos a vida toda pela frente.

— Não temos, não. Não quero que meus filhos um dia digam: eu estava no casamento dos

meus pais. E muito menos quero casar barriguda.

— E o que tem isso? Você será uma bela barriguda.

— Que não vai poder aproveitar a lua de mel. Fazer acrobacias e me jogar contra objetos e paredes.

— Vamos lutar depois do casamento? — indaga, animado. Um riso exposto constantemente nos lábios.

— Quase isso.

Ele volta a me beijar e eu lembro de mais alguma coisa.

— Sawyer, os votos. Eu quero escrever nossos próprios votos. Pode fazer isso?

— Não sou bom com palavras.

— E não deixe nossos padrinhos pervertidos fazerem o brinde. Por favor, apenas Leo.

— Não podemos fazer isso. Haja o que houver, temos que aceitar, ou Nelson e Larry serão capazes de armar uma cena.

— Que Deus nos proteja.

Sawyer se levanta e me puxa. Ficamos de

pé.

— Agora, vamos deixar isso para amanhã. Estou meio estressado e, quando fico estressado, sinto tesão. Quer me ajudar nesse problema?

— Tesão, é? Acho que tenho algumas ideias.

Dou um gritinho e puxou-o pela mão e corremos enlouquecido subindo as escadas. Às duas da madrugada.

TRINTA E SEIS

MARIANNE

Eu sempre me gabei de ser durona em relação a frescuras de casamento. Quem lembra da figura apática e cheia de rancor no casamento de Candice pode comprovar o que estou falando. Mas agora, falando do meu casamento, a coisa muda de figura. Primeiro que já estou na ativa desde oito da manhã, quando Candice me ligou aos gritos perguntando que cena suspeita era aquela na internet.

Eu deixei Sawyer desmaiado na cama e saí voando para me encontrar com Candice. No caminho, conversei com minha mãe que estava meio nervosa, mas tentava parecer calma. Depois papai tomou o telefone dela e a coisa desandou de vez. Ele gritou coisas sobre ser cedo demais e eu disse que nós vamos casar sim. Ele disse que nem

conhece a família de Sawyer e eu disse que vou me casar assim mesmo, e ele disse que viria me ver. Com a voz meio tímida, eu pedi que trouxesse Alice, pois eu quero conversar com ela. Ele pareceu ter ficado mais calmo depois de ouvir isso. Pais odeiam ver filhos brigados, isso é um fato.

Cheguei à casa de Candice para tomar café com ela e Leo.

— Safada! — Candice abre a porta e exclama. Não consigo decidir se ela está eufórica ou aflita.

— Estou radiante — digo.

— Quem não estaria? — Ela me puxa para dentro e me dá um rápido abraço. — Leo está fazendo o café, venha para a cozinha e nos conte tudo.

Não consigo esconder o sorriso enorme quando cumprimento Leo.

Eu conto resumidamente para eles tudo o que aconteceu e mostro o anel superluxuoso que Sawyer me deu. Candice dá um gritinho e me abraça.

— Mary! Estou tão feliz que vai desencalhar.

Fico pensando se ela está mesmo feliz, afinal o culpado por eu desencalhar é o cara que ela não gosta.

— Pois é, Candice. E vou providenciar esse casamento o mais rápido possível.

— Medo do noivo mudar de ideia? — Leo pergunta. Serve o café nas nossas xícaras e se senta à mesa.

— Medo de ficar barriguda. Papai e mamãe ainda não sabem que serão avós. — Despreocupada, toco no assunto com eles. Os únicos que sabem além de Dakota.

— Ainda não contou para os velhos? — pergunta com a sobrancelha levantada, perplexo.

— Você conhece meus pais, Leo. Eles são das antigas. Papai já não vai com a cara de Sawyer, se souber que ele engravidou a filhinha indefesa, vai enlouquecer.

Candice e Leo riem.

— E já pensou em alguma coisa? — pergunta, cheia de expectativa.

— A partir de agora vocês dois são meus padrinhos. E você, Candice, está comigo para me ajudar na missão de preparar um casamento em
NACIONAIS - ACHERON

menos de um mês. Eu já vou completar três meses de gravidez e minha barriga não vai demorar a crescer.

— Por onde vai começar? — Ela não se mostra tão eufórica como quando Ryan me pediu em casamento na festa dos pais de Leo.

— Preciso dos seus contatos dos serviços do seu casamento.

— Leo, pegue minha agenda. — Candice ordena.

— Sawyer disse que o lugar já tem, o hotel dele. Claro que não é o Plaza Hotel onde você casou mas...

— É tão lindo quanto. Sem falar na vista espetacular para o Central Park.

— Sem falar que vou economizar essa parte.

— E a data, Mary?

— Não sei. Hoje tenho que resolver isso tudo. Vim aqui apenas contar a novidade e pedir seus contatos. E pedir sua ajuda de agora em diante.

— Lógico. — Ela dá um sorriso. — Conte comigo para o que der e vier.

Leo chega com a agenda e nós três começamos a escolher os contatos de Buffet, DJ, cantores ao vivo, iluminação, flores, doces. Tudo.

Saio da casa de Candice com uma lista enorme e o telefone no ouvido. Sawyer me ligando.

— Oi, Saw.

— Como assim? Acordei sozinho e deprimido. Cadê você?

— Estou saindo da casa de Candice. Tive que vir contar a ela e Leo pessoalmente.

— Estou te esperando para tomarmos café juntos.

— Está bem. Estou chegando.

Desligo e vou embora buscá-lo para sairmos e resolvermos tudo. Mal posso esperar.

Chego em casa e corro para a cozinha de onde vem um cheiro maravilhoso de café.

— Sawyer!

Ele está uma perdição cozinhando apenas com a calça do pijama e os cabelos do jeito que deixei quando fizemos amor.

Vou me casar com esse homem e não vou acostumar em ver isso na minha frente todos os

dias. Caminho até ele e o beijo.

— O que Candice diz? — Sawyer e sua obsessão em saber as opiniões de Candice. É como os investidores querendo saber da bolsa de valores.

— Ela ficou superfeliz. Me deu uma lista de contatos e disse que vai estar ao meu lado me ajudando em tudo. Leo também ficou muito contente.

— Da última vez que me encontrei com ele, parecia que estava com enjoo. Ficou com aquela cara feia para mim. — Sawyer coça o queixo, pensativo.

— Leo me considera uma irmã e estava apenas fazendo o papel...

— O papel do filho mais velho do Sr. Cooper. — Sawyer completa minha fala e serve roscas quentes que eu fiz e ele esquentou. — Nem quero estar na pele de Sawyer Graham quando seu pai souber. — Ele emenda, me fazendo rir.

— Ele já sabe. Ele me ligou e disse que está vindo.

Sawyer gargalha e senta ao meu lado.

— Seu velho não tem nada pra fazer, não?

— Nada melhor que vir apontar uma arma para o cara que cantou para a filha dele. Isso porque ele não sabe o que tem no meu útero.

Sawyer abaixa e esfrega o nariz na minha barriga murmurando algo meio indecifrável como: *filhotes do papai*. Eu me derreto de tanta fofura.

— Você tem alguma preferência para os bebês? — pergunto, quando ele se recompõe e volta a comer.

— Acho que todo pai sonha em ter um menino. E tenho duas chances de conseguir um guri.

— Eu quero apenas que sejam saudáveis. Mas não paro de pensar em gêmeos idênticos.

— Quando vamos poder ver o sexo dos bebês?

— Em meados de agosto. Segundo a médica, eu já estarei com cinco meses de gravidez.

— Foi aquela vez no hotel, não é? Que a camisinha estourou... — Sawyer olha para mim, com uma sombra de culpa nos olhos.

— Sim, provavelmente. E acho que a melhor coisa foi eu ter esquecido de tomar a pílula

NACIONAIS - ACHERON

do dia seguinte.

— Gosta mesmo de estar grávida?

—Lógico. Primeiro que assim que uma mulher descobre a gravidez o amor materno nasce nela, segundo que são gêmeos e terceiro é que são filhos do homem que eu amo.

Sawyer fica me encarado. Os olhos brilhando, a boca curvada em um sorriso. Como se desse um sinal de largada, ele deixa a caneca no balcão e me puxa para um abraço e bem perto do meu ouvido, ele fala:

— Nunca achei que eu poderia ser feliz. Obrigado, Mary, por me dar essa oportunidade. Te amo tanto...

— Então somos dois, meu amor. — Encosto meus lábios nos dele sentindo o gosto de manteiga.

Terminamos o café e por milagre não fizemos sexo. Corremos para sala para bolarmos uma lista de casamento. A felicidade é tanta que parecemos dois adolescentes planejando a primeira farra quando os pais viajam.

É uma tarefa árdua de quase duas horas. Candice a todo instante me ligando para dar palpite

sobre quem deve ou não ser convidado, Sawyer mandou ela se foder quando desligou e disse que ele convida quem quer. Ele já ligou para os rapazes e marcamos um jantar aqui com todos os padrinhos. Inclusive Gaby que quase ficou louca de emoção. Minha mãe me ligou querendo que eu colocasse Alice como minha dama de honra, mas acho que seria ir além do limite, pelo amor de Deus; já estava achando o cargo de madrinha demais para ela, imagine ser minha dama de honra. Decido que ela fica como madrinha, junto com Candice, Gaby e Dakota.

Sawyer se veste e saímos para começar a colocar nosso casamento nos trilhos.

A primeira coisa da nossa lista é marcar a data e isso conseguimos de imediato. Na verdade nem teve tanta enrolação. Não vamos nos casar em uma igreja, o casamento será no Kayla e, como o noivo é dono do lugar, não precisou de sofrimento para marcar um dia.

Arthur, muito animado, nos levou até os dois enormes salões. Um para cerimônia e outro para recepção, interligados. Eu me apaixonei pelo lugar e consegui ver exatamente como ficará a

decoração com flores e lustres. Ainda vou decidir se casarei de tarde ou de noite no dia 21 de junho, em menos de um mês. Essa era a data mais próxima que o reverendo August tinha disponível. Ele é um velho amigo da família de Candice, realizou o casamento dela, também fará o meu.

Data marcada, seguimos para o segundo passo, as alianças. Sawyer tem certeza que o tempo é suficiente para conseguirmos as alianças gravadas. E o melhor: da Tiffany & Co.

Claro que consegue, é famoso.

Em outra época eu nem passaria pela porta, mas agora tenho o melhor acessório para entrar em um lugar assim: Sawyer Graham.

Fomos recebidos com sorrisos simpáticos e guiados para um lugar onde alguém nos atenderia.

Sentamos confortavelmente e olhamos várias alianças, de todos os tipos: platina, lisa ou com diamantes, platina e ouro, grossa ou fina. Mas, em um consenso, Sawyer e eu preferimos a tradicional em ouro de 4mm.

— Já pensaram no presente dos padrinhos e madrinhas? — pergunta a jovem atendente, toda prestativa.

Sim, claro. Passei a vida toda pensando em tudo. Penso com um sorriso. Só acho que Ryan não compraria as alianças aqui.

— Pode me mostrar abotoaduras? —
Sawyer pede.

— Para as meninas, pensei em colares com pingente.

Assim que ela sai, eu cochicho no ouvido dele:

— Eu pago o presente delas.

— Não me venha com tolices, Marianne. A conta da joalheria é minha.

— Então dê apenas gravatas para os rapazes.

— Já combinamos que daríamos as abotoaduras e a gravata. Fique calma. — Ele dá um sorriso e beija minha mão. Mesmo Sawyer sendo milionário, meu pai não vai abrir mão de arcar com toda a festa. Papai é desses, conservadores e orgulhosos. Ele morreria se não pudesse fazer o casamento de sua filha mais velha, como manda a tradição.

No fim, saímos da loja com as sacolas e os presentes já embalados. A mulher nos deu a ideia
NACIONAIS - ACHERON

de levar para cada padrinho quando formos levar os convites. E apenas os convites devem ser entregues pessoalmente e não pelo correio para madrinhas e padrinhos. Eu escolhi pulseiras de prata com um pingente em que será gravada a primeira letra do nome da madrinha, Sawyer escolheu as abotoaduras também de prata.

— Convites? — pergunta ele.

— Vamos aos convites.



SAWYER

Eu nunca achei que preparar um casamento fosse cansativo, estressante e divertido. Sim, estou me divertindo muito nessas últimas semanas de preparativos. Estou me sentindo como um homem que nunca esperei me tornar. Fui provar bolo com Marianne e a todo instante ela me beliscava dizendo que era apenas para provar um de cada e não devorar o bolo inteiro. No final, eu nem sabia qual era o mais gostoso e queria comer mais para me decidir. Mas Marianne anotou mentalmente

meus preferidos e escolheu por nós dois.

Experimentei meia dúzia de ternos, meio-fraque e smoking. Ela foi comigo e com a ajuda de Dakota e Candice, me fizeram desfilar muitas vezes para lá e para cá. Ficaram sentadas como juízas, apenas olhando e cochichando com sorrisinhos. Ainda por cima, tive que servir de manequim para elas escolherem as roupas dos rapazes. Eles virão comigo depois para as últimas provas.

Mesmo me sentindo meio constrangido, não deixei de admirar tudo isso. Muitos acham que casamento é ir no dia é pronto. Para os noivos, o casamento começa no dia que ela diz sim. Nem sei se estou preparado para ser marido e pai. Conduzir uma família, ser responsável por ela e por crianças que me verão como exemplo. Eu não tive isso para me espelhar e usar agora com eles, tudo que passarei é o que meu pai me ensinou até os meus quatorze anos. Mas isso são outros planejamentos. Sei que Mary estará ao meu lado para me ajudar.

Enquanto Marianne e as garotas vão preparar vestido, flores e doces, Rick e eu vamos atrás de uma boa banda ao vivo e das bebidas. Escutamos cinco bandas e fomos a uma degustação

de vinho e cerveja. A melhor parte, na minha opinião.

Não há como não fascinar com tudo isso mesmo tendo os efeitos colaterais, como ter os Cooper acampados na casa de Marianne há uma semana.

Alice também veio e fez as pazes com a irmã.

Ela pediu perdão a Marianne, disse que se arrependia muito, estava se sentindo um lixo e que não merecia ser a madrinha de nosso casamento, ela nem mesmo viria ao nosso casamento, mas os pais a fizeram vir para se desculpar com a irmã.

O velho Oscar baixou as defesas e conversou normalmente comigo, ou seja, fez as mesmas provocações.

Além disso, assim como Marianne teve seu confronto com o passado, o meu também foi inevitável.

Meu maior medo era que minha mãe aparecesse e estragasse minha felicidade, mas não foi ela que apareceu um dia antes no meu apartamento. Graças a Deus, minha noiva não estava em casa.

Amanda estava com aquela cara de toda poderosa. Sorriu de orelha a orelha, quando eu abri a porta e ela entrou sem ser chamada.

— O que faz aqui, Amanda? Já não cortamos todos os laços?

Ela olhou tudo ao redor e veio caminhando sorrindo para perto de mim.

— Olha só. Uma sala com vestígios de casa de família. — Ela sorri, acariciando um vaso com flores que Marianne repõe de dois em dois dias. — No início, eu achei que fosse apenas seu egoísmo para conseguir ficar mais famoso. Cantar todo romântico... estou impressionada. Seu vídeo se tornou viral na internet. Mas então me encontrei com Jill e ela está acabada, coitada. Afundada em ressentimentos e tristeza por ter sido traída, trocada por uma puta qualquer.

— Sim, eu prefiro minha puta a santas como você e Jill. Agora suma daqui.

Se ela achou que eu cairia na provocação barata dela quando xingou Marianne, está enganada. Não vou me sujar com sangue de cobra.

Ela não consegue tirar aquele sorriso ridículo dos lábios. Eu me contorço de ódio e

medo. Se Marianne chegar agora, eu estarei perdido.

— Tyler, meu caro Tyler, não sei se chegou a contar a história da bela adormecida para a sua pobre irmãzinha morta. — Ela caminha e senta-se no sofá. Cruza as pernas e me olha. Se eu não fosse casar depois de amanhã, se eu não estivesse esperando dois bebês, se eu não tivesse Marianne... Amanda estaria caída e morta na minha sala.

— Vou contar rapidamente o início só para te lembrar. — Ela pigarreia e eu cruzo os braços sabendo que ela vai sair apenas quando der o recado.

— O rei convidou algumas fadinhas boas para o batizado da filhinha, mas negligenciou a velha fada. Então ela queria muito se vingar. E ela foi à festa e jogou uma maldição.

— Você jamais conseguirá invadir minha festa. Aceite, Amanda.

Ela se levanta do sofá e vem para perto de mim.

— Sei que não contou nada para a idiota daquela sem sal. Ela tem família, ela não é como

eu, você, Jill... Os rapazes. Pessoas como ela não aceitam se misturar com nossa laia.

— Saia. Da. Minha. Casa! — Eu sibilo compassado, entre os dentes. O ódio correndo em minhas veias.

— Eu não vou invadir sua festa, meu pupilo. Jamais faria isso. Quero ver seu tombo depois, será bem maior. Apenas espere, mais cedo ou mais tarde, seu amorzinho vai se espetar na agulha que eu preparei para ela. E será aqui, na sua casa, quando você menos esperar. Eu te avisei, Tyler. Avisei muito. Não me abandone, não vire as costas para mim e foi justamente isso que você fez. Agora sente e assista.

Ela dá um tapinha no meu rosto e sai batendo a porta. Eu fico inerte no mesmo lugar. Feito em gelo. Meus dedos doendo fechados num punho. A vontade de levar Marianne para outro mundo onde ninguém a encontre, uma vontade de apagar meu passado. Sento-me no sofá com a cabeça entre as mãos.

Uma cena cobre todo ambiente e estou doze anos atrás, no aniversário de Amanda.

Todos deviam ter ido embora, não havia

quase ninguém. Estava apenas Amanda, uma loira peituda muito gostosa, Rick, Nelson, Larry e eu. Amanda vira-se, e com todo orgulho, me leva até a loira, que ri junto com o Rick.

— Jill, quero que conheça o cara que comentei.

Os dois param de falar e ela me olha de cima a baixo. Na época eu tinha apenas 21 anos e um visual fraco. Tinha acabado de pintar meus cabelos de loiro. Rick dá um sorriso cúmplice para mim e eu percebo que ele já comeu a loira.

— Pessoal, essa é Jill. Nossa nova parceira de festinhas.

Jill se aproximou de mim e perguntou com uma voz melosa, cujo significado ia descobrir mais tarde.

— Já tem alguma prática, Tyler?

Nelson e Larry riram do outro lado.

— Prática em quê?

— Em dividir uma mesma mulher com outro homem.

Olho para Rick que dá de ombros. Eu ainda não sou megaexperiente, mas ela está

perguntando logo a mim que acabei de entrar para os Black Bulls?

— Ela está falando em trepada grupal. Orgia — responde Rick. — Somos quatro homens contra duas gostosas. Vamos fazer a farra hoje, amigo. — Ele bate no meu ombro e me entrega uma cerveja.

— Venham, pessoal, a sala já está preparada — diz Amanda, caminhando até uma porta. — Jill, querida, aproveite os dois, depois a gente troca. Estou a fim de provar um pouco do Big Tyler e Rick juntos.



Um dia antes do casamento nos encontramos todos em minha casa. Já nos encontramos várias vezes em outras oportunidades, como os ensaios onde Marianne e Candice só faltaram arrancar os cabelos por causa dos homens que, segundo elas, não estavam seguindo corretamente o planejado. Achei que Nelson e Larry dariam mais trabalho, porém Alan e o pai de

Marianne eram os mais pirracentos.

Claro que Oscar me chamou no canto para conversar de homem para homem. Ele foi frio e direto ao dizer que iria até as últimas consequências para me punir caso eu fizesse a filha dele sofrer. E eu o entendi perfeitamente. Agora eu consegui entendê-lo, pois se minhas filhas forem meninas, agirei exatamente como ele. Já sinto raiva do sujeito que ao menos olhar para o rosto de uma possível filha minha.

Oscar queria saber sobre minha família. contei a ele a verdade, que meu pai e minha irmã faleceram e que minha mãe não fala comigo. Não contei sobre ter matado meu padrasto, mas contei que, por causa de uma briga familiar, minha mãe me virou as costas. Ele aceitou e, no fim da conversa, me deu um rápido abraço com tapinhas nas costas.

Agora, em uma mesa enorme no restaurante do meu hotel, eu brindo com eles. Meus padrinhos e madrinhas, minha futura família e minha futura esposa. Antes de chegar aqui, pedi mais uma vez aos rapazes para manterem a boca fechada. Eles fizeram uma farra de despedida para

mim e eu caí bêbado, tendo que ser rebocado. Meus futuros sogros não precisavam saber disso. Marianne não sabia da farra, mas ficou sabendo quando me levaram bêbado para casa. No dia seguinte, enfrentei uma cara emburrada e olhares tortos. Lá fui eu contornar a situação e fazer as pazes com ela.

— Antes de acordarmos amanhã, quero agradecer a cada um de vocês. Desde meus velhos companheiros de estrada. — Levanto minha taça para os três rapazes e Dakota. — A pessoas que conheci recentemente. Como Leo e Alan.

— Quero deixar claro que eu não vou com sua cara — diz Alan para mim. Todos os olhares viraram para ele. — Afinal eu estava na frente da fila para namorar Marianne e você furou. — A boca dele se contorce e todos riem.

— Agora eu fiquei supertranquilo em saber que um dos meus padrinhos sente atração pela minha noiva — digo com cara amarrada.

— Apenas um dos padrinhos? — Larry se manifesta. Marianne abaixa a cabeça, pois pressente que pode vir bomba bem na frente do pai dela.

— Larry! — Alerto.

— É isso mesmo. Vamos a uma votação. Quais padrinhos sentem atração pela noiva? — Ele pergunta e todos levantaram a mão, inclusive Leopold.

— Desculpa, amor — diz para Candice —, ela é como uma imã para mim e eu só levantei a mão para levantar a autoestima dela. — As gargalhadas foram unânimes.

— Estou decepcionado com você, Rick — digo para meu amigo que deu de ombros e tocou na mão de Nelson. — Amanhã minha amada noiva e eu precisaremos de cada um de vocês, apesar de tudo, para que nosso dia se torne memorável. Quero, nesse momento, selar esse acordo com um brinde desejando desde já sorte, pois acho que vou precisar. Saúde.

— Marianne, está mesmo disposta a ver apenas o mesmo pênis para o resto da vida?

Nelson pergunta. Todos riem e eu tenho vontade de subir na mesa e atacá-lo. Marianne fica roxa, vermelha e rosa.

Notavelmente, Oscar não deve ter ouvido. Está debatendo alguma coisa com Candice e Rose,

mãe de Marianne. Aproveito e, para não crescer o assunto do "ver o mesmo pênis pelo resto da vida", levanto minha taça em um brinde e várias outras taças se levantam junto com a minha.

MARIANNE

Minha irmã veio com meus pais.

Esse era um assunto que eu estava meio tensa para tocar. Eu tinha que encarar, ela me feriu muito, mas é minha única irmã e nem sinto mais toda a raiva que senti no início. Sem falar na pressão que nossos pais estavam fazendo. Eu poderia me vingar de Alice, poderia dar uma surra nela e quebrar nossos laços para sempre. Mas essa não seria eu. Não mesmo. Quem me conhece sabe que eu não sou assim.

Seu carnê para pagar papel de trouxa é eterno. Minha Marianne briguenta me critica. Eu a ignoro. Estou atingindo um novo patamar em minha vida, não estou falando em querer Alice em tudo, até porque, assim como Candice, vou manter

os dois pés bem atrás com elas duas. Mas eu quero uma relação saudável. Estou feliz demais com minha gravidez e meu casamento para guardar rancor por causa do Ryan. Um cara que só me trouxe atraso de vida.

— Olha, vou entender perfeitamente se quiser me bater... — ela já veio falando quando eu chamei para conversar, em meu quarto, na minha antiga casa. Longe dos meus pais, só eu e ela como adultas.

— Cala a boca, Alice. Odeio vitimismo.

Ela atendeu na mesma hora. Nem me sentei, fiquei de pé olhando ela sentada na minha cama.

— Eu quero que seja muito feliz com Graham.

— Obrigada. Você sabe que está aqui apenas porque eu quero acabar de vez com tudo isso, todo esse peso desnecessário.

— Sim, me perdoe, eu...

— Alice. Por muito tempo, por você ser a caçula, teve tudo que sempre quis. Tudo era para você, e eu fui ficando em segundo plano. Quando você veio para cá...

— Mary... — a voz dela tremula.

— Calada. Que droga! Estou tentando não ser uma megera como muitas seriam no meu lugar.

— Ela assente, respiro profundamente, e continuo:

— Quando você veio para cá e fez o que fez, mais uma vez me colocou em segundo plano. Não me respeitou como sua irmã, não pensou em mim e no que eu poderia sentir com o que estava fazendo com o Ryan.

— Eu fui uma vadia.

— Nisso concordamos. Apesar de que eu também o traí, não quero ser hipócrita. Na verdade, eu e ele nem tínhamos mais nada, eu estava indo lá aquele dia acabar tudo com ele.

— Ia mesmo? — Ela me olha um pouco perplexa.

— Sim. — Eu me sento na poltrona de frente para ela. — O que mais me doeu foi ver você lá. A sua traição doeu, não a dele.

— Me perdoe.

— Alice, quero que saiba que a partir de agora vai ter que conquistar minha confiança. É duro dizer isso para uma irmã, mas não vou ficar segura com você e o Sawyer juntos, em algum

lugar. Confio nele, mas o amo muito e tenho certeza de que se eu ao menos sonhasse que alguém deu de cima dele...

— Jamais faria isso.

— Sei que não vai. Sawyer já a conhece e vai se manter distante. E você vai ter que conquistar de volta a confiança completa que eu tinha em você.

Ela limpa uma lágrima, limpa outra e já está chorando. Continuo impassível.

— Eu não queria ter que chegar a isso, ver você desconfiar de mim dessa forma.

— Você deu motivos, Alice. — Começo a falar mais alto, em tom hostil. — Você me atacou e...

— Eu sei. — Ela me interrompe — Claro que sei. Me sinto um lixo por ter feito o que fiz. Papai me ignorou por semanas. Não falava comigo, nem mesmo olhava para mim, me tratava como uma criminosa, me fazendo sentir tudo que fiz de errado; e eu só queria poder voltar no tempo e não ter feito aquilo, pois não valeu a pena.

— Que bom que se arrependeu.

— Eu me arrependo todos os dias, porque

eu machuquei pessoas que amo por causa de nada. Ryan nem quis mais nada comigo, brigamos e ele me chamou de estepe, que sempre quis você e eu estava ali só para ele se aliviar enquanto a esperava. Isso foi tão humilhante, me senti o pior lixo. Eu só queria seu perdão e...

— Eu te chamei aqui por que te perdoo, sim, claro que será difícil termos toda aquela intimidade de antes, mas quero você no meu casamento. Na verdade, mamãe quer você lá. Essa é a verdade.

— Obrigada. Eu nem sei com que cara...

— Alice, se eu estou te perdooando e disposta a tentar reerguer o que sobrou entre a gente, tem que ser pra valer. Se eu ficar de cara virada ou jogando indiretas, então não seria um perdão completo. Eu te perdoo, quero você como minha madrinha...

— Não, Mary. Eu agradeço, mas ficarei bem feliz em apenas estar assistindo... seu noivo, o Graham, ele pode...

— Sawyer sabe de tudo, ele sabe de todos os meus passos e planos. Ele sabe que você será minha madrinha e me apoia, porque ele acha que a

vida é curta demais para guardarmos rancor de um ente querido. Sawyer perdeu muito e ele faria qualquer coisa para ter a chance de ter a irmã dele aqui, nem que fosse brigando com ele.

Eu me levanto e fico de pé diante dela. Alice se levanta e damos um rápido abraço.

— Obrigada. De verdade eu estou muito aliviada. — Ela limpa as lágrimas e ensaia um sorrisinho fraco.

— Bom, ressentimentos e Ryan para trás, vamos focar no presente. Como minha madrinha, você tem alguns deveres a cumprir.

— Eu vou adorar. Se você quiser... claro.

— Quero. Agora vamos descer. Papai deve estar botando um ovo.

TRINTA E SETE

CANDICE

Dois anos antes...

Saí correndo do prédio onde funciona o escritório da Cooper & Monroe associados, os olhos vermelhos e inchados da torrente de lágrimas que despejara desde a noite passada. A noite em que ouvi do meu namorado que ele estava saindo fora por não aguentar mais meu sentimento de posse e loucura.

Olhei para os lados antes de atravessar a rua, meus dedos foram agilmente até a parte superior da maçã de meu rosto, limpando uma lágrima que já estava naquele ponto.

Minha maior frustração naquele momento era não conseguir encontrar Marianne, minha melhor amiga e conselheira.

Ela nunca havia me abandonado à míngua como fez nessa manhã. Isso era a mais alta traição. Mas pra que ela iria se preocupar com uma amiga e sócia falida nos relacionamentos, que só encontrava homens pilantras e brutos? Uma onda de ódio tomou conta do meu corpo, enquanto, parada dentro do carro, tentava raciocinar e ficar um pouco calma.

Não poderia nem sair do lugar trêmula dessa maneira. Meu celular tocou e eu tentei prestar atenção na rua movimentada para ignorar o toque. Devia ser o maldito pedindo uma segunda chance. Mas ele não sabia uma coisa: eu poderia morrer chorando e abandonada à míngua pela minha amiga, porém jamais daria segunda chance a um canalha.

Como sou lastimável, aceitei intimamente. Se fora ele que deu o toco em mim, como ele poderia estar ligando? Os meus dentes trincaram de ódio e em um impulso abri a bolsa que estava no banco ao lado. Peguei o celular para dizer umas boas na cara dele. Mais algumas boas verdades. Afinal eu já tinha dito o que queria e o que não queria para ele.

Respirando fundo atendi e antes da voz cheia de amargura sair da minha boca, ouvi a voz aflita de Marianne.

— Candice, sua louca. Estou te procurando desde que acordei.

— Ah, claro. — Soltei uma risada cheia de escárnio. Só o simples fato de ouvir a voz familiar fez com que mais lágrimas saíssem dos meus olhos.

— Alan está preocupado com você, amiga. — A voz de Marianne ficou mais suave. Tinha certeza que estava tentando amenizar a situação e não provocar a ira de uma mulher largada pelo namorado.

— Merda para o Alan. Ele é apenas meu assistente não tem que ficar se envolvendo em minha vida.

— É seu primo. Onde você está, Candy? Eu vou buscá-la para a gente conversar.

— Espere um momento. — Eu peço, viro-me para um homem de pé do lado de fora bem perto do carro me olhando.

— Oi, posso ajudá-lo? — pergunto e, como resposta, recebo um sorriso que achei debochado. Apenas metade do lábio se ergueu enquanto o cara

me fitava com interesse não velado. Ok, mais um desgraçado rindo da minha desgraça. Homens.

— Candy, o que aconteceu? — A voz de Marianne voltou a falar em meu ouvido.

— Nada não. Apenas um... — Olhei para o lado e o homem tinha dado alguns passos na minha direção. — Só mais um momento, por favor, Mary. O senhor pode dizer o que quer? — Olhei de cima a baixo. Não era um mendigo, vestia-se bem e era bem bonito. Um corpo dos deuses escondido por baixo de calça jeans desbotada e um pulôver que colava nos músculos dele. Com um movimento descontraído, ele puxou as duas mangas do pulôver até o antebraço. Aproximou-se mais, os olhos verdes como de uma águia me analisando. Se é que águia tem olhos verdes. Me lembrei de um cachorro que tive que tinha olhos verdes. Lindo. Morreu atropelado. Uma pena.

— Posso ajudá-la? — Ele me perguntou. A voz grave e ao mesmo tempo macia sacudiu algo dentro de mim. Engoli em seco ouvindo a voz quase histérica de Marianne do outro lado da ligação.

— Candice! Quem está aí?

Não respondi. Coloquei uma mecha de

cabelo atrás da orelha e encarei o homem.

— Não sou eu quem deve perguntar isso? — respondi. Odiei a voz estupidamente fraca que soou. Era inacreditável como acabei de sair de um relacionamento e já estava olhando para outro homem de modo diferente. Reconheci assombrada que estava desejando um estranho.

— Não, pois sou eu quem ouve as pessoas. — Ele deu um sorriso e tirou um cartão do bolso. — Sawyer Graham, terapeuta.

Peguei o cartão da mão dele e li. Ainda no telefone, escutei Marianne dizer: "Está falando com um terapeuta? Candice, onde você está?"

Apesar de sobressaltada, já tinha ouvido falar vagamente desse homem. Ele é famoso entre as celebridades.

— Obrigada, Sr. Graham. Devo estar dando um vexame. Não preciso de um terapeuta. — Voltei a atenção ao celular.

— Mary, ainda está aí?

— Claro. Está falando com quem?

— Acredita, amiga? Um terapeuta que passava viu meu vexame e parou para me dar o cartão dele. — Olhei para o homem que ainda

NACIONAIS - ACHERON

estava no mesmo lugar com o mesmo sorriso.

— E acho que é disso que você precisa. Nunca vi uma pessoa tão cheia de problemas como você, me perdoa, mas sabe que eu falo na cara.

— Olha quem fala em problemas. Marianne, eu não tenho dinheiro para jogar fora. Sabe que essas coisas não funcionam, a não ser com celebridades. Não com gente normal que come arroz com feijão.

— Na verdade, a primeira consulta é grátis.

Virei rápido olhando novamente para o tal doutor Graham.

Por que ele ainda estava ali?

— O que disse? — perguntei a ele, ignorando Marianne ao telefone.

— Eu disse que... por que não despede de sua amiga? — Ele aponta para o celular. Meio hipnotizada, assenti.

— Um segundo, por favor. — Pedi ao homem. — Mary, te ligo daqui a pouco. Não saia daí.

— O que está acontecendo, Candice?

Ainda é o terapeuta?

— *Sim, eu te ligo daqui a pouco. — Desliguei e encarei o homem.*

— *A primeira consulta é grátis. Se gostar, pode continuar o tratamento e os preços vão aumentando gradativamente.*

Eu estava paralisada olhando para o doutor muito bem-apessoado. Ele tinha tirado os óculos escuros e o segurava entre os dedos.

— *Escute... — Comecei a falar.*

— *Veja bem. — Ele me interrompeu. — A primeira consulta é grátis, a segunda é apenas 30% do preço total, a terceira é 50% e assim vai até atingir o valor final.*

— *Eu não preciso mesmo de um terapeuta.*

— *Então, sua amiga vai doar os ouvidos dela mais uma vez para você despejar sobre ela toda a fossa que você está imersa desde que um homem a fez ficar assim. — A voz confiante dele me fez ficar boquiaberta. Como ele sabia daquilo? Eles não trocaram mais que algumas palavras.*

— *Como sei disso? — Ele me enviou um olhar amigável. — Sei ler olhos, lábios e, até em casos mais extremos, sentimentos de mulheres.*

— *De mulheres?*

— *Sou um terapeuta específico para ajudar mulheres a superar os relacionamentos ou salvá-los.*

Minha boca fez um gesto de "ah".

— *Você tem meu endereço e meu telefone. — Apontou para o cartão em minha mão. — Ligue para mim se mudar de ideia. Hoje estou de folga e abriria essa exceção para você, por achar que seu caso é urgente. Mas se mudar de ideia, a partir de amanhã, vai ter que suar para marcar um horário. — Ele deu de ombros e se afastou do carro.*

Olhei para o cartão.

Um terapeuta famoso que estava disposto a me ouvir em seu dia de folga? E que a primeira seção seria grátis? Isso era o quê? Pegadinha?

E se aceitasse, despejasse nele todos meus problemas e no dia seguinte nem desse as caras? Ele não ia chamar a polícia, já que as regras eram dele. O primeiro dia de graça.

Bem, como Marianne sempre dizia: "De graça, até injeção na testa.". Levantei os olhos e vi o homem parando ao lado de um carro preto

conversível um pouco a frente. Desafivelei o cinto e saí do meu carro.

— Ei, Sr. Graham. Espera! — Gritei e corri na direção dele. — Pode me guiar até seu consultório?

Ele deu um sorriso e assentiu com um movimento muito elegante.

Dias atuais...

CANDICE

Eu passei as últimas semanas me refazendo e me mantendo no controle, mantendo foco. Consegui, depois de muito tempo, deixar para trás tudo que sentia em relação a Sawyer. Ninguém consegue mudar de opinião da noite para o dia e comigo não foi diferente. Sem meu marido saber, comecei a frequentar uma psicanalista que vem me ajudando sobre isso.

Não é apenas raiva o que sinto por ele. Minha psicanalista disse que meu inconsciente está substituindo a atração que sinto por ódio e que eu não devo sentir nenhum dos dois.

NACIONAIS - ACHERON

Eu amo meu marido, amo mesmo Leo, de verdade. Mas com Sawyer é algo velho, guardado, não curado. Ou pelo menos era.

Fiquei totalmente mexida quando Marianne voltou do cruzeiro e me disse que estava namorando sério. Queria muito a felicidade dela, me culpava muito por ter ficado do lado do babaca do Ryan enquanto ela precisava de mim. Mas era algo muito forte dentro de mim, não achava justo minha melhor amiga conseguir o que eu não tinha conseguido. Nenhuma mulher tinha conseguido tomar a atenção total do terapeuta, como Marianne conseguiu sem nem precisar fazer esforço.

Enquanto uma parte de mim queria dar apoio a ela, a outra parte, ressentida e ainda não curada do vulcão Graham, não queria aceitar aquilo.

Quando decidi tomar uma decisão e deixá-lo para trás pelo bem da minha amizade? Quando ela anunciou a gravidez e eu vi que nada do que eu ou qualquer outro fizesse iria afastar Marianne de Sawyer. Eu vi nos olhos dela, várias vezes, como ela o amava loucamente.

Eu me arrependi naquele dia de ter armado

o encontro com ela e Ryan no restaurante. Sim, eu armei e não tenho qualquer justificativa para ter feito isso. Apenas achei que resolveria e a afastaria do falso terapeuta. Nunca iria imaginar que Sawyer apareceria.

Então, ao saber da gravidez dela, decidi buscar ajuda. Pois amo meu marido, quero manter meu casamento e quero ajudar a minha amiga a firmar uma nova vida com o cara que ela ama.

Hoje é o dia do casamento deles. Sem que Marianne percebesse, eu a deixei e fui fechar esse ciclo. Sawyer ainda estava na casa dele quando eu cheguei. Ele me olhou desconfiado, mas me deixou entrar.

— Aconteceu alguma coisa, Candice? — perguntou assim que entrei na sala da casa dele.

— Sawyer, o assunto é sério. Eu preciso falar com você.

— Diga, sente-se. — Nitidamente, ele se mostrou aflito. — É algo com Marianne?

— Ela está bem. — Eu me sentei, ele sentou numa poltrona e ficou me olhando atento. — Você sabe que, nos últimos meses, coisas aconteceram entre a gente. Você e eu.

— Coisas?

— Sim, batemos de frente, eu fui imatura, você foi imaturo.

— Sim.

— Hoje estou aqui para acabar de vez com isso.

— Da minha parte já acabou há muito tempo.

— Eu sei. Quero que saiba que eu fiquei ressentida com você, desde quando não aceitou continuar as consultas dois anos atrás...

— Candice...

— É, fui tola. Você sabe que meu maior problema era me apegar rápido demais aos homens que eu ficava e aconteceu isso com você. Quando estive com você. — Ele não protesta, fica me olhando enquanto procuro as palavras para soltar tudo isso e tirar esse peso das minhas costas. — Não foi bem uma paixão, Graham. Mas algo a ponto de ser obsessivo, talvez porque meu inconsciente tenha visto você como uma tábua de salvação por causa daquele dia em que eu estava péssima e você me abordou no meu carro. Por muito tempo eu nem liguei mais para você, casei

amando muito o Leo. Mas então quando você entrou para a vida de Marianne...

— Você ficou com ciúmes. — ele antecipa me olhando sério, compenetrado, um olhar de terapeuta que me faz gelar.

— Basicamente. De você e dela. Ela por ser minha melhor amiga e você por sei lá... Quero o bem dela, mas uma parte de mim ficava ressentida por facilmente ela ter conseguido com você, o que nenhuma mulher tinha conseguido.

— Isso foi o motivo de ter armado...

— Não armei. Apenas queria que Mary visse que você iria fazê-la sofrer como fez comigo e tantas outras.

— Não fiz ninguém sofrer, eu ajudei mulheres. — Ele retruca, sem hostilidade.

— Cara, encare a realidade. Eu participava de um grupo chamado Viúvas do Terapeuta. Mulheres que se apaixonaram por você e não podiam fazer nada a não ser remoer.

— Não tive culpa disso. Eu sempre pedi que não visse nada daquele consultório como íntimo. Eu sempre tive regras...

— Para proteger você.

— Para proteger vocês, pacientes. Eu lidava com mulheres, Candice, sei que não era só você que poderia se apegar fácil. Por isso, nada de beijos, nada de encontros fora do consultório, para tentar prevenir o que aconteceu com muitas.

Aceito a explicação dele e fico calada olhando para o tapete que Marianne comprou, pois acabou indo para a empresa no nome dela ao invés de entregar aqui.

— Por que ela? — Levantei meus olhos para ele. — Quero fechar esse ciclo, mas sempre me veio essa dúvida. A mim e as garotas do clube. — Por que Mary?

— Candice, por favor...

— O que viu nela? Marianne era uma novidade por ser muito inexperiente? Porque vi muitas mais belas que ela.

— Você veio aqui para ficar em paz comigo ou falar da minha mulher?

— Encare como uma pergunta retórica. Não tenho inveja dela, de verdade. Quero que ela seja muito feliz, Marianne merece ser muito feliz e se você vai proporcionar isso a ela, então eu me vi na obrigação de me limpar de tudo: mágoa, atração,

ressentimento. Tudo que sentia por você. Quero apenas empatia, porque vou ter que conviver com você por causa dela.

— É o que desejo também.

— Então é isso. — Me levanto. — A partir de hoje, sinceramente, eu tenho um peso a menos. Ficou para trás toda aquela bagagem. Desejo muita sorte para você e Mary, que vocês sejam felizes.

— Obrigado, Candice. Já somos felizes.

Caminho para a porta. Ele me segue, abre a porta e me viro dando um breve sorriso.

— Apesar de tudo, te agradeço por ter me parado aquele dia que me viu chorando na rua e me convidado para a terapia, isso me ajudou bastante.

— Fico feliz que tenha ajudado. — Ele sorri brevemente. — Amigos? — Sawyer estende a mão para mim. Agora sim olho para a mão dele e para o rosto dele e vejo apenas isso. Amigos. Nenhum sentimento além disso.

— Amigos. — Apertamos as mãos e eu me afasto.

Respiro fundo, me viro e saio.

— Candice. — Ele me chama. Dou um

PERIGOSAS

giro e olho para ele.

— Pergunte a Leo o que ele viu em você para te escolher como a mulher da vida dele.

— O que?

— É. Dependendo do que ele disser, terá a resposta para a sua pergunta, o que eu vi em Mary para ela ser o amor da minha vida.

Ele sorri e acabo rindo pra valer. Ele sempre tem que dar uma alfinetada.



SAWYER

Marianne e eu não dormimos juntos desde que os pais dela chegaram uma semana atrás e ela resolveu ir ficar com eles. Claro que não deixamos de fazer sexo, mas, nos últimos dois dias, decidimos não nos tocar para, na noite de núpcias, estarmos fervendo de desejo. É difícil ficar sem sexo, me encontrar com ela e não fazer nada além de um beijinho. Por sorte a correria do momento não permite pensar muito nisso.

NACIONAIS - ACHERON

Pretendo, quando tudo acabar e estivermos em lua de mel, contar a Marianne que Candice foi me ver. Não é fazer intriga, é apenas não querer esconder mais nada dela e criar forças para contar o que ainda escondo do meu passado.

Hoje já é dia do casamento. Estou ansioso pra cacete, nada nunca me deixou tão ansioso, nem mesmo a minha primeira entrevista como terapeuta. Já estou no hotel, vestindo meu traje. Minha mente viaja longe, nem ouço a algazarra dos padrinhos ao redor, também vestidos e festejando na minha suíte. Eu já avisei que não quero ninguém bêbado antes da hora. Mas parece que noivo não tem voz ativa.

Até na escolha da lista de presentes eu tive que distrair Marianne e colocar algumas coisas do meu interesse. Eu me olho no espelho pela enésima vez. Meu terno é foda demais. É um cinza médio (uma tal estilista disse a Marianne que se o casamento fosse à tarde, nada de smoking ou fraque), e tenho um colete e uma gravata prateada. Os padrinhos e o pai da noiva estão iguais. Terno preto sem colete e gravatas azul alguma coisa. Acho que da mesma cor dos vestidos das madrinhas.

Para o homem que se arrumava apenas para se despir em seguida, estou me saindo muito bem adorando tudo isso. Desde minha roupa à toda decoração do meu hotel.



MARIANNE

— Não se mexa, Marianne. Pelo amor de Deus, não quero que os cabelos da esposa de Sawyer Graham apareçam tortos nas revistas. — Alfred, o cabeleireiro, exclama tentando firmar a tiara com o véu no meu cabelo já arrumado. — Minha reputação estará acabada se isso acontecer.

Olho para Candice e Alice ao meu lado. Estão com uma tensão extrema nos olhos. Tipo quando está assistindo a um jogo e o time adversário está prestes a empatar. Elas me deixam mais nervosa e eu nem me vi ainda no espelho. Alfred me colocou de costas, para eu não ficar distraída olhando.

Meu medo maior é que atrase. Sei que uma

noiva deve atrasar, mas não tanto.

Todos esses dias trabalhei arduamente para que tudo saísse perfeito. Levei umas duzentas mulheres para escolher a roupa de Sawyer e depois para me dar uma dica com o vestido que, por sinal, é ma-ra-vi-lho-so. Tem formato sereia até abaixo da cintura em seguida camadas rodadas de tecido que se alongavam caindo leve, formando uma grande calda de renda atrás. Um véu pequeno que não cobre o rosto e estava sendo preso por Alfred nos cabelos por uma tiara de cinco fileiras de diamantes. O decote do vestido era enorme até o fim das costas, porém, coberto por uma camada de pano fino e transparente todo bordado. Eu pedi para que isso fosse feito.

Quero parecer sexy e elegante ao mesmo tempo. Me encaro no espelho e estou parecendo uma atriz hollywoodiana. Estou usando uma coleção de joias que Sawyer me deu hoje de manhã antes de eu sair com as madrinhas para o spa. Tinha uma tiara, um colar e brincos. Quase bati nele. Não quero que fique gastando tanto.

As meninas calcularam o preço das joias mentalmente e não ficou menos de cem mil dólares.

Ele está construindo um hotel, já tem dois filhos a caminho e ainda vai começar a construir uma casa. Ele me disse, todo arrogante, que o dinheiro era dele e gastaria com o que quisesse.

Sawyer ficou meio bravo, pois meu pai não deixou ele pagar por quase nada. Por muito insistir, Sawyer ficou com as fotos e bebidas. Papai queria pagar até o aluguel do hotel. Vi a hora de meu noivo falecer antes de dizer sim. Foi um desaforo para ele.

— Prontas, meninas? — pergunto para minhas madrinhas dando três pulinhos tendo cuidado para não cair do salto.

Minhas madrinhas usam lindos vestidos azuis petróleo, curtos na altura dos joelhos, rodados e detalhados de prata.

Assim que termino, ligo para mamãe dizendo que já estou chegando. Ela deve agora ir à suíte e colocar a flor na lapela do paletó de Sawyer. Estava sendo resfriada para não murchar. Eu disse a ela para prendê-la com um alfinete, sem tentar enfiá-la na lapela.

Uma limusine já está parada nos esperando. Entro com todas as minhas madrinhas e

sigo para o Kayla. Minha vida está prestes a mudar para sempre e por um momento a ficha cai. Eu vou me casar com o deus do sexo que pairava por Manhattan como divo do divã e ceifador de vaginas nas bocas de Matilde. Muito eufórica me seguro para não chorar.

Que venha a mudança então! Estou preparada.



SAWYER

Assim como foi ensaiado, meu casamento começa. Todos estão em seus devidos lugares. Nunca vi um lugar tão perfeito, tão bem decorado, com flores brancas, cristais pendidos do teto, junto com pequenas lâmpadas que mais tarde se ascenderão.

Meus dedos suam, minha boca seca e as vozes dos rapazes são apenas ecos. Eles já estão posicionados na fila à minha frente. Do outro lado há a fila das garotas e ainda não vi Marianne.

Eu me preocupo com Jill ou Amanda. Reforcei a segurança, mandei fazer tickets de entrada individual e intransferível com leitor de código para a pessoa entrar. Aqui nenhuma das duas, nem mesmo Beatrice, pode entrar.

Respiro várias vezes bem fundo e demorado e abro os olhos quando a banda ao vivo começa a encher o salão com “All My Love” de Led Zeppelin. Me torno inerte e o show começa.

O primeiro a encabeçar a fila é Nelson. Ele dá um passo e Gaby vai em direção a ele. Os dois dão as mãos e entram juntos pelo corredor indo se posicionar ao lado do altar. Ela do lado da noiva e ele ao meu lado.

Conserto a gravata pela trigésima vez e tento ver todo esse espetáculo como se fosse um filme em que sou o protagonista. Essa ideia me faz rir. Se isso fosse um filme que eu estrelaria, isso aqui seria uma grande orgia. Não rio mais quando uma realidade bate forte dentro de mim.

Todos os padrinhos e madrinhas já foram para o altar e agora é a vez dos pais de Marianne. A banda ainda toca Led Zeppelin. Minha hora está chegando.

Quando o vocalista terminar o refrão e os acordes apenas instrumentos prosseguirem com a música eu entro. Respiro três vezes, ele para de cantar e eu ainda não dou um passo para entrar no campo de visão do público. Todos devem estar olhando para trás esperando o noivo. Ajeito meu paletó. Marianne disse para não abotoar os dois botões, apenas o primeiro. Abro os olhos e dou um passo, mas alguém me para. É Rose, mãe de Marianne.

— Rose.

— Filho, acha mesmo que eu deixaria você cruzar esse corredor sozinho? — Ela me dá um sorriso cativante que me deixa tocado, me sinto estranho por não poder compartilhar esse momento com minha mãe. Rose ajeita minha gravata que deve estar torta.

— Aceite a companhia dessa senhora que, em breve, será como sua mãe.

— É uma honra para mim, Rose. Obrigado.

— Bem-vindo à nossa família, Sawyer.

Ela afaga meu ombro e segura no meu braço dobrado. Juntos, entramos no salão. Eu, Sawyer Graham, o terapeuta pervertido e polêmico,

o mulherengo inveterado e de passado sujo estou me casando em grande estilo. É essa realidade que pesa bem no âmago.



MARIANNE

Eu vi o que mamãe fez. Fiquei tão emocionada que precisei de todo controle para não chorar. Sawyer não tinha ninguém na vida, exceto os amigos, mas agora ele ganhou uma família. Não só sogros e cunhada. Esposa e filhos também. Às vezes eu paro para pensar e fico mais feliz por ele. Por eu poder dar isso a ele. Papai atravessa o corredor para vir me buscar.

— Pronta? — Alice pergunta me entregando o buquê. Um lindo buquê de rosas e lírios.

— Sim, pronta. Me deseje sorte.

— Toda sorte do mundo. — Com cuidado ela me abraça e papai chega.

— Filha.

— Pai — digo como um suspiro.

— Está nervosa?

— Um pouco. — Eu me posiciono ao lado dele. Alice ajeita a cauda do meu vestido e volta para ficar com as madrinhas.

— Eu te desejo toda a felicidade do mundo, meu anjo. — Meu pai sussurra no meu ouvido.

— Obrigada, pai.

Respiro fundo, o cerimonialista faz um sinal para a banda. Uma guitarra começa uma introdução e o salão se enche da marcha nupcial mais moderna que já vi. Baixo, guitarra e bateria. Toda a banda toca e eu entro com um sorriso radiante.

O lugar ficou incrível parecendo um jardim. Os raios alaranjados do sol se pondo toca nas janelas imensas e espalha luz por todos e tudo. As flores estão impecáveis, são cinco tipos de flores diferentes. Todas brancas. Rosas, tulipas, copos de leite e um arco superluxuoso feito de flores brancas e alguns lírios. Lírios como meu buquê e como as lembrancinhas, que é uma flor comestível de lírio dentro de uma caixa de vidro.

Todos se levantam para me receber, mas eu

não consigo ver ninguém. A minha frente apenas uma imagem: meu noivo, meu amor. Eu já disse como ele fica gato vestido de noivo?

Ele é gato de qualquer jeito. Até doente.
Minha Marianne apaixonada diz entre lágrimas. Todas elas estão vestidas de noiva.

Ele sai lá da frente e vem caminhando em minha direção, um sorriso mais que feliz, é um sorriso como o meu, cúmplice. Papai me entrega a Sawyer depois de um aperto de mãos e um beijinho na minha testa.

— Meu Deus! Sawyer Graham é o nome do cara mais sortudo hoje. — Ele murmura e eu sorrio de olhos lacrimejantes. Só faço sorrir desde que entrei aqui.

Meu buquê vai para as mãos da minha mãe e me posiciono ao lado de Sawyer para que o reverendo comece os procedimentos. E nesse momento me sinto como uma princesa daqueles contos infantis. Mas tenho certeza que meu sonho não vai virar abóbora e não haverá agulhas de fiar para eu me espetar.

Para sempre lembrarei de nossas palavras, nossos votos que nós mesmo escrevemos. Não

quisemos aquela coisa automática de repetir as palavras do responsável pelo casamento.

Sawyer disse primeiro, olhando nos meus olhos, com toda a sinceridade que ele podia passar:

— Houve dias em que meu corpo fraquejou e meu coração não vibrava mais. Houve momentos que nada mais me importava na minha solitária vida, houve noites que o escuro era minha única companhia. — Meus olhos se enchem de água, nada me tira a atenção dos olhos dele — Mas então você apareceu e meu coração voltou a pulsar, você, Mary, me trouxe algo para me importar de verdade e fez minhas noites e dias serem únicos, uma descoberta a cada dia. Eu, Sawyer Graham, prometo te respeitar, ser fiel e amigo em todas as nossas horas e te amarei sempre, mesmo que cancele a TV ou derrame minhas cervejas, só para me punir.

— Diga isso não, meu irmão! — Nelson grita.

— O cara está doido. — Larry complementa — Revogue enquanto é tempo, ela vai se lembrar disso pelo resto da vida. — Todos riem, eu rio com lágrimas nos olhos.

— Tudo bem, talvez eu não te ame tanto se fizer isso. — Sawyer conserta e segura minha mão. Pega a aliança e empurra no meu dedo. — Na presença de todos, te faço minha legítima esposa.

Eu pigarreio, enxugo minhas lágrimas e começo:

— Sawyer, eu quero estar ao seu lado quando tiver no ápice de sua felicidade ou quando precisar chorar. Quero estar com você para te ajudar a reconstruir quando sentir que algo está desmoronando. Pois você me ajudou a sorrir de novo, você esteve comigo quando precisei de apoio e me deu felicidade quando eu era apenas... um rascunho. — Os olhos dele brilham levemente lacrimejantes, pego a aliança, seguro a mão dele e olhando nos olhos eu digo: — Eu, Marianne Cooper, prometo te amar, te respeitar, ser fiel e amiga. E, para mim, nem mesmo até a morte. Pois quando isso acontecer, feche os olhos e me sinta, essa é uma promessa, estarei lá, ao seu lado. Diante de todos, te faço meu legítimo marido.

— Pelo poder a mim concedido, eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva. — O reverendo fala e, emocionados, nos beijamos e nos

abraçamos sob aplausos.



SAWYER

Estou oficialmente casado, tenho uma esposa agora. Nem Amanda e nem ninguém pode impedir isso. E foi maravilhoso. Um homem é ser duro e forte mas não existe aquele capaz de ver o grande amor da sua vida atravessando um corredor, vestida de branco e não se emocionar.

Quando ela recitou os votos que fez e eu fiz os meus, percebi que tudo que me foi tirado na morte de Kayla, me foi acrescentado novamente. Os símbolos em forma de tatuagem em meu corpo têm significado agora. E o significado foi essa mulher que me deu. Deslumbrante e feliz, rodopiando em meus braços ao som de “Can't Take My Eyes Off You” na voz da banda.

*"You're just too good to be true
Can't take my eyes off of you*

You feel like heaven to touch"

*"Você é boa demais para ser verdade
Não consigo tirar meus olhos de você
Tocar em você é como tocar o paraíso"*

E como na música, eu não consigo desviar meus olhos. Ela é demais para um cara como eu e será que está ciente de como me deixa mal, perturbado, possessivo? Como me faz a cada dia amá-la mais?

— O que foi? — Marianne me pergunta e me dá um pequeno beliscão.

— A letra da música. É tudo que sinto.

— E eu achando que a música eram minhas palavras.

Abaixo meu rosto e dou um beijo nos lábios dela.

— É tão estranho o destino. Uma escolha e tudo muda. Eu estava disposta a procurar outro terapeuta. Sabe quem me deu a ideia de ir mostrar a lista a você?

— Candice?

— Não. Ryan.

— Ryan? — pergunto, perplexo.

— Sim. Eu contei para ele que ia procurar ajuda e ele disse que eu poderia te pedir indicações, afinal eu estava trabalhando na sua reforma.

— Então devo uma ao desgraçado?

— Na verdade deve várias. Se Ryan não tivesse sido tão crápula, se ele tivesse tentado me ajudar como você me ajudou, se ele tivesse tentado me conquistar, hoje talvez eu estaria me casando com ele. Claro que não aqui no seu hotel.

As palavras dela sobem um fogo de irritação no meu sangue. Pensar que talvez ela estivesse se casando com aquele miserável me tira do sério e me deixa aflito ao pensar que eu estaria na minha vidinha cotidiana com Jill e mais um monte de futilidade. Entretanto, se eu não estivesse me envolvido tanto nem estaria me importando com uma mulher que estivesse se casando hoje com um cara chamado Ryan.

— Não gosto de ouvir essas suposições. E não quero mais voltar a falar dele.

— Nem eu. Agora quero apenas falar do nosso futuro. A família Graham.

A música começou a ficar agitada no refrão. E nós fazemos como ensaiamos, dançando e rodopiando pelo salão sob aplausos dos convidados que estão nos rodeando enquanto dançamos sozinhos no meio. Nesse momento é apenas nós dois, cantando junto o refrão da música.

*"I love you baby, and if it's quite alright
I need you baby to warm the lonely
nights..."*

Dançamos, jantamos e andamos pelo salão cumprimentando os convidados. Há doces e bebidas de todas as espécies. Os rapazes e eu fizemos três bares: o welcome drinks que serviu bebidinhas leves, um outro bar com um barman preparando qualquer drinque que esteja no cardápio e um apenas de cerveja. Claro que teria. Sem falar nos garçons circulando com taças de champanhe. Marianne e eu tiramos algumas fotos perto do bolo segurando uma faca e chegamos a cortá-lo. Ela enfiou um pedaço de bolo na minha boca e saímos rindo e lambuzados nas fotos.

— Geniais os noivinhos. Vamos ficar com eles? — indago, apontando para a cena em cima do bolo. O noivo deitado em um divã e a noiva sentada

PERIGOSAS

em uma poltrona com um caderno na mão.

— Eu dei a ideia — diz ela, orgulhosa.

— Minha terapeuta. — Eu gracejo,, puxando Marianne para um beijo. A câmera pisca capturando esse momento espontâneo.

— Adorei os discursos dos padrinhos. Achei que Nelson e Larry fariam meu pai enfartar, mas fizeram o velho gargalhar.

— Claro, eles falaram mal de mim. Isso foi um prato cheio para Oscar.

— Mas o discurso que mais gostei foi o seu. Foi lindo Sawyer.

— Mesmo passando aquele vexame depois?

— Papai fez aquilo para zoar sua cara. Foi só de farra.

— Eu nunca saberei quando aquele velho está falando sério ou brincando.

Saímos de perto da mesa dos doces, antes eu consigo enfiar um bombom recheado na boca.

— Ei, noiva, me empresta ele por um segundo. — Rick me puxa.

— Cuidado com eles, amor. São perigosos.

NACIONAIS - ACHERON

Ela grita me deixando ir com Rick. Enquanto caminho com ele para o outro lado onde Larry e Nelson estão, relembro do fatídico momento do meu discurso

"Eu nunca tive ninguém. Fui um lobo solitário por muito tempo. Mas agora tenho todas essas pessoas que são minha nova família. Obrigado, Sr. e Sra. Cooper por ter me concedido o privilégio de receber sua filha no altar. Obrigado, rapazes, por terem desistido da ideia de me convencer a fugir enquanto é tempo. — As pessoas riram, Rick levantou a mão fechada em punho e tocou o meu. — E obrigado, meu grande amor, Marianne, por desistir e ceder às minhas chantagens e manipulações.

Todos riem mais e Oscar me olha intrigado.

— Espero que a parte das chantagens tenha sido apenas brincadeira — disse ele com o rosto carregado.

— Claro, claro que... Não houve chantagens. Foi Marianne que correu atrás de mim. Parecia uma desesperada, queria ficar agarrada a minha cama e... — Eu digo e pela cara

dele parece que piorei ao invés de concertar.

— É mentira. Na verdade ela se fez de difícil, eu corri atrás dela. Sem manipulações, Sr. Cooper. Talvez um pouquinho só, mas... Só. — Entreguei o microfone para Marianne e me sentei sob risos das pessoas. Depois o maldito velho gritou dizendo que tinha me pegado em uma brincadeira e que eu devia ter visto minha cara. Babaca.

Volto para ficar com Marianne a tempo de ver ela reunida com as madrinhas fazendo um brinde.

— A nós, a eles e a nós em cima deles. — E viram copinhos de tequila na boca.

Puxo ela de lado e cochicho:

— Apesar que adoro a Mary altinha, não vou deixar você beber mais que uma taça, está grávida. Venha. Hora da farra.

Corremos para a pista de dança onde várias pessoas já se animavam com uma música dos anos noventa, cantada pela banda.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

TRINTA E OITO

MARIANNE

A festa já chegou ao fim. Eu já joguei o buquê e Alice pegou. Ela ficou meio desconcertada porque quase todos sabem que ela pegou o Ryan. Eu corro e aos gritos dou um abraço nela mostrando que não há mais problema algum. Quero apenas que ela seja feliz como eu estou. Os olhos de papai enchem de lágrimas quando nos vê abraçadas.

Abraço ele e mamãe, depois me despeço das meninas. Apenas Candice e Dakota. Gaby caiu na lábia de Nelson e estão se pegando em algum canto. Espero que não manchem meu casamento com fofocas, fotos escandalosas, essas coisas. Sawyer desapareceu e isso já está me deixando aflita. Henrique está conversando com outros caras e não está com ele.

— Mary. Amiga! — Candice me abraça.

— Candice, apesar de tudo que aprontou comigo...

— Ei! Você disse que tinha me perdoado!

— Sim, claro. Mas quero dizer que apesar do que fez, acredito de verdade no seu arrependimento e quero agradecer por ter estado ao meu lado, durante toda preparação. Sem você eu não tinha conseguido organizar nada. Estava uma pilha de nervos.

— Isso é verdade. — Ela afirma e rimos.

— Amanhã, no almoço na sua casa, eu irei contar para meus pais sobre a gravidez. Quero que me dê cobertura.

— Sempre. — Ela olha para os lados antes de me dizer.

— Alice pegou o buquê. Como se sente?

— Eu não sei, Candy. Deveria me sentir estranha, mas não sinto. Minha felicidade é tanta que cobriu totalmente minhas mágoas.

— Tem visto ele depois daquilo?

— Não. Depois daquele dia, desapareceu. Nem mesmo Alice está mais com ele.

— Eu sempre achei que Ryan era o melhor para você. — Candice diz pensativa.

— Será que agora pensa isso de Sawyer? — pergunto, esperançosa.

— Devo dar um voto de confiança para ele, não é? Sou madrinha de vocês e serei também de um dos seus filhos. — Candice vira-se e olha para o outro lado. Acompanho o olhar dela e vejo Sawyer vindo de uma porta com o reverendo. Eles conversam mais alguma coisa antes de se afastarem com um rápido abraço.

— Será que o safado estava confessando os pecados? — pergunta ela. Não para mim, mas para o vento talvez.

— Ainda não confia nele?

— Isso não importa, não é mesmo? Estou aqui para te apoiar.

Paramos de falar porque ele vem em nossa direção.

— Oi, garotas. Falando mal de mim?

Como ele sabe?

— Eu jamais falaria mal do noivo, Sawyer — Candice diz se fazendo de humilde.

— Aham. Você é minha madrinha Candice. Tenha mais sensibilidade e esqueça as maquinações contra mim — diz, debochando, fazendo ela rir.

— É algo meio impossível, Graham. — Ela se afasta da gente, mas antes faz um gesto apontando os dois dedos para os olhos dela e depois para Sawyer, como se dissesse que estava de olho.

— Será que só eu tenho medo dela? — pergunto.

Assim que conseguimos nos livrar de todos, Sawyer e eu somos ovacionados e sob uma chuva de gritos e aplausos deixamos a festa e entramos na limusine. Hoje passaremos a noite de núpcias na cobertura dele. Amanhã viajaremos para nossa lua de mel.

— Foi um longo dia. — Ele suspira.

— O melhor dia da minha vida. — Encosto a cabeça no ombro dele e ficamos em silêncio. Depois me lembro de algo.

— O que estava falando com o reverendo? — pergunto.

— Nada demais. Eu estava agradecendo ele. Conversando amenidades.

Dou uma risada.

— Candice disse que você estava confessando seus pecados.

Sawyer também ri.

— Se eu tivesse tantos pecados, não mereceria tantas bênçãos.

— Acho que agora é aquele momento, tipo em um livro de romance ou filme em que está chegando no fim. — Reflito, acariciando a mão dele. — O casal está feliz e uma vida de surpresa os espera. Eu sinto que concluímos tudo que tínhamos antes e estamos livres para começar uma nova etapa em nossa vida.

Sawyer fica pensativo. Muito pensativo. Ele respira fundo e não me responde.

— Claro que isso não é o fim. É o nosso início. — Conserto o que eu tinha dito anteriormente.

— Sim. E deixamos tudo para trás.

Ergo a cabeça e olho para ele.

— Iniciamos agora limpos de tudo Sawyer. De Jill, Ryan, do consultório, do seu passado com sua mãe. Tudo. Isso me deixa fascinada. É como se

estivéssemos imunes a intrigas.

Ele assente e passa os dedos com leveza em meu rosto.

— Para sempre, de Marianne. — Ele sussurra a frase que está nas nossas alianças. Na minha está "Para sempre, de Sawyer".

— Eu te amo muito, muito, muito. — Dou um beijo para cada "muito" que falo.

— Eu também Mary e aconteça o que acontecer, vamos encarar juntos. Serei para sempre seu.



SAWYER

Marianne dá um sorriso, os olhos se enchem de água e me beija. Ela está radiante e eu estou inquieto, aflito, temeroso. Candice tinha razão, eu estava me confessando com o reverendo. Não sou praticante em religiões e não acredito na confissão. Acho que pecados apenas Deus tem poder de perdoar e não um humano como eu.

Mesmo ele sendo um padre.

Mas eu precisava desabafar. Hoje foi o meu dia e de Marianne. Hoje foi o dia que cheguei ao topo da mentira. Eu enganei a pessoa que mais amo. Tudo por medo de perdê-la. Os rapazes queriam que eu contasse a ela e tentaram até o último momento me convencer, mas não tive forças. Não quando estava imerso em um mundo que todos me tratavam tão bem. Eu cheguei a um nível igual ao de Marianne. Um homem normal, com vida normal. Um pouco sofrida até.

O que fiz me corroeu por dentro e não pude sair da festa sem falar com alguém. Não busquei penitências, fazer algumas orações e pronto. Busquei o conselho de um desconhecido que eu sabia que tinha ética e caráter para não contar nada a ninguém.

As luzes na rua passam velozes. Os reflexos banham o rosto bonito da mulher em meus braços. *Minha mulher*, Marianne Graham. Meu rosto deve ter se tornado inexpressivo, isso acontece quando estamos em outra dimensão, viajando em pensamentos perturbáveis.

Pouco tempo antes...

— *Algum problema, Sr. Graham? — O reverendo me perguntou quando eu pedi que me acompanhasse até meu escritório.*

— *Sente-se, por favor, senhor Campbell.*

Eu indico uma poltrona, espero ele se acomodar e sento-me de frente para ele.

— *Pode falar, filho. O que te aflige?*

Tentei me acalmar. Desde que conheci Marianne guardei isso dentro de mim. Antes eu não me importaria em falar do meu passado com quem quer que fosse agora preciso desabafar com um padre.

— *Sr. Campbell, eu queria conversar um assunto com o senhor. Na verdade desabafar. Não é uma confissão.*

— *Entendo. Continue.*

— *Não quero penitências, mas preciso da ética de uma confissão normal. Queria que isso não saísse daqui.*

— *Claro. Tenha minha palavra. — O velho me olhou com interesse.*

— *Eu não sei se o que fiz hoje é um pecado, mas sei que foi muito errado. Meu passado*

é algo impuro perante os olhos de algumas pessoas.

— Entendo. Você tem algum segredo?

Levanto-me. Estou estressado demais para sentar. Caminho pelo escritório e passo as mãos nos cabelos outrora bem penteados. A mão desce pelo meu rosto e me encosto à mesa. Os olhos baixos.

— Não é bem um segredo. Mas para Marianne é.

— Mentiu para sua esposa?

— Não sei se foi uma mentira boa ou ruim. Na verdade, eu omiti, eu escolhi não contar a ela.

Ele fica calado me olhando. Esperando eu revelar. Aquele olhar meio intrigado, cara de padre.

— Marianne jamais se casaria comigo se soubesse... — me defendo com uma voz embargada de aflição —, ela me deixaria se souber...

— Filho, ela te ama. Todos puderam ver nos olhos de vocês dois como gostam um do outro. O amor prevalece sobre todos os pecados e erros.

— Será que o amor dura quando se quebra

a confiança? Eu já cometi duas grandes omissões para ela e todas as duas vezes quando ficou sabendo me abandonou. Como pode ser diferente agora?

— Sawyer, eu não sei o que de tão grave você escondeu dela, mas...

— Sr. Campbell, no passado, eu não fui apenas Sawyer Graham, o terapeuta. Eu também fui... mais conhecido como Big Tyler.

Eu o interrompi para começar a revelar.

— E o que você fazia quando era essa pessoa?

— Eu ganhava dinheiro com meu corpo... Muito dinheiro. Hoje, Marianne não sabe, mas se casou com um ex-garoto de programa e ex-ator pornô. Até prêmios já ganhei por minhas performances em frente às câmeras. Ela também não sabe que metade dos nossos padrinhos também faziam o mesmo que eu, até alguns meses atrás. — Engulo as palavras, exalo num sopro e revelo. — Droga... Isso foi tão recente... Marianne e eu já nos relacionávamos.... e eu aceitei um novo trabalho.

— Que tipo de trabalho?

PERIGOSAS

— *Estávamos nos estúdios, filmando um novo pornô. E eu... fui a estrela principal.*

NACIONAIS - ACHERON

EPÍLOGO

Os noivos saíam felizes da festa luxuosa onde ela não teve como entrar. Estava ali, há quase uma hora assistindo ao movimento. A jovem do outro lado da rua escondeu-se atrás de um carro quando os noivos vibraram com os convidados. *Era ele*. Estava mais velho, bem diferente de antes. O homem de cabelos pretos e olhos verdes. Tinha mesmo se transformado em um homem. Rico, bonito e agora casado. Não cansava de olhá-lo desde que descobriu...

Seus olhos foram dele para a mulher ao lado vestida de noiva. A jovem do outro lado da rua ficou perplexa. Os jornais não exageraram, ela era mesmo muito bonita. Uma sortuda de ter aquele

homem como marido.

Ela andou mais alguns passos para ter uma visão melhor dos dois. Em frente ao hotel luxuoso havia várias celebridades, ela reconheceu. Como queria estar presente nessa festa... Daria qualquer coisa para aparecer do nada e ver a cara dele. A limusine levando os noivos saiu e ela ficou olhando o movimento à sua frente. Só resolveu ir embora quando uma loira ficou olhando fixamente para ela. Parecia uma das madrinhas.

Antes de sumir na noite, ela deu mais uma olhada para o luxuoso hotel de Tyler Carter, o Kayla Plaza. Saindo de cabeça baixa e passos rápidos, ela entrou em um carro preto mais à frente. Sorriu enquanto ia embora, se sentindo amada e contente por tê-lo reencontrado. E sabendo que nunca fora esquecida pelo irmão que julgava morto desde os 15 anos.

Continua em:

O Terapeuta 03

Libertos de segredos

SINOPSE

Sawyer e Marianne se casaram e estão fazendo planos para a nova família, duas novas vidas estão chegando e isso é apenas algo comum para um casal lidar. Mas Sawyer ainda esconde segredos de sua esposa, tendo a certeza de que Marianne o deixará se descobrir.

Baseado em suposições, ele vai cada dia mais se afundando no lamaçal de suas mentiras. Agora, tudo que ele precisa é fazer a escolha certa para manter sua pequena família ilesa de tudo que suas mentiras podem causar. Sawyer ama sua nova vida e não quer perde-la por nada, mas para isso, ele

NACIONAIS - ACHERON

precisa estar liberto de segredos.

Intenso, sensual e emocionante, embarque no desfecho do romance que conquistou milhares de leituras e agora está em seu capítulo final.

PRÓLOGO

LIVRO 03

ANOS ANTES

Estou meio apreensivo. Não sei de fato o que está acontecendo, apenas sei que devo me encontrar com alguém. Uma pessoa que deve estar zangada comigo e que seja importante o suficiente para me coagir a vir escoltado por dois seguranças a esse hotel de luxo.

Hoje cedo quando acordei não me sentia muito bem por ter passado quase a noite toda em ação em mais uma das festinhas promovida por Amanda.

Tomei banho no meu singelo apartamento e quando me preparava para tomar uma caneca de café, fui surpreendido por seguranças que me disseram que eu teria que segui-

los.

No início achei que fosse brincadeira, mas depois de uma ameaça formal resolvi colaborar.

A palavra fodido vinha em letras grandes na minha mente como um letreiro debochado. Com certeza o marido de alguma mulher descobrira sobre mim e me mandara buscar para acertar as contas. A fama dos *Black Bulls* tinha se espalhado pela alta sociedade e isso era ruim, tínhamos que tomar cuidado.

Entretanto, pouco me importava se fosse um corno querendo vingança. Se partissem para a agressão, eu não hesitaria em quebrar o nariz de algum riquinho ciumento que não consegue satisfazer uma mulher na cama e ela precisa pagar prostitutas para fazer o serviço.

O segurança que ia a minha frente parou e abriu uma porta. Afastou para eu passar e quando entrei a mulher que me esperava se levantou imediatamente.

— Beatrice? — Perguntei surpreso.

— Você planejou isso? — Ela gritou

assim que me viu, jogando um jornal na minha frente. Seus olhos flamejavam. Segurei-o e vi na primeira folha, uma foto minha e de Beatrice saindo juntos do apartamento dela no Upper East Side. Eu estava meio irreconhecível por causa do gorro que usava e dos óculos escuros, mas ela era nitidamente reconhecida.

Cacete! Acho que acabei com o casamento bilionário da vadia.

— Claro que não fiz isso. — Joguei o jornal novamente para ela — O que eu ganharia?

— Fama. — Rosnou.

Essa acusação me fez recuar.

— Até parece. — Bati as mãos na cintura e dei uma risada irônica — Eu vivo me esgueirando no mundo do pornô para não ser rotulado e você acha que eu iria querer ser conhecido como seu amante ou prostituto?

Cuidadosamente ela me estuda, querendo se convencer que eu não tive nada a ver. Beatrice está branca e os lábios ofegantes. Os cabelos, outrora tão penteados, agora estão assanhados.

— Não sei de quem foi a culpa, mas você vai me ajudar a limpar isso. — apontou para mim.

— Eu?

— É! Você, Tyler. — Ela afastou-se e virou de costas. As mãos passam a todo instante nos cabelos negros, mostrando o que causou esse estado deplorável.

— E como eu poderia te ajudar? Quer que eu converse com o seu marido?

Descanso as mãos na cintura encarando-a.

— Já planejei tudo.

Ela pega algumas sacolas que só então reparei. Vai jogando tudo sobre a enorme cama. Marcas de grife estampadas nas sacolas. Afastou-se e apontou para aquela tralha sobre a cama.

— Abra, Tyler.

Eu relutei inicialmente, mas dei de ombros e fui até a cama. Comecei a abrir uma por uma. Fiquei sem entender quando me deparei com sapatos italianos, camisas brancas de estilistas famosos, cinto, relógio de ouro, óculos e até cuecas

da Diesel e Kelvin Klein.

— Que porra é essa?

Concentrada, me olhando ela, foi direta:

— Quero que escolha um nome para você. Não pode mais se chamar Tyler Carter.

Lancei um olhar confuso para ela.

— Quer, por favor, me contar seu plano? Por que eu devo ajudar a manter o caralho do seu casamento?

Levanta-se e de modo meio psicótico, caminha até mim.

— Por que se não me ajudar eu exponho ao mundo o que você é. Um assassino. Você matou seu padrasto e fugiu. Não devia ter usado sua puta predileta como terapeuta, Tyler. Sei dos seus segredos. Acho que sua carreira de Comedor Supremo vai por água a baixo quando isso vir à tona.

Indignei com aquela chantagem barata. Eu cometi um assassinato quando ainda era adolescente, ela não pode fazer isso. Quis virar a

bunda como resposta e dar o fora dali, mas por outro lado não acho bom bater de frente com uma mulher que tem poder como ela.

— Me diga porra! — Berro e passando as mãos no rosto, giro pelo quarto. Isso não está acontecendo.

— Quero também que corte seu cabelo e os pinte da cor natural. Nada de cabelos loiros grandes no ombro parecendo ator pornô.

— É o que eu sou. Um ator pornô. — Passei a mão nos meus fios lisos, longos e loiros. Visual estilo Thor, dos quadrinhos. Aderi esse estilo assim que comecei a fazer parte dos *Black bulls*.

— Não mais. — Ela se recosta em uma cômoda e me olha medindo meu corpo. Parece uma alfaiate pronta a fazer uma roupa para mim. — Eu tenho uma coletiva dentro de três horas e você vai estar ao meu lado. Te apresentarei ao mundo como meu terapeuta.

— Terapeuta?

Sinto meus olhos saltar. Incrédulo, a fito, mas pelo olhar de Beatrice, ela não está pra

brincadeira.

— Sim, Tyler. Celebridades tem terapeutas. Você vai confirmar a história e dará o endereço do seu consultório, do prédio que a gente estava quando a foto foi tirada. Eu tenho um apartamento vazio lá.

— Eu não tenho a porra de um consultório. — Gritei — Eu não fiz uma faculdade — berrei mais alto, tentando convencê-la da loucura que era. — não sei dar conselhos a uma pessoa. — Começo a ficar aflito. Eu não quero me envolver nessa farsa. Algo me diz que vai dar merda. A corda sempre arrebenta para os mais fracos.

— Não é necessário. — Ela vem até mim e acaricia meus braços — Apenas finja comigo e a secretária que arrumei sempre dirá que sua agenda está lotada. Você não vai precisar atender ninguém.

Eu tenho até uma secretária?

— Beatrice, peça outro cara para fazer isso então. Já que não dá para me reconhecer nessa foto.

— Seu bobinho. — Riu e deu um tapinha no meu rosto. — E como acha que vou continuar me encontrando com você? Não vou abrir mão do nosso sexo. Por favor, Tyler, faça isso por mim. Vista essas roupas e invente um nome charmoso e convincente.

Eu olho para as roupas em cima da cama. Depois olho para ela.

— O que eu vou ganhar com isso?

— Além de fama? — Ela insinuou com um ar de arrogância.

— Não me importo com fama.

— Vou te pagar.

— Eu já tenho dinheiro suficiente.

— Dinheiro além de eu não te delatar. — Ela corre e pega a bolsa. Tira um talão de cheque e preenche. Me entrega e fico horrorizado com a quantidade.

— Estou pagando para um trabalho impecável. Você é ator, pornô, mas é, sabe interpretar. Venha comigo e convença a plateia com uma história apaixonante.

Três horas mais tarde eu estava ao lado de Beatrice vestindo uma fantasia impecável de terapeuta. A roupa me serviu como uma luva, meus cabelos e barbas estavam perfeitos, bem cortados e pretos como manda meu DNA. A plateia estava perplexa em me ver pela primeira vez.

Nunca encarei tantos flashes na minha vida, ou melhor, nunca tinha encarado flash algum. A não ser da câmera de gravação dos filmes pornô. Beatrice com o marido, que me foi apresentado pouco antes, sorriam para as pessoas. Ele parecia aliviado por saber que a mulher não estava traindo-o. Eu apenas sentia pena dele.

Beatrice falou com as pessoas e depois com um sorriso, disse que iria me deixar dizer um olá.

Aproximei do microfone e fingindo tranquilidade dei um olá para o público.

— Boa noite, sou Sawyer Graham, terapeuta. E acabo de me mudar para Nova York.

Justamente ontem eu tinha assistido um episódio do seriado Lost. O nome me veio a
NACIONAIS - ACHERON

caminho para cá, quando eu estava em um carro que Beatrice alugou para mim.

Naquela hora, diante das câmeras não existia mais Big Tyler, o ator pornô. E nem *Black Bull*, o prostituto de luxo. Eu, juntamente com Beatrice acabávamos de dar vida à Sawyer Graham. O terapeuta das estrelas.

CONTATO

Entre em contato com a autora
em suas redes sociais:

[Twitter](#) | [Facebook](#) | [Instagram](#)

Gostou do livro? Compartilhe
seu comentário nas redes sociais e
na **Amazon** indicando-o para futuros
leitores. Obrigada.

[1] Personagem do filme *O exorcismo de Emily Rose*.

[2] Joaquim Maфра: personagem fictício de *12 Chances para o amor*. Romance da mesma autora.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON